

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Marlos Alves Bezerra

**TECENDO OS FIOS DA REDE:
juventude e produção de si em projetos sociais**

**NATAL, RN
2009**

MARLOS ALVES BEZERRA

TECENDO OS FIOS DA REDE:

Juventude e Produção de Si em Projetos Sociais

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para a obtenção de título de Doutor, sob a orientação da Prof^a.Dr^a. Norma Takeuti

Natal-RN

2009

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Bezerra, Marlos Alves.

Tecendo os fios da rede : juventude e produção de si em projetos sociais / Marlos Alves Bezerra, 2009.
378 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2009.

Área de Concentração: Cultura e Representações Sociais.
Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Norma Takeuti.

1. Subjetividades juvenis – Projetos sociais – Tese. 2. Juventudes periféricas – Inventividades no cotidiano – Tese. 3. Redes juvenis – Produção de resistência – Tese. I. Takeuti, Norma (Orient.). II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 304.9-053.6

MARLOS ALVES BEZERRA

TECENDO OS FIOS DA REDE:
Juventude e Produção de Si em Projetos Sociais

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para a obtenção de título de Doutor, sob a orientação da Prof^a.Dr^a. Norma Takeuti

Aprovada em: _____, _____, _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Dr^a. Norma Missae Takeuti (orientadora)

Prof.Dr. Aécio Gomes de Matos (UFPE)

Prof^a Dr^a. Livia de Tommasi (UFF)

Prof. Dr. João Emanuel Evangelista de Oliveira (UFRN)

Prof. Dr. José Willington Germano (UFRN)

Natal, RN
2009

À Arthur, inspirador projeto de 2006;
e a todos os trabalhadores sociais que
fazem da sua vida uma “arte do
desvio”.

AGRADECIMENTOS

Aos jovens sem os quais nada seria possível: Naldo, Carla, Reycsson, Alcemir, Edson, Laina, Rudnilson em nome da Associação de juventudes Construindo Sonhos. Edcelmo, Pedro Paulo (PP), Josinaldo (Pick), Adriana e Amaury, Camaleão, Eliênio e Shirlenne. Por me ajudarem a tornar possível esta empreitada tão árdua

Minha irmã Marla que no momento em que mais precisei, saiu do claustro e veio ao meu socorro, exercitando a dádiva de aprender a dar. Sem ela não haveria normalização da tese, mas sua contribuição se estendeu ao texto. Que a arte do desvio dos jovens aqui te inspirem a arte da resistência.

Minha mãe por entender os caminhos do meu coração e apoiar-me sem pensar muito em que tudo isso vai dar.

Minha tia chiquinha pelos incentivos na caminhada acadêmica;

Meu irmão de “alma” Carlos Henrique pelo apoio incondicional em muitos momentos difíceis. Seu companheiro Wagner, homem de letras e estilo, contribuiu com algumas observações quanto aos fragmentos de história de vida do segundo capítulo. Minhas afilhadas Pérola e Pétala que um dia entenderão os temas e a luta do “padinho”.

Sibele por estar perto, “mesmo estando longe”. Pela fenomenologia, pelo ouvido, pela amizade que atravessa os tempos.

A Ceíça Almeida, exemplo de intelectual engajada. Por uma disciplina que inspirou e abriu horizontes criativos.

Aos meus senseis da academia central de Aikidô: Gabriel, James e Sérgio. Domo arigatô goshamaista!

Ana Laudelina por me levar de volta à disciplina onde tudo começou. O primeiro estágio docência a gente nunca esquece!

Aos amigos queridos que leram a “história de Marlos”.

Aos colegas da antiga e nova clínica pelas pequenas gentilezas nesses quatro anos. Em especial as secretárias Jamile, Fernanda, Chiara e Célia.

Aos pacientes pela “paciência” com os arranjos e desmarcações de horários.

Aos alunos, ex-alunos e amigos da transpessoal que sustentaram o campo vibratório nesses quatro anos. Em especial minha amiga Débora.

A Cecília, pela dedicação em clarear o texto e trabalhar com tanto afinco para que eu não perdesse o prazo.

Euclides pela disponibilidade em fazer a arte da capa.

A todos que participaram e contribuíram direta ou indiretamente e cujo apoio mais simples, foi a justa medida da solidariedade.

Ao segredo e ao sagrado pelo fluxo da vida e pelos insondáveis caminhos da sabedoria.

A minha esposa e filho Victor por suportarem inúmeros domingos e feriados de ausência. Pelos passeios recusados. Pela paciência em momentos de ansiedade, raiva e insegurança. Pela companhia dividida com as obrigações acadêmicas. Pela impotência, que deve ser imensa, em apenas assistir e torcer. Em especial a Claudia por me lembrar sempre que a “vida não pode parar”. Meu amor e gratidão.

RESUMO

Trata-se de estudar as subjetividades juvenis em bairros, da Zona Oeste de Natal-RN, marcados por faltas e contingências que constituem a cotidianidade da existência social de seus jovens moradores. Acompanham-se dois coletivos juvenis, a Associação de Juventudes Construindo Sonhos (no bairro de Felipe Camarão) e a Posse Lelo Melodia (Bairro de Guarapes) que se articulam através da estratégia de coligação em redes regionais e nacionais. Aventa-se a hipótese que se gestam no interior dos grupos e redes juvenis novos sujeitos juvenis que de modo diverso dos outrora “meninos de rua” – jovens cujo estigma social associava pobreza a criminalidade – identificavam-se doravante por sua trajetória em projetos sociais como “jovens de projeto” ou denominavam-se “jovens periféricos” – pelo engajamento em movimentos culturais, como o movimento hip hop – e a partir desses novos sujeitos jovens, novas significações sociais imaginárias sobre juventudes. Através da análise das artes de fazer (maneiras de pensar, práticas sociais cotidianas, ações engajadas em planos diversos) e das narrativas de vida de alguns dos jovens, verifica-se um sentimento de abertura a um projeto de autonomização em relação a um sistema que os encarceram numa situação de precariedade social. Conclui-se que tais práticas dos coletivos juvenis através da arte, lazer, esporte e cultura desdobram efeitos políticos que podem apontar formas inovadoras de participação política por parte desse segmento específico das juventudes de nosso país, não obstante as conflitualidades e impasses que atravessam sujeitos individuais, coletivos e redes juvenis.

PALAVRAS-CHAVES: Subjetividades juvenis e projetos sociais; juventudes periféricas e inventividades no cotidiano; redes juvenis e produção de resistência.

ABSTRACT

The study is about youthful subjectivities in quarters, of the West Zone of Natal-RN, marked for lacks and contingencies that constitute the everyday life of the social existence of its young inhabitants. For this purpose the researchers selected two youth groups: the Association of Youths Constructing Dreams (in the quarter of Felipe Camarão) and Lelo Melodia Crew (Quarter of Guarapes). Both are articulated through the strategy of coalition in regional and national nets. The hypothesis is that inside the groups and nets new youthful citizens arises. That would be a change in the representation of poor youth: from 1980's "street children" - young whose social stigma associated poverty and crime – to late 1990's "kids of project"(pointing their trajectory in social projects) or, in present days, called as "young peripherals" - for the enrollment in cultural movements, as the hip hop movement - These new young citizens are contributing to new social imagery significations on poor youths. The methodology encloses: a) focal group; b) participant research analyzing the making arts (ways to think, social daily practices, actions engaged in a diversity plans) of youth groups; c) life stories of some of the youngs produced in workshops; d) not structuralized interviews. d) several documents of the groups; e) local and national surveys. Results emphasize a feeling of opening to a project of autonomy in relation to a social system that leaves them in a situation of social precariousness. Conclusion remarks that such practices of the youthful groups through the art, leisure, sport and culture unfold politics effect so that can point innovative forms of politics participation on the part of this specific segment of poor youths of Brazilian country, although conflicts and paradoxes crosses individual citizens, youth groups and youth nets.

KEY WORDS: social projects and juvenile subjectivity; daily creativity and peripheral youths; youthful nets and production of resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I: Juventudes e Narrativas existenciais.....	17
Edcelmo: Tradição em confusão, puberdade perdida e o escape pelo Hip Hop.....	19
2 IMAGINÁRIO SOCIAL CONTEMPORÂNEO E CAMPO DA JUVENTUDE: O “SER JOVEM” NAS BORDAS DO CENÁRIO SOCIAL.....	23
2.2 O QUE HÁ DE NOVO: EFERVESCÊNCIAS JUVENIS NA “PERIFERIA”.....	34
2.3 O SER JOVEM NO CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: DOS JOVENS “MENINOS DE RUA” PARA OS “JOVENS DE PROJETO”.....	43
A história de Naldo: “A igreja me pariu para o movimento social”.....	67
3 NARRATIVAS JUVENIS: RUPTURAS E CONTINUIDADES.....	71
3.1 OS JOVENS DO SOL PONTE.....	71
3.2. VAGABUNDOS E SONHADORES.....	79
3.3 RUPTURAS E CONTINUIDADES NA TRAJETÓRIA DE JOVENS “PROTAGONISTAS”: A PRODUÇÃO DE SI.....	86
3.3.1 SUBJETIVIDADE NA ARTICULAÇÃO ENTRE PSÍQUICO E SOCIAL.....	86
3.3.2 JOVENS DE PROJETOS: IMPASSES, CONTRADIÇÕES, RUPTURAS E CONTINUIDADES.....	92
3.3.3 SUJEITOS DE ANSEIOS E ANGÚSTIAS: CONFLITOS E ANTAGONISMOS NO UNIVERSO DO SUJEITO DO DESEJO.....	105
Adriana: Eu sou uma guerreira.....	120
Interlúdio.....	123
4 UMA ARTE DE ESCREVER: PESQUISA E INTERVENÇÃO SOCIAL.....	124
PARTE II: Redes e Resistências Juvenis.....	164
Eliênio: Nas letras do RAP, o sentido da vida.....	167
5 FIANDO TRAJETÓRIAS DE GRUPO: TECENDO REDES DE SUJEIÇÃO OU AUTONOMIA?.....	170
5.1 OCASO DE UM PROJETO E A ECLOSÃO DE DOIS COLETIVOS JUVENIS: ENGENHO DE SONHOS, PESADELLOS E ESPERANÇAS.....	170
5.2 COLETIVOS JUVENIS E ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO EM REDE NA ZONA OESTE DE NATAL.....	18

5.3 REDES JUVENIS: TENSÃO ENTRE SUJEIÇÃO E DESEJO DE AUTONOMIA COLETIVA.....	204
5.3.1 COMPOSIÇÕES TEÓRICAS: UMA COSTURA DELICADA.....	205
5.3.2 REDES JUVENIS REGIONAIS COLIGADAS AOS COLETIVOS LOCAIS. ...	208
5.3.3 REDES E EMERGÊNCIAS DE NOVAS SUBJETIVAÇÕES	217
5.4 IMPASSES SOBRE REDES E AÇÃO COLETIVA.....	240
5.4.1 FALAS SOBRE OS IMPASSES DE SE CONSTRUIR UMA REDE AO NÍVEL PESSOAL E COLETIVO	240
5.4.2 EXPERIÊNCIAS EM REDE, AÇÃO COLETIVA E CONFLITUALIDADE FUNDANDO SUJEITOS SOCIAIS.....	246
5.4.3 IMPASSES SOBRE A PRODUÇÃO DE ARTE, ESPORTE, LAZER E CULTURA.	251
5.5 MÚLTIPLAS EXPERIÊNCIAS EM SUA COTIDIANIDADE: A EFERVESCÊNCIA DA PERIFERIA	264
5.6 PROTAGONISTAS OU ANTAGONISTAS?	270
5.7 AQUISIÇÃO DE CAPITAIS POR PARTE DOS JOVENS DE PROJETO EM SUAS ESTRATÉGIAS DE COLIGAÇÃO EM REDE.....	277
5.8 AÇÕES COLETIVAS, DISCIPLINA E REINVENÇÃO: “JOVENS DE QUAIS PROJETO”?	293
5.9 UNIVERSO DA SOCIEDADE: JOVENS DO SOL POENTE ENTRE REDES E EMARANHADOS TECENDO CONJUNTAMENTE ‘EU’ E ‘NÓS’.....	301
Pedro Paulo (PP): Uma camisa de rock e duas fitas cassetes.....	312
6 UMA ARTE DO DESVIO: REFLEXÕES SOBRE ASTÚCIAS E REFLEXIVIDADE DOS JOVENS.....	316
6.1 ARTES DO DESVIO E “MANEIRAS DE FAZER” DE COLETIVOS JUVENIS ..	316
6.2 A (RE)CONQUISTA DO TERRITÓRIO INTERNO.....	323
6.3 PRODUZINDO INVENTIVIDADE: FORMAS TRADICIONAIS E ALTERNATIVAS DE PARTICIPAÇÃO DENTRO E FORA DO CENÁRIO PARTIDÁRIO?	335
6.4 A POSSE DE HIP HOP: VULNABILIDADE E RESISTÊNCIA SOCIAL?	348
Palavras finais	361
REFERÊNCIAS.....	363
ANEXOS.....	376

1 INTRODUÇÃO

A presente tese se inscreve no quadro de um conjunto de pesquisas que se inicia em 1996 com o projeto integrado “Juventude, Exclusão e Violência¹”. Por ora, importa dizer que é relacionado a pesquisas realizadas desde aquele momento pela professora Norma Takeuti². Acresçamos: nosso trabalho é ao mesmo tempo pré-existente e também prosseguirá além deste momento do doutorado.

Para dar uma idéia do percurso do trabalho até o momento atual, apresentamos alguns temas principais que atravessaram os dois momentos anteriores a este estudo, ou seja, a graduação e o mestrado.

Conduzida pela professora Norma Takeuti, a pesquisa “Do olhar social à imagem de si” era parte de uma investigação maior, a qual redundaria na obra “Do outro lado do espelho”. Estudamos na Zona Oeste de Natal, especificamente no bairro das Quintas, jovens pobres que participavam do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMNR). Importava captar o modo como construíam sua identidade pessoal e social, agregada às referências desqualificantes de “meninos de rua” e por pertencer a um bairro violento e socialmente desvalorizado da cidade.

Foi possível perceber tentativas de rompimento com uma imagem de invalidação social provocada pelo estigma de “meninos de rua”. Enquanto buscavam ações para responder à dinâmica da exclusão social e fazer face ao sentimento de rejeição social³, experienciado por eles, paradoxalmente, seus movimentos de “ruptura” realizavam uma inscrição em práticas socialmente “mal-vistas”, tais como o pertencer a galeras e gangues, esconder crack, realizar furtos entre outras atividades ardilosas no sentido do benefício próprio à custa de outrem. Práticas

¹ No item 3, “Ser jovem no cenário brasileiro contemporâneo”, do primeiro capítulo, recapitularemos os três momentos desta pesquisa. No terceiro capítulo, “Uma arte de dizer”, faremos comentários adicionais.

² Remetemos a Takeuti (2002) obra que concentra os resultados da primeira fase da pesquisa (1996-1999) e que faremos menção em diversas passagens, uma vez que foi referência tanto para a dissertação quanto para a tese.

³ A noção de exclusão social aqui adotada é na perspectiva de autores como Castel (1997), portanto relacional. Takeuti (2002) faz referência à noção de rejeição social para caracterizar os jovens das periferias sociais de nossas pesquisas, refletindo uma diversidade de situações de “marginalização”, “segregação”, “estigmatização”, “rejeição”, não somente do ponto de vista do trabalho formal, mas também do ponto de vista simbólico, abarcando ainda a negligência dos mecanismos institucionais de regulação e proteção de crianças e jovens.

estas que eles queriam ganhar distância, muito embora grande parte não conseguisse encontrar outras modalidades de expressão de si que não fosse através da linguagem da violência. Restavam-lhes ações que carream sobre si o ódio da sociedade.

Durante a dissertação de mestrado, aportamos em um projeto de extensão que se constituía também em um fórum social de protagonismo juvenil e combate à pobreza: Engenho de Sonhos⁴. Através deste fórum foi possível estender o olhar para outros bairros da Zona Oeste. Nestes bairros, aproximamo-nos de grupos juvenis voltados para práticas de artes, cultura e lazer (teatro, música, hip hop, capoeira, quadrilha junina, skate, cross, etc.). Particularmente, trabalhamos mais próximos ao núcleo do bairro Guarapes⁵ e lá conhecemos o Grupo Periférico Suburbano (GPS) e o universo do hip hop.

Naquela etapa, os vínculos grupais constituídos se tornaram o foco da pesquisa. Percebíamos que os elos constituídos nos diversos grupos juvenis que tomavam parte no Engenho de Sonhos, forneciam um suporte importante para seus membros manterem suas aspirações e uma imagem positivada de si. Além disso, os grupos, através do Engenho de Sonhos e da “experimentação” que ocorria nos bairros, disponibilizavam oportunidades de expressão dos jovens e de visibilidade de suas potencialidades em meio ao que era veiculado pela mídia escrita e televisiva sobre a Zona Oeste.

Uma vez tendo situado o contexto de nosso trabalho, passemos à tese que defenderemos aqui.

Atualmente, há nas periferias dos centros urbanos do país a emergência de coletivos juvenis que se articula através/a partir de redes sociais diversas, as quais facultam, aos jovens sujeitos que neles tomam parte, novas formas de subjetivação, não obstante as contingências e faltas que constituem a cotidianidade de sua existência social. Essa produção de subjetividade revela projetos existenciais de sujeitos juvenis que experienciam um sentimento de abertura a um projeto de autonomização⁶, em relação a um sistema que os encarceram numa situação de precariedade social; facultando-lhes a possibilidade de pensar caminhos próprios

⁴ Mais detalhes no capítulo 4, no item “O caso de um projeto e a eclosão de dois coletivos juvenis”.

⁵ A zona oeste abrange nove bairros. Na graduação, trabalhamos nas Quintas; no mestrado, em Felipe Camarão e Guarapes (foco do doutorado), além de Cidade da Esperança, Cidade Nova e Bom Pastor.

⁶ Esclarecemos essa idéia ao longo da tese.

que favoreceriam ações coletivas e potencializariam o engajamento em bandeiras sociais de lutas mais amplas.

O sentimento de abertura experienciado, sobretudo através da trajetória de participação em projetos sociais, fornece-lhes um continente propício para a germinação de atitudes de confrontação coletiva com dispositivos de sujeição social. Essa confrontação tenderia a ocorrer simultaneamente ou em um dos seguintes domínios distintos: ao nível das significações imaginárias sociais⁷ sobre a juventude na sociedade brasileira, e também ao nível concreto de atividades inventivas que passam a se expressarem em ações que podem se revestir de um caráter protestatário e reivindicador.

Uma vez que a tese a ser defendida versará sobre subjetividades juvenis em bairros periféricos, tendo como foco os coletivos juvenis articulados em redes, partimos do seguinte questionamento: como se dá o processo de subjetivação e, mais especificamente, a reinvenção de si em jovens da periferia com experiências sociais nas quais se ressaltam projetos articulados em rede? Alertamos que tal questionamento não excluiu nosso interesse pelas experiências “negativas” vivenciadas por esses mesmos jovens.

No interior da questão precedente, encontra-se o objeto de nossa pesquisa atual: o processo de subjetivação de jovens da periferia de Natal - RN, especificamente da Zona Oeste da cidade.

Os sujeitos que nos proporcionaram o estudo de nosso objeto de pesquisa são jovens, em sua maioria entre 19 e 25 anos, moradores dos bairros Guarapes e Felipe Camarão, e pertencentes a dois coletivos juvenis: Associação de Juventudes Construindo Sonhos (doravante chamados apenas “jovens construindo sonhos”) e Posse Lelo Melodia (doravante referenciada Posse ou coletivo Lelo Melodia). Ambos os coletivos estão coligados a redes juvenis regionais e nacionais.

A maior parte dos sujeitos jovens dos coletivos estudados figura na tese com os nomes verdadeiros, visto que assim o desejaram. Dentre eles, selecionamos alguns para apresentar suas narrativas de vida, precedendo o início de cada capítulo. Nosso intuito foi o de dar um espaço para que as histórias dos jovens pudessem apresentar seus grupos respectivos, valorizar a vivência desses jovens, fazer sobressair suas vozes em meio à discussão teórica, destacando nas narrativas

⁷ Conforme Castoriadis (1986).

individuais os traços de um sujeito coletivo, cujo vir-a-ser estampa-se de modo distintivo da existência que caracterizou grupos de jovens do passado pertencentes a um mesmo espaço social.

O objetivo geral do trabalho atual foi assim fixado: analisar grupos juvenis articulados em redes do ponto de vista da mobilização de recursos comunitários, das rupturas e continuidades em suas trajetórias pessoais, frente aos projetos sociais, dos campos de convivialidade formados e dos recursos individuais gerados, compreendendo o significado dos elos construídos em seu interior pelos sujeitos juvenis individuais e coletivos.

Quanto aos objetivos específicos que se desdobram a partir do enunciado acima, podemos elencar:

a) Abordar a questão da produção de subjetividade juvenil, contextualizando-a no processo social e cultural da contemporaneidade.

b) Analisar a trajetória social de jovens “protagonistas” e, como isso, impactar na produção de subjetividade e na possibilidade de efetivar grupalmente ações com ressonância na sociedade local, em face das dificuldades encontradas no seu cotidiano.

c) Compreender em que base se estrutura a “arte de fazer” dos jovens inseridos em redes juvenis e de quais dispositivos/recursos os coletivos juvenis estão munidos para pleitear um projeto pessoal e coletivo o mais autonomizado possível para seus membros.

Para dar conta dessa proposta, situemos o suporte teórico que nos dará sustentação ao longo do trabalho. Utilizaremos em Castoriadis (1986), as noções de subjetividade, autonomia, imaginário social, significações imaginárias, sociais e reflexividade. Como essas noções são centrais para nossa discussão, esse autor será recorrente em todo o nosso trabalho. Em Michel de Certeau (2007), inspiramo-nos para possibilitar uma discussão sobre cotidiano, através das noções de astúcia, táticas e artes de fazer. Outros autores virão compor uma discussão específica, respeitadas as matrizes de pensamentos e noções estabelecidas em seus campos de teorização, para aprofundar algumas idéias que em Castoriadis não teríamos como aproximar em função de nossa especificidade empírica: Foucault em suas discussões sobre disciplina, poder, biopolítica e governo de si; Melucci e sua discussão sobre redes subterrâneas; Castells e a discussão sobre sociedade em rede; Touraine e seu aporte sobre direitos culturais; e Bourdieu em sua discussão

sobre capital simbólico. O ponto de contato entre perspectivas que se tornam díspares num primeiro momento de articulação, é a tensão entre sujeito e sociedade, revelando possibilidades de composições, reapropriações e resistências que se tecem no processo de produção de um si em relação aos mecanismos de sujeição social.

Além desses, a presença do referencial da sociologia clínica (Gaulejac, Enriquez, Niewiadomski, Takeuti) se inscreve tanto ao nível da metodologia quanto do esforço de articulação entre os planos social e individual. Trata-se de centrar nos sujeitos jovens com o intuito de relacionar os diferentes processos de construção, suas influências recíprocas, suas complementaridades e oposições, e a maneira que o sujeito tenta encontrar uma unidade e ao mesmo tempo uma singularidade em face desse processo conforme sugere Gaulejac (2006). Este autor inspirou-nos quatro planos de apreensão desse tensionamento em que a noção de sujeito remete: a) sujeito do direito que se inscreve no universo das leis, regras e normas; b) sujeito do desejo que se inscreve no universo do inconsciente, conforme a formulação freudiana; c) sujeito social-histórico que se inscreve no universo da sociedade/cultura/história; d) sujeito da palavra e da cognição que se inscreve no universo da reflexividade.

Com essa pretensão, estabelecemos o plano de discussão da tese em duas partes (juventudes e narrativas existenciais; redes e coletivos juvenis) com os seguintes capítulos:

No capítulo primeiro, “Imaginário social contemporâneo e campo da juventude: o “Ser Jovem” nas bordas do cenário social”, abordaremos o jovem como sujeito do direito. Nosso recorte diz respeito aos tipos de significações sociais que estariam incidindo sobre o imaginário em torno da juventude na contemporaneidade. Confrontamos o advento dos “*jovens de projeto*” com os resultados de nossa pesquisa local realizada uma década antes, versando sobre os jovens “meninos de rua”. Consequentemente, discutiremos o que ocorre de novo no plano sócio-histórico e sua possibilidade de gerar tanto uma representação ao nível societal quanto uma autorrepresentação de uma parcela da juventude brasileira, que se situa em nível local na Zona Oeste de Natal. A partir dessa clivagem no campo da juventude, a discussão nos guia para problematizar também a temática da punição e a criminalização da pobreza.

Privilegiaremos, no segundo capítulo, narrativas juvenis e produção de subjetividades do sujeito do desejo, trabalhando as trajetórias individuais dos jovens, aspectos de suas histórias de vida, as rupturas e continuidades presentes ao longo de suas vidas e a relação disso com a trajetória de projetos sociais. Deter-nos-emos na tensão entre o sentimento de vergonha social e o desejo de autonomia, nas conflitualidades que tornam o seu vivido um movimento inventivo, mas igualmente solapado por desamparo e escassez de todos os matizes.

O terceiro capítulo, “Uma arte de escrever: pesquisa e intervenção social”, será uma pausa na discussão da tese para discutir a construção da tese em si. Trabalharemos as motivações do pesquisador, as técnicas de coleta de dados, os pressupostos éticos que fundamentaram a pesquisa e como ela também adquiriu um caráter de intervenção social, expondo ainda as dificuldades existentes em uma produção científica engajada.

Reservaremos para o quarto capítulo, intitulado “Trajetórias de grupo: Entre dispositivos disciplinares e reinvenção de subjetividades”, o universo do sujeito social-histórico. Ao discutir redes juvenis, retraçaremos o caminho das experiências que vai do Fórum Engenho de Sonhos até os coletivos Jovens Construindo Sonhos e Posse Lelo Melodia. Face às estratégias de organização em rede dos grupos juvenis da chamada ‘periferia’, é possível divisar campos de luta no qual se entrecruzam esperanças e frustrações, sonhos e impotências, antagonismos e protagonismos, o estranho e o igual, no qual se ancoram jovens cujos projetos coletivos existenciais tentam uma construção de sentido para mudar a sua condição existencial, tanto no plano material, simbólico e político.

Finalmente, abordaremos o universo do sujeito cognitivo. Acompanhando as movimentações dos coletivos juvenis em meio a contradições e conflitualidades, vislumbramos uma arte de fazer dos coletivos juvenis. Trata-se de um fazer coletivo que eles denominam como uma “política” que se desdobra para dentro da comunidade, que se efetiva no cotidiano e que se esforça buscando um processo de autonomização individual e coletiva. Haveria nas ações dos grupos juvenis uma proposta de participação social, de reflexão deliberada e de autonomia coletiva? Essa será a temática do quinto capítulo, intitulado “Uma arte do desvio: reflexões sobre astúcias e reflexividade dos jovens”. Uma questão que nos inquieta nesse capítulo é sobre a possibilidade dos coletivos juvenis em fazer emergir um novo “vir-a-ser” para os sujeitos sociais, possibilitando coabitar novas significações

juntamente com as significações sociais atribuídas aos segmentos estigmatizados, particularmente o juvenil.

Finalizemos com algumas palavras sobre a dimensão “sócio-política” desta pesquisa. Acreditamos que discutir os novos ordenamentos os quais atravessam a juventude brasileira, principalmente a parcela pobre, e mais detidamente a juventude local, reveste-se não somente de atualidade, mas principalmente de urgência e relevância. Isto porque as reflexões e estudos produzidos a partir desta temática podem contribuir para a compreensão dos movimentos sociais em sua articulação com a violência exercida e praticada pelos e sobre os jovens na sociedade brasileira. A pertinência destes estudos se inscreveria na urgência de novas reflexões quanto ao estatuto do jovem e das suas formas de organização social, na atual sociedade. Com isso, esperamos fornecer subsídios de reflexão (aos próprios jovens) de suas práticas e ações que visam outros campos possíveis de vida nas periferias.



galtide

PARTE I: Juventudes e Narrativas existenciais

2 IMAGINÁRIO SOCIAL CONTEMPORÂNEO E CAMPO DA JUVENTUDE: O “SER JOVEM” NAS BORDAS DO CENÁRIO SOCIAL

3 NARRATIVAS JUVENIS: RUPTURAS E CONTINUIDADES

Nesta primeira parte da tese, cada um dos capítulos será precedido de um fragmento narrativo. No primeiro, temos Edcelmo, representante da Posse Lelo Melodia e o movimento hip hop no bairro Guarapes, cujos depoimentos aparecem em todas as sessões do capítulo. No segundo, é a vez de Naldo, fundador da Associação de Juventudes Construindo Sonhos, em Felipe Camarão.

Em sua trajetória pessoal, Edcelmo reflete o campo de discussões em torno da juventude no primeiro capítulo: o universo do sujeito de direitos confrontado com o imaginário social vigente, com as novas movimentações coletivas da juventude, com as efervescências artísticas e culturais nos bairros da periferia e o advento dos projetos sociais.

Naldo ilustra, em sua própria vida, o universo do psiquismo: conflitualidades, dualidades, contradições, rupturas, sentimentos de desamparo e vergonha de interditos e transgressões. Mas, também de inserções em movimentos voluntários e projetos sociais, de aquisição de competências discursivas, intelectuais e relacionais.

Ambos “encarnam” a “alma” dos coletivos Posse Lelo Melodia e Associação de Juventudes Construindo Sonhos.

EDCELMO: TRADIÇÃO EM CONFUSÃO, PUBERDADE PERDIDA E O ESCAPE PELO HIP HOP

UMA “CUSTUREIRA” E UM “POLIÇA”

A avó paterna era paulista. O avô paterno veio de Caicó para Natal e tornou-se policial. Algum tempo depois, decidiram ir para São Paulo. “Tiveram uns 20 filhos”, exagera Edcelmo, entre os quais seu pai. Retornaram para Natal e passaram a morar nas Rocas, onde o pai cresceu e trilhou o mesmo caminho do avô de Edcelmo, tornando-se policial. Edcelmo conta que na família de sua mãe, os avós eram de Lagoa de Pedra. Não eram casados, apenas se “curtiam”. Sua avó deu a mãe de Edcelmo para uma irmã criar. Eram de Caraúba dos Dantas. Família conhecida por se meter em muita briga e confusão, por ter matador e pistoleiro. Hoje em dia contam com membros “famosos” que roubam bancos. Os tios da mãe de Edcelmo decidiram vir para Natal. Sua “vó” (na verdade tia-avó) trabalhava no São Lucas e o esposo vendia umas “paradas” (banana, etc). Sua mãe aprendeu o ofício da costura. Ao descobrir que estava grávida, tentou encostar o pai na parede, mas não teve jeito. O pai, que já era militar, saiu fora. A mãe já tinha outro filho antes desse relacionamento. Ao falar do pai, não demonstra ressentimento. Descreve a relação entre ambos como sendo muito tranquila. Hoje é 1º sargento e trabalha na penitenciária. De vez em quando, vem e conversam. Tem outra família, porém ajuda Edcelmo financeiramente.

UMA CASA BARATA PARA MORAR

Depois de 45 anos vivendo de aluguel, o proprietário da casa quis vender a casa alugada porque faria ali uma piscina e queria que a família de Edcelmo procurasse outro lugar para morar. Ele deu dinheiro para a compra de uma casa barata. Como não havia uma casa com o preço baixo por lá, vieram, de caminhão, para o bairro Guarapes. Almoço era caju espremido que ficava igual a carne. Abria o brote e passava manteiga para pensar que era pão. Vizinho à casa em que a mãe e a avó viviam havia um beco, no qual o pessoal fumava e tomava “pico”. Daí, um dia,

enquanto estavam se picando, um maluco, que falava com Bob Marley, viu a aproximação da polícia. Jogou, então, o bagulho pelo muro do beco direto na casa delas. Quando achou aquilo, a polícia quis levar a senhora de 50 anos presa. O pessoal do beco logo se juntou para defendê-la.

UMA ESTACA NO LOMBO

Edcelmo conta que quando criança “gazeava” aula e ia pedir esmolas. Tinha um menino que vivia batendo nele. Um dia tomou coragem, pegou uma estaca e meteu no lombo e na cabeça dele. Passou um ano fingindo ir para a escola. O padrasto da mãe de Edcelmo era conhecido como Júnior veterano, homem de muita experiência: tinha 18 anos de cadeia. Hoje, o cara é um vagabundo. Já até se encontraram por aí. Quando parou de trabalhar, o padrasto só queria jogar bola e fumar maconha. Ele ia jogar bola e trazia papelote de maconha. Era Edcelmo que carregava pra ele. A mãe desempregou-se, montou bar e faliu. “Eu e meu irmão tentávamos ajudar vendendo picolé”. Até apanhou de pau de brocha, mas não mudava o comportamento com isso. O irmão mais velho era mais comportado e gostava da escola. A mãe achava que Edcelmo ia acabar sendo um vagabundo. Contra todas as evidências, aconteceu o contrário.

PUBERDADE PERDIDA: UM “BAGULHO” MUITO DOIDO

Dos 10 aos 13 anos era só aventura. Dos 13 aos 15 viu a juventude passar com revólver na mão. Entre eles, o Júnior Caroço, que admirava pela coragem. Os jovens viviam morrendo, todo dia tinha um com os olhos aberto. Aquela cena era corriqueira. Teve uma época que ficou meio paranóico: “Mãe, será que eu vou morrer hoje?”. Participou da igreja, karatê, GDIA (grupo de jovens). “Cheguei no hip hop, comecei a tomar droga e fiz um monte de merda. Assaltei e fui preso duas vezes, mas me soltavam porque eu era menor”. Era uma época de perdição. Cheirava cola, maconha e coca. “Puxava fumo” junto com um primo. Tinha 14 anos e até um ano antes, não saía de casa, era pacato. O período dos 15 aos 18 foi uma época paradoxal: “apanhei muito da polícia. Também fui me aperfeiçoando nas

idéias do hip hop”. Agradece hoje a algumas pessoas que deram umas “idéias”. Entre elas, PP, que era bem mais velho e lhe dava muitos conselhos. Veio a idéia do grupo GPS (Grupo Periférico Suburbano), cuja proposta era expressar a revolta “contra o sistema” através da letra e música hip hop. De integrante, passou a coordenador. Tiveram uma experiência com o Fórum Engenho de Sonhos e viram aparecer no bairro Guarapes uma sede do Engenho, centro cultural no qual o GPS participou um tempo. Aos 18, viu vários amigos que acreditavam na idéia do rap morrerem, entre eles Lelo Melodia, que morava em Recife.

TUDO MUNDO DESEMPREGADO

Aos 20, foi o momento difícil da Posse: todo mundo desempregado e sem perspectiva de vida. Pensou até em ir para a Europa: dançar lá e ganhar em dólar. Aos 21, relata que despertou para a ‘política’ e o grupo foi passando por um momento de atuação ‘política’. Teve a primeira experiência profissional de comunicador social em uma organização não governamental. Foi contratado com carteira assinada pelo PDA (Programa de desenvolvimento de área da Fundação Visão Mundial), programa financiado pela Visão Mundial. As coisas mudaram na casa: o irmão já não mora lá há tempos, a irmã engravidou e casou com um amigo seu (Eliênio). A “vó” morreu. Teve o momento que a ex-namorada engravidou e quando foi lá para assumir, ela já tinha decidido e “botou o menino pra fora”. EdcelmoTem planos de comprar uma casa, ter uma família e trabalhar como DJ.

2 IMAGINÁRIO SOCIAL CONTEMPORÂNEO E CAMPO DA JUVENTUDE: O “SER JOVEM” NAS BORDAS DO CENÁRIO SOCIAL

2.1 O ESGOTAMENTO DOS MODELOS TRADICIONAIS: MOVIMENTOS JUVENIS ENTRE O OCASO E A RESSURREIÇÃO

Vimos a preocupação do jovem com a violência, a morte precoce e a qualificação. As gerações. As preocupações. Quando não se tem horizonte, vamos para a violência (Informação Oral. Edcelmo, Posse).

Estaríamos assistindo hoje ao ocaso dos movimentos sociais a partir de iniciativas dos jovens? Estaria a juventude contemporânea imersa em uma apatia política que a impede de repetir o engajamento e a mobilização dos tempos da ditadura militar? Ou precisaríamos redefinir os contextos em que as atuais e as pretéritas experiências juvenis se deram para compreender outros modos possíveis de participação social e, quiçá, de um fazer “político”?

No Brasil, os estudos sobre juventude tiveram início a partir das pesquisas sobre o movimento estudantil na década de 1960, desenvolvidas por Foracchi (1965, 1971). São estudos que posicionam a juventude como uma categoria analítica interessante por condensar o debate sobre os rumos da sociedade, uma vez que crise da juventude em certo sentido é indício de crise social (FORACCHI, 1971). Inspirada em seus trabalhos, a produção acadêmica na área tanto de Educação como de Ciências Sociais, durante as décadas seguintes, tratou com menor frequência do tema, ao tentar compreender as alterações dessas práticas nos períodos mais recentes, marcado por um gradativo enfraquecimento das formas tradicionais de mobilização e seu escasso poder de aglutinação de demandas e interesses do conjunto dos estudantes. Alguns trabalhos empreenderam investigações sobre os anos 1960/70, outros reiteraram análises desses estudos pioneiros, reconhecendo a crise da capacidade mobilizadora estudantil, mas de certa forma assumindo como parâmetro o modelo da participação observado em anos anteriores, como já apontava criticamente o trabalho de Helena Abramo, que analisou a nova cena cultural juvenil dos anos 1980 (ABRAMO, 1994; SPOSITO, 1997).

De saída, importa lembrar que, na época da ditadura militar, a juventude “fazia política” no movimento estudantil de classe média. Além disso, não era toda a juventude estudantil que estava mobilizada naquela época na luta pela abertura democrática. Do mesmo modo, hoje não é a totalidade da juventude brasileira que se encontra engajada em movimentos sociais ou culturais.

Nesse sentido, Novaes (2006) esclarece que grupos ou segmentos juvenis organizados podem falar apenas por uma parcela da juventude e não por todos aqueles que fazem parte dessa mesma faixa etária e que configuram, na expressão da autora, o “mosaico” da juventude brasileira. Alerta, inclusive, que entre os jovens de hoje, os mais pobres são atingidos pelo processo de produção e reprodução de desigualdades sociais (acentuadas por fatores como gênero, local de moradia, etnia e raça, orientação sexual), muito embora exista universalização de direitos e acessos.

Sposito (2007) sugere uma distinção importante entre a condição (modo como uma sociedade constitui e significa esse momento do ciclo de vida) e a situação juvenil que traduz os diferentes percursos que esta condição experimenta (a partir dos mais diversos recortes: classe, gênero e etnia).

A compilação a seguir toma por base uma revisão da literatura feita por Sposito (2000). No Brasil, observam-se claramente as dificuldades envolvendo o que a autora chama compreensão da “crise da participação estudantil” presentes em alguns estudos, mas é preciso considerar que, ao lado dessa lacuna teórica, foi criado um leque de representações sociais no interior do senso comum, que constituíram essas práticas de participação como modelo de ação coletiva de jovens, excluindo outras possibilidades de análise. Helena Abramo, ao fazer a crítica dessas concepções, examina as novas formas de presença juvenil nos anos 1980 a partir de estudo realizado sobre “punks” e “darks”. Ampliando o campo de conhecimento sobre os atores juvenis, o trabalho de Costa (1993) investigou uma modalidade de sociabilidade marcada pela constituição de subjetividades conservadoras, como é o caso dos carecas de subúrbio. Diógenes (1998) realizou estudo em Fortaleza sobre o Hip Hop, desvelando aspectos de uma cultura viva que se traduz nessa modalidade artística e sua relação com grupos e a violência. A pesquisa desenvolvida por Souza (1999), com jovens de Florianópolis, investigou as novas formas de militância dos anos 90, tentando contrapô-las a uma possível imagem mítica que se ancora no tipo de participação predominante nos anos 60. Os

trabalhos produzidos nos anos 1980 e 1990 sobre jovens em nosso país, já mostraram um alargamento de seus interesses e práticas coletivas, acentuando a importância da esfera cultural que fomenta mecanismo de aglutinação de sociabilidades, de práticas coletivas e de interesses comuns, sobretudo em torno dos diferentes estilos musicais.

Abramo (1994) vem demonstrar como a “cena juvenil” se amplia e diversifica, sendo ocupada por manifestações protagonizadas por “punks”, “clubbers”, roqueiros, “rappers”, adeptos do reggae, “funkeiros” entre outros (ANDRADE, 1996; CUNHA, 1993; DAYRELL, 1999; GUERREIRO, 1994; SPOSITO, 1994). Essas ações já acenam com vigor para uma inquestionável motivação dos jovens, em relação aos temas culturais em oposição ao seu afastamento das formas tradicionais de participação política. O mapeamento dos grupos juvenis realizado pelo Canto Jovem (citado no cap. 4), reforça esse cenário em Natal. Alguns grupos não se limitam aos aspectos centrais de sua atividade ligada à música ou outras formas de expressão artística, mas também se dedicam aos trabalhos comunitários, envolvendo-se em atividades nos locais de moradia em interlocução com alguns segmentos organizados da sociedade civil.

Tais experiências são vistas além das fronteiras do país. Em Portugal, Pais (2004) estuda as movimentações juvenis através de bandas, grupos de hip hop e grafiteiros investigando em que medida estes estariam realizando “revivalismos tribais” e “sensibilidades performativas” (PAIS, 2004, 2008). Weller (2008), comparando jovens berlinenses de origem turca e negros paulistanos, assinala traços de um “associativismo combativo”, dado as experiências de segregação que ambos vivenciam.

Ao admitir a existência de significativa diversidade de práticas coletivas entre os jovens, é preciso reconhecer que uma parte delas é ainda pouco visível e escassamente investigada. Algumas mais antigas e portadoras de um novo significado, dizem respeito à intensa produção e circulação de meios de informação recobertos pelos fanzines, inovação da cultura “underground punk” dos anos 70 que perdura até os dias atuais. Há, por exemplo, o movimento “anarcopunk”, em Natal, estudado por Oliveira (2008), cujas vestes e posturas visam ‘chocar’ a sociedade consumista e propor uma alternativa ao capitalismo (OLIVEIRA, 2008).

Ainda no interior de interesses ligados à informação e comunicação, estão as rádios comunitárias, a produção de vídeos e, de forma mais recente, a formação de

redes via Internet, agregando as mais diversas motivações. Inúmeros agrupamentos de natureza mais fluida podem nascer a partir do local de moradia envolvendo o lazer, entretenimento e esporte, como estudou Nakano (1995) em favelas da região da Grande São Paulo, ou a partir da ocupação de zonas mais centrais da cidade, em geral no período noturno, transformando o tipo de interação com o tecido urbano. São os passeios de bicicleta, as caminhadas, os grupos de “skate” e de escalada em viadutos e pontes que negam o valor de troca predominante no espaço urbano e os ritmos da metrópole voltada para o circuito de reprodução do capital, afirmando a dimensão pública da cidade a partir do uso e da fruição (ARROYO, 1997; LEFEBVRE, 1978a, 1978b). As formas são fluidas, muitas vezes efêmeras, mas traduzem importante marco de sociabilidade juvenil ainda pouco estudado. Destaca-se também certo associativismo em torno de ações voluntárias, comunitárias ou de solidariedade. Verificam-se nessas práticas a produção de outra modalidade de experiência coletiva entre jovens algumas vezes mais amplas, como o combate à exclusão, a questão ambiental, ou mais específicas, voltadas à qualidade de vida e saúde (drogas, paternidade responsável, DST e AIDS).

Sposito (2000) finaliza sua revisão arrolando, também, novas formas de aglutinação juvenil que nascem do mundo do trabalho, ultrapassando os marcos tradicionais da relação assalariada e da participação sindical; dentre elas, destacam-se o interesse de jovens em formar empresas Juniores dentro do ambiente universitário, e as cooperativas de auto-gestão solidária. No conjunto de questões aqui apontadas sobre as várias modalidades de inserção dos jovens na esfera pública, não estão contempladas as dimensões do mundo rural que têm realizado, por meio de seus atores, importantes movimentos de invenção cultural no interior da luta pela terra⁸.

Tal descrição nos leva para algumas conclusões: a) Há claramente uma diversidade de interesses juvenis; b) o campo propõe desafios para os pesquisadores, exigindo-lhes novas aproximações teóricas e redobrado esforço analítico; c) tal diversidade encontra-se imbricada a outras variáveis importantes, como a violência e situações de risco. Sposito (2000) avalia que todas as questões acima criam um terreno difícil e, muitas vezes, movediço, sobretudo quando se

⁸ Num momento situado entre o fim do mestrado e início do doutorado, tivemos uma experiência com jovens do meio rural (município de Pedro Velho - RN) descortinando um universo diferente de questões e problematizações.

pretende superar os estereótipos e as explicações lógico-causais que realizam simplificações apressadas, compactando processos que aparecem de forma matizada e diferenciada na realidade social (SPOSITO, 2000).

Paradoxalmente, essas expressões dos grupos juvenis ocorrem em meio às dificuldades (ou total inacessibilidade em muitos casos) ao mundo do trabalho formal na sociedade de nossos dias. Pesquisas atuais demonstram que o desemprego é um problema maior, especialmente entre os jovens de 16 a 24 anos, comparativamente a outros extratos da população. Segundo pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o desemprego entre jovens de 15 a 24 anos é 3,5 vezes maior do que entre os trabalhadores considerados adultos, com mais de 24 anos⁹. Isso se evidencia mais fortemente na parcela juvenil de baixa renda, moradora de bairros estigmatizados socialmente, que se encontram ejetados do mercado de trabalho formal. Acabam encontrando nas ONGs e seus projetos sociais, a oportunidade para acessarem conhecimentos formais, artes e tecnologia.

É justamente nesse segmento específico da juventude na sociedade brasileira que ocorre, em função da condição material de vida, um dos grandes desafios para a formulação de políticas públicas em nosso país. Abramovay e Castro¹⁰, trabalhando com a noção de “vulnerabilidade social”¹¹, apresentam um quadro preocupante na América Latina, demonstrando, através de farto material estatístico, que a violência não é consequência direta da pobreza, mas do modo como as desigualdades sociais, a negação do direito a acesso de bens e equipamentos de lazer, esporte e cultura operam nas especificidades de cada grupo social. Sustentam, através desse e de outro estudo¹², que experiências que priorizem a participação do jovem como sujeito ativo do seu processo de desenvolvimento demonstra ser alternativas eficientes para superar a vulnerabilidade social dos

⁹ Estudo organizado por Castro e Aquino em julho/2008. Segundo o Ipea, o problema do desemprego tende a ser mais acentuado entre os jovens do que no restante da população em todo o mundo e o crescimento do desemprego entre os jovens reflete a expansão geral do problema em todas as faixas etárias. Entretanto, o instituto avalia que não há tendência de aproximação entre as taxas de desemprego de jovens e adultos. "Ao contrário, a taxa de desemprego dos jovens cresce proporcionalmente mais", destaca o documento (Fonte: folha online, acessada em 24 de julho de 2008).

¹⁰ ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade social na América Latina**. Desafios para a América Latina. Brasília: UNESCO, BID, 1992.

¹¹ "(...) resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso a estruturas de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade" (ABRAMOVAY: 2001).

¹² CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G.; E ANDRADE, E.R. **Cultivando vidas, desarmando violências**: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, BID, 2001.

mesmos. Essas experiências concentram-se na problematização do cotidiano dos jovens e na valorização de formas de expressão juvenil como o rap, “break”, o grafite entre outros. Simultaneamente, favorecem a valorização positiva da identidade dos jovens, incentivando a expressão dos sentimentos de indignação e protesto em um nível de simbolização, e também utilizam o lazer como estratégia de agregação dos jovens explorando a arte, o esporte e a cultura.

Em nível local, constatamos a movimentação dos jovens nessas expressões culturais, nos meandros do terceiro setor, sem que isso exclua a possibilidade de envolvimento também no que consideram mais “fácil”: armas e drogas. Em uma de nossas reuniões no bairro Guarapes, um dos participantes declarou que “todo mundo já pegou em arma e já atirou”.

O que todos esses estudos parecem indicar é uma multiplicidade de experiências juvenis, em curso na contemporaneidade, que parecem conter, ao menos potencialmente, outras modalidades de participação ativa na sociedade. Autores como Dayrell (2003) afirmam que o que se reivindica é o direito a ser jovem, num contexto em que se vêem relegados a uma vida sem sentido, mas que isso não implica necessariamente em formas de resistência ou uma expressão política de oposição de classe. Por essa razão, usamos a expressão “movimentações dos jovens”, porquanto suas ações são diversas das gerações juvenis anteriores, engajadas em “movimentos sociais”. Nossa realidade local aponta reivindicações mais pautadas hoje em acessos a cultura, lazer, arte e esporte¹³.

Concordamos os pontos de vista precedentes. Ajuntamos ao que foi exposto até aqui, e em nosso trabalho há fortes indicativos que, justamente naquele segmento em que as oportunidades são mais escassas, as contradições mais agudas e a estigmatização mais contundente, a expressão de certos grupos juvenis organizados em rede, poderia vir a se tornar o suporte para a emergência de novos processos de subjetivação e uma alternativa ao fazer “político” tradicional.

E se afirmamos que certos coletivos juvenis produzem “artes de fazer” (CERTEAU, 2007), favorecendo a emergência de novos “sujeitos jovens”, é porque hoje o contexto sociohistórico do país permite a busca de “ideais democráticos”, na esteira do processo de redemocratização a partir da década de 1980. Basta lembrar o papel fundamental do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua

¹³ Ver quarto capítulo, item 4.3.

(MNMMR) em sua histórica luta para afirmar e fazer aprovar o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) naquele período. Na ótica de Castoriadis (1982), diríamos que significações sociais em torno da democracia são dadas a cada momento em cada sociedade. A questão é que hoje parece haver um modo novo de investimento dessas significações por parte de coletivos e redes juvenis¹⁴.

Novaes (2006) assinala que tanto a constituição de 1988, quanto o ECA foram e continuam sendo importantes parâmetros para a elaboração de políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes. Contudo, persiste um vazio na elaboração de políticas públicas voltadas para esse segmento da população brasileira. Nessa vacuidade, organizações não governamentais e fundações empresariais passam a propor intervenções sobre o “local”, legitimados em sua maioria pelo ideário do desenvolvimento local sustentável. Nesse cenário, o “local” passa a contemplar na dinâmica de inclusão e exclusão social, além de variáveis de renda, gênero, raça e local de moradia, a existência ou não de projetos sociais¹⁵ (NOVAES, 2006).

Quando indagamos aos atuais jovens de projetos¹⁶ sobre formas tradicionais de participação, como o movimento estudantil, verificamos um desencantamento acerca daquelas práticas. Edcelmo, na abertura deste capítulo, avalia: “quando não se tem horizonte, vamos para a violência.” Por não divisar horizontes em práticas tradicionais de participação, investiu junto com a Posse Lelo Melodia¹⁷ na estratégia da organização em rede. Não se sente representado, tampouco acredita que o movimento estudantil possa ser capaz de portar e expressar as necessidades de sua comunidade¹⁸.

¹⁴ Ver quarto capítulo, item 8.

¹⁵ Ver quarto capítulo para o desdobramento das idéias aqui anunciadas.

¹⁶ Noção que discutiremos mais profundamente na seção três deste capítulo e no quarto capítulo, juntamente com a noção de juventude periférica.

¹⁷ Ver o quarto capítulo para uma descrição dos coletivos Posse Lelo Melodia e Jovens Construindo Sonhos.

¹⁸ A idéia de comunidade como espaço de segurança e liberdade e que pressupõe entendimento compartilhado “natural” e “tácito”, é duramente criticada por Bauman (2003). De nossa parte, ressaltamos que nem os bairros da Zona Oeste estudados, nem os próprios coletivos se constituem como comunidade. Na verdade, há o atravessamento de conflitos que se materializam na ‘estrangeiridade’ imputada aos meninos do hip hop no bairro ou mesmo os interesses pessoais, ao nível da sustentabilidade econômica, nos jovens construindo sonhos que operam tensões, dissensões e disputas de poder. Ser morador de um bairro pobre ou membro de um coletivo juvenil, não confere um status de igualdade, ou de reconhecimento da alteridade, muito menos de segurança em função de um pertencimento como atestam as biografias individuais e os depoimentos registrados tanto no segundo quanto no quarto capítulo.

No cenário político, nós delegamos uma pessoa que não tem representação local. Vivemos no Brasil uma geração que estava no movimento estudantil, alguns desses adultos ocuparam espaço na política nacional. Hoje, ele [movimento estudantil] deu uma queda. Não tem legitimidade. E deu uma declinação no movimento social. Se botavam 2 milhões de pessoas na rua, hoje não. Não se pode falar hoje em nosso nome pelas práticas. Nosso movimento [Hip Hop] tem por base o teor político, é uma estratégia de fortalecimento político das comunidades e jovens dessa nova geração. Podemos falar em espaço nacional, estadual e municipal para falar de nossas necessidades. Não estamos atrelados a partidos políticos (Informação Oral. EDECELMO, Posse).

O movimento que Edcelmo¹⁹ se refere é bastante emblemático de nosso contexto atual. A Posse Lelo Melodia integra o Movimento Organizado Hip Hop Brasileiro (MOHHB). Há vinte anos, um coletivo juvenil tenderia em termos associativos a participar do movimento estudantil e nele, naturalmente, afiliar-se a um partido político. Hoje, jovens de bairros como Guarapes, jovens dessa “nova geração”, preferem apostar em uma outra estratégia de fortalecimento coletivo, avaliando-a como representativa, ao mesmo tempo em que tais práticas estruturam sua identidade em termos artísticos, com forte conotação de protesto e denúncia. Essas práticas se inserem no conjunto de novas significações sociais imaginárias sobre jovens pobres de bairros populares; igualmente fornecendo novos sentidos para a existência desses mesmos jovens.

Para Edcelmo, o que ele e seus amigos fazem é política. Assim como Certeau (2007), preferimos dizer que se trata de uma arte de fazer, de dizer (que nos solicita uma “arte de escrever”, como relataremos no capítulo três) e de inventar, calcadas em astúcias de coletivos que se articula em redes regionais e nacionais.

O fenômeno de grupos e coletivos juvenis que se organizam através de uma estratégia de coligação em redes regionais e nacionais, não aponta a extinção de formas mais tradicionais de organização juvenis. No entanto, a novidade dos depoimentos colhidos neste trabalho é corroborar com os estudos nacionais aqui arrolados, e tornar evidente que se dá, atualmente em nível local, tanto um

¹⁹ As informações e depoimentos citados ao longo da tese, sob o título “informação oral”, nos foram dadas pelos membros da Posse Lelo Melodia, referida Posse, ou Jovens Construindo Sonhos, referida nas citações como AJCS. Correspondem a depoimentos, em sua maioria, dados de modo espontâneo e esparso em momentos diversos, como paradas de ônibus, meio fio, casa de um dos depoentes, festejos, etc. Incluímos também sob esse título os depoimentos dados no contexto da UFRN o projeto de extensão intitulado “Oficina de histórias de vida em coletividade – Pobreza, Jovens e Resistências”

deslocamento do modo tradicional de participação dos jovens na sociedade para outras formas de movimento, em geral, organizados em torno de ações culturais quanto uma conjunção de fatores que possibilita visibilidade aos jovens que nunca tiveram “vez e voz”, nas áreas urbanas marcadas pela escassez ou precariedade social. Não nos referimos à globalidade dos jovens brasileiros. Em nossa experiência na cidade de Natal, observamos essa “efervescência” justamente nos bairros da Zona Oeste, denominados como “subúrbio”, “periferia”, cuja qualidade de moradia, equipamentos sociais, ofertas de serviços públicos e privados, enfim a qualidade de vida contrasta com o resto da cidade. Também não generalizamos nossa tese para todos os jovens da Zona Oeste da cidade. Nossas observações incidem sobre os Jovens Construindo Sonhos, mas privilegiam mais fortemente a Posse Lelo Melodia de hip hop no bairro Guarapes. Vemos no coletivo da Posse uma mescla das duas tendências citadas anteriormente. O que, por sua vez, corrobora a análise de alguns estudiosos como Touraine (2006), para quem os movimentos sociais organizam-se hoje em torno da reivindicação de direitos culturais, conferindo a essa reivindicação um sentido universal.

Desde já, o que desejamos apontar é que reivindicar o direito de consumir e produzir arte é, para o coletivo da Posse, uma estratégia de luta. Lutar por saúde e educação de qualidade, por segurança pública que não aterrorize os jovens, por inserção laboral que permita vida digna. Desenvolvem “artes de fazer” (CERTEAU, 2007) que propiciam desvios em relação às expectativas sociais que lhes são feitas. Desse modo, os jovens em estudo hoje estão claramente buscando uma “composição” (preferimos esse termo à inclusão ou inserção, que remetem a uma idéia de integração na sociedade, porque permite apreender melhor as movimentações dos jovens que iremos ilustrar em muitas passagens da tese: processos em que se realizam ao mesmo tempo momentos de inclusão e exclusão).

Ao analisar as formas de ação coletiva protagonizadas por jovens e de suas possíveis relações com o campo de estudo dos movimentos sociais, parece mais apropriado tratá-las como redes conflituosas que seriam “formas da produção cultural”, ou seja, ativação de condutas em torno de conflitos, mesmo que em práticas ainda emergentes, como as que temos testemunhado como a Posse e os Jovens Construindo Sonhos. O que queremos destacar aqui é que mesmo em fase germinal, essas “formas de produção cultural”, da qual as múltiplas juventudes são portadoras, tratam de revelar o sintoma que se expressa na sociedade brasileira. Em

última instância, a conflitualidade que se expressa não é somente a marca dos movimentos juvenis, mas o conflito intrínseco do próprio modo de subjetivação operando na sociedade capitalística contemporânea.

Novaes (2000) enfatiza que as comparações geracionais (juventude dos “anos de chumbo” e juventude contemporânea) levam muitas vezes a uma idealização do passado que deixa escapar novas possibilidades do presente. Sugere que ao invés de comparar experiências sociais com jovens ocorridas em tempos e contextos diferentes e ao mesmo tempo diversificadas, possamos compreender o fenômeno que hoje vivenciamos: a assunção das diferenças, o desejo de transformar sentimentos pessoais e a visibilidade da sua presença. O que pode ou não desembocar em mecanismos de política representativa ou produzir um projeto político de médio ou longo prazo.

Experiências como o Fórum Engenho de Sonhos, na zona oeste de Natal, teriam, mantendo a linha de argumentação de Novaes, tanto a possibilidade de produzir um projeto político de médio prazo quanto o diferencial de transformar os sentimentos de vergonha pela sua condição social, como também de melhorar a estima de si dos jovens de uma área tão estigmatizada. Assim, a visibilidade conferida pelo Fórum poderia, junto a outros fatores, redundar em mecanismos de política participativa. Mesmo levando em conta que isso não ocorreu, o mérito do Engenho e outros projetos sociais semelhantes, parecem se traduzir na possibilidade dos jovens, pelo menos ao nível dos sentimentos, perceberem em si que não são inertes, que pode compor com alguma coisa, agir sobre suas vidas em algum nível.

Marlos: Como você acha que o Engenho de Sonhos mudou a imagem que você tem de si mesmo?

Rob: Antigamente eu pensava em curtidão, em jogar bola. Hoje eu penso no social, no cultural.

Marlos: Como as pessoas olhariam para você se não participasse do Engenho?

Rob: Seria diferente. Aqui você aprende muitas formas de se comunicar. Se não participar de nada, não tem nada para ser olhado. Sendo uma liderança como eu e outros, a gente é sempre chamado (pela família, amigos da rua, etc.) para ser perguntado de alguma coisa. A visão da comunidade mudou sobre mim (BEZERRA, 2004, p.192).

No exemplo acima, é possível perceber em Rob o sentimento de estima de si positivado, em função da identificação com o Engenho de Sonhos. Ele reconhece a si mesmo como liderança no bairro. Esse lugar só passa a existir no momento em que a sua estima é ressignificada em um projeto social qualificado e respeitado como o Engenho de Sonhos. Participar de um projeto social com ações comunitárias, com propostas de organização coletiva, com práticas educativas, com a possibilidade de expressar os sentimentos de indignação, raiva e vergonha, com um cunho de transformação através de uma discussão coletiva e com vistas a um pensamento crítico é central para ser olhado e chamado pelos amigos, familiares e vizinhos.

Parece ser esse também o entendimento de Novaes (2000) ao afirmar que as atividades sociais e as experimentações culturais podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para a mudança de mentalidade. Ou seja, trata-se de compreender os efeitos políticos das formas de fazer política que não se caracterizam por um discurso político articulado, como os de gerações anteriores. E também entender a possibilidade de outras formas de mobilização social, como menciona o professor de capoeira Alcemir dos Jovens Construindo Sonhos: “Aqui na capoeira, não é só jogar, entende? Nós fazemos um trabalho aqui com os meninos. Inclusive prevenindo a violência e incentivando os estudos”.

A declaração anterior do jovem adulto Alcemir, cuja adolescência foi através das turmas de Felipe Camarão, em experiências de violência tanto sofridas como também exercidas, remete para um espaço coletivo em que o fazer é muito mais amplo que uma técnica ensaiada. O que se está estruturando nessas oficinas parece ser muito mais um sentido para dar guarida ao vivido dos jovens. É preciso que a capoeira, de modo mais amplo, pertença a uma rede juvenil que possa fazer sentido porquanto existem outras experiências sociais em curso no bairro (o roubo, a droga, por exemplo) e outras redes tão bem, ou melhor articuladas como é o caso do tráfico de drogas.

Tomamos como ponto de partida de nossas reflexões teóricas, inspirados por Castoriadis (1992), o jovem enquanto “fragmento ambulante” da sociedade, ou seja, ao transmitir o que é e pensa simplesmente veicula, sem se dar conta, as significações imaginárias sociais. Nessa perspectiva, acreditamos que no imaginário social dos jovens na contemporaneidade convive tanto uma representação apolínea de “força, beleza, elegância, potência, virilidade, imortalidade, arrojo e inovação”

(aspectos luminosos da “juventude”), quanto uma outra dionisíaca marcada pelo caos, violência, destruição, angústia, morte, ausência de sentido. Essa primeira caracterização aponta para uma conflitualidade presente nas imagens acerca da juventude, que se traduz ao nível das experiências subjetivas na história da sociedade brasileira através das diferentes camadas e extratos sociais de nossa população.

Finalmente o que queremos apontar, refletindo em algumas análises contemporâneas (ABRAMO, 1998; MELUCCI, 2001; NOVAES, 2004; SPOSITO, 2000), é que as movimentações juvenis podem ser tanto “fatores de conflito” denunciando questões cruciais da organização social na atualidade quanto também podem se integrar ao vasto mercado da cultura de massa alimentando certa “cultura juvenil” ou tornarem-se, ainda, sinais distintivos de uma marginalidade institucionalizada.

No que concerne ao nosso estudo, os coletivos juvenis que teriam esse potencial para uma mobilização social de caráter protestatário, reivindicador, denunciador das contradições sociais não seriam os da classe média, e sim aqueles que estariam situados na linha de frente de ações coercitivas, discriminatórias, excludentes. Nesse aspecto, entra em cena a “cultura da periferia” como um movimento pulsante e contestador.

2.2 O QUE HÁ DE NOVO: EFERVESCÊNCIAS JUVENIS NA “PERIFERIA”

Nesta seção²⁰, pretendemos contextualizar um novo dinamismo que se pode observar nas periferias urbanas das grandes cidades e capitais brasileiras, e mais particularmente, a articulação de um movimento cultural juvenil que nele sobressai e tem marcado presença no cenário nacional – o movimento hip hop. Esse contexto será importante não só para a próxima seção, como para uma compreensão melhor dos capítulos seguintes que terão nos jovens da Posse Lelo Melodia o grande elo

²⁰ Esta seção apóia-se em Takeuti (2009), na qual a autora trabalha na perspectiva de aceitação/reconhecimento de uma possível “cultura da periferia” reivindicada pelos próprios “jovens periféricos”. Essa discussão está em desenvolvimento.

empírico deste trabalho. O núcleo central da Posse²¹ são jovens engajados em ações comunitárias e envolvidos não só na expressão musical do hip hop, mas também das idéias de contestação que tentam levar adiante com a própria música. Há, neles, fortes pretensões ativistas que são pensadas para a sua própria “periferia²²”.

Novaes (2006) aponta que uma novidade no cenário atual é a presença dos jovens da periferia na cena pública. Para essa autora, periferia é a nomeação de uma identidade construída nos últimos anos e que tem efeitos nos estilos, estética, vínculos sociais e laços afetivos das trajetórias de um determinado segmento da juventude atual. No interior do que ela chama de jovens da periferia, encontra-se o que os próprios participantes denominam como “movimento” ou “cultura” hip hop. Para ela, o hip hop seria um “Canudos urbano”, ou seja, um movimento cultural com efeitos políticos.

Voltaremos a abordar os efeitos “políticos” da manifestação cultural do hip hop no quarto capítulo. Importa considerar na linha exposta por Novaes (2006) que se há uma “cultura periférica”, o hip hop é praticamente seu “carro-chefe”, trazendo à baila os “jovens da periferia” que se lançam em novas ocupações ligadas à cultura e que se tornam denunciadores da realidade social.

Praticamente incontestemente nesses últimos tempos, a irrupção e a visibilidade da expressão artística, do modo de ser e viver, que Takeuti (2009) absorve sob o termo “cultura periférica”, independente da aceitação ou não da sociedade como um todo. Ao acompanhar nos meios de comunicação de grande circulação dessa efervescência, tendemos a afirmar, entre outras coisas, que há movimentações da periferia em direção ao centro: nas comemorações de aniversários (85º. Semana de Arte Moderna e 40º. da Tropicália), em São Paulo, novembro de 2007, a Semana de Arte Moderna da Periferia se fez presente na capital paulista, tendo à frente a Cooperifa (Cooperativa da Periferia) e mais de quarenta grupos dando mostras de

²¹ Adriana Carla da Silva, Amauri Reginaldo da Rocha, Edcelmo Bezerra da Silva, Eliênio Ângelo Duarte, Fagner José de Andrade (Camaleão), Josinaldo Vicente de Souza (Pick), Pedro Paulo Santana de Lima (PP) e Shirlene Nascimento dos Santos.

²² A idéia de periferia ainda remete à noção de um centro geográfico. O que contradiz noções que apresentamos na tese como a de espaço de fluxos (CASTELLS, 1999) e conceituações de outros autores, como Marc Auge, sobre “não-lugares” na contemporaneidade. Infelizmente não dispomos ainda de um termo que possa dar uma idéia melhor das assimetrias socioeconômicas e hierarquias de cidadanias que caracterizam a vida de jovens pobres das metrópoles urbanas do Brasil, como no caso de Natal.

sua “cultura produzida nas quebradas e cafundós da metrópole paulistana”²³. Em 23/03/2008, o jornal “O Globo” publica uma pesquisa²⁴ encomendada pela CUFA – Central Única das Favelas²⁵, trazendo “a voz das favelas” para o centro de debates na televisão, com isso “derrubando uma série de mitos sobre o comportamento e atitudes dos favelados do Rio e, por extensão, dos favelados nas demais metrópoles brasileiras”²⁶.

O que sobressai nos debates e pesquisas é que, genericamente falando, a sociedade brasileira desconhece a sua contraparte, ou seja, o que se passa nas periferias urbanas, ainda mais em se tratando de favelas, das quais só se têm notícias e imagens negativas, por conta do tráfico, das drogas, do crime organizado, da pobreza e da miséria; ou uma imagem romântica caricaturada de novela, na qual os pobres são “bonzinhos”, há uma figura paternal “que zela por todos”, todo mundo “se ama”, e vive muito “feliz com o que tem”. Concluiu-se que no imaginário da sociedade brasileira, a favela ainda hoje se apresenta como um ‘velho oeste’, “terra sem lei”, cujos habitantes estão espremidos entre a “ausência do Estado” e o “crime organizado”. Porém, é nas vozes dos jovens rappers e dos projetos sociais bem-sucedidos que moradores jovens de localidades periféricas expressam uma “efervescência” que se espraia pelas brechas da sociedade global.

O mais importante a resgatar desse universo fortemente desqualificado²⁷ é a sua dinâmica social e cultural atual, na qual irrompe o desejo de visibilidade de suas expressões e dos territórios que, até então, só sofreram humilhações, estigmas e ódios da sociedade como um todo. O que chama atenção agora é: a obstinação em alguns casos em mostrar algo que ultrapassa as negatividades; os meios que tornam isso possível; os modos de organização coletiva, mesmo levando em conta que persiste para os moradores dessas localidades um ambiente de alta tensão e de conflitos devido à inexorável existência do tráfico de drogas e de armas. A criação

²³ LEITE, Eleilson de. A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. **Lê Monde Diplomatique**, 17 out. 2007. Caderno Brasil. Disponível em: <<http://nsae.acaoeducativa.org.br>>. Acesso em: 04 abr. 2008.

²⁴ Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa Social, cobrindo uma amostra de 1.074 favelados no Rio de Janeiro.

²⁵ A CUFA possui, atualmente, bases de trabalho em mais 8 (oito) estados da federação brasileira e já conta com mais de 5 (cinco) núcleos de trabalho, somente no Rio de Janeiro. <<http://www.cufa.com.br>>. Acesso em 08/04/2008.

²⁶ TV Cultura. TV Brasil. **A voz das favelas**: mitos derrubados. Programa nº. 455, exibido em 01 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 08 fev.2008.

²⁷ Sobre os preconceitos, estigmas e segregações sociais, remetemos à Takeuti (2002).

da CUFA²⁸ parece ser um emblema do que estamos discutindo aqui.

A Central Única das Favelas é uma organização nacional [desde 1998] que surgiu através de reuniões de jovens de várias favelas do Rio de Janeiro – geralmente negros – que buscavam espaço na cidade para expressar suas atitudes, questionamentos ou simplesmente sua vontade de viver. Estes jovens, em sua maioria, pertenciam ao movimento hip hop ou por ele eram orientados. A partir das reuniões, descobriram que juntos poderiam sonhar mais e se organizaram em torno de um ideal: transformar as favelas, seus talentos e potenciais diante de uma sociedade onde os preconceitos de cor, de classe social e de origem ainda não foram superados. (CUFA, 2008)

A proliferação de editoras e gravadoras especializadas na periferia, também nos chama atenção. Tony C (2005) nos conta:

Num desses catálogos das grandes livrarias, vejo uma lista com os 10 livros mais vendidos do mês. O Livro “Hip-Hop a Lápis” não está nesta lista. Minha reação é de felicidade! Afinal, conseguimos produzir, divulgar e distribuir um livro através da rede do movimento hip-hop. E lista nenhuma dos mais vendidos aparecerá o “Hip-Hop a Lápis”. Porque o livro não foi vendido e sim distribuído gratuitamente. Quando inventarem a lista dos “não vendidos”, o “Hip-Hop a Lápis” será um dos pioneiros da lista. Se isso não bastasse, o livro ainda é indicado para o prêmio Hutúz. Ser um dos cinco indicados ao principal prêmio de hip-hop brasileiro pelo voto da rapaziada com um projeto que não teve verba pra divulgação, distribuição já e o próprio prêmio. Quatro meses depois do lançamento. Os dois mil exemplares estão esgotados. E uma proposta de reedição não esta descartada. Mesmo que esta não saia, o conteúdo do livro está disponível no Portal Vermelho, para qualquer um gratuitamente. Mas, então, qual é o ganho desta publicação? Alguém poderia perguntar. São diversos os ganhos, como a proliferação da leitura e conseguir que os textos cheguem a quem não tem acesso à Internet. Mas entre os ganhos um dos que mais gosto é que o livro é um pretexto pra “invadirmos” novos espaços, alguns dos quais a favela nem conhecia. Poder entrar e sair pela porta da frente! Pode parecer pouco, mas só isso é algo que ataca muita gente. É tudo nosso! Tipo a galeria Ólido em São Paulo, cheio de atividades culturais que está se tornando um novo “point” de encontro do movimento hip-hop paulista. No Espírito

²⁸ **Os trabalhos da CUFA se dão em torno de 8 (oito) eixos do “hip hop”:** graffiti, DJ, break, rap, audiovisual, basquete de rua, literatura e projetos sociais. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 08 fev. 2008.

Santo, o lançamento aconteceu na assembléia legislativa, o extremamente luxuoso palácio que só não passou o sábado do dia 2 de outubro vazio porque a rapaziada do hip-hop ocupou para fazer o lançamento. Mas nem sempre a ocupação é física. Afinal, quantas pessoas você conhece entrou na USP sem o vestibular? Infelizmente nem eu nem outro da família “Hip-Hop a Lápis” estão cursando a USP, mas saber que os alunos de sociologia estão usando o livro como fonte de estudo é algo que me dá esperança; que a favela de certo modo está começando, e só começando, a ser ouvida. O livro me conduziu para lugares como a imensa sala da Secretaria de Justiça, junto à rapaziada do hip-hop para nos reunirmos com Hédio Silva Júnior, o Secretário de Justiça do estado de São Paulo. Ou para participar de debates com o MST na Universidade de São Paulo – USP a na escola Nacional Florestan Fernandes (TONY C, 2008).

Esses e outros aspectos vêm demonstrar essa vontade de, privilegiadamente pelas manifestações culturais do hip hop, “ampliar e atingir outras formas de expressões, conscientizando e elevando a autoestima das camadas não privilegiadas, por meio de uma linguagem própria”. Tony C (2008) revela um interesse, de modo genérico, que surge disseminado pela sociedade em torno da “periferia e hip hop”. Interesse espraiado em assembléias legislativas, fóruns acadêmicos, etc. Em seu relato há a preocupação de “invadir novos espaços”. Essa demanda por visibilidade e reconhecimento social se faz por um outro tipo de solicitação: arte/cultura. Um modo de lançar-se ao olhar social “entrando e saindo pela porta da frente”. Maneira nova de combater a vergonha social, estigmas e significações sociais atreladas aos jovens pobres e tudo aquilo que os concernem. O que “pode parecer pouco” é um mote para “atacar muita gente”. Em nossa ótica particular, fazer veicular novas significações vinculando hip hop à arte e a um estilo outro de ser jovem que passa ao largo das significações sociais incrustadas em “meninos de rua”, por exemplo. Essa vinculação é dinamizadora de, para referir a nossa tese, um novo sentimento pessoal para os jovens daquelas localidades. Dito de outra forma, essas “efervescências” ancoram novas significações que podem ressignificar a imagem de si desses jovens, produzindo novos projetos existenciais a partir de um sentimento de

Recentemente, descobrimos a existência da CUFA-RN e soubemos da organização de um torneio local preparatório para o campeonato nacional de basquete de rua. Interessante notar na reportagem televisiva, a quantidade de

expectadores presentes ao evento em um estado nordestino, cujos motes do torneio (hip hop e basquete) nunca despertaram interesse ao ponto de figurar como matéria de destaque na emissora afiliada da rede globo local em horário nobre. Independente do que seja a atuação da CUFA, local ou mesmo nacionalmente, o que importa considerar é essa disseminação de elementos ‘positivados’ de um extrato social cuja imagem sempre foi amplamente desqualificada na mídia.

Outro fato bastante curioso diz respeito às comemorações de fim de ano, que envolveram o aniversário da cidade de Natal-RN em 2008. Tendo o governo do estado contratado artistas tradicionais representando uma expressão regional como Antônio Nóbrega e Dominginhos, ao lado de outros consagrados na cena “pop” nacional, como Paralamas do Sucesso e o ex-ministro da cultura Gilberto Gil, surpreende-nos entre os shows o de MV Bill. O que, de qualquer modo, inscreve o hip hop na cena artística local, legitimado pelo estado e não por uma cultura “underground”, qualquer que tenha sido a razão para a inclusão de MV Bill na programação.

Esses fatos em nível local parecem dar indícios concretos de que há em curso transformações importantes no plano social-histórico, favorecendo a emergência de novas significações sociais (CASTORIADIS, 2002), em nível também local. Mais uma vez, reafirmamos que essas significações não “anulam” as já existentes. O que se dá em nossa ótica de análise é que ambas coabitam o imaginário social atual.

Localizado na favela Nossa Senhora de Fátima, em Belo Horizonte, está a rádio comunitária de maior audiência no país, a Favela FM (104,5 MHz). Segundo dados não oficiais (o Ibope inclui a rádio na categoria outras), a Favela FM é a segunda rádio mais ouvida na zona sul de Belo Horizonte e a quarta na região metropolitana da cidade. Os internautas também podem escutar os programas da rádio, que tem um site na rede mundial de computadores (www.radiofavelafm.com.br). No ar há 20 anos, e há apenas dois legalizada, a Favela FM tem, de acordo com seus fundadores, uma história marcada por protesto, resistência e defesa da cidadania. A história da Favela FM confunde-se com a da divulgação do hip hop pelo país. Por muitos anos desprezado pelos meios comerciais de comunicação, o hip hop encontrou nas rádios comunitárias um microfone aberto. Devido à importância dessas rádios, a Favela FM, por exemplo, é até citada em uma das letras do grupo Racionais MC's. No início de seu

funcionamento, em 1981, a programação somente ia ao ar à noite, com um transmissor ligado a uma bateria e um toca-discos a pilha. Santos, um dos fundadores, conta que eles sofreram muito com a repressão da polícia, porque, no início, a rádio não era legalizada. Eles começaram a conquistar a audiência quando transmitiam sua programação no horário do programa A Voz do Brasil, entre as 19 e 20 horas. “A Voz do Brasil é o que a periferia tem pra dizer”, afirma Santos. (CAETANO, DOMENICH, ROCHA, 2001)

Evidentemente, nem todo esse esforço altera o fato que quando o assunto são os jovens suburbanos, a ênfase tem recaído sobre aspectos negativos da sua cotidianidade. Contudo, em meio à globalização hegemônica (SANTOS, 2006), os “coletivos periféricos”, nos quais os coletivos juvenis aqui estudados tomam parte, parecem ter sido interpelados a um repensar de suas existências individuais e necessidades coletivas, em face das perspectivas do desemprego, do tráfico e do crime (ABRAMOVAY, 1999; GOUVÊA, 1990; MINAYO, 1992; NOVAES, 1997; TAKEUTI, 2002).

Interessante notar que, finda a década de 1990, proliferam vários grupos ou movimentos organizados nesses territórios negligenciados pelo Estado e desqualificados perante a sociedade oficial, suas ações se orientando no sentido de “cavar espaços” (vide o exemplo do Engenho de Sonhos, cap.4) de participação “política”, na cidade e para além dela²⁹. Ilusão, utopia, insurgência, modismo? Há quem comece a ganhar com isso: quadros em revistas eletrônicas sobre periferias, programas de jovens sobre tribos urbanas, empresas que se valem das leis de incentivo à cultura para “diminuir a mordida do leão” ou criar um diferencial para venda de produtos em torno da “responsabilidade social”, modismos que já mimetizam e desvirtuam esse clamor por reconhecimento. Independente da questão de “o que” ou “quem” se beneficia, é inconteste que há estilos e códigos sendo veiculados, vistos e também compartilhados muitas vezes por extratos sociais diversos de sua origem. No quarto capítulo, ilustraremos melhor essa afirmação.

Nos bairros da periferia há uma lógica dual operando com intencionalidades contrastantes, mas agindo concomitantes: um impulso sócio-cultural e o mundo da pobreza/crime/drogas. Outrossim, o que mais se tem dado a conhecer em termos de

²⁹ “O grito da periferia”, dirigido por Ricardo Lobo e transmitido pela TV Cultura de São Paulo, é outro exemplo desse esforço por visibilidade e discussão da realidade social brasileira.

periferia, refere-se a morte, assassinatos, latrocínios e crimes hediondos; sobrepondo-se, ao seu potencial inventivo e criativo em realizar a sua arte periférica. Uma arte em que parece prevalecer a composição, as sucatas (CERTEAU, 2007). E que ganha contornos mais nítidos através da expressão musical.

É no bojo dessas transformações sociais e culturais que os jovens participantes de um dos nossos dois grupos em análise (Posse Lelo Melodia), surgem no seu próprio bairro a partir do seu movimento cultural hip hop, como GPS – Grupo Periférico Suburbano, um pouco depois do aparecimento na cena nacional dos Racionais MC's que, a seu turno, tornavam visíveis novas “atitudes” e “maneiras de ser e fazer” dos jovens da periferia paulista.

Ao passo que os Racionais irrompiam em São Paulo, aqui no Nordeste, no ano de 1991, Francisco França e seus amigos Dengue, Lúcio Maia e Gilmar resolveram fundar um movimento musical e cultural em Recife denunciando a pobreza, as disparidades sociais e a depredação ecológica da cidade. Francisco passou a ser conhecido como Chico Science. Estava criado o “mangue beat” e o grupo Chico Science e Nação Zumbi. O estilo musical poderia ser classificado à la Certeau (2007) como um “saber-fazer”, uma arte popular que se exprime através de inovações técnicas, nesse caso, a junção de elementos de samba, reggae, “world music”, do som de James Brown/George Clinton, e transformá-los numa arte de sucata, incorporando o hip hop e estabelecendo uma ‘tática popular’ que realiza ‘golpes’ na ordem musical estabelecida pela indústria fonográfica na cena nacional.

O mérito dos Racionais e Chico Science é o de romper os limites com o que se convencionava estandardizado em termos de consumo musical, movimentar as atenções para uma produção artística e cultural que se gesta no interior e se projeta para fora das localidades periféricas. Trazendo com isso gestos, atitudes, denúncias e estilos em que uma parte dos jovens dessas localidades reconhece como um “orgulho” ao pertencimento à periferia; levando, inclusive, alguns da classe média a adotarem (caso do manguebeat) como símbolo de contestação das instituições sociais vigentes (ARAÚJO, 2004).

Pais (2004), em seus estudos, constata que não é novo o fenômeno de coletividades juvenis. Maffesoli (1988) a ele já se referia, sublinhando os traços da afetividade e proximidade, que faz emergir uma sensibilidade em comum. Durkheim, na última parte das formas elementares, conceitua “efervescência coletiva” enquanto um fenômeno que ao mesmo tempo transgride e igualmente alimenta e regenera o

social, através de vínculos permanentes ou junções instáveis. Tais efervescências seria um caminho para que as representações coletivas alcançassem seu estado máximo de intensidade, via os elos que se instituem entre os homens, instituindo igualmente símbolos coletivos, como no fenômeno do totemismo.

Por tudo isso, tais astúcias que se delineiam no interior das favelas e nos bairros da periferia são indícios tanto de uma arte de fazer (CERTEAU, 2007) quanto de uma arte de pensar. Evidenciam, assim, um gesto de recusa ante certo “determinismo social”, que se espera desse extrato da sociedade. Essa recusa, como pretendemos analisar melhor nos próximos capítulos, é um ato de resistência ao “poder” no sentido Foucauldiano. Uma “microfísica” (FOUCAULT, 1997), uma “política do dia-a-dia” que expressa uma biopotência (NEGRI, 2003). É preciso dizer que nada disso ocorreu de forma gratuita.

Veremos, na segunda parte deste trabalho, exemplos diversos dessas “maneiras de fazer”, posta em prática pelos coletivos Jovens Construindo Sonhos e Posse Lelo Melodia. Por ora, digamos que essas efervescências coletivas de ambos os grupos têm como suporte o hip hop e oficinas artísticas. Além disso, serve-se das tecnologias de informação utilizando a internet como estratégia de coligação a outros atores sociais. Ainda é possível entrever novas formas de dialogar com partidos políticos, com agências de fomentos, com órgãos do governo e com ONG’s. Assim reinventam vínculos e novas formas de agregação social, deixando muito claro que na Zona Oeste de Natal, como em outras metrópoles urbanas, pululam modos de agir em coletividade que se distanciam do que é tradicional em termos de movimentação juvenil, e que marca as efervescências ocorridas em mais de uma década em nossa cidade.

No capítulo seguinte teremos a oportunidade de nos debruçarmos em algumas narrativas de vida, ilustrando as sendas existenciais de jovens entre recaídas nas drogas ou em atos delinquentiais e retornos à “militância”. Através das mudanças ocorridas no interior da própria sociedade, como a revolução informacional que refletiremos no capítulo quarto, ocasionando novos arranjos participativos para os movimentos sociais. Além disso, é certo que como vimos discutindo nessa seção novas significações sociais sobre a periferia, também produziram ao nível da estima de si dos jovens, possibilidade de ressignificação dos estigmas contidos no imaginário social. Nesse processo foi produzido, lentamente, um determinado capital cultural e social para alguns grupos juvenis específicos.

Quando voltamos o olhar para o nível local, constatamos que foi preciso quase uma década, para o coletivo da Posse capitalizar competências sociais e políticas (BOURDIEU, 2004) que, possibilitariam atualmente, começar a engendrar projetos mais concretos, ao nível de suas ações culturais e políticas, como veremos nos capítulos quatro e cinco.

Finalizando esta seção, reafirmamos que as efervescências apontadas aqui nas regiões periféricas das grandes cidades, mas cuja penetração irradia graças aos novos arranjos comunicacionais na sociedade atual, evidenciam as potencialidades daquelas localidades, problematizando os estereótipos e estigmas que a cercam. Nesse sentido, insistimos na idéia de que outras significações sociais (tais como: “periferia”, “jovens de projetos”, “protagonismo juvenil”, “hip hop”) estariam presentes no imaginário sobre juventude na contemporaneidade. Conseqüentemente, discutimos o que ocorre de novo no plano sócio-histórico e sua possibilidade de gerar tanto uma representação ao nível societal quanto uma auto-representação de uma parcela da juventude brasileira, que se situa em nível local na Zona Oeste de Natal. A partir dessa clivagem no campo da juventude, a discussão do jovem enquanto um sujeito de direitos guia-nos para problematizar também a temática da punição e a criminalização da pobreza na próxima sessão.

2.3 O SER JOVEM NO CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: DOS JOVENS “MENINOS DE RUA” PARA OS “JOVENS DE PROJETO”

Nosso escopo é mostrar nesta seção a emergência de uma nova categoria de jovens nas periferias urbanas, dentro do contexto maior da eclosão da “cultura periférica” que referimos na seção anterior. De antemão, adiantamos que essa parcela juvenil assina suas ações através de ‘táticas’ no sentido dado por Certeau (2006) e não como transgressão ou “insurgência contra o sistema”, num sentido de uma ruptura com “stabilishment” através da violência, ao mesmo tempo em que se veem premidas pela punição enquanto prática normativa da sociedade, a partir das significações sociais atribuídas a segmentos específicos da população juvenil em nosso país.

Verificamos, na seção anterior, uma autovalorização (ao menos por parte de alguns segmentos jovens de bairros como Guarapes) nos dias atuais, daquilo que

vem sendo denominado como “cultura da periferia”. Indagamos, nesta seção, que tipo de significações sociais estariam sendo disseminadas no imaginário sobre juventude na sociedade contemporânea. Com Castoriadis (2002), compreendemos que toda sociedade cria seu próprio mundo, criando as significações que lhe são específicas. Essas significações são sociais por serem obras de um coletivo anônimo e imaginárias, por serem instituídas pela própria sociedade historicamente e, a todo o momento, através de um magma de significações produzido por esse mesmo coletivo, através da potência criadora que existe em cada sociedade e cada sujeito que a constitui. Imaginário, portanto, não significa fictício, ilusório ou especular, mas, sim, posicionar novas formas. Essas formas, criadas por cada sociedade, fazem existir um mundo com representações, valores, normas, orientações tanto da vida coletiva quanto individual. E que são encarnadas por suas diversas instituições.

Nesse sentido, importa-nos debruçar sobre o advento dos “jovens de projeto”, confrontando-o com os resultados de nossa pesquisa local realizada uma década antes, versando sobre os jovens “meninos de rua”. Consequentemente, discutir a emergência no plano sócio-histórico de novas significações imaginárias sociais e as ressonâncias possíveis em uma dada parcela da juventude brasileira, que se aloca em nível local na Zona Oeste de Natal. Uma questão que nos acompanhou nesse período era sobre a possibilidade dos coletivos juvenis em intervir nas significações sociais atribuídas aos segmentos estigmatizados, particularmente o juvenil.

Nossas pesquisas anteriores nos permitem identificar como está presente, ao nível local em Natal e na sociedade brasileira em geral, as significações imaginárias sociais sobre juventude. Como dissemos na introdução deste trabalho, podemos situar três momentos distintos da pesquisa com juventude que tomamos parte nos últimos 14 anos (TAKEUTI, 2008a).

Em primeiro lugar, a fase dos “meninos de rua” que abrange o período de 1995-1999 (momento de nossa graduação). Sob a cobertura dessa designação encontramos jovens que perambulavam pelas ruas, mas que mantinham o seu processo de afiliação, ou seja, eles permaneciam com uma referência familiar, vindo diariamente, ou de tempos em tempos dormir em casa; tínhamos os meninos e jovens envolvidos em turmas e galeras, usuários de substâncias como o crack, que pegavam em armas, tinham rixas com jovens de outros bairros e eram perseguidos

pela polícia, e aqueles que tinham a rua como espaço de ócio, dispêndio, lazer. Estavam juntos dos outros nos momentos de “estar à toa”, jogar bola, eventualmente fumar alguma coisa. Todos eles, juntos ou separados, poderiam participar de ações socialmente mal vistas, como esconder roubo, furtar bolsas no sinal, esconder drogas e armas. Não havia esboço de projetos coletivos, e as aspirações individuais eram em torno de ideais mais voltados para a sobrevivência física e menos para um projeto global de si, como outros jovens de classe média.

A vergonha social, para usar uma expressão de Gaulejac (2006) é uma realidade vivenciada subjetivamente em função de condições objetivas. Gaulejac diz que pobreza é fator de vergonha na medida em que leva a pessoa a ser desprezada pela “gente de bem”, a ser rejeitada pela escola e pela administração pública. Para os jovens meninos de rua, o olhar social estigmatizador era um dos grandes entraves a que estavam submetidos. Gerador de um sentimento de vergonha social, era preferível uma identificação às avessas, através de práticas transgressivas. Isso já o dissemos, mas acrescentemos que, de acordo com Gaulejac (2006), os jovens tornavam-se sensíveis ao que a sociedade via como suas deficiências, levando-os a admitir, inconscientemente ou não, em alguns momentos, que não estão a altura do que deveriam ser. Ao internalizar uma visão de si mesmo que o desqualifica perante si mesmo, um sujeito ou um grupo estabelece uma visão que destrói por dentro toda a capacidade de sair dela. Está preso a um sistema paradoxal, uma vez que para mudar é preciso que seja diferente do que é, mas ser o que é demonstra justamente sua incapacidade de ser “como se deve ser”.

As ações de coletivos, como o MNMMR, eram bastante fragmentadas e não conseguiam mobilizar um contingente juvenil expressivo, constituindo uma identidade juvenil dos moradores de periferia, mesmo quando sustentava bandeiras universais como os direitos da criança e do adolescente. Um elemento gerador de bastante ambivalência e, talvez, decisivo para essa pífia mobilização, era a identidade do próprio movimento que se instalava a partir da sigla MR (Meninos de Rua). Como tomar parte em um movimento tão carregado de significações sociais pejorativas, desqualificantes? Que tipo de sujeito social poderia emergir a partir de um lugar social de profunda rejeição como aquele? Preferível ser jovem “pobre e trabalhador” ou “delinquente” a carregar esse fardo simbólico (TAKEUTI, 2002).

Apesar da capacidade de articulação através da fala de jovens expoentes do MNMMR como Demo, Beaba, Naim, entre outros, era patente que ao assumirem

“serem o que eram”, parafraseando Gaulejac (2006), eram cada vez mais investidos de um olhar social segregador e desqualificante por serem “meninos de rua”. Os itinerários possíveis nesse movimento de invalidação, muito embora a luta por direitos, pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), resvalavam em: a) imobilismo traduzido pela falta de emprego e de oportunidades de qualificação profissional; b) bicos, trabalho informal ou empregos pouco valorados socialmente como “gari”; c) a assunção da vida ‘bandida’, integrando grupos que praticavam delitos diversos: de furtos ao tráfico. Não raro, esses itinerários se sobrepunham ocorrendo concomitantemente na vida de alguns deles (TAKEUTI, 2002).

No segundo momento, a fase de 2000-2004, Takeuti (2008a) chama esse período de fase do Fórum Social de Construção do Protagonismo Juvenil. Naquele momento (estávamos engajados no mestrado), encontramos uma situação que se repetia em muitas outras áreas do território nacional: Jovens envolvidos em projetos sociais, buscando espaços de expressão e guarida, na ausência de políticas de proteção e de políticas públicas efetivas para a condição juvenil. Acompanhamos o Fórum Engenho de Sonhos, emblemático de uma fase em que os jovens envolvidos em mobilizações em prol da melhoria de vida do bairro, da luta contra a pobreza e a violência, adquiriam um novo repertório discursivo, acessavam novos bens simbólicos, assimilavam novas identificações, porquanto agora vinculados a uma instituição na qual poderiam espelhar-se positivamente ao contrário de Dão e seus companheiros.

Encontramos aqui toda uma nova geração de jovens que denominamos de “jovens de projetos”, cujas características marcantes eram os aspectos positivos, as potencialidades dos bairros onde moravam e o desejo de se tornarem “protagonistas sociais”, aspirando a uma vida com liberdade e poder de realizar os sonhos que acalentavam para si. Junto a eles reencontramos, mais amadurecidos, algumas crianças que no passado participavam de nossos trabalhos juntos ao MNMMR.

Vínculos era uma palavra forte nessa fase ao observamos as movimentações dos projetos sociais e das ONGs. Vinculação gerando pertença. Pertença que poderia, em alguns casos, suprir as deficiências de grupos primários como a família e fornecer-lhes um suporte afetivo e também efetivo para investirem em projetos para si mesmos. Pertenciam a uma coletividade positivada, uma “rede do bem”. Muito normalmente, os educadores adentravam o interior de suas casas e suscitavam nas famílias a confiança e o respeito para que os jovens

permanecessem nos projetos. Por outro lado, muitos pais questionavam o que estariam ganhando os filhos envolvidos com o Fórum Engenho de Sonhos, alguns até se queixando de que os filhos “perdiam tempo” em “coisas sem futuro”, como atividades artísticas.

Ora, voltando ao exemplo do jovem Rob, citado anteriormente, participar de ações sociais é receber um novo olhar, não mais desqualificante, como um “menino de rua”. Ao redefinir uma imagem de si, essa nova geração de jovens reelabora um sentimento pessoal frente à vergonha, facultando-lhes novas construções de sentido para suas existências. Hoje, encontram-se investidos de uma disposição em descortinar espaços de atuação e expressão que os projetos sociais lhes facilitam. Retomam o interesse pelos estudos em face da necessidade de se expressar e fazer compreender melhor, oralmente e por escrito. Buscam, através da identificação com as ações sociais, uma profissionalização possível. Por exemplo, o trabalho na rádio comunitário suscitou para alguns o desejo de aprender a trabalhar com a mídia. Alguns aspiram à carreira de educadores sociais, seus “ídolos”, e tornam-se estudantes de cursos em nível superior, como serviço social. Outros aproveitam as referências dos projetos e conquistam espaço no comércio local, em lojas, conveniências, restaurantes. Em geral, constatamos uma identificação com o “potencial da periferia”, com aspectos positivos que geram uma outra identificação para esses jovens, mais ligada ao fato de ser tenaz, trabalhador, esforçado, dedicado, persistente, responsável ao mesmo tempo em que se é morador de Felipe Camarão, Guarapes ou outro bairro da Zona Oeste, estigmatizado socialmente.

Dito isso, poderíamos supor que o engajamento em projetos sociais parece ser uma via de investimento da sociedade disciplinar cooptando uma parte dessa juventude periférica, “docilizando-lhes” os modos, aplainando-lhes os “espinhos”. Seria uma decorrência natural dos jovens cativos do Brasil colônia, agora subsumidos a um novo sistema de “servidão voluntária”. Mas, hoje, em meio a essas ocorrências, outras significações sociais, mobilizadoras de um projeto de autonomização, mais ou menos explícito, também seria possível de ser divisado. Esse projeto poderia também ser coletivo e incidir atualmente na produção de si dos jovens dessas localidades?

Nesse terceiro momento de investigação, que inicia com o doutorado em 2005, voltamos aos “jovens de projeto”. Nessa retomada, centramo-nos nos pequenos coletivos que articulados em grupos independentes de filiação partidária,

sem financiamento próprio, ou ligação com ONGs seguiam uma “carreira solo”. Tratava-se de grupos de jovens inquietos, que buscavam estratégias coletivas de sustentabilidade e que pretendiam seguir um caminho traçado por suas próprias cabeças, tendo rompido com o Engenho de Sonhos (caso da Posse Lelo Melodia) ou agindo a partir de sua finalização (Jovens Construindo Sonhos). Tratava-se agora de um tipo especial de “jovens de projetos”, que, além da cena cultural, desenvolviam atividades engajadas, eram ativistas em seus bairros e mantinham preocupações que eles próprios denominavam como sendo de cunho “político”.

Os “jovens de projeto” organizados nesses pequenos coletivos juvenis emergem no contexto do que Takeuti nomeia enquanto “cultura da periferia” (TAKEUTI, 2008b, 2009). A sociedade tem curiosidade em ouvir o que eles têm a dizer. Os jovens de projeto estão na mídia, dão entrevistas, são ouvidos pelos políticos e são convidados a participar de ações governamentais. Observam-se com interesse suas manifestações artísticas. Fundações internacionais acreditam que incentivar a “educação” e a “cultura” pode acabar com a pobreza. Esse pode ser um discurso higienista, de controle social, na intenção de monitorar essa população como se monitora e controla pragas em uma lavoura. Mas, para os grupos advindos de projetos sociais, ONG’s, e que já estagiaram em Fóruns de protagonismo social, tudo isso redundava em oportunidades. Particularmente, os dois coletivos que acompanhamos na Zona Oeste de Natal, estavam ultrapassando o ser “jovem de projeto”, talvez se tornando “jovens periféricos³⁰” e agora definindo um curso novo para suas trajetórias pessoais e coletivas. Não eram mais os mesmos “bobinhos”, como costumam referir a si mesmos no passado. Pragmaticamente, voltam-se para o reconhecimento social, imprimindo uma intencionalidade voltada para a construção de saídas em meio a adversidade do cotidiano que experienciam. Há um desejo por visibilidade, por reconhecimento e legitimação de seus anseios. Por busca de apoio e suporte, e não apenas por “doações”, “esmolas”, que uma visão assistencialista, ensejava anos atrás.

Há em seus discursos, o desejo de construir um sentido para suas vidas. E esse projeto inclui o seu entorno: o bairro onde moram, sua família, seus

³⁰ Não temos uma expressão que possa caracterizar o que está acontecendo hoje com esses jovens sujeitos de nosso trabalho. Algumas vezes, eles referem a si mesmos como “militantes sociais”. Em diversas passagens, usamos essa expressão ou outras que consideramos equivalentes, como “engajados sociais”, “ativistas sociais”. Evitamos o uso de uma autodenominação do período do Fórum Engenho de Sonhos, que era a de “protagonistas sociais” porquanto a dissertação de mestrado problematiza essa denominação no quadro daquele projeto social.

descendentes. Neste terceiro momento, fica claro que as ações dos coletivos se orientam para assunção das diferenças, o desejo de transformar sentimentos pessoais e a visibilidade da sua presença. Estamos diante agora de artes de fazer (CERTEAU, 2007) que podem, informalmente, infletir em políticas públicas para a juventude a partir de um fazer local.

Em meio a essa empreitada, um dos desafios desses coletivos juvenis, justamente no âmbito do imaginário social brasileiro, seria o de sair das malhas das significações sociais a eles atribuídas. Suas maneiras de fazer, ancoradas na arte, na “cultura periférica” e na mobilização social poderiam esboçar uma forma de mudar as significações sociais instituídas, talvez produzindo novas significações sociais acerca dos jovens moradores de bairros violentos e “perigosos”. Mas esse é um trabalho que, mesmo sendo bem-sucedido, só poderá ser conhecido numa geração posterior. Isso porque se é verdade que o hip hop está na mídia, também é verdade que a resposta da sociedade para os indivíduos nem sempre é clara, efetiva, ou rápida para a sociedade ou para os indivíduos. Que queremos dizer com isso? Que ainda levará muito tempo para que as significações sociais amalgamadas no próprio “corpo” da sociedade e que definem o que é ser jovem no Brasil possam sofrer modificações substanciais. E aqui enfatizamos uma vez mais, especialmente para o segmento juvenil pobre em nosso país. Há que suplantar o ódio ao outro depositado nos ombros dos jovens como o diferente que “fere” e incomoda a aparente harmonia do viver coletivo, e que revela as contradições do sistema capitalista que funda a sociedade brasileira. Sobre eles, o discurso higienista e purificador foi bem mapeado, entre outros em nível local por Takeuti (2002), expondo a clivagem da juventude e o imaginário social enganoso, sintomas do mal social que precisam ser eliminados.

As significações mortíferas acerca da juventude pobre no Brasil tentam dissimular o fracasso do projeto civilizador ancorado no “mito do progresso”. Dizemos isso, atentos a Castoriadis (1992, 2007), em suas reflexões sobre o racismo, dos perigos de uma sociedade que se funda em heteronomia perdendo a capacidade de reconhecer as diferenças, de resguardar a alteridade. Em termos de história do nosso país, essa conta começa no Brasil colonial. Os “meninos de rua” são os herdeiros de um passado escravagista, nova encarnação dos cativos, dos bastardos que livres, paradoxalmente encontram-se presos no enredamento de significações depreciativas que iguala pobre a ladrão, ou jovens a elementos

“perigosos”, “descontrolados”, “perturbadores da ordem” em sua maioria negra, a receberem a herança de dívidas econômicas e simbólicas da colônia, império e república; o que leva Edcelmo a dizer que essa história de dificuldades vem “lá de trás”, pois “(...) uma família consegue comprar uma casa depois de 500 anos. (...) Nós viemos da rua, dos escravos estuprados”.

Numa perspectiva histórica e social, apresentamos as idéias de Souza (2006). Deter-nos-emos na segunda subseção da terceira parte, “A ‘ideologia espontânea’ do capitalismo tardio e a construção social da desigualdade” (SOUZA, 2006). Nela, Souza (2006) discute a noção de *habitus precário*, fazendo referência aos setores mais tradicionais da classe trabalhadora alemã em meados do século XIX, bem como da brasileira a partir de 1930, incapazes de atender às demandas por qualificação em função do contínuo processo de formação e da flexibilidade da chamada sociedade do conhecimento. Tanto no caso alemão como no brasileiro, ocorreu a formação de um segmento de inadaptados, resultado do chamado *habitus primário*, que são “esquemas avaliativos compartilhados objetivamente ainda que opacos, e quase sempre irrefletidos e inconscientes que guiam nossa ação e nosso comportamento afetivo no mundo” (SOUZA, 2006, p. 174). De acordo com Souza (2006), em sociedades periféricas, como a brasileira:

[...] o *habitus precário*, que implica a existência de redes invisíveis e objetivas que desqualificam os indivíduos e grupos sociais precarizados como subprodutores e subcidadãos, e isso sob a forma de uma evidência social inofismável, tanto para os privilegiados como para as próprias vítimas da precariedade, é um fenômeno de massa e justifica minha tese de que diferencia substancialmente esses dois tipos de sociedades e a produção social de uma ‘ralé’ estrutural nas sociedades periféricas. Essa circunstância não elimina que, nos dois tipos de sociedade exista a luta pela distinção baseada no que se chama de ‘*habitus secundário*’, que tem a ver com a apropriação seletiva de bens e recursos escassos e constitui contextos cristalizados e tendencialmente permanentes de desigualdade. Mas, a consolidação efetiva, em grau significativo, das precondições sociais que permitem a generalização de um ‘*habitus primário*’ nas sociedades centrais torna a subcidadania, enquanto fenômeno de massa, restrito apenas as sociedades periféricas, marcando sua especificidade como sociedade moderna e chamando a atenção para o conflito de classe específico da periferia (SOUZA, 2006, p. 177).

A produção de uma ‘ralé estrutural’ nas sociedades periféricas apontada no trabalho de Souza, convergiram no âmbito de nossas análises também para a produção de significações sociais imaginárias em torno dessa “subcidadania” no interior de países como o Brasil. Assim, o imaginário social ‘danoso’ resultaria do próprio processo de construção da sociedade brasileira (TAKEUTI:2002). As práticas de segregação, de proscricção e as ações “profiláticas” (no sentido de Foucault), incluindo as ações de “limpeza” dos grupos de extermínio, estariam permeando todo o tecido da sociedade brasileira.

[...] naturalização da desigualdade periférica não chega à consciência de suas vítimas, precisamente porque construída segundo as formas impessoais e peculiarmente opacas e intransparentes devido à ação, também no âmbito do capitalismo periférico, de uma ideologia espontânea do capitalismo’ que traveste de universal e neutro o que é contingente e particular (SOUZA, 2006, p. 179).

Souza (2006) tenciona demonstrar que a desigualdade social traduz-se como a mais importante contradição da sociedade brasileira, demonstrando-a como um conceito opaco ao revelar-se como um processo “naturalizado” de gente, sub-gente e não-gente.

A reflexão de Castoriadis (2007) faz ganhar fôlego nossa discussão, porque podemos pensar que, se no Brasil colonial o escravagismo traz uma significação imaginária social central da criança e jovem negra como “explorável”, “convertível”; hoje nas sociedades contemporâneas é o discurso racista que impressiona incutido nas significações imaginárias contemporâneas que redundam na eliminação da alteridade. As significações imaginárias sociais de “explorável”, “convertível”, presentes no Ser criança e no Ser jovem cativos, que é central no escravagismo, não impede a convivência com aquele que é considerado inferior. O que parece ser realmente mortífero do ponto das significações imaginárias sociais hodiernas que se consubstanciam na rotulagem “menor”, “meninos de rua”, não é considerar a juventude pobre e periférica atual como inferior ou explorável, mas, sim, como eliminável (não-gente).

Para fortalecer essa preocupação e ao mesmo tempo as evidências empíricas que lhe dão forma, passaremos a alguns apontamentos sobre outro campo para complementá-la, a saber: o da punição.

Um conjunto de autores, entre eles Wacquant (2001), apresenta toda uma discussão em torno da punição no mundo contemporâneo, assinalando a mudança de um estado social para o estado penal. Tais estudos apontam que nas sociedades contemporâneas, as políticas de bem-estar no âmbito penal, baseada na recuperação dos criminosos, vêm sendo substituídas por políticas voltadas para a imobilização e neutralização dos criminosos. O estado passa a encarcerar um número maior de indivíduos a partir do endurecimento das medidas punitivas, substituindo o estado de bem-estar social, tendo em vista a atrofia dos direitos sociais e a hipertrofia das políticas de controle social, mais fortemente na Grã-Bretanha e USA a partir dos anos 70.

O conceito de criminalização da pobreza (ou criminalização da miséria) é trabalhado por Wacquant³¹ (2003) em seu livro “Punir os Pobres”, e se refere, de forma resumida, às práticas sociais e estatais que visam dar conta do excedente da miséria não administrável pelas políticas públicas. A tese de Wacquant que nos é cara para a argumentação que vimos desenvolvendo é que justamente nos países que notadamente as desenvolveram; as chamadas políticas de bem-estar social estão sendo paulatinamente substituídas por políticas de criminalização da miséria. E com elas, novas retóricas sobre o crime e novas representações acerca da punição. Um exemplo é a doutrina da ‘tolerância zero’, em Nova York, influenciando e dominando nas políticas de segurança públicas. Essas políticas acabam sendo, no entanto, referendadas em momentos de eleições, em plataformas apresentadas e respaldadas nas urnas pela população. Bauman (1999) aponta para a corrosão do mundo do trabalho na contemporaneidade e a prisão como instrumento de correção das classes trabalhadoras: imobilizar e neutralizar os grupos excluídos da nova economia.

Um quadro mais dinâmico e mais complexo apresenta operadores que convergem para a punição enquanto um campo próprio: a humanização das penas. É um processo que aparece de modo bastante ambíguo, como já apontava Foucault (vigiar e punir): o declínio do caráter suplicante das penas não é uma vitória humanista, mas uma reorganização do modelo penal que se estrutura a partir de novas formas disciplinares de controle e, enfim, de poder, diagnosticando que o poder nas sociedades modernas também se espalha através das instituições da

³¹ WACQUANT, L. **Punir os Pobres**: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

própria sociedade; configurando-se doravante enquanto sociedade disciplinar. As idéias de Foucault suscitaram desdobramentos em autores como Deleuze (1992), que sugere que, já no final do século XX, as sociedades disciplinares tornam-se sociedades de controle: as novas tecnologias de segurança (câmeras, dispositivos de identificação, etc) realizam ao ar livre o controle dos indivíduos na sociedade³².

Especula-se que atualmente retornam não só as práticas supliciantes através das retóricas de endurecimento das penas e tratamento dos presos, mas acentua-se paralelamente a isso uma multiplicação de controles dispersos em toda a sociedade que se superpõe a essas práticas. Elias diz em seu livro, 'O processo civilizador', que há um recrudescimento da violência física e incremento do autocontrole do sujeito na sociedade. A centralização e controle da violência por parte do estado dariam a possibilidade de uma "ampla pacificação" da sociedade. Pune-se com menor crueldade, porque a distribuição de poder na sociedade é menos assimétrica. O estado moderno tornaria a punição menos imprevisível e mais controlado, daí a crueldade passa a ser vista como intolerável, tanto por parte do Estado, com o monopólio da violência considerada legítima, quanto dos indivíduos em suas relações cotidianas.

Mesmo trabalhando com matrizes teóricas distintas, parece haver pontos de contato no seguinte: a necessidade de autocontrole individual com uma sociedade que é cada vez mais interdependente, por isso não se pode punir de modo cruel. Foucault lembra que o soberano era o corpo do estado, algumas vezes um poder "divino", portanto a assimetria era total. O argumento de contato: romper com a assimetria significa que já deve se considerar aquele que será punido um "igual" e, portanto, não haveria justificativa para a crueldade na penalização, porque aquele também é um cidadão como nós. Mas o crescimento das desigualdades (globalização, a crise no âmbito do Estado, etc) apresenta uma ambivalência nesse processo no mundo contemporâneo e faz retornar essas questões de outro modo: estaríamos em curso de um processo 'descivilizador'.

No Brasil, isso seria claro porque nunca nos constituímos enquanto sociedade de bem-estar social. Nos discursos sociais circulantes na sociedade brasileira, tanto na mídia quanto na opinião pública (em Castoriadis ao nível das significações sociais sobre a pobreza e a marginalidade), é possível ler que o outro transgressor

³² DELEUZE, G. "Post-scriptum sobre as sociedades de controle". In: **Conversações**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

não é um cidadão como eu, como se ele vivesse em outro espaço social diferente de mim. Eu não o reconheço (veja-se Enriquez e a questão do não reconhecimento da alteridade no capítulo 5). Isso fica claro quando nos debruçamos nas significações contidas nos discursos circulantes na sociedade brasileira. Um pai entrevistado pela mídia ao manifestar sua opinião quanto à penalidade do seu filho, que havia espancado brutalmente uma empregada doméstica. O pai afirmava que o filho não deveria ficar preso porque ele tinha família. Logo, no discurso sobressai que os jovens que estão presos não têm família e por não possuírem afiliação devem pertencer a outro lugar, um “lugar nenhum”. Apesar do requinte de violência aplicado por jovens de classe média de Brasília incinerando índios, ou jovens paulistanos que espancam trabalhadores na rua, não há uma manifestação pública de que os mesmos sejam imputados à pena de morte. Não se pode dizer o mesmo da reação aos grupos de extermínio de jovens (TAKEUTI, 2002). Pululam exemplos como esses. Nos diversos jornais de circulação local (entre 1995-1998), era possível ler manchetes como “menor assalta criança”.

Aqui, reconectamos com a discussão de subcidadania presente em Souza (2003) e que introduzimos anteriormente. Os exemplos atestam a existência de um abismo social que separa os elementos indesejáveis (“menores”, “meninos de rua”, etc) de nosso espaço compartilhado. Durkheim (2004) já argumentava que crime é aquilo que a sociedade considera e sanciona como sendo tal. Crime e punição fazem parte da reprodução da sociedade. O problema da sociedade moderna passa pelo que a sociedade ‘sente’ com sendo ‘atacada’ ou como moralmente ‘ofendida’. Em “A divisão do trabalho social” (DURKHEIM, 2004), há um argumento que posiciona a pena como uma reação passional à ruptura das normas fundamentais da consciência coletiva em uma dada sociedade.

O que decorre dessa argumentação é que a essência da pena não é racional no sentido de um cálculo instrumental, mas, sobretudo, passional no resultado de um sentimento de violação das normas sociais. As pessoas se sentem revoltadas quando alguém faz algo que fere sentimentos morais na sociedade.

O que chama atenção é que o argumento deixa entrever que há um lado mais obscuro na punição que ultrapassa seu caráter instrumental. Ela nos engaja emotivamente, porque fere os sentimentos compartilhados por uma sociedade. Nesse contexto, é possível entrever que há em Durkheim, ao contrário do discurso

iluminista, não uma ruptura, mas um vínculo entre punição e vingança, atando afetos e representações coletivas, anônimas e imotivadas.

Apesar de estarmos ilustrando a questão da punição através de uma matriz teórica funcionalista, a idéia que discutimos aqui nos faz retornar a Castoriadis (2007) quando afirma que cada sociedade, a cada momento, considera que tais ou quais comportamentos ferem o modo de ser da sociedade e criam sanções e punições para isso.

É o que acontece com a discussão sobre a maioria penal, principalmente quando acontecem crimes envolvendo jovens que ultrajam as crianças inscritas no outro mundo da cidadania (caso do menino João Hélio³³). Há uma identificação com “este um” e um silêncio sepulcral em relação aos mortos por grupos de extermínio. Ao invés da produção de um “discurso neutro”, a saída passa por ver os discursos que estruturam a própria organização social.

A naturalização do crime traz como decorrências inevitáveis: o criminoso como um “vírus” no interior da própria sociedade; a idéia que há aqueles que podem ser mortos e outros não. Inexiste um consenso social e a sociedade não consegue deixar clara para si o que quer. Mantendo a inspiração em Castoriadis (1992), o caminho não é procurar o consenso, mas evidenciar as diferenças, propor um confronto com a alteridade, com as faltas, com a fratura na sociedade, enfrentando-a nos planos políticos, sociais, mas sem desconsiderar a sua dimensão simbólica. Sucede, no entanto, o contrário: a criminalização da pobreza através do refreamento punitivo dos pobres em bairros cada vez mais isolados e estigmatizados por um lado, e em penitenciárias, por outro. Criminalizar, isolar em regiões distantes do dinheiro, dos turistas ou em penitenciárias.

Marcos César Alvarez (2003) avalia que o Brasil nunca completou as políticas de bem-estar social, e, em função disso, a ausência de políticas de proteção social ressoa nos tempos atuais. A questão da juventude, seguindo essa via teórica, pode ser resumida assim: a partir da hierarquização da cidadania desde o final do século com república. Processo perverso. Reprodução da hierarquia. A herança escravista é parte do problema. Ele (escravo) é visto como potencialmente perigoso. A hierarquia vai se reproduzindo, mesmo com a mudança de regime. Com a

³³ Em 08 de fevereiro de 2007, o jornal “O Globo” publica a seguinte manchete: “Menor envolvido em morte de menino ficará detido por no máximo três anos.” Tratava-se de uma manchete aludindo a um crime que comoveu a opinião pública. João Hélio, 6 anos, ficou preso ao cinto de segurança do carro e foi arrastado, junto ao carro, durante a fuga dos assaltantes que dirigiam o veículo.

república é chave hierarquizar as pessoas, mesmo com o código penal dizendo que todos estão iguais, os pobres e menores eram potencialmente perigosos, não obstante não estar no código. A criança pobre concretiza-se como ameaça para a segurança pública, pois seriam os futuros bandidos da sociedade. Essa preocupação se revela no primeiro Código de Menores em 1927, na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e em todo um conjunto de práticas de mapeamento e controle de um grupo socialmente perigoso. Os menores pobres, não só naquela época, mas no imaginário de hoje, permanecem como perigosos. O código de 1927 delimita: se a criança pobre não está trabalhando, ela é potencialmente um transtorno. Não passa na cabeça da elite, ou passa pouco, que se deve dar educação porquanto os criminosos podem se tornar “instruídos”; mas é incontestemente a idéia que se deve dar disciplina. Então, o instituto disciplinar nasce em 1902, com a idéia de dar disciplina às crianças que não são civilizadas e que podem terminar no crime. Alvarez (2003) indaga se isso seria o medo da cidadania.

Os Códigos de Menores³⁴ nada têm de imparciais, pois se constituem em meio a um determinado jogo de forças econômicas e sociais. O conceito de menoridade não se vincula apenas à correlação etária, e sim afirma uma subjetividade de abandono, de delinquência, de periculosidade, ou de situação irregular, como diria o código do regime militar para menores. Considerava-se como irregular a situação de uma criança que possuísse uma “família desestruturada”. Tal lógica nada mais faz do que afirmar a ordem familiar burguesa como modelo, colocando no plano da ilegalidade outros modos de existência.

Reflexionando sobre a produção de códigos de menores no Brasil, entendendo que produziram muita estigmatização e mesmo levando em conta os avanços do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não se pode falar em malogro porque sequer funciona a contento, o imaginário social acerca da infância e juventude pobre se mantém mais ou menos inalterado. Os jovens pobres são os que mais matam, mas também os que mais morrem no Brasil e ainda assim o ECA é apontado como complicador. A capa de uma revista de circulação nacional questionava se o ECA incentivava ou não a impunidade de jovens infratores. A posição e modo como tendenciosamente a revista conduziria a discussão estava estampada na capa: o jovem olhava de soslaio, a sua expressão sugeriria ironia,

³⁴ Código de Menores Mello Matos, de 1927, e o Código de Menores, de 1979, sancionado durante a ditadura militar de 1964.

suas mãos não estavam algemadas, mas presas com laço de fita e, finalmente, não era um jovem de cor branca, mas de tez negra.

O Código de Menores de 1927 foi aprovado após a criação do primeiro Juizado de Menores em 1924, respondendo a uma demanda social que cobrava ações estatais, sejam jurídicas, assistenciais/punitivas quanto à situação “perigosa” de crianças pobres nas ruas, entendidas como derivadas do abandono e da desproteção familiar, por isso necessitando de proteção e salvação do Estado. Entretanto, essa solicitação política significava a urgência de proteção e de salvação da pátria.

O Código criava uma distinção entre a criança e o menor que, em nada estava relacionada à faixa etária, pois a categoria menor era atribuída às crianças e adolescentes oriundos da classe pobre, imprimindo um caráter discriminatório ao seu modo de existência. Sendo assim, a legislação apresentava-se como higienista, moralista e punitiva, apesar do discurso protecionista às crianças desvalidas do cuidado familiar.

A figura principal era o Juiz, pois ele detinha todo o poder de decisão quanto ao melhor destino (abrigo ou internação) a ser dado a essa população. Tais decisões baseavam-se na personalidade, na índole, ou seja, em estereótipos e em estigmas associados à pobreza que, conseqüentemente patologizavam e culpabilizavam o modo de vida das famílias pobres. A noção de periculosidade era a justificativa para as sentenças, muitas vezes absurda, do Juiz a quem ninguém poderia questionar.

Atualiza-se³⁵, atualmente, o discurso da “família desestruturada”, na qual infelizmente certo discurso psicológico se converte em explicar. O estudo aqui citado insiste que as modificações da legislação não garantem modificação nas práticas a respeito da família e infância pobre. A família pobre ganha um novo estatuto: família negligente. Essa categorização justifica a intervenção estatal, pois o discurso não é mais o da falta de condições materiais para o cuidado dos filhos, e sim o desrespeito aos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, como saúde, educação, alimentação, que tomam forma nos casos de violência intrafamiliar, “risco social”, exploração do trabalho infantil, etc. Sem considerar que, muitas vezes, a família

³⁵ NASCIMENTO, Maria Livia; CUNHA, Fabiana Lopes da; VICENTE, Laila Maria Domith. A desqualificação da família pobre como prática de criminalização da pobreza. **Revista de psicologia política**. V.7, n.14, 2007.

pobre é privada desses direitos, e conseqüentemente não tem como suprir/garantir as necessidades de seus filhos. As situações de negligência e maus-tratos são vistas ainda como incompetência familiar, tal como nos antigos Códigos de Menores, na medida em que a questão estrutural do capitalismo neoliberal e a privação de direitos são descartadas nas análises explicativas de tais ocorrências. É mais fácil demonizar, culpar, criminalizar a família, individualizando a violência, deixando de fora as relações de poder contemporâneas (CUNHA, NASCIMENTO, VICENTE, 2007).

Essa discussão perpassa a sociedade brasileira como um todo. Bem sabemos, não é nova e ainda continua urgente. Rosemberg (1994) observava:

Talvez, o efeito mais nefasto desta retórica seja a banalização da violência, estigmatizar famílias, crianças e adolescentes pobres [...] Se as pesquisas evidenciam a diversidade de usos da rua por crianças e adolescentes e a diversidade de seus vínculos com a família, esta diversidade pode ser anulada pela uniformidade e pelo estigma e do tratamento que recebem quando se encontram em situação de rua. A imagem de adolescentes pobres que tem alimentado o nosso imaginário vem associando os homens à violência, criminalidade, dependência de droga e abuso sexual; as mulheres, à promiscuidade sexual, prostituição e abandono de filhos. Triste trópico! (ROSEMBERG, 1994, p.151).

Se usarmos nessa discussão sobre culpabilização e individualização da violência a matriz foucaultiana³⁶ é possível traçar um paralelo às significações sociais imaginárias presentes na formulação de Castoriadis. Será necessário evocar a relação entre poder e saber e deslocar nossa argumentação para os “regimes de verdade”. Foucault (1985) explica que “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”. Dessa forma, não é apenas em relação aos discursos “dominantes” ou “dominadores” de qualquer sociedade que faz sentido falar de regimes de verdade. “Se o poder e a verdade estão ligados numa relação circular, se a verdade existe numa relação de poder e o poder opera em conexão com a verdade, então todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade.” Desenvolvendo essa noção, Foucault (2006) diz:

³⁶ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (FOUCAULT, 2006, p. 131)

No livro “A ordem do discurso – Aula Inaugural no Collège de France”, pronunciada em 02 de dezembro de 1970, refletimos sobre questões desafiadoras, como a “verdade” e a relação “poder-saber”. Segundo Foucault (2006), “o poder não é necessariamente repressivo uma vez que incita, induz, seduz, torna mais fácil ou mais difícil, amplia ou limita, torna mais provável ou menos provável.” Além disso, o poder é exercido ou praticado em vez de possuído e, assim, circula, passando através de toda força a ele relacionada.

Um discurso libertador pode se tornar opressor. Os indivíduos vão “apreendendo” idéias e valores em nome de um discurso proferido como válido pelas famílias, pelas instituições (principalmente as escolares). Assim esses discursos pretendem incutir no homem o papel que ele precisa desempenhar na sociedade. Percebe-se que Foucault quer nos alertar, levantando alternativas sobre a visão de homem que reina no mundo, e que o discurso, fecundo e universal, coloca esse homem numa trilha, como sendo o caminho da verdade, ou seja, o caminho que interessa ao poder.

Nesse caminho analítico, a teorização de Foucault nos aponta: a vontade não é expressão do desejo do homem. Nossa vontade de verdade camufla nossos desejos. O que está em jogo é o “desejo” e o “poder.” O discurso mascara a verdade. O desejo do homem é escamoteado, surrupiado. O discurso que prevalece é do indivíduo que detém o poder, ou seja, o saber. Assim, como diz Foucault (1996), cada sociedade tem sua “política geral da verdade”³⁷. Os discursos políticos, educacionais, religiosos, terapêuticos, assim como os dos projetos, ONG’s, instituições e agências financiadoras, não podem ser dissociados dessa prática que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.

³⁷ Ver sobre isso: microfísica do poder, resumo dos cursos do college de France; por exemplo.

Segundo Foucault (2005), em cada sociedade é preciso reconhecer qual o “regime de verdade” que qualifica um discurso como verdadeiro, que discursos ela acolhe e faz circular como verdade, que técnicas e procedimentos são utilizados para a obtenção da verdade. Enfim, é preciso perceber qual o poder que rege a verdade, ou seja, “não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder [...] mas de desvincular o poder da verdade [...]” (FOUCAULT, 2005, p. 14). Portanto, ainda segundo Foucault (2006), em todo discurso é necessário questionar qual a vontade de verdade está presente, vontade que defini o que pode ser dito e pensado, mas acima de tudo como ser dito e pensado³⁸.

Aqui, ainda poderíamos, sucintamente, situar outra discussão que não teríamos o escopo de aprofundar, mas cuja menção das pistas teóricas nos forneceria mais argumentos em torno da criminalização da pobreza. Uma vez mais será necessário deslocar o modo da argumentação para incluir o conceito de biopolítica em Foucault e o desdobramento dessa discussão em um autor específico: Agambem.

O fenômeno da biopolítica só poderia ser entendido enquanto forma globalmente disseminada de exercício cotidiano de um poder estatal que investe na multiplicação da vida por meio da aniquilação da própria vida (Ver Bauman, entre outros, com discussão a partir do advento recente da política transnacional globalizada e ‘liquefeita’). Nesse sentido, ainda há o acréscimo da reflexão de Deleuze sobre as transformações sociais da última década, as quais iniciaram o processo de substituição do modelo disciplinar de sociedade pelo modelo de “sociedade de controle”, articulada em redes de visibilidade absoluta e comunicação virtual imediata.

Num contexto biopolítico, não há Estado que não se valha de formas amplas e variadas de racismo, como justificativa para exercer seu direito de matar em nome da preservação, intensificação e purificação da vida. O racismo justifica os mais diversos conservadorismos sociais na medida em que institui um corte no todo biológico da espécie humana, estabelecendo a partilha entre “o que deve viver e o

³⁸ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006. (Biblioteca BCZM).

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 16 ed. Tradução Maria T. C. Alburquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder**. 21 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

que deve morrer”³⁹. Na medida em que os conflitos políticos do presente visam à preservação e intensificação da vida do vencedor, conseqüentemente eles não expressam mais a oposição antagônica entre dois partidos adversários (amigo-inimigo), pois os inimigos deixam de ser opositores políticos para ser considerados como entidades biológicas.

Já não podem ser apenas derrotados, têm de ser exterminados, pois constituem perigos internos à raça, à comunidade, à população: “A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura”⁴⁰.

A descoberta não apenas da biopolítica, mas também do “paradoxal modus operandi do biopoder”, o qual, para produzir e incentivar de maneira calculada e administrada a vida de uma dada população, tem de impor o genocídio aos corpos populacionais considerados exógenos, é certamente uma das teses originais de Foucault legada para outros pensadores contemporâneos. Não se tratava de descrever um fenômeno histórico do passado, mas de compreender o cerne mesmo da vida política contemporânea, motivo que Foucault enuncia já de saída nas primeiras páginas do capítulo final do primeiro volume da “História da Sexualidade”:

O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão (FOUCAULT, 1988, p. 134).

Em outras palavras, ao descrever a dinâmica de exercício do biopoder, Foucault também enunciou um diagnóstico a respeito da política e seus dilemas no presente⁴¹. O nascimento da biopolítica tem uma tese importante: Foucault (1988) compreendeu que, sob o neoliberalismo econômico do pós-guerra, o sujeito passa a responder como agente econômico que reage aos estímulos do mercado de trocas, mais do que como personalidade jurídico-política autônoma. Foucault pensa o mercado

³⁹Foucault, M. **Em defesa da sociedade**, op. cit., p. 304

⁴⁰Foucault, M. **Em defesa da sociedade**, op. cit., p. 305.

⁴¹Foucault, M. **História da Sexualidade**. vol. I A vontade de saber. Op. Cit., p. 134

como a instância suprema de formação da verdade no mundo contemporâneo.

Foucault interessa-se, então, pelas formas flexíveis e sutis de controle e governo das populações e dos indivíduos, tal como elas se exercem por meio das regras da economia do mercado mundializado, para além dos domínios limitados da soberania política tradicional.

Sabemos que na continuidade da discussão de Foucault há autores como Agambem (2004). Extrapola o quadro da tese uma discussão deste autor específico, mas tocando no essencial das teses que trabalham com a questão da biopolítica, acrescentamos uma observação importante na discussão até aqui realizada. Agambem recorda que, atualmente, é quase sempre em nome dos direitos humanos e da preservação da vida que se decretam e se impõem intervenções bélicas, ditas humanitárias, reforçando-se, assim, o núcleo paradoxal da biopolítica, segundo o qual a manutenção da qualidade de vida de uns implica e exige a destruição da vida de outros.

A convergência entre Foucault, Agambem e nossa linha de discussão com Castoriadis é possível na medida em que o que se denuncia aqui - respeitada uma vez mais as matrizes de pensamento e os conceitos evocados em cada teorização particular - é o estatuto daquilo que uma sociedade elege para si como sendo a verdade. Castoriadis (1983) coloca que o “nomos” é uma criação social-histórica, o que equivale a dizer que se a lei é um requisito trans-histórico (uma sociedade não pode viver sem a existência de leis); por outro lado, a lei enquanto instituição/convenção do que é particular a cada sociedade pode ser, e deve ser questionada e refletida. A proposta do autor é que atentemos tanto para a necessidade de autolimitação da sociedade, uma dimensão essencial da democracia, e ao mesmo tempo a capacidade de questionar radicalmente a instituição da sociedade, uma vez que as leis nelas instituídas não são extra-sociais. Assim, seria possível dizer “essas leis são injustas”.

Tomemos, a esse respeito, as considerações de Rizzini (1999). Para a autora, são postas no Brasil práticas de “emergência” que escamoteiam uma discussão mais profunda sobre a questão da infância e da juventude em nosso país.

Não há dúvida de que as crianças que sobrevivem nas ruas apresentam necessidades agudas e precisam de cuidados urgentes. As organizações governamentais, não-governamentais e todos aqueles que atuam junto a este grupo vêm desenvolvendo um

trabalho vital que ajuda milhares de crianças e adolescentes que precisam de apoio imediato. O que se está propondo é uma mudança de foco no sentido de se formular políticas e se implantar programas que levem em consideração todas as crianças e adolescentes. Todos aqueles, cujos elos com seus pais, familiares e comunidades ainda não tenham se deteriorado e rompido; que estejam envolvidos em suas comunidades, mas que necessitam de suporte para lá permanecerem. Faz-se referência aqui a formas de apoio que favoreçam o desenvolvimento das crianças, ou seja, fortalecimento dos recursos já existentes e outros a serem criados nas comunidades para que possam oferecer segurança, relações afetivas estáveis, cuidados e atenção adequados, oportunidades para desenvolverem suas habilidades, amizades e autoconfiança. Em síntese, trata-se do estabelecimento de condições que contribuam para o desenvolvimento integral de cada criança, como há várias décadas se pleiteia internacionalmente como direito de todas as crianças e adolescentes (RIZZINI, 1999, p.29).

Considerando as ilações da autora (RIZZINI, 1999), uma mudança no imaginário não é somente de nomenclaturas, mas de transformação de políticas sociais inscrevendo, em definitivo, crianças e jovens como “sujeitos de direitos”. No conjunto de nossa discussão sobre jovens sujeitos de direitos e o campo da criminalização da pobreza diríamos que: a) continuam sendo imputadas aos jovens da periferia, como temos testemunhado em nível local imagens profundamente desqualificantes. Ainda é vigente um “imaginário social enganoso”, como diria Enriquez, citado por Takeuti (2002), na esteira de Castoriadis; b) há novas significações imaginárias presentes na efervescência contemporânea e essa é a novidade em termos históricos no campo de lutas de certa parcela pobre de crianças e jovens em nosso país.

Na proposição de Castoriadis (1986) é possível superar o “fechamento das significações”. Dito de outra forma, existem as condições específicas tanto ao nível psíquico quanto ao nível social-histórico da realidade de procurar aquilo que é verdadeiro a partir do efetivo, do que é dado como “fato”. A instituição da sociedade e o adestramento do indivíduo são dados na sociedade ao mesmo tempo em que nela podem também surgir uma interrogação que visa superar esse condicionamento. Se pensarmos que somos capazes de visar à verdade e se podemos escolhê-lo é porque, entre outras coisas, isto é devido à instituição social e histórica na qual e pela qual os indivíduos que visam à verdade e podem escolhê-la são possíveis. Mas, ao mesmo tempo há lugar para a emergência do novo, de novas

significações sociais: a subjetividade não é definida apenas pela intenção do verdadeiro (investimento social que pressupõe determinado tipo de sociedade), mas pela capacidade de escolha naquilo que essa capacidade pressupõe: não-determinismo psíquico. Ao nível psíquico, por exemplo, a possibilidade de reflexividade e de atividade deliberada - duas condições da autonomia – são dadas pela ausência de determinações rigorosas e pela existência de conexões, de associações⁴².

Outrossim, encontramos um ponto de contato importante entre Castoriadis (1982, 2007) e Santos (2002). Este último colocando nos processos de emancipação a tradução das lutas locais em “escalas” nacionais e transnacionais, refletindo a emancipação a partir da mobilização de coletivos locais que possam traduzir em processos mais amplos suas reivindicações, atrelando-as a novas escalas, àquilo que ele denomina por globalização contra-hegemônica. O imperativo do diálogo seria afirmado, assim, levando-se em conta linguagens distintas de direitos e justiça, porquanto, justamente, os processos de globalização são geradores de direitos em várias escalas que afetam a definição local dos direitos. Daí porque, também, o autor citado advoga a necessidade de alianças com setores do Estado, explorando justamente as contradições internas deste, e a mobilização do poder judicial.

Residiria nesses processos de aliança, níveis de tradução e alargamento das “reciprocidades”, em que poderíamos encontrar guarida para as propostas de participação e autonomia, tais quais são sugeridas por Castoriadis (2008)?

O foco de Castoriadis na intersecção entre sujeito produzido num registro social-histórico e a questão da verdade está na responsabilização como uma significação imaginária social prática. A idéia de *respondeo* (CASTORIADIS, 2007): responder por seus atos, por seus ditos. Convoca, assim, os sujeitos a um agir voluntário em consonância com o projeto de autonomia. A degeneração dessa motivação seria justamente a responsabilidade penal e a teoria da prevenção individual. Castoriadis é taxativo, portanto, ao asseverar o fazer dos sujeitos sociais como não determinados, e assim atrela a responsabilidade ao fazer público: autonomia requer atuar como ser que reflete, sempre levando em consideração a

⁴² É preciso considerar tendo como suporte a psicanálise que: 1) as ligações entre as representações ocorrem num universo indefinido; 2) a cadeia representativa é submetida às interferências do afeto e do desejo; 3) a imaginação radical do psiquismo é emergência contínua de representações novas e é inseparável da criação do novo na história. (p.198). Enquanto houver psique e linguagem sempre haverá a potencialidade de questionamento das instituições. (CASTORIADIS, 2008, p. 64)

coletividade. A responsabilidade é a face externa do agir, procurando os elos de nossas deliberações (CASTORIADIS, 2007).

Procurar os elos de nossas deliberações é assumir um fazer público e realizar um enfrentamento do instituído, das significações imaginárias sociais que dão alma às instituições da sociedade atual. É indagar a idéia de verdade presente no atual discurso do homem enquanto sujeito de direitos. Mais especificamente do discurso de criminalização posto em prática atualmente, e das possibilidades efetivas da produção de subjetividades juvenis que se tornem “jovens sujeitos de direitos”.

No conjunto desta discussão sobre a punição e criminalização da pobreza, ao retomar o pensamento de Castoriadis para problematizar o imaginário social juvenil na atualidade, desejamos concentrar em um ponto específico a nossa análise. Castoriadis ao elucidar sobre as diferenças entre “submeter” e “eliminar”, tomando como exemplos o escravismo e o racismo registra uma idéia cuja pertinência é total ao que vimos elaborando em torno da clivagem da juventude pobre brasileira. A equação submissão [escravismo] e eliminação [racismo] dizem de posturas disseminadas nos discursos que atravessam a nossa sociedade e gravitam em torno das significações sociais de “meninos de rua” e “jovens de projeto”. Podemos inferir que os “meninos de rua” de uma década atrás se encontram em uma posição muito mais vulnerável que as crianças e jovens cativos dos tempos da colônia e império. Para esses não há o desejo social de hierarquizar, de mapear, de controlar, mas prioritariamente de eliminar. Sob argumentos cínicos, em torno de um silêncio reticente ou mediante os auspícios de uma indiferença massiva pululam práticas “profiláticas” de extermínio. Por outro lado, coexiste um interesse social no investimento dos atuais “jovens de projeto”. São aqueles que poderiam se tornar ‘dignos’ de uma “subcidadania” na sociedade atual, de se enredarem numa rede disciplinar na qual poderiam ser ‘submetidos’ como os antigos cativos de outrora e tornarem-se também reprodutores das estruturas sociais vigentes.

De modo ambivalente e até paradoxal, os jovens dos grupos que estudamos (Posse Lelo Melodia e Jovens Construindo Sonhos) são herdeiros das significações imaginárias contidas em “meninos de rua”.

Edcelmo, Amaury, Pick, Adriana, Carla, Naldo, Alcemir, Samanta, PP; todos eles e outros mais se encontram na condição de “jovens de projeto”, num esforço de produção de sentido para suas existências que tenta ao mesmo tempo escapar da condição de ‘convertibilidade’ presente naquela significação social que os convida a

uma subjetividade subsumida à lógica do capitalismo global. Como se não bastasse essa arena de lutas ao nível da subjetividade e também das ações coletivas, outra se apresenta uma vez que permanecem igualmente os depositários das mesmas significações de “meninos de rua” de Naim, Piaba e Demo nos anos 1990.

Na prática, significa que experimentam ainda a vergonha da invalidação frente a humilhações vexatórias (buscar o dinheiro do serviço prestado, como Pick, e acabar sendo acusado de roubo, por exemplo), degradações e perda da autoestima. Em algum momento de suas sendas existenciais também palmilharam o terreno da transgressão (como ilustra a história de Edcelmo na abertura deste capítulo), manifestando atitudes violentas e tornando-se, eles mesmos, parte do conjunto juvenil que se deseja eliminar do convívio social. Empreendem uma árdua luta pela sua sobrevivência.

Não obstante tudo isso, descortinam um cenário inteiramente novo de lutas, no qual é possível jogar com esse fardo simbólico. São “jovens de projeto” em passagem para novas identificações em um rol de lutas que talvez pudéssemos dizer, estariam modelando novas significações sociais em torno de uma *juventude periférica* (sabemos que alguns desses jovens como Pick ou Euclides não foram jovens de projeto, mas beneficiaram-se da ‘efervescente’ “cultura da periferia”).

Ante o olhar desqualificante socialmente imputado, viram o pescoço para um “lado” investidos de uma estima de si que lança mão da arte e do ativismo social, valorizados por outros olhares da mesma sociedade que os rejeita, envidando a construção de novas veredas pessoais e coletivas em meio a uma história coletiva conflitiva, ambivalente, e em certos momentos libertária, e que ainda está longe de acabar.

A HISTÓRIA DE NALDO: “A IGREJA ME PARIU PARA O MOVIMENTO SOCIAL”

INFÂNCIA DE CONTRADIÇÕES: SÍTIO E ALCOOLISMO DO PAI

A infância de Naldo é marcada por contradições. Havia as boas lembranças das viagens para o sítio no interior do estado, e que lhe traziam um mundo de sensações felizes e agradáveis. Quando estava lá, a vida era tranqüila e as pessoas cordiais e agradáveis. Por outro lado, o clima em casa era de tensão permanente em razão do alcoolismo do pai. Não se tratava de um bêbado violento, mas irritava e instava medo no filho quando este ligava o som alto e ficava escutando música. Porém, lúcido, era um homem severo: batia forte no filho que chegava a espancar. Os pais conheceram-se no bairro das Quintas. Ela, a mãe, veio do interior e foi mandada para cuidar de uma madrinha doente de câncer. Ele também, o pai, queria realizar o sonho de vir tentar a vida na capital. Jovem disposto, o pai de Naldo foi padeiro, bilheteiro, coroinha, da escola da igreja, banda militar, fez exame em Natal para ser do Quartel. Passou no exame, mas foi atropelado. Foi ser padeiro novamente em uma grande padaria popular no centro comercial da cidade. Depois foi gari, trabalhou oito anos na Urbana; mas como bebia, teve cirrose hepática e passou para a função de motorista na Urbana. Conseguiu a função de motorista da prefeitura através da “política”. Naldo sentia-se muito distante em relação a ele durante toda a sua infância, fato que só começou a mudar na idade adulta, quando seu pai já contabilizava 40 anos.

“A IGREJA ME PARIU PARA O MOVIMENTO SOCIAL”

Um dos momentos mais marcantes de sua vida foi durante um retiro de quatro dias no período do carnaval. Era como se sentisse uma proximidade com Deus. Via-se longe de coisas que trazia “confusão” na vida de uma pessoa: violência, bebida, drogas, sexo. “O espírito de família que não tive em casa achei na igreja”. Estava com 13 anos. Rapidamente tornou-se engajado nas ações da igreja: coordenou coral, entrou nas atividades sociais. Mas na escola foi se desencantando. Cada vez mais aquele ambiente não lhe dizia respeito. Durante a oitava série, teve

brigas com garotos do “beco da vaca”, localidade ‘explosiva’ da época, próxima do bairro das Quintas. Matriculou-se e se desestimulou da escola. Preferia estar nos festejos da igreja. Servia de desculpa para não se envolver com escola. Através do movimento pastoral da igreja foi se tornando cada vez mais familiarizado com ações no campo social. Sentia vocação para isso. Entendia que podia dar uma contribuição social para seu bairro. Uma sensibilidade para os problemas do bairro começava a aflorar na medida em que se tornava mais atuante. Nessa época, em meio ao coral, conheceu a mãe de sua filha.

AMADURECENDO O PROTAGONISMO JUVENIL: UM ENGENHO DE SONHOS

Enquanto namorava com Emma, ela engravidou e ele a trouxe para morar dentro de casa. Através de Adriana, também do coral da igreja que ele regia, envolveu-se com o Fórum Engenho de Sonhos. As pessoas de lá tinham muitas idéias para melhorar o bairro, para lutar contra a pobreza. Essas idéias tinham muita semelhança com o que a igreja já tinha despertado em si. Adriana estava no projeto e falou ao coordenador do Fórum, no bairro, sobre o coral e o coordenador foi à escola na qual Naldo trabalha como vigia, convidando-o para a participação da primeira gincana esportiva cultural do Guarapes. Pela sua capacidade verbal e analítica, acumulada nas atividades das pastorais, destacou-se, tornando-se oficineiro na área da música, depois, secretário do fórum no bairro, articulador jovem do bairro, com a função de coordenar atividades de diversos grupos em uma proposta comum, até que em uma das últimas reestruturações administrativas do fórum (que institui cadeiras no conselho gestor para uma representação jovem), tornou-se um dos representantes do segmento jovem no Fórum.

UMA RUPTURA DOLOROSA

Era o Naldo liderança, o Naldo da igreja, uma personalidade jovem e ao mesmo tempo de muito carisma. As pessoas percebiam nele um destaque, os amigos o respeitavam muito, pensavam que seria um grande “cara formado”. Um rosário de experiências dolorosas vai se perfilando: a separação e as tentativas de

“suicídio” da ex-mulher. A separação “manchou” o destaque, o exemplo. A imagem de Naldo foi afetada. As pessoas se afastaram, mas o Engenho naquele momento o acolheu. Lá, ele era ainda a referência, a liderança. Também ocorre a saída definitiva da igreja, encerrando uma fase de sua vida alinhada àqueles preceitos doutrinários. Aos poucos foi descobrindo as contradições e as incoerências no Fórum Engenho de Sonhos. Perdeu muitos amigos, desencantou-se com pessoas que lhe inspirava, entrou em contato com coisas negativas da vida (traição, decepção, mágoas). Iniciou uma relação afetiva com uma pessoa ligada a drogas e a uma galera do bairro. Viveu momentos difíceis em função dessa escolha tumultuando ainda mais sua relação com o Engenho de Sonhos no bairro.

REFAZENDO CAMINHOS: MUDANDO PARA FELIPE CAMARÃO E ENTRE NOVOS SONHOS E UM INUSITADO CONVITE

Em Felipe Camarão, conseguiu voltar ao núcleo familiar, ressignificou a relação com a igreja e reorganizou a vida afetiva, agora junto à outra pessoa. A mãe tinha parentes, a irmã um namorado, a ex-mulher era uma amiga e ele já estava cavando projetos junto a pessoas e instituições. Naldo vai para Felipe Camarão com certa facilidade porque ele estava na coordenação central do Fórum e não mais circunscrito a um único bairro. Nesse período em que acumula saberes práticos e sedimenta sua liderança, presencia a morte de um sonho e o início de outro: finda o engenho, nascem jovens construindo sonhos. Os jovens envolvidos na fundação e na coordenação central da Associação Construindo Sonhos também moravam em Felipe Camarão. O início foi difícil, o grupo se reunia na capela da igreja do bairro. Era difícil manter o idealismo, sem uma sustentação financeira. Naldo chegou a pedir as contas a um cinema multiplex para agarrar-se em uma bolsa de curta duração financiada por uma empresa de ônibus. Naldo tinha na cabeça o que não deu certo no Fórum e isso ele perseguia com obstinação: eram os jovens que deveriam dizer o que precisavam, e não os técnicos. Com o tempo, as parcerias começariam a dar frutos. A associação mudou para Centro Social e Cultural da Cidade da Esperança. Tornou-se o elemento de ligação entre aqueles jovens, alguns bastante inexperientes. De forma inusitada, recebeu um convite para tornar-se pré-candidato a vereador pelo PV. Aceitou e conseguiu a indicação do partido.

Lançou-se vereador e foi morar sozinho em Guarapes para tentar estrategicamente concentrar os votos lá. Com isso as atividades do construindo sonhos ficam em segundo plano. Não conseguiu uma expressiva votação, mesmo tendo seu partido vencendo a eleição municipal. Agora está trabalhando dentro do partido. Diz que não quer nenhum “cargo” no governo porque sabe que sua vida vai virar um inferno de pedintes em busca de favorecimentos que na maioria das vezes, não estarão ao seu alcance.

3 NARRATIVAS JUVENIS: RUPTURAS E CONTINUIDADES

A primeira parte deste capítulo centra em fragmentos de narrativas de alguns dos jovens dos coletivos “Jovens Construindo Sonhos” e “Posse Lelo Melodia”. Na segunda parte procedemos a uma “leitura” das narrativas e na terceira reflexionamos sobre a subjetivação dos jovens fabricadas em meio a conflitividades, rupturas e continuidades presentes em suas biografias.

3.1 OS JOVENS DO SOL POENTE

CAMALEÃO: “AQUILO DOEU DENTRO DE MIM”

A mãe disse-lhe aos oito anos que arrumasse os meninos e desse a comida a eles. Essa era uma das tarefas que tinha de desempenhar, uma vez que era o filho mais velho. Ela saiu dizendo que ia receber um dinheiro porque trabalhava na prefeitura de uma cidade do interior. Voltou na hora do almoço com um caminhão. Ele ficou sem entender nada. Quando ela disse “arruma as coisas e joga no caminhão, vamos morar em Natal”. Juntaram uns “cacarecos”. Como não tinham onde ficar, dormiram na casa de uma irmã dela. Arrumaram uma casa, e depois mudaram, porque o dinheiro não dava. Fizeram isso mais uma vez, até a mãe saber que em Guarapes tinha o “inferninho”. Era só chegar e tomar posse. Foi assim que a família veio para Guarapes. Certo dia acordou e perguntou o que tinha para tomar café. Sua mãe disse: “nada”. Conta que é complicado quando se é criança e não se tem pai, e quando se é o irmão mais velho a pessoa se sente na responsabilidade de ajudar. Desabafa: “aquilo doeu dentro de mim”. Naquela hora, pensou o que poderia fazer. Pegou um saco. A mãe perguntou aonde ele iria. Ele falou que voltava daqui a pouco. Saiu a pé, e foi andando até a orla de Ponta Negra, pedindo esmola. Chegou a casa quase meia noite. Tirou o saco das costas. Ela ia brigar com ele, mas ao ver o saco, disse: “não precisava disso”. Rebateu que ela tava sem trabalho e aquilo era melhor do que estar roubando. Até hoje lembra e se emociona. A única coisa que destaca de positivo na vida foi a entrada no hip hop aos 18 anos. Foi um ponto de conhecimento e também de auto-estima. Uma menina disse que eles eram

doidos porque não viviam ‘igual’ aos outros jovens. Ele disse que quando se está num movimento social, por mais que se queira, não é possível voltar àquela vida de antes. Conta que na cabeça já pensou em fazer um monte de “besteira”, mas que não fez nenhuma “barbaridade” porque causa dos amigos que tem na posse (“o grupo confia em mim”). Afirma que se sente sustentado no grupo, de outro modo, já teria ‘caído’. Na primeira vez que sentou para falar com o pai, “de pai para filho”, ele tinha já 20 anos. Pai: “você tem que se cuidar”. E ele respondeu que o tempo que o pai tinha para se preocupar com ele, era quando pequeno. Por essa razão não se interessa por ele, “é como se nunca tivesse existido”.

A HISTÓRIA DE PICK: “EU PEGO NAS MINHAS MÃOS E AÍ EU ME SINTO, EU ME TOCO, TENHO FORÇA”

Pick nasceu em São José de Mipibu e veio a Natal com quatro anos de idade. Seu pai era eletricitista profissional. Guarda lembrança de conflitos familiares (‘pai brigando com a mãe’). Coisa que lhe marcou muito, como a seus irmãos. Sentimento de impotência por nada poder fazer sobre isso. Contava seis anos de idade. Como o quadro geral não mudava, um ano depois o pai deixaria a família pela primeira vez. A mãe se torna, a partir daí, ‘o dono e a dona da casa. Seu pai voltou ainda algumas vezes para dentro de casa, mas o tom foi mesmo a ausência. “Tinha saudade do pai, gostava do pai, mesmo quando ele tinha feito mal”. A situação financeira da família era difícil. Passaram fome. Hoje, não culpa o pai pela ausência, mas sim o sistema. Uma experiência vexatória acontece ainda nesse período. Seu irmão conseguiu um “bico”, fazer a limpeza de mato de uma casa. Quando foram buscar o dinheiro do serviço prestado, acabaram sendo acusados de roubo. Completados 8 anos de idade, a família muda-se para o bairro de Guarapes. “Quando chegamos aqui, não sabíamos o que era droga; meus irmãos se envolveram com drogas”. O contexto de Guarapes à época incitava os jovens ao ‘mundo das drogas’. Um irmão mais velho se envolveu até com o crack e foi preso várias vezes. Hoje, ainda permanece preso. Não tardou muito e o crime exerceu também uma fascinação especial – aos 12 anos – “queria ser como os mesmos (jovens ricos)” que usavam roupas legais e que lhe chamavam atenção. Teve experiência, nessa idade, com

uso de arma de fogo e iniciação ao álcool. Algum tempo depois, teve uma experiência com grupo de dança de rua. Aos 16 anos iniciou-se no trabalho informal (“pegar frete de feira”). Fazia parte de uma galera e com ela “bebia, drogava-se e espancava”. Foi pela primeira vez espancado e algemado pela polícia. Aos 17 anos considera-se ‘resgatado’ quando entrou no GPS (hip hop). “Teve momentos que pensei que não tinha saída, mas o GPS...” Chegando à maioridade, veio também aos 18 anos, a oportunidade do primeiro emprego com carteira assinada. Aos 19 anos, “abri o olho e quis saber o porquê da desigualdade social e com hip hop comecei a militância”.

De modo ambivalente, enquanto vê a si mesmo como uma rocha, também se percebe como um inerte. Esse olhar é apreendido pela relação com a família: dentro de casa é tido como sem futuro, a militância não lhe rende nenhum prestígio. Descreve-se como sendo uma pessoa com possibilidades, mas sem oportunidades. “Eu pego em minhas mãos e aí eu me sinto, eu me toco, tenho força. Com as duas mãos pode-se fazer muita coisa. Pode tocar e fazer amizade”.

A HISTÓRIA DE AMAURY: “DESDE O MEU BISAVÔ A MINHA FAMÍLIA VEM FUDIDA”

Criado sozinho pela mãe. Mais tarde o pai se aproxima e lhe ensina um ofício. Chegam a morar junto numa época em que os conflitos com a mãe ficam muito acirrados, já na puberdade. Lembra que aos cinco anos, teve o primeiro dia das crianças, ganhou um carro e ficou muito feliz. Relata que a mãe era prostituta e que vendia o corpo. Conheceu o pai em um cabaré, ele era casado. Ao que parece isso não o impediu de viver sete anos e seis meses com ela, retirando-a do cabaré, nesse movimento. Depois eles se separaram. E ela voltou à vida de programas. Supõe que o pai não ajudava porque a situação devia estar meio difícil para ele. À noite, quando ela botava o filho para dormir e saía para fazer os programas para sustentá-lo, Amaury acordava de madrugada e via quatro meninos dormindo na cama consigo. Disse que ficava sozinho em uma casa, à noite e não chorava, não ficava desesperado. Aos sete anos, teve o primeiro tênis do Rambo, era uma coisa que todo menino queria. Aos doze reaproximou-se do pai, que tinha uma oficina. Foi trabalhar com ele. Aos 13, foi vender picolé de amendoim e já trabalhava em um

posto de gasolina. Aos 14 entrou para um projeto social chamado Vida Nova. Aos 14 também a perspectiva de trabalho se abre no contato com o pai. Mas não a de estudo. Não teve oportunidade de estudar. Pensa que estudo é o que pode oferecer ao filho em um mundo tão competitivo. Mas a vida escolar, conta, foi muito comprometida pelo despreparo da mãe. Ela não sabia ensinar, pedia que ele copiasse o livro. Ele se ressentia um pouco por ela ter uma visão muito limitada da vida. Ela pensava que estava bom ter comida, casa pra morar e dinheiro pro cigarro. “Minha mãe não tinha perspectivas de vida. Isso me atrasou. A idéia dela era ter um trabalho para o sustento e uma casa para morar”. Diz que por isso, hoje deseja que a família possa ter prosperidade financeira e também cultural. Visualiza para um filho outro horizonte, idealiza que ele vá mais longe que Amaury. Os desentendimentos com a mãe cresciam dentro de casa durante a puberdade. Sentiu que estavam se atritando muito e com isso, foi morar na casa de seu pai aos 16 anos. Aos vinte e dois conheceu Adriana e através dela, o Engenho de Sonhos indo fazer parte da rádio comunitária. Juntaram-se aos vinte e três anos. E começa a participar ativamente da Posse no ano seguinte. Aos vinte e cinco o filho nasceu. E aos vinte e seis superou uma crise conjugal. Vive de bicos, ainda faz alguns trabalhos para a oficina do pai, que hoje tem o irmão tocando também. Mas a empregabilidade é uma realidade longínqua e o mundo competitivo é extremamente seletivo e inacessível para jovens como ele. “É mais fácil entrar no crime que entrar na sociedade. A sociedade impõe muitas regras para sair do crime”. Mas Amaury relata um ciclo de pobreza que se perpetua e do qual ele também não consegue escapar. “Desde o meu bisavô a minha família vêm fudida!” Diz que não esquece a causa social; porque nesses momentos pensa no filho e nos amigos dele.

A HISTÓRIA DE ALCEMIR: “VISITAR A MORTE É LOUCO”

Nasceu no Dia do Bombeiro e Dia da Proclamação da República da Bahia. Seu pai era tratorista e tinha muitos filhos. O ano era 1969. A mãe foi colocando ele na casa de um parente, depois outro e outro. Um dia em 1977, ela chegou com um senhor e levou-o para morar com ela. Em 1985, foi preso pela primeira vez quando voltava de um comércio, porque não portava documentos, passou a noite na

delegacia em uma cela com os colegas. Foi se levando pelas turmas, e com isso a vida foi se complicando. Perdeu a bolsa de estudo que tinha, foi estudar em escola pública. Foi na década seguinte que conheceu a capoeira. Era 1990, mas só começou a jogar dois anos depois quando saiu da zona norte porque o pai de uma menina queria matá-lo uma vez que Alcemir tinha “mexido” com a filha. Em 1994 foi morar na Zona Oeste, o bairro era Cidade Nova. Enquanto cursava a 6ª série do antigo “primeiro grau”, meteu-se em mais complicações. Levou um tiro no joelho de seus inimigos. Estes queriam matá-lo, por isso percebeu que tinha de sair da escola e do bairro. Mudou-se para Felipe Camarão, bairro vizinho. Foi lá que a perspectiva começou a mudar e isso tem relação direta com o contato com a morte. Era o ano de 1999. Ano em que teve a primeira experiência de carteira assinada trabalhando em uma fábrica. Mas ainda era metido com galeras. “A história de visitar a morte é muito louca”, confidencia. Levou cinco tiros, numa briga de galeras. Passou sete meses pela “perícia” do INSS. Vivia entre o Walfredo Gurgel (hospital Geral do Estado), ITORN (hospital especializado em ortopedia) e hospital universitário. Ao todo, foram 42 dias de internação. Conta-nos que tudo isso marcou uma época de entrada e saída de uma espécie de “labirinto”. A explicação: “tinha medo de perder o poder que tinha para me tornar um ‘Zé ninguém’”. Era um líder! Hoje, avalia que saiu de um esgoto. Essa passagem de sua vida já lhe rendeu algumas entrevistas. Alguns amigos sugeriram que ele não contasse essas coisas. Mas ele disse que se sente bem. Uma delas, mostrou com orgulho, de página inteira em um jornal de grande circulação da cidade. Em 2002 com o Engenho veio a história de através da capoeira trabalhar o lado social. Vieram as viagens, a primeira de avião para a Bahia, seminário sobre violência. Não tardou, apesar disso a surgir desilusões com o fórum. Eram muitas limitações, perdas, podações, burocracia. Diz que quando traz a filosofia de “qualidade de vida”, recebe convites dos projetos. Já em relação ao fórum descreve numa frase: “eu estava aluado em um reinado de areia”. Em 2004 concluiu o ensino fundamental. Diz que está em seu lugar e que hoje não se incomoda com a vida de ninguém. Tem o desejo de ter a própria academia. Em 2005 formou-se professor de capoeira. Passou anos jogando sem ter o batismo e isso retardou o fato de chegar a esse grau. Representa o grupo Cordão de Ouro lá em Felipe Camarão. Revela que teve também decepções com o pessoal da capoeira, mas guarda a figura de seu mestre Iranir. Em 2006 começa a AJCS, anda na associação, participa e contribui mas não se sente uma das pessoas de frente

porque precisa aproveitar as oportunidades dos projetos sociais do governo e outras organizações não governamentais para dar aula. Isto porque, não trabalha com carteira assinada, e afirma que por isso “não tenho um conforto”; não tem um ganho fixo, não tem uma coisa segura para si. Por outro lado, teve oportunidades de viver “na carteira”. Mas não se sentiu muito ‘encaixado’ também. Perguntamos sobre seus sonhos e desejos: “Meus sonhos estão na minha relação com vocês”.

A HISTÓRIA DE CARLA: “VIVIA BUSCANDO CONFLITOS”.

Nasceu no ano de 1977. Diz que foi muito desejada e que também a mimaram muito. E permaneceu assim, na qualidade de centro das atenções até chegar o ano de 1983 quando nasceu o irmão. Sentiu ciúme quando ele nasceu. Depois passou a sentir-se culpada por nutrir esse sentimento dentro de si. Mas o clima em casa começa a ficar conturbado com o alcoolismo do pai. Ele vai perder o emprego e em decorrência disso as relações dentro de casa vão ficando ainda mais difícil. No ano de 1986 a situação dentro de casa torna-se incontornável. A separação acontece e a menina é encaminhada para ir morar com a avó. No ano de 1990 acontecem algumas complicações de saúde e vai, após uma convulsão, ficar em “coma” durante três dias. Admite que possui um temperamento difícil, é uma pessoa “turrona”, mas também tem muita esperança em relação a mudanças. “Vivia buscando conflitos”, admite, mas considera que o movimento social fez seu temperamento melhorar bastante e tornando-se uma pessoa mais tolerante. No ano de 1998 começou uma relação bastante turbulenta, ficou desgastada e finalmente acabou. Foi em 2002 que começou a frequentar o Engenho de Sonhos. Aos poucos foi abrindo espaço. Tornou-se jovem “protagonista” e representante do bairro de Bom Pastor. Sentiu-se muito bem ao perceber que era capaz de contribuir para algo importante na vida dos jovens. Chegou, nesse meio tempo, a viajar para fora do estado pelo Engenho de Sonhos. Começou também um interesse e passou a frequentar o espiritismo em Felipe Camarão. Gostava do trabalho assistencial lá realizado. Em 2005 assistiu ao final do Engenho de Sonhos e ficou feliz em fundar a Associação de Juventudes Construindo Sonhos. Naquele ano, a amizade com Naldo foi se estreitando à medida que ambos vão tomando a dianteira no grupo. Sentia-se

ali muito preenchida a cada projeto que idealizavam, em cada edital que tomavam parte, nas noites que viravam escrevendo, ou organizando ações, ao participar de ações e reuniões junto a outras organizações representando, ela mesma, uma organização que ajudou a criar. O primeiro trabalho de carteira assinada surge com o programa de desenvolvimento de área (PDA - Caminhos do Sol) que a Visão Mundial passaria a fomentar no Bairro de Felipe Camarão. Tornou-se coordenadora dos projetos pedagógicos, uma função que seria muito interessante, porque, conta, passou a ser o elo do projeto com os jovens Construindo Sonhos. Essa condição só viria a durar um ano, porquanto começou um “desgaste grande” com a representante da visão mundial no estado. Nesse momento, encerra também sua participação e se prepara para um montar um projeto social sozinha.

A HISTÓRIA DE SAMANTA: CORPO VIOLADO E A RUA COMO SUPORTE

Quando pensa sobre a sua história de vida, Samanta afirma que só pode ser das duas uma: ou ela tem alguma missão a cumprir na terra ou é ruim demais! Diz que foi “gerada” e a mãe (a que ela se refere quase o tempo inteiro como “a minha genitora”) não queria esse filho. Tentou matá-la, se jogou num pé de caju para ver se conseguia. Tentou até segurar no nascimento, ela nasceu ‘roxa’. Diz que lembrar isso “dói um bocado”. Afinal, um filho é querido, por mais que não se queira ter. A “genitora” arrumou outro homem e quis levar Samanta com seis anos para São Paulo. Para não ir, a menina desenvolveu todos os sintomas de caxumba, mas não tinha nada no corpo; o médico dizia que era para não viajar. Conta que também contraiu asma e outras doenças, como coisas que apareciam “na barriga”. Daí os familiares diziam que não podia brincar na rua, assistir desenho. As pessoas até hoje brigam com ela, porque gosta de desenho. Fala que gosta das coisas simples. Teve coisas que não pôde fazer na infância que todo mundo fazia. Passou a morar com a genitora quando esta voltou de São Paulo. Tomava conta das irmãs menores. Nessa época começou participar do “movimento” (MNMMR: Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua) porque já tinha um tio e também uma prima lá. Estourou um escândalo quando a genitora disse que Samanta tinha caso com o marido dela. “Batia em mim todo dia, eu só tinha 10 anos”, conta. Pensa que o “jeito”

que tem, a forma de ser “grossa”, desenvolveu por causa disso. Aos 11 anos estava se “engraçando” com um menino e aí nesse período que a menstruação desceu. Com essa mudança corporal, a genitora disse então que Samanta estava grávida do marido dela. Levou-a para cinco ginecologistas que disseram que não era nada daquilo. Foi no período em que começou a frequentar o MNMMR que começou a entender “algumas coisas”, tomou a decisão e foi até o ITEP e fez exame de corpo delito. Estava constatado que não tinha nada. “Mas não sai da minha cabeça o grito de minhas irmãs no médico”. Refere-se ao fato que a genitora passou a dizer que o marido abusava delas. Não procedia! Samanta questiona como aquilo era um amor. Acha que era uma doença o que a genitora tinha por aquele homem. Naquela época não entendia porque ia pra tanto médico. Quando a mãe (aqui está se referindo a avó materna) foi buscá-la para morar consigo, Samanta tinha 11 anos; aí ligou para o 0800 e fez uma denúncia no orelhão. Foi intensificando a participação no MNMMR. “Tinha os meninos lá e eu tava no meio dos meninos que pastoravam carro, eu participei daquela época que o crack chegou e todo mundo começou a morrer”. Aos 13 anos tornou-se a representante do estado do MNMMR. Conta que nunca teve o pai presente, porque a genitora dizia que ele era irresponsável. Adolescente, começou a se aproximar do pai. Quando ele soube das ‘coisas’, de tudo pelo que Samanta passou, quis matar a genitora, mas o pessoal do movimento entrou no meio e acalmou ele. Foi justamente quando nesse momento em que ambos estavam se aproximando que aconteceu a fatalidade: ele morreu em um acidente de moto. Diz que ainda lembra de uma audiência em que ele disse “nega eu gosto muito de você”. O apelido dele era Esparroso. Havia muita coisa que não entendia e não entende sobre o pai até hoje. As pessoas evitam falar, desconversam. “Tinha gente que ia matar outro, não sei o que era, tinha Esparroso no meio e não matavam. Não sei se ele era do crime”. Tinha um traficante lá perto de sua casa que ficou muito admirado, expressão contente no rosto e disse não acreditar que ela era a filha dele. Diz que escutava quando era adolescente, “aquela é a filha de Esparroso. É bom saber.” Não sabe da intenção das pessoas. Ou de alguns “malucos de chapéu”. Fato é que ninguém nunca falou o que ele fazia. Com a entrada do MNMMR no Fórum Engenho de Sonhos conheceu o pessoal do então GPS. Começou a amizade que ultrapassou a falência do projeto. “Tenho os meninos aqui do GPS como minha referência”. No show dos Racionais em Natal, conheceu o ex-namorado, figura atuante no hip hop em nível nacional, daí “entrou mesmo” e

começou a participar do “movimento”(agora diferente da adolescência, movimento significa a Posse Lelo Melodia e não mais o MNMMR). Era a época que estava dentro do Engenho e foi paulatinamente fazendo uma transição do MNMMR para a galera do hip hop. Aos 19 anos entrou na universidade através do programa “Acesso” subsidiada pela Fundação Kellogg. Foi um passo que considera muito importante. “Todo mundo dizia que eu ia ser a primeira a ter filho, que eu era uma vagabunda porque eu vivia no meio da rua. Isso era o que muita gente da minha família dizia”.

3.2 VAGABUNDOS E SONHADORES

Sei que para a sociedade sou um vagabundo, mas para mim sou um sonhador (Informação oral. Amaury).

Reflexionando sobre a frase de Amaury aderimos a uma compreensão particular. O termo “e” funciona como aglutinador em língua portuguesa. Ao invés de distinguir; rejuntar. O faber e o ludens. Sapiens e demens. O devaneio deixa de ser um desperdício para a razão assim como a vagabundagem não é o dispêndio do trabalho. Amaury um vagabundo-sonhador, ou sonhador-vagabundo. Acreditamos que o depoimento de Amaury expressa um lamento coletivo de toda uma geração de jovens moradores das periferias do país. Denúncia de que estamos desperdiçando o talento dele, como o de muitos outros que povoam a Terra Brasilis. Nesta seção apresentamos um primeiro nível de análise dos fragmentos narrativos, muito mais descritivo que interpretativo e bastante acoplado às falas dos jovens com o escopo de evidenciar o que os jovens estão denunciando a partir de sua realidade.

O conjunto dos depoimentos revela que nenhum dos jovens de ambos os coletivos teve o que se considera genericamente como sendo uma “infância” normal. Não fizeram parte de uma família nuclear como estandardizado no período industrial do capitalismo. Conheceram cedo a rua e o trabalho infantil. Trabalhar ou produzir dinheiro de alguma forma era um lema de subsistência que faz gerar inventividade por meio de virações (pedir esmolas, vender picolé, frete na feira). Por um lado era preciso subsistir e gerar ações para não sucumbir a uma sensação de impotência, como revela Camaleão quando se dá conta da situação financeira da casa, “aquilo doeu dentro de mim”. Por outro lado também há uma suspensão na

infância por uma iniciação na transgressão como é o caso de Alcemir. Subtraídos à ludicidade desse período, convocados precocemente para o trabalho na infância, cooptados pelo crime, inseridos em galeras, um tipo de infância parece ter sido 'confiscada' desses jovens.

Camaleão e Pick representam, dentro do conjunto dos fragmentos biográficos, exemplos da passagem de uma vida no meio rural, marcada por dificuldades e faltas de perspectivas materiais, para a vida no meio urbano que enseja, outros tipos de dificuldades e desafios novos e impensáveis como é o caso da drogadição e crime. Além disso, a privação material deixa marcas. Passar fome é uma realidade cruel que mobiliza tanto sentimentos de desamparo quanto o impulso de desvencilhamento daquele quadro.

No que respeita à família, o pai quando não está ausente, está muito distante afetivamente. Pick diz que "meu pai não me vê". Ainda assim, ele diz que sentia falta do pai após a separação: "Tinha saudade do pai, gostava do pai, mesmo quando ele tinha feito mal". A mãe é a referência para a maioria, ou os avós maternos. Ainda assim, a mãe não os compreende ou lhes critica. De um modo geral há uma visão de família sofrível, como um local de obrigações e trabalho, destituído de afeto. O que faz acalantar na maioria, quando o assunto é família, é o desejo de proporcionar cuidado, orientação e presença aos filhos. Também há uma preocupação para os que já tem filhos em um projeto para as próximas gerações em que o estudo aparece como elemento importante. Registramos, ainda, a existência de irmãos mais novos ou mais velhos em "danação" (furtos, consumo de drogas, etc.).

No que concerne à escola, todos foram submetidos à educação formal. Ingressar na escolarização não se traduz em aprendizado formal, ou garante a sequência do curso escolar. O problema é que, na maioria dos casos, a mãe não sabe como orientá-los no processo educativo. No caso de Amaury há, além disso, a ausência de um projeto parental, ou seja, não existe um ideal da família para aquela criança. O resultado é que há evasão escolar e a maioria não consegue concluir o ensino médio ou mesmo o fundamental a contento. A aquisição de saberes passa a ser prático fora do ambiente escolar.

Todos eles se vêem enredados em experiências culturais e artísticas. Em algum momento da infância ou da juventude, travaram contato, geralmente via projetos sociais, ou no caso dos meninos do GPS, através do cotidiano do lazer, com o campo das artes em geral. Coral, música, capoeira, hip hop, teatro. As

experiências artísticas fornecem um novo instrumental de leitura da realidade e de expressão dos sentimentos, sobre si e sobre os outros.

Vivenciam experiências de perdas de entes queridos, de amigos e vizinhos; mas também perdas simbólicas como a da infância, da família que se fragmenta, da mãe que não lhe dá suporte afetivo, da “inocência” (conhecer a violência e se descobrir capaz de agredir, matar). Os amigos perdidos através de conflitos entre grupos rivais, das “rixas”, do consumo de crack, ou ação policial, mesmo portando uma conduta negativa, do ponto de vista da sociedade, eram para muitos exemplos de coragem, força, destemor. Se o exemplo transgressivo se impõe é porque a polícia tem um apelo muito negativo para os jovens e os moradores do bairro em geral.

A biografia também é permeada de experiências humilhantes e vexatórias, dentro e fora de casa. No seio da família há, no limite, o exemplo de Samanta que fala em genitora como ‘algo’ que gera e não uma mãe que é alguém que deseja. Para dizer o mínimo, “dói um bocado” constatar a ausência de um desejo parental, a inexistência de um projeto para si, e o desprezo sistemático com que se é tratado. Porém mais comuns são os casos de Pick e Camaleão enquanto alvos dos sentimentos invalidantes dos pais. Fora de casa é a experiência da ação coercitiva da polícia resultando em violência física, acessando sentimentos de ódio e revolta. Há ainda o olhar desqualificante em situações de “suspeita” em função do transitar no espaço público em que vive uma outra parcela da sociedade, a “boa gente”, como Pick relata no episódio em que vai buscar dinheiro do trabalho realizado com o irmão. Naquele momento, o trabalhador (irmão e ele) é solapado pela imagem do vagabundo (o que os outros pensam que eles são).

O uso de drogas também aparece em suas trajetórias, desde a simples maconha até drogas mais “pesadas”. Em nossos trabalhos como os meninos de rua, a única coisa capaz de refrear a droga era o recolhimento na delegacia de menores, local onde conhecemos Beaba. Principalmente o uso do crack debilitava-os ao ponto de comprometer irreversivelmente sua integridade fisiopsíquica. De algum modo, conseguiram evitar ou lidar com o consumo em excesso. Ao que parece o hip hop, a capoeira, fornece-lhes outra perspectiva na qual poderiam enveredar. Outro fator interveniente nessa questão parece ser a eminência da morte como experiência espelhada pelas muitas perdas de amigos (Edcelmo conta que um tempo ficou ‘paranóico’ e dizia para mãe que ia morrer). No caso específico de Alcemir há a

eminência da morte como experiência limite diante da delinquência, ensejando novos rumos. As jovens especificamente não relataram o uso de drogas. Compreensível porquanto o elemento desagregador que sobressai para o feminino na Zona Oeste é a prostituição.

O envolvimento em galeras, gangues e grupos com ações violentas também é contabilizado, incluindo-se experiências com armas de fogo. Exceção uma vez mais para as jovens, o que difere também de nosso trabalho anterior em que as “meninas de rua”, namoravam e circulavam com as galeras no bairro Quintas. Nos relatos, a modalidade de participação é semelhante à nossa pesquisa anterior: reuniões ad hoc em função de festas, drogas ou algumas transgressões e arruaças. Sem, no entanto, inviabilizar a participação em outros grupos, como conta Edcelmo que já estava começando com o movimento hip hop enquanto vivia as suas “fitas muito doidas” ou Pick que pegava frete na feira e também pegava em arma de fogo. Já aprendemos também com o trabalho junto ao MNMMR que não há uma identidade monolítica, o “ser menino de rua”. Os jovens vivenciam múltiplas experiências em sua cotidianidade. Retomaremos isso melhor no quarto capítulo porque aqui se revela aspectos importantes das maneiras de fazer dos jovens e o aporte em variados grupos e coligações em rede.

Mas a empregabilidade é uma realidade longínqua e o mundo competitivo é extremamente seletivo e inacessível para jovens da zona oeste. Queixam-se disso e apontam como as portas do crime são largas. Denunciam que se o discurso oficial exige do jovem um caminho “honesto”, fazer parte do sistema social é algo barrado para eles. “É mais fácil entrar no crime que entrar na sociedade. A sociedade impõe muitas regras para sair do crime”. Afinal, apesar de permitir alguns trânsitos importantes, a militância social e a experiência no mundo artístico não vão conferir diferenciais competitivos do ponto de vista das exigências do mercado formal de trabalho. Basta olhar o currículo formal dos jovens para se ter uma idéia disso.

Existe ambivalência em relação ao projeto de futuro. Uma parte das falas aponta caminhos ligados ao estudo como a possibilidade de portar diploma universitário, um trabalho que venha a ser estável, etc. É possível que em razão do montante de empecilhos vislumbrados para a consecução dessa idealização os jovens concentrem-se no presente. O futuro sempre aparece como algo angustiante, uma interrogação permanente. O futuro é duvidoso, o passado é frustrante, e só o presente que traz certeza de poder estar vivo. Uma das falas de Edcelmo resume

bem as perspectivas que os jovens dos coletivos da Zona Oeste têm de si. “Quando penso em nossa perspectiva é zero. A gente sente que não vai mudar, sente que vai cair.”

Trata-se de manter-se em pé e pôr-se em movimento em meio a um equilíbrio precário. O que os leva a uma dupla frente de batalha: um esforço de coligação para a promoção de mudanças na conjuntura de suas vidas e uma ressignificação de sua imagem de si. Pick discorre sobre isso. Em relação a si, tem uma representação ambivalente: ora se vê como uma ‘rocha’ que sabe resistir e fazer face às adversidades e ao mesmo tempo acha que é frágil psicologicamente, não possuindo recursos próprios para efetuar mudanças em sua vida.

A solidariedade é uma experiência também vivenciada nos coletivos. O que fornece um suporte compensatório tendo em vista as ausências familiares e institucionais. Camaleão diz que se não fosse o GPS teria cometido algumas barbaridades. Embora Euclides afirme que falta ainda “muito”, falta acompanhar⁴³ e chegar mais junto de “quem já caiu”. Ao que Edcelmo rebate que é preciso que os outros possam aprender também como eles aprenderam.

A experiência em projetos sociais é marcante e influte profundamente sobre o modo de subjetivação dos jovens em bairros como Guarapes mesmo para quem não tenha participado de projetos sociais como Camaleão e Pick, mas que diretamente se envolve através da participação de um membro da casa ou mesmo de um “chegado”. Há referências negativas e também ressentimentos quanto à experiências em fóruns como o Engenho de Sonhos. O fórum parecia promissor e acenava com grandes expectativas para jovens e educadores, mas não conseguiu consolidar-se. Alcemir diz que “(...) estava aluado em um reinado de areia”. Algumas vezes, trabalhar no terceiro setor é frustrante como nos diz Carla. Ocorrem brigas, dissensões e sonhos se despedaçam. Não refutam por outro lado que um aprendizado importante e uma nova perspectiva sobre a vida acontecem nesses espaços de experimentação.

No que se refere aos sonhos e anseios, eles se desenrolam em dimensões diversas. No âmbito familiar é o desejo de constituir uma família com vínculos bem estruturada em que possa haver apoio e compreensão mútuos. No âmbito social é o

⁴³ Aqui, a idéia de Euclides é muito próxima à discussão de Niewiadomski (2008) sobre a noção de “acompanhamento”, resguardando a autonomia do sujeito, mas também portando dificuldades nesse processo.

reconhecimento do valor individual e também coletivo (“ver o morador da periferia com olhos diferentes que o olhar de marginal”); no âmbito financeiro é a sustentabilidade, no âmbito artístico é ver a penetração de seu trabalho ser alavancado com a cultura da “periferia” (aqui nos referimos particularmente a Posse Lelo Melodia).

A auto-imagem dos jovens merece considerações especiais que faremos a partir das falas do coletivo Posse Lelo Melodia. A própria família, e os moradores do bairro reiteram o olhar da sociedade, isto é, eles os vêem como ‘inertes’ por não terem perspectivas na vida. Aham que incomoda na sociedade por serem ‘vagabundos’. Retraduzindo o olhar social acerca da vagabundagem para o interior do bairro em nível das relações cotidianas. Seus vizinhos percebem-nos como desocupados. Há um desconhecimento no bairro e desinteresse quanto às ações por eles empreendidas. O que temos constatado é que as biografias individuais não se somam, ou seja, as dores dos indivíduos não criam um sentimento comunitário. Isso aponta Bauman (2003) ao afirmar:

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram homens e mulheres no ambiente fluido e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível não une os sofredores: antes os divide e os separa (BAUMAN, 2003, p. 48).

Adentrando o círculo familiar, reencontramos noutra nível com o discurso sobre o dispêndio dos jovens e sua condição de “imprestáveis”. Camaleão relata que sua mãe o vê como “um fruto estragado”. E acresce. “Ela diz que não presto e não sirvo para nada”. Absorvem essas idéias, em certa medida compartilham com ela, mas não se deixam paralisar nelas. É preciso contrabalançar essa significação social que se atrelam a eles juntamente com outras mais desqualificantes imbutidas, como já referimos aos meninos de rua. Ora, como nos disse Camaleão: “Se eu me vir como coitado eu me lasco”. Se nada herdaram materialmente, então quais são suas posses? Sua inventividade, astúcias que se materializam em maneiras de fazer. Portanto, esforçam-se em se enxergar como pessoas que tem o seu valor (como ‘diamante’), ou que são resistentes às imposições e injunções sociais (“ser guerreira”, ser “rocha”) por justamente incomodar as pessoas na sociedade, por

operarem em ações de resistência e por achar que pode ser uma ‘porta’ para a comunidade, no sentido de que podem devido ao hip hop(jovens da posse) ou à “militância social”(jovens construindo sonhos) ser um intermediador para outros jovens do bairro. Contribui para isso, decisivamente, o encontro com a ‘cultura hip hop’ e os projetos sociais nos quais vão se agregando e experimentando artes de pensar e fazer (CERTEAU, 2007) para lidarem com, na expressão de Bourdieu (2001), os efeitos simbólicos do capital.

Experimentar artes de fazer e pensar restaura a dimensão do sonhar. Talvez não mais “aluado” como colocou Alcemir, referindo à fase do Engenho de Sonhos em que seu sonhar era “autista”. Mas um “devanear” que se abre para ações possíveis. O próprio Alcemir relata que hoje coloca seu sonho em uma dimensão de coletividade. Sabe que muita coisa é difícil e agora que já tem mais de trinta anos, suas expectativas são mais objetivas. Reconhece que seus sonhos passam por contingências com as quais nem sempre terá como ultrapassar. “Meus sonhos estão na minha relação com vocês”. Samanta empreendeu também um esforço de subjetivação para não ver cumprida “as profecias familiares”: “Todo mundo dizia que eu ia ser a primeira a ter filho, que eu era uma vagabunda porque eu vivia no meio da rua. Isso era o que muita gente da minha família dizia”. O trabalho de Samanta se dá nas tentativas em que empreende de validar uma imagem positivada de si. Ou na esteira da psicanálise, de advir enquanto sujeito em meio aos fatores sociopsíquicos produtores de sujeição. Esforço de uma maneira de fazer cuja frente de batalha passa pela dimensão simbólica de invalidação social.

Lamento e desperdício. Sonhos e vagabundagem. Retornamos à fala de Amaury: vagabundos ou sonhadores? O próprio Amaury tem uma reflexão a esse respeito. Em uma dinâmica projetiva:

O reto e o torto são referências um do outro. Tem uma ligação fraterna. Alguns momentos eu sou visto como um pau torto, um vagabundo e outras vezes como Ator Social. A ligação aqui é para ver os dois momentos. No fim dá no mesmo. Sou o conjunto das duas coisas. Algumas pessoas não vão me ver. Depende do olhar e do momento. Os olhares trazem várias interpretações (Informação oral. Amaury).

Ora as trajetórias sociais aqui esboçadas, são fragmentos biográficos de movimentos de lutas singulares em um contexto social que faz encarnar um ator

(Touraine), ou para ficarmos em Castoriadis, de um sujeito social a partir da realidade sócio-histórica contemporânea. Através de suas vidas os jovens demonstram os embates com um imaginário social que encarna as instituições sociais e que materializam modos de ser, cognições e afetos dentro do cenário social em que vivemos. Há as dimensões tanto concretas quanto simbólicas de invalidação social em operação. Contudo, as biografias evidenciam os esforços de singularização que se consubstanciam em artes de fazer, ou seja, a produção de um projeto de um sentido existencial que possa balizar suas condutas e manter o desejo de uma vida que possa ser o mais autonomizada possível.

3.3 RUPTURAS E CONTINUIDADES NA TRAJETÓRIA DE JOVENS “PROTAGONISTAS”: A PRODUÇÃO DE SI

Uma vez apresentado um primeiro nível de análise no item 2, reflexionamos sobre a subjetivação dos “jovens periféricos”. Destacamos, mais amiúde, as conflitividades, rupturas e continuidades presentes em suas biografias. O item 3.1 situa a perspectiva teórica de subjetividade. O item 3.2 situa os desafios, contradições e também continuidades e rupturas na trajetória de alguns “jovens de projeto”. O item 3.3 delinea um projeto de sobrevivência, outras maneiras de se realizar movidos por um desejo por autonomia, mas enredados em um sentimento de vergonha e novas angústias e sofrimentos.

3.3.1 Subjetividade na articulação entre psíquico e social

Discutir a produção de si é inelutavelmente problematizar a questão da subjetividade, aqui tomada na perspectiva de Castoriadis (1986), de certo modo um dos “pais” da Sociologia Clínica, ao trabalhar entre dois irreduzíveis: o social e o psíquico. O homem é psiquismo, “alma, psique profunda, inconsciente” e também é sociedade, porque só existe por meio dela, de suas instituições e das significações que tornam a psique apta para a vida (CASTORIADIS, 1986).

O conhecer e o agir do homem são ao mesmo tempo e indissociavelmente, psíquicos e sócio-históricos. Tudo o que encontramos em um indivíduo é uma

fabricação das instituições sociais. Alcançar o que não é dessa ordem nos sujeitos é se movimentar em direção ao centro do psiquismo – que não passa pela linguagem – deparando com os modos mais caóticos de representar e os afetos mais brutos (CASTORIADIS, 2004). Aqui no registro da psicanálise há que se considerar as dimensões intrapsíquicas, as quais a subjetividade também se encontra assujeitada.

Em suma, a subjetividade em Castoriadis é um processo inacabado⁴⁴. Em sua teorização (CASTORIADIS, 1992) a subjetividade implica ao mesmo tempo psique e sociedade. Relacionar-se igualmente com os conteúdos inconscientes (fluxo incessante de representações, afetos e desejos) e com as instituições sociais. Aí se encontram igualmente indissociáveis da subjetividade a autonomia, a democracia e a política. Quase esquematicamente digamos, por ora, que: a democracia é “regime de reflexividade coletiva” (CASTORIADIS, 1992, p.160), não podendo existir sem indivíduos democráticos; que um projeto de autonomia, ao nível do ser humano singular, é “liberar sua capacidade de fazer e de formar um projeto aberto para sua vida” (CASTORIADIS, 1992, p.159); e que o objetivo da política⁴⁵ é “formar projetos coletivos para empreendimentos coletivos e trabalhar neles” (CASTORIADIS, 1992, p.160). Em jogo, na produção de subjetividade está uma política da autonomia.

Gaulejac (2005), a respeito do objeto da sociologia clínica, resume o espírito de nossa análise da subjetividade: articular as contradições produzidas nas relações estruturais às práticas concretas dos atores sociais e suas respostas pessoais que dão às múltiplas injunções vivenciadas, para tentar se posicionar como sujeitos de sua história.

A questão do sujeito é inseparável da questão do sentido (GAULEJAC, 2005). Sentido que tanto o sujeito atribui a seu lugar, seus comportamentos, seus ideais, seus projetos sua vida enfim, como o sentido que os outros atribuem suas posições, suas condutas e sua existência. Gaulejac (2005) afirma que levar em conta a subjetividade é aceitar a interrogação sobre a dimensão existencial como elemento incontornável para compreender condutas, comportamentos, atitudes e relações sociais.

44 “Traduzo na formulação de Freud o *werden* “por vir-a-ser” (que é seu sentido exato) e não por ser, ou mesmo *advir*, pois a subjetividade que tento descrever é essencialmente um processo, não um estado atingido definitivamente” (CASTORIADIS, 1992, p.155).

45 No capítulo 5, item 3, apresentaremos a continuidade dessa discussão atrelada ao agir coletivo dos jovens.

Gaulejac (2005) considera ainda a necessidade da discussão da questão do sujeito no entrecruzamento de quatro universos que remetem igualmente a campos disciplinares próprios, o que sugere pensar que nessas intersecções importa considerar também conexões, diferenças e oposições entre: a) universo cognitivo da reflexividade, onde se produz o sujeito da razão; b) universo da lei, norma, regras onde se produz o sujeito do direito; c) universo do inconsciente, das pulsões, fantasias e imaginário, onde se produz o sujeito do desejo confrontado com o desejo do outro que contribui a produzir e/ou a sujeita-lo; d) universo da sociedade, cultura, economia, das instituições, relações sociais, status e posições sociais, onde se produz o sujeito “social-histórico” confrontado com as determinações múltiplas ligadas ao contexto no qual ele emerge.

A perspectiva sobre subjetividade adotada não conflita, mesmo se tratando de uma matriz teórica bastante específica, com os outros autores que estamos aqui dialogando – Certeau e Melucci – e por mais distante que possa parecer é bastante convergente com os desenvolvimentos teóricos de Foucault, ao tematizar a questão da subjetivação. Primeiro diferenciemos individualização e singularidade. Em Foucault há a preocupação com os aspectos contingenciais e singulares na fabricação da subjetividade. A produção de sujeitos no registro de Foucault⁴⁶ passa pelo panoptismo (vigilância generalizada e constante), disciplina (aprendizado, formação e adestramento) e a normalização (definição de normas de conduta, estabelecimento de práticas de punição) como formas de investimento do poder sobre os corpos. Assim o sujeito aparece como o avesso do processo de sujeição (FOUCAULT, 1997). Mas há também através das lutas contra as identidades fixas, espaço para construção biográfica, para a produção de singularidades⁴⁷ mais autonomizadas, o que, por sua vez, aumenta a insegurança e a angústia frente a uma produção de si que é aberta, inacabada. Estamos aqui no registro do Foucault, da ética existencial: governo de si e economia emocional em Foucault: “uma ética do desfazer dos modos estabelecidos de nossas subjetividades, uma ética do desprender-se, do despojar-se de si” (FOUCAULT, apud PAIVA, 2000, p. 217)

46 Esta primeira referência é, ainda, ao Foucault da genealogia do poder

47 Singularidade é uma noção importante para Guattari remetendo a idéia de um projeto político de ruptura com as modelizações da subjetividade capitalística. Tratamos a questão da subjetividade na dissertação de mestrado recorrendo a este autor e também outros como Maffesoli (BEZERRA, 2004).

Voltaremos a essa discussão na rubrica “matriz foucauldiana”, item 5.3.3 do capítulo 5.

Pensar produção de sujeitos é também considerar o processo de sujeição. A psicanálise nos lembra que nenhum sujeito pode tornar-se sujeito sem ser inicialmente sujeitado e sem sofrer sujeição. A entrada na cultura já é uma imposição e também uma violência para a mônada psíquica (CASTORIADIS, 1986), que é lançada do princípio do prazer para o princípio da realidade. O infante é assujeitado ao desejo dos pais, como também das normas e das instituições sociais das quais seus pais são portadores e representantes.

O ponto de contato entre registros diferentes como a psicanálise e Foucault é na relação sujeição/dependência⁴⁸ e autonomia. Paradoxalmente é através da dependência que o sujeito se constrói. Gaulejac (2005) nos lembra que é no amor daqueles dos quais ela depende que a criança aprende a amar. E que o sujeito se apega apaixonadamente ao que se assujeita. Autonomia é um processo pelo qual o sujeito tenta se constituir na duração, como exigência para ser “si mesmo” e uma busca jamais insatisfeita em ser outro (GAULEJAC, 2005).

Uma vez explicitada a partir de que lugar teórico estamos trabalhando a questão da subjetividade, retomaremos as categorias utilizadas no capítulo um: jovens meninos de rua e jovens de projeto. Lembramos que se trata de categorias empíricas que surgem ao longo de nossos 10 anos de pesquisa. Ambas se referem ao imaginário social da juventude em nível local (também nacional): a primeira associada à sujeição social e aos estigmas sociais (sujos, violentos, marginais) e a segunda associada ao lugar de sujeito social (pobre trabalhador, honesto) passível de ser cooptada pelos discursos de poder na esteira de Foucault (docilização dos corpos).

De modo esquemático, vamos situar os impasses vivenciados nas duas últimas décadas relacionadas à juventude na Zona Oeste de Natal. As gerações juvenis da Zona Oeste vivenciaram contextos muito específicos em cada ciclo histórico. Com isso, defrontaram-se com especificidades muito próprias, algumas das quais continuam persistentes até nossos dias (estigmatizações, ódio social, desqualificação pela sociedade, sentimento de vergonha, entre outros).

48 Freud tematizou a questão do desamparo inicialmente em introdução ao narcisismo. Outros autores, seguindo-lhe as pistas iniciais, colocaram mais relevo nessa questão, como Ferenczi, Laplace, Winnicott e mais recentemente Bowlby, cuja discussão do vínculo mãe-criança evoluiu para a temática do apego enquanto campo teórico.

Mas, o que queremos apontar com mais contundência é que ao nível societal e na presente década, foi possível uma nova modalidade de “arranjo social”, que permite a Naldo e a Edcelmo engendrarem novas rotas de produção de si. Dentro da nova “ordem mundial”, os arranjos mudaram de modo muito rápido em uma década, ou seja, do tempo em que analisávamos os jovens “meninos de rua” para os atuais “jovens de projeto”.

Durante os anos 1980 e primeira metade dos anos 1990, os jovens “meninos de rua” acompanhados por nós em Natal não tinham a menor visibilidade, e muito menos reconhecimento social quanto seus pares desta década atual. Enquanto os jovens de projeto eram chamados para entrevistas, discutiam o protagonismo juvenil e a violência urbana entre outros assuntos polêmicos, o microfone nunca foi facultado para o círculo dos “meninos de rua”. Tanto é que jovens como Jurema, Elisa e Samanta (todas elas crianças participantes do MNMMR nos anos 1990 e de nossas oficinas na primeira etapa da pesquisa) aparecem em entrevistas televisivas justamente quando estão nos quadros de projetos sociais patrocinados por fundações internacionais, como o Fórum Engenho de Sonhos.

Se à época dos “meninos de rua”, conseguíamos, no máximo, do Corpo de Fusileiros Navais, em Natal-RN, um espaço para a realização de nossas oficinas de pesquisa, ao custo muitas vezes de uma crescente tensão institucional (TAKEUTI, 2002), por ocasião do Engenho de Sonhos, era facultado para os “meninos de projeto” o acesso a espaços dentro da UFRN, a escolas da rede pública e, em função do financiamento internacional, o aluguel de espaços mais sofisticados, como hotéis, para a realização de reuniões de gestão e planejamento. Enfim, circulação em espaços sociais diversos que lhes seriam barrados em outras situações sociais.

Se considerarmos que o Engenho de Sonhos, além de ONGs que atuavam na educação e cultura popular, detinha ainda o segmento UFRN composto por professores e estudantes universitários de prática extensionista e de pesquisa, é possível pensar que uma imagem de si muito positiva era recolhida da pertença a essa rede pelos jovens nela enredados (BEZERRA, 2004). Desse modo, meninas do MNMMR como Samanta passaram a um novo estatuto social, simbólico e imagético, visto que agora faziam parte e transitavam em um terreno que lhes permitia uma interlocução privilegiada e inédita com atores de outros ‘campos’ (para usar uma expressão de Bourdieu).

Tanto Demo, Piaba e Naim, não poderiam àquela altura, nos anos 1990, conectarem-se em outras redes que lhes permitissem alargar horizontes, construir outras oportunidades. Ao passo em que o MNMMR se esvazia (recompondo-se mais tarde no interior do Engenho de Sonhos), os projetos sociais se fortalecem. E tudo isso dentro do mesmo espaço geográfico da cidade, a Zona Oeste de Natal. Os “meninos de rua” tentam dar o “seu jeito”: Piaba vai trabalhar em uma empresa terceirizada de limpeza urbana que presta serviço para a prefeitura. Naim arruma uma colocação em uma gráfica na Ribeira. Quanto a Demo, o grande articulador e líder do grupo, não tivemos notícias de posteriores atividades, posto que travava uma luta pessoal contra o crack.

Demo era uma figura emblemática comparável a Edcelmo. Ambos lideraram seus grupos, ao mesmo tempo em que também se inseriam em outras redes (galeras) em práticas consideradas negativas do ponto de vista social (furtar, assaltar e consumir drogas). Demo chegou a discursar em Brasília em uma conferência nacional sobre o ECA. Edcelmo participou de edições do Fórum Social Mundial. Mas, a rede de Edcelmo era potencializada através do Hip Hop, permitindo-lhe outras inserções. Era um “artista”, um “rapper”. Sua música era também sua arma. Já Demo, para além do tráfico e do MNMMR, não possuía outras entradas que lhe rendesse novos “bens simbólicos” para lidar com as contradições que lhe atravessavam a esfera subjetiva.

Para Demo e Piaba, jovens expressivos da geração anterior, as opções eram entre a droga/morte ou o subemprego. Nesta segunda opção, tentar “adaptação” em termos de uma subcidadania, como trabalhar na Urbana (coleta de lixo), aderir a uma massa de desempregados que migra para o trabalho informal (abrir vendas, bares, ser vendedor).

Para Edcelmo e Naldo, há a alternativas como o hip hop e a militância social. É a partir dessa brecha que podem realizar a construção de projetos existenciais que mesmo resvalando na sujeição (tanto a mecanismos de poder quanto aos processos inconscientes que lhes determinam a forma como lidam com a angústia, a perda, a frustração e o desamparo), suscitam-lhes possibilidades inovadoras justamente em suas ações coletivas através dos grupos juvenis que fazem parte alentando um projeto de vida que é comungado em grupo. Sentem que é no coletivo que seus desejos podem fazer eco. Em meio às contradições que lhes atravessam,

a cotidianidade tece o modo de coligação que lhes propicia interrogar a si e aos outros.

3.3.2 Jovens de projetos: Impasses, contradições, rupturas e continuidades

Touraine (2003) diz que é a partir do sofrimento do indivíduo dilacerado e da relação entre sujeitos que o desejo de ser sujeito pode se transformar em capacidade de ser um ator social. Citando o trabalho de Angeline Peralva (TOURAINÉ, 2003), sobre delinquentes e medo, diz que a ameaça que dá origem a um comportamento violento “não é a que pesa sobre a ordem social, mas a que atinge o indivíduo como sujeito” (TOURAINÉ, 2003, p.313). Portanto, é preciso insistir sobre o que ao nível das relações interpessoais dos jovens poderá vir a fazer com que se sintam reconhecidos ou negados.

Jovens como Edcelmo e Naldo, cujas trajetórias foram abordadas no capítulo anterior, estão nessa espécie de “peleja” na qualidade de “indivíduos dilacerados” movimentando o desejo de ser sujeitos. Realizam uma luta cotidiana para não cair na drogadição, na delinquência, no tráfico de drogas e no crime. Esse mundo contíguo os interpela dia-a-dia através de círculo afetivo íntimo (por vezes, entes familiares ou amigos próximos) demandando deles inventividade para vislumbrar outros caminhos. No entanto, as vias “normais” na sociedade (escolarização e trabalho) não desenham caminhos evidentes. Eles olham os jovens supridos de capital cultural e escolar, confrontarem-se com dificuldades de inserção profissional. Percebem que fazem parte da parcela social de jovens que contam com recursos ou capitais precários para concorrer no mundo do trabalho formal e que travam uma “guerra” pela própria vida.

Com isso, chamamos a atenção para as conflitividades nos planos familiar, comunitário, ideológico, social, presente na história de vida dos grupos juvenis como dos jovens que os animam. Daí na perspectiva que abraçamos, da Sociologia clínica, interessa-nos parafraseando Gaulejac “integrar no objeto a subjetividade como elemento de conhecimento e [elemento] a conhecer”. Assevera que a história dos homens é um momento de ruptura, escolhas e/ou continuidades que se elaboram em espaços incertos como respostas de indivíduos e grupos em face de situações contraditórias. “O sujeito deve se tornar gestor de seus conflitos. Ele é livre

na medida em que pode se ‘realizar’”. Mas, alerta-nos, que cada sujeito não dispõe dos mesmos suportes para exercer a sua liberdade e afrontar a luta por lugares sociais (GAULEJAC, 2006).

Pick resume os desafios na produção de subjetividade: Dificuldade de superação dos problemas tanto ao nível objetivo (‘pedras sempre existirão no caminho’) e ao nível subjetivo (‘a gente não se liberou de muita coisa; uns desandam e outros tentam outros caminhos’). Tornar-se gestor de seus conflitos permanece uma tarefa árdua na medida em que esses mesmos conflitos atravessam toda uma coletividade, demandando também um nível de ação que se processe em escala grupal.

Pick e Alcemir fizeram parte de galeras tendo experiências na violência (sobre o outro e sobre si), sentindo-se em ‘confusão’, uma desestruturação pessoal, ou seja, envidaram um tipo de relação de alteridade que não lhes nutriam (o “Ser” violento regado a álcool e adubado com armas de fogo). Portanto, não era apenas a fome objetiva, mas uma fome de sentido para seu vivido em meio às agonias e injunções que a produção de subjetividade coloca no contexto em que vivem. A guinada vai se dar a partir da pertença ao grupo de hip hop, ou no exercício em grupo da capoeira, os quais passam a ser espaços de ‘militância’ e uma possibilidade para lhes fornecer recursos e suporte para efetuar alguma mudança.

Quais são as continuidades? E as descontinuidades (rupturas)? E as contradições? Como compreendê-las tendo em vista que os jovens se esforçam na produção de uma “outra maneira de se realizar” diferente das que lhe estão postas?

A análise das contradições das subjetividades juvenis revela ambivalências ao nível pessoal e paradoxo nas condutas grupais visto que os jovens em análise delineiam seus campos de “luta” dentro de um “amalgama” de possibilidades contrastantes entre si (participação em grupos culturais e uso de drogas, ações comunitárias e experiências autoritárias, participação em projetos e em galeras juvenis, etc.).

Nos grupos que acompanhamos (Jovens Construindo Sonhos e Posse Lelo Melodia) encontramos uma variedade de modos de inserção que se distanciam do “claro-escuro” que é invocado binariamente acerca das modalidades de participação desses jovens. Muito mais amplo que a questão de participar ou não, são as modalidades de participação dos jovens ao nível das ações ou da gestão.

Na Posse, Eurico era o artista do grafite. Recentemente, a Posse

desenvolveu um projeto de “Grafite na escola”, aproveitando a necessidade de pintura do muro. Numa decisão surpreendente até para o grupo, o diretor consentiu na elaboração de painéis temáticos sobre hip hop e paz. Eurico supervisionava e dava o acabamento de tudo. Também, através de um projeto de curto prazo, deu oficinas de grafite em cidades do interior. Parece à primeira vista estranho, supor que o mesmo Eurico venha a se “desorganizar” entrando em uma espiral descendente através de drogas e da desestruturação pessoal que o leva a conflitar com todo o grupo da posse. E abandoná-lo.

Verificávamos, na época do MNMMR, que muitos dos ‘meninos de rua’ tinham na reclusão (delegacias, centros correccionais) um espaço de refazimento. Alimentavam-se regularmente, desintoxicavam-se um pouco, mantinham-se afastados dos inimigos. Hoje, é também possível ver certa atitude de “cuidado de si” com Eurico, quando ele mesmo pede à mãe que o interne em um hospital público psiquiátrico para “dar um tempo” no vício e na “perturbação do juízo”.

É difícil conciliar a mesma imagem do jovem artista contestador e engajado e do viciado que agride a mãe do amigo e embaraça o coletivo que ajudou a erigir? Nossa intenção é chamar a atenção para as forças sociais que atravessam o interior dos jovens das periferias como Guarapes, apresentando-lhes em nível individual as traduções das mesmas conflitualidades existentes em nível social. O que produz sujeitos “complexos” em seu agir e cujo aspecto contraditório espelha as contradições do mundo em que vivem.

O aporte em grupos variados e díspares, as ligações em redes juvenis, a pluralidade de comportamentos que rejeita rotulações e classificações permite-nos entrever “composições”; uma multiplicidade de experiências reveladas na cotidianidade de nossos jovens sujeitos.

Apesar de retomarmos a assertiva anterior no item 5.5 do quinto capítulo (“múltiplas experiências”) sob um prisma “positivado”, exemplifiquemos esse ponto utilizando Engenho de Sonhos para ressaltar algumas “contradições”. No núcleo do fórum no bairro Guarapes, no qual o tráfico atua fortemente, tínhamos o jovem Cravo, que ao mesmo tempo “atravessava” drogas e tomava parte em furtos, participando ainda da horta comunitária, do “dia limpo” (mobilização e conscientização ecológica) e da rádio comunitária. Era possível divisar também meninas que participavam de várias mobilizações sociais e também se lançavam paralelamente ao sexo turismo.

O Engenho de Sonhos conclamava os jovens a uma postura mais “autônoma” pela adesão ao programa de trabalho traçado pela equipe técnica, pela delegação de atribuições, funções e poderes. Faltava uma estrutura de suportes que contemplassem as “derrapagens” e “contradições” como algo inerente ao vivido dos ‘jovens de projeto’, e ao ser humano em geral que encarna as instituições e portam as significações sociais nela instituídas. Utilizando o referencial de Castoriadis (1986), não é possível dar poder a um sujeito em uma sociedade marcada pela heteronomia.

A questão acima ainda vem sendo insuficientemente tematizada no que concerne ao planejamento das intervenções com jovens. O que temos percebido na maior parte das ONGs e projetos sociais, é uma exigência endereçada aos “meninos de projeto” para que exibam sempre sua face reluzente de “protagonistas”, “empoderados⁴⁹”, “empreendedores” e que banam para o ermo sua sombra “meninos de rua”. Voltando a menção à Castoriadis (1986) (ausência de suportes e impossibilidade de “dar poder” em uma sociedade heterônoma) que fizemos no parágrafo anterior, parece ser difícil entender como se sustentou em Eurico uma postura produtiva através do hip hop quando se conhece a realidade social na qual ele se produziu.

Amaury ao interpretar uma escultura produzida por outro companheiro seu, em uma de nossas oficinas acrescenta a pluralidade de repertórios presentes na subjetivação de si: “Ele busca um ponto de equilíbrio. Parece que reverencia alguma coisa com humildade. Bom e mau são uma coisa só. Igual. Estão juntos”. Essa polissemia presente no agir varia bastante conforme o contexto e o ponto de vista observado.

No confronto com as experiências de perda, por exemplo, é possível ver emergir essa “sombra”. Na Posse Lelo Melodia um jovem conhecido como Cizinho foi brutalmente morto, levantando suspeitas quanto à autoria do assassinato. Ao cogitar a autoria da polícia ouvimos o seguinte comentário: “se foi a polícia vai ter troco”. Numa história ficcional produzida por um dos membros da posse tem-se um personagem “X” que é humilhado pela polícia e vai a um traficante do bairro contar-lhe que o policial em questão era o mesmo que estava atrapalhando seus negócios.

49 Curiosamente, esse termo surge na administração. Empowerment é uma estratégia de descentralização e delegação de poderes para os funcionários, envolvendo-os em processos decisórios. Parte da idéia de dar poder, liberdade e informação aos funcionários incentivando uma “cultura participativa” e “autonomia” dos funcionários.

O policial toma “chá de sumiço”.

Há um repertório diversificado de condutas no que tange ao que se pode considerar como “normativo” e “transgressivo”. Podem-se evitar os caminhos da transgressão, e ao mesmo tempo fazer algum favor para os traficantes do bairro. É possível ter uma conduta honesta e viver na “merda”, sem perspectiva de trabalho ou emprego. Também é possível conciliar atividades lícitas e ilícitas. É o que nos diz Camaleão: “No lado bom tem coisa ruim. Nem todo mundo que te tira da ‘merda’ é teu amigo! O cara tira você da ‘merda’ e te põe pra vender drogas” (Informação oral).

Mais uma vez, deixamos claro que as contradições na produção de si, conforme temos acompanhado na trajetória dos jovens, não se limitam a aspectos contraditórios e exclusivos da personalidade dos jovens, como algumas correntes da psicologia poderiam argumentar. Com isso, também não estamos fazendo coro com certo “darwinismo” social que os remetem para “transgredir”, o que seria contraditório com a argumentação geral deste trabalho. Antes de tudo, nossa perspectiva é que a subjetivação trata sempre de um “dentro-fora” que se confunde. Temos constatado, nas ações individuais e grupais, a possibilidade de uma subjetivação singular ancorada em artes de fazer que geram inventividade e abrem novos horizontes na subjetivação de jovens como os apresentados neste capítulo. E como decorrências, também anunciam rupturas e continuidades nessa produção de subjetividade e efeitos em âmbito coletivo, apesar das dificuldades vividas.

Para nos mantermos coerentes ao espírito deste trabalho, sem escapar pelo “subjetivismo”, é que reafirmamos, na linha de Castoriadis (2007), que o modo pelo qual a sociedade se organiza é reveladora do processo de subjetivação possível para seus membros. Um exemplo disso é a noção de cidadania que se faz presente nas formulações de políticas públicas, e que poderia ampliar as possibilidades de subjetividades para o segmento juvenil pobre da sociedade. Historicamente, acompanha a idéia de outorga por parte do estado de “tutela” e “favor”. Quando o debate instaurado na sociedade brasileira visa alargar a discussão para além de direitos e deveres, trazendo hoje a preocupação com “participação”, “interação” e “crítica”, vemos o germe de novas significações que teriam o potencial de agregarem-se as já existentes significações sociais presentes na idéia de “jovens de projeto” poderiam se consolidar e quiçá problematizar o imaginário social estabelecido acerca da juventude pobre no país. Talvez, por essa razão, também venha surgindo, por exemplo, no meio jurídico, discussões em torno de “cidadania

ativa” (AQUINO, 1998), que seria a criação de direitos para abrir novos espaços de participação social. Seria preciso ultrapassar as políticas assistencialistas, enxergando o potencial juvenil tanto de produção de caos e violência quanto de inovação social? Esse prisma de reflexão indicaria outras “contratualidades” concernentes aos vínculos entre os jovens de projeto e a sociedade da qual querem tomar parte, implicando em “abrir os canais auditivos” para uma realidade incômoda de sons de dores, gemidos e ódio, de pranto e também de risos.

Novas formas de contratualidade no cenário social contemporâneo implicam, portanto, a compreensão da dinamicidade entre luz e sombra na cotidianidade dos jovens das periferias urbanas, compreendendo o contexto complexo dessas manifestações. Em seus depoimentos, os jovens deixam claro que querem fazer parte da sociedade que os rejeitam. Ao mesmo tempo, também se “esbarram” (metáfora de Takeuti, 2007, para um movimento de um caminhar ‘ombro a ombro’ com a desestruturação pessoal) nas estradas da droga, do crime, mesmo sem se fixarem neles. Empreendem esforço enorme para traçar um trajeto no qual não se percam em seu caminho.

Analisando a produção de subjetividade nos coletivos estudados, chegamos, assim, ao entendimento de que as significações sociais incrustadas em “meninos de rua” imputam um olhar social desqualificante gerador de um sentimento de vergonha, inutilidade e impotência, reforçando o peso das condições materiais de existência desses jovens e da herança familiar desqualificante que receberam. Por outro lado, a produção social de uma subjetividade ancorada no significante “jovens de projeto” suscita a construção de um sujeito aberto que não faz desaparecer as contradições sociais ao nível das determinações materiais de existência, da trajetória familiar e coletiva, dos desejos barrados na prima infância, mas na qual é possível, mesmo a duras penas e com muito sofrimento psíquico, “cavar” espaços na sociedade, aproveitar as brechas na tessitura social existente para compor, ressignificar, inovar e usar de astúcias (CERTEAU, 2006).

Não se pode promulgar cidadania, normatizá-la por um ato jurídico sem o enfrentamento da questão dos direitos como assevera Bauman (2003), conjugando individualidade e coletividade. Faz-se imprescindível a universalidade da cidadania como condição preliminar de qualquer “política de reconhecimento” significativa. A busca de uma humanidade comum que viabilize e encoraje “a discussão contínua sobre as condições compartilhadas do bem.” Comunidade de interesse e

responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (BAUMAN, 2003).

A existência de discussões em torno da cidadania sugere-nos, particularmente na esteira de Castoriadis (2006), que se essa significação social (“cidadania”) está posta há muito na sociedade, hoje, nos parece, há um intenso questionamento na forma como ela é investida. O que vimos, empiricamente, por parte de nossos jovens, é que a menção à cidadania põe em relevo o desejo de ser sujeito; num âmbito mais coletivo, em tornar-se capaz de ser um ator social (TOURAINÉ, 2003).

Os impasses e contradições que se evidenciam ao nível das relações interpessoais dos jovens, faz com que se sintam reconhecidos ou negados na produção de subjetividades. Geram em suas trajetórias, padrões tanto de continuidade quanto de rupturas importantes para a “produção de si”. Façamos uma breve panorâmica das continuidades e rupturas mais evidentes dos jovens de ambos os coletivos (Posse e Jovens Construindo Sonhos).

a) CONTINUIDADES:

Analisando o conjunto dos depoimentos dos jovens, que apresentamos nesse capítulo sob a forma de pequenos fragmentos, percebemos que há de continuidade o sentimento de ódio aos rótulos limitantes, e também as carências e faltas expressas no desejo do que é básico, em termos de saúde, moradia, educação e segurança. Além disso, permanece entre os “jovens de projeto” do mesmo modo que os “meninos de rua” a ansiedade quanto à sustentabilidade financeira que inscreve o amanhã num horizonte de permanente interrogação.

Começamos por Naldo, cuja biografia apresentamos entre o primeiro capítulo e este aqui. As continuidades presentes na trajetória de Naldo são inequívocas. Ele diz que a igreja foi quem o pariu para o movimento social. E que o Engenho de Sonhos forneceu-lhe o “chão para as atividades que desenvolve hoje”. Diz que tinha ambição de estar em um espaço maior que o do bairro. Não lhe bastando ser um “jovem de projeto”, foi cavando um espaço até chegar ao conselho gestor do fórum. Depois que o Engenho finaliza, consegue estruturar uma associação que poderia fazer aquilo que não podia no Engenho. O trabalho da associação o credencia a buscar veredas na política institucional. Seu estilo sempre se caracterizou pela diplomacia. Buscava identificar alianças. Criticava os meninos do rap pelo tom que

considerava “exagerado”, que afastava mais do que gerava coligação. Com a associação passou a se preocupar com a visibilidade política dos jovens, caminho que o leva naturalmente à política partidária.

Percebe-se, também, um movimento bastante coerente em Edcelmo e PP (apresentaremos na abertura do próximo capítulo). Trilhar o caminho do hip hop é fundar o grupo periférico suburbano, o GPS. De um movimento que começa na brincadeira, na curtição, para uma segunda etapa em que percebem a si mesmos enquanto produtores de um movimento cultural, é construída uma ponte para vivenciarem essa “cultura da periferia” no Engenho de Sonhos. Como o Engenho não vai contemplar seus objetivos mais amplos, a Posse Lelo Melodia vai surgir como uma nova etapa de maturidade: agora passam de um movimento cultural para um movimento político: participação em conselhos, em assembléias e eventos sobre juventude, discussões sobre políticas públicas.

Adriana, Carla e Samanta foram “jovens de projeto”. Carla vai chegar mais tardiamente ao Engenho de Sonhos. A partir do fórum, ela vai se tornando uma ativista, culminando com a criação dos Jovens Construindo Sonhos e tornando-se profissional do terceiro setor com carteira assinada pela instituição “Visão Mundial”. Quanto a Adriana e Samanta, ambas inserem-se nos movimentos sociais bastante cedo. Samanta, começando um pouco mais nova, associa-se ao movimento dos “meninos de rua”, através do MNMMR, enquanto Adriana participa da pastoral da igreja e descobre o coral. A diferença é que uma aporta no Fórum proveniente de um movimento estigmatizado e com uma experiência social mais consolidada. A outra vai se aproximando a partir de uma sensibilidade social mais aguçada pela igreja, e também com uma “vocação” artística despertada pelo coral. Ambas se encontram no Engenho de Sonhos, fundam a Posse Lelo Melodia e dividirão os vocais nas Dandaras do Rap. Adriana, que após o Engenho vai trabalhar em uma ONG, tem tentado dentro da Posse, coordenar e organizar um trabalho com meninas no bairro Guarapes.

b) RUPTURAS:

Focando por outro lado o ciclo geracional, percebemos a ruptura entre os “meninos de rua” (jovens dos anos 1990) e os “jovens de projeto” (jovens da década atual), ao nível da estima de si e do sentimento de pertença a uma coletividade juvenil que exalta o enraizamento ao bairro e que se inscreve no cotidiano desse

cenário coletivo. Essa percepção faz o jovem orgulhar-se de si quando se percebe fazendo parte em uma construção coletiva, como no depoimento de Carla. Sente que está “contribuindo para algo maior”. As rupturas a seguir nos dão idéia quanto a quebra de expectativas sociais e a reinvenção das sendas existenciais dos autores de cada história aqui recontada.

Amaury processa sua ruptura simultaneamente com a “identidade de pobre trabalhador” e de “marginais perigosos”. De um lado, apesar das promessas sedutoras das galeras, do tráfico, percebe que a posição que assumiria criaria outra identidade que a princípio contornaria o caminho de ser assujeitado. Vai constatando que o aceno das galeras ‘formataria’, a cada participação, uma modalidade de figurar às avessas como sujeito (TAKEUTI, 2002). Preço que não quisera pagar. Também evitara a outra saída, o ser “jovem pobre trabalhador”. Na Posse, vai “mexer” com ilha de edição, que lhe renderia o olhar social positivado da sociedade, porém estaria construindo subjetividade assujeitada ao modelo de cidadão de “segunda classe” (docilização dos corpos e disciplina da vida em Foucault).

Pick, Edcelmo e Alcemir: a ruptura deles dá-se em função da passagem da transgressão assumida enquanto vivido no fim da infância e parte da adolescência para a arte, seja ela o hip hop ou a capoeira. Pick comenta que o período das galeras era muito confuso internamente. Tanto Edcelmo quanto Alcemir afirmam ter sido uma fase “muito louca” o período em que viveram em galeras. A droga fazia parte da rotina de delitos, desordens, arruaça, assaltos, brigas. Optaram, não de forma consciente, por uma expressão de si que não recaísse nas mesmas significações sociais de “meninos de rua”. Ser um transgressor, apesar de carrear para si uma parte dessas significações que remetem à marginalidade e bandidagem, afasta-os da imagem passiva, de assujeitamento que tais significações remetem. Nos caminhos do desvio, já expressavam o anseio por serem sujeitos de suas narrativas de vida, o que pode se evidenciar em “jeito de ser” briguento e “encrenqueiro” que caracteriza, notadamente, uma expressão do hip hop (‘PP’ nos lembra que os Racionais não sorriam e eles também começaram cantando com “cara de poucos amigos”). Esse anseio se concretiza quando conseguem divisar um novo eixo orientador para construir novas identificações. Essas novas identificações passam por uma arte de Ser, uma produção de subjetividade que agora se ancora nos caminhos de uma arte-revolta. Arte que fornece um sentido para a vida confusa de Pick, fazendo como que afirme que o hip hop lhe resgatou. A

capoeira como uma antiga expressão cultural dos cativos africanos que se exercitavam em meio ao julgo português, fazendo nesse meio uma verdadeira arte do desvio que se consubstanciava no sincretismo religioso, transpondo e correspondendo seus orixás para os santos católicos, mantendo, assim, as tradições de suas crenças numa arte de resistência. Para Edcelmo era o hip hop, foco da resistência negra americana que bradava contra o “american way”. Edcelmo, nessa primeira ruptura, funda o GPS e vai descobrindo que a voz pode ser sua grande “arma” para novos caminhos. Ambos, dentro de uma certa “gramática da ira”, apontam caminhos de subjetivação em que seus corpos e vozes se insurgem exprimindo nas palavras de PP o “sofrimento do povo preto e pobre”. Pulsar na arte e cultura é acumular um *capital cultural* (Bourdieu, 2007) que lhes tornam interessantes para projetos sociais como o Engenho de Sonhos. Alcemir principia no Engenho de Sonhos já como educador social, não passou pela fase de “jovem de projeto”. No Engenho, ele terá visibilidade e receberá convites quando do encerramento do Fórum. A segunda ruptura de Edcelmo é justamente com o Engenho de Sonhos, começando um novo momento de vida com o coletivo Lelo Melodia. Radicaliza em não buscar nenhum tipo de trabalho “normal”. A sua opção é pelo hip hop, mesmo que isso não lhe traga estabilidade financeira. Após o Engenho de Sonhos, Alcemir toma parte na fundação dos Jovens Construindo Sonhos. Edcelmo vai coligar-se com a rede do MOHNB enquanto transforma o GPS em Posse Lelo Melodia. Se a Posse é fortemente ancorada na identidade do hip hop, os Jovens Construindo Sonhos, por sua vez, não se configuram através da identificação com a capoeira ou outra manifestação artístico-cultural específica. Ambos encontram-se na visão mundial como educadores sociais. Alcemir dirige-se para seus alunos como um orientador, conselheiro. Edcelmo trabalha na organização dos projetos na Visão Mundial e olha para os jovens de Guarapes como colega. É lá que ele vai atuar através da posse e exercer a sua militância.

As rupturas operadas por PP seguem o mesmo roteiro desenhado acima para Edcelmo. Entretanto, diferente dele e de todos os outros aqui relatados há uma ruptura em andamento que acontece de modo tão sutil que sequer é percebida pelos seus companheiros da Posse. Trata-se do rompimento de PP com uma certa identidade de hip hop. Ele se guia para movimentos sociais que lidam com opressão, ultrapassando uma filiação única. PP pode ser definido agora em termos “pluralista”. Pensando em termos das discriminações e preconceitos que sofreu,

amplia sua percepção para englobar outros grupos: as mulheres, os pretos, os pobres, os gays. Opera uma verdadeira desconstrução de gênero ao dar suporte para a efetivação das Dandaras do Rap. Antes delas, já deu “uma força” para um pessoal que poderia ter se tornado o primeiro grupo de rap gay de Natal. Através do hip hop, principiou uma participação no movimento negro, agora conectando melhor suas ‘bandeiras de luta: discriminação e preconceito’.

Nas rupturas de Naldo, diz que tem uma “trava” dentro de si. Não consegue mais ser funcionário. “Eu me sinto um cavalo num curral”, explica. A primeira ruptura é com o estigma de pobre trabalhador ao baldear-se para o campo social via igreja e depois Engenho. Lá ele será um dos “jovens de projeto” como Edcelmo, apesar de que como ‘pai de família’ trabalhava como vigia na escola do bairro. E no período pós-Engenho de Sonhos vai trabalhar em um cinema de shopping center. A segunda ruptura é com a autoimagem que fez no bairro Guarapes de rapaz trabalhador, pai de família, “homem perfeito”.

Todos sabiam que era um rapaz “de ouro”, nunca foi dado a excessos, não tinha uma trajetória como a de Edcelmo, por exemplo. Isso tudo se desfaz com a separação. Todos no bairro ficam sabendo que ele deixa a esposa com filha pequena. Mesmo dando atenção à pequenina e procurando se esforçar como um pai consciencioso, isso vai arranhar sua imagem até consigo mesmo. Era muita pressão para tornar-se um chefe de família exemplar, um portador de diploma superior, enfim um ‘homem sem máculas’. O Engenho de Sonhos vai dar suporte para vivenciar essa segunda ruptura em que Naldo desconstrói sua imagem de si. A terceira ruptura é a passagem do Engenho para os Jovens Construindo Sonhos.

Naldo identificava-se com o projeto e tinha a representação de um “Eu ideal” em um dos coordenadores o qual o associava como seu “pai intelectual”. Romper com o pai e fazer o “luto da mãe” é romper com o coordenador que poderia continuar a ser seu tutor, guiando-lhe para outros projetos e também aceitar a perda do Fórum que lhe acolheu em momento tão importante. Ele vai precisar deslocar-se para Felipe Camarão, lugar onde sua vida pessoal ficará mais resguardada enquanto paralelamente começa um novo momento como articulador central dos Jovens Construindo Sonhos. A quarta ruptura é também com o campo no qual a imagem de “jovem de projeto” lhe injeta força e consistência. Ele passa a ser visto agora como um “jovem político” entrando naquilo que seria o campo da política partidária.

No processo de rupturas, analisemos algumas das jovens mais engajadas que travamos contato nesse trabalho. Adriana, Samanta, Carla. Todas romperam com as expectativas locais que levariam as meninas a se direcionarem para um entre dois caminhos: a mãe, que cuida da casa e da família, ou a prostituta, que vende o corpo por dinheiro. A terceira alternativa, percorrida por muitas meninas pobres na Zona Oeste, justamente a de ser uma trabalhadora assalariada: empregada doméstica.

Carla é quem tem a melhor estrutura familiar e financeira das três, apesar do alcoolismo do pai. Envolve-se desde cedo com os movimentos sociais em clara ruptura com o legado das meninas da zona oeste. Toma para si o papel de educadora social mais tardiamente. Na última fase do Engenho, vem a participar da fundação da Associação de Juventudes Construindo Sonhos. Mantém-se na militância social, mesmo após a saída da Visão Mundial. Rejeita trabalhos “procurados” por outras jovens: vendedora, caixa de supermercado, etc. Não porque possa se dar ao luxo de escolher, mas porque aposta no ativismo social como uma saída coerente com o que pensa e sente.

Tomemos Samanta. Na infância, o que tinha de mais privado, o seu corpo, foi devassado pela mãe em função de premissas injustificáveis, colocando em suspenso sua infância, recebendo suplícios (surras) e tendo que cuidar das irmãs mais novas. Paradoxalmente é no espaço público da rua que ela vai refazer uma relação consigo. Reconstruir o corpo através da identidade de “menina de rua” e torná-lo privativo outra vez. Nesse movimento que é libertador, ela acaba enredada no imaginário de “menino de rua”: sua família vai dizer que ela é vagabunda.

Esperam que ela apareça grávida. Ao contrário disso, ela entra para a universidade para estudar serviço social. Um rompimento claro com o “destino” que lhe era predestinado. Romper, inclusive, com uma poderosa desvalorização narcísica, que solapa sua infância e lhe causa frustração. Rompeu com sua “mentora” que era uma importante educadora do MNMMR e também ocupava uma das cadeiras da coordenação executiva do Engenho de Sonhos. Esse rompimento marca simbolicamente uma transição importante: quando o Engenho termina, ela não estará mais participando do MNMMR e sim estará ligada à Posse Lelo Melodia.

Se levarmos em consideração que por muito tempo Samanta foi a representante do MNMMR, que lhe deu certa ‘tutela’ na figura das principais educadoras que lhe deram suporte afetivo, uma escora no sentido psicanalítico, nos

momentos em que ela se viu mais vulnerável, que apoiou seu trajeto no sentido de que ela não se desviasse da “militância” (chegando a desenvolver um amor à profissão das educadoras sociais: serviço social) e continuasse estudando, essa foi uma ruptura muito forte. Ruptura que acontece quando realmente ela deixa de ser “menina”, figurativamente falando, para tornar-se sujeito e escolher, talvez inconscientemente, inscrever-se em um outro movimento em que pudesse se reconhecer melhor.

Já Adriana, rompe com a herança familiar ao se recusar o papel de “mãe e matrona”. A vinda para a capital foi uma transição importante em uma vida cuja infância lhe foi extraída, evidenciando uma ruptura como a vida rural e iniciando uma perspectiva urbana. O ponto de viragem foi a participação na escola e quase concomitantemente na igreja. O auge dessa experiência foi a entrada no Engenho de Sonhos onde “amadureceu” sua militância. Não consegue dar continuidade aos estudos. Por isso, não poderia se beneficiar do programa acesso. Mas após o ingresso no Engenho de Sonhos, torna-se também “jovem de projeto”, assumindo um caminho muito próprio de ativismo social.

A admiração por Naldo e também pela coordenadora da oficina de Fotografia, vai lhe fornecer modelos que idealiza para essa construção pessoal, mas ela também romperá com esses modelos: Naldo parte para a realização de uma associação, sua coordenadora vai trabalhar em outra ONG (era preciso afastar-se dela e do marido que foram os coordenadores do Engenho de Sonhos no bairro e representavam figuradamente pais substitutos); e ela vai fazer a aposta no hip hop com os meninos da Posse. Sua gravidez não planejada não lhe abala o percurso: mesmo grávida e sem o emprego de secretária na sede do Engenho de Sonhos, opta por continuar no movimento social e consegue a vaga de secretária em uma ONG (Manamaue). Sob a regência de PP vai fundar as Dandaras do Rap. Com o desemprego repentino, acirra ainda mais os esforços em viabilizar seu projeto com as meninas do bairro.

As rupturas e continuidades apontadas nesta seção organizam-se em torno de um projeto pessoal dos jovens sujeitos em análise. Defendemos aqui, retornando à tese apresentada desde a introdução que esse projeto existencial, imbricado em um projeto do coletivo, é projeto de autonomização em relação à precariedade social em que vivem.

Conforme temos dado indicações no texto até aqui, trata-se de uma

elaboração que se torna possível em um momento social-histórico em que o aporte de novas significações sociais (“jovens de projeto”, “cultura da periferia”, “jovens da periferia”, “movimento hip hop”, “protagonismo juvenil”, “empoderamento”, entre outras), vem contribuir para um sentimento de “expectativa por autonomia”, contrapondo-se ao sentimento de vergonha, impelindo-os à busca de desejos, realizando um processo de subjetivação que, ao nosso olhar, é um trabalho de autoelucidação (CASTORIADIS, 2006), de compreensão das contradições e conflitualidades que os atravessam. Esse subjetivar-se, ou o que chamamos aqui simplesmente de “produção de si”, é um movimento que se dá dentro e fora ao mesmo tempo, ou seja, é indissociável da presença de “outros”, cujas histórias pessoais dadas às similitudes em relação às vicissitudes enfrentadas, parecem como se fossem “histórias de uma pessoa só”. Porta-vozes que são de uma grande narrativa coletiva, não só em Felipe Camarão ou Guarapes, mas em muitas outras periferias urbanas do país.

Assim, o que apresentamos em termos de rupturas e continuidades enunciam uma pluralidade de modos de ser jovens, que na prática não caberia nas significações sociais de “meninos de rua” ou “jovens de projeto”. Não há heróis ou vilões. Não há grandes líderes revolucionários ou mentes criminosas sofisticadas. Nos bairros da periferia de Natal há uma riqueza de experiências de vida que falam sobre falências e desilusões, ausências, sofrimentos e angústias, transgressões e violência, abusos e violações; mas também de espertezas e astúcias, composições e aproveitamento de ocasiões. Desfilam nestes breves excertos de histórias de vida uma “juventude periférica”, que eclode contemporaneamente e cujas biografias deixam-nos entrever um tensionamento entre a sujeição social e a busca de autonomização. E a partir disso, o desejo de ser reconhecido socialmente e a dor da negação desse reconhecimento. É em função dessas biografias que podemos captar, no vivido dos jovens, transformações sociais que nos dizem dos desafios que os indivíduos jovens (mas não somente eles) estão defrontados atualmente.

3.3.3 Sujeitos de anseios e angústias: conflitos e antagonismos no universo do sujeito do desejo

Deixamos claro anteriormente que nossa abordagem da subjetividade tem

como premissa que o psíquico e o social se suscitam mutuamente. Retomamos de tudo que foi exposto, aquilo que, como Gaulejac (2005), chamamos de “universo do inconsciente”. As histórias aqui apresentadas, bem como as demais que abrem cada um dos capítulos da tese apresentam lamentos e desperdício. Angústias e desejos. Desamparo e apego. Medo do outro e a necessidade de agir com ele.

Ser “menino de rua’ é fechamento do sentido, porta a impossibilidade de construção de projeto existencial, porquanto lança o sujeito num mundo histórico, naturalizando sua condição social, ocultando sua produção social-histórica dentro da instituição da sociedade em que vive. Ser “jovem de projeto” é abertura e permite construir um projeto existencial, mesmo em meio a forças conflitivas que lhe atravessam, que lhe despertam vergonha, angústia e sentimento de impotência, quando não de revolta, ódio e descrença. Mesmo tendo em conta uma exterioridade que lhe imputa significações fechadas e inquestionáveis, jovens de projeto poderiam em seu agir coletivo problematizar as significações sociais imaginárias vigentes e figurar uma outra coisa para suas vidas.

Em face da possibilidade de construção de sentido ao nível do desejo por autonomia interroga-se: projetos de quem? De vida no sentido de uma potência que tenta manter agregada a “tapeçaria psíquica”, mesmo ela sendo roída em pontos diversos, mesmo tendo em vista o desfiar de suas tramas em meio aos conflitos constitutivos de um ser jovem em busca de realização pessoal e no deslindar das contradições sociais que lhe transpassam peremptoriamente.

O universo do inconsciente, relembremos, apresenta as pulsões, fantasias e o imaginário que produz o sujeito. Sabemos que essa produção exige, de outro lado, a confrontação do desejo do outro e a tensão que disso advém. Dentro da teorização de Castoriadis (1986), cuja obra tem na psicanálise um dos seus pilares de sustentação, a noção de imaginário ganha desdobramentos. A imaginação radical é o que permite distinguir psiquismo humano do animal, fazendo com que possamos criar representações sem um fim predeterminado; estando ainda na base de outro traço distintivo do humano que é o simbolismo.

O inconsciente é uma das realizações da imaginação radical e pode ser, nesta teorização, definido como fluxo indissociável de representações, afetos e intenções. Num primeiro momento, trata-se de um sinal biológico, uma tendência elementar a buscar algumas coisas e evitar outras. Posteriormente, trata-se, para marcar a especificidade do humano, da capacidade da imaginação radical em fazer

surgir os desejos que se descola completamente das funções biológicas (CASTORIADIS, 2004, p.334-335). É essa a característica do humano que faz existir a possibilidade de reflexividade em Castoriadis.

Seguindo o esquema proposto por Castoriadis (1982, 1992) a produção do sujeito abarca instâncias ou regiões que vai desde o “vivente”, passando pela “mônada psíquica” até o “indivíduo social” chegando à “sociedade” e aí a possibilidade (apenas isso) de uma subjetividade autônoma e reflexiva. Remetemos ao texto mais detalhado (o estado do sujeito hoje) do autor a esse respeito (CASTORIADIS, 1992), porquanto cada uma dessas instâncias nos impele desdobramentos no âmbito da psicanálise que alongaria bastante esta seção.

No entanto, algumas considerações a esse respeito são importantes para que nossa argumentação possa aprofundar-se sobre possibilidades de a produção de sujeitos autonomizados em relação à sua situação de precariedade social, ou como argumentaremos em outras passagens: como os jovens abordados neste trabalho podem, ao investir em projetos existenciais que levem em conta também os grupos e as localidades onde moram, aspirar à autonomia e desdobrar efeitos político - aqui entendido como um agir poético, agir para criar (CASTORIADIS, 2006), mesmo que de modo ainda parcial, fragmentário e até balbuciante - a partir de suas ações coletivas.

Castoriadis (2004) assinala que a característica essencial da mônada psíquica é o fechamento. Ou seja, nada existe para o sujeito fora dele mesmo. Mas o psiquismo humano, estruturação da psique, é um processo de socialização. O sujeito se abre para o mundo e se constitui sujeito humano a partir de relações com instituições. Socialização essa que se desenvolve em e pelo processo de significação. Note-se aí que social e psíquico se implicam, suscitam-se mutuamente, premissa de nossa compreensão da subjetividade. A sociedade é magma⁵⁰ de significações sociais imaginárias que dá sentido à vida individual e coletiva. Entendida dessa forma, socialização é a entrada e o funcionamento nesse magma instituído de significações sociais. A sociedade, com suas significações, permite a construção do sentido que é “exigência” imperioso da psique. O social é espaço e

50 Para uma discussão da noção de magma, ver Castoriadis (1986) no sétimo capítulo; item “Os magmas”. De modo sucinto: o social-histórico, o imaginário e as significações não são um conjunto ou uma hierarquia bem ordenada de conjuntos. Nele podem ser construídos ou extraídos conjuntos, mas nada disso os esgotarão ou os recobrirão. Castoriadis (2004) reconhece proximidade ao conceito de “complexidade”.

processo de criação, é doador de sentido. Fornece significações sociais imaginárias permanentemente. A imaginação radical não existe apenas ao nível individual, é concomitantemente social-histórica, produzida coletivamente através de três milhões de anos de hominização. Nesse sentido, a imaginação radical é ao nível societal, o imaginário radical que produz não somente interdições, mas criação de novos sentidos, de novas significações. Exemplificando ao nível do que vimos trabalhando no capítulo primeiro. No âmbito das significações imaginárias sociais, de nossa sociedade brasileira, acerca da juventude pobre, produziu-se sócio-historicamente sentidos desqualificantes, tais como: “bastardo”, “menor”, “menino de rua”, “pivete”, mas também “criança”, “protagonismo juvenil”, “jovens de projeto”, “jovens da periferia”, etc .

Na articulação entre psique e instituição social importa reter que a primeira tende a investir naquilo que é socialmente valorizado. Por sua vez, a sociedade é quem institui para os sujeitos o que é e o que não é verdade. Estabelece-se um “contrato narcísico” (CASTORIADIS, 1986): em compensação ao que perdeu no “fechamento monádico”, a sociedade “promete”, mediante a assunção de determinadas condutas o reconhecimento social, o investimento por parte dos “outros sociais”; enfim o preenchimento da brecha narcísica aberta pelo abandono da ‘onipotência originária’ (CASTORIADIS, 1986, 2004, 2007).

Para nós, a complicação reside no fato de que nossos “jovens de projeto” saíram de uma “onipotência original” para uma terrível impotência sem uma compensação mínima. O que queremos dizer mais claramente é que o reconhecimento social “prometido” pela sociedade nunca chegou, e talvez nunca chegue. Seja pela adoção de condutas socialmente valorizadas (“ser jovem pobre e trabalhador”); seja pelo “avesso” através da transgressão; ou mesmo através de uma outra “maneira de se realizar” via subjetividade “protestatária”, “astuciosa”, “periférica”, “inventiva”, ou outro termo que possamos aqui adotar. Não há garantias.

Forçoso, ainda que se acrescente: o indivíduo social em Castoriadis é apenas nível “socialmente funcional” do ser humano. Isto é, não é capaz de questionar as estruturas sociais ou a si mesmo. Não possui reflexividade, no sentido do termo que Castoriadis (1992) atribui, tampouco é capaz de atividade deliberada. Somente na medida em que se faz subjetividade é que o ser humano passa a questionar-se e também a sua história. Tornar-se projeto de subjetividade é criar a intenção de saber e de verdade, de ética e de responsabilidade (CASTORIADIS, 1992).

Retraçar o arcabouço conceitual acima é posicionar o eixo a partir do qual se articulam outros autores neste trabalho, para enfatizar, a partir de campos teóricos próprios, aspectos complementares ou suplementares ao que aqui desenvolvemos sobre subjetivação. É a partir desse eixo que elegemos com Castoriadis que poderemos trabalhar projetos existenciais e produção de sentido em arenas de luta individual e coletiva concomitantemente.

Quando então falamos em vontade e autonomia no processo de subjetivação, é porque nos apoiamos em Castoriadis (1986) para dizer que os indivíduos sociais têm a potencialidade de serem subjetividades reflexivas e deliberantes. São capazes de pôr em questão tanto as significações quanto as regras que receberam de sua sociedade. Essa potencialidade de se tornar uma subjetividade reflexiva caminha de par com o nascimento de uma atividade coletiva política que é autônoma, reflexiva e democrática⁵¹. É sobre esse princípio que nos apoiaremos doravante.

Longe de nós, a partir de Castoriadis, fazer uma “psicanálise das relações infantis dos jovens de projeto”. Se indagamos aos jovens periféricos “qual é o projeto?”, é porque a subjetividade que aqui se produz enquanto “indivíduos sociais”, para tomar de empréstimo um termo de Castoriadis, é através de uma socialização heteronômica marcada pela escassez, angústias e incertezas. É porque nas suas trajetórias se inscreve um desamparo tremendo, cujos suportes são débeis, e que a construção de um sentido é uma tarefa deveras árdua, tendo em vista que a sociedade ao lhe fornecer sentido para sua existência, o faz majoritariamente através de significações mortíferas.

É possível observar a ambivalência em relação às figuras parentais, sobretudo a masculina, e sentimento de desamparo na infância. Ao mesmo tempo em que sentem a ausência do pai, alguns jovens não conseguem sentir raiva por ele, como Pick e Amaury. Pick compreende que sua condição de pobreza não se deve ao abandono do pai e não consegue sentir raiva dele, deixa nas entrelinhas do discurso que aquela presença teria lhe dado conforto no período em que passaram fome. Amaury tem o contato com o pai facilitado através de sua mãe e com ele vai aprender um ofício. No entanto, há outros, como Camaleão, que sentem mágoa em relação ao pai e não quiseram aproximação na vida adulta. Alcemir fala de um senhor que o criou revelando sentimento de gratidão por uma figura substituta.

51 Ver último capítulo.

Outros como Edcelmo e Samanta têm nos avós figuras fortes de identificação. Samanta em particular, pela vivência invasiva com sua genitora, identifica e sente sua avó como sua mãe. Em todos eles é possível perceber, através dos discursos, uma sensação de desamparo ao remeterem a suas experiências infantis e cuja sensação se intensifica na experiência de fome. A fome é uma experiência avassaladora, mergulhando-os na angústia e incerteza, minando qualquer sensação de estabilidade e segurança.

Há outra espécie de ressentimentos e embaraços em relação aos pais, mais em função da inexistência de um projeto parental que propriamente da vergonha advinda de sua conduta social. Referimo-nos especificamente a Amaury, que nutre vergonha não por sua mãe ter sido prostituta, mas por ela ter uma visão estreita e pouco ambiciosa da vida, tendo como consequência direta a ausência de um planejamento quanto ao futuro do filho. Sucede aqui o avesso do que acontece com as famílias tradicionais de nosso país: não há um projeto parental e familiar para se dar conta; não há filhos objetos de desejos de seus pais; não há sonhos para que se possa assumir ou rejeitar. Há vazio, há ausência.

De modo geral há um sentimento de família frágil, impotente, precária. Esse sentimento aparece introjetado na forma de ressentimentos, mágoa e desamparo. Há uma sensação nos jovens de que não podem encontrar nenhum suporte familiar para vislumbrar algum futuro que não seja um projeto existencial de reprodução da pobreza e da exclusão.

Notamos no bairro Guarapes, especificamente, que uma parcela dos jovens da Posse (Camaleão, Adriana, Amaury, Eliênio) se lançou ainda muito jovens à construção de suas famílias. Não por acaso, há na Posse depoimentos que envolvem sempre a idealização de uma família própria. Pensamos que esses depoimentos revelam a necessidade de compensar as ausências sentidas na sua família de origem (lembremos, ainda, que eles mesmos referem-se uns aos outros enquanto família). Um processo que, no momento de sua realização, pode ser bastante dificultado pelas condições concretas de subsistência, mais ainda quando um dos cônjuges tem dificuldade em aceitar a condição de “militância” do outro, como foi o caso de Camaleão.

A família constituída ou o coletivo juvenil podem funcionar como grupos

secundários⁵², fornecendo-lhes um suporte, inexistente no interior da família de origem, em meio às dificuldades. Dificuldade de superação dos problemas tanto ao nível objetivo (pedras sempre existirão no caminho) e ao nível subjetivo (a gente não se liberou de muita coisa; uns desandam e outros tentam outros caminhos).

As significações sociais de “jovens de projeto” conferem a esses jovens, diferentemente dos outrora, “meninos de rua”, a possibilidade de novas significações sem o peso da vergonha social.

Conforme expomos no capítulo primeiro, ao internalizar uma visão de si que o desqualifica perante si mesmo, um sujeito ou um grupo estabelece uma imagem de si que destrói por dentro toda a capacidade de sair dela. Está preso a um sistema paradoxal, uma vez que para mudar é preciso que seja diferente do que é (“vagabundos”, “sem futuro”), mas, ser o que é demonstra justamente sua incapacidade de ser “como se quer ser” (“sonhador”, “artista”).

Ainda assim, assistimos em PP, Naldo, e outros jovens aqui discutidos um embate permanente com a vergonha que sentem, através de estratégias inventivas, que ao invés de “paralisar” permitem “movimentos”.

Retomando Gaulejac (2006), é possível entrever tanto estratégias de contorno (recusa do sistema de valores das instâncias que estigmatizam e referencia a outros sistemas de valores que permitem legitimar sua situação, como é o caso dos projetos sociais, dos movimentos religiosos, dos grupos artísticos e esportivos e de modo bem destacado aqui, do hip hop) quanto de liberação (lutas para valorização do grupo, participação em eventos, engajamento em redes juvenis, cuidado com a imagem do grupo, lutas pela valorização do bairro) da imagem estigmatizante imposta a esses meninos na medida em que se serve de itinerários, que são claramente caracterizados por ações coletivas em prol da visibilidade do grupo, do bairro, da juventude, da periferia.

A vergonha pode tornar-se o motor do engajamento social dos jovens para livrar-se da sujeição. O “ser revoltado” que constroem no hip hop, seria um exemplo disso. PP fala que nas apresentações musicais, o grupo de rappers da Posse faz cara feia, justamente para poder expressar as desigualdades sociais, inspirados nos Racionais MC’s. A vergonha “gruda na pele” e é vital livrar-se dela tal como o tóxico que entorpece o psiquismo e afeta as capacidades relacionais. Fazer troça de si e,

52 Trabalhamos com a hipótese de grupos juvenis enquanto grupos secundários na dissertação de mestrado. Bezerra (2004)

consequentemente, da sociedade que cria aquele sujeito juvenil assujeitado, pode ser uma alternativa. Isso acontece em algumas oportunidades, como em um colégio de classe média em que, ato contínuo a uma apresentação da Posse Lelo Melodia, PP foi abordado por duas alunas do ensino médio. Elas perguntaram se ele teria maconha para vender. Ele ri de ambas. Percebeu que naquele instante poderia constrangê-las. Aproveita a ocasião. Com o sarcasmo que lhe é peculiar, diz que nem todo “preto pobre” e morador de favela é drogado ou traficante.

A outra via é o ativismo. Combater abertamente as violências humilhantes. Modificar as representações de si mesmo e dos outros, afirmando o próprio olhar em frente aos que os estigmatizam. Reivindicando o estigma de ser da periferia como componente de resistência da própria identidade. Essa parece ser a opção dos jovens do coletivo juvenil Posse Lelo Melodia.

Os jovens dos bairros da Zona Oeste de Natal são barrados em seus desejos. É a partir daí que uma parcela desses jovens, justamente aquela organizada em grupos culturais como a Posse Lelo Melodia em Guarapes ou os Jovens Construindo Sonhos em Felipe Camarão, gestam um projeto alternativo de subjetividade que não se resume ao que a sociedade tem a lhes oferecer. A teimosia em sonhar é veículo de um desejar que atravessa a vida objetiva e projeta idealizações que tentam se contrapor à realidade vivida e estimulam postergar nem que seja para um futuro incerto, uma pretensão a satisfação e realização pessoal.

A produção de um sentido para suas existências é um processo que envolve uma confrontação direta com as poucas oportunidades disponíveis. A aposta na militância política seria uma espécie de “via alternativa” para as opções socialmente dadas: transgressão (meninos de rua) ou a subcidadania, socialmente bem vista na forma de bicos, empregos no mercado informal ou os lugares sociais ocupados por seus pais (conforme dissemos: empregada doméstica, pedreiro, etc.) realizando o “ser jovem pobre” que já mencionamos anteriormente.

A “via alternativa” que estamos focando na modalidade de jovens de projeto pode desembocar tanto em uma produção de subjetividade que realize um dos seguintes movimentos isoladamente ou concomitantemente sob forma de composição:

a) uma integração social ‘positiva’ com a ocupação de lugares sociais ‘positivados’ na modalidade de um habitus (Bourdieu) secundário gerador de uma subcidadania, ao tempo que marcam uma inserção na sociedade. Essa produção de

subjetividade é tributária dos códigos disciplinares que operam ao nível do engendramento do sujeito enquanto portador de significações sociais, coerentes com o projeto social vigente; sujeito normalizado, tal como descreve Foucault (1993).

Retomando o locutor da Rádio Favela FM, de Minas Gerais, “A Voz do Brasil” é a “voz da favela”, razão pela qual Adriana escolheu o hip hop como expressão de sua militância, isto é, a possibilidade de se fazer ouvir, “nem que seja na marra”. Para que sua voz se projete desse modo, em direção ao exterior, é preciso que ela possa se voltar para o questionamento interno de tudo aquilo que lhe foi dado como “verdade”.

Assim, chegamos a segunda possível movimentação para os jovens de projetos. Envidamos aqui uma análise complementar a Foucault, em torno agora das possibilidades “microbianas” de resistência ao poder. Para tal, o suporte teórico para captar essa movimentação “astuciosa”, que será tematizada, enquanto potência criativa/protestatária/inventiva, no último capítulo, é Certeau (2007).

b) Trata-se daquilo que estamos denominando de “artes de fazer” (CERTEAU, 2007): as inventividades postas em ação ao nível do cotidiano dos jovens que num jogo relacional “fazem acontecer” ações individualizadas e coletivas para modelar um projeto de autonomização em relação a uma sociedade “normalizadora” (FOUCAULT, 2003), que se reveste coletivamente de uma expressão da resistência coletiva desses jovens ante ao processo de subjetividade serializada em curso na sociedade atual e do sentido que essa sociedade lhes fornece (CASTORIADIS, 1996, 2002, 2006).

No entanto, queremos deixar claro mais uma vez: a realização desse projeto é uma tarefa difícil, mesmo com as estratégias de coligação em rede possíveis nesse momento atual da sociedade contemporânea. As astúcias e artes de fazer de jovens, como Naldo e Edcelmo, Pick e Adriana ocorrem em meio às conflitualidades que os atravessam e tencionam o seu “saber-fazer”. Naldo certa feita desabafa: “estou em fase difícil com minhas emoções, autoestima, com o dinheiro. Isso me tirou da rota um pouco”.

Se nas maneiras de fazer (CERTEAU, 2007) identificamos uma “força de vida”, queremos também salientar o desejo de morte, presente ao nível individual como a tendência ao re-fechamento. Retomando Castoriadis (2004, p.342), o indivíduo social fica dividido entre um pólo monádico e as imposições sociais. Ora,

aquilo que a sociedade impõe, o que ela fornece como sentido, na trajetória de Pick e muitos outros, e que eles tentam integrar em uma síntese pessoal, é como já vimos de uma colossal carga de sofrimento. Há ao nível pessoal, o sofrimento existencial (frustrações, inquietações, desilusões, desenganos, amarguras), inseguranças quanto ao resultado que as apostas ('projetos', militância) podem levar. Acena-lhes, de outro lado, o pólo monádico: Retorno ao indiferenciado, ao fusional, à morte. Morte simbólica: depressão, desagregação psíquica. Morte concreta: recidiva nas drogas e na transgressão. A aposta na militância não os resguarda da angústia frente ao porvir. Se o futuro é indeterminado, a opção pela autonomização carrega para cada um deles torrentes de questionamentos, sentimentos conflitantes, insegurança e desânimo.

“Quando penso em nossa perspectiva é zero. A gente sente que não vai mudar, a gente sente que vai cair!” (Amaury)

“Não enxergo muita coisa para mim.” (Pick)

“O problema é a interrogação. O futuro é duvidoso para todos nós. A gente sabe que está vivo hoje. E amanhã?” (PP)

O futuro é incerto, o presente é uma luta inglória que parece projetar as sombras da derrota. Todas as falas de PP, Pick, Edcelmo e também Amaury, oscilam entre um realismo amargo e um futuro incerto através do qual projetam suas esperanças, mesmo vislumbrando e temendo o peso do fracasso. Por essa razão, falar em diploma, em sustentabilidade financeira parece ter como nexos contextuais a necessidade de aplacar a angústia e ansiedade quanto ao que está por vir. Tem como finalidade criar um pensamento confiante para enfrentar agruras, pôr em imagens (Castoriadis) um projeto de autonomização em meio à vida que hoje levam.

“Se eu me vir como coitado, eu me lasco.” (Amaury)

“Sou uma rocha.” (Pick)

“Sou uma guerreira.” (Adriana)

“A gente busca o amanhã. Hoje a gente não quer o que passou.” (Edcelmo)

Em especial, quando Edcelmo afirma que eles não querem mais aquilo que passou e coloca o futuro como horizonte de perspectivas, reencontramos Melucci (2001) reafirmando sobre esforço dos jovens em conquistar o presente. Podemos dizer que tanto eles não querem a situação herdada de seus pais (dificuldades financeiras, afetivas e falta de oportunidades culturais) como também o que já passaram em suas histórias de vida (humilhações e vergonhas, privações de toda

ordem, baixa estima de si, desespero e outros sofrimentos psíquicos).

Se a razão ‘apela’ para se segurar em trabalho ‘digno’ e, acima de tudo, estável, como ser funcionário de um cinema multiplex ou recriador em um resort, como aconteceu com Naldo e Alcemir; por outro lado, uma insatisfação corrói por dentro.

Fica um conflito muito grande. Temos que ter paciência pela opção que fizemos, mas também precisamos nos sustentar. Essas outras experiências travam na gente. Eu não sei mais ser funcionário. Eu me sinto um cavalo no curral. Eu volto para o meu mundo. Alcemir [prof. de Capoeira] trabalhava em resort como recriador. Lá vivia deprimido, porque gostava mesmo era das oficinas. Mesmo ganhando bem menos (Informação oral. Naldo. AJCS).

O que se exprime nas falas de Naldo em um de nossos encontros são impasses colocados para os “jovens de projeto”. De um lado há a necessidade de sustentação financeira. A família e os amigos consideram que estão perdendo tempo na militância social, nas atividades artísticas. No caso de Camaleão, em Guarapes, isso rendeu tensão forte junto à esposa que trabalhava. Seguindo a lógica do “pobre trabalhador”, é de se esperar que Alcemir prefira um trabalho em um resort que lhe assine a carteira. Trata-se de um espaço diferenciado em relação às oficinas mecânicas de bairro, ao trabalho de pedreiro. Um lugar em que poderia se colocar como professor. No entanto, na qualidade de recriador físico, ele se distancia da produção de si, das aspirações que alimentam através de sua arte. Edcelmo, também resvala na possibilidade de ir dançar na Europa e Naldo pede para sair do cinema. Adriana quer evitar a possibilidade de ir trabalhar como caixa de supermercado, caso os projetos sociais não consigam aprovação. Há um esvaziamento de sentido no momento em que conseguem realizar esta ação. A conflitividade se instala.

Paradoxalmente quando retornam à militância, o conflito não cessa e a ambivalência permanece. Empreender um movimento levando em conta seus desejos e construir nessa ação um sentido, isto é, um projeto existencial no caminho de uma autonomização (que percebem só pode ser realizada coletivamente) exige um preço. É justamente onde o paradoxo se estabelece: voltar para a militância é ver brotar dentro de si a angústia frente a uma vida indeterminada, sem garantias, sem perspectivas palpáveis e cuja sustentação material torna-se diariamente uma

interrogação. Eliênio comenta em um de seus textos o seguinte:

O grupo foi amadurecendo pessoalmente e coletivamente, e as responsabilidades aumentando também. Sabíamos que éramos um grupo de potencial, porque tínhamos tempo, conhecimento, relacionamento e um poder de articulação incrível. A única coisa que não tínhamos era dinheiro, que na nossa ideologia só traz prejuízo, mas que infelizmente é necessário para sobreviver. E ser jovem e militante sem grana para pagar pelo menos as passagens de transporte para fazer a articulação para o grupo é foda! Sem contar com a responsabilidade em casa, que tem que ser cumprida para não passar constrangimento na família. O que eu estou querendo dizer é que é foda ser militante de coração mesmo e não ter um fixo no final do mês para, pelo menos, contribuir com algumas das despesas de casa, ou convidar uma garota para sair, tomar um vinho no bar do Cabeça ou, até mesmo, comprar um cartão telefônico para poder se comunicar com alguém (Eliênio. Dez anos de Correria. [S.N.]

Estruturam um projeto de sobrevivência em meio ao mundo que vivem. “Projeto de vida”, aqui no registro psicanalítico aludindo a uma pulsão de vida; uma vez que não se permitem sucumbir em meio ao niilismo, a uma descrença total e generalizante, cujo único destino seria a desagregação interna e/ou desmobilização coletiva. É preciso desenvolver uma enorme tolerância à frustração (cada vez que uma iniciativa agoniza embrionária, cada vez que um projeto sofre com solução de continuidade, etc) e ainda assim permanecer elaborando um sentido para suas existências. Depositar as esperanças em um futuro incerto. Manter um investimento⁵³, no sentido dado a esse termo pela psicanálise enquanto energia de vida, para se manter na lida deficitária, a partir de um equilíbrio igualmente precário. Para a Posse Lelo Melodia, por exemplo, esse projeto passa pelo hip hop como um ritmo de “esperança”.

[...] uma das coisas que acho que [nos] une é a busca de uma saída para a sobrevivência e a exclusão social. Uma saída para nossa sobrevivência, olhando para cada um em nossa trajetória, nosso

53 De modo resumido: ligar certa fração de energia psíquica a um objeto que pode ser um objeto, uma pessoa, uma parte do corpo ou uma coisa do mundo externo. A psicanálise usa essa noção para mostrar que é preciso um investimento a si próprio. Para uma explanação com acuidade, ver o conceito freudiano de Bindung (vínculo, ligação), nos textos “Introdução ao narcisismo” (1914) e “Luto e melancolia” (1917).

horizonte de infância, nossa desestrutura familiar, somada ao não acesso aos bens culturais, a uma educação de qualidade, nos fez lutar para buscar esses acessos, essa inclusão. (...) o que une é a estrutura da sociedade local, que na verdade não existe, é a dificuldade nossa de inserção e acesso, que não existe. O que nos une é o hip hop. E o hip hop é uma rede que começa e uma iniciativa isolada, e um ponto que é de alguém e que vai se espalhando. Se consolida um microgrupo, que faz algo cultural para esquecer os problemas locais. Diante de um avanço de um pouco de conhecimento, a gente entende que o campo cultural não é nossa saída. Daí, a gente começa a entender melhor que nos espaços pode haver uma saída para nossa miséria social.[...]Tem, então, aqui, uma esperança. O máximo que posso vislumbrar de comum (Informação oral. Edcelmo).

O que Edcelmo parece querer dizer em sua análise é que ele e os outros são produtos das contradições sociais da sociedade em que vivemos e ao mesmo tempo eles também se produzem nessas contradições e no universo de escassez nela impingido; o que os impulsiona a buscar sentido para suas existências coletivas. Essa análise de Edcelmo deixa entrever, ainda, que há uma homologia entre eles, ou melhor, cada uma das histórias contadas neste capítulo, bem como as que antecedem o início de cada capítulo poderiam ser de qualquer um deles. Não conta a história de um, mas de uma coletividade de jovens que poderia morar em qualquer metrópole do nosso país.

Se existem variados modos de se construir como sujeito, claramente uma delas é referenciada ao contexto no qual o humano é proibido de sê-lo, impossibilitado de desenvolver suas potencialidades como é o contexto de “miséria social” vivenciado pelos jovens de nosso trabalho. Mas é precisamente aí, que no limite dos recursos disponíveis são gestadas através de maneiras de fazer (CERTEAU, 2007), compondo relações de sentido e conformando outras “formas de se realizar”.

Vimos neste capítulo que mesmo capturados em uma rede de operadores (CERTEAU, 2007), os jovens conseguem jogar com a disciplina. Não se tratou de analisar “jovens de projetos” através de uma dicotomia (“bom” ou “mau” comportados). Usando a terminologia Foucauldiana (1993), a própria sociedade é “normalizadora” (ou um “campo de concentração”, diria Agambem) das expressões das pessoas em geral, os jovens aí incluídos.

Encerramos a primeira parte da tese constatando que em algumas

localidades da Zona Oeste de Natal, “jovens periféricos” conduzem-se fazendo uma reapropriação das contingências através da música, dança, engajamento social. Esses procedimentos não ficam de fora do campo onde se exercem, ou seja, conseguem fazer inovações (projetos existenciais para tornarem-se sujeitos), porém continuam assujeitados nas relações de poder estabelecidas no corpo social.

Adriana, por exemplo, tem uma representação ambivalente: quer identificar-se como guerreira, um modo através do qual pode fazer uma imagem de si positiva e honrar a própria trajetória que foi marcada por muitas dificuldades, incluindo o “sequestro” de sua infância; por outro lado, intui que a sociedade a vê como “vagabunda”, “prostituta”.

O ponto de viragem em sua trajetória de vida foi a participação na escola e, quase concomitantemente, na igreja. O auge dessa experiência foi a entrada no Engenho de Sonhos, onde “amadureceu” sua “militância”. A culminância desse processo é o ingresso no movimento hip hop. “As práticas”, ou seja, os ensaios com o grupo Dandaras, as apresentações, a participação no cotidiano da Posse compõem um conjunto de ações “microbianas”, que redundam em um novo devir juvenil. Estamos nos referindo a um projeto de autonomização em relação a impasses, contradições, faltas e desamparo, vergonha e condições materiais de vida precária, que se configura pari passu com as ações “culturais” ou “militantes” que configuram uma arte de desvio em relação aos sentimentos depreciativos e invalidantes suscitados pelo olhar social e pelas grupais objetivas condições de sobrevivência material deles e suas famílias.

“Se realizar de outra maneira” é assumir aposta e risco na incerteza, em “maneiras de fazer” que fogem ao convencional que escalam uma outra ética da tenacidade, ou seja, um estilo de resistência que lide com as “instrumentalidades menores”, que confrangem os jovens a buscar as saídas instituídas para eles socialmente, mesmo ao custo de novos sofrimentos e angústias. Conforme tentamos expor neste capítulo, no plano individual e também grupal, suas vidas projetam-se em um movimento “pendular”: Há uma oscilação entre o sentimento de abertura para um projeto de autonomização em relação às limitações existenciais e o sentimento de vergonha que solapa, paralisa. Oscilação entre o desânimo e o acreditar. Entre a revolta e o conformismo. Entre ódio e o amor. A abertura e o fechamento ao outro. É apelar para a habilidade de aproveitar a ocasião, de dar “golpes” fortificando o fraco numa cultura do ordinário (CERTEAU, 2007) que, em

nosso caso, é a “cultura da periferia”. A reinvenção social estaria nas margens da sociedade, como apontam muitos pensadores (CASTELLS, 1999; SANTOS, 2006; TOURAINE, 2003), numa ‘periferia’ que não é um território demarcável espacialmente, mas numa territorialidade que se inscreve nas subjetividades em processo de cada um desses sujeitos juvenis que se arvoram ao direito de figurarem um outro caminho para suas vidas.

É a partir de dentro que nossos jovens periféricos realizam um trabalho de sucata (CERTEAU, 2007): invenção da própria subjetividade com ações astuciosas, teimosas e pluralidade que podem ser potencializadoras de um processo de resistência social e geradora de novas subjetivações coletivas em bairros de periferia, como Guarapes e Felipe Camarão. Retomaremos esses pontos nos dois últimos capítulos.

ADRIANA: EU SOU UMA GUERREIRA

NÃO TIVE INFÂNCIA

Nasceu no interior e começou a trabalhar aos 7 anos na lavoura. Conta que não teve infância. Não teve lazer. Viveu precocemente a experiência de trabalho e responsabilidade na vida. Tinha que tomar conta de casa. Tinha que tomar conta de bicho. Via as crianças de sua idade ir para o parque e ela não ia. Aos 10 anos veio para Natal. Nessa época, vivia da casa para a escola e vice-versa. Não tinha a atenção dos pais, especialmente do pai, que nunca foi chegado aos filhos.

Adriana, por sua vez, vivia um período sem ânimo para nada. Aos 14 anos atravessou uma experiência de depressão. Durante um período, dormiu na casa do padrinho, pois em casa tinha pesadelos de que um homem a queria matar. Uma das poucas coisas que suscitava ânimo em Adriana era o time de handebol do colégio do bairro que estudava. Na escola, ela teve a oportunidade de ingressar no time de futebol de salão. Ali, começou a vislumbrar novos horizontes. Comenta que começou a se “socializar” mais. Os meninos do bairro diziam que ela e os irmãos eram “bichos do mato”.

NALDO: PONTE DA IGREJA PARA O ENGENHO DE SONHOS

Aos 15 anos, Adriana ingressa na igreja católica participando do coral dirigido por Naldo. Os dois rapidamente se tornam amigos. Ele se torna também uma fonte de admiração. Um modelo para ela.

Aos 16, tem o início da sua participação no Fórum Engenho de Sonhos. É o fim da depressão. Neste mesmo ano, Adriana frequentava a oficina de fotografia e também a do coral. Ficava em casa e vinha para o Espaço Cultural sempre com um amargor na expressão. Posteriormente, após a oficina de fotografia, ela recebeu convite para ficar como secretária no Espaço Cultural. Foi aí que passou a participar mais ativamente das reuniões de articulação local no bairro. Também começou a organizar um trabalho com biblioteca e contação de histórias.

Adriana procurava trazer amigas para o Engenho de Sonhos, tanto na escola quanto no grupo da igreja da qual ela fez parte. Convidou Amaury para uma gincana

do Engenho de Sonhos e começaram a namorar. Sentiu-se insegura quando Naldo afastou-se por um período do Engenho. Teve que enfrentar a insegurança pessoal em assumir a responsabilidade de uma atividade na qual todos despejavam críticas, afinal assumira o lugar de Naldo como secretária na sede em Guarapes, o que lhe colocava muito em evidência, além de garantir-lhe uma remuneração financeira que quase ninguém tinha ali despertando despeito e ciúme em alguns.

FIM DO ENGENHO E INÍCIO DAS DANDARAS DO RAP

Aos 18 anos vivencia o fim do Engenho de Sonhos. Nesse mesmo ano, funda com amigas o grupo feminino “Dandaras do Rap” com ajuda de PP e vinculado a Posse Lelo Melodia. Conta que a emoção de pegar no microfone é de fazer os outros ouvirem a sua voz, o seu protesto. Mas, afirma, igualmente, que precisou quebrar muitos preconceitos quanto ao espaço ocupado pelas mulheres no hip hop. Se dentro do movimento havia isso, o que dizer e esperar, então, das antigas amigas que diziam que “estava perdida para o mundo”; uma vez que abandonara a igreja?

NASCIMENTO DO FILHO: A VIVÊNCIA COMO MÃE E OS SUFOCOS

Aos 20 anos nasce Gabriel, seu filho com Amaury. Tornar-se mãe. Não foi nada fácil porque não tinha sido algo planejado. Foi também um momento muito difícil do ponto de vista econômico. Ambos estavam desempregados. Recebeu alguns presentes “bons” da sua coordenadora da oficina de fotografia. Mas não era fácil, de outro lado, pensar em perspectivas para médio prazo sem ter trabalho. Vai trabalhar aos 21 anos no Instituto Manaumaê. Novos projetos de futuro.

SOU UMA GUERREIRA

Descreve-se como sendo uma guerreira. Recentemente teve discordância com o Instituto Manamauê e acabou desempregada novamente. Ficou com medo,

mas começou a se movimentar. Rejeitou a possibilidade de trabalho em um supermercado. Conseguiu, através da Posse, a aprovação de um projeto chamado “mulheres na ativa”. O financiamento de curto prazo com intuito de dar o “embalo inicial”. Mas está lutando. Conta de um momento difícil que passou com um familiar seu que estava com dívida junto ao tráfico. “Eu fui na boca falar com o traficante. Ele me disse que eu era atrevida! A gente é guerreiro. Quando precisar falar com vagabundo eu vou falar, porque sou uma guerreira.”

INTERLÚDIO

4 UMA ARTE DE ESCREVER: PESQUISA E INTERVENÇÃO SOCIAL

4 UMA ARTE DE ESCREVER: PESQUISA E INTERVENÇÃO SOCIAL

A sociologia, por causa da extravagância de sua posição, é talvez, um revelador, para as outras ciências, porque ela se confronta de maneira mais visível, mais crítica, mais dramática com problemas que as outras ciências podem fingir ter resolvido (BOUDIEU, 2004, p.78).

Este capítulo tenciona ser um “intervalo” na leitura e ao mesmo tempo um convite para os bastidores da pesquisa. Bastidores que ditaram os rumos da pesquisa e intervenção que materializaram esta tese. Assumo em alguns momentos a narrativa em primeira pessoa, não por jactância pretenciosa, fruto de um ego inflado, mas por um tom assumidamente confessional, buscando uma interlocução e uma cumplicidade imaginária em relação ao que foi produzido. Buscando também um desvelamento pessoal, expondo a subjetividade do pesquisador que tentou objetivar a si e a outros sujeitos num processo de pesquisa e intervenção.

TRABALHAR COM MARGINAIS OU SER INTELLECTUAL QUE “NÃO SABE DE NADA”: PRÉ-CONCEITOS DE TODOS OS LADOS.

A discussão da punição, violência, transgressão, delinquência juvenil, aparenta ser, de um modo geral, um lixo no qual o sociólogo parece não querer pôr a mão. Deixamos de lado, com essa atitude, uma dimensão fundamental da vida social. A destrutividade, as conflitualidades, os estigmas, a vergonha social que revelam hiatos, que expõe os buracos que não podem ser tamponados em uma sociedade assimétrica, como a nossa, mergulhada em uma rede mundial de compartilhamento de miséria e concentração de riquezas. Difícil trabalhar em temas que expõe a face escura da civilidade, nossa barbárie inconfessa. Para que gastar tinta de impressora, dando visibilidade a pessoas que nunca chegarão a cargos decisórios importantes, cuja vida não representa nada em termos de produtividade para o desenvolvimento da sociedade ou cujas trajetórias não possuem a menor relevância para o conjunto da sociedade?

Takeuti (2002) narra que algumas vezes foi interpelada porque “defendia bandido”. Vindo da “boa gente” que anima a sociedade brasileira, esse

questionamento pode ser considerado segregador, pela clivagem que opera no campo, em particular aqui estudado, da juventude pobre do Brasil. Que dirá, então quando o mesmo questionamento parte do meio acadêmico? Em algumas reuniões científicas da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) recebi também questões semelhantes de colegas universitários. O que evidencia que tal temática, além de ser considerada “menor”, também é carregada de uma carga de estigmatização muito forte dentro do ambiente acadêmico. Há um descrédito quanto ao fato dos “produtos” a serem alcançados com as pesquisas nesse segmento. Em uma visita a Fundo de Amparo à Pesquisa do RN (FAPERN), em 2005, apresentei um projeto sobre capital social dos jovens das periferias. O técnico que me atendeu, procurou, com muita gentileza, explicar-me que as linhas de fomento priorizavam pesquisas sobre agricultura e patentes tecnológicas.

Por outro lado, há um ranço muito forte nos movimentos sociais em relação à academia. Os pesquisadores, ou “pessoal da universidade”, como eles nos chamam, são tidos como pretensos donos da verdade (infelizmente algumas posturas fazem jus ao título). Nesse contexto, a produção de conhecimento co-produzido, nos moldes do que se operou em nosso trabalho, cujo traço forte é a implicação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa, é muito difícil porque os trabalhadores sociais em geral, e os “jovens de projeto”, em particular, também alimentam os seus pré-conceitos. Basta ler o relato de Celso de Athayde, que expressa uma opinião coletiva:

Quem vai contestar os números dos intelectuais quando são apresentados nos grandes jornais de circulação com tabelinha e tudo? Vira verdade absoluta e assunto encerrado. Mas nós sabemos que eles escrevem qualquer coisa, e quando escrevem de modo consciente é porque estão reproduzindo as lições acadêmicas dos que se encaixam nesse perfil (ATHAYDE, 2003).

Para não dizer que essa é uma opinião isolada, basta ver o que Tony C escreve para sua coluna no site www.vermelho.org.br:

Em Santo André, o lançamento do livro contou com a participação do Secretário de Cultura da cidade e serviu de inspiração para o Seminário Palavras do Subterrâneo – A teoria na prática é outra. O debate aconteceu entre a galera que produz arte na periferia e os

acadêmicos que estudam estas ações. Demonstrando a importância da pesquisa acadêmica, mas que dicionário nenhum consegue transmitir a sensação de fome, livro algum define o que é morar numa favela, tese nenhuma tem a fórmula para viver com menos de R\$ 350 por mês (TONY C, 2005).

Eu não estava querendo escrever “qualquer coisa” para ganhar títulos. Aliás, se fosse para fazer “qualquer coisa”, a idéia de trabalhar com temas “marginais” seria minha última opção. Era incompreensão de ambos os lados. No campo empírico, o meu saber não valia muita coisa. Muitas vezes, os sujeitos desdenhavam do meu saber e viam com desconfiança minhas intenções. Raras vezes, isso me aborrecia, porque eu conseguia entender que por trás disso estava o sentimento de ser considerado objeto e o modo como os ‘cientistas’ subestimavam e subvalorizavam o saber do “povo pobre”. Mas é preciso dizer da provocação de Tony C, que certas situações dolorosas são universais. Não é preciso ter AIDS (sobretudo nos anos 1980) para realizar um esforço de compreensão sobre o sofrimento dos soropositivos. Isso eu havia aprendido em fenomenologia com a professora Geórgia Sibebe. Com ela, também aprendi que parte importante do rapport clínico (não só no consultório, mas, sobretudo, na situação de pesquisa) é capacidade de empatizar. Remetendo ao grego Pathos a qualidade essencial da empatia é a paixão que transcende o logos, porquanto pressupõe uma disposição para sentir em si o padecimento, o sofrimento do outro e colocar-se em seu lugar de assujeitamento. Penso que, talvez, Tony C não quisesse acreditar que alguém em situação de pesquisa quisesse ou mesmo pudesse envidar tal esforço.

Em momento algum nosso trabalho apresentou um “perfil” tal uma camisa de força, no qual o fenômeno social que abordamos pudesse ser “encaixado” (posto dentro de uma caixa, e, assim, mutilado como o homem na cama de Procusto).

Por outro lado, estava trabalhando temas “menores” e como já referi no início, se o sociólogo não quer “encostar a mão”, quiçá outros pesquisadores das ciências humanas. Podendo-se incluir minha área de graduação (aliás, eu tive a oportunidade, como outros colegas da psicologia, de trabalhar com assuntos “nobres” como comportamento animal, pesquisa do cérebro, clínica da dor, saúde pública...). Temáticas como abordadas nesta tese são importantes apenas quando se quer demonstrar idéias determinísticas que acabam justificando a impossibilidade

da emergência do novo. Como diria Castoriadis, da emergência da criação que é característica tanto da sociedade quanto do psiquismo.

Nunca me bastou fazer coro com o pessimismo, com o niilismo que parece invocar uma aura apocalíptica para sociedade atual. Poderia exercer uma análise cuidadosa e crítica denunciando vários aspectos da sujeição social hoje. Levando em conta que o trabalho crítico bem fundamentado, que a denúncia dos aparelhos de poder e de práticas sutis coercitivas é importantíssimo, ainda assim sentia falta de um “algo a mais”. O contato com os sujeitos da pesquisa, justamente, veio mostrar que, além dos aspectos concernentes à sujeição social, a favela, o subúrbio ou por falta de um termo melhor, a ‘periferia’ comporta um “algo a mais”. É isso que privilegiamos e nossa pesquisa centra-se nesse “algo a mais” que extravasa pelas brechas do sistema social. Afinal, estudar a periferia parece levar ao interesse exclusivo por morte, assassinatos, latrocínios e crimes hediondos. Qual o espaço para discutir algo como a sua potência de criação; a sua inventividade em realizar uma arte periférica, antes de tudo como nos diz Takeuti (2008b)⁵⁴, uma arte, quer seja ela feita de composição, de sucatas (CERTEAU, 2007)?

Essa tarefa mobilizaria, de nossa parte, uma ‘arte de fazer’ esse trabalho. Continuamente, os jovens nos surpreendiam com a sagacidade com que encontravam caminhos para suas “formas de fazer”. Com a perspicácia com que analisavam o contexto sócio-histórico e cultural em que se encontravam. Posteriormente, à maneira de Certeau (2007), foi preciso mobilizar, de nosso lado uma “arte de dizer” acerca daqueles grupos e tudo o que acontecia “ao redor”.

Faço, nesse ponto, uma digressão rápida: Numa propaganda da GNT aparece um dos coordenadores do Afroreggae, que diz que quando “moleque”, ao sair chutando algumas portas com um amigo em sua “quebrada”, foi perseguido pela polícia e levou uma surra. O amigo que tinha corrido, voltou e apanhou junto. Depois ele questionou ao amigo a razão, ao que o amigo respondeu. “Você é meu amigo” e ele disse, “mas eu não faria isso por você” e ele rebateu “essa é a diferença entre você e eu”. Ele disse que aquele foi o momento dele pensar no que acontecia “ao redor”.

Foram inúmeras as ocasiões em que eu parava para pensar o que acontecia “ao redor”, não só metaforicamente porque estava no bairro na praça, na casa, enfim

54 Takeuti (2008b) tem trabalhado a partir de Michel de Certeau na noção de sucata, tanto pensando o agir do pesquisador em situação de pesquisa como “as artes de fazer” dos jovens das periferias.

na “quebrada” dos jovens sujeitos da pesquisa. Mais de uma vez me senti também um morador da zona oeste de Natal. Identificado com as narrativas sobre humilhação, sobre práticas estigmatizantes, sobre faltas, impossibilidades e impotências. De um modo geral, creio que qualquer pesquisador passe por esse processo a refletir a fundamental tensão entre o desejo de autonomização e as forças de sujeição sociais. Mas eu tinha um motivo a mais para isso.

HISTÓRIA DE MARLOS: CONTRADIÇÕES DA HERANÇA, VERGONHA E ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO

Eu, Marlos Alves Bezerra, nasci na primavera de 1975, numa maca, no meio do corredor da Casa de Saúde São Lucas, no elegante bairro de Petrópolis. Dali em diante, fui morador da Zona Oeste de Natal por 24 anos, até o dia da minha formatura e casamento quando saí da casa de minha mãe. Ela morava com meus avós já idosos, que também contribuíam com a aposentadoria pelo FUNRURAL. Mamãe trouxe-os para morar com ela. Ele, em especial, andava meio doente e morreu alguns meses antes de eu nascer.

Mamãe, antes de conhecer meu pai, que não a deixou mais trabalhar, sempre se virava: vendia nas casas roupas e confecções à prestação que minha tia Maria que morava no RJ mandava. Depois montou na esquina um ‘pega bêbado’(bar), que era sempre uma fonte de renda, porque todo mundo sempre tinha um dinheirinho para o Marlboro e a cachacinha. Mamãe não gosta de mencionar essa parte, mas ela tinha feito já uma ascensão social ao chegar na Cidade da Esperança. Meus avós moravam no morro de Mãe Luíza, que pode ser considerada a primeira favela da cidade. Além de mamãe, tiveram Maria, que deram para uma tia cuidar quando ela estava doente, e que essa tia acabou levando-a para o RJ e lá se tornou auxiliar de enfermagem; Joãozinho, que psicotizou e “saiu pelo mundo”; Manoel, que se tornou torneiro mecânico na Bahia e depois foi morar no RJ; Chiquinha, que era a caçula; e Antônio, que era carroceiro e que quando bebia (morreu de cirrose) se tornava muito violento, tendo muitos desafetos e muitas passagens na delegacia quando era jovem.

Até meu casamento, meu endereço permanecia inalterado, era sempre na mesma rua e no mesmo bairro: Rua São Fernando, 17, Cidade da Esperança.

Cresci num bairro que em alguns momentos me lembrava um grande sítio com árvores frondosas, jambo caindo do pé, passarinhos cantando de manhã cedo e um vento gostoso no fim da tarde. O céu parecia tão perto que a sensação era que eu podia tocar as estrelas com a mão.

Não se podia bobear nos três dias da semana que o carro de lixo passava na rua: se não saiu com o lixo, ficava acumulado mais alguns dias. O lixo, prendíamos em sacos como de estopa que ficavam amarrados na porta das calçadas.

As ruas poderiam ser péssimas para os carros, mas era maravilhosa para brincar: futebol, queimada e outras brincadeiras coletivas. Muita areia nos pés e saneamento algum nas ruas. Esgoto a céu aberto e “frieira” (tipo de micose) entre os dedos, além do bicho de pé, muito piolho, escabiose e outras dermatites de contato (usávamos o nome popular de “xanha” para elas).

Quando faltava água, procurávamos na rua quem tinha a cisterna maior para pegar uns baldes d’água. Depois da finalização do terminal rodoviário estadual, íamos até lá tomar um banho. Também era bonito passar e ver as luzes da rodoviária toda acesa nos dias em que faltava energia elétrica.

A nossa era, talvez, na rua a única casa com TV preto e branca e uma tela azul que se botava para a imagem ficar com tons diferentes. Tinha um dia na semana à noite que vinha algumas senhoras para assistir ao programa do Flávio Cavalcante, eu achava meio chato e já ia dormir. Aos sábados, muita gente jovem juntava pra assistir a “sessão western”: filmes de cowboy com John Wayne e todo mundo torcendo para que os índios malvados fossem mortos no final.

A rua era uma extensão de nossas casas, espaço de trânsito e convívio. As mulheres e também os homens conversavam muito nas calçadas. As crianças brincavam e como era um areal, até meus onze anos, na rua não passava carro. A solidariedade era prática comum. Como papai, à época, trabalhava na fiscalização de fronteira, ele passava algum tempo sem dar o ar da graça. Mamãe quando tava sem dinheiro, recorria aos vizinhos. Era uma prática comum, um vizinho entrar lá em casa ou mamãe sair com uma xícara e voltar com café, açúcar, etc. Meu padrinho, por exemplo, era padeiro lá no centro da cidade e trazia pão e bolacha que mamãe pagava quando saía a aposentadoria de vovó. No mercadinho, se comprava “fiado”. Confiança era isso!

No São João, parecia muito com as cidades de interior: fogueiras, algumas enormes, ruas enfeitadas com balões e bandeirolas. A diversão era sair pelas ruas

do bairro à noite e ver a apresentação de muitas quadrilhas de rua. Depois era milho assado, soltar bombinhas e dormir. Ali era bom!

Na época das festividades católicas existia a quaresma e a igreja fazia festas bonitas com barracas e palanque armado com cantores. Eu voltava cedo para casa, porque ainda era criança; mas de casa dava para ouvir, no calor da festa, a troca de tiros entre as galeras, que era muito parecido com o barulho de fogos de artifício. Quando se falava de mortes no outro dia, eu sabia se tinha sido fogos ou não. Era uma rivalidade idiota que nunca soubemos bem porque começou entre a galera da Santa Maria (uma de nossas ruas) e o pessoal do Mereto (no vizinho bairro de Bom Pastor).

Existiam muitas pessoas simpáticas que eu ficava pensando como é que elas tinham ido presas. Uma delas era um sujeito que entrava só em casa de gente rica. Eu nunca sabia o nome dele, mas como em tudo o apelido acaba ficando mais forte, então ele era simplesmente o “brinquedo do cão”. Parece que um dia ele entrou na casa de um político muito importante do estado e dali em diante nunca mais saiu da cadeia. Outros minha mãe até falava: Paulo Queixada, Naldinho do Mereto, mas eu nunca fazia a associação do rosto com o nome, porque pra mim era mais um na fila do mercadinho ou no açougue. Esse pessoal acabava deixando nosso bairro ‘famoso’ e ao mesmo tempo “aterrador” nos noticiários. Tinha um vizinho que eu não entendia como ele sempre estava de carro novo, e sempre tinha o que consertar. Eu pensava que ele era muito azarado porque os carros tinham algum problema. Feliz era o pai dele porque a oficina, que ficava noutro bairro, sempre tinha carro para consertar. Quando fiquei adolescente, soube que ele e o irmão tinham fugido do estado e que a polícia da cidade inteira estava procurando os dois.

Vi além de um banco, nosso bairro inaugurar um batalhão de trânsito da polícia militar. Já existia uma delegacia. Na esquina desse banco, vi, mudo, um policial espancar a chutes e golpes de cassetetes um sujeito uma vez. Fiquei estático como se meu corpo estivesse dentro de um balde de gelo. Eu tinha apenas dez anos, mas o medo era enorme de me mexer e “entrar no rolo”. Apanhou feio o sujeito. Esse fato fortalecia em mim a convicção de evitar por todas as formas apanhar da polícia. Eu cresci um frouxo convicto. Aliás, sempre lembrei que meu pai dizia que “mais vale um frouxo vivo que um valentão morto”. Como sempre fui um sujeito franzino, exercitei diplomacia desde cedo, e, por essa razão, nunca tive desafetos.

Também dava medo quando a polícia fazia a ronda. Tinha medo de ser confundido com bandido, afinal todo mundo sabia que dependendo do humor dos “homens” o negócio era bater primeiro e pedir desculpas, se fosse o caso, depois. Um dia, eu, meu primo que estava passando férias aqui e outro amigo meu, o Marcelo (único que era preto nesse dia e que, em sendo o mais velho, já tinha uns 15 anos) que também estava de férias na casa de parentes, fomos parados e revistados pela polícia. Quando Marcelo, que era preto, quis mostrar a carteira ao policial ele sacou o revólver prateado e apontou para a cabeça: “nem pense nisso filho”. Devia ter pensado que Marcelo estava procurando uma arma. É muito chata a sensação do “baculejo”. Dá muita raiva e também vergonha. Naquela hora a gente é “bosta”. Ironia é que eu estava naquele dia acompanhado de dois filhos de oficiais militares, um da marinha e outro da aeronáutica no Rio de Janeiro. Até hoje ambos contam que baculejo, só em Natal.

Mas em geral, eu nunca ficava circulando pelas ruas do bairro tarde da noite. Mamãe nos queria cedo em casa e eu também gostava de assistir a novela das 20h. Lembro que uma vez pedi um violão ao meu pai, que disse que aquilo era coisa de “boêmio” e podia atrapalhar os estudos. Com uma resposta daquelas, imagina se eu abria a boca para falar do encanto que eu tinha pelo berimbau que era tocado nas rodas de capoeira, nas esquinas do bairro! Brincar era somente com os meninos da rua e na rua. Nunca saía para “passear”, ir a “bailes”, etc... Baile mesmo, só o programa com Agnaldo Raiol, “Festa Baile”, que passava no sábado à noite. Depois, na puberdade, eu ia até a casa dos amigos, ficava de “conversa fiada”, era pacato. Saía pouco. Gostava de ficar em casa lendo.

Papai era um homem austero com os filhos. Mas também cultivava um lado bem boêmio sem descuidar do trabalho. Era filho único. Seu pai era agricultor e vivia da terra, tendo trabalhado, mesmo cego, até o dia da morte com mais de 85 anos. Papai me dizia que nunca se acomodou com possíveis facilidades que a vida no interior poderia ter lhe proporcionado. Era 17 anos mais velho que mamãe. Eles nunca casaram no papel. Ele tinha filhos antes de mim. Alguns com idade para ser meu pai. Mas não convivemos. Sentia que não gostavam de mamãe e a ela atribuíam a infelicidade conjugal da mãe deles.

Fui o primeiro filho de meu pai que teve o privilégio de estudar em escola particular desde cedo. Eu nunca soube o que era uma greve, falta de professores ou voltar para casa mais cedo. Na verdade, eu ficava com muita pena dos meus

vizinhos em ver eles em casa quando eu estava voltando da escola. Sentia vergonha por isso, já que eu era o único da rua em uma escola particular. Evitava falar sobre escola para não constranger meus amigos. Já naquela época me falavam que o ensino era muito fraco e que ninguém conseguia ficar dentro da sala de aula. Uma vez inaugurou um colégio do governo e uma Kombi parou na rua e muitos meninos arrumados, da rua, foram para a inauguração. Eu mesmo não entendia muito bem o que estava fazendo ali, mas sempre gostei de comícios e multidões.

Aliás, em épocas de eleições é que víamos tantos políticos nas ruas apertando a mão de nossas mães e nos perguntando como estávamos na escola. Eu me lembro que o PMDB usava verde e quando Aluizio Alves, que fundou nosso conjunto habitacional, passava na rua nós acenávamos com raminhos verdes. Ele parecia uma espécie de santo. Os comícios eram lindos, com luzes coloridas e muitos cantores.

Como o meu pai comprava muito livro e coleções que vendiam nas portas à prestação, eu lia muito. Minha mãe mal completou o ensino fundamental e o meu pai só tinha o ensino médio. Como dona de casa, ela sempre ficava de olho na gente. Procurava ler muito para superar as deficiências escolares. Papai era autodidata, estudava muito por conta própria. Estudou no interior até chegar ao serviço militar e depois conseguir trabalhar no Estado. No meio disso tudo foi mineiro no ciclo da xelita, trabalhou em hotel e também foi vereador na cidade dele. Repetia incessantemente, até parecia lavagem cerebral, que a única riqueza da vida era conhecimento. Gostava de citar seu exemplo: na fiscalização de fronteira, seu colega, que era mais antigo, receava que ele se destacasse. Rasgava os papéis, escarrava e jogava na lata de lixo. Quando ele dormia, papai ia lá, tirava do lixo, montava o puzzle e quebrava a cabeça para entender. Com o passar dos anos, foi se beneficiando com uma série de concursos internos que existia naquela época. É verdade que a “coisa foi melhorando”, principalmente quando cheguei à universidade, mas papai não ficou besta. Andava com o mesmo calção surrado; tomava cachaça com o pessoal da rua e a gente se mantinha dentro de um certo padrão suburbano.

Aos 11 anos fui para um grande e tradicional colégio da cidade. Estávamos aproveitando uma fase boa da carreira de papai que era funcionário do governo do estado. Era a primeira vez que eu estava estudando fora do bairro. A escola devia

caber 20 escolas da anterior dentro. Uma das poucas negras que eu conhecia era Isabel que também morava lá na Esperança. Nunca vi tanta loira na minha vida, parecia filme americano.

Era uma escola da elite de Natal. Aos poucos fui sendo tomado por sentimento de vergonha. Era uma vergonha dupla: de um lado, por estar cada vez mais distante dos meninos do meu bairro para os quais eu evitava parecer “distante” na forma como me relacionava com eles (a velha história de que não fiquei besta, não esqueci de onde vim); e por outro lado a vergonha de morar num bairro periférico e associado a tantas características negativas como a Cidade da Esperança. Muitas vezes menti dizendo que morava em Lagoa Nova, bairro de classe média, e quando finalmente eu dizia onde morava me perguntavam se eu não tinha medo de morar ali.

Papai também nos havia colocado para estudar inglês (sonho da vida dele) a partir dos 11 anos. Crescemos conhecendo bem o american way of life. Aos 15 meu sotaque era perfeito. Aos 18 anos, o idioma me rendeu meu primeiro emprego de carteira assinada. Mas eu já trabalhava desde os 15 anos como auxiliar de professor em um clube de natação. Claro que papai achava bom eu trabalhar, mesmo não precisando. Trabalho era um valor que ele prezava.

Acho que fiquei mais sossegado quando meu pai sugeriu que eu fizesse o exame de admissão da ETFRN (Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte). Ele seguia uma lógica bem simples: filho de pobre deve garantir um emprego bom, apesar de que faculdade era desejável também. Mas estudar numa escola técnica daria chances de ser contratado por uma empresa “boa”, como a PETROBRAS, e garantir a sustentabilidade financeira. Paralelamente, também enfrentava algumas dificuldades econômicas e, embora não nos dissesse, sabíamos que talvez tivesse problemas no futuro em financiar o segundo grau meu e de minha irmã que seria muito mais caro que o curso ginasial que fizemos.

A razão do sossego que mencionei é que no curso de Edificações éramos todos alunos de escola pública. Havia um contingente representativo de alunos de bairros populares, do interior do estado e também oriundos de escolas públicas do município e estado. Senti-me nivelado com a bata que usávamos. Além disso, havia uma política de assistência social na forma de vales transporte e alimentação (comi dois anos lá), de bolsas de monitoria, de auxílio para óculos de grau, tratamento odontológico (e até psicológico!). Mais: ali poderia me orgulhar do bairro onde

morava porque consegui estudar naquela instituição que era o sonho de muitos filhos e pais não só na Cidade da Esperança, mas doutros bairros da Zona Oeste.

Aliás, percebia o sofrimento de minha avó que se via dois netos (eu e minha irmã) estudando para ter “diploma”, ser “doutor”; virava a cabeça para outro lado e amargava o filho do meu tio Antônio, seis anos mais novo que eu, em sucessivas internações na FEBEM por contínuos atos de delinquências, alguns de extrema gravidade. Hoje, enquanto escrevo, ele cumpre pena no presídio estadual.

Eu me espelhava também na minha tia Chiquinha, que meu pai tinha dado as passagens para ir fazer vestibular no RJ e lá ela tinha se formado “doutora advogada” na UFRJ e era também professora universitária. Ela era prova para mim que filho de pobre poderia ousar ser outra coisa que não “bandido” ou “trabalhador assalariado”. Trajetória incrível que alimentava meu imaginário. Ela é o grande orgulho de nossa família e sempre me dizia que eu seria ‘um intelectual’. Também era uma transgressora. Casada com oficial militar nos anos 80, foi fundadora do PT em Manaus, pertencia à convergência socialista, e me falava de Trotski, Lênin e me fez ler ‘Geopolítica da fome’ ainda adolescente.

Da ETFRN em diante, era a busca por capital intelectual (Bourdieu) e o ingresso na universidade. Chegar aonde meu pai não chegou. Chegar onde pouca gente no bairro havia chegado. A ETFRN tinha uma excelente biblioteca. Mas os livros que eu “consumia” não eram técnicos: eram de história, literatura, geografia. Pensei em fazer vestibular para letras (trabalhei muito nessa área) ou sociologia. Minha passagem pelo movimento estudantil foi breve, porém intensa: fundamos (um deles, Alessandro, hoje está no doutorado do nosso programa), no centro de atividades de edificações o jornal “corações e mentes” que pregava o socialismo e a luta armada. Tinha até foice e martelo. Organizamos greves e eventos. Tudo escondido de mamãe, claro. Lá no meu bairro, o pessoal não queria saber de luta de classe, apenas sobre como sair do “sufoco”, da falta de grana.

Passei no segundo vestibular para psicologia. Meus pais ficaram muito descrentes quanto ao meu futuro. Acho que meu pai, nem tanto, porque como me via trabalhando em duas escolas de inglês, possivelmente acreditasse que eu já sabia me virar. Difícil mesmo era explicar na rua o que era a profissão. As pessoas não queriam muita explicação e diziam logo que eu tava estudando para ser doutor. Fato é que eu havia ingressado em um curso elitista, e desde o início ficava o conflito entre servir à classe burguesa (tornar-me psicoterapeuta) ou o “povão” (ser

professor, pesquisador). Para mim estava muito claro que meu engajamento social não seria na fileira de partidos ou organizações sociais. Acreditava que como pesquisador eu poderia dar uma contribuição decente e isso era engajamento político. Então, adeus movimento estudantil! Foi assim que conheci a professora Norma Takeuti e comecei o meu ajuste de contas com minha história pessoal através das suas pesquisas.

O INÍCIO DA PESQUISA

Recuando no tempo até o ano de 1996, encontraremos o início desta pesquisa. Àquela época, o projeto integrado “Juventude, exclusão e violência” abrigava uma pesquisa intitulada “Gangues: do olhar social à imagem de Si”. Era o começo de meu trabalho.

Atuando nos anos de 1996 a 1999, sob a coordenação da profa. Norma Takeuti, desenvolvemos um projeto de pesquisa junto a jovens na Zona Oeste de Natal, mais especificamente, o bairro das Quintas, que se reuniam em grupos, negativamente vistos socialmente como “turmas de bairro” e em movimentos como o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR).

Nessa primeira fase dos nossos trabalhos encontrávamos nas ruas, esquinas, meio-fios, grupamento dos fuzileiros navais. O primeiro momento do trabalho comportava algumas situações “artificiais”. No primeiro ano de trabalho, eu sentia que os “meninos” me diziam muito do que eu queria ouvir. A primeira de todas as entrevistas foi justamente em uma delegacia com Beaba. Eu nunca imaginaria que o veria posteriormente, mas aí, nos encontramos no movimento nacional de meninos e meninas de rua. Era preciso passar a coabitar o espaço, ultrapassar a imagem de “pesquisador-vampiro”, ou seja, aquele que só vem para chupar dados. Passei a frequentar encontros em casa de praia, reuniões do próprio movimento. Até chegarmos ao dispositivo de pesquisa no grupamento de fuzileiros. Naquele momento eu me preocupava com técnicas para trazer “conteúdos inconscientes”, para fazer aquilo que estava oculto se evidenciar. Usava fotolinguagem e questionários projetivos, dinâmicas de grupo, exercícios de respiração. No último ano de pesquisa, tendo o “setting de pesquisa” sido revogado pelo comando dos fuzileiros, fui descobrir a demanda dos próprios jovens de nos falar do ocorrido, e

das “notícias”, das vidas uns dos outros. Falar é elaborar. Percebi na fala descompromissada que muitas temáticas se revelavam.

Na segunda fase, eram as capelas, associações, sede dos grupos, sede dos projetos, eventos, escolas e parada de ônibus. Trabalhava nesse momento com psicodrama e muita improvisação. Aprendi que não adiantava planejar muito, era preciso ser flexível e estar sensível para os humores do grupo durante o encontro. A adesão era maciça porquanto quem não queria estar ali, sequer dava as caras, mas os jovens que iam sempre participavam com muita disponibilidade. Curioso, que Edcelmo que já estava saindo do Engenho, era mais assíduo a esses encontros do que Naldo que já era um articulador jovem do bairro.

Já na terceira fase, durante o doutorado, eu estava dentro da casa de cada um deles. Passávamos manhãs, ou tardes juntos. Algumas vezes, ia só para fazer visitas e saber “como estavam as coisas”. Noutras, me pegava também lendo algum documento que Naldo me pedia, dando algum “pitaco” nos coletivos ou “jogava conversa fora mesmo”. Julgava que o contato era fundamental para manter o vínculo, e realmente era. Parecia que o lugar da técnica tornara-se definitivamente secundário, enquanto o vínculo produzia a pesquisa propriamente.

Enfim, segui pistas abertas pelas pesquisas de Norma Takeuti em diversas fases dos seus trabalhos nos últimos quatorze anos. Em cada nova ‘aposta’ teórica senti-me interpelado a também embarcar em suas incursões teóricas. E isso aconteceu até durante o doutorado quando comecei a colaborar também em suas novas reflexões sobre “coletivos juvenis e resistência social”. Durante minha graduação eu a percebia como uma pesquisadora muito pessimista, hoje eu me surpreendo como minha percepção mudou: eu me tornei mais realista e menos idealista. O que me fez ver que seus trabalhos possuem um tom eminentemente propositivo e otimista. Alguns diriam (e disseram!) até exagerado ou utópico.

AINDA SOBRE SUBJETIVIDADE E ENGAJAMENTO

Tradicionalmente, entendemos subjetividade como o que está dentro e objetividade o que está fora.

Gostava de ler Morin para obter algumas inspirações. Um ponto capital, para Morin (2003), é que cada sujeito pode considerar-se como sujeito e objeto, concomitantemente e simultaneamente objetivar o outro enquanto o reconhece como sujeito. Ao deixar de enxergar a subjetividade do outro, tornamo-nos inumanos, e como míopes, por enxergarmos borradamente a humanidade do outro, é que derivamos para o amor ou ódio cegamente.

Um paralelo que traço com essas considerações: visamos um duplo esforço aqui. Simultaneamente, objetivar e reconhecer a subjetividade de outros, os jovens da pesquisa, que em si foi o difícil exercício, usando as palavras de Morin “do reconhecimento da humanidade do ‘eu’ e do ‘nós’”. Quero dizer que as dificuldades repousavam tanto na preocupação em não tornar os sujeitos meros “objetos de pesquisa”, extraindo-lhes a condição daquilo que faz o humano neles e em mim também, a saber; a história de lutas em meio às contradições que nos atravessam a cada vez e capacidade de voltar ao “homem genérico”, princípio gerador.

Nesse instante, parece razoavelmente tranquilo escrever sobre esse ponto. Praticamente em todos os momentos do trabalho empírico foi “custoso” não se perder mediante uma postura que por falta de um termo melhor dizemos aqui ser ‘engajada’. Afinal os coletivos nos apresentavam demandas, éramos chamados como interlocutores para refletir algumas questões internas, mediar conflitos e até avaliar questões pessoais de alguns de seus membros. Já dissemos: Naldo nos convida para trabalhar a motivação do grupo, Edcelmo nos pede para dar sugestão em um projeto do grupo, Eliênio pede orientações sobre como proceder com o irmão, Adriana pede uma opinião sobre um procedimento realizado. E muitas vezes, em momentos informais, nas paradas de ônibus, na saída de alguma oficina, algumas confidências de ordem pessoal eram realizadas, na maior parte das vezes, “desabafando” uma situação difícil; em algumas perscrutando como poderiam receber alguma “ajuda” de nossa parte.

Como princípio, envolvermo-nos o mínimo possível em questões pessoais, incluindo a dimensão financeira dos jovens. O treinamento em psicoterapia foi importante nesse sentido. Ainda assim, particularmente era com subjetividades e histórias de um contexto sócio-histórico muito próximo que estava lidando. Isso dito, algumas vezes, era necessário esforço porque se tratava de linha tênue, porque a grande flexibilidade com que nossa postura pode ser caracterizada em campo, com uma diplomacia intensa que facilitou a mediação de momentos difíceis da pesquisa

(no que concernia ao empenho do grupo em cumprir e zelar por alguns combinados) escorregava também para tendências “samaritanas”, “assistencialistas”. É preciso cuidado: a) para não ser tragado pela demanda dos grupos; b) para não utilizar de forma irresponsável todas as informações e confidências que nos chegaram pelo bem da pesquisa; e c) muita honestidade para não manipular os dados do vivido para que se adequem a um itinerário de hipóteses previamente elencadas. Ademais, a militância é encantadora principalmente quando, na esfera acadêmica, o sentimento é de pouco contato com a realidade, pouca contribuição social, não obstante o conhecimento que a produção científica gera (estávamos certos que um trabalho importante fora produzido por nossa equipe relativo ao tema juventude e violência nesses 10 anos). O fato é que é difícil não cair em uma postura militante e tomar partido em defesas dos jovens. Esse viés transparecia e aportava na escrita da tese.

Nesses momentos, a orientação foi fundamental, funcionando como um terceiro momento e permitindo reposicionar a reflexão novamente. Considero também imprescindível o privilégio da presença em campo da orientadora, que nos momentos que se seguiam às oficinas, destinava um tempo para uma “regulação” do trabalho, no qual um feedback importante de nossa conduta com o grupo era repassada para as sessões seguintes. Retorno que não se limitava ao momento propriamente formal da oficina, mas também a detalhes que ficavam ao meu encargo no contrato de pesquisa, como pontualidade (quase nunca cumprida), amarrações de tarefas com o grupo, desmarcações “em cima da hora”, postura ‘assistencial’ (fazer pelos jovens, não cobrança de algumas atitudes do grupo), etc.

Ao mesmo tempo, recebi dela algumas lições de pesquisa engajada. Uma feita, mediante um convite para um debate em emissora de rádio, ela pediu que o mesmo se estendesse a mim e a Edcelmo. Penso que ao dar “voz” a um rapper da periferia numa discussão entre “especialistas”, uma prática de visibilidade social foi posta em prática e o reconhecimento de um saber prático também foi feito. Vejo um engajamento político em atitudes como essa. Porém, como Norma (Takeuti) me ensinava, esse “engajamento” ocorria na postura dela, de modo muito criterioso, com muito bom senso, sem esquecer a qual campo (no sentido de Bourdieu) ela se encontrava filiada: o campo acadêmico.

Estava claro que, minimamente, minha contribuição “engajada” passaria pela elaboração de um texto que permitisse recolocar questões, lançar novas

perspectivas no debate quanto ao caso. Principalmente quando li um trecho de uma palestra de Bourdieu, editado como “Os usos sociais da ciência”, ele nos diz:

Um problema colocado para todos os eruditos [...] mas que se põe de modo particular para os sociólogos [...] é o de restituir os resultados da ciência [...] para resolver problemas que chegaram a consciência pública. Mas a função mais útil, em mais de um caso, seria dissolver os falsos problemas, ou os problemas mal colocados (BOURDIEU, 2001, p.229).

Para enfrentar os problemas mal colocados, lidamos com a questão da juventude na cena contemporânea, especificamente dos jovens dos bairros periféricos, procurando não resvalar nem numa perspectiva de “demonização” da juventude pobre, e nessa vertente em um fatalismo das contingências sociais, ou ainda em uma visão romantizada de uma comunidade homogênea, em que todos vivem harmoniosamente produzindo para o “bem comum”.

Ainda tomando como referência algumas orientações de Bourdieu, para enunciar e denunciar o arbítrio dissimulado o trabalho simbólico necessário supõe, instrumentos de expressão e crítica no qual se torna necessário a presença de profissionais que favoreçam esse trabalho de explicitação e que se possam tornar porta vozes dos dominados com base não em um saber ‘superior’, mas em uma solidariedade que implica reconhecimento também de uma posição de dominado por parte do pesquisador, não obstante ocupar uma posição diferente no campo de produção cultural (BORDIEU, 2001).

Tentei inúmeras vezes desviar de uma postura em campo que se aureolasse de “expert”, que resvalasse em uma hierarquia de saberes, que se ocultasse atrás de um mito de neutralidade científica, ou que se esquivasse da obrigatoriedade de pensar métodos, instrumentos e a modalidade de relação instalada. Os manuais não nos apontavam saídas, alguns pensadores forneciam inspiração. A escolha, aliás, dos teóricos não se dá por diletantismo acadêmico, mas por suscitar reflexões que nos impulsionasse tanto ao nível da intervenção quanto da reflexão teórica. Malgrado o uso de autores de matrizes teóricas, algumas vezes bem divergentes, esse uso, que em algum momento correria o risco de ser leviano, era orientado não por uma ‘gula livresca’ e sim pelas apostas (e algumas vezes, pela esperança) que

as formulações teóricas nos forneciam no tocante às possibilidades de resistências sociais dos jovens.

“Conheço pesquisadores habilidosos nessa arte do desvio, que é um retorno da ética, do prazer e da invenção à instituição científica” (CERTEAU, 2007, 90). Refleti nessa frase de Certeau associando essa ‘arte do desvio’ à minha pesquisa. Durante a produção da tese, eu buscava esse encontro do trabalho do pesquisador com o prazer e a invenção.

O lugar do prazer aparecia em cada sessão finalizada, no sentimento que aquele trabalho era uma “pesquisa viva”. Tão viva que a mais absoluta falta de organização ou estrutura não impediu seu acontecimento.

O lugar da invenção era posto em cada tentativa frustrada de organizar os encontros, em cada encontro mal sucedido que me fazia sentir, embora o investimento em campo fosse imprescindível para a consecução da tese, o desânimo visitou-me algumas vezes, como a testar a tenacidade necessária ao intento.

Mencionei a dimensão da invenção porque há muitos modos de se conduzir um estudo em campo. Sabia que outros caminhos poderiam ser percorridos para a realização de uma “coleta de dados” com um nível menor de frustrações nas incursões em campo. Poderia ter optado por uma enquête, questionário fechado, ou talvez, sistematizar algumas entrevistas semi-abertas com os grupos, a partir de algumas categorias eleitas. Quiçá morar algum tempo dentro de Guarapes, como os jovens nos falaram que uma pesquisadora francesa fez no ano de 2006; e fazer um trabalho também interessante de descrição etnográfica. No entanto, enveredei por um caminho que obrigava a um trabalho que instaurava um dispositivo com dupla natureza: pesquisa e intervenção social.

Forçoso dizer que as escolhas metodológicas, tanto ou mais que as teóricas, implicam convicções e um modo de ser bastante pessoal.

UMA QUESTÃO DE TATO

A arte de fazer pesquisa que persegui na tese é como Certeau (2007, p.146) citando Freud ao dizer que é “uma questão de tato”. Para Freud, é a arte de um julgamento que põe em causa numa situação prática uma relação de equilíbrio entre

inúmeros elementos. Inspirado em Kant, Certeau nos diz que esse tato reúne ao mesmo tempo ato, criação e liberdade. A faculdade de julgar que se investe em um ato ético e poético, necessita de encontrar um acordo que não é localizável nem em um discurso científico, numa técnica particular ou em uma expressão artística. Onde encontrar esse tato então? Certeau nos diz que esse tato é uma verdadeira arte de pensar, na qual dependem a teoria e as práticas ordinárias.

Lembro do primeiro encontro com os jovens que hoje compõem os coletivos Lelo Melodia e Construindo Sonhos. Era em um centro de treinamento ligado à igreja católica. Havia um consultor especialista em terceiro setor. E estávamos nós, eu e Norma e Laudelina, sentados junto ao segmento “universidade”. Os meninos me analisavam bastante, “umas caras de poucos amigos”. Já tinha “visto aquele filme” e não me fiz de rogado. Andava no meio deles e conversava um pouco sentindo os diferentes grupos, entre eles o GPS, que parecia um pouco arredo entre nós.

Essa atmosfera de desconfiança e defensividade me remetia ao começo de minhas pesquisas na graduação com o MNMMR e os anarco punks. Aconteceu no primeiro contato que tive de Piaba, quando ele estava atrás das grades e em nuances diferentes, com alguns dos jovens anarco punks que entrevistei quando de um encontro em que acamparam no campus da UFRN.

O tato é um exercício de sensibilidade, de colocar-se ao lado do outro de modo interessado genuinamente, não para escrever em um teclado simplesmente, mas ser ‘testemunha’ das histórias e virações de uma pessoa. Lembro que o encontro dos Anarco Punks foi minha primeira situação de entrevista e eu me juntei à roda com o despojamento que era possível, no entanto, portava um gravador “national” gigantesco para os dias de hoje. O que eu tentava passar era que havia ali uma empatia com os sujeitos da pesquisa e respeito para com as questões discutidas independente da concordância com o ideário do grupo.

Os jovens dos grupos que compunham o Fórum Engenho, dentre eles o GPS, também alimentavam em torno de si certa “aura” arredia como um modo de proteção em relação à arrogância acadêmica e ao trabalho de autoavaliação ao transmitirem uma postura firme.

Foi a partir desse movimento de “aproximação com valorização”, no qual as experiências e vividos do cotidiano são tão importantes quanto qualquer elemento de pesquisa, que sedimentei com os meninos o terceiro momento da pesquisa.

TRABALHANDO COM 'SUCATA': UMA ARTE QUE SE OCUPA DE DAR VISIBILIDADE AO INVISÍVEL

O "tato" que buscava desenvolver, guardava também outras preocupações que ainda não estavam muito discerníveis. Ficou mais claro quando reencontro a leitura de Certeau, em trechos como "(...) fazer da escritura uma maneira de fazer 'sucata'".

No que isso me interpelava? Era também preciso de nossa parte esmerar-se em uma arte de fazer. Criar um modo de "saber dizer" desse vivido dos jovens, considerando a complexidade, como também a riqueza, as lutas e preciosidade de tudo que nos chegava aos olhos e ouvidos.

Fazer da escritura uma forma de sucata é ocupar-se com um objeto que em nada acrescenta ao "desenvolvimento econômico" do país. É contar a história de vida, não de líderes notáveis e influentes, mas, sim, de "vagabundos-sonhadores", usando uma expressão de Amaury.

Pensando em Santos (2006), eu diria que esse trabalho tem como fim mostrar o desperdício da experiência de uma geração juvenil promissora. Jovens que puderam ousar ir além de gerações anteriores que estiveram impossibilitadas mediante tanta mutilação e faltas que lhes obstaculizavam uma produção pessoal de si.

Diria também que se trata de um trabalho de tradução entre saberes e práticas (assim como seus agentes), também no sentido dado por Santos (2006): criar inteligibilidades recíprocas, através do cruzamento de motivações convergentes para se enriquecer, através do diálogo e pelo confronto (SANTOS, 2006).

Certeau (2007, p.90) tem um modo próprio de também referir a esse processo: "inventar os traçados de convivência e gestos, responder com um presente a um outro dom; subverter, assim, a lei que, na fábrica científica, coloca o trabalho a serviço da máquina, e na mesma lógica aniquila progressivamente a exigência de criar e a 'obrigação de dar'".

A redação da tese também era uma forma de dar um retorno à dádiva que os jovens nos ofereciam. Remetemos ao radical da palavra clínica, da qual deriva o movimento no qual fomos nos inscrevendo esses anos (Sociologia Clínica). O sentido se perde na alvorada do capitalismo e no nascimento da clínica como uma atividade mercadológica. Estar ao pé do leito era uma prerrogativa dos médicos do

período medievo, abrindo-se à escuta de um padecimento, muito mais que se esmerando em ações paliativas que apenas tentam contornar o incontornável. Num exercício de dádiva, o doente ofertava seus sintomas e o médico em troca o seu saber. Analogamente, o que ofertávamos era o nosso saber em troca das histórias dos jovens. Mas nesse processo, oferecíamos junto com nossos ouvidos (aqui falo por minha orientadora) o nosso reconhecimento da existência daqueles sujeitos e eles a preciosidade de suas vidas. Essa troca, baseada numa horizontalidade relacional que punha em suspenso, hierarquias sociais e fazia existir ali pessoas em contato saberes diversos, conflitantes (em alguns momentos) e também complementares, porém sem nunca sê-lo melhor que outro. O nosso, era um saber provisório.

Ao reconhecer uma diversidade de saberes, inscrevia-se também no processo de nosso trabalho o compromisso de dar visibilidade a esses outros saberes. Dar visibilidade ao que é invisível é reconhecer “os silêncios, as necessidades e as aspirações impronunciáveis” (SANTOS, 2006) que se tecem conjuntamente na diversidade de narrativas dos jovens da Posse formando um só tecido de experiências que se tornavam vívidas aos nossos olhos.

Mas, dar visibilidade ao invisível era também reinventar uma “maneira de escrever”. Lembro que na dissertação de mestrado, durante a arguição foi sugerido por um dos membros da banca que desse mais “voz” aos jovens na escrita do texto. Isso me fez, quase literalmente, quebrar a cabeça para encontrar uma forma de valorizar as falas dos jovens, dar visibilidade ao que pensavam, sem, contudo, perder de vista minha preocupação com a “tradução”, com as pontes teóricas que propiciariam reflexão para eles e também para mim. Foi assim que surgiu a idéia de abrir os capítulos com as narrativas e de também, em alguns momentos, cotejar algumas falas dos jovens com algumas de minhas reflexões ou mesmo com o ponto de vista de algum dos teóricos escolhidos. Esse processo é tênue na medida em que suscita também o encarceramento de falas e ainda conjugações forçadas que empobreciam tanto o teórico quanto o próprio jovem.

Com esse intuito também de valorizar o vivido dos coletivos, arrisquei-me a perguntar aos jovens de ambos os grupos como se sentiriam se eu colocasse os nomes verdadeiros na tese. Para meu espanto, nenhum deles fez objeção. Era justamente o que queriam. E como afirma PP em sua narrativa que precede o quinto

capítulo, um dia a neguinha dele vai ficar sabendo, quando estudar o livro de história, que lá em Guarapes tinha um pessoal tentando fazer acontecer.

“QUANDO VOCÊ TERMINA?”

Essa era a questão que algumas vezes me eram colocadas nos nossos encontros. Finda uma oficina ou uma reunião coletiva em Guarapes. Edcelmo me indagava: “você já tem o que queria para sua pesquisa?”. Isso me suscitava que eles estavam também organizando a “pesquisa” deles a partir da nossa. Sistematizando reflexões, enquanto eu fazia as minhas. Mas um dia, Adriana me perguntou à queima-roupa: “quando você termina?” E a esta questão ela logo ajuntou outra: “Tem risco da banca reprovar você?” Aquela foi uma pergunta que me ficou dias na cabeça. O que significaria para eles a banca me reprovar? Uma resposta provisória foi: “talvez ela esteja reprovando o tipo de pesquisa que faço”. Talvez ela esteja reprovando a experiência dos jovens enquanto um saber “popular”, um saber que não poderia ser “validade” cientificamente. Acredito que cientificamente teria o mesmo valor que socialmente. Afinal, para eles quem faz ciência são as pessoas que moram nos melhores bairros da cidade e que, portanto, também compartilhariam as mesmas representações sobre os jovens que o resto da sociedade. Eliênio, a seu turno, naquele mesmo momento perguntou como eu achava que meu trabalho seria “visto” na universidade. Pensei que essa questão teria outros desdobramentos, porque ele foi acadêmico de psicologia e teve que abandonar o curso. Talvez, ele tenha vivenciado num leque de temários de pesquisas e problematizações a ausência ou o reduzido número de discussões sobre os movimentos sociais, como aquele do qual ele fazia parte. Nesse sentido, ele portava, na academia, um saber rico, mas que não poderia ser suficientemente explorado. Assim, eu percebia o cuidado de Norma em fazer relatos sobre suas conferências em eventos e da menção que fazia às pesquisas do grupo. Era uma forma de repor para eles a questão da “valorização de um saber prático”.

HONRAR A CONFIANÇA DEPOSITADA

Na minha dissertação de mestrado, uma das observações da banca foi sobre manter os nomes originais dos jovens, que isso também poderia fazer parte de um compromisso político. Eu havia aprendido que o procedimento ético para pesquisa incluía o anonimato dos depoentes. Mas, o argumento ecoou em minha mente. Conversei com os jovens das instituições e eles me autorizaram colocar os nomes deles na tese. Era uma forma de mais uma vez reafirmar a condição de sujeitos e não assujeitados da pesquisa. Penso que isso ilustra o princípio de confiança depositado em anos, como eles disseram uma vez: “escreva o que quiser”. Era um cheque em branco e muita responsabilidade. Algumas vezes, fui ao bairro Guarapes e levei alguns “pedaços” da tese para eles lerem. Gostavam de ler em voz alta, o fragmento biográfico dos outros. Queriam ver onde eu os citava em algum texto. Algumas vezes, pegavam o texto e ficavam lendo em silêncio. Eu apresentava algumas noções, e esperava a reação, na maioria das vezes concordavam, noutras eles ficavam pensativos.

A OPÇÃO PELOS SUJEITOS INDIVIDUAIS

O direcionamento tomado em nosso trabalho pode ser resumido pelas colocações de Martucelli (TAKEUTI, 2007). Porque o interesse sociológico sobre o trabalho do ator (sujeito singular)? Simplesmente porque pensar sujeitos singulares é captar “pistas” nítidas que elucidam as mudanças sociais. Eu não iria ‘psicologizar’ Edcelmo ou Naldo.é consequência de uma representação sobre o conjunto da vida social mas toma-los como índice de importantes transformações que ocorria em minha volta e que precisaria ser investigada de modo mais concreto.

Estas narrativas que descrevemos no capítulo dois, ou os excertos de romance familiar que espalhamos entre os capítulos para dar uma idéia de transversalidade do sujeito pessoal em relação ao coletivo; acabam por nos dar um entendimento das mudanças sociais que ocorrem ao nível dos coletivos juvenis organizados em grupo. Essas narrativas dão idéia das efervescências ocorridas nesse campo da juventude pobre, moradora dos centros urbanos. Mais do que

desvelar o vivido de alguns sujeitos juvenis residentes na Zona Oeste de Natal, o que a tese mostra é o sujeito social que neles “encarna” no sentido de Castoriadis, ou seja, o sujeito que ultrapassa Eliênio, Naldo, Adriana ou Edcelmo e que revela os tensionamentos sociais na dinâmica estabelecida entre sujeição e autonomia dentro de um processo sócio-histórico.

Os jovens da Posse e Construindo Sonhos nos falam de relações de poder e conflitualidades sociais que ocorrem no campo da juventude. Mostram-nos, no âmbito das singularidades, mudanças sociais que escapariam da nossa percepção, caso estivéssemos focados em processos macrossociais exclusivamente.

Takeuti (2009) trabalha com a hipótese de que há, cada vez mais, um tipo de demanda-desejo de participação mais ativa e engajada em processos de construção de novas significações e práticas em diversos segmentos sociais, implicando, em grande parte, uma população com déficits ao nível de seus direitos fundamentais, quer seja no plano material quer seja no plano simbólico. Associados a esse ímpeto latente, haveria procedimentos sociais apontando para novos processos de subjetivação em determinados pontos da sociedade brasileira, vindo esboçar traços de novas atitudes sociais.

Outra aposta de Takeuti (2009), que transparecia no momento empírico da tese, principalmente nas oficinas com a Posse Lelo Melodia, é quando ela afirma que dispositivos de intervenção e pesquisa (oficinas focadas nas narrativas de vida) como o que criamos juntos, podem se tornar um lugar privilegiado de reflexão.

Um lugar para se “achar” enquanto pessoa, grupo ou instituição; um lugar para se recentrar em seus objetivos clarificando melhor para si e para o outro aquilo que os afeta intensamente na vida social; finalmente, um lugar para (des)construir representações e discursos, bem como ressignificar suas relações com o mundo social (TAKEUTI, 2009 [p.84]).

MODELO INTERATIVO: ÁRDUA DESCOBERTA

Há uma diversidade de obras sobre história de vida e pesquisa Autobiográfica. Uma delas (PASSEGGI; SOUZA, 2008), fornece-nos uma abrangente panorâmica do assunto.

Niewiadomski (2008a) nos faz um histórico de diferentes correntes que vão utilizar essa metodologia. Inicialmente, ele nos dá duas definições de história de vida. Primeiro com Pineau: “História de vida é pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais.” E também com Legrand: “expressão genérica onde uma pessoa conta sua vida ou um fragmento de sua vida a um ou mais interlocutores. Essa narração pode dar lugar a uma escrita ou produto sonoro, filmado”. E uma terceira definição com Lainé sobre “relatos de vida”: Relatos cuja coerência é assegurada. Escolha de fatos centrais que fazem sentido para o narrador. Trabalho, análise e troca para construir totalidade inteligível.

Prossegue Niewiadomski (2008a) fazendo menção a cinco grandes correntes. Reconhecemos em nosso trabalho aspectos de várias delas. A preocupação em obter dados significativos mais que representativos (Etnologia); sujeito determinado social e psiquicamente, nunca inteiramente autônomo, mas confrontado com mudanças sociais (sociologia clínica); sujeitos podendo dizer de si, de um projeto que faz sentido para eles (história de vida em formação) e recuperação da dignidade através dos relatos realizados (história de vida coletiva).

Para o autor citado (NIEWIADOMSKI, 2008a), histórias de vida servem para: agir, compreender e emancipar. Agindo para recuperar capacidade de agir sobre a própria existência. Compreendendo através de um olhar sobre nossa história e tentar fazer algo sobre isso. Emancipando na medida em que se reflete sobre si, criando possibilidades de criar outros caminhos.

Dentre os modelos possíveis de trabalho com história de vida, reconhecemos nosso trabalho dentro do modelo dialético de co-investimento, também denominado modelo interativo ou dialógico (PINEAU, 2006). O que equivale a dizer que esse modelo “trabalha uma nova relação de lugar entre profissionais e sujeitos por uma co-construção de sentido” (PINEAU, 2006, p. 341). Ao ofertar a narrativa ao sujeito, ele vai reelaborá-la.

Dito dessa forma parece que simplesmente escolhemos um modelo e fomos ao campo. Na verdade, foram as diferentes etapas da pesquisa, as hipóteses que se reelaboravam e o modo como precisávamos fazer os “dados falarem”, algumas horas sozinho outras em conjunto com a professora Norma Takeuti, que nos encaminhavam para esse modelo. Ou seja, ele foi triplamente determinado pela nossa postura em campo, nossas questões de pesquisa e a atitude dos jovens sujeitos.

Niewiadomski (2008a) reconhece que a dimensão subjetiva está presente em todos os passos da pesquisa. Trata-se antes de tudo, de não negá-la, mas reconhecê-la e, por essa atitude, “ficarmos atentos”. Assim é possível “objetivá-la” (BOURDIEU, 2001).

Trekker (2009), acerca dessa preocupação, adverte:

Desenvolvamos esse duplo movimento “de entrar no” (zoom) e “de se distanciar” (pelo grande ângulo) que cria a tensão e permite a abertura do relato a uma temporalidade, a um espaço que re-enquadra a história singular numa historicidade coletiva, fazendo aparecer elos de uma e de outra. O autor (produto, ator e produtor de sua história) descobre que “sua” representação de sua “história” apresenta um caráter “relativo”, suscetível de reconfiguração. Essa reconfiguração é favorecida pela presença ressoante e questionadora de um terceiro externo que constitui uma condição de base para escapar à armadilha que Bourdieu (1986) qualificou de “ilusão biográfica” (TREKKER, 2009, p.182).

Niewiadomski (2008b) lembra a importância e os efeitos desse trabalho individual (oral ou escrito) num ambiente coletivo, e as sobredeterminações das quais o sujeito tomará consciência:

O sujeito que realiza sua história de vida singular na situação de grupo, encontra-se imediatamente mergulhado numa dimensão coletiva plural. Não somente ele é levado a tomar consciência das lógicas históricas, sociais, culturais e familiares, que pesam sobre ele e que sobredeterminam sua própria história, mas ele se encontra igualmente convidado a efetuar esse trabalho nele mesmo num contexto social, onde outros participantes compartilham de agudas preocupações (NIEWIADOMSKI, 2008b, p. 38).

Isso provoca diversos efeitos nos participantes que se veem com:

Possibilidade de partilhar as dificuldades que enfrentam, de metacomunicar os paradoxos nos quais se encontram e, finalmente, de resistir às eventuais atribuições identitárias de que foram objetos [ser um dirigente estressado, uma mãe de família fracassada na sua articulação da vida familiar e profissional, um empregado insuficientemente produtivo[...]] (NIEWIADOMSKI, 2008b, p. 38).

Tanto as precauções de Trekker (2009) quanto a “dinamicidade” descrita por Niewiadomski (2008) foram “pontos de parada” na qual nosso veículo de pesquisa

precisou passar. Transcrevemos as passagens acima, porque ao pensar nelas sentíamos quão difícil e desafiador era um trabalho como o que estava nos propondo. O tipo de pesquisa escolhida demandava esse itinerário. Ao mesmo tempo em que anunciavam possibilidades animadoras (que embalavam meu ânimo quando com elas me deparavam), também descrevem os imbróglios que desanimavam profundamente a cada volta para casa. Parafraseando Edcelmo “desanimei inúmeras vezes, mas nunca desacreditei”, porque continuamente reelaborava o sentido do que eu estava fazendo e os paradoxos que me atravessavam.

UM POUCO ANTES DO DISPOSITIVO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM GUARAPES E FELIPE CAMARÃO

As estratégias metodológicas estavam sendo pensadas para dar conta dos objetivos propostos da pesquisa, privilegiando o nível qualitativo. No entanto, em termos quantitativos, buscamos documentalmente pesquisas realizadas por organizações, como o Canto Jovem, que mapeou os grupos juvenis na cidade do Natal. Tivemos alguns momentos com André, do Canto Jovem, procurando entender um pouco mais sobre essa atividade da ONG Canto Jovem. Procurei, ainda, mas sem sucesso, reunir-me com o secretário estadual da Juventude para tentar discutir um projeto a ser financiado pelo governo do estado.

Além disso, busquei referências em dados que pudessem contribuir para uma reflexão tanto local quanto regional, como as pesquisas realizadas por organizações especializadas em juventudes, como o Instituto Cidadania, Ação Educativa, entre outros, a fim de obtermos um quadro geral do campo da juventude no Brasil, dos movimentos sociais, das redes juvenis. Cheguei a elaborar um projeto para a FAPERN sobre “capital social e juventude”, mas fui informado que as linhas de financiamento, naquele momento, não contemplavam a temática.

Visitei algumas organizações não-governamentais e projetos que trabalham com juventude em outras metrópoles regionais, como Recife, no sentido do mapeamento das práticas desenvolvidas por coletivos juvenis nessas localidades.

Em 2005, início do doutorado, reuni um grupo de jovens na sede do Engenho de Sonhos, agora em Cidade Nova, para conversar sobre cidadania, juventude e participação política. Tratava-se de jovens frequentadores das ações artísticas do Engenho de Sonhos, em Bom Pastor. A coordenadora do grupo, Carla, viria no futuro a ser uma das fundadoras do coletivo “Jovens Construindo Sonhos”. Ao final, ficou a impressão que não era ainda o grupo que estávamos procurando.

A participação em eventos de redes juvenis, com a elaboração de oficinas temáticas, também constituiu outro espaço possível de coleta de dados. Nesse sentido, compilei um material a partir do encontro do “Redes e Juventudes”, em Pernambuco, no qual coordenei uma oficina sobre “Romance familiar e trajetória dos educadores” (período final do mestrado). Pedi também um relatório do encontro que Edcelmo participou na Bahia, do “Interredes”. Um olhar indireto, que nos rendeu discussão interessante para o quarto capítulo.

Outra fonte importante de dados foi a própria dissertação de mestrado. Durante o período de sua realização, desenvolvi um grupo focal com os jovens participantes do núcleo de Guarapes no Engenho de Sonhos. A maior parte deles fundou os dois coletivos juvenis que estamos debruçados no doutorado. Esse material conserva interesse e ainda é fonte de reflexões importantes para o presente momento.

Com a experiência do trabalho focal anterior e retorno ao campo da professora Norma, começamos a pensar o dispositivo que simultaneamente aportava dados para nosso trabalho, sua nova pesquisa (na qual eu já me implicava) e a minha tese, e esboçava um processo de reflexão junto aos coletivos através de uma escuta ativa dos grandes temas de nossa problematização e que igualmente atravessam sua cotidianidade.

Takeuti (2002) deixa bastante claro que a escuta da pesquisa focaliza-se na dimensão que ultrapassa o sujeito em si, uma vez que nosso intuito foi articular as dimensões sociais na compreensão do que é enunciado pelas subjetividades (sejam sujeitos individuais ou grupos). Conforme a autora:

A escuta terapêutica trata de elucidar os processos psíquicos e de identificar os mecanismos de defesa presentes na produção do sintoma do paciente [ou do sujeito em questão numa pesquisa], portanto, focalizando-se na problemática do[s] sujeitos[s], [de outro];

a escuta da pesquisa focaliza-se na dimensão que ultrapassa a do sujeito em si, sobretudo quando estamos orientados, numa perspectiva que tenta articular as dimensões sociais na compreensão de problemas singulares (individuais ou grupais) (TAKEUTI, 2002, p. 62).

Visamos com essa escuta, via dispositivo de intervenção e pesquisa, a apreensão das tensões e contradições sociais e o peso das regularidades objetivas do social, intervindo sobre os “destinos” individuais (LEVY, 2001 e GAULEJAC, 2001). O desafio de um duplo esforço assim se colocava: a) atenção aos fatos concretos em sua totalidade e contexto empírico próprios; b) Uma busca pelo sentido a ser empreendida através dos sujeitos em sua história que se encontra em construção.

O duplo “esforço” acima mencionado, eu já experimentara na dissertação. Agora era ver como poderia ser criado um dispositivo no qual a “busca de sentido” pudesse ser empreendida pelos “jovens periféricos”. Como um trabalho nunca é receita de sucesso de outro, e cada novo contexto reatualiza relacionamentos sob novas circunstâncias, havia naquele ano de 2005 muitas incertezas e inseguranças.

COMO SE PRODUZIU O DISPOSITIVO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO?

Em primeiro lugar, ressaltamos que o dispositivo de pesquisa e intervenção aqui descrito extrapola o quadro da tese, inscrevendo-se em um outro quadro de preocupações não só nossa, mas também da professora Norma Takeuti (o trabalho sobre a resistência social de jovens da periferia), ao mesmo tempo em que lhe fornece subsídios indispensáveis à sua realização.

Quiséramos ter nos servido deste dispositivo, seja durante o trabalho com o MNMMR ou até no mestrado, e teríamos nos deparado com o inevitável: tanto nós (aqui incluo a minha orientadora) quanto os jovens não estávamos prontos para ele. Simplesmente porque não se trata apenas de um querer fazer. Nós e os jovens fizemos cada um o seu percurso. Foi preciso decantar as experiências de pesquisa na intimidade de cada um, sendo um percurso que passou por conversas na calçada e no meio-fio com os jovens do MNMMR, bem como com as oficinas de futebol em que aplicávamos algumas vivências grupais. Ou, no Engenho de Sonhos, durante o mestrado, o grupo focal que conduzimos em Guarapes, experiência singular, e mais

uma fonte de inspiração para este trabalho. Quanto a eles, também foi preciso acumular um pouco mais de experiência acerca de suas práticas, aprendendo com os erros, e lançando o olhar para questões que só um outro tempo que não é cronológico pode mensurar. O movimento social não é “redondo”, ou seja, é descontinuado, aberto e em construção e desconstrução permanente como seus atores.

O dispositivo de intervenção e pesquisa será chamado simplesmente de “oficinas”. Foi desenvolvido inicialmente em Felipe Camarão e Guarapes, que retomamos os contatos com Naldo. Íamos até a casa dele para conversar. Percebemos o distanciamento dele em relação aos jovens da Posse. Mesmo assim, marcamos um trabalho piloto, também em 2006, com Naldo, Carla e outros da Posse e dos Jovens Construindo Sonhos, sobre “o jovem e o mundo”. Esta oficina contou com a participação de Norma Takeuti. Foi tumultuada porquanto em clima de eleição. O galpão da Posse teve que abrir espaço para uma produtora de TV que preparava uma campanha política para um candidato de esquerda.

O ano de 2006 trilhou por conversas e bate-papos informais. O que foi ficando muito claro é que os dois coletivos iam se afastando cada vez mais um do outro. Finalmente, Naldo deixou Guarapes e foi morar com a família em Felipe Camarão. Podíamos ver, em espaços comuns, a presença dos dois grupos, muito mais em função de outros fatores. Por exemplo, Edcelmo e Carla trabalhavam em Felipe Camarão como funcionários do ‘PDA - Caminhos do Sol’, um projeto da Visão Mundial, e como estavam na organização dos eventos do projeto, ambos os coletivos tomavam parte em algumas ações, ou circulavam no escritório do projeto. No início, eram muitas as dificuldades de acesso e contato com ambos. Posteriormente, a agenda e a organização dos jovens Construindo Sonhos nos permitiram aproximarmos-nos mais daquele grupo. Vale lembrar que em 2006 a Posse atravessava um momento difícil de crise interna.

Partimos de um piloto em Felipe Camarão, casando com o convite também formulado por Naldo, que elaborássemos uma oficina sobre “rede” para os jovens “Construindo Sonhos”. Paralelamente, íamos à sede do PDA “Caminhos do Sol” e conversávamos com Edcelmo.

Quando realmente as oficinas ficaram prontas, conseguimos uma vez mais agilizar e sistematizar dois encontros com o grupo de Naldo ao passo que adiávamos repetidas vezes com Edcelmo. No entanto, quando o trabalho em

Guarapes realmente se efetivou, a dedicação e o aprofundamento foram muito maiores. Subitamente, o processo inverteu-se: foi o coletivo Construindo Sonhos que apresentava uma agenda mais conturbada, desembocando no ano de 2008 com mudanças estruturais: a saída de Carla, a vinda do grupo para a Cidade da Esperança e a candidatura de Naldo a vereador. Finalmente, o trabalho das oficinas só foi possível de ser realizado a contento em Guarapes, e os dados que lá colhemos nos deram maior sustentação para o trabalho que os dados de Felipe Camarão. Some-se a isso que uma demanda foi fortemente instaurada com o desejo da produção de um livro que sistematizasse suas trajetórias.

Somente em 2007 começamos um trabalho realmente sistematizado. Esse trabalho teve dois momentos distintos:

PRIMEIRO MOMENTO: JOVENS CONSTRUINDO SONHOS

Fizemos três encontros com os jovens “Construindo Sonhos”. Eles foram precedidos do encontro, como dissemos “o jovem e o mundo”, em Guarapes, no qual Carla, Naldo e Trindade foram participar. Mas, a precedência aos encontros acontece também através dos encontros informais, seja na casa de Naldo em Felipe Camarão, seja através da participação em algumas reuniões do grupo na Capela São Francisco, igualmente em Felipe Camarão. Naldo nos fez algumas solicitações para discutir assuntos pertinentes ao grupo, o que redundou em um encontro para mediar a relação entre seus membros. Havia um desejo de parceria e demandas que viam tanto do meu quanto do lado deles. Desejávamos, assim, trabalhar em reciprocidade.

Realizamos um encontro novo preparando o trabalho com as oficinas. Intitulamos de “História de vida” e ocorreu no dia 02 de fevereiro de 2007. O encontro aconteceu na capela São Francisco. Trabalhamos com recorte e colagem (suporte projetivo), argila e pintura coletiva. Abordamos os impasses da construção da rede do grupo ao nível pessoal e coletivo e o que emancipação representava para eles.

As oficinas com os jovens Construindo Sonhos ocorreram nos dias 11 e 18 de agosto de 2007. Contamos com a presença da professora Norma Takeuti, que daquele dia em diante estaria conosco em todas as oficinas ocorridas naquele ano

com ambos os coletivos. Meses antes, recebemos das mãos de Naldo um pequeno texto intitulado “os fênix renascidos”, tratava-se de uma espécie de memorial falando do coletivo Jovens Construindo Sonhos: o início da associação, metas e parcerias. Utilizamos-nos desse material para preparar o segundo encontro do grupo conosco.

Na primeira oficina participaram: Naldo, Reycson, Laina, Daniele, Alcemir, Karla. A estrutura da sessão: usamos o recurso “Linha da vida”. No primeiro momento, os participantes devem registrar uma linha no papel e assinalar nela anos com acontecimentos importantes, sejam positivos ou negativos. Depois devem apresentar a sua linha da vida, sem justificativa ou julgamento. Perguntas, só para esclarecimento. No terceiro momento, os participantes são estimulados a identificar o que se ressalta de comum naqueles diversos relatos de vida.

Já a segunda oficina acontece na casa de Naldo, uma semana depois da primeira. Realizamos um aprofundamento do encontro anterior, ainda sobre as histórias de vida de cada um. Percebemos o quanto os jovens Construindo Sonhos tinham necessidade de falar. A mobilização emocional acontecia naturalmente, algumas vezes sendo difícil se colocar no lugar de “silêncio” e “impassividade” que o dispositivo requeria.

No início do segundo encontro, pudemos recolher alguns depoimentos que, em seu conjunto, nos davam a impressão de que, mesmo não estando na proposta um caráter “terapêutico”, falar e pensar sobre as falas dos colegas tinham um efeito “terapeutizante” para os participantes. Falava-se em “alívio”, “destravar”, “reconhecimento consigo mesmo”. A fala de Naldo foi o tom do grupo: “É preciso que venha alguém de fora pra gente parar e discutir nossa prática. Isso me deu um gás. Parece que bloqueia quando a gente não para. Eu senti maior vontade em estar entre as pessoas”.

SEGUNDO MOMENTO: A POSSE LELO MELODIA, EM GUARAPES

Para efeito da tese, a oficina de 2007 com a Posse Lelo Melodia é nossa etapa final de coleta de dados. Muito embora iniciamos em 2008 uma segunda oficina que corrobora todo o trabalho empírico realizado até aqui, mas que extrapola o quadro da tese. Esse material continua em desenvolvimento para a continuidade de estudos após a tese. Trata-se também um momento teórico importante, em que

talvez estejamos transitando para um quarto momento de pesquisa. Temos em mente a publicação de trabalhos que aprofundem temáticas e conceitos aqui apenas citadas como a que Takeuti (2009) começa a desenvolver: *cultura da periferia, resistência social e encontro* (discutindo o dispositivo que experienciamos na tese e continuamos realizando ao longo de 2008 e 2009). Estamos num trabalho de co-autoria com os jovens, produzindo um livro relatando a trajetória do grupo de hip hop em Guarapes.

Precisamente nesse terceiro momento, encontramos um grupo melhor organizado, já estruturado (um edital endereçado ao ministério da cultura, deu-lhes a possibilidade de construir um ponto de cultura no bairro, montando uma moderna ilha de edição; oficinas no interior do estado gerando renda para alguns de seus membros e concessões feitas por políticos locais) e a demanda por atividades cada vez maior. Nessa terceira fase fica claro que a Posse se estrutura não somente como um grupo cultural, mas como um coletivo que busca além da profissionalização (de vídeos, CDs, DVDs, etc), uma organização política que possa também influenciar as ações públicas na comunidade (tentam participar e ocupar espaços no conselho comunitário) como na cidade de modo mais amplo na medida em que também se fazem presentes e atuantes nos eventos sobre a juventude, como é o caso do fórum estadual de debates da juventude.

O reencontro dos pesquisadores (Norma e Marlos) com a Posse, deu-se através da retomada da pesquisa para o doutorado de Marlos Bezerra. Os jovens já conheciam Norma Takeuti do grupo de Trabalho Metodológico do Engenho de Sonhos, particularmente da organização do seminário interativo em Guarapes. Além disso, com a dissolução do Engenho de Sonhos, os livros doados por Norma migraram para a Posse, ela era a autora do “Livro Vermelho”, que alguns jovens se esforçam por entender.

A Posse Lelo Melodia nos contatou para “encomendar” um trabalho no qual seria escrito um documento, espécie de “portfólio” a ser usado nos projetos em que estava concorrendo para licitação. O documento ajudaria a apresentar a Posse, e igualmente revelaria seus objetivos, seu histórico, suas linhas de atuação.

Os primeiros encontros tiveram caráter informal e, aos poucos, chegou-se a um entendimento de que seria muito proveitoso, do ponto de vista político para os jovens, que esse documento pudesse adquirir uma visibilidade mais formal; o que

poderia ser obtido através de um livro. Mas não um livro qualquer e sim uma obra a qual eles pudessem ter uma participação bastante ativa.

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS: A CRIATIVIDADE NA PRÁTICA⁵⁵

No ano de 2007, Norma Takeuti registrava, junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFRN, o projeto de extensão intitulado “Oficina de histórias de vida em coletividade – Pobreza, Jovens e Resistências”, composta de 6 (seis) sessões. Àquela altura, sessões prévias foram realizadas estabelecendo acordos de funcionamento em torno de: formato, periodicidade, participação, sigilo, pontualidade. Este único item foi descumprido. Por vezes, ficávamos muito irritados quanto aos atrasos. O que me faz pensar, agora com mais distanciamento, que há enorme disparidade entre o tempo de nós pesquisadores e dos pesquisados.

Muito embora houvesse planejamento das oficinas, o trabalho sempre transcorria num clima onde o grupo podia se deixar surpreender pelo inesperado, intempestivo, inusitado. O planejamento era, então, sacudido, ora de modo muito sutil, ora muito bruscamente pela dinâmica interna do grupo e pelos rumos espontâneos, independente da vontade de quem o facilitava. Tudo se podia afirmar acerca da experiência coletiva vivenciada, exceto que as sessões fossem “conduzidas”, pelos facilitadores, para e com uma finalidade específica, não obstante nós possuíssemos as nossas questões de pesquisa e as expressássemos claramente.

Os bastidores do trabalho eram igualmente surpreendentes, visto que até para a reunião na escola do bairro teve-se dificuldades, enfrentando “pressões” do porteiro para abreviação do tempo de trabalho. Muitas vezes, uma sessão de duas horas se estendia por mais uma a duas horas. Na maioria das vezes, os jovens vinham direto de seus trabalhos e atividades (assim como os pesquisadores!) e para não afetar o rendimento do grupo(incluindo os pesquisadores), por vezes, trazíamos lanches para todos

No tema do primeiro encontro, “Trajetórias individuais e coletivas dos jovens”, foi utilizada o suporte “linha da vida”, no qual os jovens deveriam identificar

55 Esta seção é parte de outro texto e foi escrita conjuntamente com a professora Norma Takeuti para uma futura publicação.

momentos marcantes positivos e negativos de suas histórias de vida. Nós nos reunimos na casa de Camaleão. Compareceram seis jovens, além do dono da casa já citado: Pick, Edcelmo, Adriana e seu esposo Amaury, Samanta e Pedro Paulo (PP). Tratava-se realmente do núcleo representativo da Posse. Esse encontro deu o tom dos seguintes. Em primeiro lugar, pela disponibilidade e implicação na realização do trabalho: nunca se tratou de figuração, obrigação ou missa de corpo presente; em segundo lugar, pela postura espontânea dos jovens em tratarem qualquer assunto que surgisse. Tão logo a palavra começava a circular, estabelecia-se o clima de cumplicidade e confiança mútua. Trata-se, pois, de um grupo de laços bastante fortes entre si, forjados na trajetória social local, de modo que as histórias individuais estão imbricadas umas nas outras. Mesmo assim, os relatos fluíam fazendo surgir fragmentos de história inéditos, tanto para o grupo como para si próprio. O relato emocionado de um, reverberando-se nos outros, fazia marejar os olhos daqueles que escutavam, fazendo-os permanecer numa atitude silenciosa de acolhimento. Dentro daquela diminuta sala estavam sendo compartilhados traumas, vergonhas e segredos. Na sucessão das narrativas, identificavam-se conflitos, contradições, ausências, desamparo, angústias e bloqueios, enfim, “feridas abertas” e “cicatrices” em comum marcando as suas trajetórias. Ao fim da primeira narrativa, a de Camaleão, o segundo, Amaury, disse-nos que não se lembrava das coisas ruins que aconteciam na vida dele, mas que através do relato, começou a lembrar. Esse é um exemplo do quanto é difícil estar em contato com elementos de uma história carregada de emoções tão dolorosas. Os relatos descerravam suas experiências vivenciadas num mundo de violências que se processavam tanto ao nível simbólico (imaginário social do jovem pobre, conforme discutimos nos capítulos precedentes) e ao nível concreto (experiências de violências físicas sofridas e também cometidas). O impacto imediato dessa sessão sobre si e sobre o coletivo levou-os a formular a necessidade de realizar, logo em seguida, uma outra sessão na mesma temática.

Assim, a segunda sessão facultou a oportunidade de expressão aos que ainda não haviam compartilhado o seu relato. Não se trata apenas de uma socialização de relatos, mas tal qual num “setting” terapêutico, de manter a confidencialidade das histórias contadas, e neste caso, ultrapassando a contratualidade daquele, inscrevendo-se numa “troca de dádivas”, isto é, num ato de honrar a “preciosidade” da dor, do sofrimento, da emoção, do sentimento e das

palavras que ali circulam e é ofertada por quem narra. Do mesmo modo, percebia-se claramente que as tentativas de elaboração individual eram enriquecidas com os comentários dos colegas, sempre valorizando e respeitando o que era dito, numa postura de esclarecer o relato feito, sem que houvesse troças, brincadeiras, gozações. Quanto aos pesquisadores, a conduta era muito menos de interpretar que de levá-los a associações que pudessem religar, reunir os elementos da narrativa contados de modo mais “fragmentado”. O mergulho nas discussões era rápido e quando nos dávamos conta, o grupo já estava se autogerindo. Nesse segundo encontro ficava mais claro, nas falas, o desejo de mudança em relação à família (seja ela a de origem, ou a recém-constituída) e em relação a si.

Técnicas expressivas foram usadas nos encontros como suporte para facilitar as falas. Entre elas, privilegiamos o desenho, experimentando também a escrita, a modelagem em argila e fotos a partir do material produzido em oficinas anteriores. O recurso projetivo era uma ferramenta interessante, porquanto pedíamos ao grupo que fizesse “interpretações” quanto ao material produzido por um de seus membros. Nesse momento operava uma interessante oportunidade para os pesquisadores, posto que, ao falar do outro, remetia-se automaticamente para si como referência e se estava ali falando não do colega, mas de si e do grupo como um todo. Pedíamos também ao final, a partir do segundo encontro, que cada um se colocasse como foi o encontro, como estava saindo daquela atividade e quais foram os destaques da atividade. Não obstante, era o acolhimento produzido no grupo a partir da relação de confiança e mutualidade entre pesquisadores e jovens que funcionava como suporte privilegiado para a emergência dos conteúdos das oficinas e do funcionamento e rendimento das técnicas.

Traçamos o objetivo geral dos encontros seguintes em que buscávamos responder às questões (mas não ficamos presos às possíveis respostas):

- Qual é o sentido da ação do coletivo, tendo em vista o contexto hoje e de suas trajetórias de vida?

- Que ação é essa? O que se pretende? Em que planos: pessoal, grupal, familiar (atual e de origem), profissional, comunitário, societal?

Nos intervalos dos encontros, os jovens relatavam que de alguma forma os encontros suscitavam muitas idéias até para pensar os trabalhos da Posse.

Na terceira sessão, as contradições e conflitos no desejo de reconhecimento familiar, comunitário e social foram aprofundadas. Quase obsessivo o tema do

reconhecimento de si: as queixas sobre a falta de reconhecimento na sociedade, como também na comunidade, e no interior de suas relações familiares. Após este terceiro encontro instituímos uma “rotina” os futuros: o grupo ao final, lançava espontaneamente uma “rodada” de questões para que os colegas explicassem melhor seu ponto de vista, ou opinassem sobre determinada coisa.

As idéias fervilhavam e um conjunto de mais três sessões estava sendo preparado pelos facilitadores, utilizando o teatro como suporte nas duas seguintes e a expressão corporal na última. Mas, o dispositivo não se propunha apenas a captar, extrair dados. Se limitássemos a isso, a dinâmica dos encontros seria outro e a postura (e inquietações) dos facilitadores também. A natureza do dispositivo pressupunha que os participantes pudessem refletir sobre os encontros que aconteciam. Daí a necessidade de ponderar um outro caminho de trabalho.

A quarta sessão constituiu-se num intervalo estratégico para reflexão das informações que, até então, haviam emergido. Buscava-se identificar aspectos, momentos, situações ou acontecimentos considerados, por cada um, como significativo (marcante) na sua trajetória de vida no sentido de ter havido uma mudança de perspectiva, de conduta, de relação com outros e consigo, a partir dos conteúdos que emergiram nos três encontros anteriores.

A quinta sessão foi desencadeada a partir da sistematização do quarto encontro: nelas, foram sugeridas categorias temáticas para facilitar a discussão no grupo. Centrou-se nos problemas vivenciados pelo grupo nos diversos espaços sociais, tentando avançar na elaboração de cada categoria temática sugerida.

O grande impulso no “approach” metodológico foi a aposta nos laços que se construíram ao longo dos quase seis anos de encontros e reencontros. Na medida em que se fazem conhecer, os jovens também querem conhecer e estudam de modo bastante atentos as intenções, as incoerências, o discurso do pesquisador. Existe uma ‘sinceridade’ por parte do pesquisador que é captada pelos jovens e que facilita, sobremaneira, o trabalho a ser envidado. O dispositivo de intervenção e pesquisa era interessante para os jovens, uma vez que as críticas e observações oferecidas por nós promovem o ensejo de uma reflexão sobre o fazer dos grupos, cujo ritmo é alucinante e quase não enseja pausas. Havia, sem dúvida, para manter o “interesse” dos jovens, alguns pontos basilares na adesão ao dispositivo. Destacamos: Era patente um desejo de se fazer presente no trabalho de pesquisa. Na qualidade de sujeitos e não como objetos a serem investigados. No papel de

sujeito é possível falar. Expressar os próprios pontos de vista acerca de uma realidade na qual se inscrevem. Falar é também fazer a denúncia dessa própria realidade. É compartilhar impossibilidades gerando uma solidariedade ao nível das idéias. É adquirir visibilidade através da escrita do pesquisador.

A sexta e última sessão do ano procurou realizar uma articulação das categorias elaboradas, até ali - e uma primeira elaboração por parte dos facilitadores - e o entendimento dos jovens sobre a pertença de suas falas a essas categorias. Discutiu-se, mais amiúde, os detalhes do livro cujo desejo de publicação firmava-se, cada vez mais fortemente, no coletivo. Para tanto, era necessário também se planejar um conjunto das oficinas, do ano seguinte, voltado para a escrita conjunta da obra.

Abrimos em 2008 uma nova oficina de “escrita” intitulada “histórias de vida em coletividade” que também originou um projeto de extensão cadastrado pela professora Norma Takeuti, junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFRN. Após alguns encontros de regulação e organização, foi estabelecida uma estrutura para o livro cujo título provisório era “Entre Trancos e Barrancos – Nos Caminhos do Hip Hop”. Foi definido pelo grupo quatro organizadores para a publicação. Os dois pesquisadores, Adriana e Eliênio. Coube aos organizadores da Posse, “cobrar” dos demais a redação dos capítulos fixados. Devido à dificuldade em relação à organização das idéias sob a forma de texto escrito, foram marcados alguns encontros (na escola em que Camaleão era vigia, na casa de Adriana e outros) para que pudéssemos orientar algumas questões que ajudariam os jovens a gravarem seus textos. Coube a Eliênio, principalmente, a transcrição e adaptação do texto escrito. Foi assim que foram materializados alguns textos, como os de Pedro Paulo (PP) no quarto capítulo desta tese. Em reuniões específicas, os textos eram lidos oralmente para o grupo, incluindo nós para que endereçássemos, caso fosse necessário, perguntas de esclarecimento para o autor.

Recebemos dos membros da Posse, a permissão para citar fragmentos de seus textos em algumas passagens da tese. O que nos deixou muito satisfeito porquanto; inaugurava outra modalidade de trabalho com o vivido daqueles jovens. Ao lado do material produzido no mestrado (grupo focal e depoimentos), de novos depoimentos, entrevistas e do material colhido no dispositivo de intervenção e pesquisa, agora também poderíamos citar textos, capítulos de um livro escrito por eles, mesmos em colaboração conosco.

O processo de produção do livro em si, ainda em curso durante o encerramento desta tese, não nos permite abordá-lo senão como representação ou figuração de algo que está em andamento, mas que, por si só, já é tão importante quanto tudo o que lhe antecede, e aqui me refiro a todas as etapas anteriores a 2007 e ao próprio doutorado e mestrado, e tudo aquilo que poderá advir (no sentido Freudiano: lá onde há o isso, o deve advir eu). Aliás, quando uso a palavra advir é justamente para aludir tanto a uma noção de abertura e indeterminação em que um projeto cambiante de subjetividade deve advir sem que haja uma eliminação de um isso, ou melhor, de tudo que é da ordem do inconsciente, mas, como diz Morin (1996), um sujeito que encare o binômio dependência-autonomia. O que queremos evidenciar é que há elementos postos “no ar”, que podem fazer emergir um movimento de vida, mas que ainda se encontram em indeterminação e que não se pode afirmar, categoricamente, o que disso irá resultar. “Mas não por acaso nasci em uma ‘cidade’ chamada ‘Esperança’. Alimento a idéia que em meio ao caos psíquico e social desses jovens, há um movimento de equilíbrio precário, flutuações que aglutinam vida e possibilidades.”

UM PROCESSO PARA ALÉM DA PESQUISA FORMAL E A “APOSTA” DO PESQUISADOR

Fica claro, portanto, que o processo desencadeado nas oficinas é transcendente aos dados que ela mesma produz. Para além da formalidade de coletar e devolver, compartilhando informações e conhecimentos, as oficinas permitem uma utilização dos jovens, de seus próprios discursos e, ao mesmo tempo, um retorno a si a partir dos discursos dos colegas que de alguma forma repõe fragmentos de sua própria história. O que está sendo contado é uma epopéia coletiva e importa pouco quem foi o narrador a cada vez, porque se trata de uma grande narrativa coletiva do vivido de pelejas e faltas, de invenções e invalidações dos jovens das periferias.

Preocupação presente em Takeuti (2009) ao apontar uma demanda crescente por parte dos pesquisadores em desenvolver dispositivos que favoreçam o trabalho com movimentos sociais, grupos ou pessoas em condições adversas para que possam dizer de sua própria experiência, sem que se resumam ao papel

exclusivo de narradores, mas que também possam através da relação instaurada contribuir na própria pesquisa:

Há sempre necessidade de se estar inventando dispositivos de trabalho apropriados, segundo os contextos de intervenção, de modo a vir favorecer a expressão e a reflexão dos participantes e do pesquisador, num processo conjunto de elaboração de sentidos, para a produção de um saber sobre a temática em questão e sobre a própria experiência relacional que se dá no interior do próprio dispositivo de implicação e de pesquisa (TAKEUTI, 2009,[p.86]).

O que vimos na produção deste trabalho e que tentamos deixar explícito neste capítulo, é que as expectativas sociais suscitadas pelos jovens que interpelamos no processo de produção da tese estiveram presentes na elaboração do texto da tese. Não se resumiram a apenas narrar histórias para que nós simplesmente fizéssemos registro. Mas, o seu desejo de engajamento nos possibilitou não só o relato de suas práticas, mas uma reflexão sobre o seu vivido a partir das elaborações sobre sua situação de vida e dos demais colegas, como ainda das contradições presentes em seus movimentos elucidando, eles mesmos, algumas de suas escolhas e valorizando os esforços empreendidos por eles nessas escolhas. A esse respeito, Takeuti (2008c) nos diz que vários pesquisadores testemunharam, em suas pesquisas, experiências semelhantes e que para além da “pesquisa formal” também é possível verificar uma autovalorização dos sujeitos implicados em dispositivos semelhantes.

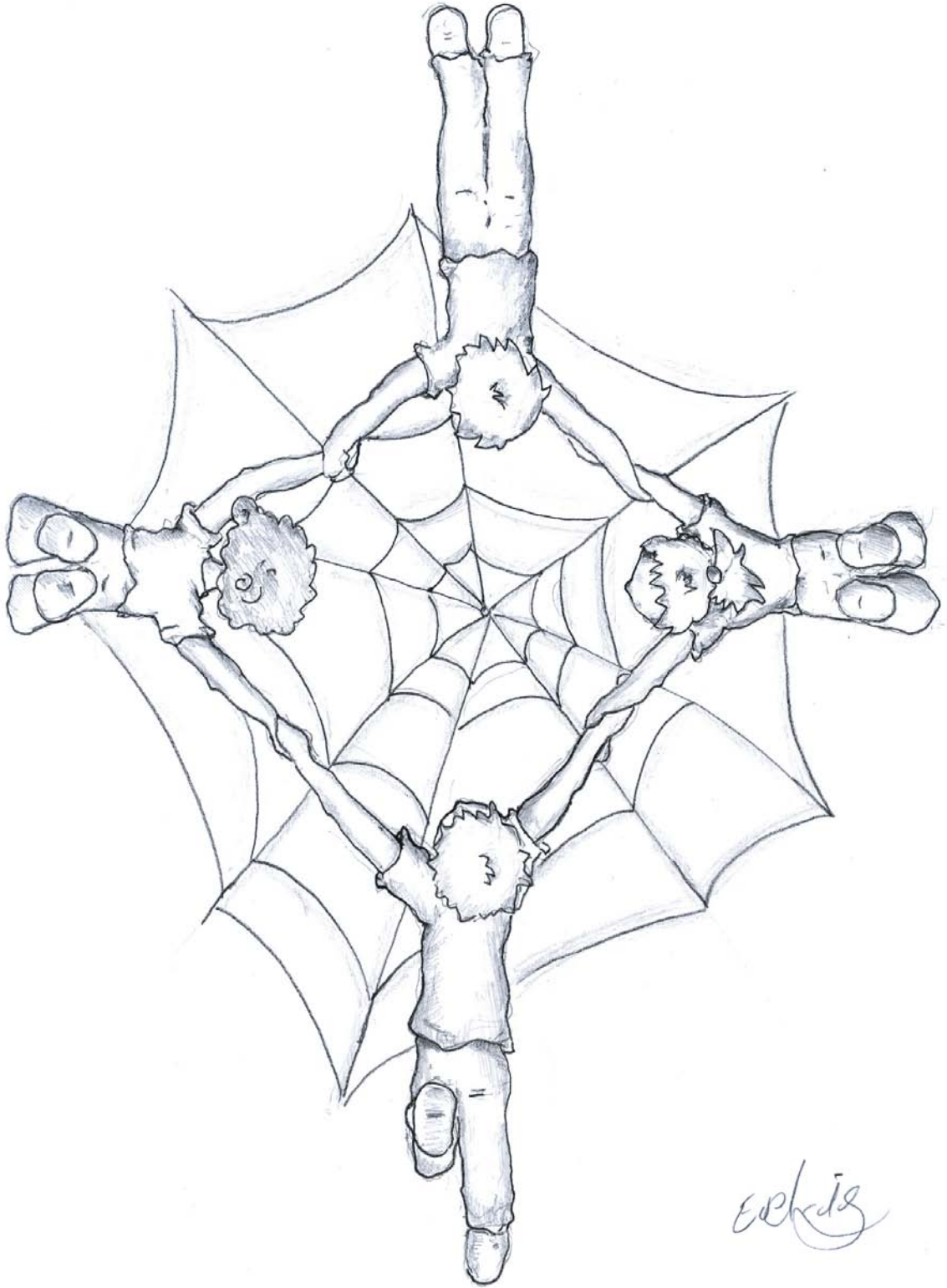
[...] esse modo de produção de conhecimento e de saber (experencial ou prático) que se fundamenta na história dos sujeitos que compartilham suas representações (e também suas fantasias), seus sentimentos (medos e esperanças), suas dificuldades cotidianas, seus desejos ou suas (im)possibilidades de concretização (impotências), pode vir, finalmente, suscitar sentimentos e atitudes de valorização em pessoas que jamais puderam se sentir reconhecidas socialmente (TAKEUTI, 2009, [p.87]).

O dispositivo de pesquisa e intervenção parece incidir e oportunizar a reconstrução das narrativas de vida, através de um reencontro com os

acontecimentos, sejam eles verdades factuais ou verdades unicamente para os sujeitos que os narra. Reconstrução aqui é entendida com uma oportunidade de ressignificação da imagem de si, de por em perspectiva um vivido de impossibilidades, faltas e carências e de posicionar-se mediante o vislumbre de um vir a ser que ainda permanece como potencialidade, mas que se contrapõe a um horizonte de desesperança.

Essa perspectiva realiza, parece-nos, um compromisso por parte dos pesquisadores que transcende o simples desejo de produção de um saber científico. Trata-se de entrever uma posição, que pode soar utópica ou ingênua, 'engajada' e alinhada com as lutas das classes trabalhadoras. Fazendo uma aposta deliberada na potência de vida, no poder dos coletivos, na capacidade inventiva, nas astúcias, no imaginário radical instituinte.

Finalizando em tom pessoal, sinto que a pesquisa foi um privilégio, uma oportunidade e um desafio. Oportunidade de confrontar, através da temática, minha história pessoal e os trânsitos geracionais de minha família que incidem na construção da minha própria subjetividade, e que me guiaram a produzir este trabalho. Privilégio de acompanhar duas gerações distintas de jovens na Zona Oeste e de perceber, nesta última, uma implicação pessoal e coletiva em aprofundar suas contradições pessoais e coletivas, em lidar com os conflitos que os atravessam. O desafio foi conter, "ouvir" e compreender as minhas próprias emoções frente aos meus medos e esperanças, aos meus desejos e impotências (e as muitas frustrações experimentadas), fantasias pessoais e representações. Foi um esforço fazer pontes entre o conhecimento prático que fui acumulando e as ilações teóricas que o processo formal de estudo e reflexão suscitam. Talvez por essa razão, sinto-me em débito comigo mesmo e com o trabalho, não obstante reconheça que há uma "pesquisa terminável e outra interminável" parafraseando Freud sobre o início e fim da terapia. Mas sinto também alegria pelo que foi possível ser feito, suscitando-me uma emoção serena das perdas pessoais e profissionais neste trajeto percorrido em uma década e meia e da inventividade que vi surgir em espaços onde ninguém apostaria. Sopros de vida em meio a movimentos de morte que resgata em mim a sacralidade do viver e o poder das pequenas escolhas.



PARTE 2: REDES E RESISTÊNCIAS JUVENIS

5 FIANDO TRAJETÓRIAS DE GRUPO: TECENDO REDES DE SUJEIÇÃO OU AUTONOMIA?

6 UMA ARTE DO DESVIO: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES JUVENIS SINGULARES DOS JOVENS

Nesta segunda parte estaremos focando a produção do sujeito sócio-histórico e as possibilidades efetivas de coletivos, como os em estudo, produzirem a partir de suas inventividades e “artes de fazer” ações deliberadas e reflexivas. A partir das coligações em rede estudamos as possibilidades de produção do sujeito “político”. Antecede este capítulo a narrativa de vida de Eliênio da Posse. Em seguida, será a vez de PP, também da Posse, cuja narrativa precede nossa problematização sobre as astúcias dos coletivos e sua busca por uma autonomização em relação às adversidades que enfrentam.

ELIÊNIO: NAS LETRAS DO RAP, O SENTIDO DA VIDA.

O FILHO DA “PROFESSORA” ENCONTRA A MENINA QUE NÃO “SABIA DE NADA”

O pai de Eliênio era de Luís Gomes. Sua avó tinha um sonho de ser professora, mas não conseguiu. Acabou dando um contorno no sonho e o realizou por outras vias: dava aula em casa. Eliênio conta que ela veio para Natal e morou com eles um tempo. Naquela época, dava aula de reforço para ele. Já o filho da “professora” queria vir para Natal. Quando alcançou idade adulta, fez sua escolha. Em Natal, conheceu a esposa na praia. Quando casou, sua tia Carminha (ela era babá do ex-Governador Garibaldi Alves Filho) conseguiu um emprego de zelador no SESI para o pai de Eliênio. Depois de onze anos juntos, foi posto para fora de casa pela mulher. Aí começou o “casa-e-separa”. Até que um dia foram parar na polícia. Desse dia em diante, não voltaram mais. O “casa e separa” durou onze anos. A mãe colocou o pai para fora de casa, em definitivo. Hoje é comerciante na Ceasa. Simone, mãe de Eliênio, perdeu a mãe muito cedo, aos dois anos de idade. Seu pai era de Pernambuco. Casou e separou umas nove vezes. Impunha à filha repetir a mesma série na escola várias vezes, porque julgava que Simone não “sabia nada”. A tia Maria, deficiente física, foi quem cuidou dela. Simone trabalhou numa casa de família. Viajou. Conheceu o pai de Eliênio na praia. Atualmente, foi transferida por opção para a maternidade Felipe Camarão.

A FAMÍLIA CONSTITUÍDA E A CHEGADA DE ELIÊNIO

Nasceu em Natal. Residiu noutros bairros da Zona Oeste como Cidade da Esperança, Cidade Nova, Felipe Camarão, até chegar a Guarapes, há quinze anos. Morou com a mãe, três irmãos de sangue e um de criação. Um momento que o marcou e o deixou muito chocado foi quando ficou sabendo que seu irmão de 10 anos, filho do pai com outra mulher, estava se iludindo e se aliando com os “meninos de rua” e com isso ele estava se destruindo e perdendo sua infância, quando ao invés de “estar na escola aprendendo, estava entrando no mundo do crime”.

UMA EXPERIÊNCIA DE HUMILHAÇÃO

Outra experiência forte foi a de ter sido privado de liberdade durante algumas horas. “Fui inocentemente preso, suspeito de ser usuário de drogas. A polícia me pegou perto da droga que tinham jogado na minha direção”.

ESCREVENDO LETRAS DE HIP HOP

Diz que a relação com a mãe sempre foi “10”, mas em casa o clima ficava um pouco chato porque não gostava de ser sustentado por ela e não falava com um irmão. No fim de semana, ia para a casa da namorada e, quando tinha um baile, saía com ela. Também ensaiava com seu grupo amador que fundou, o “Fator Real”. Jogava videogame, ia para o Engenho e escrevia algumas letras de rap. Diz que não faria de jeito nenhum uma aliança com a política corrupta. No mundo do crime, até poderia se arriscar, em caso de uma grande necessidade, com uma vítima cuja grana não fosse fazer falta mesmo, “E se fosse um lance fácil, que me desse muita grana mesmo, para não correr o risco de praticar isso novamente”. Se pudesse seria um leão que só atacaria na defesa ou na necessidade de se alimentar. Um projeto que gostaria de realizar seria o de crescer com o nome da cultura hip hop. Foi reconhecido com um certificado de honra ao mérito, emitido pelo Conselho Comunitário de Guarapes.

CHEGANDO AO ENGENHO DE SONHOS

A entrada no Engenho foi através do GPS, que apresentou o Fator Real (grupo criado por Eliênio) à coordenação. Coordenou o projeto da rádio comunitária. Trabalhou em um laboratório de análises clínicas. Lembra quando o Fórum promoveu um festival de hip hop no bairro. Sem cerimônias, botou um monte de colegas para dormir dentro de casa. Sem muito dinheiro, fizeram um panelão de sopa rala para “sustentar”. A mãe não se incomodou, estava viajando. Diz que ela tem o trabalho e a vida dela; trabalha alguns fins de semana e deixa a casa com os filhos.

PROJETO ACESSO E O FIM DO ENGENHO

O Engenho de Sonhos proporcionava, via Fundação Kellogg, o projeto “Acesso”. Resumidamente, a fundação pagaria os estudos e em troca o jovem deveria doar um pouco de seu conhecimento para a comunidade. Eliênio foi contemplado no projeto e começou o curso de psicologia. Mas o GPS decidiu sair do Engenho de Sonhos e Eliênio como parte do GPS, ao sair teria que tomar a decisão de abandonar o curso. Ele fez isso deixando o projeto de um curso superior adiado para o futuro.

SER PAI E A NECESSIDADE DE SUSTENTABILIDADE

Ficou desempregado um tempo. Precisava criar sustentabilidade para a futura família. A mulher, irmã de Edcelmo, estava grávida. Daí um amigo dele acabou descolando um trabalho numa empresa de construção civil. Nesse momento, aconteceu uma coisa boa e outra triste: a empresa tinha uma vaga para o almoxarifado em que ele iria trabalhar com controle do estoque, mas por outro lado teria que passar a semana inteira fora, algumas vezes voltaria de 15 em 15 dias e, assim, teria que deixar as atividades da Posse. Em função da necessidade de sustentabilidade, aceitou.

DE GUARAPES PARA ANGOLA

Diz que o maior desafio de sua vida será a transferência para Luanda, na Angola. Foi “bater” em Salvador fazer seleção e teste para conseguir a vaga de auxiliar de almoxariafado na Odebrecht. Diz que pretende ficar lá o necessário para alcançar o objetivo de comprar uma casa e se estruturar financeiramente, para quando voltar ao Brasil, ter estabilidade.

5 FIANDO TRAJETÓRIAS DE GRUPO: TECENDO REDES DE SUJEIÇÃO OU AUTONOMIA?

Com este capítulo pretendemos discutir as modalidades de organização e expressão dos coletivos juvenis organizados em redes. O que podemos apreender das ações dos jovens defrontados com os mecanismos de dominação social? Estaríamos diante de grupos politizados articulados a outros movimentos sociais lutando em prol de uma grande revolução? Ou não passariam de grupos cujas ações, no fundo, são de cunho adaptativo, “domesticando” outros sujeitos jovens potencialmente danosos para a sociedade em que vivemos? Queremos compreender dentro do “universo da sociedade”, as possibilidades de emergência do sujeito político nos grupos em estudo. Centramos o olhar na Posse Lelo Melodia e Jovens Construindo Sonhos, e de modo retrospectivo em uma experiência social já finalizada, Engenho de Sonhos, cotejando semelhanças e diferenças e a capacidade associativa e articuladora dos coletivos bem como as contradições que operam em seu interior. Ao longo do capítulo, estarão compondo nossa discussão autores cujas formulações teóricas são bastante específicas, o que torna muito difícil a sua articulação em um capítulo como este; ainda mais tendo em vista que uma parte deles não elaborou sua teorização a partir do campo empírico que estamos trabalhando. A noção de rede que ancora empiricamente a nossa “produção de si” é teoricamente problematizada aqui. Essa é a razão porque tantos autores foram alinhados.

5.1 O CASO DE UM PROJETO E A ECLOSÃO DE DOIS COLETIVOS JUVENIS: ENGENHO DE SONHOS, PESADELOS E ESPERANÇAS.

Os trechos que se seguem, contam um pouco do surgimento da Posse. Fazem parte de textos produzidos por Eliênio e PP, na segunda etapa de nosso dispositivo de pesquisa e intervenção, para o livro que a Posse Lelo Melodia pretende lançar intitulado “Entre Trancos e Barrancos”:

Início da década de 1980...

Em terras nobres, em um lugar afastado do centro, isolado por morro e águas do Rio Potengi, cercado pelo verde da natureza e em cima de lençóis freáticos com águas de 99% natural mineral, habita um povo oriundo das favelas do centro da cidade, que foi retirado do seu local de origem e jogado nesse lugar pelo sistema político de uma capital com grande desenvolvimento econômico e crescimento turístico, que achou melhor esconder suas feridas e excluir da sociedade quem não podia contribuir com uma cidade em potencial acelerado.

Acharam melhor unir, excluir e isolar os favelados em um “paraíso fiscal” chamado Guarapes. Assim era mais fácil para a mídia criminalizar e insistir em estigmatizar a população pobre e humilde como um dos grandes males, repassando ao resto da sociedade uma imagem social extremamente negativa e ameaçadora, sem chances de reintegração social.

Em contradição a tudo isso, no ano de 1998, inicia-se uma história que os próprios autores não conheciam!

Em cima de uma música com batidas fortes e palavras com dialeto da linguagem do povo pobre, um pequeno grupo de jovens e adolescentes começaram a ensaiar uma dança diferente, com passos difíceis de fazer e que chamava atenção de várias crianças, adolescentes, jovens e adultos que passavam pela escola (local onde eram realizados os ensaios). Eles paravam para admirar a forma de lazer que aqueles jovens tinham encontrado, para utilizar o tempo desperdiçado nas esquinas ou nas ruas quando não tinham nada para fazer.

Era o início do Movimento Cultural Hip Hop na comunidade de Guarapes! Sem conhecimento do que era esse movimento cultural, a dança era conhecida como “street dance”, que logo depois de conhecer o Hip Hop se tornou dança de break.

Sem ter conhecimento e nem noção de como esse movimento iria repercutir na comunidade e na sociedade, vários outros adolescentes se agregavam ao grupo que se instigava, cada vez mais, pelo aumento de participantes, a cada ensaio realizado. Com o passar do tempo o grupo se unificou e como consequência vieram os shows e as apresentações locais, inclusive em outros bairros da cidade.

A chegada do rap no Guarapes não foi muito diferente de outros lugares onde o Hip Hop se estabelecia no país, até hoje. O Racionais MC's (grupo de RAP com maior repercussão no Hip Hop Nacional. desde a década de 80), para muitos foi o primeiro e melhor grupo de rap da história no Hip Hop do Brasil. Não porque existia o melhor ou pior grupo de RAP, mais sim pela realidade nua e crua transmitida nas suas letras. Depois, outros grupos de RAP entraram no acervo musical da galera que ouviam as músicas e refletiam na sua própria história de vida. O resultado de tanto Rap na mente foi a criação do primeiro grupo de RAP da comunidade de Guarapes “Periféricos do RAP”, composto por Edcelmo (Mc), Marcone (Mc), Adrenilson (Mc) e Rogério (DJ).

Roupas folgadas e bonés virados para o lado ou touca como cobertura para cabeça compõem o estilo de se vestir nas apresentações e no cotidiano. Para os que observam, alguns achavam “massa” o novo estilo, mas para grande maioria (adultos, pais de família e o sistema como um todo) parecia mais um bocado

de vagabundos que não tinham o que fazer [...] (OLIVEIRA, SILVA, 2009, [p.20]).

De acordo com PP, o GPS começou assim:

[...] Outros caras foram se agregando e o grupo de dança se fortalecendo a cada ensaio. As primeiras apresentações foi no bairro mesmo o que chamou atenção de vários outros adolescentes e jovens. Até então a coreografia era muito bonita e poucos faziam passos individuais. Entre os que dançavam alguns tinha uma voz forte, meia roca ou grosso estilo Rap mesmo e começaram a dublar os Racionais. Mas isso foi por pouco tempo por que além da voz boa pra cantar rap, os caras tinha o dom de rimar e foram colocando no papel as suas próprias histórias em versos e contando a sua própria realidade. Era o início do primeiro grupo de rap da comunidade de Guarapes e um dos poucos que tinha na cidade, o Periférico do Rap. (...) Um dia fizemos uma reunião na escola e resolvemos criar um grupo e me elegeram pra ser coordenador. Eu aceitei e começamos a passar informação e a trilhar nossos caminhos. Aqui não tinha muitos meios de comunicação, mas conseguimos uns contatos e fomos nos corres da história do hip hop e os seus quatro elementos, além da conscientização política e começamos a conhecer e a se envolver com hip hop. A gente começou a fazer apresentação dançando e já cantando também. Teve uma apresentação que a gente fez, que o pessoal de “O Diário” quis fazer uma matéria conosco, e depois participamos de um livro que era “Redescobrimo o Brasil”. Foi a primeira matéria do hip hop Guarapes. Conhecemos uma mulher chamada Carminha, que fez altos contatos para a gente e nos provocava muito a ter um nome no grupo porque até então tinha o periféricos e o Break que formava o Hip Hop Guarapes. Resolvemos fazer uma reunião pra discutir o nome do grupo que iria agregar todos os grupos praticantes dos quatro elementos da cultura hip hop no Guarapes (Break, Grafite, Rap e DJ), além dos militantes que não praticavam nenhum elemento. Algumas opiniões levavam muito para nome americanizado e eu sempre puxava pra o lado de cá; vamos colocar um nome nosso; sei que resolvemos colocar o nome do nosso grupo de GPS – Grupo Periféricos Suburbano - que também representava a sigla do nosso bairro Guarapes, também não me lembro quem foi que deu essa sugestão. (OLIVEIRA, SILVA, 2009, [p.21]).

Selecionamos três trechos que falam do espírito que animou a construção da Associação de Juventudes Construindo Sonhos e de como contam a origem do Fórum Engenho de Sonhos.

OS JOVENS CONSTRUINDO SONHOS

Naldo recorda os primeiros dias da Associação de Juventudes Construindo Sonhos:

Naquele dia foi o maior 'chororô'. Estávamos reunidos, tanto o segmento jovem quanto as organizações não-governamentais. A Fundação Kellogg estava retirando o financiamento e com certeza o projeto estava chegando ao fim. No dia seguinte, estávamos reunidos na casa de um dos jovens e tentávamos ver o que fazer. Queríamos continuar só que agora com os nossos pés. Começamos a juntar os cacos do Fórum: alguns equipamentos, mesas, mas principalmente juntamos a nossa vontade de fazer uma outra coisa. Eu e Carla andamos a pé mais de uma hora até a FUNPEC (Fundação de Apoio à Pesquisa da UFRN). Não fomos de cabeça baixa, fomos como liderança. (Informação oral. Naldo)).

No relatório bienal 2005-2006 encontramos as seguintes informações da AJCS sobre a origem do coletivo:

Fundado em 16 de Setembro de 2005, com a missão de defender e formular políticas públicas voltadas para as juventudes, a Associação de Juventudes Construindo Sonhos (AJCS) trilhou um caminho antecessor que embasou seus componentes para atuar na luta por um mundo melhor a partir do trabalho social e das relações políticas estabelecidas neste cenário para a Ação. As comunidades de origem formam o campo de trabalho mais direto: Bom Pastor, Felipe Camarão, Cidade da Esperança, Cidade Nova e Guarapes. A força e a energia dos protagonistas juvenis é a mola propulsora deste trabalho, dialeto este que provamos a nós mesmos, não ser mais um dialeto. Construindo projetos de vida, tecendo articulações, buscando alternativas perante os recursos que se tem acesso, doando o conhecimento adquirido e aplicando as experiências acumuladas. Falando diretamente sobre o processo de nascimento da AJCS, resgatamos as diversas assembléias que realizamos nos finais de semana, onde reuníamos jovens e seus grupos advindos dos cinco bairros, os quais trabalhamos mais diretamente. Foram os grupos de capoeira, percussão, MPB, teatro, pastoril, futsal, vôlei, jovens agentes de saúde, das igrejas católicas, evangélicas, do espiritismo, do candomblé, os sem religião e tantos outros. Isso foi possível graças à decisão imediata de alguns atores, já estabelecidos institucionalmente, em estender sua mão de forma mais concreta cedendo espaço físico, salas de aula, salão de igreja e refeitório a um grupo em formação, que mais tarde seria a Associação de Juventudes. (Relatório Bienal da Assoc. Jovens Construindo Sonhos, 2006, p.3)

Uma assertiva forte no documento acima é a crença nos próprios jovens enquanto maior trunfo do coletivo. Note-se que não há a menor referência ao fórum Engenho de Sonhos. O documento “os fênix ressurgidos das cinzas”, de autoria de Naldo, Carla e Reycson, espécie de relato autobiográfico e relatório, conta esse começo, fazendo referência também ao projeto precedente, o Engenho de sonhos:

[...] Essa é a vazão, o cano de “escape”, no qual a juventude deposita seus talentos, crenças e potenciais. Assim é em Guarapes o Coral “Cântico Novo” da libertação e o grupo de teatro “Cristo Jovem”, os dois grupos da Capela de Nossa Senhora da Assunção, o grupo de hip hop “GPS” (Grupo Periférico Suburbano ou as três letras do nome Guarapes) e o grupo de adolescentes da saúde, em Felipe Camarão o grupo Adolescer da Unidade de Saúde Básica da Família II, o grupo de teatro “A Trupe da Fantasia” e o “FEC” (Felipe Camarão Esporte Clube), em Cidade da Esperança o grupo de Skate e de BiciCross, em Cidade Nova o grupo de teatro “X”, e em Km6, uma comunidade do bairro de Bom Pastor o grupo de dança “Escambo”, ainda existiam os grupos inter-bairros, que assim denominava-se por atuar em mais de um bairro, ou porque reunia no mesmo lugar jovens de diferentes bairros, os grupos de capoeira que são liderados por alunos da organização Cordão de Ouro, desenvolvendo o trabalho nos cinco bairros.

Estes são os grupos que deram origem a nossa história, cada um deles atuava de forma isolada, sem diálogo uns com os outros, em alguns casos eram até inimigos. Mas, foi decisivamente a partir do envolvimento de cada grupo no Fórum Engenho de Sonhos que esta caminhada estava prestes a mudar de “rumo”.

Assim, tudo começou: A Fundação W. K. Kellogg desenvolveu um projeto de Fórum de Combate à Pobreza chamado Engenho de Sonhos entre o período de 2001 a 2005. O fórum reunia 11 ONGs (Organizações Não-Governamentais), a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), a Funpec (Fundação Norterio-grandense de Ensino, Pesquisa e Extensão), mais tarde, jovens, grupos e comunidades. Sua localidade de atuação era composta por cinco bairros da região, sendo eles: Bom Pastor, Cidade Nova, Cidade da Esperança, Felipe Camarão e Guarapes. Suas áreas de atuação eram a formação sócio-política, o desenvolvimento do trabalho em rede, a constituição de parcerias diversas, a articulação e mobilização comunitária a partir do protagonismo de jovens, o voluntariado e o desenvolvimento de programas de cultura, arte, esporte, meio ambiente, comunicação, educação e geração de trabalho e renda. Sua extinção foi promulgada pela Kellogg em 11-set-2005, em reunião com os jovens e os líderes de ONGs no Hotel Ladeira do Sol, Natal/RN, o que mais tarde veio a ser oficializada em documento pela Agência Apoiadora [...]. (Relatório AJCS, 2006, [p.4])

Nas próximas páginas faremos a apresentação do Fórum Engenho de Sonhos, partindo de nosso ponto de vista, com base no capítulo primeiro de nossa dissertação de mestrado:

As primeiras iniciativas em torno da discussão sobre a fundação de um “Fórum Engenho de Sonhos de combate à pobreza”, surgiram em Natal-RN no final de setembro 2000 a partir de um anúncio, no qual a Fundação Kellogg estabelecia um novo programa estratégico voltado para financiar projetos sociais de enfrentamento da pobreza, cuja intenção, na Região da América Latina e Caribe, tem como propósito “demonstrar e disseminar estratégias para romper o ciclo da pobreza através da promoção do desenvolvimento saudável dos jovens, propiciando sua participação em comunidades sócio-economicamente dinâmicas” (Projeto Engenho de Sonhos: Fase II, 2003).

A ampliação das parcerias ocorria, na medida em que outras ONGs e instituições, especialmente aquelas identificadas com propostas de construção de um movimento social e de uma rede solidária de sujeitos, aportavam. Certamente havia insatisfação, por parte de muitas delas, quanto à fragmentação das ações realizadas no terceiro setor, quanto à baixa capacidade do trabalho cujas repercussões sempre estiveram reduzidas a áreas circunscritas pelos projetos. Havia, outrossim, a preocupação de se resgatar importantes experiências para o proveito de outras localidades. Assim como se expressava a convicção da necessidade de se desenvolver ações que pudessem influenciar na formulação de políticas públicas nesse campo temático.

O Fórum Engenho de Sonhos de combate à pobreza instalou-se na Zona Oeste de Natal, atuando em cinco bairros com a estratégia de enfrentamento da pobreza através do desenvolvimento do protagonismo juvenil⁵⁶.

Das discussões para a elaboração do projeto da primeira fase, também participaram as lideranças jovens dessa região, vinculados aos projetos de algumas ONGs atuantes na área. Finalmente foi constituído o Fórum Engenho de Sonhos de Combate à Pobreza via protagonismo juvenil. A criação do projeto já trazia em si uma conquista: a associação de importantes atores sociais, com uma significativa e diferenciada experiência para a formação de uma rede de atuação no terceiro setor.

56 Ver item 6 deste capítulo

Trabalhamos junto ao Engenho de Sonhos a partir da equipe da UFRN que se ligou ao Fórum via a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). O Fórum era para a UFRN um projeto cadastrado dentro dos programas de extensão que ocorria à época. Compunha-se de três segmentos distintos e também conflitantes entre si: os jovens, a UFRN e as ONGs. O Engenho de Sonhos apresentava-se como Fórum, sendo para a UFRN um projeto, e para as ONGs um consórcio de organizações não-governamentais, cuja gestão realizava-se através de uma coordenação executiva composta por quatro membros. Seu financiamento era realizado pela Fundação Kellogg, na Zona Oeste de Natal via UFRN.

O seu primeiro ano foi marcado pela construção da parceria em torno do processo de implantação do projeto, conhecimento da realidade (sonhos, problemas, demandas e potencialidades dos jovens e dos bairros), mobilização de atores sociais, prioritariamente jovens, para constituição de alianças e grupos de trabalho locais. Nesse processo, houve ainda um refinamento de propostas e a construção de conceitos e de entendimentos coletivos sobre temáticas referentes à pobreza e juventude. As ações desenvolvidas tiveram o propósito de promover o diagnóstico da situação inicial e dos atores envolvidos, através de um conjunto de ações pedagógicas, estratégicas, fortalecendo a mobilização dos jovens e das comunidades.

Tendo as parcerias e estrutura organizacional, e conseqüentemente decisória, se estabelecido (em grande parte em torno da coordenação executiva) era necessário organizar uma avaliação e planejamento estratégico para garantir os recursos para a segunda fase do projeto. A equipe da UFRN ficou encarregada de organizar aquela demanda. De acordo com o plano da segunda fase, eis as grandes metas elaboradas para os anos de 2003 a 2005: “o Desenvolvimento Local Democrático e Sustentável como a tradução elaborada dos sonhos dos jovens, e que, em última instância é o enfrentamento das questões ambientais, da violência e da pobreza, material e simbólica, processada” (Projeto Engenho de Sonhos: Fase II, 2003).

Takeuti (2003) promoveu uma análise preliminar, ainda enquanto membro do segmento UFRN, dos conflitos que atravessavam o Fórum. Do ponto de vista das ONGs, elas se reuniam com uma diversidade de práticas, enfoques e objetivos, porque entendiam que suas experiências permaneciam num âmbito restrito a um setor específico de uma dada comunidade, tendo impacto social bastante reduzido

ou os seus objetivos transformados em ações tópicas e emergenciais do tipo “assistencialista”. Elas entendiam que uma associação em rede possibilitaria não só a captação de mais recursos financeiros, como também a potencialização de suas ações, além de obtenção de maior legitimidade para a sua consolidação, enquanto terceiro setor.

O segmento ‘Universidade’, nos seus objetivos de interação e intervenção nas comunidades locais, entrou nessa parceria, num primeiro momento, confrontando-se com algumas dificuldades: a sua agregação foi vivida pelos demais parceiros como uma “imposição” da Fundação Kellogg e os primeiros acertos não ocorreram sem constrangimentos, necessitando de muitas sessões de regulação até a sincronização dos passos a serem dados conjuntamente (TAKEUTI, 2002).

Takeuti (2003) apoiou-se em algumas noções de Bourdieu (1987; 1989; 1992) para esclarecer a sua posição teórica relativamente à problemática de análise. Por exemplo, a noção de campo social⁵⁷, enquanto um espaço de jogo social, um lugar de lutas simbólicas para a conservação ou a transformação das estruturas ou para a distribuição dos capitais aí existentes e em que cada “agente social” (indivíduo, grupo ou instituição) aí adentra, dotado de um conjunto de disposições⁵⁸ (habitus) que implicam a capacidade de entrar no jogo e fazer o jogo. Justamente, uns entraram nesse campo específico⁵⁹ mais dotados que outros de recursos e capitais, tentando fazer prevalecer a sua visão e ampliar a sua parcela de “poder social”. “As interações que se deram aí são determinadas pelas relações objetivas entre as posições ocupadas” (BOURDIEU, 1989, p.66) por cada ator ou segmento.

No projeto, podiam-se identificar dois grandes aliados (TAKEUTI, 2003): os segmentos jovens e ONGs. A oposição desses aliados se dá em relação ao segmento Universidade, considerado, pelos primeiros, como o “campo das elites”, distanciado, na sua prática e teoria, da realidade social das comunidades “pobres”. Takeuti (2003) sugere que essa oposição não seja tomada no sentido estrito da palavra. Adota uma perspectiva multidimensional do espaço social (BOURDIEU, 1989), pois insiste que se de um lado tem-se aproximações entre

⁵⁷ Bourdieu (1989) define campo como “conjunto de relações objetivas históricas entre posições enraizadas em certas formas de poder (ou de capital)”.

⁵⁸ A cada classe de posições corresponde uma classe de habitus, signos distintivo de uma classe de posições, percebidos e reconhecidos dentro do espaço social, enquanto categorias de divisão, classificação.

⁵⁹ Onde as esferas da produção econômica, política, científica e cultural se interpenetram e se constitui num espaço de conflitos e de concorrência.

classes de posições diferentes, possuindo homologia de posição, num dado momento diante de objetivos comuns, por outro lado, foi perfeitamente visível os distanciamentos entre elas em função da economia das práticas diferentes. Nesse sentido que a autora vê os conflitos latentes entre os segmentos ONGs e Jovens e o segmento Universidade, que em momentos de grandes decisões no projeto se tornavam manifestos. Haveria, entre esses dois grandes blocos, menos luta pelos recursos financeiros e mais luta pelo monopólio da decisão e do poder.

Além do conflito entre instituições parceiras estruturalmente distintas no modo de pensar e de agir, prossegue a análise de Takeuti: havia relações de força que se deram entre as ONGs estruturalmente homólogas no pensamento e na prática. Entre as 9 (nove) parceiras institucionais, havia aquelas que possuíam maior trajetória política que outras e que as faziam possuir não só um capital político acumulado, como também, um capital social (PUTNAM, 1996) produzido nas suas diversas intervenções no âmbito de comunidades locais e que lhes ampliava a legitimidade de ações e expressões, tanto nas comunidades onde atuavam como no interior do conjunto das ONGs locais. Observava-se, nas relações entre as ONGs, divergências quanto a alocação de recursos em diversas atividades do projeto e embates de poder quanto a tomadas de decisão. Paradoxalmente, administravam bem seus conflitos, pois sabiam que dependiam daquela rede para um maior impacto de suas ações e para o acesso a recursos mais substantivos, por parte dos órgãos financiadores.

No espaço desse jogo social, a Fundação Kellogg se situava com o seu poder, posto que seus objetivos, aparentemente, estavam em consonância com os objetivos dos demais atores sociais do campo, o que se traduziria na aprovação do projeto e suas linhas de ações e; ainda por cima, porque ela, como financiador único do projeto, se constituía na “grande provedora”. A característica da Fundação é não-executiva⁶⁰: ao invés de criar e administrar projetos viabiliza propostas em várias

60 Transcrevemos o texto de Thompson (2005): “O Programa da Fundação W. K. Kellogg para a América Latina e o Caribe coloca os jovens como protagonistas do desenvolvimento. Considerados fundamentais para quebrar o ciclo intergeracional de pobreza, os jovens já provaram sua capacidade de intervir de forma enérgica e comprometida no ambiente que os cerca – como sua família e comunidade – e nas esferas política, social e econômica. Com base nisso, o Programa para a América Latina e o Caribe emprega uma abordagem diferenciada, em que o protagonismo juvenil é peça fundamental para romper o ciclo de pobreza. A maior parte dos programas para jovens da região busca oferecer-lhes melhores oportunidades de educação e emprego. A Fundação Kellogg, por sua vez, prefere investir diretamente nos jovens, ajudando a criar um ambiente comunitário que lhes permita crescer individualmente e contribuir para o bem-estar social e econômico. Para promover o desenvolvimento local sustentável, a Fundação ajuda famílias,

localidades, sobretudo da América Latina e Caribe. Adotava como postura o não-intervencionismo no que tange aos conflitos entre os atores, colocando seus consultores (especializados em diversos aspectos de gestão e metodologia de projetos sociais) à disposição para que os atores locais pudessem orientar-se o máximo possível em termos do projeto. Essa postura ficava evidente quando da emergência de crises entre os dois blocos constituídos do projeto. A Fundação encorajava que os próprios atores envolvidos buscassem desenvolver mecanismos próprios de mediação de conflitos.

Mas se de um lado a Fundação vem disponibilizar para ONGs, já implantadas no segmento do seu interesse, o seu capital (econômico, intelectual e tecnológico), por outro acabava ficando à sua disposição experiências e formações específicas, bem como capitais relacional, social e político necessários para a consecução dos seus objetivos. É certo que determinadas ONGs ou pessoas-chaves de suas organizações possuíam um “estoque” de capital social acumulado não desprezível: importante presença em certas comunidades – confiança, linguagem, trato no cotidiano com as famílias e os jovens que facilitavam todo o trabalho de mobilização e sensibilização da importância do projeto, assim como capacidade de captar o trabalho voluntariado (TAKEUTI, 2003).

Nesse campo de relações de força, havia ainda os “jovens protagonistas”. Eles entravam com um suprimento de recursos e capitais bastante desigual em relação aos demais atores, além de não se constituírem em um grupo social com uma unidade ou uma identidade que os tornassem aliados com potencial de luta política: no trabalho anterior colhemos múltiplos depoimentos de rivalidades intra (turmas de ruas) e interbairros (sejam de contiguidade geográfica ou de localidades distantes). São rixas que se perpetuam e criam uma tradição em animosidade que ninguém bem sabe precisar onde começou.

No âmbito do fórum, percebíamos a competição que se instalava entre os “jovens articuladores” de diferentes bairros e entre jovens pertencentes a ONGs diferentes. O conflito entre as ONGs atravessa as práticas dos jovens que terminavam por se dividir. Também havia, ainda, uma espécie de hierarquia que se instituíra entre esses (os articuladores e coordenadores de bairro) e aqueles que não se alçaram ainda à condição de “protagonistas” no seu bairro. A seguir, a avaliação

dos jovens em um documento de avaliação quanto ao desempenho na organização de um evento.

Nós conseguimos: reunimos os jovens para mobilizar e articular os jovens nesse seminário. Não perfeitamente presente em todas as oficinas, mas conseguimos, todos juntos, controlar o Seminário. Pois quando tínhamos apenas um dia para mobilizar os jovens, tivemos uma excelente participação e os nossos jovens do Bom Pastor que participaram do seminário pela primeira vez me senti muito competente na organização do seminário, que foi excelente. [...] Muitas pessoas fazem os jovens de “aviãozinho”. Nós, jovens, somos tratados assim, nós aprendemos que nós jovens somos capazes de termos responsabilidade e foi isso que nós sentimos no seminário e muita felicidade de termos tirado muito proveito nas oficinas. [...] Estivemos como sobre pressão, porque foi a nossa primeira responsabilidade, mas tudo deu certo, nós demos conta da nossa parte (BEZERRA, 2004, p.27).

Ou seja, estabeleciam-se as diferenças pela classificação e *estratégias de distinção* entre os atores juvenis. Os lugares sociais ocupados e o poder por eles outorgados eram geradores de conflitos entre os jovens “protagonistas” e os demais. O mesmo acontecia pelo envolvimento em projetos estruturantes, como por exemplo, a rádio comunitária, da qual participavam, não por acaso, Naldo, Eliênio e Amaury.

Esse conflito era uma condição intrínseca ao Engenho de Sonhos enquanto projeto. O plano estratégico da entidade financiadora colocava como condição a presença de jovens na organização e gestão da Rede. Assim, constituiu-se “coordenação de jovens” por bairro e um fórum de “articuladores jovens” do projeto, que passaram a fazer parte da estrutura decisória do Fórum, ao nível do conselho, gestor, órgão máximo representativo e de deliberação política. O referido conselho tinha representação dos três segmentos e suas decisões deveriam se basear no consenso, em última instância, por voto de segmento. Apesar da aliança, referida há pouco, entre o segmento jovem e ONGs essa relação não acontecia sem conflito.

Noutros momentos, como em nosso grupo focal daquela época, colhemos depoimentos nos quais os jovens também se queixavam das ONGs enquanto orientadas mais em função de metas do projeto que do ritmo próprio dos jovens. Além disso, parece haver uma saturação dos jovens em função da forma como as

ONGs provocavam-nos a atuar. Como ilustra o depoimento de Elênio à época ainda participando do fórum via GPS:

Pergunta: o que une vocês para ficar dentro do Engenho?

Eu ainda quero os meus projetos. Se eu apresentar meu projeto no Engenho e ele não aceitar eu vejo que a gente tem perna para ir atrás. Uma coisa que eu fiz errado foi me apegar muito ao Engenho. Deixei muita coisa para trás por causa do Engenho, como o trabalho. Vi que isso não valeu a pena, vou me prejudicar novamente. O projeto X já tá aí mais de um ano! Foi aprovado 50% apenas!

O Engenho provoca o jovem a ser protagonista e depois impõe barreiras [...] a gente vai fazer um projeto e depois ser vetado!

Não é muito bom o cara ser provocado, ser conquistado, mostrar o que aprendeu e o projeto mostrar outra coisa, mas, mesmo assim, não baixo a minha cabeça não. (BEZERRA, 2004, p.29)

Paradoxalmente, havia tanto uma ‘tutela’ quanto um ‘incentivo’ às iniciativas do segmento juvenil, até por conta da natureza do projeto, de “dar poder ao jovem”. Essa exigência se mostrava como mais um grande impasse gerador de conflitualidades dentro do Fórum, tanto no que se refere ao segmento juvenil internamente quanto no que tange à sua relação com os outros segmentos. Pendulavam, no âmbito das decisões e parcerias de trabalho, entre um desses extremos: a “tutela” (infantilização) ou a “adulterização” do jovem (emancipado, senhor de si).

A gênese dos coletivos revela caminhos muito próprios dos grupos, seus integrantes e da sua relação com o Fórum Engenho de Sonhos. Ambos surgem no mesmo processo social-histórico: a luta contra a violência e a pobreza na zona oeste de Natal. Sucedendo movimentos com bandeiras identitárias como o MNMMR, o Engenho de Sonhos surge como fórum propositivo e primeira iniciativa de organização em rede na zona oeste. O que é inédito é o fato de orquestrar onze ONG’s que atuavam naquela parte da cidade para se congregarem através de um projeto a ser gerido por um fundo comum. Os coletivos de Naldo e Edcelmo formam-se sob estímulos diferenciados, mas contingências semelhantes. O Fórum Engenho de Sonhos é o ponto de convergência, nos quais jovens de ambos os coletivos transitam e colaboram entre si. Espaço de gestação para um (Jovens Construindo

Sonhos) e de diferenciação e maturação para outro (GPS, futura Posse Lelo Melodia).

A Posse Lelo Melodia tem como ponto zero o GPS, que se forma espontaneamente em Guarapes através do crescimento da cultura hip hop e da identidade que se gesta em torno desse movimento artístico contestatório. Por contiguidade os jovens vão se buscando e enredando-se nas tramas de um movimento cultural através da cotidianidade, de um histórico de impasses e faltas presentes na biografia dos jovens que se sentem interpelados pelo movimento; e da ressonância das idéias protestatárias do rap ao projeto particular de cada um.

Quanto ao coletivo Construindo Sonhos, fica claro que é o resultado direto de uma organização anterior, Engenho de Sonhos. Herdeiro que nasce com a missão de “redimir” os erros do ‘pai’. A ‘tutela’ daria lugar a uma expressão ‘livre’ dos jovens para suas necessidades: seria um projeto de jovens para jovens. A hierarquização, no entanto, continuaria, mas em torno de uma estrutura organizacional menos burocratizada em que todos teriam voz e voto.

Os projetos dos futuros coletivos coabitavam o Fórum Engenho de Sonhos, tanto individualmente através dos jovens que os encarnarão quanto também através de uma existência coletiva propiciada seja pelo fórum enquanto útero a gestar novas coletividades, via ruptura ou continuidades.

Tanto Naldo e Jovens Construindo Sonhos quanto Edcelmo e a Posse Lelo Melodia auferiram lucros simbólicos em suas passagens pelo Engenho de Sonhos. O fracasso do Fórum é o maior exemplo da vitória desses jovens: conseguiram um capital social, intelectual, cultural que lhes permitiram a estruturação de seus respectivos coletivos juvenis.

Por mais que neguem o grau de importância do Engenho de Sonhos em suas vidas, negação que fica mais explícita na fala da Posse Lelo Melodia, não se tratou simplesmente de um ‘pessoal’ de ONGs e universidade que chegou a seu território. Em verdade, ocorreu a tessitura de uma rede que entre outras coisas lhes oportunizou competências discursivas, contatos e parcerias que se tornaram efetivas nesse momento atual para ambos os coletivos. Foi o cadinho de experiências no qual era necessário negociar interesses, lidar com a alteridade na prática, investir no domínio da retórica e da argumentação, aprender a enxergar causas comuns e engendrar alianças, lidar com a burocracia, prazos e normalizações. É preciso dizer que do GPS apenas Eliênio, PP e Edcelmo participavam do Engenho de Sonhos

(outros como Pick e Camaleão mantiveram-se distantes) e que a coletivo Posse Lelo Melodia colherá do Engenho de Sonhos Samanta, que virá com um acumulado do MNMMR, Adriana e Amaury.

De fato, há nos jovens um sentimento de reconhecimento do espaço vivencial que o Engenho de Sonhos representou em suas vidas, embora a negação do Engenho enquanto instituição. Eliênio nos lembra que em Guarapes o Engenho de Sonhos instalou um espaço cultural, tendo em vista a percepção da variedade de grupos de arte e lazer no bairro.

Um avanço superimportante que o Engenho fez através deste Espaço Cultural foi reunir todos os grupos que havia na comunidade e fazer todos conviverem juntos num só lugar, porque, até então, ninguém se relacionava. Era o grupo religioso na igreja, o teatro no seu lugar, a capoeira também, o esporte no campo com futebol e o no Marco Zero com o vôlei, que é em frente ao bar do Cabeça, e nós lá no Posto de Saúde. Era tudo bem dividido, mas depois todos caíram na real e deixaram as individualidades de lado na busca desse tal protagonismo juvenil que, nesse tempo, todo mundo ouvia falar, mas ainda não sabia o que era (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p.25])

No caso de Jovens Construindo Sonhos, o legado do Fórum é ainda mais patente, posto que se tornou um norteador para seus fundadores. As “experimentações” individuais e coletivas do Fórum propiciaram a exploração de talentos que de outro modo não seriam possíveis. Os “sonhos” mesmo frustrados permaneceram na ideação do coletivo criando o sentido que se tornou o mote para agremiação daqueles jovens. Sem a experiência do Engenho de Sonhos, os fundadores do Construindo Sonhos não teriam um “sonho” a ser construído. Se os sonhos tivessem sido realizados; então pelo que lutar? Aliás, no relatório 2005-2006, já citado, há uma referência mais ou menos explícita a essa questão: aparece a frase “re-construindo os sonhos” antes das ações descritas. Os sonhos frustrados tornaram-se baliza para as ações do coletivo nascente, impulsionavam também jovens como Naldo que se “sentiram provocados”, em suas próprias palavras a dar uma resposta e ao mesmo tempo uma continuidade às problematizações levantadas no âmbito do Engenho de Sonhos.

Naldo, em uma de nossas conversas, narra o desejo que acalentava aqueles dias, o entrelaçamento do despontar dos Jovens Construindo Sonhos, o fim do Fórum Engenho de Sonhos e seu percurso “costurando” ambos.

Eu tinha a ambição de estar em um espaço maior que o meu bairro. Queria integrar o conselho gestor. Quando finalmente fizemos um movimento para colocar o jovem dentro do conselho gestor, eu escolhi ficar com a parte dos papéis, dos documentos. Foi aí que fomos amadurecendo a idéia de começar um coletivo novo na medida em que constatávamos que o Engenho ia acabar. Eu me preparei para isso. No dia em que a Kellogg encerrou o projeto eu perguntei se o pessoal da fundação apoiaria outro projeto sobre juventude e eles responderam positivo. Foi nisso que eu me agarrei. (Informação oral. Naldo)

A astúcia de Naldo em assumir a “parte dos papéis” permite-lhe ir familiarizando-se com uma linguagem corrente no campo das ONGs, o que era muito importante para inserir o futuro coletivo em um conjunto de procedimentos administrativos que operacionalizasse suas ações.

A herança do Engenho de Sonhos no cômputo geral é muito mais de ganhos que de ônus para os Jovens Construindo Sonhos. No entanto, eles (os ônus) existiram. No final do fórum, o Engenho de Sonhos desgastara sua imagem frente a parcerias e algumas organizações. Houve, durante um curto espaço de tempo, uma disputa com outra ONG pelo reconhecimento da condição de herdeiro do Engenho de Sonhos. Era imperioso perseverar para que o coletivo não minguisse em seu início e era preciso também lidar com o descrédito “herdado” na experiência anterior.

Faltavam vales o que significa que foram muitas caminhadas a pé. Quanto às reuniões entre os bairros – para deliberar nossas linhas de ação, nossa abordagem das pessoas e instituições – mais do que nunca tínhamos que agir em conjunto, como uma orquestra, “afinados”. Naquele momento começamos costuras com algumas instituições e pessoas [CEDUC, Tomazia, dona Paula, dona Graça, FUNPEC, Canto Jovem, redes e juventudes]. Enfrentamos a falta de credibilidade pelas arestas deixadas pelo antigo projeto, mas contamos com as portas que ele abriu (Informação oral. Naldo).

Do espólio do Engenho ficaram poucos elementos materiais, sendo os elementos simbólicos muito mais importantes. Os jovens oriundos daquela

experimentação eram “jovens de projeto” agora. Os que a eles se agregavam, beneficiavam-se das significações sociais que advinham daquele coletivo, diferentemente do que poderia ocorrer caso tivessem associados ao MNMMR. Aqueles que se inseriram no coletivo jovens construindo sonhos no momento posterior à sua fundação também se reportam ao Fórum mesmo sem terem o contato com ele.

Tinha curiosidade de saber o que era o Engenho de Sonhos, as coisas para trás. Queria saber o que era pra saber falar. Todos eles vinham de lá e traziam de lá as suas experiências e opiniões porque isso ou aquilo poderia dar certo ou não. (Informação oral. Reycson)

Os remanescentes do Engenho como Carla, Alcemir, Rudnilson orquestrados por Naldo, apresentavam uma bagagem que fornecia referencial para os demais. Mas era preciso também, em função do novo momento, mudar o estilo de agir. Naldo, noutra conversa, compara os dois momentos de sua atuação. No Engenho ele era um articulador jovem. Já os jovens construindo sonhos demandavam uma postura de ‘empreendedor’. Coube a ele capitanear a nau da “burocracia”: projetos, licitações, editais. Sua experiência no Engenho, juntamente com as de Carla e um pouco menos outros como Alcemir, despertavam a confiança por parte dos jovens do coletivo.

A crítica de Edcelmo a Naldo e seus companheiros, é de perpetuar a partir do nome um conjunto de práticas, que em sua percepção estarão fadadas a repetirem os mesmos erros do Engenho de Sonhos. Naldo objeta acreditando que podem reescrever a história precedente justamente porque a assumem como parte de sua história.

Não existe uma receita de sucesso facilmente replicável. Enquanto a Posse Lelo Melodia vai se constituir em torno de uma ruptura com a coordenação do Fórum, os jovens construindo sonhos se forma pelo desmantelamento do Engenho. Tampouco a composição dos grupos é harmoniosa: em ambos é possível detectar disputas e jogos de poder, visões contrastantes, tensão e desgaste nos relacionamentos, insurgências e conflitos diversos. Um fator que pode, e efetivamente, faz diferença para a Posse Lelo Melodia é a qualidade dos vínculos

entre seus participantes não somente pela pertença ao mesmo bairro, mas pela convivência massiva entre seus membros no nível da cotidianidade, favorecendo “artes de fazer” como examinaremos no último capítulo.

Independente dos caminhos tomados pelos dois coletivos juvenis e o que provavelmente sucederá, a prova de suas existências é um dado importante no que concerne ao processo gerador de coletivos que surgem na Zona Oeste da cidade. Constatamos a partir de movimentos anteriores, independente das propostas de atuação e da efetivação de suas metas, a exteriorização dos conflitos sociais que lá se tornam tão agudas. Assim é possível detectar um histórico de lutas que inclui em cada momento sócio-histórico bandeiras concernentes às necessidades dos atores sociais: direitos da criança e do jovem (MNMMR), combate à pobreza (Engenho de Sonhos), protagonismo, empreendedorismo e voluntarismo juvenil (Jovens construindo sonhos), direitos culturais (Posse). Muito embora em termos de operacionalização, penetração e associação, as significações imaginárias sociais díspares, tais como os já mencionados MNMMR e o Fórum Engenho de Sonhos, fertilizavam o solo para a “germinação” de outras possibilidades de atuação e expressão local, como as dos atuais coletivos em análise.

Paradoxalmente, o fracasso do Fórum Engenho foi o seu maior sucesso. A grande proposta de construção do “protagonismo” se dá não em função de quem levava o projeto a efeito ou de seus resultados, mas das experiências vivenciadas no fórum inclusive as que punham em evidência as contradições nele existentes. De Tomazia, também afirma isso, uma vez que acompanhou de perto uma rede regional, a “redes e juventudes”⁶¹. Essa rede é uma junção de coletivos oriundos de projetos como o FES que não “deu certo” e que partindo dos equívocos e contradições, mas também das possibilidades abertas por aquelas experiências, novas experimentações eram tentadas tendo os jovens como sujeitos efetivos de suas formulações.

Entre a lógica disciplinar que se poderia detectar nas práticas do Fórum, e as experimentações que se produziam à margem dos procedimentos programáticos, dos planejamentos estratégicos e das dificuldades evidentes em lidar com as diferenças geracionais, de saberes (aqui referimo-nos não somente ao relacionamento com o segmento UFRN, mas ainda dos saberes ‘práticos’ tantos dos

61 Mais adiante, faremos outras considerações sobre o “Redes e Juventudes” no item 3.2.

educadores quanto dos jovens), e também inter e intrabairros; o fórum propicia brechas para as astúcias de Naldo, as 'conspirações' dos jovens, a relação utilitarista do GPS. O Engenho dos Sonhos pode ter se tornado um "engenho de pesadelos" para os "jovens de projetos" que nele ancoraram suas aspirações e desejos de autonomização. Ainda assim suscitou, no plano afetivo, a percepção nos jovens de que não eram inertes, que poderiam compor com alguma coisa, agir sob suas vidas em algum nível. Para uma parcela daqueles jovens foi sendo "engenhado" no Fórum esperanças que produziram novos modos de subjetivação, de um 'cultivar-se', propiciando no plano da ação coletiva novos arranjos e capacidades propositivas. E com isso a veiculação de outras significações imaginárias sociais associadas aos jovens pobres na Zona Oeste.

5.2 COLETIVOS JUVENIS E ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO EM REDE NA ZONA OESTE DE NATAL

Os bairros da Zona Oeste apresentam variadas expressões de violência, tendo se tornado banal pelos moradores a convivência cotidiana com situações de risco, como tiroteios, desovas de cadáveres, rixas de galeras, homicídios diversos, estupros, presença de traficantes e abuso do poder por parte da polícia. Em paralelo, tem-se a violência doméstica, ou seja, aquela cometida intramuros, muitas vezes disfarçadas pela dificuldade inerente de denúncia aos órgãos competentes, principalmente quando direcionada sobre crianças, adolescentes e mulheres. Tudo isto compõe um grande mapa do medo e insegurança que cerceiam os passos dos moradores daqueles bairros (BEZERRA, 2004).

Durante o trabalho de dissertação, tomamos parte em uma equipe que realizou um seminário diagnóstico interativo, via Engenho de Sonhos, cujo universo contabilizava seiscentos jovens da Zona Oeste (BEZERRA, 2004). Podemos elencar, a partir das falas dos jovens, as seguintes modalidades na qual a violência se lhes traduz ao nível de sua cotidianidade:

- 1) Violência contra a Cidadania, traduzida pela Violência Social, ou seja, exclusão dos jovens, refletida na falta de políticas públicas para a juventude relativas

ao acesso à educação e ao primeiro emprego⁶², aos bens e aos processos de produção cultural – arte, cultura, esporte e lazer: *“falta de trabalho para os jovens, o governo não dá cursos”*; *“se tivesse área de lazer teria menos violência. Ao invés de droga, roubos, iam jogar bola”* (jovem, feminino, Relatório diagnóstico, 2002).

2) Violência Institucional, destacando-se, dentre elas, a violência policial, implicando em respostas, também violentas, por parte dos jovens: *“Temos medo dos bandidos e da polícia.”*; *“se eu não pegar você, eu pego seu irmão.”* (jovem, masculino, Relatório diagnóstico, 2002).

3) Violência Familiar, tida pelos jovens como causa geradora e também consequência das “fugas”, como a drogadição à qual a violência está atrelada, formando um ciclo vicioso de reprodução de violências: *“o diálogo em casa é um caminho diferente da violência”* (jovem, feminino, Relatório diagnóstico, 2002) *“Tem que fazer um trabalho com os pais para que eduquem os filhos desde pequeno, só trabalhar os jovens não adianta, porque quando é grande e tá no vício é quase impossível mudar”* (jovem, feminino, Relatório diagnóstico, 2002).

4) Violência Simbólica, reconhecida enquanto obstáculo na obtenção de um reconhecimento social, refletida pelos preconceitos e estigmatização dos jovens como seres desqualificados para inserção na sociedade “oficial”; imposição dos valores culturais, arbitrários, como sendo os valores legítimos da sociedade. *“Cheguei na escola e disse que era de Guarapes e a diretora falou que não abria vagas para os jovens de lá”*.

Essas múltiplas expressões de violências compõem ainda hoje o cotidiano dos bairros da Zona Oeste de Natal. É, em seu conjunto, o desafio dos grupos juvenis que se arvoram ao desejo de uma expressão de si, indisponível para outros grupos juvenis da mesma região em décadas anteriores.

Com isso, focamos um imaginário específico sobre juventude que se constituiu nos bairros periféricos das grandes metrópoles urbanas. Em nível local, evidenciamos a existência de uma representação negativa sobre o pobre em geral, e os jovens, particularmente, revestido ainda do “risco”, do “perigo”.

Em função disso, durante os anos de 1990, muitas ONGs se instalaram nos bairros da Zona Oeste. Trabalharam com conceitos como “risco”, “vulnerabilidade”,

⁶² Nessa questão, a região da América Latina e do Caribe é líder mundial em desigualdade, com cerca de 44% de seus habitantes vivendo em condições de pobreza. Os jovens são particularmente afetados por essa situação: 58 milhões deles são pobres e 2,9 milhões, extremamente pobres – números que continuam a crescer (THOMPSON, 2005).

“protagonismo” e contribuíram através de suas ações na emergência dos “jovens de projeto”.

Durante os anos de 2005 e 2006, a ONG Canto Jovem, a Posse Lelo Melodia e a Associação de Juventudes Construindo Sonhos realizaram um mapeamento quantitativo de grupos e organizações juvenis na cidade de Natal. O levantamento compreendeu 400 grupos nas quatro zonas de Natal.

Como resultado, podemos apontar que em torno de 50% dos grupos juvenis da cidade estão concentrados na Zona Oeste da cidade. Esse número não surpreende, tendo em vista os argumentos sobre a violência naqueles bairros já arrolados na introdução. O levantamento também aponta que 68% dos grupos mapeados encontram-se articulados a outros grupos e organizações. O que pode evidenciar a tendência a estratégias de rede, uma característica talvez reflexa da própria realidade social que vivemos. A maior parte deles se conectam com outros grupos juvenis, em seguida com organizações ONGs e fóruns da sociedade civil. Apenas 5% dos grupos articulados em rede promovem ações em associação com o poder público.

Oitenta por cento dos grupos juvenis mapeados não recebem apoio financeiro de nenhuma espécie. Interessante é que da pequena fração que recebe suporte financeiro, este vem em grande medida (em quantidade modesta) de familiares e amigos. Em seguida, quase ao mesmo tempo, do poder público e empresas. As ONGs são responsáveis por apenas 10% dos financiamentos, o que parece ser surpreendente porquanto contrasta com o que se evidencia na realidade nacional.

A área de atuação dos grupos pesquisados é predominantemente cultural, seguida de perto por religiosa, e em menor proporção, esportiva e assistencial. Um percentual pequeno luta pelo direito de minorias. No entanto, o menor percentual entre todos é da atuação partidária, o que aparentemente reforça a tese do desinteresse dos jovens pela política na atualidade, ao menos na sua forma tradicional.

Fazendo, de nossa parte, uma retrospectiva sobre os estudos dos grupos juvenis em Natal, percebemos nas periferias urbanas, em particular na Zona Oeste de Natal, uma década atrás, a existência de grupos e projetos isolados. Portanto, a atomização e pulverização dos grupos eram o comum. Apesar de não haver mapeamentos, como o realizado pelo Canto Jovem, naquela época empiricamente constatávamos a quase inexistência de redes juvenis. A dinâmica relacional entre

atores institucionais (grupos juvenis e ONGs) caracterizava-se por uma assimetria em termos de relações de poder no campo do protagonismo juvenil cuja expressão maior é a impossibilidade de proposição de caminhos, de saídas, de um modo tradicional ou mesmo o delineamento de um outro de produção de subjetividade que pudesse apontar, entre outras coisas para articulações dos jovens com os ‘grandes temas’ dos movimentos sociais (o lugar do feminino, a ecologia, os direitos culturais que já eram reivindicados à época).

No decorrer de pouco mais de uma década (1990-2000), observamos jovens e grupos isolados organizarem-se em experiências de redes juvenis ligando-se a projetos sociais e ONGs. Outrora, reuniam-se em “pequenos bandos”, cuja conotação estigmatizadora fornecia-lhes mais óbices e empecilhos, como foi o caso do MNMMR (Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua) do que elementos para uma ressignificação da estima de si e o engajamento em projetos existenciais que lhes fornecessem sentido para suas existências. Posteriormente, surgiram projetos financiados por fundações internacionais, como o Fórum Engenho de Sonhos. Hoje, num terceiro momento, registramos a presença de grupos culturais e associações fundadas a partir dos momentos anteriores, agora dirigidas e direcionadas por e para jovens; cujo foco longe de ser político-partidário, tem seu diferencial em expressões de música, dança e esportes.

Nesse ponto, em que se configura um novo momento social-histórico, retomamos a tese anunciada na introdução: Há atualmente nas periferias dos centros urbanos do país a emergência de coletivos juvenis que, organizados em redes, facultam, aos jovens, sujeitos que neles tomam parte, novas formas de subjetivação, não obstante as contingências e faltas que constituem as suas cotidianidades. Essa produção de subjetividade revela projetos existenciais de sujeitos juvenis que experienciam um sentimento de autonomização em relação à sua situação de precariedade social; facultando-lhes a possibilidade de pensar caminhos próprios que favoreceriam ações coletivas e potencializariam o engajamento em bandeiras sociais de lutas mais amplas.

Ao nos determos na especificidade local, a dos jovens participantes de projetos sociais e articulados em redes juvenis na Zona Oeste da cidade, remontamos a uma conjuntura global que, por sua vez, ganha os contornos atuais, a partir das últimas duas décadas do século XX.

Nesse reordenamento planetário engendrado pelo sistema capitalista em sua fase de acumulação flexível⁶³, dando contornos ao que alguns preferem chamar de “globalização hegemônica” (Santos, 2002) ocorreu na Zona Oeste de Natal, nos últimos vinte anos, o mesmo fenômeno social que em outras partes do país: as organizações não-governamentais se fazem representar e passam a atuar no vácuo deixado pelas políticas públicas, em nosso caso particular, as voltadas para o campo da juventude. Tendo em vista a fragilidade do estado de proteção social no Brasil dentro do contexto anteriormente citado, coube aos projetos sociais⁶⁴ agora também organizados em rede e tendo como suporte as tecnologias de informação, atuar em nível local, organizando grupos culturais diversos (esportivos, musicais, performáticos, etc.).

Assim, no que tange aos movimentos sociais que se organizam através da estratégia de rede, Castells (1999) assinala como características fundamentais deles a forma de organização e a intervenção descentralizada e integrada. Tais características estão presentes tanto na própria lógica de dominação da formação de redes na sociedade informacional, quanto nos movimentos sociais que estão a ela reagindo.

Tomando como ponto de partida a análise de Castells (1999), as transformações as quais o nosso mundo vem passando, podem ser alinhadas nas seguintes tendências: a globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; sua forma de organização em rede; a flexibilidade e instabilidade do emprego; a individualização da mão-de-obra; cultura de virtualidade instituída por um sistema de mídia onipresente, interligado e diversificado; além das transformações das bases materiais da vida (tempo intemporal e espaço de fluxos como expressão da elite dominante). O autor apresenta os movimentos sociais e políticos da contemporaneidade como atores em um conflito central entre redes e identidades⁶⁵ coletivas.

63 Acerca dessa noção, ver entre outros HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992. Assinalamos aqui com Vakaloulis (2006) o campo de convergência de vários regimes de produção e modos de regulação capitalista que se articulam e entrecruzam, gerando a estratégia de dominação para o tipo atual de capitalismo que se sucedeu ao capitalismo Fordista.

64 Discutiremos com Novaes (In: Almeida e Eugênio, 2006) a questão dos projetos sociais, cujo conceito sequer tem uma tradução para outros idiomas, como inglês e francês, no item 8.

65 A noção de identidade utilizada apóia-se em Calhoun e define-se como a fonte de experiência e significado de um povo. Ao referir-se especificamente aos atores sociais, Castells explicita: “entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais, inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades

Desde seus primórdios, o sistema capitalista apresenta ciclos curtos e longos de crescimento. O mérito de Castells (1999) está em analisar a fundo a crise do ciclo de crescimento, baseado na indústria, seus impactos profundos na sociedade e cultura contemporânea. O que foi gestado no fim do segundo milênio estruturou-se em torno da transição da Era Industrial para a Era Informacional. O que vemos é uma revolução tecnológica que se desenvolve em torno das tecnologias de informação, alterando as bases materiais da sociedade.

Ainda compondo esse cenário, observa-se uma grande fragmentação dos movimentos sociais que se tornam localizados, encolhidos em seu mundo interior. Some-se a isso, a organização das pessoas em torno de identidades primárias, sejam elas religiosas, étnicas, territoriais ou nacionais. Uma tese defendida por Castells (1999) é que as identidades tornam-se importante fonte de significação social num período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, descrédito das instituições, enfraquecimento dos movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Este, por sua vez, é cenário dos jovens dos coletivos juvenis em estudo.

No caso específico de nossos grupos em análise, a Posse Lelo Melodia e os Jovens Construindo Sonhos, tratamos de identidades coletivas que se organizam estrategicamente através de redes, servindo-se, dentro de suas limitações, dos benefícios da tecnologia de informação. Embora concorde com as linhas gerais da argumentação exposta por Castells (1999), tivemos hesitação quanto a uma transposição direta, para nossa realidade local, do uso da nomenclatura do autor (identidade legitimadora, de resistência e de projeto) e do modo como as emprega aos movimentos sociais.

Mencionamos que Castells (1999) deposita na noção de identidade a fonte de significado para atores coletivos. A identidade é a balizadores das finalidades das ações dos grupos e movimentos sociais (mulheres, jovens, ecologistas, entre outros). Devemos ressaltar que se trata de uma perspectiva processual da noção de identidade. Castells (1999) evita o essencialismo ao não teorizar identidades fixas. Ou seja, redes, grupos ou coletivos com propostas protestatárias, podem se tornar, com o tempo, identidades legitimadoras (reproduzindo as estruturas de dominação da sociedade).

múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social” (CASTELLS, 1999, p. 22).

Caso classificássemos os dois coletivos (e a partir deles as redes juvenis regionais com as quais congregam) como identidades de resistência⁶⁶, teríamos que, minimamente, aplicar também as críticas do autor a esses grupos: As identidades de resistência não vão, necessariamente, configurar redes comprometidas com a mudança social.

Por outro lado, percebemos algumas complementações entre a nomenclatura de Castells (1999) e os coletivos em análise. No entanto, há uma diferenciação clara, no que tange a uma astúcia presente no movimento dos coletivos juvenis organizados em rede que acompanhamos neste terceiro momento. Como comentamos um pouco acima, o MNMMR se configurava como um coletivo “pesado”, visto que as significações que sobre ele recaí ao invés de inaugurar uma resistência, evocava muito mais o sentimento de vergonha social por parte dos jovens que o compunham. Já os coletivos da Posse e Construindo Sonhos poderiam ser inicialmente classificados dentro da categoria de identidades de resistência se levarmos em conta que se encontram nas posições de desvalorização e *releição social* (TAKEUTI, 2002); razão para mobilizar suas ações.

Apesar disso, é preciso esclarecer que os coletivos Posse e Jovens Construindo Sonhos não se fundam em princípios opostos à sociedade vigente, característica da noção de identidade de resistência no sentido de Castells (1999).

Inspirado no movimento das mulheres e nas reivindicações expressadas no interior dessa identidade coletiva que abriga significações sociais (nos termos de Castoriadis) muito diferentes, algumas vezes díspares e conflitantes, sobre “mulher” e “feminino”; Castells (1999) cunha a noção de identidades de projeto, ou seja, voltadas à transformação social, empenhadas na continuidade dos valores comunais, tendo como cenário nessa nova estrutura social o tempo, o espaço e a tecnologia”. Se o movimento das mulheres carrega em seu bojo um projeto comprometido com uma mudança social global, cuja natureza questionaria as bases do capitalismo; esse não é caso dos nossos coletivos.

A Posse Lelo Melodia e os Jovens Construindo Sonhos circunscrevem seus “projetos” ao nível local, num trabalho de “composição” com a sociedade vigente. Embora a compreensão que muitos jovens, como Naldo e Edcelmo, possuam sobre

66 Definida como: “(...) atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com bases em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo, opostos a esses últimos.(Castells, 1999, p 24)

as conexões entre o local e o cenário global propriamente dito, os coletivos se traduzem por preocupações mais concretas para o vivido dos jovens: violência no bairro, acesso para os jovens ao mundo do trabalho, os direitos culturais enquanto possibilidade, tanto de consumo quanto de produção, entre outros.

Tomando como exemplo o discurso sobre “ações políticas” dos jovens Construindo Sonhos, num primeiro levantamento, a partir da observação direta e do relato de Edcelmo e Naldo, os jovens engajados nos coletivos juvenis da Posse e da Associação têm procurado pautar suas estratégias de participação nas seguintes ações:

- Novas modalidades de relacionamento com fontes financiadoras;
- Tentativa de incentivar a criação de organizações não governamentais que se originam no interior de associações de jovens;
- Participação em redes de âmbito regional e nacional;
- Engajamento em ações locais (problemas vivenciados no cotidiano do bairro) e em ações de âmbito nacional (problemas discutidos e pactuados com parceiros da rede);
- Uso de Internet para fluxo de informação, tomada de decisões, participação, afiliação, conectividade e interatividade: orkut, MSN, e-mails;
- Presença em eventos culturais;
- Contato com diversas instâncias políticas: busca de agenda programática ao invés de legenda partidária;
- Concorrer a conselhos comunitários.

Esses dois últimos itens assinalariam numa avaliação mais formal uma atuação política. As demais referências não teriam um caráter político, pelo menos do modo tradicional que se utiliza o termo; seriam mais culturais e organizacionais. Mas o que importa reter para a discussão que vimos empreendendo até aqui é: suas agendas ilustram o modo como as preocupações dos coletivos são “práticas”. Baseiam-se em metas tangíveis, ligadas ao cotidiano que experimentam, sem uma preocupação com uma “articulação mais ampla”.

Nesse sentido, estamos longe, uma vez mais, de uma “identidade de projeto” na conceituação de Castells (1999). Mas, por outro lado, em algumas de suas ações estariam mais próximas de uma “identidade de resistência”? Arriscamo-nos a afirmar que sim; pensando os momentos em que buscam ancorar suas agendas locais nas discussões surgidas no interior da rede juvenil da qual fazem parte, aportando temas

relativos à segregação e exclusão. Mas dentro de um jogo de forças, cujas relações, pertencas e interesses são sempre muito contraditórios, assim como também é conflituado o campo em que se encontram ambos os coletivos, essa compreensão não pode ser monolítica.

O direcionamento, digamos 'pragmático', orienta o modo de agir dos dois coletivos, muito embora os sustentem que suas divergências "filosóficas" conduzem a práticas diferentes. Uma vez que nos deparamos com muitas organizações não-governamentais que se comunicam com o Estado apenas para negociar em nome de seus interesses específicos, também vemos esses expedientes sendo adotados pelos nossos grupos em estudo. Em nome de uma nova forma de "fazer política", na perspectiva de Castells (1999), há o risco dos grupos lidarem com o poder na base da barganha generalizada. Ou ainda as identidades de resistência, as "comunidades" construídas em torno de grupos, como a Posse, adotarem uma condição defensiva, o que redundaria na violência como recurso possível. Nesse sentido, tanto a Posse quanto Jovens Construindo Sonhos aproximam-se das "identidades legitimadoras", reproduzindo a ordem vigente.

Tais considerações, partindo do trabalho de Castells(1999) demonstram a dificuldade de um enquadramento "fixo" dos coletivos juvenis em estudo. Revelam a dinamicidade, a fluidez, as contradições e imprevisibilidade de suas articulações. Não é possível pensar a Posse como um coletivo homogêneo, ausente de diferenças em nível individual, organizado em rede igualmente homogênea e comprometido com a mudança social global. Autores como Negri(2005) não usam o termo rede, mas trabalham com outros conceitos como *Multidão* chamando a atenção para a impossibilidade de aplainamento das diferenças.

Bauman (2003) é taxativo a esse respeito, dizendo que não há a materialização de uma causa comum quando se pensa em biografias de vida que experimentaram sofrimentos. Os sujeitos de tais biografias não estruturam uma "comunidade", seja em nível nacional, regional, comunitário, de vizinhança ou familiar.

A crítica anterior, em outro contexto, parece ser ligeiramente contemplada em Castells (1999) ao discutir o modo fragmentado de ação de muitas identidades de resistência. Lembremos que Posse e AJCS comunicam-se raramente entre si, mesmo atuando na Zona Oeste, no mesmo campo da juventude e participando de mesmas redes (por exemplo, o "Redes e Juventudes"). Por outro lado, o fruto de

alguma ação desses grupos, poderia, no futuro, “fertilizar” o bairro para o surgimento de outros coletivos juvenis que venham a se constituir enquanto identidades de projeto (CASTELLS, 1999).

Utilizando ainda a classificação de Castells, os coletivos juvenis esbarram em dificuldades de estruturarem modos singulares de resistência, mesmo levando em conta que já apresentam traços “favoráveis”. Ainda assim, estamos dentro do campo de possibilidades.

O que vemos claramente em termos das disposições dos grupos da Zona Oeste que temos acompanhado é um jogo de composição com a sociedade vigente e suas regras. Consideramos em nossa análise um novo cenário contemporâneo ancorado em mudanças importantes estabelecidas pelas novas tecnologias de informação (CASTELLS, 1999). Percebemos, nos grupos da Posse Lelo Melodia e Construindo Sonhos, itinerários e manobras que demandariam outras ferramentas analíticas. Daí a opção por Certeau (2007) em outros momentos de análise, ainda neste capítulo e no próximo. Seu trabalho consegue captar melhor o espírito desses grupos. As “artes de fazer” descrevem o movimento de “aproveitar” a ocasião jogando com os elementos normatizadores vigentes, tirando deles proveito em função das possibilidades surgidas, sem um compromisso universal de mudança.

Tanto a gestão dos grupos juvenis como o processo de participação desses grupos em redes como o “Redes e Juventudes”, fornecem-nos matérias para reflexão interessante sobre a inventividade desses grupos posta em prática no processo das articulações realizadas, nos modos de fazer e astúcias de ambos os coletivos em um nível cotidiano que não encontramos em Castells (1999).

Por outro lado, importa ressaltar o quanto existe de práticas tradicionais de manipulação e autoritarismo no interior dessas mesmas redes. Razão pela qual ainda sentimos que é cedo pensar em termos de inovação social, como postula Santos (2003), e atribuir-lhes, em suas condutas coletivas, a qualificação de “experimentalismo democrático”, ou “arranjos participativos” (Santos, 2003, p. 75-77). A reunião de jovens em torno de grupos para a prática da capoeira, a performance do rap, ou a criação de uma associação juvenil credita a algum grupo o título de “experimentalismo democrático”?

Nossa posição é de cautela quanto à aplicação destes conceitos aos coletivos que acompanhamos. Outros autores, como Abramo (1998), têm tido uma visão positivada, porém menos entusiasta. Essa autora aponta que estaria em curso

experiências sociais não-centralizadas, institucional ou politicamente, difundindo novos conteúdos políticos e culturais. Entre estes, estariam fenômenos como movimentos, estilos e tribos musicais (como rock, hip hop e reggae), práticas de produção de informação e criação cultural (fanzines, festivais de teatro, etc.).

Por outro lado, acreditamos que nossas constatações ao nível dos grupos juvenis da Zona Oeste de Natal não seria fruto de uma experiência isolada. Temos como hipótese que há uma efervescência na contemporaneidade propícia para a “cultura da periferia”, um contexto favorável na emergência da ‘globalização contra-hegemônica’ (SANTOS, 2003). Há um favorecimento ao nível local, em que se criam as condições para a formação de “capitais⁶⁷” nos bairros pobres e estigmatizados. Entretanto, há autores que não evidenciam a existência deste “contexto favorável” ou mesmo uma “contra-hegemonia”. Caillé (2006) fala de “parceletização”, que caracterizaria a fragmentação das estruturas sociais na atualidade; indo no sentido contrário do aplicado aqui: a fragmentação (excessiva demanda por direitos setorializados) facilitaria a dominação de grupos de maior poder sobre universos cada vez maior de pequenos grupos isolados.

Ainda assim, levando em conta essa objeção, argumentaríamos na linha de Certeau (2007) que alguns grupos como a Posse estariam envidando suas artes de fazer, aproveitando-se de brechas oportunizadas por novas significações sociais imaginárias dispostas em torno de uma “cultura periférica” que hoje torna-se visível como argumentado no primeiro capítulo. Obviamente, tais constatações ao nível empírico não são passíveis de serem generalizadas para todo o campo da juventude e em particular para o segmento juvenil que mora nas áreas periféricas dos centros urbanos. Igualmente constatamos que nem todos os grupos vão se “servir” desse “contexto favorável” (SANTOS, 2003) ou estarão munidos de astúcias para lidar com as significações imaginárias sociais vigentes, ou mesmo construir uma base de sustentação e ampliação do debate em torno de outras significações emergentes, como bem analisa Castoriadis em relação aos jovens do maio de 68 em Paris (CASTORIADIS, 2006).

67 Há uma grande discussão sobre a noção de capital social. Milani (2005) revisa alguns desses conceitos. Por hora, utilizamo-nos de Putnam (1996) para defini-lo enquanto “aspectos da organização social, tais como redes, normas e confiança, que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo”. Mas adiantamos que é com Bourdieu (2001) que essa noção interessará em nossa discussão na medida em que este último traz aspectos concernentes ao trabalho de instaurar e manter redes de relações que possam produzir ou manter relações úteis aptas a proporcionar lucros materiais e simbólicos.

Isso fica muito claro tendo em vista outros jovens oriundos da experiência do Fórum Engenho de Sonhos: nem todos os jovens de projeto estão no ponto de se “enxergar”, gerando “inventividade”, ou seja, de produzirem um projeto de autonomização que possa criar um sentido existencial, infletindo na produção de subjetividades. Finalmente, uma coisa é a vontade individual que venha a animar um daqueles jovens de projeto em particular, outra é construir as condições necessárias para esse trabalho de autonomização.

Ainda que se rejeite a referência à Castells (1999) que utilizamos aqui para a contextualização da emergência das redes juvenis dentro de uma sociedade cada vez mais organizada em rede, algumas mudanças são inequívocas e fundamentais para nosso trabalho. Com isso, reafirmamos que, contemporaneamente, em função de mudanças sócio-históricas há em andamento transformações no campo da juventude que trazem consigo mudanças na esfera individual, grupal, sócio-cultural e política. Passemos agora ao desdobramento desta nossa constatação.

Ao *nível individual*, os jovens deixam de se perceber enquanto ‘coitados’. Do mesmo modo, as organizações governamentais e não governamentais começam a modificar o tratamento deles enquanto ‘assistidos’. Os projetos sociais passam a considerá-los enquanto “protagonistas” de sua própria história, capazes de mobilizar recursos para se “empoderarem”⁶⁸ socialmente, inclusive integrando alguns deles diretamente na coordenação. A hipótese é que os jovens se instrumentalizam adquirindo um *capital* que, antes de tudo, é simbólico: aqueles que antes eram nomeados “*meninos de rua*”, passam a ser denominados “*jovens de projeto*”. O que se opera aqui é uma mudança muito mais profunda que a nomenclatura.

Trata-se, apoiado na formulação de Castoriadis (1992), de uma mudança nas significações imaginárias sociais acerca do “ser jovem pobre” no Brasil. Com isso, não estamos querendo dizer que a significação anterior deixe de existir. O que ocorre é que ambas passam a coabitarem. E que essa ressignificação da imagem de si possibilita rever aspectos biográficos, inserindo novas perspectivas de escrita na história pessoal de alguns desses jovens. A incidência das significações imaginárias majoritárias sobre os sujeitos jovens, sobre sua estrutura psíquica ocorre, mas, de outro lado, há atitudes em que eles apontam aberturas e

68 Esses dois termos estão entre aspas porquanto são conceitos emergentes no campo das ONGs. Temos reservas quanto eles por não percebermos ainda que estariam elaborados ao nível dos sujeitos que neles se implicam.

movimentos demonstrando que eles não ficam paralisados ou circunscritos a essas significações sociais.

Apesar da vergonha social que experimentam, há um sentimento de estima de si e de ‘investimento de si’; o que uma parcela desses jovens experienciam em relação ao cotidiano que os confrangem é um sentimento de que podem ter escolhas, propelindo-os a buscar uma (re)estruturação de suas narrativas de vida. O que pode ser captada nas suas biografias, como apresentamos no capítulo dois e em outras passagens da tese. Eles tentam uma superação desse quadro em que se inserem e o fazem dentro daquilo que é possível, em razão dos conflitos que os atravessam.

Ao nível grupal, observamos um maior sentimento de autonomização em relação ao que a sociedade lhes destina, possibilidade de pensar caminhos próprios, ainda que estes sejam permeados de obstáculos e dificuldades. A inserção em projetos sociais e a articulação em redes permitem-lhes acesso a oportunidades que dificilmente conseguiriam sozinhos⁶⁹. Além disso, a experiência dos coletivos jovens dentro de Fóruns, como o Engenho de Sonhos, permitiu-lhes compreender e aprender tecnicamente que lhes é viável formular projetos de financiamento para realizar algumas ações, por exemplo, a aquisição de computadores e ilha de vídeo junto ao ministério da Ciência e Tecnologia.

Tanto os jovens da Posse quanto da Associação de Juventudes Construindo Sonhos aprenderam não só formatos possíveis de projetos financiáveis, como aprenderam a identificar o rol de agentes financiadores e estratégias de acesso a essas fontes. Os conhecimentos práticos adquiridos permitem que hoje se lancem no caminho de um processo que lhes dá um sentimento maior de autonomização sem a interferência de parceiros “hierárquicos”, sejam eles ONGs ou mesmo agentes financiadores. O que se evidencia na liberdade de escolha de projetos, no cronograma mais realista que se impõem e nos termos da natureza da própria parceria encetada.

Discutiremos, ainda neste capítulo, o processo de “capitalização” dos jovens no sentido de Bourdieu (1996). A referência a esse autor não é unicamente por empréstimo dos termos, mas pelo fato de sua abordagem levar em conta o contexto

69 Um exemplo disso é o projeto “acesso” da Fundação Kellogg, que financiava, independente do PROUNI do governo federal, a faculdade de jovens participantes de seus projetos sociais. Outro exemplo, que constatamos no FES foi a qualificação técnica de alguns jovens, em edição de imagens com equipamentos de ponta.

das determinações sócio-históricas que atuam fortemente nos processos, tanto ao nível individual quanto coletivo, de conquista de lugares sociais reconhecidos.

Isto dito, estamos longe de ver nas “estratégias” juvenis em pauta, a arregimentação de forças novas que trariam uma visão de mundo inovadora. Apostamos que em curso há uma espécie de “recomposição”, onde as tendências ocorrem sem que haja exclusão mútua.

Nesse momento, importa-nos evidenciar a capacidade de articulação dos jovens no interior de seus bairros e dentro das “redes subterrâneas” (MELUCCI, 2001), a qual começa a ser bastante valorizado por agências financiadoras, empresas e organizações. Naldo nos diz:

Antes, nós vivíamos correndo atrás de parceiros. Hoje eles nos procuram. A Visão Mundial fechou o projeto com uma ONG e veio implementar parceria com nosso grupo. A empresa de ônibus que opera aqui no bairro veio nos solicitar um projeto para preservação dos ônibus a ser realizado com as crianças da favela local. A Fundação Kellogg disse que assim que nos provarmos autonomia estarão dispostos a recomençar uma parceria conosco. Uma economista veio nos procurar dizendo que tem uma lista de empresas privadas que investem à fundo perdido (padarias comunitárias, etc.). Tem uma consultoria querendo organizar nosso sistema de trabalho para melhorar a nossa captação de recursos financeiros. Tudo isso não é porque somos bonitos. (Informação oral. Naldo)

Mas o que isso realmente evidencia? Retomando uma vez mais nossa tese, Há atualmente nas periferias dos centros urbanos do país a emergência de coletivos juvenis, que organizados em redes, facultam aos jovens sujeitos que neles tomam parte, novas formas de subjetivação, não obstante as contingências e faltas que constituem as suas cotidianidades. Essa produção de subjetividade revela projetos existenciais de sujeitos juvenis que experienciam um sentimento de autonomização em relação à sua situação de precariedade social; facultando-lhes a possibilidade de pensar caminhos próprios que favoreceriam ações coletivas e potencializariam o engajamento em bandeiras sociais de lutas mais amplas. Espécie de “trunfo” subjetivamente vivenciado e coletivamente compartilhado, que não lhes rendem benefícios e “lucros” imediatos, mas parece colocá-los numa “via com saída” que foge ao “tudo” que pode ser obtido no cerne da sociedade como emprego e

educação formal (o que até pode compor com outras “saídas”, no caso de Adriana e Samanta). No plano emocional, sentem que podem ter ações, como já havíamos demonstrado na nossa dissertação de mestrado, como atestava Edcelmo, ainda antes de fundar a Posse Lelo Melodia:

Marlos: Qual a motivação para cavar nesse “terreno” (Fórum Engenho de Sonhos)?

Edcelmo: “A necessidade. Conhecer como se trabalha em coletivo. Mostrar, como jovens, que temos capacidade de fazer coisas. Saber dos direitos. ‘Cavar’ aqui em Guarapes é muito difícil, o barro é duro. Quanto mais cavamos, mais duro fica. Tem horas que penso que não vai dar para cavar até o final. São várias escolhas. O lazer é a marginalidade. Escolher continuar cavando é saber onde se quer ir: o trabalho, a escola, a atividade social, a arte. Ou desistir e ir para a marginalidade, não ter mais força para cavar (BEZERRA, 2004, p.189).

O discurso de Edcelmo poderia ser confundido em uma primeira análise com certo discurso sobre segurança pública que grassa hegemônico em nosso país. Na esteira da leitura de que o sujeito é um efeito de poder, e que, portanto, vivemos um processo individualizante de sujeição, argumentação encontrada no Foucault de “Vigiar e punir” (FOUCAULT1993), poderíamos hipotetizar que os jovens da posse incorporam um discurso de poder, hegemônico, no qual os jovens das periferias deveriam participar da escola ou da atividade social para não caírem na marginalidade. A posse, ao incorporar o discurso da “segurança pública”, estaria agindo no sentido também da docilização de corpos como argumenta Foucault (1993).

No entanto, queremos demonstrar uma nuance que ultrapassa esse aspecto. Quando referimos que os jovens da Posse sentem que podem ter ações é porque eles conhecem bem esse discurso hegemônico que faz de cada jovem de periferia um elemento potencialmente perigoso para a “harmonia da sociedade”.

Eles, inclusive, denunciam isso nas letras de seus raps. A construção de sentido que se revela no discurso de Edcelmo é exatamente no aspecto de que hoje se torna possível a fabricação de novas subjetividades, ou melhor, de novas formas de produção pessoal de si. Saber aonde se quer ir, não é simplesmente ir para a escola, trabalhar numa oficina, participar de um grupo de rap ou integrar ações de

uma ONG no bairro. Não ter mais força para cavar também não é simplesmente ir para a marginalidade. O cotidiano de Edcelmo mostra que seu grupo cava com obstinação um terreno muito denso. Há uma expectativa social que ou eles sejam capturados e serializados através da escola, do curso de manicure, etc., ou se tornem marginais e sejam ejetados do sistema vindo a morrer no decorrer de pouco mais de um ano.

A possibilidade dessa fabricação de novas formas pessoais de si encontra-se enquanto sentimento que confere sentido a ação de continuar cavando, não importando o tipo do terreno. Edcelmo consegue enxergar na sociedade contemporânea brechas que lhe permite cultivar ideais e metas. Para ele é possível uma “terceira via”, na qual o hip hop possibilita uma produção social que dá “voz” aos relegados. Atraem o olhar social sem precisarem roubar. Podem ser admirados dentro do bairro sem precisarem portar uma arma. Ao se fazerem notar, anunciam novas modalidades de “ser jovem” que compõem com o instituído, reapropriando no próprio discurso hegemônico de controle social, elementos que permitem subverter a regra. Isso o fazem cantando, mas também discutindo políticas públicas em fóruns, ou falando sobre violência e “política” para outros jovens do bairro, na convivialidade que o bairro oportuniza. Ou ainda mais: nos contatos que surgem pelo próprio cenário contemporâneo que está firmando uma nova imagem coletiva da periferia, o que refletirá, conseqüentemente, na interioridade de cada jovem da Posse ou de grupos a elas assemelhados. Edcelmo se refere a cavar espaços e é justamente isso que ambicionam fazerem em meio à tragicidade do seu cotidiano, movidos por um ímpeto cultural e social que os impelem a novas vias de participação no coletivo do bairro e para além do bairro. Sua arte periférica cava espaço em meio ao latrocínio, assassinatos, drogas e mortes físicas e simbólicas.

Se a demanda instaurada (empresas e fundações) não redundava necessariamente em financiamento dos grupos, por outro lado, mesmo diante das contingências, eles podem se recompor, sem necessariamente passar pela recidiva da droga, do roubo. É o que se sobressai na atitude de Pick em manter-se cantando sem emprego, e Naldo apostar suas “fichas” em pequenas oficinas educativas em Felipe Camarão para uma empresa de ônibus da cidade.

Ainda, ao nível sociocultural já pontuamos no capítulo primeiro que a efervescência de uma cultura periférica fortalece e reinveste esses meninos em uma nova articulação de significações imaginárias sociais nas quais podem sentir orgulho

da “quebrada” em que vivem e do que gestam lá. Haja vista o sucesso da edição do “CINECUFA”, ocorrido em setembro de 2008 no centro cultural Banco do Brasil, uma mostra de curtas metragens sobre “o povo da favela” em sua terceira edição, tema de reportagem de programas como “Revista do cinema brasileiro”.

Finalmente, ao nível *político*. Minhoto e Martins (2001) assinalam, ao nível da discussão de redes na atualidade, algumas análises bastante otimistas. Uma delas sugere que “o que alguns autores citam como fatores de ruptura do tecido da *sociabilidade*” podem ser visto, de uma outra perspectiva, como fatores geradores de novas redes” (MINHOTO e MARTINS, 2001, p. 439). Nessa perspectiva teórica, acredita-se que um novo contexto favorável à incorporação de novos atores na gestão do campo político social estaria sendo forjado. Tão plena de contradições é essa questão, que não saberíamos precisar efetivamente em que nível aquilo que estamos na esteira de Certeau (2007), discutindo como “artes de fazer” dos coletivos jovens, e ligando-o mais propriamente a processos de produção de novos sujeitos, possa ser articulado em âmbito macrossocial, entendido, por exemplo, como “redes de resistência” (CASTELLS, 1999). Não está claro que a gestação de “novas redes” garanta, ao campo da política social, novos atores na lida. Haja vista a nossa experiência no Fórum Engenho de Sonhos e os relatos acerca da rede regional “redes e juventudes” que se constituiu enquanto rede a partir de projetos sociais falidos. Mas no que isso redundará?

Ainda não sabemos, mas inequivocamente a chamada nova morfologia social, operada pela tecnologia de informação (CASTELLS, 1999) não produziu apenas “analfabetismo digital”. Há uma apropriação por parte de alguns grupos juvenis coligados em rede, como também para individualmente alguns jovens envolvidos em projetos sociais, como os aqui estudados, de ferramentas tecnológicas importantes que lhes abrem possibilidades nunca antes imagináveis para gerações anteriores.

Para Edcelmo, o *locus* de atuação da Posse Lelo Melodia é o bairro de Guarapes. Entende que lá deve se concentrar as ações do grupo junto a outros atores locais na construção de uma rede no interior do bairro que possa trabalhar os problemas que ali se manifestam. Nesse sentido, os esforços da Posse são pela construção de uma linguagem comum, pela pactuação em torno das questões que afetam a cotidianidade de todos. Assim, tentam promover um trabalho de mediação entre as diversas instituições presentes no bairro. Por outro lado, atrelam nessas

ações uma outra agenda fruto de discussões com outros coletivos juvenis fora do estado. Esse segundo rol de ações são bandeiras mais gerais que se coadunam com as ações já defendidas ao nível local.

Ambos os coletivos alegam operar em princípios bastante distintos. Princípios esses definidores das próprias estratégias de coligação em rede de estabelecimento de parcerias em nível local e regional. Entretanto, vimos que suas agendas são 'práticas' e nesse sentido, muito semelhantes. Por outro lado, mesmo ancorados em questões locais, a estratégia de coligação em redes, como o MOHNB ou Redes e Juventudes, permite-lhes tanto levar pontos de discussão a partir de suas vivências específicas para integrar um programa de lutas mais amplo, como também iluminar algumas de suas discussões através do engajamento de seus coletivos em agendas regionalizadas e discussões mais ampliadas como é o caso da inserção da Posse, via MOHNB, no Conselho da Juventude do governo Lula.

O que podemos afirmar é que as ações empreendidas no âmbito dos coletivos juvenis em estudo são novas formas de enfrentamento da realidade. Favorecem novas formas de subjetivação, um potencial que se inscreve e incide sobre as tramas existenciais de uma parcela dos jovens das periferias urbanas, inserindo novos capítulos nas biografias de "jovens da periferia". Produzem-se a partir das astúcias individuais e coletivas de jovens premidos entre a escassez e a violência e confrontados com significações sociais que lhes dificulta a ampliação de horizontes para caminhos outros daquilo que são as expectativas sociais hoje postas para esse segmento. Conformam uma espécie de "arte do contorno" capaz de fazer figurar outras possibilidades existenciais em meio aos conflitos cotidianos como se verá no próximo capítulo.

5.3 REDES JUVENIS: TENSÃO ENTRE SUJEIÇÃO E DESEJO DE AUTONOMIA COLETIVA.

Anunciamos na introdução que o sentimento de abertura experienciado, sobretudo através da trajetória de participação em projetos sociais fornece-lhes um continente propício para a germinação de atitudes de confrontação coletiva com dispositivos de sujeição social. Essa confrontação tenderia a ocorrer simultaneamente ou em um dos seguintes domínios distintos: ao nível do imaginário

social sobre a juventude e também ao nível concreto das inventividades que passam a ser postas em ação e que podem se revestir de um caráter protestatário e reivindicador. Nesta seção, nos propomos a: a) Posicionar a noção de rede que respalda as nossas observações empíricas; b) Situar os fios que se tecem a partir dos coletivos em estudo, através de uma descrição de algumas redes juvenis que tanto a Posse Lelo Melodia quanto os Jovens Construindo Sonhos estão conectadas; c) situar algumas questões empíricas à luz de perspectivas teóricas específicas.

5.3.1 Composições teóricas: uma costura delicada

Castells, Castoriadis, Bourdieu, Bauman, Touraine, Foucault (e a partir deste último, tendo compreensões, escolhas teóricas e formulações muito específicas: Melucci, Certeau e Negri). Em comum, a tensão entre sujeito e sociedade. Revelam, cada um a seu modo, a dinâmica entre autonomia e sujeição, respeitados os campos de produção, as matrizes de pensamento e a perspectiva epistemológica que cada um encerra. Para nós o ponto de contato é apontar possibilidades, “margens de manobra” para os sujeitos individuais e coletivos. Cada um vai especificar campos de luta, potencialidades, oportunidades e modalidades de resistência conforme o objeto próprio de suas pesquisas e o investimento teórico que lhes são característicos.

A noção de redes, que se torna parte de nossa análise nesse capítulo, especifica um dos suportes para a “produção de si” dos jovens dos coletivos em estudo. Ajuda-nos, igualmente a entender em nome de que tantos autores foram aqui elencados.

Mais uma vez, retomemos a argumentação do primeiro capítulo de que consideráveis mudanças se processaram na produção do ser jovem pobre no Brasil. Partindo do aporte de novas significações sociais em torno dos “jovens de projeto” e “periferia” adentramos no universo social-histórico no quais as redes juvenis desempenham também um papel relevante.

Os coletivos estudados ilustram novas estratégias de organização e articulação coletiva presentes no cenário contemporâneo. Embora divergentes

quanto ao contexto que possibilita na atualidade a emergência de redes juvenis, bem como de seu caráter “emancipador” e também de suas reais possibilidades de estruturar um fazer com conotações políticas e capacidade de articulação a outros atores por demandas sociais mais amplas.

Os autores aqui alinhados sugerem transformações no modo de ser da sociedade que dão guarida para outras escalas de transformação coletiva, grupal, individual. Mudanças quanto à morfologia social em alusão às novas tecnologias de informação (CASTELLS, 1999); à troca de um “quinhão de liberdade por outro de segurança” (BAUMAN, 2003); dos novos movimentos sociais em reivindicação de direitos culturais (TOURAINÉ, 2006), por exemplo.

Bourdieu (2004) tematiza a questão da sujeição social dedicando-se aos variados mecanismos pelo qual opera a violência simbólica na sociedade. Ele forjou a ferramenta analítica do *campo*, designando espaços relativamente autônomos de forças objetivas e lutas padronizadas sobre formas específicas de autoridade. Retrabalhou o conceito husserliano de *doxa* (sentido, consenso) para basear a “atitude natural da vida diária” na coincidência das estruturas sociais e mentais por meio das quais o mundo magicamente aparece como auto-evidente e sua composição é posta além do alcance do debate e da elaboração. Recuperou e retrabalhou o conceito aristotélico-tomista de *habitus* para elaborar uma filosofia disposicional da ação como propulsora dos socialmente constituídos e individualmente incorporados “esquemas de percepção e apreciação”. Sustentou que o espaço social é organizado por dois princípios de diferenciação entrecruzados – o capital econômico e o capital cultural –, cujas distribuições definem as duas oposições que circundam as linhas maiores de clivagem e de conflito nas sociedades avançadas, aquelas entre as classes dominantes e as dominadas (definidas pelo volume de seu capital), e aquelas entre frações rivais da classe dominante (opostas pela composição de seu capital). A partir disso, a categoria de *poder simbólico*, definida como a habilidade para conservar ou transformar a realidade social pela formação de suas representações, isto é, pela inculcação de instrumentos cognitivos de construção da realidade que escondem ou iluminam suas arbitrariedades inerentes, toma o centro de suas teorizações. Principalmente nos seus últimos escritos ao investir mais fortemente nas injunções entre *nomos* (lei, princípio de visão e divisão) e *illusio* (investimento) discutindo como cada campo confina os agentes a móveis de interesse próprio que se tornam insignificantes,

invisíveis e até ilusório do ponto de vista de outro campo (BOURDIEU, 2001, p.117). O campo é um espaço social acoplado a um sistema simbólico (BOURDIEU, 2001).

Essa violência simbólica, ou seja, o modo como o simbólico se exprime através do poder, da violência, é também captada por Castoriadis (2006). A grande dificuldade que sentimos é que Castoriadis não traz sua análise para um nível empírico como o nosso. Não investiga, por exemplo, os movimentos sociais. O ponto de contato com Bourdieu é o reconhecimento das contingências, que operam ao nível do sujeito. Enquanto Bourdieu (2001; 2004) aponta estruturas estruturantes na qualidade de *habitus*, a sociedade introjetada, Castoriadis opera na tensão entre instituído e instituinte, para dar conformação a relação entre sujeição e autonomia. Recolhe em seu arcabouço teórico o substrato freudiano para sustentar que sua perspectiva em autonomia é indissociável das relações coletivas entre os homens. Ademais, descortina a produção social e histórica da sujeição ao problematizar as significações sociais imaginárias, o que, em sua teorização, daria uma nova reflexão ao estatuto da verdade para o sujeito humano. Castoriadis (2001; 2007; 2008) fornece um modelo sofisticado para refletir sobre as normas, crenças enfim o instituído na sociedade. Falta-nos, não obstante tudo isso, uma perspectiva mais empírica para estudos como o que estamos realizando.

Castells (1999) faz isso na medida em que estuda as identidades coletivas surgidas na sociedade atual. Da análise macro que tem a rede como referência, dirige a lente também às identidades coletivas para dizer que os movimentos sociais são redes que poderiam orquestrar uma sinfônica de resistência. Privilegiando o aspecto da informação e as tecnologias que a organizam, aparece como foco da resistência a questão dos códigos culturais que podem fornecer sentido para essa resistência. É uma discussão que também pode ser achada em Touraine que aponta transformações nos movimentos sociais que se articulam hoje em busca de direitos culturais. Este tem uma preocupação mais particularizada, no que concerne aos sujeitos sociais que encarnam as lutas sociais.

Esse é o nível, o do sujeito, que orienta uma perspectiva de resistência em Melucci (2004). O sujeito como elemento possível de uma descolonização dos aparelhos de poder, a partir de movimentos coletivos de contestação. Aliás, também é cara, para Foucault, a questão da verdade. O regime de verdade é de esquadrihar as práticas discursivas que compõem o trabalho da dominação. Nessa perspectiva há um trabalho complementar entre de um lado Foucault e de outro

Melucci (2004) e Certeau (2006) o primeiro investigando as capilaridades do poder e os dois últimos investindo sobre “redes submersas”, “redes de antidisciplina”, que produzem “antagonismos sociais” ou artes de fazer na cotidianidade.

O suporte teórico permitido por Certeau (2006), neste e no próximo capítulo, vem nos auxiliar a compreender as movimentações ordinárias, as práticas microbianas que são experimentadas a cada dia ao nível do vivido dos sujeitos juvenis da periferia de Natal. Aqui mantemos o estudo mais acurado de uma sociologia dos indivíduos tendo em vista os sujeitos sociais e a relação entre sujeição e autonomização.

Retomaremos essas diversas matrizes teóricas no item 3.3 com algumas questões empíricas que julgamos importantes para compreender a produção de novas subjetividades juvenis que estão em relação direta com o sentimento de abertura em relação a um projeto de autonomização em relação à sociedade em rede (CASTELLS, 1999) valendo-se justamente das estratégias de coligação em redes.

5.3.2 Redes juvenis regionais coligadas aos coletivos locais.

Listamos nesse item algumas redes juvenis nas quais os coletivos Posse Lelo Melodia e Jovens Construindo Sonhos se coligam. Descrevemos o surgimento do MOHNB e outras redes regionais, partindo da caracterização dada pelos jovens da Posse e complementadas por nossas próprias observações.

Iniciamos com uma rede importante para o coletivo Posse. Eliênio explica em um de seus textos como se deu a criação do MOHNB e a provocação para o GPS se articular em rede:

O MOHNB nasceu da articulação de Preto Ghóes que pertencia no Maranhão ao grupo Clã Nordestino. Conta-se que ele tinha um trabalho forte com a juventude. Infelizmente um acidente de carro tirou-lhe a vida no momento em que estava tendo uma visibilidade grande. Está presente em alguns estados como Acre, Pará, Maranhão, RN, Bahia e alguns outros. Como o ministério do governo Lula estava orquestrando ações envolvendo Juventude aproveitando, saiu o edital, e o MOHNB apresentou oito projetos dos pontos de cultura para ser efetivado em vários estados. Edital era do governo, e os grupos foram atrás. Há no Piauí uma escola abandonada que a Associação Piauiense de hip hop ensina hip hop. Precisavam entrar em uma instância nacional que era para ter uma maior força política, teve a presença dos racionais e teve oito estados participando. Então chamaram a associação do Piauí que já

tinha um reconhecimento até de prêmios nacionais. Formaram, a princípio, uma rede que deveria manter os princípios de ser uma rede autônoma com preocupação social e independência política. Aí Lamartine disse que tínhamos um potencial que estava desperdiçado, que podíamos ter um alcance maior para nossas ações que estariam muito limitadas em função da estrutura do fórum. Aí saímos e fomos para SP e RS para organizar essa rede. A entidade e sua organização é virtual, todo mundo se ajuda e compartilha recurso quando consegue aprovação. Daí nós nos transformamos em uma rede. (OLIVEIRA e SILVA, 2009 [p.27])

As “andanças” de Eliênio e do coletivo Posse na tessitura da rede de Hip Hop revelam a construção de uma organização que retroagem sobre as questões locais dos grupos de diferentes realidades locais. A unidade dos grupos transparece até mesmo na criação de um projeto comum. Tudo isso é possível em razão da forte identificação criada pelo hip hop:

Tivemos presentes na I Conferência de Juventude, em Brasília-DF, no Tênis Club, e durante a conferência, tiveram uns camaradas que reuniram a galera do Hip Hop e fizeram uma reunião para falar a respeito de uma articulação que estavam fazendo no nível nacional. Estavam tentando criar uma tal de Frente Nacional de Hip Hop, para ampliar o campo de atuação de uma organização de Hip Hop. Na conferência, ainda teve uma participação massa de Preto Ghoes em um seminário. Foi lá que o Rapper GOG – Genival de Oliveira Gonçalves pôde conhecer o Hip Hop Potiguar através de Edcelmo. Iniciamos um diálogo via E-mail com Preto Ghoes, que, na época, era um dos representantes do MHHOB – Movimento Hip Hop Organizado Brasileiro, e o mesmo nos convidou para participarmos de uma reunião nacional. Nessa reunião, iria participar um representante por estado, além de ser realizada em Porto Alegre – RS. Foram cinco dias de muito aprendizado. Foi lá que tivemos nosso primeiro contato com uma organização de Hip Hop em nível nacional, e lá se encontraram pessoas que considero ilustre no Hip Hop Nacional como: Lamartine Silva, DJ Juarez, Nando, e Preto Ghoes, do Grupo Clã Nordestino, de São Luiz do Maranhão, sendo que os dois últimos moravam em São Paulo. Dinho K2 do Enraizados no Rio de Janeiro, Fama do Hip Hop da Floresta em Rondônia, Adunias do Jornal Estação Hip Hop em São Paulo, Thadeu da Organização Estação da Arte, Mandrake do Portal Rap Nacional, Gil BV do Questão Ideológica em Terezina, DJ Murcegão de Belém do Pará, Lizie da Posse Nova República em João Pessoa, Saroba da Restinga em Porto Alegre, entre outros. Nessa reunião teve a participação de Mano Brown e Ace Blue do Racionais Mc's. Todas as pessoas citadas acima fazem Hip Hop em seus Estados de origem, desenvolvendo um trampo de resgate, mesmo, da auto-estima da juventude. É por isso que consideramos ilustres esses caras. Estavam todos e mais algumas pessoas reunidos em um só lugar para se discutirem estratégias de fortalecimento das

organizações envolvidas, e como iríamos nos articular e desenvolver ações juntos. Foi lá, onde fomos convidados para integrar essa articulação. De todos que estavam lá, tinha o mais risonho e alegre. Digamos que ele era o mais irreverente, mas, infelizmente, ele teve que nos deixar alguns meses depois, quando se envolveu em um acidente de carro e chegou a óbito.

Preto Ghóes era um dos caras que iniciou a idéia do MHHOB nas quebradas e o cara que nós da Posse consideramos a maior influência no Hip Hop Nacional de todos os tempos, mesmo tendo o conhecido pouco pessoalmente. Um grande guerreiro do Hip Hop e do povo pobre, que teve que nos deixar dando continuidade aos seus projetos sociais no MHHOB. Antes de morrer, estava concluindo o seu livro “A Sociedade do Código de Barras, O Mundo dos Mesmos”. Esse livro está pronto e disponível aos leitores através do site do Estação Hip Hop.

Antes de Preto Ghoes morrer, o MHHOB vinha-se pleiteando um edital do Ministério da Cultura: o projeto Fome de Livro na Quebrada, idealizado por ele e, logo após a sua morte, sai o resultado sobre o MHHOB, que teria sido contemplado com Oito pontos de cultura, sendo um, inclusive, destinado para nós, da Posse, administrarmos. Lamentamos muito o acontecido, mas continuamos de cabeça sempre erguida e não podemos parar de forma alguma, porque a periferia grita pedindo socorro; um grito que precisa ser escutado para podermos implementar as nossas políticas na transformação da sociedade.

Nos encontramos novamente no Fórum Social Mundial, em 2005, onde o MHHOB estava com uma programação massa, e nós ficamos no acampamento, no mesmo local que recebeu o nome de Cidade do Hip Hop. Conseguimos executar mais uma atividade idealizada por Preto Ghoes dentro do Fórum Social Mundial, que foi a realização do MHHOBmundi. Algumas atividades foram executadas em uma escola, e outras, num barco flutuante que reunia toda rapa do Hip Hop. E paralelo ao fórum, conseguimos realizar mais uma reunião do Encontro Nordestino de Hip Hop, que teve a primeira edição em Recife-PE.

Depois nós iríamos nos encontrar outras vezes em Terezina-PI, para fazermos uma capacitação e participarmos do Encontro de Conhecimentos Livres dos Pontos de Cultura do Brasil, lá na sede do Questão Ideológica. Os caras lá são do MHHOB, e têm uma Escola de Hip Hop, toda grafitada, com salas de aula, serigrafia, cozinha, secretaria, estúdio de gravação, alojamento, tele-centro com internet grátis, auditório e tudo mais. Pode se dizer que esse é o maior espaço físico de Hip Hop na América Latina! Foi lá onde conhecemos mais uma figura muito massa do Enraizados, o Dudu de Morro Agudo.

Tivemos um outro encontro em São Paulo, no TEIA, que era mais um evento, no qual reuniram-se vários pontos de cultura do Brasil e nós do MHHOB novamente. Em todos esses encontros, discutíamos a necessidade de se realizar um congresso, onde iríamos definir as questões mais burocráticas e operacionais da nossa organização nacional, mas em todos os encontros anteriores, ainda não tínhamos conseguido reunir todos os Estados, o que era uma necessidade. Até que um dia, conseguimos realizar o nosso Congresso em Rondônia, na sede do Pessoal do Hip Hop da Floresta, e encaminhamos nossas pendências burocráticas. Não é fácil, pois não se constrói

uma articulação desse nível em um curto período de tempo. Foram vários anos até concluirmos um pensamento coletivo e torná-lo real. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, p. [28-29])

A frase final de Eliênio chama-nos a atenção para o fato de que uma articulação em rede em nível nacional, mesmo em torno de uma identidade forte como o hip hop não ocorre sem a mediação de interesses. Importa conciliar a diversidade de singularidades ao nível individual e a diversidade de experiências grupais em âmbito local. Além disso, há um tempo para a “gestação da rede” que é tecida conjuntamente pelos diversos atores coletivos em suas atuações regionais. Nesse “tempo da rede” é forjado também laços de camaradagem, solidariedade e reciprocidade.

Passemos para outra rede juvenil bastante importante para a Posse, mas também para o coletivo Jovens Construindo Sonhos: O “Redes de Juventudes”.

O “Redes de Juventudes” foi concebido como uma proposta de criação de uma rede entre cerca de 25 projetos que realizam ações com jovens e estão sediados, em sua maioria, no nordeste do Brasil. O projeto surgiu em abril de 2002, como uma iniciativa da Fundação Kellogg para dar suporte aos projetos financiados. A coordenação do projeto estava sediada em Recife, na sede do The Save the Children Found. Tinha como objetivos iniciais: a) fomentar intercâmbio entre jovens e educadores dos projetos sociais da Kellogg; b) desencadear reflexões e definições sobre direitos do jovem e o modo como têm sido pautados na agenda pública; c) Reflexionar sobre formas de intervir nas políticas públicas em favor dos jovens. No website, há a informação que o princípio norteador da rede é “os jovens como sujeitos de direitos”. Listamos sua composição inicial abaixo:

- ▶ Bahia – Instituto da Juventude, Fórum Comunitário de Combate à Violência
- ▶ Ceará – Elo Amigo, Instituto Sertão, Programa Zumbi (Prefeitura Municipal de Aracati), CDI-CE
- ▶ Distrito Federal–ANDI
- ▶ Maranhão – Formação, Instituto Farina do Brasil (Prefeitura Municipal de Vargem Grande)
- ▶ Pará – Projeto Saúde e Alegria
- ▶ Paraguai – Casa de la Juventud

- ▶ Pernambuco – Academia de Desenvolvimento Social, Auçuba, CTC, Instituto Vida, Etapas, Equip, Fórum das Juventudes, Prêmio Fenead, Serta, CDI-PE, DACD/PCR
- ▶ Piauí – Obra Kolping, PPSJ
- ▶ Rio Grande do Norte – Engenho de Sonhos (e com seu término AJCS e Posse Lelo Melodia) e mais recentemente Canto Jovem.

Com o tempo o “Redes” tornou-se uma rede que agregava projetos que não “deram” certo, isto é uma vez encerrado o prazo de financiamento dos projetos, os mesmos não tinham alcançado o objetivo que se propuseram para o período. A seu turno, os jovens egressos dos projetos e ONG’s haviam se organizado em torno de uma nova proposta para dar continuidade a seus projetos pessoais e coletivos de “sustentabilidade”. O caso mais notável foi justamente o Engenho de Sonhos, em Natal, patrocinado pela Fundação Kellogg, e que potencializou ainda ativo a rede da Posse Lelo Melodia e dos Jovens Construindo Sonhos. Destaquemos ainda que o “Redes” congrega a Posse e os jovens construindo sonhos; desse modo, em algumas de suas ações ambos os coletivos estiveram presentes e trabalharam juntos. Por exemplo, no projeto de mapeamento de grupos juvenis em Natal, coordenado pelo Canto Jovem. Lembremos também que se trata de uma rede com suporte financeiro da Kellogg e que aprovava alguns recursos para um ou outro coletivo de nosso estado.

Sem dúvida, o Redes de Juventudes é uma rede juvenil que se presentifica na história da construção de ambos os coletivos. Mas a estratégia de articulação em rede realizada por ambos os coletivos é bem mais ampla.

Cabe aqui mencionar uma viagem de Edcelmo à Bahia para a organização de uma rede de “redes”. Por ocasião daquele evento foi possível visualizar outras articulações do grupo Posse. Edcelmo destaca que:

O redes de juventude tem como objetivo o intercâmbio entre os grupos. Trabalho de base que os grupos já possuem. O Redes do Nordeste é composto com pessoas que estão ligadas à pastoral e aos partidos (principalmente PT). É diferente porque tem partidos e discute a juventude em geral. Já o interredes é uma rede que tenta conectar redes para fazer coisas conjuntas. Fui para esse encontro lá em Itaparica entre 27 de abril e 1 de maio e foi difícil chegar a uma resposta convincente do que é que agregava tantas redes juntas. Encontro foi financiado pela Avina. (Informação oral. Edcelmo)

A AVINA foi fundada em 1994 pelo empresário suíço Stephan Schmidheiny que transmitiu a visão e os valores que conduzem a organização. É mantida por VIVA Trust, criado por Stephan Schmidheiny para promover o desenvolvimento sustentável por meio de alianças entre a empresa privada bem-sucedida e responsável e as organizações filantrópicas que fomentam a liderança e a criatividade.

De acordo com o relatório do evento, fornecido por Edcelmo, o *interredes* buscará redimensionar pautas em nível nacional, adequando-as à realidade nordestina. As quatro redes juvenis presentes ao encontro se comprometeram em práticas que deveriam nortear as articulações entre elas. Resumamos em quatro palavras que constam no documento: a) socializar (informação, experiência, métodos); b) solidariedade (“escuta ativa”, “companheirismo”); c) compromisso (direitos das juventudes); d) persistência (valores e atitudes com respeito à diversidade e “sociedade sustentável”); e) participação (diálogos em espaços comuns do Nordeste).

Finalizamos com uma rápida caracterização de outras redes mencionadas pelos jovens de ambos os coletivos. Elas, de modo direto ou indireto, compõem com nossos coletivos estudados. Comprovam o quanto as articulações e ações dos Jovens Construindo Sonhos ou Posse extrapolam o espaço geográfico de seus bairros. Em especial a “Redes de Jovens do Nordeste”, aprovou pequenos financiamentos para a Posse, como é o caso do projeto montado por Adriana, intitulado “Mulheres na ativa, atitude positiva”. Todas as redes listadas a seguir participaram do encontro interredes em que Edcelmo foi um dos articuladores.

❖ *Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade - Rejuma*

A REJUMA teve seu início no Encontro Nacional da Juventude Pelo Meio Ambiente, realizado em setembro de 2003 em Goiás. Por uma iniciativa do Ministério do Meio Ambiente, que reuniu os então chamados Conselhos Jovens de Meio Ambiente, criados em todos os estados, para a mobilização, organização e

articulação para a I Conferência Nacional de Meio Ambiente e a Conferência Nacional Infanto-Juvenil Pelo Meio Ambiente. Desde então a Rede tem se fortalecido, participado em espaços de discussão não prioritariamente sobre meio ambiente, mas também sobre políticas públicas de juventude. Hoje participam da Rede os conselhos jovens pelo meio ambiente (chamados de CJ), ONGs com trabalhos na área ambiental ou afins, redes de jovens, movimentos, grupos e outros.

❖ *Rede de Jovens do Nordeste*

A Rede de Jovens do Nordeste é uma articulação que trabalha no fortalecimento de grupos, organizações, entidades e movimentos juvenis. Conta com a participação direta de mais de trezentas organizações que militam pelos direitos da juventude. Surgida em 1998, sempre teve como principal ideal fortalecer o exercício do “protagonismo juvenil” dentro das lutas sociais compreendendo que “REDE” é um espaço de troca de experiências, debates, e proposições de políticas públicas para este segmento. E de construção do fazer formativo que supera as dimensões de bairro, cidade ou estado, além da busca da identidade da juventude nordestina.

❖ *Rede Sou de Atitude*

Nascida em 2005 por um incentivo de monitorar as políticas públicas e de proteção da criança e do adolescente a rede se encantou pelo mundo da juventude e passou a ter o objetivo de também monitorar as políticas públicas de juventude principalmente pela alta demanda por essa atuação política e social.

O que se evidencia nas descrições é o movimento dos grupos juvenis em busca de novas subjetivações. Dito de outra forma, fazer parte de redes juvenis em âmbito regional e nacional carrega para os coletivos Posse e Construindo Sonhos uma visibilidade maior, prestígio e suporte, não só financeiro, mas também logístico, administrativo, técnico. Também podemos incluir, no caso da relação Posse - MOHNB, nessa lista inspiração e estímulo para a consecução de suas ações, haja vista a admiração e o fascínio causado por Preto Ghoés e Lelo Melodia enquanto emblema de espécies “revolucionários modernos”.

As observações de Novaes (2007) incidem sobre a importância das redes juvenis dentro da experiência do CONJUV (Conselho de Juventude -CONJUV tem caráter consultivo e sua finalidade é formular e propor diretrizes da ação governamental voltada à promoção de políticas públicas para a juventude, e fomentar estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica juvenil. Foi criado para propor diretrizes para a política nacional de Juventude do Governo Lula):

Na literatura especializada, as redes têm sido vistas como novo lugar para a reinvenção da política, um expediente organizacional fundamental nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, os movimentos culturais ganharam visibilidade nas articulações emergentes. Redes e movimentos culturais tem interferido positivamente na configuração de um campo de debate e de ação sobre políticas públicas de juventude. Neste âmbito, existem tanto atores voltados diretamente para questões juvenis, em organizações/redes exclusivas, quanto setores juvenis que se afirmam no âmbito de organizações mais abrangentes. Com características diversas cada qual encontrou meios de fazer suas consultas e designar conselheiros e conselheiras.

Entre as especializadas destaca-se a Organização Brasileira de Juventude (OBJ) que é uma associação que se tem dedicado à formação de jovens parlamentares e gestores. Já a Rede Nacional de Organizações de Juventude (Renaju) é bem mais recente, mas também é voltada exclusivamente para o tema juventude. Outras redes combinam critérios de identidades regionais, temas e ações afirmativas, a saber: Rede de Jovens do Nordeste; o Setor Juventude do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA); a Rede de Juventude pelo Meio Ambiente (Rejuma); a Rede Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos em seu segmento jovem.

O associativismo foi reconhecido tanto pelo interesse em participar expresso pelo setor jovem da União dos Escoteiros, que este ano completa 100 anos no Brasil, quanto por meio dos recentes esforços de organização nacional de vários grupos do emergente movimento hip hop. Para o Movimento Hip Hop foram reservadas duas cadeiras e o convite suscitou negociações entre várias organizações, ficando: Frente Brasileira de Hip Hop, Movimento Organizado Hip Hop do Brasil (MOHHB) e a Nação Hip Hop na condição de suplente. (grifos nossos)

Note-se que há menção há várias redes juvenis aqui citadas. Em particular a menção ao esforço de articulação nacional do movimento hip hop no mesmo momento em que outras redes juvenis e setores juvenis de organizações estavam se organizando dentro do novo cenário nacional. A inserção do hip hop e o MOHHB, em particular, dão-nos a idéia de que a articulação em redes e a participação em

conselhos como o CONJUV anunciam necessidades de representatividade, visibilidade e aproximação com setores do Governo.

Preocupados com várias questões que incidem diretamente na sua produção de Si e na sobrevivência no mundo atual, os coletivos como a Posse participam de redes que se engajam em um espectro variado de ações. A adesão a essas redes pode ser ou não por convicções ideológicas definidas. Acima de tudo, está a preocupação com o “local”. Em termos pragmáticos, com as condições materiais de vida que gostariam, deveriam e poderiam ter. Nesse sentido, a coligação em redes juvenis, cria novos “dispositivos” reivindicatórios para as necessidades das muitos coletivos que se inscrevem dentro da temática “das juventudes”.

Também o fenômeno da articulação entre redes regionais juvenis parece ser um esforço atual de fortalecimento mútuo, consolidação do escopo de ações das redes e expressão política. Principalmente de *composição* (no sentido dado no primeiro capítulo) em que se delineiam níveis de inserção ao mesmo tempo em que permanecem excluídos de tantos outros processos decisórios ou mesmo consultivos na sociedade.

Ressalve-se que essas articulações não se dão de modo tão afinado tendo em vista a natureza de suas atuações e a diversidade de propostas. Cabe a seguinte análise de Edcelmo sobre o assunto:

Penso que hoje falta para o Redes e Juventudes executar uma proposta enquanto rede mesmo, antes nós éramos projeto e muitas redes hoje são projetos apenas. Quero dizer, elas tem um coordenador. Penso que não deve ser assim. No Redes Juventudes temos um sistematizador, uma pessoa que é o administrador e um contador. São técnicos contratados. Essas pessoas não tem força política dentro da rede. Todas as decisões fomos nós que tomamos. As ações foram construídas coletivamente. Tem rubrica de fundo de apoio como estratégia de fortalecimento dos grupos que compõem a rede. Isso é um desafio que vamos enfrentar. Já o MOHNB é outra rede que participamos. Movimento Organizado Hip Hop Brasileiro. É uma rede nacional e descentralizada. O MOHNB tem uma identidade mais forte porque todo mundo faz a mesma coisa que o trabalho com Hip Hop. Tem experiências em todo o Brasil como é nosso caso aqui. O MOHNB trabalha tentando fortalecer o campo “ideológico” das ações. Através do MOHNB a gente tem uma cadeira no conselho nacional de juventude, por exemplo. É uma forma diferente de fazer política porque a gente pega diretamente o sujeito e discute com ele a formação humana, tem a preocupação com ele diretamente. (Informação oral. Edcelmo).

Daí o desafio da intersecção, da busca do comum. Note-se que a observação precedente foi realizada por um jovem que através do seu coletivo local, a Posse, participa de ambas as redes, delas recebendo contribuições diferenciadas e por elas canalizando recursos simbólicos e materiais para a “sua quebrada”.

Uma última observação que se depreende das redes nas quais se coligam ambos os coletivos. Ao nos debruçarmos sobre as pautas das redes, parece estar havendo um deslocamento das reivindicações de “direitos de cidadania” para o de “direitos culturais” (expressão de Touraine) principalmente quando da articulação dos grupos juvenis em redes regionais ou nacionais. Discutiremos esse ponto no item 5.4.3.

5.3.3 Redes e emergências de novas subjetivações

Castells, Touraine e Castoriadis: redes, códigos e malha simbólica na emergência de sujeitos e na busca de subjetivações singulares.

Lembremos que para Castells (1999) o terceiro processo de construção de identidades coletivas, a identidade de projeto é que realmente projeta o sujeito social. O sujeito emerge a partir de um processo de lutas, com base em uma identidade oprimida que se expande em direção à transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade. Daí que inspirado em Alain Touraine afirma que sujeitos são mais que indivíduos, são o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem a integralidade de seu significado existencial. Para deixar claro essa afirmação, exemplifica com Touraine o que entende por sujeito:

Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo um conjunto de experiências da vida individual [...] A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades e a dos indivíduos contra o mercado. (CASTELLS, 1999, p. 26)

A hipótese de Castells (1999) é que a constituição de sujeitos na atualidade é diversa da modernidade em seus primeiros tempos. Enquanto na modernidade a identidade de projeto era constituída a partir da sociedade civil (como exemplo no socialismo, tendo por base o movimento trabalhista), na sociedade em rede, a

identidade de projeto, enquanto possibilidade, seria originada somente enquanto prolongamento da resistência comunal.

Dentro da formulação da sociedade em rede seria possível entender enquanto identidades coletivas nossos grupos juvenis e as redes nas quais estão articulados? Estaríamos diante de identidades juvenis “periféricas”? Seriam elas produtoras de códigos culturais através do hip hop, da capoeira e outras expressões artísticas e folclóricas?

Antes de responder à questão é preciso situar a questão do poder nesse novo reordenamento global para Castells (1999). O poder, em uma sociedade em rede, se transforma sendo igualmente capaz de disciplinar corpos e silenciar mentes, mas até aí não haveria mudanças em relação aos períodos anteriores de estruturação do capitalismo. A diferença reside agora nos códigos que circulam no fluxo informacional a partir dos novos arranjos sociais. Resumindo, dá-se na sociedade em rede uma batalha pelos códigos culturais na sociedade que modulam as expressões da subjetividade, levando Castells a afirmar que o poder está na mente das pessoas.

Nesse contexto, na teorização de Castells, as identidades são importantes porquanto constroem interesses, valores e projetos com base na experiência. Podem organizar sua resistência ao poder justamente no âmbito da luta informacional pelos códigos culturais que constroem comportamentos e instituições.

Trata-se, aqui, de redes que possam muito mais que compartilhar informação e organizar atividades. Estas redes, que seriam o modo de organização dos novos movimentos sociais como os movimentos feministas, seriam as verdadeiras redes de mudança social por introduzirem de modo sutil, descentralizado novos símbolos culturais e novos projetos de identidade.

Esse o desafio posto para as redes juvenis. Em particular, as redes surgidas a partir da articulação de grupos defrontados com o estado de ausência de políticas sociais e com a “penalização da pobreza” que assistimos nos dias de hoje, em particular na sociedade brasileira.

Poderiam os grupos juvenis na sua luta cotidiana serem capazes de criar novos códigos culturais? De manipular os símbolos dispostos no fluxo informacional da sociedade em rede? Difundir projetos de identidade?

São questões que permanecem em aberto. As evidências apontadas até aqui é que se trata de uma articulação estratégica o fato da Posse ou do AJCS

conseguirem espaços em rádios cuja audiência é composta por jovens e outros sujeitos sociais diferentes daqueles que possuem a sua mesma condição econômica. Na Internet difundirem no Orkut além de suas ações e projetos sociais, suas fotos pessoais “misturando” a sua imagem a de outros jovens socialmente aceitos. Parece-nos que ao tentarem manipular o estigma que associa jovem pobre a marginal, seria possível a introdução de uma nova “imagem de si” dos jovens das periferias urbanas como as que já estão sendo postas em circulação em programas da mídia (“Antônia”, etc.). Seria isso uma contribuição para uma mudança das representações da juventude pobre no país?

Para pensar a difusão de novos códigos culturais e neles novas representações da juventude pobre, tomemos outro exemplo: o mangue. A idéia de mangue é portadora de uma imagem simbólica interessante. Comumente encontraremos no imaginário social o mangue associado ao lixo, pobreza, sujeira. Seria muito difícil dessa perspectiva tirar algum tipo de representação protestatária, reivindicatória. Entretanto, do ponto de vista da Ecologia, trata-se de ecossistema, característico de regiões tropicais, parte final de rios, transição entre terra e mar, contendo água salobra e lama, cujas características são fontes de alimento para uma variedade de algas, crustáceos, peixes e moluscos. Tendo em vista o movimento sazonal da maré, há a vinda dos peixes para o mangue desovar e alimentar-se de detritos vegetais, na alta maré ou o retorno destes ao mar na baixa maré juntamente com as águas ricas em nutrientes do mangue.

Do ponto de vista de uma “ecologia social”, os jovens da periferia operam dentro de um movimento bascular, no qual a “sociedade em rede” traz-lhes aportes da tecnologia de informação, das oportunidades abertas pelas teias de relacionamentos promovidas pelas organizações não governamentais e posteriormente buscam, no fluxo inverso, utilizar da sua “lama” que é a *sucata* nos termos de Certeau (2007) para difundirem estilos, músicas, comportamentos que de certa forma vai se incorporar a um modo de ser jovem na sociedade. É possível, como aponta Araújo (2002), ver como jovens da classe média de Recife “imitam” o estilo e o visual dos jovens “mangueboys”. É possível, em nosso trabalho ver como o orkut “apaga” as fronteiras entre os jovens da Posse e Construindo Sonhos e os outros “mais bem colocados” socialmente.

No entanto, alertamos, esse “embaralhamento” da realidade social cotidiana dá-se apenas de modo temporário e fugidio, possibilitando um transitar muito

efêmero entre referências culturais e sociais distintas. Não configura um projeto político. Mas torna visível a riqueza presente na “sucata”, no “mangue” da periferia. O que em si, para seus moradores já permite identificar novos elementos simbólicos de referência além das desqualificações que lhes são imputadas socialmente.

Tomemos ainda, em nível local, o exemplo do elemento X (grupo de RAP juvenil) que se apresenta na cidade dentro de um espetáculo musical nos teatros da cidade. Um tempo atrás a “arte periférica” desse grupo estaria confinada aos bairros da zona oeste, apresentações em escolas públicas ou eventos artísticos do bairro. O convite para se apresentarem dentro de um musical juvenil no teatro de cultura popular da cidade seria improvável. No entanto, o musical apresenta a diversidade de expressões de música e dança e faz coexistir junto com o tango (uma dança que simboliza distinção) o rap. O elenco da peça apóia-se em termos musicais fortemente no street dance (dança de rua que surge nos bairros periféricos dos USA). Com esse exemplo, estamos afirmando que uma ‘arte marginal’ vem se tornando cada vez mais uma ‘arte popular’, sendo apropriada por outros segmentos juvenis da sociedade, sem que com isso haja necessariamente uma adesão a um novo projeto social para a juventude brasileira.

E o que pensar então da produção conjunta entre estudantes e professores universitários e moradores de favela de cinematografia? No Rio de Janeiro o III Cinecufa reuniu 121 trabalhos exibidos no Centro Cultural Banco do Brasil, abrindo inclusive espaço para curtas de outros países (Itália, Cuba, França, USA).

Outro exemplo dessa “invasão” é no orkut. Vemos PP mandando *scrapps* (recados postados em páginas pessoais), informando de apresentações de DJ Muamba, que não é outro senão Edcelmo. Eles estão agendando apresentações do DJ que mistura Racionais MC’s, Família (grupo hip hop Brasília) com músicas populares, fazem interpolações e sobreposições (mixagem) de cânones líricos com Pavarotti e ídolos pop como “Spice Girls”. Edcelmo -“Muamba” ao ser convidado para apresentações em *Pubs* (bares) e boates da zona sul da cidade, vive o paradoxo de ser o centro da atração em um espaço que não poderia entrar se não fosse através do hip hop.

Na esteira das transformações sociais que produzem uma nova morfologia social, os coletivos juvenis na contemporaneidade deparam-se com oportunidades novas em relação aos jovens da sociedade industrial. O que isso pode significar? Que a sociedade em rede aponta além de óbices, brechas que permitem vislumbrar

saídas para a sobrevivência(ou sobrevida conforme TAKEUTI, 2007) dos jovens de projeto. Contudo, tais saídas distanciam-se dos caminhos formais ou “normais” socialmente estabelecidos. Elas exigem inventividade dos jovens e um senso de oportunidade. É preciso desenvolver astúcias para saber aproveitar “as brechas”. Igualmente é preciso desenvolver certas competências sociais (no sentido de Bourdieu). Mas, a conjuntura que propicia na organização em rede da sociedade contemporânea a existência de ‘brechas’ se configuram como instáveis e que não lhes gera a menor segurança quanto ao porvir. Lançam-nos em novas perspectivas que se revestem de interrogações e incertezas permanentemente.

No que tange à questão do trabalho, por exemplo, a sociedade em rede demanda cada vez mais um nível específico de qualificação (áreas de saber novas até em profissões tradicionais como medicina, engenharia, e direito, por exemplo) conjugada a um conhecimento genérico (línguas, cultura geral, etc.) para desempenho de suas funções. Tais exigências aumentam ainda mais o fosso a separar os jovens privilegiados em termos de acesso à essa qualificação dos moradores de bairros como Guarapes, que raros terão a oportunidade de fazer nível superior e a maioria engrossa o número de 8 milhões de jovens desempregados no Brasil. Por outro lado, as saídas apontadas por grupos como a posse e jovens construindo sonhos tentam o enfrentamento a essa realidade desanimadora no cenário atual: cobrem aspectos que vão desde práticas em economia solidária, a economia informal, o trabalho no terceiro setor, o trabalho com arte e cultura via projetos ou pequenas oficinas para citar alguns.

Assistimos em Guarapes ao processo de produção de CD's de RAP por parte dos jovens da Posse. O material será revertido para um site no qual estão tentando um patrocinador. A cada vez que o usuário clicar na música e “baixá-la” gratuitamente, a posse ganha um real. Desse modo, eles tencionam driblar a exclusão do mercado fonográfico. O que acabamos de descrever é uma astúcia do coletivo Posse, uma arte de fazer que se serve de brechas, que subtrai ao forte (no caso o mercado fonográfico), oportunidades para compor outras possibilidades de se colocar no mundo.

Nesse movimento de sobrevivência que também é uma ‘arte de contorno’, podem estar sendo gestados caminhos não só para o enfrentamento das condições materiais de vida, mas também para o enfrentamento das dificuldades impostas ao nível simbólico individual e coletivamente. Muito mais que organizar atividades e

compartilhar informações, talvez grupos como a Posse poderiam, na aposta feita por Castells(1999) para as *identidades de projeto* produzir e distribuir códigos culturais, pela multiplicidade dos intercâmbios e interações que são conduzidos de modo acéfalo, sutil, descentralizado e multiforme.

Com isso, queremos crer que os jovens pertencentes a coletivos juvenis, como a Posse Lelo Melodia e os Jovens Construindo Sonhos, perceberam que as conexões em redes sociais podem lhes abrir um campo maior de relações. Seria possível entrever possíveis caminhos para reinvenção de si e dos grupos que fazem parte. Talvez, não haja clareza em nível grupal ou individual acerca do destino final dessas veredas que estão percorrendo, mas pelo menos intuitivamente eles apostam nessa idéia. Apropriar-se das ferramentas existentes no campo da comunicação virtual (o que inclui também a apropriação de todo um *modus vivendi* da virtualidade, como o Orkut e o MSN) parece ter sido estratégico no tocante ao acesso a informações improváveis pelos meios tradicionais. Torna-se possível intercambiar experiências, *know-how*, acessar oportunidades como editais para financiamento e concorrer a prêmios. Pode-se, ainda, descobrir que há tantos outros iguais, em outras partes do país e do mundo, tentando perfurar os obstáculos convencionais por caminhos inventivos, bastante distintos daquilo que a sociedade propõe geralmente aos jovens com baixo nível de escolarização, fadados a ocupar os postos mais subalternos da sociedade.

No entanto, autores como Touraine (2003) não param aí. Acreditam que se não estamos mais numa sociedade industrial centrada nos conflitos no mundo do trabalho; por outro lado, hoje, a sociedade não se reduz a apenas a um conjunto de mercados, a ações estratégicas racionais ou a busca do prazer. Mais do que isso, desenha-se uma nova arena de lutas que se centra mais na diversidade do que na unidade, mais na liberdade do que na participação, ancorando-se mais na cultura do que na economia. A ação coletiva, afirma Touraine (2003), está mais voltada para um “esforço de subjetivação coletiva”. Dito de outra forma: Ações coletivas como o movimento das mulheres, ou como temos visto dos jovens das periferias, evidenciam novas modalidades de fabricação de si. Estariam em curso novas formas de produção pessoal. A subjetividade se definiria em relação a uma ação coletiva e é inseparável de um conflito social de relações de poder. O que Touraine (1997; 2003) chama atenção, e que Melucci (2003), entre outros, corrobora, referindo-se ao movimento dos jovens, é que as mudanças nos sujeitos coletivos

podem ser mais bem percebidas nas biografias individuais e grupais que nas sociografias de extratos e classe.

O que isso quer dizer na realidade que pesquisamos? Os grupos juvenis da Posse e da AJCS parecem estar mais centrados em si mesmos do que em uma mobilização para um levante coletivo. Esse centramento em si é um esforço pela sobrevivência do coletivo, centramento que em nome dessa mesma sobrevivência não se fecha em isolamento comunal. Ao contrário, torna-se capital esmerar-se num estratagema de organização em rede, de conexão a um espaço de fluxo que lhes possam render dividendos mesmo que não objetiváveis a princípio (contatos, amizades, treinamentos, tecnologia de comunicação, visibilidade em fóruns e organizações sociais).

Para demonstrar a assertiva anterior, do centramento em torno de si com vistas a uma estratégia de organização em rede, elencamos alguns exemplos a seguir:

Inicialmente, visibilidade: manter membros em ongs mesmo que se tenha uma relação desgastada com elas. É uma estratégia adotada pelos jovens construindo sonhos. Mesmo havendo discordância entre parte do grupo e uma ONG em atuação no Bairro de Felipe Camarão, para Naldo era importante ter membros da associação nas ações daquela ONG, porque ampliaria a visibilidade dos jovens construindo sonhos. Além disso, cultivam o contato com polícia e políticos por mais que estejam distanciados, dos ideários que eles carregam. Visibilidade também é o que busca a Posse utilizando a estratégia de disseminar alguns de seus clipes no site de relacionamentos Orkut.

Sobre tecnologia: há uma avidez em aprender a usar as ferramentas da informática. Naldo agregou aos Jovens Construindo Sonhos jovens com habilidades de construir sites. Todos possuem Orkut e falam pelo MSN (programa de comunicação *on line*), uma forma barata de comunicação (desde que tenham acesso a computadores com internet), já que o celular demanda o pagamento de contas. Do mesmo modo, a Posse Lelo Melodia teve como um dos primeiros projetos, o ponto de cultura que lhes forneceu internet via satélite. Além disso, jovens como Amaury movidos por uma “necessidade de sobrevivência”, foram aproveitando oportunidades para aprenderem eles próprios a montar e desmontar computadores, a manusearem programas de ilha de edição, entre outros.

Sobre contatos e amizades: cultivar relações com pessoas e grupos que fizeram parte do Fórum Engenho de Sonhos fazia parte, ao menos de maneira mais ou menos sistematizada, das estratégias dos jovens construindo sonhos. Foi através do mandato popular de um vereador do PT, que Naldo conseguiu que o advogado do político legalizasse os Jovens Construindo Sonhos. Mantendo contato com uma ex-diretora de uma escola de bairro da Cidade da Esperança, conseguiram, mediante a intermediação dela, transportar a sede da Associação de Felipe Camarão para a Cidade da Esperança. Saíram da igreja para um centro cultural, ganhando em espaço, estabelecendo uma sede desvinculada de credo religioso e num local estratégico para as futuras pretensões dos jovens.

Uma vez mais, os exemplos acima fortalecem não só o argumento de um centramento cuja marca maior é o não-fechamento do grupo, promovendo um movimento de conexão com pessoas, grupos e instituições; mas também o argumento demonstra a hipótese de que os jovens construindo sonhos e a Posse empreendem ações “astuciosas”, aproveitando certas ocasiões: conjunturas de ‘conhecimentos’, usos da tecnologia, competências sociais que se tornam valorizadas. Ou seja, as maneiras de agir são táticas no sentido de Certeau (2007). Os jovens se reapropriam de suas condições de determinação social. Essa reapropriação também se dá na dimensão subjetiva de suas existências, criando uma estima de si atrelada a uma representação positiva do lugar onde vivem; propiciando ainda novas modalidades de relação consigo, com o grupo e com a sociedade em geral. Aonde poderíamos enxergar apenas obediência e resignação, encontra-se concomitantemente e também paradoxalmente, inventividades na forma de agir, no aproveitamento da ocasião, na liberdade gazeteira. Voltaremos a isso no próximo capítulo.

Como a discussão de redes pode ser apreendida na temática de Castoriadis? Retomando a pergunta levantada com Castells, como seria possível a disseminação de novos códigos e símbolos culturais acerca da juventude na sociedade em que vivemos? Como difundir projetos de novas subjetividades? Em primeiro lugar é necessário que possamos discuti-la a partir de outras noções que são as ferramentas conceituais do autor: a instituição, o simbólico e o imaginário. O simbólico é indissociável do mundo social-histórico. Pode-se objetar que os atos reais individuais e coletivos não são simbolismos (guerra, trabalho, consumo, por

exemplo). No entanto, são impossíveis fora de uma rede simbólica (CASTORIADIS, 1982).

O ponto de contato entre os dois autores: apontam a importância de lutas de elucidação e reapropriação no âmbito dos significados sociais que são disseminados na sociedade. Castells aponta a necessidade de apropriação e produção dos códigos culturais que circulam na sociedade em rede como importante fonte de produção de identidades e projeto. Castoriadis (2006) remete a auto-instituição da sociedade através da capacidade de criar tanto instituições novas quanto um novo tipo de relação da sociedade com suas instituições. Nesse processo, ao traduzirem as aspirações das pessoas à autonomia, os grupos e movimentos também instituem novas significações sociais para a sociedade.

É possível inspirar-se em sua proposição de tornar efetiva a elucidação das significações sociais imaginárias vigentes na sociedade quanto também da luta por instituir novas significações sociais (CASTORIADIS, 2007). Sua reflexão aponta uma necessidade de trabalhar a capacidade de criação em âmbito coletivo: perceber-se dentro de uma malha de significações que é o simbólico nos quais as instituições se produzem (CASTORIADIS, 1982). Tornar evidente o fato da instituição da sociedade como uma construção social-histórica. As significações sociais imaginárias são estabelecidas por convenção social e essas convenções precisam se inserir em uma agenda pública de discussão.

Tais questões escapam nas formulações de políticas públicas. Apesar das observações de muitos pesquisadores (Novaes; Abramo; Sposito; Abramovay) ainda se considera juventude como um termo no singular reduzindo muito a compreensão analítica dos fatores diversos que atravessam esse campo e produzem matizes diferenciadas como as que queremos evidenciar aqui.

É preciso reconsiderar, neste ponto, que atrelados ao tema “juventudes” estão significações diversas, muitas vezes antagônicas, capazes de lançar afetos e crenças, reflexões e condutas dos sujeitos jovens tanto na permanência na heteronomia quanto no desejo de uma vida o mais autonomizada possível em relação ao sentimento de vergonha, por exemplo. Vergonha de ser pobre, de fazer “trabalhos menores”, de situar-se numa condição inferior de “explorável”, “convertível”. Guardemos, à guisa de reflexão, a narrativa a seguir de um momento da infância de PP que retiramos de seu texto que antecede o quarto capítulo.

Enquanto o pai trabalhava em uma empresa de vigilância, aproveitava os fins de semana para negociar passarinho nas feiras livres. Como ia com ele, percebia que muitos meninos ganhavam trocados com fretes. Fez um carrinho para si e também foi trabalhar pegando frete na feira. Fez isso até fazer 15 anos. Diz que nessa idade as meninas começam a reparar nos rapazes, surge um sentimento de vergonha e o negócio começa a “desandar”. Começou a vender água, mas, certa feita, ao se deparar com a professora da escola, também sentiu vergonha e largou. (Depoimento oral, Pedro Paulo, Posse)

As ações coletivas aparecem como modo de também sentirem o espaço aberto para a reconstrução de suas vidas em meio à precariedade de suas existências sociais.

Em 10 anos reduzimos a mortalidade precoce da juventude. Isso se deve ao monitoramento que fazemos da juventude. Transitamos com o pessoal do tráfico, do crime e da escola. Tentamos mediar as zonas de conflito no bairro. Estabelecemos relação com aquele grupo, o pessoal do tráfico que é uma forma de organização juvenil, uma rede; para que possam continuar ganhando seu dinheiro, mas na paz aqui conosco. Temos para fazer isso uma política de redução de danos e para isso estamos colados com a realidade, muito próximos do dono do mercadinho, dos evangélicos, do traficante e do consumidor, das pessoas de pensamento tradicional. Que não entendem nosso trabalho. Como escola, posto, igreja, conselho comunitário. (Depoimento oral, Edcelmo, Posse)

Retomamos em Castoriadis as idéias em torno da significação social da democracia. Nela deve-se reconhecer a tensão entre prudência (*phronesia*) e excesso (*hubris*), o que nos remete a necessidade de autolimitação da sociedade. O projeto político de autonomia social, não pode se fazer sem um exercício imprescindível de autolimitação, o que sem isso se recai na barbárie. (CASTORIADIS, 2007).

Na emergência de uma nova subjetividade, é preciso que os coletivos juvenis possam se armar de prudência, uma vez que através de suas ações buscam se constituir enquanto ‘atores políticos’. De uma “micro-política” do cotidiano. Tentam uma gestão de equilíbrio, ou melhor, de conflitos que já estão postos na cotidianidade de suas existências sociais:

Sabemos que temos uma bomba que está para explodir que é o próximo passo geracional. A nossa geração, nós fomos juntando um grupo e sem apoio fomos conseguindo ajudar um monte de gente. Daqui a pouco quando morrer um morrerá centenas. 10 anos atrás cresceu uma geração sem emprego, sem perspectivas como Júnior Carço (a juventude ao redor dele morreu) uma outra que estava crescendo como eu e tinha ele como modelo, foi captado pelo Hip Hop. Eu tenho 21 anos. Daqui a pouco tem um grupo que não acesso ao trabalho. Há muitos jovens que só esperam esses momentos. Eles não têm perspectivas, não tem oportunidades e estão á margem. Só ainda não estourou a bomba porque nós fazemos um meio de campo. Estamos juntos desse pessoal. Fazendo uma conversa, dizendo que “tu vai se foder, acabar com tua vida.” A gente faz um papel que de alguém que não se é, mas tem que fazer, tocar no sentimento. Quando houver um choque entre grupos rivais, com a mortalidade de um jovem, aí começa. Papel da rede é essa de ficar junto. (Depoimento oral. Edcelmo)

Prudência como contraposição a uma sociedade que “pode tudo”, que se emiscui do trabalho do reconhecimento do eu. Uma produção da subjetividade que se inscreve em projetos de autonomização em relação aos conflitos relacionais que renegam a alteridade, e se convertem em delírios de expansão ilimitada. Exceder-se atravessa as subjetividades que se vêem permeadas pelas mesmas conflitualidades que grassam na sociedade como um todo, obstacularizando a emergência de atitudes de confrontação coletiva dos dispositivos de sujeição social.

Problemas internos que causou uma crise institucional: Fazer em benefício próprio. Teve um camarada nosso; que não teve o senso do coletivo. Nós cavamos espaço na Petrobras e ele não deu retorno, e ia para governo federal projeto de grafite nas escolas do bairro. Grafites de 3 mil a 4 mil reais, não dava retorno nem a posse, nem aos meninos que pagou uma mixaria. Fizemos várias reuniões e pensamos até em subdividir a posse. Discutimos o que cabia e o que não. Não cabe divisão de bens, falta de ética. E tem que ver a responsabilidade perante o grupo (informação oral. Edcelmo).

A idéia de *respondeo*, ou seja, responsabilidade que se dá no agir público, conforme anunciada em Castoriadis (2007) está presente no balanço de ações da Posse ante as significações sociais que atravessam o bairro. Não queremos dizer que com isso as significações sociais mortíferas foram banidas. Reafirmamos apenas que o coletivo Posse não se furta ao trabalho de ação coletiva abraçando a

responsabilização, um agir voluntário em nome de um projeto de autonomia ainda genérico, como contraponto da heteronomia que grassa em atitudes coletivas (não somente dos jovens em geral!) de “conformismo generalizado” , de uma sociedade que “apenas se suporta”, de sujeitos que constroem suas vidas através de “colagens”(CASTORIADIS, 2002). Responsabilização como engajamento que ao nível das ações da Posse, torna evidente os efeitos políticos de suas manifestações culturais.

Encerramos, esta seção, na ótica de Castoriadis reafirmando que sim, se abre para os grupos juvenis um campo de lutas em torno de significações sociais imaginárias. Tratam-se de lutas de elucidação e reapropriação dos significados sociais que se disseminam na sociedade. Eles não se furtam a essa batalha conforme declara Edcelmo: “Nós trabalhamos muito aqui em Guarapes para mudar a imagem do bairro. Pode ver que hoje já não há uma carga tão intensa na mídia associando o bairro com violência” (Depoimento oral, Edcelmo - Posse Lelo Melodia).

MATRIZ FOUCAUDIANA: REDES JUVENIS ENTRE DISCIPLINARIZAÇÃO E RESISTÊNCIA.

Aqui vamos focar teóricos muito específicos: Negri, Melucci e Certeau. No entanto, a pergunta que nos inquieta é: os coletivos da Posse Lelo Melodia e Construindo Sonhos estão mais propensos a que tipo de produção de subjetividade? Em que as redes regionais nas quais se conectam favorecem produzir sujeitos “políticos”?

O cotidiano dos jovens na Zona Oeste de Natal é um deserto árido. Buscar a reinvenção da subjetividade naqueles espaços é uma tarefa árdua, para dizer o mínimo. Basta lembrar a pluralidade de perdas em suas vidas: morte de membros da família, perda de amigos próximos, perda do espaço de moradia, perda da saúde ou perda de meios de sobrevivência, etc. Isso sem mencionar como expressamos no segundo capítulo outras “espécies” de perdas: da infância, de um projeto de vida, da integridade corporal, estima de si. Estamos tratando de formas de sobreviver num espaço social que, sequer comporta a sua existência social. Mesmo a escola não escapa dessa análise, haja vista relatos como o de Eliênio a seguir:

Não entendemos porque a maioria dos nossos jovens não estava na escola e os que estavam não terminavam o ano letivo. E nós não poderíamos excluir eles por isso, nossa proposta é agregar quem quiser participar seja viciado em drogas, meninos e meninas de rua, prostituta, deficiente, estudante, menores infratores, ou seja, todos os que não encontram lugar na sociedade.

Depois de muitas discussões, conseguimos compreender e entender que a vacância nas escolas era culpa da própria escola que não tinha uma metodologia educacional que atraísse e segurasse os alunos até o fim do ano letivo. Então como iríamos excluir quem não conseguia ficar na escola? Não poderíamos fazer isso.

Vários grupos ou organizações juvenis criam uma regra que só participa quem estiver estudando, como é o caso de grupo de escoteiros, escolas militares, grupos cristãos ou religiosos, escolinha de futebol, grupos de dança, algumas ONGs, Programas de governo e vários outros por aí. Não podemos, de forma alguma, ter essa regra no nosso meio, porque senão quem iria agregar esses caras que não estão na escola? Lógico que nós incentivávamos eles a irem para a escola, mas infelizmente eles vão e depois se afastam aos poucos. E mais uma vez eu repito: é melhor que eles estejam com a gente ensaiando e se apresentando do que na rua vulneráveis a qualquer situação e a mercê do mundo do crime. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p.33]).

O exemplo dado acima por Eliênio, ilustra em Foucault muito do que queremos referenciar ao campo de suas teorizações. Em primeiro lugar, digamos que o processo de subjetivação ocorre em um pólo de tensão entre sujeição e emancipação. A subjetividade em Foucault define-se por uma ação coletiva que é afirmativa. Isto é, de estruturação de um projeto político de emancipação de si a partir, em nosso caso mais específico, de projetos sociais. A subjetivação se define em uma ação coletiva e diz respeito a um projeto de governo⁷⁰. Governar-se é preocupar-se com a dimensão política na qual nos situamos.

Nessa acepção, sua análise incide em problematizar o tipo de individualização ao qual o sujeito se liga, recusando-o e promovendo novas formas de subjetividades não agenciadas pelo poder e novas modalidades de relacionamentos plurais, singulares e horizontais.

Um programa faz-nos pensar o quanto os jovens de projeto encontram-se, em muitos casos, agenciados pelos dispositivos capilares do poder. Basta pensar que

70 Situemos o leitor que nossas considerações estão pautadas em "História da Sexualidade", de Foucault.

os projetos sociais orientam-se segundo uma prática pedagógica que exercita a docilização dos corpos dos “jovens de projeto”. Diferentemente dos *odiosos* “meninos de rua”, estes seriam os alvos privilegiados dos mecanismos que operam na produção de dominação social. São eles os alvos da conversão transformando sujeitos em indivíduos atentos e em integrados nas redes juvenis que se pautam na assistência, na busca de qualificação profissional tecnicizada (cursos de corte e costura, de marcenaria que hoje são substituídos por mouse e teclado para “datilografar” e “enviar “cartas” pelo computador), na produção de “pobres bonzinhos”, enfim na ralé estrutural que se abre em cidadãos de segunda classe.

Nesse ponto, caberia a problematização sobre o “agir de maneiras apropriadas” (CASTORIADIS, 2007), presente nos discursos das ONGs, voluntária ou involuntariamente, e que, em nosso caso específico, ao mesmo tempo, potencializa a Rede Engenho de Sonhos como um espaço de criação de resistência, de produção de singularidades, e igualmente se configura como o espaço de produção de indivíduos serializados.

No lastro dessa discussão Foucault (1990a,1990b) nos interpela sobre as formas do liame social criadas pelos modelos dominantes de subjetividade. Esse aspecto ambíguo da Rede que uma leitura ortodoxa situaria exclusivamente em termos de alienação ideológica e uma visão ingênua caracterizaria como sendo um espaço de pura criatividade facilitada pelas artes, esporte e lazer. Nesse sentido, a contribuição de Foucault, a reforçar o pensamento de Castoriadis que desenvolvemos até aqui se faz pertinente. Como também há pertinência de, no seio dessa contradição, para bem demarcá-la utilizarmos-nos de expressões do próprio Foucault (1990a,1990b) como “*resistência*”, “*governo de si*” de um lado e “*domesticação/disciplinarização de corpos*”, “*dominação*” de outro.

Governar-se é estruturar o eventual campo de ação do outro. “*O ponto de contacto do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros se encontra ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios. Pode-se chamar a isto o governo.*” (FOUCAULT, apud PAIVA, 2000).

As significações imaginárias (CASTORIADIS, 1987) estão presentes, no sentido de Foucault (1993), enquanto práticas discursivas no interior da Rede Engenho de Sonhos, a partir dos seus técnicos e dos próprios jovens, além das injunções demandadas pelas diretrizes estabelecidas ao nível local e nacional através da intenção de produzir “agentes de transformação local” (ou na linguagem

do Fórum, “empoderamento” e “protagonismo juvenil”). Com isso, os desejos insubmissos, as esquivas e as dissensões tendem a ser reabsorvidas, integradas e homogeneizadas. Na perspectiva de Castoriadis (1982), diríamos que a locomotiva do Fórum que se movimenta na busca da produção de autonomia tende a descarrilar seus vagões nas linhas da *heteronomia*.

Ilustremos esse ponto com uma passagem acerca de outra rede juvenil, no interior do estado. Na cidade interiorana na qual a ONG situa suas atividades, os jovens “protagonistas” entoavam o discurso do enraizamento dos jovens rurais, nas suas respectivas comunidades no sentido de auxiliá-las em seus processos de auto-sustentação. Questionadas sobre esse ponto, duas jovens, que estavam há pouco tempo no projeto, rebateram que não tencionavam ser agricultoras, trabalhar em cooperativas ou sequer permanecer na zona rural, posto que tinham planos de viver na zona urbana da cidade. Buscavam, através do projeto (cursos e treinamentos), elementos para a realização de seus sonhos.

Um jovem “*empoderado*” de outro projeto, na cidade de Recife, reforçou essa mesma questão. Disse-nos que sabia que as ONGs tinham financiamento do exterior e que de lá vinham objetivos específicos. Tinha clareza também que as ONGs tinham os seus objetivos específicos. Mas tanto ele quanto os outros colegas sustentavam a idéia que, em meio a tantos interesses e objetivos, eles aproveitavam para irem fazendo, aos poucos, os seus projetos coletivos e individuais.

Eliênio já anunciava durante o grupo focal no mestrado o desejo de um *governo de si* afirmando, categoricamente que não se reconhecia enquanto um beneficiário do projeto Engenho de Sonhos. “*Não sou beneficiário, sou colaborador ativo!*” Dizia-nos que eles poderiam conseguir recursos para projetos que lhes interessassem sem passar pelo Engenho de Sonhos e que já anunciava: O Fórum era *uma* e não *a* estratégia para seus projetos pessoais.

Também Naldo já alertava em nosso grupo focal sobre as imposições do Fórum aos jovens: “*a gente quer se reunir, mas a gente sabia que vinha um planejamento por trás de tudo isso. Não adianta o Engenho querer tomar o jovem para ele porque o jovem tem uma vida pessoal/própria*” (Naldo, grupo focal). Nesse sentido, vimos em ação, através das pequenas recusas à Rede Engenho de Sonhos, movimentos subterrâneos que descreviam outros itinerários na constituição de novos projetos de uma subjetividade nova capaz de rupturas e engenhosidades. Os jovens de projetos começavam um caminho para tornarem-se “jovens

periféricos”. Nessa acepção, estariam esses jovens, em alguns momentos, elaborando um projeto de subjetividade próximo às ponderações de Foucault? Afinal, governar-se não seria justamente estruturar o campo de ação dos outros?

Indo na linha dos múltiplos agenciamentos de poder faremos uma ruptura que vai do jovem pobre investido pelo poder a um outro tipo de jovem que Novaes (2006) chama de “jovens da periferia”. A idéia de periferia aqui aludida é semelhante ao que mencionamos no primeiro capítulo: *“nomeação de uma identidade construída nos últimos anos e que tem efeitos nos estilos, estéticas, vínculos sociais, laços afetivos e trajetórias de uma parcela dos jovens de hoje”* (NOVAES, 2006).

A autora avalia que a presença dos grupos de rap modifica o panorama das intervenções sociais nas favelas e conjuntos habitacionais. Dão visibilidade a redes sociais pré-existentes, constroem outras, modificam trajetórias pessoais, geram sentido para vida pela criação de grupos locais e/ou locais de aprendizado de participação social. Ainda denunciam desigualdades, combatem preconceitos, e inventam novas ocupações como “produtores culturais”, “oficineiros de hip hop” (NOVAES, 2006).

Cultivado em solo americano, hoje espalhado pelo chamado “mundo globalizado”, esse movimento vai ganhando expressões próprias, incluindo as marcas culturais das periferias de cada país, de cada cidade, de cada lugar. Sem a munição do “local”, não há “poesia” para esse ritmo seco, marcado, de certa forma previsível. Além do rap e do break, há também o grafite compondo a trilogia sagrada de um fenômeno social que é chamado pelos próprios participantes de “cultura” ou “movimento hip hop”.

O hip hop não é um movimento orgânico que produz grupos homogêneos. Pelo contrário, existem várias correntes, linhas e ênfases que os diferenciam entre países, cidades, bairros e estilos. Há grupos que apenas objetivam viabilizar suas carreiras como artistas. Há grupos violentos, até mesmo apoiados/financiados por traficantes. Mas há também os grupos que se propõem substituir a violência das brigas pelo convívio na música, na dança e no grafite. Nas periferias das grandes cidades o hip hop tornou-se um recurso cultural para a agregação de jovens. No Brasil e na América Latina, há grupos que se tornaram conhecidos por se declararem contra o tráfico de drogas e por pregarem a paz. Essa postura favorece conexões entre os grupos do movimento hip hop e instâncias governamentais, organizações não-governamentais e até mesmo igrejas.

Integrantes do movimento hip hop fundam Ongs, constroem portais na internet, organizam encontros, conferências e festivais nacionais e internacionais. Chegam ao espaço público como uma alternativa de organização juvenil e se envolvem em movimentos pela paz, em projetos sociais com e para jovens, assim como em campanhas com

temas específicos tais como: Hip hop contra o tabaco; Hip hop pela vida sem DST/Aids. (NOVAES, 2005, p.134)

Esses jovens, em nosso ponto de vista, trilham outros caminhos que passam pela arte e ativismo social, ao nível do cotidiano, recriando formas de participação na sociedade, que por ser um programa em aberto não há previsão de saber em que essa movimentação vai desembocar. Em novos agenciamentos pelos mecanismos de poder gerando domesticação e “integração”? Ou lutas por direitos culturais, por direitos sociais e pelo direito de viver, de existir? Aqui há a possibilidade de produção de sujeito na visão de Foucault. Subjetividades abertas, inventivas, não programadas!

Outros autores como Negri (2003), na linha de Foucault, apresentam o campo de lutas nos quais esses coletivos e grupos juvenis precisam envidar para possibilitar a emergência de novos processos de subjetivação, dar guarida a singularidades que travam uma busca de escrita das próprias histórias de si; como também dos sujeitos sociais em busca da transformação de suas realidades coletivas.

Negri (2003) afirma que resistir só é possível quando alguém pode construir-se como sujeito e que justamente na “carne da multidão (conjunto de singularidades proliferantes)” é realizável - em cada ponto das estruturas de poder, das relações, dos dispositivos, das tecnologias que o poder põe em ação - a utilização de todos esses elementos para a inversão e o esvaziamento do próprio poder.

[...]é a interrogação. O futuro é duvidoso para todos nós. A gente sabe que tá vivo hoje. E amanhã?(Informação oral. Edcelmo)

Adriana: Eu retratei duas coisas, a gente nem sempre tem oportunidade de viver como criança. Estou tentando agora e quero fazer isso com meu filho. Meu projeto de vida envolve hoje as “Dandaras”. Já que não posso mudar hoje a sociedade, quero mudar com as letras das músicas. A sociedade é injusta. Somos ladrões e prostitutas. Ninguém sabe o que aconteceu para estarmos aqui. A gente quer protestar contra a sociedade injusta que está aí. (Informação oral. Adriana)

O desafio premente que se avista nesse ponto é da constituição desses sujeitos juvenis. Em meio aos condicionantes materiais e objetivos de vida, face aos processos simbólicos que lhes causam óbice. O desafio consiste em se reinventar

nos locais em que a potência de vida (NEGRI, 2003) se digladia constantemente com a morte que se transveste em muitas imagens.

Como se já não bastassem agruras sofridas numa sociedade que os condena a uma vida de espécie de “proscritos sociais”, empurrados, cada vez mais, para as periferias miseráveis (favelas, lixões), sofrem, ainda por cima, “imposições” por parte de facções ou grupos organizados na criminalidade que marcam suas presenças, nesses espaços de absoluto desamparo social, por meio de “sedução” ou pressões, sobretudo sobre os jovens que buscam encontrar saídas alternativas para o seu “desterro social”.

Retornando ao próprio Foucault. Sua discussão sobre o poder na sociedade contemporânea remete também a redes capilarizadas nas quais o poder é pulverizado, acéfalo e se inscreve no interior dos sujeitos fabricando subjetividades sob a ótica da dominação.

Essa discussão acaba sendo mais aprofundada com o regime de verdade. O que pretendo mostrar [...] é como, de fato, as condições políticas, econômicas de existência não são um véu ou um obstáculo para o sujeito de conhecimento, mas aquilo através do que se formam os sujeitos de conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade. Só pode haver certos tipos de sujeitos de conhecimento, certas ordens de verdade e certos domínios de saber, a partir de condições políticas que são o solo em que se formam o sujeito, os domínios de saber e as relações com a verdade (FOUCAULT, 1973, p. 27, grifos nossos).

Aquilo que, para a posição marxista, seria um obstáculo, é entendido por Foucault (2002) como *solo*, substrato; substrato este que dá origem, ao mesmo tempo, à formação do sujeito, aos domínios do saber e as relações com a verdade. Mas, o que conformaria esse solo? Entendemos *como as condições sócio-históricas nas quais se socializam os indivíduos (substrato)*. Constitui-se, portanto, em um outro obstáculo, *uma venda que obnubila também o conhecimento dos objetos porque se interpõe entre o sujeito e objeto*.

Essa discussão é coextensiva a que encontramos em Certeau acerca de uma rede de antidisciplina que se gesta no cotidiano aproveitando ocasiões. Que também é tão microbiana quanto os aparelhos de poder.

As práticas cotidianas dos jovens das periferias são o que dão corpo às artes de fazer entendidas como práticas de resistência, conforme estamos ilustrando em

passagens diversas de nossa pesquisa. Ainda assim, em Certeau (2007) as práticas cotidianas são limitadas pelo que ele chama de “dispositivos”. O caminho de Certeau é sequência de Foucault na medida em que ele foca o avesso dos dispositivos disciplinares que é justamente o “homem ordinário” e suas práticas de “sucata”. Para Certeau assimilar pode conter a idéia de tornar algo semelhante ao que já se é. Por essa razão, o modo como descreve os consumidores é sempre como sujeitos capazes de inventividade, ativos em meios às determinações que os cercam.

Melucci (2001), por sua vez, elege o presente enquanto tempo de conquista, movimentos sociais enquanto redes capazes de, através de movimentos submersos, criarem antagonismo social, ou seja, problematizar a sociedade em que vivemos e centra sua análise do sujeito enquanto capaz de instaurar um duplo movimento de encontro com os outros e de trabalho com suas próprias contradições, buscando movimentos de “descolonização” dos aparatos do poder em sua própria subjetividade.

Há críticas contundentes à Melucci (2001). Eder (2001) propondo uma visão revisionista de classes sociais argumenta:

Uma nova relação de classe deve se basear no critério do controle dos meios de uma existência social “identitária”, no sentido de garantir identidade e relações sociais expressivas. Esses meios de existência social não mais são descritos como meios de produção, mas como meios de expressão cultural. Diferenças de poder se referem ao modo como a oportunidade de realizar identidade é definida e seus ativos são desigualmente distribuídos. (EDER, 2001, p.84)

Essa é uma idéia posta como contrária à de Melucci (2001), que, segundo a crítica, o autor argumenta que os novos espaços públicos criam a oportunidade para um tipo autoreflexivo global de ação coletiva que deve ser visto como desligado da estrutura social. A crítica diz ainda que ele substitui a metafísica do ator coletivo simplesmente por uma noção voluntária (ou noção “agência”) do ator coletivo, que nos proíbe de ver afirmações de identidade como socialmente enraizadas e determinadas.

Ainda que aceitemos essa crítica o ponto forte dela ressalta a idéia geral que estamos defendendo, aqui seja a partir de elementos de Melucci ou dos outros

teóricos que elegemos: nossos jovens estão se debatendo em torno de meios de realização de um projeto de subjetividade que pressupõe uma mobilização coletiva tendo em vista a reivindicação tanto de oportunidades sociais quanto de oportunidades culturais. Nesse sentido referindo-nos explicitamente ao movimento hip hop (aqui tomando como exemplo a rede MOHHB), em nosso estudo local, a Posse Lelo Melodia, no bojo de suas preocupações, mesmo mantendo o argumento de que eles buscam uma integração à sociedade que aí está, também é possível observar a existência de preocupações com questões que se tornam inegociáveis no interior das estruturas institucionais existentes. Acresçamos para fazer justiça ao campo empírico estudado, que o movimento hip hop não se origina em uma “classe média” que busca uma “boa vida” e cujos seus membros estariam, como em algumas análises teóricas, preocupados com engrandecimento pessoal (BARITZ, 1989). Trata-se, antes de tudo, do grito dos excluídos expostos a violências materiais e simbólicas em um contexto de faltas estruturantes em todos os planos possíveis.

O que quero dizer é que sociedade não é a tradução monolítica de um poder dominante e de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos. Os conflitos se desenvolvem naquelas áreas do sistema mais diretamente expostas aos maiores investimentos simbólicos e informacionais, ao mesmo tempo sujeitas às maiores pressões por conformidade. Os atores nesses conflitos são aqueles grupos sociais mais diretamente expostos aos processos que indiquei; eles são cada vez mais temporários e sua ação serve de indicador, como se fosse uma mensagem enviada à sociedade, a respeito de seus problemas cruciais. A maneira pela qual os conflitos se expressam não é, de qualquer forma, a da ação ‘efetiva’. Desafios manifestam-se pela reversão de códigos culturais, tendo então basicamente um “caráter formal”. Nos sistemas contemporâneos os signos tornaram-se intercambiáveis: o poder apóia-se de forma crescente nos códigos que regulam o fluxo de informação. A ação coletiva de tipo antagonista é uma *forma* a qual, pela sua própria existência, com seus próprios modelos de organização e expressão, transmite uma mensagem para o resto da sociedade. Os objetivos instrumentais típicos de ação política não desaparecem, mas tornam-se pontuais e, em certa medida, substituíveis.

Eu chamo essas formas de ação, de desafios simbólicos. Elas afetam as instituições políticas, porque modernizam a cultura e a organização dessas instituições, e influenciam a seleção de novas elites. Mas ao mesmo tempo levantam questões obscurecidas pela lógica dominante da eficiência. Trata-se de uma lógica de meios: requer aplicação e operacionalização de decisões tomadas por aparelhos anônimos e impessoais. Mais uma vez os atores pelos

conflitos colocam na ordem do dia a questão dos fins e do significado.

Mas pode-se continuar a falar de “movimentos” quando a ação se refere a significados, a desafios face aos códigos dominantes que dão forma à experiência humana? Mais apropriado seria falar de redes conflituosas que são formas de produção cultural. (MELLUCCI, 2007, p. 31)

Para Mellucci (2001) redes são formas de produção cultural. Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são laboratórios nos quais novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática.

Estas redes emergem somente de modo esporádico em resposta a problemas específicos. Trata-se de uma mudança morfológica que nos força a redefinir as categorias analíticas de atores coletivos. Se os conflitos se expressam em termos de recursos simbólicos, os atores considerados não podem ser estáveis. Primeiramente, porque os meios através dos quais se criam e distribuem na sociedade possibilidades de identificação, estão continuamente mudando e operando em campos variados. Segundo os atores vivem as exigências contraditórias do sistema como fonte de conflitos, não o fazem durante a vida inteira e não estão permanentemente enraizados em uma categoria social única. A hipótese de conflitos sistêmicos antagônicos pode se manter se preservamos a idéia de um campo sistêmico ou de um espaço no qual os atores podem variar. O campo é definido pelos problemas, e diferentes atores que o ocupam expõem para toda a sociedade questões relacionadas com o sistema na sua totalidade e não só com um grupo ou uma categoria social. Evidentemente, as formas empíricas de mobilização contêm, como vimos, numerosas dimensões. Mas através de certos aspectos da ação a juventude sinaliza um problema relacionado não somente com as suas próprias condições de vida, mas também com os meios de produção e distribuição de recursos de significado.

Se dissemos, a partir de suas falas, que os jovens querem fazer parte da sociedade e são barrados em seus desejos (no segundo capítulo) é porque também sua necessidade de integração não é totalmente compatível com a própria estrutura da sociedade e eles sabem disso. Estaríamos mais propensos a desejar que através das redes juvenis, os coletivos jovens pudessem recolher elementos para a

produção de jovens antagonistas, ao invés de protagonistas da sociedade biopolítica.

BOURDIEU E AS LUTAS SIMBÓLICAS: REDES SÃO ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO?

Relembremos uma vez mais que neste capítulo perseguimos o sujeito que emerge no universo da cultura, das instituições, das posições sociais. Um sujeito que se produz, confrontado com as determinações múltiplas ligadas ao contexto no qual emerge. Para que os sujeitos jovens e seus coletivos se esforçam em promover e manter articulações em redes juvenis?

Demos no primeiro capítulo o depoimento de Rob que experimenta o sentimento de estima de si positivado em função da identificação com o Engenho de Sonhos. Tanto o lugar de liderança no bairro quanto o próprio sentimento de estima de si só passam a existir a partir do Fórum. Engenho de Sonhos. Participar de um projeto social com ações comunitárias, com propostas de organização coletiva, com práticas educativas, com a possibilidade de expressar e ressignificar os sentimentos de indignação, raiva e vergonha.

Dito de outra forma, fazer parte de redes juvenis em âmbito regional e nacional carrega para os coletivos Posse e Construindo Sonhos uma visibilidade maior, prestígio e suporte, não só financeiro, mas também logístico, administrativo, técnico e até inspiração e estímulo para a consecução de suas ações.

Um dos elementos mais essenciais do trabalho de Bourdieu (1990) era pensar que as lutas de classe, que regem e organizam o mundo socioeconômico sempre se traduziam ou se nutriam das lutas de classificação — o direito de dizer a sua própria identidade ou a do outro. A participação em projetos sociais via grupos culturais (Posse Lelo Melodia) ou associações juvenis (Jovens Construindo Sonhos) parece em algum nível ser uma expressão do direito de definir uma identidade, ao menos distante daquela estigmatizada que lhe foi imputada, até então. Passar a ter a sua imagem associada aos projetos sociais é poder expressar suas aspirações e tentar colocá-las em jogo, mesmo diante dos esquemas classificatórios incorporados pelos jovens e que lhes impetrou um “estilo de vida” do jovem pobre de periferia.

E a ruptura, a autonomia do campo, resultaria, para Bourdieu (1990; 1996), desse intenso esforço para romper com as formas de dependência social e econômica. Shirlene, Adriana e Amaury entre outros, parecem inscreverem-se nesse esforço na medida em que no banco universitário, no escritório da ONG, ou na oficina mecânica trabalham não só para escapar da rota usual da prostituição ou tráfico de drogas, mas para também alimentarem juntos aos seus pares o desejo de se movimentar mais livremente, transitando em outros campos (cultural, artístico, acadêmico), acumulando capital simbólico para, a partir de suas instituições, dizerem de si próprios outras possibilidades, reinventarem suas experiências sociais e quiça a própria condição social (afastando-se de uma certa maneira de agir da “massa da comunidade”) para se mostrarem em outras arenas de luta para a sobrevivência individual e coletiva.

Ainda nessa perspectiva a “estratégia” (BOURDIEU, 2004) dos jovens da Posse parece estar calcada em uma praticidade evidenciada em suas várias participações em projetos sociais que, na maior parte das vezes, se inscrevem campo social das regras instituídas. Entrar num jogo definido socialmente é buscar ocupações lícitas, como citamos no parágrafo anterior, mas sem que isso signifique uma adesão mecânica à regra explícita. Outros “jogos” podem perfeitamente compor no seu espaço de ação, como, por exemplo, esconder drogas em sua casa para “tirar alguém de apuros” em retribuição a uma ajuda financeira recebida antes.

Levando em conta o arcabouço conceitual de Bourdieu, poderíamos responder a questão posta neste item que o esforço de articulação em rede é sim uma estratégia de distinção, de reconhecimento. Distinção que vai se tornar possível através da emergência de uma nova *configuração* cultural (em nosso trabalho, a “cultura da periferia”, a visibilidade do “hip hop”, os diversos projetos sociais que pululam nos bairros pobres das metrópoles do país), em que o processo de construção dos *habitus* individuais passaria a ser mediado pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias (ONGs, redes juvenis, experiências associativas, algumas políticas públicas que vem sendo implementada em âmbito federal recentemente).

Retomamos as considerações de Bourdieu no item 7. Nele, para aprofundar a idéia das redes como estratégia de reconhecimento social trabalhamos os “efeitos simbólicos do capital” (BORDIEU, 2001, 2004) sobre os jovens de projeto.

5.4 IMPASSES SOBRE REDES E AÇÃO COLETIVA

O caráter transitório das relações, dos papéis, dos projetos, das redes e das instituições sociais pode deixar espaço para uma liberdade de ação dos indivíduos. No entanto, ao mesmo tempo em que confere maior margem de escolhas, maior flexibilidade nas relações, mais referências identitárias (ou melhor, identificatórias), acrescenta, simultaneamente, mais insegurança (BAUMAN, 2003), mais riscos e mais responsabilidade (CASTORIADIS, 2008).

Por outro lado, para Novaes (2005) há algumas ponderações a serem feitas sobre juventudes e redes:

Certamente estamos longe de uma “democracia de informações” via internet. No entanto, as novas tecnologias não só estão presentes nos espaços de agregação juvenis já constituídos (grupos associativos, políticos e religiosos) como ajudam a formar grupos de novo tipo. As “redes juvenis” são “meios” para dinamizar o que já está constituído e também têm funcionado como ponto de partida para a construção de novos espaços de comunicação, identificação e ação (NOVAES, 2005, p.133)

Considerando as ponderações anteriores, que já se coadunam com o que temos dito noutros momentos da tese, esta seção pretende desvelar um outro aspecto. Trata-se dos impasses que nos subitens seguintes versam sobre: a) a sustentabilidade financeira dos grupos, incluindo os conflitos de interesse e necessidades pessoais; b) os impasses quanto às experiências em redes, como o Engenho de sonhos e a “vocação por necessidade” dos jovens para a a o social; c) impasses quanto   produ o cultural e artística dos coletivos jovens.

5.4.1 Falas sobre os impasses de se construir uma rede ao nível pessoal e coletivo

Realizamos uma discussão específica com os jovens Construindo Sonhos sobre as dificuldades e a existência de impasses da constru o de uma rede juvenil. A seguir, transcrevemos o resumo de suas respostas:

Emancipação é sair, rompendo com as barreiras que estão colocadas na vida da gente. É ultrapassar o ciclo fechado da realidade que a gente vive. (Informação oral. Trindade)

Tem o oprimido e também o opressor, mas ele começa dentro de mim. Eu fico deprimida e aí eu não contesto. (Informação oral. Carla)

É sair do seu 'mundinho'. É sair e se encontrar com os outros. (Informação oral. Edson)

Emancipar é se libertar. Eu sou a sombra do outro. Esse é o momento de me libertar. (Informação oral. Naldo)

Tem gente que acha que isso [submissão] é uma opção, parte da vida. (Informação oral. Naldo)

O que eu tenho agora é ousadia. O que eu recebi do Engenho de Sonhos é uma base que me dá chão para saber como me comportar. Aguça o meu discernimento. (Informação oral. Naldo)

Naldo e os jovens do Construindo Sonhos acabam restringindo suas ações experimentando a instabilidade de seus militantes em função de outros interesses que se superpõem à sua associação.

Os obstáculos coletivos aparecem ao nível da comunicação: compartilhar informações, dividir tarefas, fazer-se entender quanto aos sentimentos. Em nível pessoal, os impasses surgem no medo de romper as barreiras. Ou seja, as inseguranças quanto ao resultado que as apostas ('projetos', militância) podem levar. Há, ainda, ao nível pessoal, o sofrimento existencial dos jovens (frustrações, inquietações, desilusões, desenganos, amarguras) que compõem impasses na produção de subjetividades tencionam reinventar.

Passemos a uma análise também dos impasses ao nível da sustentabilidade financeira e das maneiras de se realizar da Posse. Tomamos para isso a narrativa de Eliênio, na qual iremos comentar alguns trechos.

No início da idéia, a emoção era tão grande de realizar o sonho de ter um espaço próprio, que pensamos logo em invadir e assumir o comando do espaço, porque com o Presidente do Conselho Comunitário de Guarapes era muito ruim fazer qualquer jogo, principalmente com a gente, que se batia muito com ele nas brigas que travamos. Mas, depois pensamos melhor e resolvemos iniciar um diálogo, até mesmo porque nós já tínhamos o Ponto de Cultura aprovado e, a qualquer momento, os equipamentos iriam chegar e tínhamos um planejamento de ações baseado no Programa Agente Cultura Viva. Só não tínhamos sede. Fomos dialogar com ele com esses argumentos e, caso ele não concordasse, teria sido na tora mesmo. Vamos ocupar, resistir e produzir felicidades lá dentro. Só que foi exatamente da forma que planejamos, ele acreditou na nossa

proposta, depois nos disse até que não tinha raiva nenhuma da gente e que o problema era com os outros e entregou a chave das portas da nossa esperança. Mal ele sabia que nunca mais iria ter o galpão de volta. Reunimos todo mundo e marcamos aquele velho multirão de três ou quatro gatos pingados para pegar uns dois ou três birôs, doados por dona Quitéria, uns banners herdados do *II Movimento Hip Hop* que se encontravam no Espaço Cultural de Guarapes. Entramos e batizamos o lugar como “Residência Oficial da Cultura Hip Hop”.

Foi um dos melhores anos de nossas vidas, porque foi lá que sobrevivemos os melhores e os piores dias da vida da Posse. Tínhamos, no meio da gente, os Grupos de Rap: Periféricos do Rap, Fator Real, Sentimental OK!, PJL – Paz, Justiça e Liberdade, Thelo Solo, um grupo de dança Detone Break e um grupo de Grafiteiros FDG – Família do Giz. E, durante nossa história no galpão, iram se agregar à Posse os grupos Dandaras do Rap e o Guerreiras do Rap, ambos de rap feminino. Todos que integravam esses grupos, além dos que não tinham grupo, contudo, eram militantes e formavam a Posse de Hip Hop Lelo Melodia. E todos, sem exceção de ninguém, ajudaram na construção e organização do nosso movimento. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, p.34)

Fica bastante evidente que há obstáculos relacionais dentro do próprio bairro (incompreensão por parte do líder comunitário, dificuldade das pessoas entenderem o que a Posse se propõe a oferecer), ao passo em que também desperta simpatia em pessoas como dona Quitéria. Para os grupos juvenis do bairro, por outro lado, a arte, em geral, e o hip hop, em particular, era o grande aglutinador.

Foi o ano em que mais nos fortalecemos, porque todos tinham boas idéias, e as nossas idéias eram tão boas, que quando tinha uma reunião em que não brigávamos, a gente se impressionava. Hoje em dia, ainda é assim, *só que amadurecemos com nossas questões individuais, o que acabou afetando todo o grupo*. Mas, a gente tem o grupo como o mais importante. Por isso, já nos acostumamos e depois das brigas tomamos um vinho para não esquecer que, antes de tudo, somos amigos e respeitamos a ideologia de cada um que participa das discussões. Acho que isso também veio da experiência que tivemos no Engenho, porque as reuniões lá eram “um pé de pica” tão grande que pareciam até uma briga entre os Três Poderes... Já imaginaram como seria essa briga? Do mesmo jeito era no Engenho e por algum tempo, isso se dava na Posse. Também todos os “macacos” vieram de altas brigas ferrenhas mesmo! Fazer o quê, se nosso potencial foi mesmo fortalecido dessa maneira? Só que a gente não sabia que isso ainda iria nos dividir um dia. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, p. 35) [Grifos nossos]

Com o tempo, o coletivo vai aprendendo modos de regulação de suas próprias conflitualidades. A estratégia básica aqui apontada é inequívoca: a aposta é

nos vínculos que se tecem na lida diária. Celebrar com vinho era um ato simbólico de reconhecimento daquela irmandade, lembrança do elo que se forjou no enraizamento dos jovens ao bairro, na similaridade das biografias individuais que parecem conter “todos em um”. Mas, ao passo que a experiência de discutir, de pensar, de buscar em comum fortalece o coletivo, também, aos poucos começa a explicitar suas fragilidades uma vez que, os “macacos” começam a amadurecer suas questões individuais.

Todo dias estávamos lá na Residência Oficial da Cultura Hip Hop. A energia vinha de um vizinho e era 15 contos por mês. A água vinha nos baldes da casa da frente onde um dos nossos morava, e o telhado era quem saudava os visitantes quando dava um vento forte onde ele barulhava, mas não caía. Os dias iam se passando e o galpão cada vez mais se adaptando a nosso estilo. Os grupos se fortaleceram e a Posse todo dia tinha visitantes, seja para conhecer, para conversar ou para ensaiar. O grupo de dança de Axé, a Capoeira e o Teatro também iriam utilizar o espaço, depois de sair do Engenho de Sonhos.

A nossa maior dificuldade era a falta de grana e sabíamos que o cenário estava favorável para nós, só que a Posse ainda não tinha “certidão de nascimento” e, portanto, não tinha vida jurídica. (OLIVEIRA e SILVA, 2009 [p.36])

Do mesmo modo que Jovens Construindo Sonhos, a Posse coloca a dificuldade financeira como um grande impasse. Como não tinham dinheiro sequer para certidão de nascimento, oficialmente, sequer o coletivo existia. Se do ponto de vista jurídico eram inexistentes, pulsavam de vida no âmbito do bairro em que grupos variados viriam reunir-se com eles, não obstante a precariedade das instalações físicas. Assim, o galpão era um espaço vivo no bairro para cultura, lazer e convivência.

Enquanto isso, em nossas reuniões, tentávamos nos alertar e analisávamos algumas preocupações para que, quando começássemos a administrar algum tostão, não nos perdêssemos no processo, como aconteceu no Engenho de Sonhos. Quando voltamos de Teresina, do I Encontro dos Pontos de Cultura do Brasil, trouxemos dois computadores que nos ajudaram “prá caralho” na elaboração de documentos e Projetos. E nesse mesmo período, no Redes e Juventudes, rolava uma forte discussão sobre apoio a grupos e organizações juvenis e, no final, fomos uma das duas organizações que foi incluída como as primeiras a serem apoiadas pelo fundo de apoio, que seria mais uma experiência a ser apreciada pelo Redes e a partir daí, a ampliar essa ação ao final da experiência inicial. Compramos alguns equipamentos e materiais e a

impressora. Fizemos uma escala de militantes e alguns estavam recebendo uma ajuda de custo para contribuir na organização do espaço e na execução das atividades com um plano de ação que iria fortalecer a Posse. Realizamos alguns eventos como o I Movimento de Hip Hop Feminino. Fizemos, também, a instalação elétrica... E o mais importante foi que fizemos a Posse nascer juridicamente em novembro de 2005, com todas as documentações legais. Agora sim, podíamos captar recursos financeiros pra os nossos projetos! Fizemos a inauguração do nosso Ponto de Cultura com o Projeto “Agente Cultura Viva”, com uma apresentação de balé da dançarina Cecília, filha de Ulisses – um cara que também deu muita força e orientação ao nosso trampo, durante algum tempo. Era setenta jovens participantes das nossas atividades cada um recebendo uma bolsa de R\$ 150 reais, durante seis meses. Pelo menos, era isso que dizia o Programa Primeiro Emprego do Ministério do Trabalho e da Educação. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p.36])

Mais uma vez a estratégia de coligação em rede apresentava seu diferencial: novos espaços de ação estavam sendo gestados. Os recursos financeiros começavam a chegar, a estrutura tecnológica abria novas possibilidades de articulação e visibilidade. Os recursos canalizados através das redes (MOHHB e Redes e Juventudes) produziram um impacto social forte na economia local. Durante seis meses, eram movimentados R\$ 10.500,00 reais no mercadinho, padaria, açougue, etc. por parte dos jovens “bolsistas”. Por outro lado, quando o governo atrasava o repasse, dúvidas recaíam sobre a Posse: passavam de heróis a vilões. Não obstante esse período, outros impasses estavam por vir.

Tem gente que diz que a vida é feita de momentos bons e momentos ruins. E a experiência vivida por cada ser humano na terra comprova que isto é verdade mesmo. Pode ser branco, preto, rico ou pobre, ou até mesmo o cara mais feliz do mundo, não importa! Momentos ruins virão, e todos nós temos que estar preparados para quando esses momentos chegarem.

Nos prevenimos o máximo para quando esses momentos ruins aparecessem; nas reuniões, em nossas conversas na paralela com os grupos individualmente em fim. Mesmo com tanta prevenção, não conseguimos evitar o pior! Durante um bom tempo se estabeleceu uma crise interna entre nós, que resultou em uma divisão da Posse. Tentávamos nos reunir mais em cada reunião e a situação só piorava. Naquele momento, a vida da Posse ficou em xeque, porque nós estávamos sem direção e a crise fragilizou o que nos tínhamos de mais resistente desde o início da nossa história, que era a base. E se o alicerce não for bem feito, a casa cai!

Ninguém se sentia fora ou excluído da Posse, porque como foi dito anteriormente, tudo que temos foi a conquista de todos e ninguém conseguia se reunir para eliminar alguém do processo. Todos

tinham em mente que a posse, para nós, não é qualquer coisa, pois nos organizamos para construir esse barato pela necessidade que a juventude do Guarapes tem de possuir um Movimento que contribua pra formação social, política e cultural dessa comunidade, e pelo prazer que temos em fazer Hip Hop e lutar pelos nossos direitos na busca de uma qualidade de vida melhor e mais justa pra gente da favela. Foi esse pensamento que mais pesou na hora de decidir se iríamos continuar divididos ou se iríamos tentar nos aproximar e iniciar tudo de novo, para fortalecer nossas relações pessoais novamente.

Nos reunimos e resolvemos colocar todas as cartas na mesa, para lavar a roupa suja. Já tínhamos feito isso há algum tempo atrás na época do GPS. Se iria dar certo, só o tempo poderia dizer, pois alguns de nós não acreditavam que poderíamos voltar a nos relacionar novamente, mas não foi fácil, porque resolvemos todos, sem exceção de ninguém, esquecer as coisas do passado e cavar um buraco para enterrar o que aconteceu. Passamos por cima de um vendaval.

Nesse meio tempo, tivemos que fechar as portas do Galpão, porque estávamos sem recurso para manter as despesas mensais e fazer uma reforma geral na estrutura física, que foi condenada pelos engenheiros da Prefeitura, que recomendaram que não ficasse ninguém no interior do espaço, pois as paredes ameaçavam desabar a qualquer momento. Essa foi a nossa maior perda durante a nossa crise, que para nós só foi válida a experiência e o aprendizado, porque não contribuiu em nada pro nosso processo. Inclusive não gostamos nem de lembrar ou tentar argumentar o motivo desse acontecimento, justamente para não cutucar a ferida de ninguém, porque os discursos sempre serão à procura de um culpado, quando, na verdade, a culpa foi de todo o grupo, que não soube conduzir as situações. Passamos por muitos momentos maravilhosos nessa história, mas também passamos por momentos sombrios, que quase destruíam tudo o que tínhamos construído. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, p.39-40)

Um aspecto importante, sutilmente tocado por Eliênio quanto ao “amadurecimento das questões pessoais” e explicitada neste trecho: a experiência com dinheiro, já observada no Engenho de Sonhos, produziria, um conflito profundo sobre aplicações, repasse, distribuições. No momento em que melhor se organizaram para captar recursos financeiros, o coletivo quase se dissolveu. O galpão fechando as portas foi para nós uma simbologia do fim de um momento “romântico” do coletivo e o início de outro mais “realista” em que não obstante os vínculos produzidos, era capital tratar de questões envolvendo poder e benefícios. A partir daquele momento não se poderia mais negar as sombras que rondavam o grupo, as tensões existentes, os projetos individuais de realização existencial de cada um a definir caminhos e escolhas e a necessidade de mediar os conflitos imbricados nessas variáveis. Era preciso tomar, ainda o estar junto não como um

dado a priori, mas como uma construção processual, uma produção de sentido que pudesse ser coletivamente compartilhada pelos sujeitos que ali encarnariam um projeto coletivo. Inegável que as redes juvenis constituem meios para dinamizar os elementos já articulados em sua organização, porém a construção de espaços novos de identificação, comunicação e ação não se fazem dissociados de contradições internas, conflitualidades pessoais e contingências históricas que atravessam a trajetória de pessoas e organizações. Era preciso clarificar as estratégias de sobrevivência social pessoal, incidindo na conformação e emergência de um sujeito social-histórico capaz de atuações com repercussão políticas.

5.4.2 Experiências em redes, ação coletiva e conflitualidade fundando sujeitos sociais

Vejamos os impasses quanto às experiências em redes exemplificando com o Engenho de Sonhos, para em seguida discutir a “vocação por necessidade” dos jovens para a a o social.

No início do Fórum Engenho de Sonhos os “jovens protagonistas” desempenhavam um papel relevante. Detinham um suprimento de *recursos* e *capitais* bastante distinto em rela o aos demais atores. Por outro lado, não se constituíam em um grupo social com uma unidade ou uma identidade que os faria em aliados com potencial de luta política.

As estratégias de a o inicial do Engenho de Sonhos eram dadas através da no o de território. As metas deveriam ser desenvolvidas dentro do bairro pelos jovens daquela localidade e pelo coordenador daquela a o local, chamado “coordenador de bairro”, o que estimulava a competi o e a rivalidade entre os bairros. As diferenças não eram trabalhadas. De certo modo, como revela a fala de Naldo na se o anterior, tal postura favorecia o interesse da coordena o executiva do projeto receando que os jovens assumissem o controle do fórum criando balbúrdia e caos.

Os jovens se agregavam ao Engenho de Sonhos de modo muito desigual. Alguns não tinham vivência em outros projetos, porém havia aqueles que chegavam através da pertenc a a grupos culturais já existentes, como   o caso de Edcelmo, da coopta o por parte dos coordenadores, tendo em vista uma vivência de

movimentos sociais como o MNMMR, no caso de Samanta, ou os movimentos pastorais como o caso de Naldo.

Ninguém discernia claramente ou poderia precisar como acabaria o Engenho de Sonhos. Tanto as ONGs e segmento UFRN quanto os jovens estavam “experimentando”. Essa clareza começa a ser enxergada hoje pelos seus participantes. Ninguém se dava conta, naquele momento, do significado de suas ações sociais. Os jovens agiam intuitivamente, faziam rupturas, aproveitavam das vivências obtidas naquele espaço. O fórum teve como grande virtude converter-se em um espaço no qual os jovens experimentavam formas de ação e organização social. Converteu-se em um laboratório de práticas.

Colocando em jogo as possibilidades de atuação e expressão possível através do Engenho de Sonhos, ao nível individual e grupal, esses jovens pareciam muito mais preocupados com uma modalidade de inserção social nova, ao invés de uma ruptura com o modelo econômico hegemônico que produzia sua condição de relegação social. Nesse sentido, talvez, estejamos próximos do que Gaulejac afirmava como sendo a substituição da luta de classe por uma luta por lugares sociais (GAULEJAC, 1994).

Em meio a conflitividade em que vivem haveria condições dos jovens dos grupos juvenis tornarem-se *gestores de seus conflitos* (GAULEJAC, 2006)? Seriam livres na medida em que poderiam se “realizar”, mesmo sem dispor dos mesmos suportes para exercer a sua liberdade e afrontar a luta por lugares sociais?

Buscamos essas respostas nos movimentos da Posse e Jovens Construindo Sonhos. Edselmo, Samanta, Naldo, Karla, entre outros, esforçam-se na busca de um sentido para sua existência através da cultura hip hop, dos trabalhos sociais, da atuação no chamado terceiro setor, mas também do esforço em fazer ou estudar para uma faculdade, de um trabalho que lhes possibilite um mínimo de renda para “jogarem o jogo social” (BOURDIEU, 2004).

Assim, reflexionando nas idéias de Touraine (2003), acreditamos que os movimentos sociais operando no campo dos signos culturais, como os movimentos dos jovens das periferias urbanas, poderiam produzir sujeitos que se arvoram na prerrogativa de questionar o seu vivido, perseguindo novas “produções” de subjetividades. E nessa perseguição, estabelecerem projetos em comuns, talvez “projetos de esperança” que dêem sentido ao coletivo conforme Edselmo nos aponta: “Tem então aqui uma esperança, o máximo que posso vislumbrar de comum

entre nós. Parar, sentar, refletir, abrir mão de algumas coisas e viver o hoje, para a sobrevivência do amanhã”.

Trata-se de uma “produção de si” voltada para um sentimento de autonomização em relação ao conflito vivenciado por esses jovens no plano psicológico, familiar, comunitário, social. Tentativas, algumas vezes redundando em completo fracasso, de elaborar um projeto existencial que, na estratégia em rede, possam ser “fiadas” junto a outros sujeitos que venham a fortalecer e serem fortalecidos pelo agir em coletividade. Em diversas periferias no país há jovens como os de Guarapes que querem alterar as condições materiais e imateriais (significações sociais que venham a conformar outra subjetividade) de existência. “Tecer no coletivo” para fabricar uma nova “produção pessoal de si”. Produção de um “sujeito coletivo” que não é o Edcelmo, mas um sujeito social que vai se “materializar” nas ações da Posse.

A nossa perspectiva enunciada mais explicitamente neste capítulo, mas dispersa em todos os demais é resumida nas reflexões de Martuchelli (TAKEUTI, 2007) que condensamos abaixo.

A subjetivação é indissociável do estudo de todas as esferas da vida social. Sobre esse pano de fundo a problemática é pensar a emancipação humana. Duas perspectivas: pode-se levar em conta um nível individual (sujeito pessoal) e um ator coletivo suscetível de encarná-lo (sujeito coletivo) e noutra perspectiva a preocupação em termos de uma “emancipação” (temos preferido falar em autonomia para não evocar a noção de um sujeito livre das contingências e determinações sociais) confrontada e em relação com a sujeição social.

O que de forma polissêmica chamamos de ‘morte do sujeito’, a consequência disso é a face negativa da subjetivação concentrando-se nas formas de dominação que operam na sociedade. Fica de lado o processo emancipador de um projeto coletivo de subjetivação. A subjetivação fica pertencendo à ordem da história e dos movimentos sociais. A ênfase no sujeito coletivo perde a subjetivação.

O sujeito se torna um efeito de poder com Foucault. E o extremo dessa leitura é a dominação enquanto uma estrutura “tentacular” sufocando e espremendo qualquer tentativa de emancipação. O processo individualizante de sujeição descrito no Foucault da arqueogeneologia. Os estudos ficam entre Lukacs (exploração e alienação que engendra um ator particular, o proletariado que é investido de uma

missão universal de emancipação ou hoje: mulheres, estudantes, minorias) e Foucault (na leitura do “sujeito como efeito de poder”).

Nosso estudo se inscreve numa investigação que palmilha as preocupações postas pelos movimentos sociais e como elas se tornaram preocupações e possibilidades de “novas formas de ser” no âmbito individual. Seja no caso dos movimentos das mulheres ou dos jovens: Trata-se de discernir as novas formas de fabricação, produção pessoal, de si, induzido pelos processos de subjetivação coletiva.

Estudar as relações entre sujeição e autonomia. Por isso fomos buscar guarida em Castoriadis. Nessa ótica seria falso pensar que os indivíduos poderiam criar livremente e de forma autônoma sua existência. A subjetivação direta ou indireta se define em relação a uma ação coletiva e é inseparável de um conflito social e de relações de poder. Ela pode expressar-se seja como a busca da dimensão do sujeito que se tem em si através de um conflito sem descanso – por meio de um jugo permanente da sociedade sobre si, ao mesmo tempo contra o mundo das mercadorias e contra formas ‘comunitárias’ (BAUMAN, 2003; TOURAINE, 1997) – seja como uma possibilidade de exploração de si graças a um aumento de uma iniciativa pessoal tornada possível por uma contestação cultural. Levar em conta o par autonomia/sujeição; entretanto a partir do engajamento das dimensões singulares em articulação com um projeto ético e político de realização de si. A propósito da subjetivação, a relação a si é estudada na tensão entre a lógica do poder e sua contestação social e não isolada.

O interesse sociológico sobre o trabalho do ator (sujeito singular) é consequência de uma representação sobre o conjunto da vida social. Se um indivíduo é um projeto maior de reflexão é porque doravante as mudanças sociais estão mais visíveis através das biografias individuais do que as sociografias de grupo ou de classes sociais. O que está em jogo na sociologia da individuação é chegar a discernir os desafios nos quais estão defrontados os indivíduos na cena contemporânea (MARTUCHELLI apud TAKEUTI, 2008).

Observar esses desafios pode nos ajudar a pensar as dificuldades ou mesmo a tenacidade com que muito embora, atravessados por impasses de ordens diversas, ainda assim “jovens periféricos” como Edcelmo estejam mesmo, em meio a altos e baixos como situamos no segundo capítulo, conseguindo gerir seus conflitos.

Essa gestão de si atualizada na posse enquanto espaço de experiências coletivizadas que suscitam projetos existenciais e também um agir em grupo via Posse. No cadinho das vivências coletivas, da gestão das próprias conflitualidades, vão se forjando novas subjetividades que “por necessidade” visam ações sociais. Edcelmo, por exemplo, considera-se um educador social, produzido nas “entranhas” dos problemas do seu bairro.

É muito fácil o sujeito chegar lá do PSTU [partido político] e dizer que faz mudança social, ele ganha quatro mil por mês [...] e com todo respeito, mas educador social nós somos já por vocação, por necessidade. Nós temos raiz, estamos ali na base. (Informação oral. Edcelmo)

Em todo o discurso do coletivo da Posse é claro o descrédito em relação tanto ao modo tradicional de operar da política partidária quanto à atuação de muitas organizações não governamentais. Não custa lembrar que esta última parte da crítica é feita a partir da experiência com o Fórum Engenho de Sonhos e as múltiplas ONGs que tomaram parte no processo.

Depoimentos semelhantes obtivemos de outros jovens de Recife e Fortaleza ligados ao Redes e Juventudes. Uma *arte de fazer*, para usarmos uma expressão de Certeau, realmente reconhecida pelos jovens moradores das periferias urbanas. Legitimada pela qualidade da sua cotidianidade, expressa no “conhecimento de causa” das agruras e intempéries daquelas pessoas.

Portanto, enfatiza Edcelmo, é por “necessidade” e “vocação” que ele e seus companheiros se tornaram “educadores sociais”, isto visto na ótica do ativismo social, ou como eles dizem “da militância” e não da prática de um educador “funcionário público”. É por necessidade e vocação que vão buscar no hip hop a modalidade cultural que melhor expressa o seu vivido. Também por “vocação necessária” surge a preocupação com a vida social do bairro, com as políticas públicas voltadas para a juventude que, vindas de fora, impactam a vida e a rotina dos rapazes e moças de Guarapes. E finalmente por “necessidade” é que os grupos associativos e culturais vão se reunir, seja em Guarapes ou em Felipe Camarão para se organizarem e participarem de redes juvenis para dinamizar o seu fazer e abrir novos caminhos que isoladamente não teriam como concretizar.

5.4.3 Impasses sobre a produção de arte, esporte, lazer e cultura.

A quase totalidade das ONGs e projetos sociais em curso no Brasil trabalham com ações culturais envolvendo campos os mais diversos de expressões artísticas. Apostam na possibilidade de “conscientização” política através da cultura. Vejamos um exemplo local.

De acordo com o Contrato de Convivência do Fórum Engenho de Sonhos (BEZERRA, 2004) a arte, cultura e lazer constituíam uma rede temática do Engenho. No documento oficial do Fórum Engenho de Sonhos, há a seguinte referência sobre os objetivos desse eixo:

[...]A mobilização de jovens, ONGs e a comunidade da Zona Oeste de Natal, em uma perspectiva de resgate dos valores culturais, produção coletiva de conhecimento, reflexão sobre a realidade, construção de identidade e auto-estima, buscando a modificação da conduta, da prática cultural e da paisagem local.(Bezerra, 2004, p.122)

Uma questão que advém da constatação da busca dos projetos sociais em construir relações entre cultura/artes e ativismo juvenil é se realmente esse relacionamento é exequível, ou ainda, poderá ter efeitos na produção sujeitos individuais e coletivos.

De um ponto de vista mais amplo, o que se denota em termos de contexto no qual esse fenômeno se produz é a valorização da cultura na sociedade. Há um veio enorme de problematização dessa afirmação com teóricos da escola de Frankfurt. É possível dizer com Adorno e Horkheimer, que a cultura torna-se, no século XX, mercadoria para consumo e alienação das massas. Tomemos o caso do Hip Hop, por exemplo. Trata-se de um movimento cujo início se funda em movimentos contestatórios. Hoje, no entanto, é propalado em videoclipes na MTV, em letras que versam sobre amor, sexo, liberdade, dissociando-se do movimento que lhe deu origem. O que queremos dizer é que o Hip hop que surge como “cultura de periferia”, passa a ser apropriado e vendido como cultura de massa. Adriana da Posse Lelo Melodia assinala essa questão:

A TV Futura só chamava o Caetano. Hoje estão procurando a gente e não é à toa. O foco deles é a juventude e o Hip Hop está aí. Eles estão se apropriando da cultura da periferia. Devemos ficar atentos. (Informação ora. Adriana)

Ao denunciar as estratégias da mídia para captar cada vez mais o segmento da juventude; Adriana põe em evidência que um estilo musical por si só não significa formas de participação política ou práticas sociais que possam reinventar a busca de Si de jovens da periferia. Então como os movimentos artísticos poderiam colaborar na produção de novas subjetividades que transponham os limites reais e imaginários da destinação social a eles imputados?

Assim, já indagávamos na dissertação de mestrado se as atividades artísticas e culturais, tais como participar de uma quadrilha junina, Hip Hop, capoeira etc, poderiam ultrapassar a perspectiva de entretenimento, show, espetáculo, e também atuarem como suportes identificatórios, fomentadoras do resgate da memória cultural de uma comunidade, de construção de novas subjetividades e de novos modos de vida. Não bastaria ensinar apenas tecnicamente como se dança a quadrilha, como se joga a capoeira, como se faz música Hip Hop.

Nesse sentido, é relevante registrar como os jovens da Posse Lelo Melodia descrevem as transformações pelas quais o grupo passou. Edcelmo situa em três momentos: o primeiro é a brincadeira, o estar juntos “à toa”. O segundo é reconhecer a si mesmo enquanto grupo cultural e procurar os meios de profissionalizar e consolidar essa identidade. O terceiro é o da percepção de que fazem um trabalho político, o que os leva a buscar articulações e parcerias. *“Começamos isso na brincadeira, depois virou atividade cultural, e nesse terceiro momento ação política.” (Edcelmo)*

Na esteira dessas reflexões sobre a ambivalência do papel da arte e cultura, e mais amplamente sobre a possibilidade de um “fazer política” por parte de grupos juvenis, buscamos subsídios nas pesquisas produzidas pela UNESCO no Brasil. As considerações a seguir serão alinhadas a Castro (2002), resumem o ponto de vista da pesquisadora em relação ao trabalho por ela coordenada.

[...] não é a tônica da UNESCO essa separação, essa idéia de que em 60, 70 os jovens seriam mais políticos e em 80,90 mais culturais. A idéia que nós estamos trabalhando é de que cultura, como modo de ser, de estar no mundo e de fazer coisas—como concebe cultura, por exemplo, Raymond Williams, envolve participação política. Então há formas de participação políticas mais visíveis, mais organizadas no sentido de legitimação social e há diversidades que hoje diferem das registradas, ou mais visíveis nas décadas de 60 e 70, como era o

movimento estudantil universitário. Hoje, uma marca desta geração ou as marcas destes tempos, não só do grupo de jovens, mas de um período histórico, é a fragmentação e a diversidade. Eu não me filio, e nisso tenho debates até com colegas na UNESCO, a essa idéia de que ONG é uma forma organizacional por excelência dos jovens. Há novas formas de fazer política, a questão de identidades, como as de gênero e raça, tem também hoje mais força que antes, correto, mas insisto, há muitos jovens em sindicatos e partidos. Há sim uma diversidade de massa crítica, há uma diversidade de lugares de realizações de política. Há muitos jovens e organizações juvenis que estão contribuindo para mudar a cara de vários partidos políticos, suas estruturas rígidas e que estão botando o debate sobre identidades, sobre costumes e relações várias. O que eu considero é que a política deixou de ser coisa de políticos profissionais. Deixou de ser uma estância em separado da vida social. Existe uma cultura política hoje e o que é essa cultura política? Faz-se micro política e política molecular; política de defesa do status quo e política com projeto de transformação social. (CASTRO, 2002, Cadernos do ISER)

Temos constatado essa diversidade de expressão de segmentos juvenis, sobretudo na Zona Oeste de Natal. A expressão desses grupos via arte e lazer, por exemplo, são anteriores a grandes projetos como o Engenho de Sonhos. E como mencionado no segundo item deste capítulo, o Canto Jovem aponta que apenas 10% desses grupos são financiados pelas ONGs. Castro (2002) defende a idéia de uma diversidade de lugares de realizações políticas. Se a princípio a pesquisadora em questão parece demonstrar um otimismo exagerado a partir do resultado de suas pesquisas, por outro lado, aponta a necessidade de mais investimento em formação política, incluindo aí o plano processual, ou seja, aprender as idiossincrasias da política formal, das leis e dos orçamentos; conhecer os rituais da política formal.

É nessa medida que autores como Alexander, aprofundando as idéias de Touraine (1993) insiste na relação entre cultura, movimentos sociais e política. Para ele, política é uma luta discursiva e que trata da distribuição de líderes e seguidores, grupos e instituições ao longo de conjuntos simbólicos altamente estruturados. Os conflitos de poder dizem respeito a quem leva o que e quanto, mas muito mais a quem será o que e por quanto tempo. Torna-se crucial na ação recíproca entre instituições comunicativas e seu público as categorias simbólicas das quais um determinado grupo é representado. Muitas vezes, enfatiza o autor, essa pode ser uma questão de vida ou morte.

Subscrevemos suas palavras, que parecem estar também no entendimento de Castells (2002) ao afirmar que entre a rede e o ser, constitui-se um espaço de lutas, em torno de códigos.

Conforme discussão no capítulo um, o rótulo de menino de rua remetia uma década atrás a uma representação cujo lugar era o da invalidação social, associando os seus participantes à imagem de vítimas ou de infratores sociais.

Talvez esteja aí uma razão para compreender em que medida os grupos juvenis articulados em redes adquiriram, nos dias atuais, uma maior capilaridade e visibilidade social, e com isso possibilidades de um maior enfrentamento (via arte/cultura/lazer) das adversidades a que estão confrontados, do que os movimentos sociais tradicionais como o MNMMR que estudamos na década anterior.

Demo, um jovem de expressão do MNMMR nos anos 80 na Zona Oeste, não teve a possibilidade de vivenciar o contexto social e histórico que se torna o cenário existencial de Edcelmo hoje. Este último lança o olhar mirando o acesso dos jovens de seu grupo a tecnologias de informação, à circulação de músicas e espaços de apresentação dos talentos artísticos do bairro, ao acesso a livros e filmes, ao acesso aos bancos universitários.

Demo era uma figura emblemática comparável a Edcelmo. Ambos lideraram seus grupos, ao mesmo tempo em que também se inseriam em outras redes (galeras) em práticas consideradas negativas do ponto de vista social (furtar, assaltar, consumir e atravessar drogas). Demo chegou a discursar em Brasília em uma conferência nacional sobre o ECA. Edcelmo participou de edições do Fórum Social Mundial. Mas a rede de Edcelmo era potencializada através do Hip Hop, permitindo-lhe outras inserções. Era um “artista”, um “rapper”. Sua música era também sua arma. Já Demo, para além do tráfico e do MNMMR, não possuía outras entradas que lhe rendesse novos “bens simbólicos” para lidar com as contradições que lhe atravessavam a esfera subjetiva.

O que já se depreende da observação da Posse Lelo Melodia e mesmo do Engenho de Sonhos para outros movimentos juvenis dos anos 1980 é uma ampliação da perspectiva acerca das reivindicações dos jovens. Não se trataria agora tão somente de denunciar a coerção policial nas periferias urbanas, mas de potencializar nesses lugares a “cultura da periferia” como um modo de abertura de caminhos em uma sociedade em si excludente.

Uma observação importante quanto à legitimidade das ações culturais e sua repercussão política é estabelecida tendo em vista o critério do “enraizamento” local dos movimentos culturais na produção de políticas. Edcelmo assim se expressa:

Há pessoas que estão no Hip Hop, mas não estão localmente, gostam e produzem músicas. Mas não tem essa vivência. Pra nós a gente é Hip Hop enquanto movimento social, de luta. Como o MST. A gente quer fazer um desenvolvimento das pessoas e que permaneça a cultura daquela comunidade. (Edcelmo – depoimento oral)

Na fala de Edcelmo a participação política é dada na cotidianidade, na vivência das relações sociais que se desenrola a cada momento nos locais em que justamente as desigualdades sociais produzem maior fragilidade no sentido da produção de elementos estruturadores de um vivido que proporcione autonomização, saídas em meio à conjuntura na qual estão situados.

O que nos une hoje é o Hip Hop. E o Hip hop é uma rede. Que começa uma iniciativa isolada, e, um ponto que é de alguém e vai se espalhando. Se consolida um microgrupo que faz algo cultural para esquecer os problemas locais. Diante de um avanço de pouco conhecimento a gente entende que o campo cultural não é nossa saída. Daí a gente começa a entender melhor que nos espaços, pode haver uma saída para nossa miséria social. (Informação oral. Edcelmo)

Exemplifiquemos com o MOHNB: os grupos buscam a rede, ela vem até a cidade para conhecer o trabalho que acontece. Se houver necessidade, vai ter um processo de discussão que varia no tempo, sobre o trabalho do grupo e a rede MOB. Depois acontece a filiação que é de grupos e não de pessoas isoladas. O hip hop é entendido como uma estratégia de desenvolvimento político. Deve haver trabalhos locais, discussões variadas desde o desenvolvimento local, cotas para negros, plano nacional de juventude.

Durante o mestrado, referimo-nos a noção de *espaços intersticiais*, a partir de Maffesoli (BEZERRA, 2004), para aludir um estar junto complexo e interativo, produzindo vínculos grupais, laços afetivos e de camaradagem entre os grupos juvenis no Engenho de Sonhos. Camaradagem que observamos uma vez mais, levando os membros da posse a sustentar o colega Cameleão que se encontrava

desempregado. Realizaram a seguridade social que o estado não fornece. Não mais indivíduos fechados, mas sujeitos relacionais tendo que se haver com as diferenças presentes na convivência. Diferenças que, segundo PP, são suportáveis exclusivamente pelo vínculo afetivo que existe entre os jovens da posse, pois as narrativas de suas vidas acabam se imbricando uma a uma compondo uma narrativa coletiva também.

São atravessados por uma lógica contraditorial (vimos isso no capítulo dois) a ser revelada na tensão existente entre os elementos heterogêneos dentro dos grupos e das redes juvenis, bem como no interior dos sujeitos jovens e da sociedade em que vivem. Não é possível falar em identidade uma, e as narrativas de vida dos jovens nos dá claros sinais disso: são ao mesmo tempo artistas, “puxam” fumo, ativistas políticos, voluntários, líderes comunitários, drogados em processo de recuperação; são mães e pais de família, trabalhadores assalariados e praticantes de atos transgressivos como esconder droga no quintal de casa. Se há uma polissemia nas condutas individuais, como é possível a liga que os une em coletivos que por sua vez se ligam em redes juvenis? A resposta de Naldo é que o encontro entre tantas narrativas de vida converge para a busca de “*caminhos de viver as dores e alegrias de ser o que se é através do suporte do grupo*”. Um equilíbrio precário entre a necessidade de sobrevivência individual e “*a promoção do coletivo como estratégia de sobrevivência grupal e geracional*”, como nos falou Edcelmo diversas vezes em Guarapes. A efervescência é da ordem da criatividade que precisa por em cena elementos novos a cada dia para se escapar do circuito mortífero cujas opções levam a uma “*nadificação social*”. O vivido que é a celebração da vida, um *enraizamento no cotidiano*, em Guarapes, acontece com vinho barato na casa de Amaury e Adriana por parte dos membros da posse. Eles se buscam uns aos outros durante o dia, ao longo da semana. Através da convivência grupal modificam-se uns aos outros. Tentam achar, continuamente, novos sentidos para o que fazem. Residiria aí a preocupação de autores como Touraine (2006) que apesar de apostar nas ações dos movimentos sociais para lutar contra a espoliação do modelo global hegemônico apontam também que sua fragilidade aparece na dificuldade em conceber objetivos para si e de não ter mais condições de enfrentar conflitos novos.

Contudo, tais observações não desmerecem o fato que hoje o movimento ou “cultura” hip hop é um exemplo da capacidade inventiva das juventudes, da

amplitude de articulação em rede e da exploração dos recursos tecnológicos com disseminação de códigos e valores. Novaes (2005) nos chama atenção para o fato, inclusive, da proliferação de sites sobre hip hop apresentando desde informações sobre grupos, passando por portais mais amplos sobre cultura hip hop local, até sites que utilizam hip hop como estratégias para projetos sociais (como www.trocandoidéia.org).

Os grupos de produção cultural, mesmo com abrangências diferenciadas, podem significar uma referência na elaboração e vivência da condição juvenil, contribuindo de alguma forma para dar um sentido à vida de cada um, num contexto onde se vêem relegados a uma vida sem sentido. Ao mesmo tempo, pode possibilitar a muitos jovens uma ampliação significativa do campo de possibilidades, com uma outorga legítima de quem atravessa as mesmas dificuldades, e, assim, abrindo espaços para sonharem com alternativas de vida que não aquelas restritas oferecidas pela sociedade.

Dessa forma, os grupos musicais e seus múltiplos significados apresentam-se como espaços e possibilidades de participação juvenil. Mas não só. A juventude também se encontra e reencontra no espaço das artes plásticas e artes cênicas, nos movimentos culturais, no esporte e atividades de lazer. São dimensões da cultura que possibilitam a troca, o diálogo, a convivência coletiva e a elaboração de projetos pessoais e grupais.

São nesses espaços que os jovens se dão a conhecer e conhecem uns aos outros, tomam consciência dos dilemas da sua condição juvenil e podem explorar suas potencialidades (Dayrell, 2007). Com isso, uma estima de si pode tomar vulto e uma imagem mais positivada vai se construindo não só para si, mas também para o bairro. É Edcelmo que nos diz que não raro ele e seus companheiros são identificados como os “meninos que cantam”, “os meninos que dançam”. Essa identificação gera uma aceitação melhor por parte do aparato policial que os trata com uma polidez surreal, comparada ao que Demo e seus amigos recebiam nos anos 80. Também são associados a imagens de pessoas contestadoras, como nos fala Adriana em uma ida ao posto de saúde com seu filho em que fala para as outras mulheres à respeito dos direitos dos usuários dos serviços de saúde. Ser uma “dandara”, isto é, uma *rapper* mulher é ser uma “jovem briguenta”, que não “engole” qualquer “conversa mole”.

Por outro lado, Dayrell (1999) pondera que a produção cultural desses grupos, em sua maioria, se mostra frágil e marcada pela precariedade e pelo amadorismo. Se o mundo da cultura se mostra um espaço mais propício para esses jovens construírem um estilo particular, o mesmo não acontece quando eles passam a pretender disputar um nicho próprio e sobreviver das atividades culturais. Acompanhamos as dificuldades da “Posse” na sua produção musical. As barreiras são muitas, entre elas o acesso restrito aos bens materiais e simbólicos e a falta de espaços que possibilite um conhecimento mais amplo e profissionalizado do funcionamento do mercado cultural. O relatório diagnóstico que tomamos parte, na época do Engenho de sonhos já apontava que as escolas públicas pouco ou nada investem na formação cultural, e quase não existem nas cidades instituições públicas na área cultural que possibilitem o acesso aos conhecimentos específicos da área. Ao mesmo tempo os jovens pobres se vêem obrigados a se dividirem entre o tempo do trabalho e o tempo das atividades culturais, dificultando o investimento no próprio aprimoramento cultural. Autores como Dayrell (2007) generalizam nossas observações locais ao sublinharem o dilema que está posto especialmente para a “juventude periférica”: estão motivados com a produção cultural, sonham em poder dedicar-se integralmente a tais atividades, mas no cotidiano precisam investir boa parte do seu tempo em empregos ou *bicos* que garantam a sua sobrevivência, e mesmo assim quando os têm.

Ainda assim esses jovens conseguem manter uma cena cultural viva e de alguma forma atuante. Isso o fazem da forma que podem, de acordo com os recursos materiais e simbólicos a que têm acesso. O que percebemos claramente que se faz na Posse: Inventar. Astuciosamente, vão “fuçando” aqui e ali e aprendem um pouco mais, ganham uma experiência em edição de imagem, em mixagem de som. Através da tentativa e erro, vão aprendendo a operar softwares de música. Trata-se de uma fabricação que temos constatado se dissemina e circula em lugares que o poder público desinvestiu. E que tem como esteio os “bicos” e virações desses jovens. Pensamos, inspirados em Certeau (2007), que se trata de um trabalho com “sucata”. Esclarecendo melhor, se na fábrica o operário recolhe matérias para fazer suas pequenas obras para responder a despesas pessoais, os jovens da Posse utilizam-se dos escritórios da ong em que trabalham e do “resto” dos projetos executados, do que recolhem em seus bicos, de uma técnica garimpada em uma prestação de serviço. Ante a ordem econômica dominante assistimos aos jovens da

posse criando maneiras de empregar a produção cultural vigente, subvertendo-a com seu trabalho próprio.

Trabalho minúsculo, sabemos em um vasto oceano. Porém, essa “ação microbiana”, encerra também um modo de lidar com as exigências de sobrevivência material e para, além disso, uma produção de sentido para si, uma construção de sentido que podemos dizer afeta o modo de subjetivação desses jovens, acalentando um desejo de ser sujeitos de sua história, mesmo em face das exigências objetivas de sobrevivência material.

As inúmeras modalidades de aglutinação dos jovens em torno da música, ou outras formas de arte, esporte e lazer têm possibilitado a constituição de identidades comuns, de linguagens e códigos específicos que reúnem jovens em grupos, canalizando interesses e formas de compreensão da realidade social.

A cultura juvenil atual parece se expressar no interior da sociedade e não como uma contracultura, explorando e também em certos casos exacerbando suas contradições em criar imprevisíveis possibilidades para o futuro. Basta ver a música funk exaltando o poderio bélico do narcotráfico no RJ, por exemplo. Ou a melodia, nas letras de RAP, que denuncia os processos de exclusão a que são submetidos grupos como os pertencentes à Posse Lelo Melodia. Essas letras chamam atenção para o cotidiano da vida dos jovens, para solidão e a rejeição a que estão submetidos. (DAYRELL, 2007).

Há um modo de ser jovem que se elabora a partir, por exemplo, do hip hop e do ativismo social tanto nos jovens construindo sonhos como na posse. Outros pesquisadores também chegaram à mesma conclusão: *“A vivência do estilo possibilitou a esses jovens práticas, relações e símbolos por meio dos quais se afirmaram com identidade própria, como jovens. Enfim, o estilo se coloca como mediador de um determinado modo de ser jovem”*. (DAYRELL, 2007,172).

Em torno desse estilo, Sposito (2000) sugere haver um modo muito peculiar de negação de mecanismos de dominação social. Alguns disputando, inclusive, espaços na lógica da reprodução cultural, criando caminhos alternativos e alimentando uma espécie de cultura underground, buscando algum tipo de “integração” social. Ao lado disso, há a questão da fronteira tênue que se estabelece entre os ritmos e a violência, por exemplo, nos bailes funks cariocas. Mesmo com essas ressalvas a autora concorda com a idéia de denúncia de uma condição social

atrelada a racismo e exclusão social; bem como a escassez de alternativas, figurando o tráfico enquanto saída com vantagens imediatas e fáceis.

Obviamente não é formação de um novo grupo de rap que vai simplesmente favorecer novas identidades coletivas (TOURAINÉ, 2005), veicular novos códigos culturais (CASTELLS, 1999); disseminar novas significações imaginárias sociais (CASTORIADIS, 1982) ou constituir uma arte de fazer (CERTEAU, 2007).

Ao que pese o valor intrínseco das variadas expressões artísticas isso não é suficiente para uma produção de subjetividade centrada em um projeto de autonomização coletiva. Vemos o hip hop na MTV, mas não pastoril, o caboclinho entre outras expressões folclóricas que são trabalhadas nos projetos sociais. Os rappers americanos celebrizados na TV não falam da mesma realidade que as dandaras do rap ou os periféricos do rap, ambos do coletivo Lelo Melodia.

Ainda Sposito (2000) observa que, de modo tenso e conflitivo, as expressões culturais dos coletivos juvenis podem se constituir enquanto campo inovador da cultura, com consequências diversas no âmbito do fortalecimento de novas identidades individuais e coletivas. A brecha que se poderia vislumbrar aí é a possibilidade dos movimentos coletivos juvenis alargarem a capacidade de auto-reconhecimento, reflexão e compreensão do mundo na condição de sujeito; juntamente com a capacidade de estruturação do agir coletivo, que via lazer, esporte ou cultura; pode ampliar outras dimensões da vida: interação com a escola, cooperação e solidariedade ligadas ao mundo do trabalho, ainda que de forma fragmentada e incipiente.

Diferente da “arte engajada” de outrora no qual o artista estava disponível para movimentos como o estudantil, hoje constatamos grupos juvenis como a Posse que se organizam com base em objetivos artísticos e culturais. Para Novaes (2007) essas atividades possuem repercussão política nos locais onde vivem. Novaes (2007) avalia:

Os grupos de arte e cultura também têm motivado a participação social de diferentes tipos de jovens em variadas organizações. Funcionam como articuladores de identidades e referências para a elaboração de projetos individuais e coletivos. A literatura tem mostrado um conjunto variado de grupos urbanos associados a comunidades esportivas, rádios comunitárias, grupos de teatro e de dança e estilos musicais (*rock, punk, heavy metal, reggae, funk* e outros) que desempenha uma importância crescente entre os jovens. Tais comunidades promovem novas formas de

pertencimento social que lhes permitem expressar seus descontentamentos, fazer denúncias e elaborar novos caminhos de participação.

No geral, não são estilos que buscam diluir a condição social periférica com uma roupa “insuspeita” do centro. Pelo contrário, acentuam os traços socialmente associados à marginalidade, fazendo da roupa uma espécie de denúncia, de caricatura da imagem que a sociedade reserva para eles. (NOVAES, 2007, 130)

Em nossas incursões em Guarapes e Felipe Camarão, foi possível entrever iniciativas da Posse e da AJCS nessa perspectiva. Articulações em prol do uso de biblioteca, ações de solidariedade no sentido do fortalecimento trabalho informal e de economia solidária (produção de sabão, produção de detergente), da valorização da estrutura física das escolas do bairro, da realização de um Projeto de Cinema na favela, com debate e show musical, entre outras.

Para Castro (2004), arte, lazer, esporte e cultura deveriam ser tratadas como políticas públicas para as juventudes. Entende que são direitos de cidadania cultural e dimensões básicas na vida e no universo juvenil. Contribuindo para abrir espaços quanto a valores e oportunidades diversas. O envolvimento em produções culturais não só abririam espaço para o jovem ser admirado porque é um artista, ao invés da admiração por portar uma arma no narcotráfico, como também porque se desenham caminhos nos quais se estabelecem outros modos de participação comunitária nos quais são veiculadas mensagens de cidadania.

Durante a dissertação de mestrado lançamos no grupo focal a seguinte pergunta: *o que faz com que os jovens se reúnam no Engenho?* PP apontava: “é o sentimento de injustiça em relação ao grupo”. Edcelmo acreditava que a adesão se fazia na medida em que o Engenho oferecia possibilidades ancoradas nas artes e cultura. Pensando no hip hop, dizia-nos que *“a proposta do grupo é ensinar aos meninos uma dança”* e a partir daí, segundo ele, era possível trabalhar, por exemplo, uma “conscientização política”. Mais adiante, tentando uma análise ao nível das demandas implícitas, acrescentava que, por outro lado, muitos jovens tentam *“esquecer a vida dentro de casa”*, enquanto outros vão à busca de *lazer*. Mas há também quem vai para se *“comunicar”* e os que querem *“reconhecimento na comunidade”* (BEZERRA, 2004).

Bem mais que na década anterior, atualmente os coletivos Posse e Construindo Sonhos, tem conseguido, via o recurso arte/cultura/esporte, tanto

chamar atenção para as potencialidades dos bairros da Zona Oeste como também disseminar elementos simbólicos no sentido de suscitar novas significações sociais quanto à juventude pobre daquela localidade. O “Jovens Construindo Sonhos” segue a tradição do Engenho de Sonhos, chamando atenção para os valores culturais de nossa cidade, explorando o lúdico e esportivo (como os grupos de skate e capoeira). Já a Posse, pelo seu caráter denunciador, capta a atenção através do protesto que evidencia desigualdades e segregação.

Daí talvez o duplo caráter da arte/cultura: ao nível pessoal de uma ressignificação da estima de si e ao nível coletivo enquanto estratégia de veiculação de significados, de fomentação de novas significações imaginárias sociais.

A experiência de Naldo e Carla com os jovens da “favela do fio” em Felipe Camarão retrata o que afirmamos. Começaram com oficinas dentro da favela, para num segundo momento, levar as crianças para o espaço da escola pública do bairro. Obviamente as crianças circulam noutros espaços do bairro e da cidade. Enquanto transitavam eram associadas à imagem de vândalos e arruaceiros, variações do significante “meninos de rua”. Essas significações eram a ela atribuídas pelos funcionários da empresa de ônibus que por lá circulava. Através das oficinas, elas poderiam mostrar outras facetas e circular associadas a novas significações sociais.

Adriana nos conta que seu grupo “Dandaras do Rap” apresentou-se em um festival gastronômico de uma praia conhecida pelo turismo. Percebeu que as pessoas dançavam e demonstravam muita simpatia não só durante, mas também após o show. Naquele momento, a ninguém importava a origem do grupo. Apenas a performance musical. Mesmo que desprovida de uma identificação com o conteúdo denunciador da apresentação, a questão aqui é o olhar positivado daqueles que os assistiam.

Ambos os exemplos dão-nos uma idéia do potencial de disseminação de novas significações sociais associadas a essas estratégias culturais. Permitindo, inclusive no segundo caso, uma possibilidade “fluxionária”, ou seja, de transitar em espaços que simbolicamente estariam reservados para um extrato mais privilegiado da sociedade local.

Entretanto, é sabido que essas iniciativas da Posse e Construindo Sonhos, enquanto ações atomizadas, não cobrem os flancos de luta e necessidades dos jovens pobres. Dayrell (2007) coloca a esse respeito:

Assim, se a cultura se apresenta como espaço mais aberto é porque os outros espaços sociais estão fechados para eles. Portanto, não podemos cair numa postura ingênua de supervalorização do mundo da cultura como apanágio para todos os problemas e desafios enfrentados pelos jovens pobres. No contexto em que vivem, qualquer instituição, por si só – seja a escola, o trabalho ou aquelas ligadas à cultura –, pouco pode fazer se não estiver acompanhada de uma rede de sustentação mais ampla, com políticas públicas que garantam espaços e tempos para que os jovens possam se colocar de fato como sujeitos e cidadãos, com direito a viver plenamente a juventude.(DAYRELL, 2007,174)

Na complementaridade dessas reflexões, seria possível, então, criar efeitos políticos a partir da ação de “jovens periféricos”? Eliênio nos responde assim:

O Movimento Cultural Hip Hop no bairro de Guarapes implantou, em pleno Nordeste, a mais universal das tendências artísticas da atualidade, além de vir vencendo preconceitos, resistências, dificuldades e repressão, fazendo a sociedade conhecer e respeitar o hip hop, com movimentos sociais e organizações políticas reconhecendo o poder mobilizatório e aglomerador dessa entidade-movimento, sem falar na periferia identificando-nos e reconhecendo-nos como representante legítimo de sua luta, causa e aspirações. (OLIVEIRA e SIVA,2009, p.45)

Novaes (2005) nos acena com um nível de resposta: a despeito da baixa participação nos espaços institucionais da vida política (lembramos que os jovens são parte desse processo que atinge a sociedade como um todo), atualmente assistimos modalidades novas de expressão dos jovens no espaço público. Quatro temáticas poderiam sintetizar as diferentes modalidades de participação juvenil: a) ecologia; b)trabalho, incluindo acesso às tecnologias de informação e comunicação; c)respeito às diferenças e demandas de grupos vulnerabilizados; d)cultura de paz e direitos humanos.

Novaes (2005) afirma ter sido posto toda uma discussão sobre o jovem como sujeito de direito de cidadania, de direitos humanos, preocupando-se com a amplitude do debate em face das múltiplas desigualdades econômicas, sociais, culturais e ambientais, mediante o entendimento da violação ou inexistência desses direitos para uma expressiva população jovem ao redor do mundo. E que nesse

contexto tem havido espaço para os “sentimentos pessoais” como sofrimento, autoestima, sexualidade.

Estamos “longe de uma democracia de informações” e também de uma democracia de expressões culturais, de “sentimentalidades” e de direitos em geral. Mas, particularmente, acreditamos que essa abertura para a reivindicação de “sentimentos” tem ancorado em nossa realidade local uma aspiração por autonomia (CASTORIADIS, 2007) que através do veículo da cultura, lazer e arte tem trazido importantes provocações para a construção de sentido para “jovens periféricos” preocupados em reinventarem sua subjetividade e nesse movimento, também seus familiares, vizinhos e bairros em que moram. Na compreensão de Eliênio, os efeitos políticos existem na medida em que essa juventude periférica empreendendo a construção de sentidos existenciais coletivos reivindica, via ações culturais, a prerrogativa de “porta-voz” da “luta, causa e aspirações” da periferia. As redes juvenis, que temos acompanhado, têm se constituído espaço dinamizador de comunicações, ações e identificações (NOVAES, 2005), mas, sobretudo, de produção de novas subjetividades juvenis.

5.5. MÚLTIPLAS EXPERIÊNCIAS EM SUA COTIDIANIDADE: A EFERVESCÊNCIA DA PERIFERIA

Para os jovens, o pertencimento subjetivo a um grupo supõe uma referência para sua própria vida: é o campo fundamental de elaboração da identidade grupal, amplia as modalidades de relação interpessoal, valoriza o reconhecimento de habilidades e opções, reforça os processos de autonomia, diferenciação, e pode contribuir para o desenvolvimento da participação social. (KRAUSKOPF, 2005, p.187)

A citação acima, talvez seja o resumo mais aproximado de nossas reflexões no encerramento da dissertação de mestrado. Hoje, no entanto, percebemos que há uma fluidez maior nas experiências dos “jovens da periferia”, que não os circunscreveriam a somente seus “grupos de pertencimento”.

Ao se projetarem para além da condição de “jovens de projeto”, Edcelmo e Eliênio, Naldo e Samanta anunciam em suas biografias outras sociografias reveladoras, não somente de um sentimento de abertura para um projeto existencial individual e coletivo no sentido de uma autonomização em relação à precariedade

de sua existência social, mas também a efeitos, reverberações de suas ações que adquirem um caráter político.

Os jovens vivenciam múltiplas experiências em sua cotidianidade. Retomamos a afirmação que fizemos no primeiro capítulo, porque aqui se revela aspectos importantes das *maneiras de fazer* dos jovens e o aporte em variados grupos e ligações em rede. Pretendemos ilustrar aqui a capacidade de articulação dos jovens no interior de seus bairros e dentro das “redes subterrâneas”.

Aqui tentamos vislumbrar os jovens enquanto “*homens genéricos*”. Um “homem plural” (expressão de LAHIRE, 2002), no qual podem ser mapeadas disposições muito diferentes que se colocam em ação, mediante a ativação de diversos contextos. A referência a Lahire (2002) é proposital. Na medida em que aportamos Bourdieu neste capítulo, temos “importado” construtos seus com campo. Um campo, no sentido de Bourdieu, pressupõe um conjunto de “especialistas”, algumas esferas do cotidiano independem da existência de um campo, de acordo com Lahire⁷¹ (2002) que nos dá exemplos: encontros de um amigo no bar (no bar do “Cabeça” em Guarapes”) velejar (jogar xadrez ou andar de skate na quadra de Guarapes).

Quando Amaury descreve, em uma de nossas oficinas, o modo como pensa ser visto pela sociedade, ele se refere assim: “*alguns momentos eu sou padrão e outros eles me veem como ‘pau torto’. Sou um vagabundo ou um ‘ator social’. No fim dá no mesmo. Sou o conjunto das duas coisas. Algumas pessoas não me veem; depende do olhar e do momento*”.

Na obra em que trabalha, Amaury é “desafiado” pelos peões que moram na favela próxima a Bom Pastor. O jovem branco é tido como mais um “otário da classe média”, imagem paradoxalmente distante do que sente no olhar das pessoas em geral. Ele foi beber dois fins de semanas com os peões lá na favela para demonstra que, embora esteja em lugar diferente na hierarquia da empresa, as trajetórias são semelhantes.

E o que diríamos de Naldo, cuja carreira agora se inscreve dentro do campo político partidário? Ao mesmo tempo em que em Guarapes é apenas “rapaz normal”

71 A discussão de Lahire (1992) permite desdobrar e relativizar a matriz conceitual de Bourdieu, principalmente as noções de habitus e campos, de disposições e esquemas, inscrevendo uma discussão do ator plural.

(não obteve votos no bairro), na Cidade da Esperança é um ativista dos movimentos sociais e aos olhos da sociedade local é ainda um “jovem da periferia”.

E das pretensões acadêmicas de Samanta em querer fazer um mestrado em serviço social?

E quanto ao trabalho de Eliênio que vai enviá-lo para outro país no qual seu salário alcançará um patamar inimaginável para ele? Líder do Fator Real, “protagonista do Engenho de Sonhos”, “vagabundo”, funcionário de uma multinacional, pai de família.

E o que dizer de DJ Muamba (Edcelmo)? A partir de suas músicas, realiza uma “composição”, um tráfico de ritmos que se interpõem e produzem através de novos arranjos irreverentes, uma perspectiva nova para velhas canções populares, clássicos de ópera e música de protesto. Com isso, embaralha as fronteiras entre trabalho, ativismo político e lazer.

Queremos demonstrar, a partir dos exemplos, que o estoque de esquemas incorporados pelos jovens no decurso de suas trajetórias de vida é bastante heterogêneo (diria Lahire que “atores individuais são portadores de esquemas de ação heterogêneos e, em certos aspectos, opostos, contraditórios”). É preciso considerar que a socialização⁷² de muitos dos “jovens periféricos”, como Eliênio e Samanta, não se dá na escola tão somente, mas preponderantemente nas ruas, nos projetos sociais, nas redes juvenis.

Mais do que isso, queremos demonstrar a existência de um trabalho de “composição” no qual esses jovens periféricos movimentam-se dentro da sociedade que os exclui, realizando um tipo muito singular de “inclusão”. Queremos com isso afirmar em que há, concomitantemente, momentos, níveis e matizes de “incluir/inserir” e de “excluir/desinserir”. Não se trata nem de um lado de jovens “adaptados” ou “ejetados” do sistema. Continuarão presos à ralé estrutural e às significações sociais imaginárias “mortíferas”. Trata-se realmente de uma movimentação intrigante: um sujeito que se gesta nos determinismos da heteronomia, tentando formas de existência que produz ato contínuo, outro vir-a-ser juvenil que pensa no bairro e gerações futuras, que aproveita brechas no sistema

⁷² Na dissertação preterimos a noção de sociabilidade, trabalhando com a noção de *sociabilidade* a partir de Michel Maffesoli (BEZERRA, 2004). Não há incongruência em relação à perspectiva do *ator plural* de Lahire (1992).

social, urdindo laços fugidios, mas preciosos; e ao tempo em que subsumem em contradições existenciais e diversas nuances de sujeição e controle.

Nessa busca de novas cidadanias e de reconhecimento a partir da alteridade, Edcelmo reforça os aspectos dos ideais coletivos da Posse Lelo Melodia. Para ele é impraticável pensar autonomia individual, destacada do resto do grupo. Esclarece-nos que um programa governamental está negociando durante dez meses uma bolsa em torno de dois mil reais para monitorar algumas ações no bairro. Imediatamente estabeleceu para si mesmo que destinaria uma parte desse dinheiro para três “manos” participar do monitoramento. Não que ele não fosse capaz de fazê-lo sozinho, mas que é assim que deve funcionar, sob pena “queimar-se” com o restante do grupo, ao perder o senso de solidariedade.

Solidariedade grupal aqui não redundando, no entanto, em autonomia coletiva. O que parece acontecer em Guarapes é que a Posse fortalece os laços entre os seus membros e lhes confere não somente uma identidade (“jovem de projeto”, “jovem de periferia”), mas uma multiplicidade de identificações (tanto positivas quanto negativas) que os inspira um sentimento de desejo por autonomização e, em decorrência, a manutenção do esforço em produzir um projeto coletivo que possa fazer com que “digam de si mesmo”, não somente no interior do bairro em que moram, mas em inúmeros lugares em que transitam virtual ou presencialmente.

O esforço coletivo pretendido pelo coletivo Posse Melodia e que se desloca para além de uma percepção de um si socialmente determinado, é nas palavras de Mellucci (2004) efetuar uma “descolonização de si”, sempre, no entanto, atrelado a um processo de lutas objetivas, como refere Bourdieu e outros autores.

Mais uma vez, referimo-nos a Certeau (2007), porquanto a arte de fazer é uma arte de empreender lutas ao nível do cotidiano dos jovens, que em cada novo lance, a cada oportunidade surgida, subvertem a ordem estabelecida e encetam em suas ações modalidades de ação que potencializam novas visões acerca do seu viver e fazer. Um exemplo disso é quando PP se refere ao modo como os moradores do bairro encaram os meninos como “vabagundos e desocupados”. Essas mesmas pessoas cumprimentam os jovens da Posse quando eles saem em programas de televisão, falam com eles e admiram suas façanhas.

A esse exemplo, retomamos outro no capítulo dois: tanto no depoimento de Pick quanto na narrativa de Edcelmo era possível estar em “fitas doidas” e pegar em armas de fogo enquanto participavam do hip hop ou pegavam frete na feira. Mais

uma vez a polissemia se destaca nestes jovens. Razão pela qual não nos arriscamos a falar de um habitus suburbano, mas de uma pluralidade de ações de conformidade com a situação e com a oportunidade que se descerra ante seus olhos. Algumas dessas ações no campo da arte e cultura, reivindicando novas subjetividades potencialmente, estabelecem impactos sobre uma micro-política, uma política do cotidiano.

É nesse jogo de oportunidades, de múltiplas inserções, que a produção de si vai se fazendo, tecendo uma subjetividade plural que rejeita rótulos limitadores e que busca realizar caminhos para si no intercâmbio com o projeto de outros, formulando, ainda, diretrizes coletivas, estratégias de lutas e apoios que se fiam conjuntamente.

Essa pluralidade de ações já não era novidade. Desde os tempos de MNMMR, víamos Beaba entre pequenos delitos, a participação no núcleo das Quintas e a busca por trabalho de “carteira assinada”. Igualmente durante o mestrado, acompanhávamos algumas meninas do Engenho de Sonhos entre a escola, as ações voluntárias e o sexo turismo. Outros rapazes estavam no “trampo”, como era o caso de Eliênio, que trabalhava em um laboratório de Análises Clínicas, para de lá envolver-se como “protagonista juvenil” do Engenho de Sonhos e manter em Guarapes os ensaios com seu grupo, Fator Real, além de frequentar as aulas no curso de psicologia.

O que era realmente novidade, agora no doutorado, apresentava-se sob a forma como a estratégia de coligação em rede potencializava os múltiplos pertencimentos dos jovens, os acessos que esses pertencimentos possibilitavam, a produção de um sentido existencial coletivamente dado e o modo por meio do qual através de novas formas de subjetivação seriam também possíveis “composições” e atitudes de confrontação coletiva com os mecanismos de sujeição social, produzindo nesse confronto efeitos políticos ao nível do sujeito social que emerge nesses coletivos.

Retomando “Edcelmo-Muamba”: desenvolve sua militância no bairro através da Posse; trabalhava na ONG PDA - Caminhos do Sol; via MOHNB e Posse participa de várias redes juvenis e envolve-se em conferências, fóruns e eventos sobre políticas públicas, sobre juventudes, segurança, etc. Durante os festejos de fim de ano, propôs ao seu amigo “Cabeça” de “tocar um som” no bar dele (Bar do “Cabeça”, em Guarapes). A idéia deu tão certo que resolveu ganhar dinheiro com isso. Agora, a “discotecagem”, como ele chama, já está envolvendo trabalhos

indiretos: contratação de seguranças para manter a “ordem” na festa, infraestrutura de luz e som, e até uma “agenciadora” para agendar shows.

Dessas modalidades de organização juvenis, outros autores assinalam pluralidades nas ações das juventudes que apontam novos arranjos entre subjetividades e objetividades. Novaes (2005) assinala:

Por outro lado, observando o conjunto das consignas e formas de organização juvenis, notamos que os sentimentos pessoais [outora proscritos do campo da participação política] são hoje levados ao espaço público. Na interseção entre direitos de cidadania e direitos humanos há lugar tanto para a idéia de justiça e igualdade como para categorias como sofrimento, autoestima, fraternidade, solidariedade, sexualidade, identificações culturais. Tais combinações podem oferecer uma historicamente inédita equação entre *subjetividades* [que se valem do pessoal, mas não ficam restritas a questões de foro íntimo] e *objetividades* [que exigem ações no aqui e agora do espaço público] (NOVAES, 2005. p.144)

Nossos “jovens periféricos” da sociedade em rede, seja através da hipermídia ou das viagens para fora do estado, descobrem outras experiências sociais acontecendo pelo Brasil afora. Esses contatos promovem esperança para ter ânimo nos seus projetos. Aqui, ressalte-se, situamos esperança num contexto diferente de duas décadas atrás, vivida no insulamento individual ou grupal, de maneira abstrata de que “um outro mundo é possível”; hoje poderíamos falar em uma esperança “ecoante”, “ressonante”, “reverberadora” de experiências concretas de solidariedade e de resultados obtidos nos planos objetivos de trabalho e renda, de cooperativismo, de educação e cultura, por exemplo. Portanto, uma esperança compartilhada com outros que vivem situações semelhantes e que tentam cavar meios de existência mais digna, pelo menos melhor que essa existência que a sociedade, até agora, lhes outorgou, pois a eles – não esqueçamos - foi impedido de terem um lugar digno na sociedade.

Queremos mais uma vez pontuar as contradições que atravessam o campo juvenil, ao passo em que observamos uma pluralidade de estratégias que se descortinam na vida dos jovens, nem sempre “glamourosas”. Mais do que isso, referendar que mesmo no momento atual do cenário social e político brasileiro, que favorece a emergência dos “jovens de projeto”, e levando em conta os mais

engajados em busca de um sentido para suas existências sociais; é fato que suas experiências são carregadas de muitos impasses, limitações e invalidações.

São rapazes e moças inventivos, isso podemos afirmar. Mas sua inventividade não se dá em razão de uma “originalidade”, e sim porque se esmeram naquilo que é da “ordem do possível” para sua “sobrevida”; para conferir um sentido aos esforços que empreendem.

Essa espécie de composição no movimento dos grupos juvenis parece fazer advir, no interior do protagonismo, um antagonismo que pode vir a expressar efeitos políticos na forma de jovens antagonistas. Uma transição marcada pela passagem de “jovem de projetos” para “jovens periféricos”.

5.6. PROTAGONISTAS OU ANTAGONISTAS?

Há uma tendência por parte de algumas agências financiadoras em buscar novas modalidades de relacionamentos com os jovens. Essa concepção acaba sendo embutida nas diretrizes dos projetos sociais por elas patrocinadas. Trata-se de conceber os jovens não mais como simples beneficiários dos projetos e dos programas. Essa é a postura, por exemplo, da Fundação Kellogg, conhecida por nós através do Fórum Engenho de Sonhos. Thompson (2005) escreve o que entende por “associar-se à juventude”:

Associar-se à juventude exige que se reconheça a importância dos jovens como protagonistas do desenvolvimento local – uma estratégia que oferece um ponto de entrada poderoso e inovador para o debate sobre essa questão. Parcerias bem organizadas podem transformar os jovens em agentes primordiais desse processo, com capacidade para organizar, intervir e atuar em diversos níveis: na família, no sistema educacional, nos seus pares, nas comunidades e na sociedade como um todo. Os jovens não devem ser considerados beneficiários das políticas e dos programas de desenvolvimento, mas, acima de tudo, eles devem assumir cada vez mais a responsabilidade pelo seu próprio presente e futuro (THOMPSON, 2005, p.12).

A fundação Kellogg parece expressar uma nova tendência a partir da idéia de “associação” com os jovens. Em outras palavras, significa elevar o jovem ao status

de *protagonista social* “assumindo a responsabilidade pelo seu presente e futuro”. Imbuídos desse “espírito” educadores, técnicos, consultores e agências de fomento traçam novos desenhos nos diversos projetos sociais, criando espaços para uma relação mais interativa com os jovens, ou algumas vezes alterando o formato da gestão para incluir, como foi o caso do Engenho de Sonhos, na sua segunda fase, uma cadeira no conselho gestor.

O problema começa quando se tenta viabilizar na prática o protagonismo social dos jovens. Lembramos que ao relatar as ações do Engenho de Sonhos em um encontro do Redes e Juventudes, mencionamos a reformulação na estrutura organizacional do projeto para contemplar a “inclusão” dos jovens. Um comentário sutil e elegante de Dayrell, naquele momento, resume muito do que iremos desenvolver nos próximos parágrafos: “uma cadeira no conselho gestor de um projeto, não garante a autonomia dos jovens”.

Ora, retomando Castoriadis (2004), a heteronomia é justamente a impossibilidade dos indivíduos sociais em questionar as instituições nas quais fazem parte. Como, então, seria possível produzir instituições que em suas ações pudessem suscitar indivíduos no anseio por autonomia conforme nossa discussão?

O paradoxo que estamos discutindo aqui é que apesar de estabelecer na missão do projeto, programa ou instituição os esforços por uma instituição mais autonomizada acaba por derrapar em flagrante heteronomia. Uma das vias de abordar essa questão pode ser exatamente através das significações sociais que atravessam as instituições. A esse respeito, no item 8 traremos uma reflexão em torno de uma experiência prática que tivemos em Recife.

A esta altura de nossa argumentação uma idéia se consolida: apesar de tudo o que discutimos anteriormente, a formação de redes juvenis não necessariamente implica em espaços de “inventividade social” ou “emancipação”.

Durante o mestrado conhecemos um jovem protagonista, no Maranhão, que fora, pela sua ONG, escolhido para participar da organização de uma atividade. A comissão organizadora deu-lhe vales para que pudesse estar presente em todas as reuniões. Ele os usava, no entanto, para ir a outros lugares, quando não vendia e ficava com o dinheiro. Ele mentia sobre a destinação do recurso, sempre que questionado. Mas não faltava às reuniões: sempre conseguia uma bicicleta para ir. Quando descoberto, foi excluído da equipe de trabalho.

Também durante o mestrado uma educadora de Pernambuco contou-nos que os projetos, involuntariamente (ou não), acabam criando um modelo de jovens para interagir em sociedade. Muitas vezes, o jovem dentro desse modelo se vê como alguém livre que pode tudo. “*É um ator isolado ou um elenco?*” Disse-me ela a certa altura. Elenco parece traduzir o nível da interação no espaço social entre o ator e outros atores no mundo. Contraponto ao modelo de “protagonista” por anunciar uma subjetividade cuja autonomia deve ser relativizada.

Justamente nas movimentações dos jovens dos grupos em estudo percebemos a força do controle e disciplina (nos termos de Foucault) a operar na “docilização dos corpos”, ou seja, na produção das subjetividades juvenis. Autores como Takeuti (2007) alinham-se a uma determinada concepção sociológica da punição na qual ela é pensada como uma instituição social que se articula “a uma rede mais ampla de ação social e significado cultural”. Visto dessa perspectiva, *a punição tanto regula as condutas por meio da ação social física, quanto regula significados, pensamentos e atitudes sociais.*

Ao invocar esse prisma de análise a partir da matriz foucauldiana, temos em mente as condições de produção de subjetividade nos mesmos espaços sociais (mais precisamente: coletivos juvenis, projetos sociais e as redes juvenis nas quais se coligam) em que se dão concomitantemente a fabricação de indivíduos nos moldes que essa matriz nos sinaliza. Sob essa égide colocaremos a presente discussão entre protagonismos e antagonismos juvenis. A esse respeito, Eliênio nos traz sua experiência em outro de seus textos selecionados para o livro da Posse em nossa oficina de história de vida em coletividade:

Nessa historinha de regras de convivência, nós do Hip Hop sempre nos damos mal. Se qualquer coisinha acontecer, sempre, nós somos os primeiros suspeitos. Isso porque no GPS havia uns camaradas que davam maior valor a quebrar as regras, e como já éramos taxados para caralho, acabamos nos retirando pela primeira vez do Engenho de Sonhos, porque ninguém conseguia nos entender, e a gente se sentia super discriminado por outros grupos. Pode até ser que as pessoas achem que é besteira ou exagero nosso com esse lance de discriminação, mas infelizmente acontece (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p.42]).

O fato de serem “taxados” dá-nos a noção exata do quanto os jovens da Posse são difíceis de serem “dobrados”. De fato, ouvíamos muitas reclamações dos educadores à época do Engenho de Sonhos de que Eliênio e os demais eram muito

“arredios”, “donos da razão” ou mesmo “revoltados”. A caracterização de “revoltados” é diametralmente oposta à aura em torno de muitos jovens de projeto que encontrávamos no Engenho de sonhos: “educados”, “gentis” e “dóceis”. Logo protagonista era sinônimo de jovem cooperativo e disponível. Alguns desses jovens “afáveis” também reclamavam da dificuldade de diálogo com a Posse. Curiosamente, Adriana era uma delas.

A gente vinha traçando nosso caminho, andando sempre na trilha e não na linha. Com certeza tinha muita gente que gostava da gente, e outros nos achavam chatos. Achamos sempre melhor nos concentrarmos no que estávamos fazendo, do que nos preocuparmos com o que os outros pensam da gente. O importante foi que conseguimos construir uma relação de confiança com os jovens de outros bairros, o que fez a diferença no planejamento do ano seguinte e nas discussões sobre a gestão do Fórum. Depois de uma forte pressão jovem, a plenária resolveu incluir os jovens no Conselho Gestor, que iria funcionar de forma palitaria, tendo cinco integrantes das ONGs, cinco da UFRN e cinco do seguimento jovem. Foi mais uma conquista do seguimento juvenil, que até então só participava das atividades.

Levamos a discussão pra plenária jovem e depois de muitas reflexões, resolvemos fazer a escolha dos cinco que iriam representar a turma no Conselho Gestor do Fórum Engenho de Sonhos. Foram eleitos sete jovens, sendo cinco titulares e dois suplentes. De todos, três titulares e um suplente eram de Guarapes (um titular dos três que eram de Guarapes era da Posse e o suplente também). Na verdade isso não quer dizer nada, mas na real, nós da Posse tínhamos um grande diferencial no Engenho, que fazia a galera se aproximar e se relacionar conosco. Fizemos muitas capacitações e estávamos em praticamente todos os espaços das linhas de atuação do Engenho, na Comunicação, em Trabalho e Geração de Renda, na Cultura e Esporte. Por isso tínhamos uma participação ativa nesse processo. (Informação Oral. Adriana)

O que chama bastante atenção é que apesar das características “pouco diplomáticas” que poderiam até ser interpretadas como “falta de aptidão para se relacionar” os jovens da Posse eram sempre “esperados” nas ações do Engenho de Sonhos. Mais que isso: não se furtaram a desempenhar o papel de um dos principais atores do Fórum potencializando suas ações e fortalecendo as ONGs em suas posições estratégicas de decisões e disputas com o segmento universidade.

Agora o interessante era que a galera da Posse não se sentia à vontade dentro do Espaço Cultural, e tinha certa resistência em não frequentar o local e somente os “linha de frente” eram que faziam os corres no Engenho e por isso, éramos questionados pelos dois lados. Primeiro pelos integrantes da Posse, que diziam que a gente deixava de fazer por eles para articular as ações do Engenho e [também] no Espaço Cultural, [diziam que] não conseguíamos mobilizar os caras dos grupos da Posse para participar das atividades realizadas lá. Não podíamos fazer nada se alguns da Posse não se sentiam parte daquele processo, e nem se sentia a vontade para ensaiar lá. Sei que a pressão era grande em cima de nós, e tínhamos que respeitar as colocações dos caras, porque antes de sermos Engenho, nós éramos Hip Hop. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p.45])

PP, em uma conversa informal, nos fala que faz parte da “performance” do grupo apresentarem-se com a “cara feia”. Isso estaria atrelada a uma mensagem de “indignação” pela situação social dos jovens pobres. Uma postura “pouco amistosa”, e incongruente com uma certa expectativa de “protagonismo”. Pode ser um modo de expressar anseios, posturas e posicionamentos.

Por outro lado, o dito “protagonismo” não era bem compreendido pelos outros jovens da Posse, Pick entre eles. Pick nos conta que via com muita desconfiança o Engenho de Sonhos como um todo. Havia um incômodo em ver Edcelmo, Eliênio e PP nas lides do Fórum. Estes últimos sentiam-se numa difícil situação de mediação com seus “chegados” uma vez que era difícil explicar como eram “protagonistas” do Fórum e isso não se traduzia concretamente em alguns benefícios para a Posse, como a gravação de um CD. Apesar disso, Pick e os outros se esquivavam de participarem das ações do Engenho de Sonhos. Mas mantinham distância em razão de suas reservas frente “as regras”, “dispositivos”, “práticas”.

Eliênio relata como o protagonismo vai se tornando também antagonismo, no passar do tempo das relações entre Posse e Engenho de Sonhos:

No Espaço Cultural de Guarapes, as coisas estavam funcionando na tora mesmo, e a relação entre os grupos e os educadores que acompanhavam o processo já não estava muito boa. Aos poucos fomos descobrindo, nas paralelas, as merdas feitas por eles também, e nos decepcionando cada vez mais, o que iria fragilizando o grupo aos poucos.

Mas ainda tínhamos uma grande ação para realizarmos, junto com o Engenho de Sonhos, o que seria o III Movimento Hip Hop e Cultura Negra. O segundo semestre de 2004 foi para correr atrás dos parceiros, graças a que, conseguimos realizar o que podemos considerar como o maior evento de Hip Hop do Estado do Rio

Grande do Norte. Conseguimos manter as parcerias que contribuíram na realização do II Movimento e ampliar o leque de apoiadores pra realização do evento, que depois de ser tantas vezes remarcado, estava programado pra Janeiro de 2005. O Redes e Juventudes entrou com um recurso que deu para nós garantirmos a participação de seis estados do Nordeste e de outros municípios do Estado, o que deu um peso político muito massa no evento. Dessa vez, utilizamos as duas escolas do Guarapes: uma pro alojamento e a outra pra realização das atividades. Foram três dias de muita correria e desgaste pessoal. O evento teve cobertura de todos os meios de comunicação, fazendo uma divulgação jamais feita a um evento de Hip Hop no Estado do Rio Grande do Norte. Conseguimos mobilizar mais de duas mil pessoas, que entre as atividades e shows participaram do evento.

Foi a nossa ultima ação realização junto ao Engenho de Sonhos. As coisas já não caminhavam muito bem por lá e os estresses vinham dividindo mais ainda os grupos juvenis. Mais ou menos dois meses depois do III Movimento Hip Hop de Cultura Negra, resolvemos nos retirar desse processo e continuar nossa história sem dinheiro e sem estrutura física nenhuma.

Algumas pessoas nos chamaram de traidores, por termos nos ausentado do Engenho e do Espaço Cultural, mesmo a gente tendo garantido a estrutura do Ponto de Cultura onde seria instalado no espaço Cultural. Mas a gente não tinha mais nem como continuar com eles, porque as relações como companheiro de trabalho, como amigos e como parceiros já tinham chegado ao extremo, sem as mínimas condições de mantermos um trabalho em conjunto. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p. 45])

Nesse sentido, o que os jovens da Posse rejeitavam não era o Engenho de Sonhos enquanto espaço de experimentação. Ao contrário, eles reconheciam e eram gratos a esse espaço de movimentações como um laboratório de amadurecimento, que afirmam ser suas “práticas políticas”:

Pra nós da Posse, foi muito rica e produtiva a experiência de conviver durante quase cinco anos no Engenho de Sonhos. Aprendemos muita coisa lá e não negamos isso a ninguém. Foi lá onde começamos a conhecer o nosso potencial como sujeito e ator principal no processo de transformação das políticas sociais e de juventude.

Despertamos o nosso protagonismo e começamos o nosso processo de emancipação política trabalhando junto com eles, saindo praticamente todos os dias para correr atrás do que nós mesmos planejávamos. Além de tudo, conhecemos através dos nossos orientadores vários parceiros que até hoje apóiam nossas ações, mas não todos, porque como disse antes, tínhamos nossa vida própria antes do Engenho e já tínhamos alguns parceiros. E o melhor de tudo foi ter feito vários amigos jovens e educadores de ONGs que hoje em dia, quando nos vêem nos corres da vida dizem;

“olha os meninos do Hip Hop, e aí como andam as coisas com vocês?” Ou seja, sabem que a gente continua nossa historia. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p.46])

A grande questão era mesmo a gestão do projeto, seu formato, os trabalhadores sociais e a UFRN e com eles as disputas de interesse e os jogos de poder. Conflitos de poder esses que habitam também a relação entre os pares gerando embates, disputas e também manipulações. Conflitualidades que atravessam os grupos juvenis e também as redes e que se manifestam na ação coletiva dos jovens com as diversas esferas da sociedade. Revelador das dificuldades objetivas de “*associar-se à juventude*” porquanto tal associação implica também embate de interesses, níveis de participação e compartilhamento. A esse respeito, Mellucci (2005) assim se posiciona:

A ação coletiva antagonista é uma “forma” que, pela sua própria existência, pela maneira como se estrutura, envia sua mensagem. Objetivos com certeza existem, mas eles são esporádicos e até certo ponto substituíveis. Tais formas de ação exercem efeitos sobre instituições, modernizando seu pensamento e organização, formando as novas elites. Mas, ao mesmo tempo, suscitam questões para as quais não há espaço. Enquanto nós aplicamos e executamos o que um poder anônimo decretou, os jovens perguntam para onde estamos indo e por quê. Sua voz é ouvida com dificuldade porque fala do particular.

A natureza precária da juventude coloca para a sociedade a questão do tempo. A juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade.

Os movimentos de jovens dividem-se entre o radicalismo político e a violência de alguns grupos extremistas (às vezes grupos de direita, às vezes revolucionários, anarquistas etc). A expressiva marginalidade da contracultura, a tentativa de controlar uma parte das organizações políticas e de transformar grupos juvenis em agências para políticas juvenis é uma orientação conflituosa, que toma a forma de desafio cultural aos códigos dominantes. Em um ambiente que favorece a “pobreza” de recursos internos (desemprego, desintegração social, imigração) este último componente não pode ser bem-sucedido na combinação com outros e o “movimento” juvenil se divide. (MELUCCI, 2005, p. 42)

Jovens como os da Posse Lelo Melodia movimentam-se entre esperanças e frustrações. Entre o sentimento de autonomização e sentimento de vergonha. Entre

o sentimento do perecível e do eterno; entre a prudência e a *hubris*, entre a responsabilização e o conformismo generalizado. Entre os significantes “de rua” e o “de projetos”.

A partir dessa “movimentação” cujas ações revelam uma composição entre níveis de “normalização” e “docilização”(Foucault) e “maneiras de fazer” (Certeau); entre um sentido fornecido pelas instituições que os mantêm na *heteronomia social* e um projeto pessoal e coletivo que se torna um *projeto de subjetividade* (Castoriadis) estamos atentos a uma produção de si que em decorrência das forças que a atravessam profundamente conflitivas no jogo entre antagonismo e protagonismos.

Na esteira de Mellucci (2005) por outro lado, os “jovens periféricos”, como temos visto nas ações da Posse, sobretudo, assumem uma posição eminentemente antagonista para denunciarem, algumas vezes de modo consciente, outras não, a “fratura social” (TAKEUTI, 2002) e reivindicarem para si outras *maneiras de ser* e de realizar na sociedade de nossos dias.

Esse antagonismo, que teria uma potencialidade geradora de novas subjetividades, a partir da ação coletiva dos jovens, em casos como os da Posse, enseja ainda outras reflexões. A idéia de um embate é associada, em geral, a luta, destruição e morte. A noção grega de *Agon* (luta, combate, competição) dá-nos uma pista do quanto o elemento agonístico poderia ser canalizado noutra direção. Ao invés de suprimir a luta, o combate, os antagonistas canalizavam e escoavam o conflito, nos concursos poéticos, nas disputas políticas, como elemento poético, criador, fazendo emergir o novo a partir dos embates.

Nesse sentido é preciso reconhecer a diversidade de juventudes, de suas demandas e objetivos. Os reordenamentos do sistema capitalista, o contexto social-histórico e as instituições fabricadas na sociedade a cada vez. As significações sociais imaginárias que circulam nos grupos, redes e na sociedade como um todo dando o tom dos embates e das possibilidades de emergência do novo.

5.7 AQUISIÇÃO DE “CAPITAIS” POR PARTE DOS JOVENS DE PROJETO EM SUAS ESTRATÉGIAS DE COLIGAÇÃO EM REDE

Discutiremos o processo de “capitalização” dos jovens no sentido de Bourdieu (1996). Enfatizamos o contexto das determinações sócio-históricas que atuam, tanto

ao nível individual quanto coletivo, fortemente nos processos de lutas por lugares sociais reconhecidos.

Víamos durante o período em que acompanhamos o Fórum Engenho de Sonhos, como eram escassas as oportunidades de acesso à arte e lazer por parte dos jovens. No entanto, o grande fluxo de jovens no espaço cultural de Guarapes ou em outros bairros de atuação do Engenho de Sonhos não poderia ser resumido apenas a um lugar para assistir filme “de graça” ou a uma quadra para jogar vôlei ou futebol de salão. Propomos a seguinte pergunta para o grupo focal que coordenamos: “O que faz o jovem ir para o espaço cultural de Guarapes?”. Particularmente, o depoimento da jovem Amanda, à época, foi incisivo: *“busca pelo conhecimento”*. É possível atrelar para esta afirmação várias questões que podem tê-la norteado: Busca dos jovens por conhecimento cultural? Conhecimento de regras novas para jogar o *jogo social* (BOURDIEU, 2001)? Conhecimento de ferramentas que “capitalizam” o jovem profissionalmente? Conhecimento de si mesmo? Que demanda realmente seria essa? Os subitens desta seção apontam a existência de um “saber prático” por parte dos jovens e as dificuldades surgidas na busca por competências reconhecidas em âmbito social.

DIPLOMADOS NA ESCOLA DA VIDA

Em debate promovido na UFRN, uma universitária questiona PP sobre o fato do pessoal do RAP fazer “cara feia” durante as apresentações. Ele explica que isso se deve ao cotidiano de dores e sofrimentos psíquicos no bairro de Guarapes. Detalha que ao se tomar um ônibus é impossível não ser lembrado disso: as pessoas compartilham e socializam o cotidiano de dificuldades. Ela retruca dizendo que é filha de pobres e também anda de ônibus. Ele finaliza: *“o seu não deixa de ser outro mundo”*.

PP quer chamar a atenção da jovem. Fazê-la perceber que mesmo não sendo filha de pais abastados, pertencendo à classe trabalhadora, o seu universo é diferente do vivido por PP. A pertença ao campo acadêmico através do ingresso à universidade vai inseri-la em novos grupos sociais e em novas redes relacionais, em um novo campo social. Pode-se especular que o imaginário social a ela agregado é

de “pobre trabalhadora”, mas em hipótese nenhuma será de “menina de rua” ou mesmo “jovem periférica”.

Na discussão de Bourdieu (2004), PP e a universitária pertencem a campos diferentes e estariam submetidos a lutas simbólicas por distinção igualmente diferenciadas. Mesmo levando em conta que ela tenha uma origem humilde, opera em um campo no qual as competências valorizadas passam pelo diploma, pela educação formal. PP é diplomado na “escola da vida” e faz os seus “corres” e “virações” (práticas cotidianas) em torno de outros tipos de competências que não são valorizadas ou sequer mensuradas no ambiente acadêmico.

Ser “diplomado na escola da vida” é a afirmação de um *saber prático* que se impõe em razão dos impasses na obtenção e consolidação de um saber formal que se daria através do processo de escolarização culminando com o ingresso nos cursos de graduação e a obtenção de um diploma universitário. Jovens como PP, Pick ou Adriana tentam tirar partido das possibilidades disponíveis, a partir de uma trajetória em projetos sociais ou grupos culturais, inscrevendo-se em relações objetivas que se estabelecem no *espaço social* (BOURDIEU, 2004) em que tomam parte.

Tanto Adriana quando diz “*somos ladrões e prostitutas*” quanto Amaury com a frase “*a sociedade nos vê como vagabundos*” denunciam as dificuldades na luta pelo reconhecimento social. Falar em Guarapes é referir-se a um lugar desqualificado, sobre o qual os olhares da sociedade associam expectativas negativas quanto aos projetos de subjetividades que dali podem surgir. Entretanto, em meio a isso, esses jovens foram produzindo, lentamente, um determinado *capital cultural e social*. Foi preciso quase uma década, para o coletivo da Posse capitalizar *competências sociais e políticas* (BOURDIEU, idem) que, possibilitariam atualmente, começar a engendrar projetos mais concretos, ao nível de suas ações culturais e políticas.

Eu não acreditava mais na escola e seria mais um nas estatísticas. Mas me apaixonei pela leitura, por mais não conseguir, acabei desenvolvendo a fala. E isso me abriu! Deixei de ser mais um que trabalha e toma cana. (Informação oral. Edcelmo)

Edcelmo revela o seu investimento no campo da oratória (expressar-se bem, articular bons discursos). Isso em parte, através de sua trajetória em diversos

projetos sociais, e em parte ao hip hop. Ao descobrir que sua voz poderia ser uma “metralhadora”, ele opera um deslocamento no espaço social em que se encontra. Consegue compensar todas as dificuldades de expressão escrita pela articulação que surpreende no campo da comunicação oral. Investimento que não cessa, porquanto continuamente participa de capacitações, encontros, conclaves diversos. Paulatinamente, vem consolidando o seu saber prático.

Quando nos referimos a Bourdieu (1998) chama-nos a atenção em algumas passagens o modo como a discussão de capital social aparece atrelada às lutas empreendidas pelos agentes sociais. As redes de relações dos agentes não são um dado natural, o que pode ser atestado em nossas observações das movimentações empreendidas pelos jovens em suas trajetórias biográficas. Há uma combinação de algumas estratégias calculadas e de astúcias em que se aproveita a ocasião no sentido de Certeau (2007). Supõe também uma arte de utilizar as relações sociais e uma disposição para mantê-las.

Como então os jovens dos coletivos juvenis podem se valer desse saber prático compensando as ausências que lhes permitiram reconhecimento através do saber formal? Exemplifiquemos, com os Jovens Construindo Sonhos, como o “diploma da escola da vida” pode render níveis de reconhecimento, ao menos em alguns momentos.

Naldo inscreveu os jovens Construindo Sonhos em um edital para concorrer a um prêmio ofertado por um banco privado. A comissão julgadora instalou também uma banca regional pedindo que seus membros apontassem instituições para o prêmio. Na comissão estava a ex-secretária de educação do Estado, Justina Iva, que por conhecer Naldo e seu trabalho não teve dúvidas em indicá-lo. Os Jovens Construindo Sonhos foram finalistas do prêmio. Não houve por parte de Naldo contato com a ex-secretária. Ele não sabia que ela faria parte do júri. Neste exemplo, vemos como os coletivos podem obter êxito e reconhecimento, por parte de “autoridades” situadas em posição de lhes outorgar uma “distinção”.

Um segundo exemplo com Adriana, da Posse: Mencionamos no relato de vida que antecede o terceiro capítulo que ao sair da ONG Manamaué, tentou organizar um projeto chamado “mulheres na ativa”. Contou a várias pessoas sobre o projeto. Curiosamente, uma dessas pessoas já estava sendo sondada por uma amiga, procurando uma instituição ou um grupo para quem destinar uma doação financeira pontual que um magistrado da cidade desejava realizar. O que temos aqui? A

movimentação da rede relacional e a transmissão de uma certa “confiabilidade” que jovens como Adriana transmitem para que pessoas situadas em outros espaços sociais possam mediar algumas situações, a exemplo dessa doação.

No mesmo exemplo, Adriana organizou um plano de trabalho, mas não conseguiu que aquela doação se configurasse em patrocínio. Tentou a iniciativa privada. Conseguiu apoio para pequenas despesas, o que não viabilizaria ainda o projeto. Tentou, então, junto ao Redes e Juventudes, que prometeu financiamento para o primeiro momento do projeto, através de uma verba para treinamentos e formação social. Mais uma vez, a estratégia de rede favorece a visibilidade do *saber prático* e o apoio para o suporte, mesmo que de curto prazo.

Há mais um detalhe nesse exemplo a analisar. Na empresa em que foi buscar apoio para o seu projeto não logrou o retorno esperado. Mais adiante, pediu a amigos que a ajudassem tentando espalhar o seu currículo para obter um emprego. Um desses amigos acabou remetendo, via e-mail, o currículo à loja visitada por Adriana em busca de patrocínio para o projeto. Algum tempo depois o amigo recebe o telefonema do gerente da loja: “Essa moça é aquela do hip hop? É uma menina desenrolada!”. O gerente pediu que Adriana fosse até a loja para concorrer a uma vaga.

Nesse último aspecto do exemplo de Adriana compreendemos que seu *saber prático* acabou convertendo-se em um fator distintivo. A abertura de oportunidades se dá em função da imagem de um *ser jovem* “guerreiro” e não de um *ser jovem* “coitadinho”. Essa postura que aparece ligado ao hip hop como um estilo de ser aguerrido e combativo, é o que chama atenção do gerente mais do que um currículo formal.

Muito embora tenhamos apresentado dois bons exemplos, com Naldo e Adriana, de como as competências sociais dos jovens se alinham ao prestígio desfrutado pelo fato de serem “jovens de projetos”, isto é, militantes engajados com certa visibilidade social e de certo modo reconhecidos pelas pessoas na ‘sociedade’, propomos neste ponto outra reflexão. O reverso da medalha: Não adianta “capital cultural” sem o reconhecimento social daquilo que se adquiriu.

Se pudemos trazer um exemplo “positivo” de Adriana, podemos também trazer um exemplo seu inverso: passou meses sem ser sucedida, tentando uma colocação no mercado formal de trabalho. Seu currículo do ponto de vista de uma avaliação formal revelava-se pobre: além de indicar que não terminou o nível médio

em uma escola pública atestava ‘apenas’ um curso básico de computação. O indicativo mais claro dessa qualificação irrisória foi a dificuldade de recolocação profissional. Mas como? Afinal não é ela uma jovem tão “capitalizada”? Claro que no currículo de Adriana também estavam registrados cursos e eventos de sua militância. A grande questão é que tais cursos (elaboração de projetos, formação política, gestão de pontos de cultura) além de participação em muitos eventos e da experiência profissional diversificada (participação em pesquisas e alimentação de banco de dados, articulação política, integração em comitês de redes regionais, coordenação de eventos) não são dados objetiváveis quando comparados à sua escolaridade formal, o que termina deslocando-a para empregos como, por exemplo, o de caixa de supermercado.

O exemplo do currículo de Adriana comporta uma dualidade que não diz respeito somente a ela, mas à própria condição juvenil contemporânea dos jovens pobres nos centros urbanos, particularmente os que temos acompanhados nos últimos dez anos. Concomitantemente os “jovens de projeto” e os *jovens periféricos* estariam no limiar de lutas por ‘visibilidade’, ‘sustentabilidade’, ‘experiências de autonomização’ em relação à escassez e privação que se pautam tanto em âmbito material quanto simbólico. Ao mesmo tempo é possível captar-lhes avanços importantes e rupturas em nível individual e coletivo. Mesmo assim, também é perceptível que estão, sob muitos aspectos, ainda “fora do jogo”. O saber prático acumulado nos projetos sociais, nos movimentos comunitários, nos grupos culturais e movimentos como o hip hop e que lhes conferem uma “titulação” na “escola da vida” já lhes permite o acúmulo de algum “capital social” (BOURDIEU, 2004) e um reconhecimento em campos muito distintos. Mas ainda não é possível traduzir esse “capital” em termos de reconhecimento social.

“SURPREENDENTES” SIM, “RECONHECIDOS” NÃO!

Particularmente, quando se refere a uma modalidade específica de capital, o cultural, Bourdieu (1998) reafirma que o trabalho de aquisição de competências é o trabalho do sujeito sobre si mesmo. Um ‘cultivar-se’. Um ter que se torna ser e faz-se parte integrante da pessoa, um *habitus*. Noutra passagem, prefere falar em termos de *efeitos simbólicos do capital* (BOURDIEU, 2001) para referir que capital simbólico

– o qual se inclui o social, cultural, relacional, etc. - não é um tipo particular de capital, mas aquilo em que se transforma qualquer capacidade de exploração reconhecida como legítima. O capital age como *capital simbólico* no momento em que transforma uma relação de força em uma relação de sentido. Ser reconhecido é também deter o poder de reconhecer, de consagrar e de dizer o que merece ser conhecido e reconhecido, conforme Bourdieu (2001).

É verdade que os jovens da Posse encontram reconhecimento entre seus pares (nem todos do bairro, como discutiremos mais adiante): outros jovens de grupos juvenis, de grupos culturais. Também impressionam pelas “virações”, pelas disposições adquiridas, pelas competências lingüística e política, provocando impacto em trabalhadores sociais, ‘autoridades’ do campo da juventude (juízes, promotores, professores universitários, pesquisadores, gestores públicos), alguns políticos e agências de fomento a projetos. Ainda assim, aprofundando o grande paradoxo que os atravessam: seu *capital simbólico* (BOURDIEU, 2001) é bastante restrito, como também é limitado o seu reconhecimento. Malgrado a sua inventividade, ainda se encontram privados de um reconhecimento social mais amplo.

Na nossa argumentação da perspectiva de Bourdieu (2001), diríamos que jovens como Naldo e Edcelmo obtêm muito mais um “capital relacional”, que é fruto das experiências em projetos sociais e articulações em redes juvenis, do que um *capital social*. O que estamos querendo expressar com isso? Embora a surpreendente capacidade de organização e articulação com determinadas conquistas, não há uma equiparação dessas relações em rede na mesma proporção da posse de símbolos tradicionalmente distintivos como sobrenome, diplomas, ou títulos outros socialmente valorizados.

Acresce Bourdieu (2001) que “não há pior privação, talvez que os derrotados na luta simbólica pelo reconhecimento, pelo acesso a um ser socialmente reconhecido, ou seja, numa palavra, à humanidade”. (BOURDIEU, 2001, p. 295) Em diversos depoimentos de ambos os coletivos, registramos inquietações nesse sentido. Sentem que na competição social estão desprovidos de “capitais intelectuais” e “sociais” que seriam adquiridos na inserção escolar. Edcelmo por exemplo: “A gente vive aqui matando um leão por dia, na unha. Não sei até quando dura esse ‘reconhecimento’. Necessidade de ter algo mais concreto. Tem horas que bate um desespero”. (Informação oral. Edcelmo)

Edcelmo percebe que faltam elementos de distinção (como diploma universitário) e que as suas competências adquiridas através de um histórico de lutas e inventividades são reconhecidas apenas em alguns lugares e sob certas circunstâncias. Na totalidade das situações vivenciais na sociedade ele e outros jovens das periferias continuam em desigualdade na luta por posições dentro de um vasto campo social onde predominam lógicas de segregação e de exclusão. Falta-lhe legitimação na sociedade, muito embora Edcelmo carregue para si certo grau de notoriedade e respeitabilidade em outros espaços sociais, conferindo-lhe alguma autoridade no seu discurso e fazendo dele um jovem “surpreendente”.

A luta que é travada pelos jovens não se circunscreve a uma representação vantajosa de si, mas se estende ao poder de impor como legítimos os princípios de construção de uma realidade social mais favorável ao seu projeto existencial individual e coletivo. Essa luta é uma concorrência em torno de um poder que só pode ser obtido junto a outros concorrentes pelo mesmo poder, um poder *sobre* os outros que deriva sua existência *a partir* dos outros: de seu olhar, percepção e apreciação. Poder sobre um desejo de poder e sobre o objeto desse desejo. Poder de impor o seu *saber prático*, seus “diplomas da escola da vida” como conhecimento legítimo e como princípio de novas divisões na ordem social.

Sob certas circunstâncias específicas é possível observar como o capital simbólico e as práticas dos jovens podem conferir um pequeno *poder simbólico* sancionado por algumas figuras de autoridade social que lhes poderiam *consagrar*, reconhecer. Exemplo singular é o fato da parceira até certo ponto insólita encetada entre um comandante da polícia militar e a Posse. Pick nos contou que em função do comandante apreciar o trabalho do hip hop e julgar esse ser um trabalho que “resgata o jovem das drogas”, instruiu aos soldados uma atenção especial aos “meninos do hip hop”. Essa “atenção diferenciada” livrou-os do incômodo das revistas policiais (o popular “baculejo”). Ironicamente, esse “benefício” também acabava se estendendo para outros jovens. Ao anúncio, por parte dos policiais, que os “meninos do hip hop” poderiam desencostar da parede, e não passar pelo “baculejo”, muitos outros também saíram e iam embora. Através da aquisição desse “poder simbólico” que lhe foi outorgado pelo comandante, Pick pôde colocar-se numa posição diferenciada, chegando até se queixar de alguns dos policiais quanto aos “modos rudes”. Fazia isto olhando “olho no olho”, o que acarretou alguns pedidos de transferência proferidos ao comando da PM por parte de alguns policiais.

Ainda que esse “poder” que expressa significativas mudanças, se compararmos aos jovens de gerações anteriores (pensamos novamente nos jovens que acompanhamos no MNMMR), não se pode dizer que ele se traduza em novas relações sociais. Persiste, em bairros como Guarapes, uma luta pela legitimação de uma existência singular, de uma coletividade de existências singulares. Do direito de sentir-se justificado por *existir tal qual como se existe* (BOURDIEU, 2001). De certo modo, ainda são “invisíveis”, ou talvez, ‘incorpóreos’, apesar da luta persistente por uma vida mais digna.

Como discutido no subitem anterior, o que possuem é baseado em sua experiência de vida conferindo-lhes um saber prático. Talvez por isso sejam tão “surpreendentes” !

Em meio a todo esse esforço de “capitalização” por parte dos jovens, lembremos que realizam “composições táticas” na sociedade. Foi o caso de Naldo, que apesar de um destaque adquirido dentro de um partido político, não consegue se eleger com os votos do bairro ou converter seu carisma em postos de destaque na administração municipal.

Em busca de reconhecimento social, Naldo inseriu-se no jogo da política formal. Traçou uma estratégia para o coletivo Jovens Construindo Sonhos, diferentemente da estratégia traçada pela Posse: jogar o jogo no campo da política partidária e, com isso, aumentar o capital social dos Jovens Construindo Sonhos e sua visibilidade noutros sociais. Nesse processo, contraditoriamente, o coletivo Construindo Sonhos fragilizou-se estruturalmente. Concomitantemente à visibilidade adquirida enquanto se “capitalizava” politicamente, Naldo se aproximava do campo da política institucionalizada, e se distanciava da “política de vida do cotidiano”. Tem sido questionado por algumas pessoas dos movimentos juvenis se lutará pela cadeira de Secretário na possível criação de uma Secretaria da Juventude do município. Aumentou seu capital político, mas constatou igualmente que está em desnível de chances no campo partidário. Em vista das dificuldades-práticas tende a ficar dentro do diretório do partido viabilizando projetos e parcerias para os Jovens Construindo Sonhos. Naldo não possui uma “herança política”, como outros jovens políticos eleitos no mesmo pleito municipal. Ele não é um filho de político, é um “filho de ninguém”. Poderá, dentro do partido, participar das estruturas decisórias?

Por sua vez, jovens como Edcelmo, Naldo e Pick, em meio a essa luta por reconhecimento e legitimidade, empreendem o trabalho do “cultivar-se” no sentido

de Bourdieu (2001) envidando novas modalidades de subjetivação. Em nível coletivo aproveitam-se do cenário sócio-político para também estenderem suas articulações em outras esferas da sociedade, dos movimentos sociais e também governamental. No cenário nacional em particular, as demandas governamentais por políticas públicas para e com o jovem, oferecem tanto ao coletivo Posse quanto ao Construindo Sonhos, oportunidades de, usando os termos de Bourdieu, reinscreverem-se nas relações de força tentando transformá-la em nova relação de sentido.

OS “ESTRANHOS NA FAVELA”

Se pensarmos em termos de um *habitus* dos jovens da Posse Lelo Melodia mais particularmente, mas considerando igualmente alguns dos Jovens Construindo Sonhos, a coligação a projetos sociais passaria dentro do esquema analítico de Bourdieu por uma estratégia de distinção que comporta uma diferenciação em relação aos pares do bairro (diferenciar-se). Diante dos educadores e projetos sociais é fazer valer suas experiências adquiridas dentro de uma “prática viva”.

Lançar mão do arcabouço teórico de Bourdieu é referendar a inventividade dos jovens, pondo em relevo o investimento em aquisições ao nível de suas singularidades que lhes permitam lidar com o arcabouço de faltas. A partir de seus grupos e das redes juvenis querem expressar seus anseios e sonhos, num esforço por novas reinvenções da condição social e do *habitus original* de seu campo.

Edcelmo é um desses jovens cujo *habitus* foi se reinventando a partir de novos aportes e vinculações coletivas. Ele reporta que gostava muito de ler, mas foi guindado aos caminhos das galeras e das drogas num momento em que também se desinvestiu da escola. Nas galeras, era preciso cultivar o destemor, o arrojo, viver as “fitas doidas” (o risco de morte e prazer que disso advém), o respeito através da força, do “cano” (armas). Ao redirecionar a sua vida através do hip hop, surgem novas preocupações e interesses. Compreende a necessidade de buscar outras competências para transitar em outros campos, lutar por visibilidade através do saber “performático”. Passa a reivindicar direitos culturais e políticos. A produção do conhecimento é da vida, e aí o ser humano deve se preparar para debater até com o Papa (Edcelmo).

Em uma de nossas oficinas, através de uma técnica projetiva, Edcelmo nos diz que a sociedade fecha as portas para os jovens pobres. Naquele momento, ele nos conta que o esforço deles é por “arrombar as portas”; e uma dessas estratégias é “buscar conhecimentos com livros”.

Para Bourdieu (2001), a *illusio* é o investimento levando-se em conta o campo de lutas no qual o agente se inscreve. O campo em questão é o dos movimentos sociais nos quais, para compensar a falta de leitura, Edcelmo busca esmerar-se nas competências lingüísticas e intelectuais (“virar uma rocha e arrombar portas”). À dificuldade que apresenta no domínio da língua escrita busca compensá-la através de competências discursivas que constrói no contato com educadores, políticos, seminários etc. Sente que não há como fazer o caminho da universidade, que está em desvantagem nessa vereda. “Nem todo mundo tem que fazer esse caminho”, disse-nos certa vez.

A decisão de não “lutar por um diploma” para Edcelmo é desistir das estratégias de distinção ofertadas na sociedade e produzir um caminho diferenciado. Ele nos diz que o tempo de buscar “diploma” já passou e que seu investimento é “noutras coisas”: assessorar projetos e organizações, trabalhar em animação de festas. Quer dedicar-se inteiramente a esse universo.

Há muito, abandonou essa possibilidade, porquanto não vê na escola um espaço que possa lhe garantir “sustentabilidade” ou mesmo “reconhecimento”. Seu investimento é na produção cultural e nas redes juvenis que lhe favorecem meios de exteriorizar uma ‘produção’ alternativa ao caminho canônico de acumulação de saber acadêmico. Daí nos dizer que a preparação do conhecimento é “da vida”. Como *rapper*, está acostumado ao “repente”, ao improviso, ao jogo de palavras. Avança sobre isso entendendo que pode ser uma ‘autoridade’ na análise do vivido dos jovens do qual ele faz parte e convive. Uma “autoridade” pautada na cotidianidade, numa “prática viva”.

Edcelmo sente ter havido uma transformação nos jovens da Posse. “Houve mudança cultural da gente”. Eles passam a criticar as pessoas pobres do bairro que fazem adesão à criminalização da pobreza via programas sensacionalistas concordando com os repórteres que incriminam pessoas com perfil semelhante a quem assiste. Também criticam as novelas que antes assistiam na televisão e que agora dizem que veiculam uma “ideologia”. Confrontam-se com um certo perfil da

população do bairro: as pessoas estariam sob jugo de idéias veiculadas pelos meios de comunicação de massa.

Há o risco de se distanciarem, na medida em que mudam a percepção de si e do mundo, do resto das pessoas de seu bairro. E isso pode significar um possível esvaziamento de suas ações coletivas.

Se a gente não participar da vida ativa da comunidade, não se envolver, não tiver dentro, vai ter um dia que a comunidade vai dizer que a gente não faz mais parte. Se não tiver de dentro, não tem nenhum aval. A gente tem que adequar o conhecimento à nossa realidade. Senão a gente ganha distância da linguagem local, da cultura local, e perde contato com quem a gente queria mudar. Uma vida de uma comunidade periférica é diferente da zona sul. (Informação oral. Amaury)

Projetos comunitários, gestos, falas, atos, danças estão sob a ameaça de se “perderem” localmente. Constatam que as pessoas têm dificuldade de compreender os significados que a Posse Lelo Melodia quer dar através de suas atividades. A linguagem do grupo desenvolveu-se em um sentido que os distancia dos outros moradores do bairro.

Ocorre que em suas movimentações da “periferia” para o “centro”, os jovens esmeram-se “em jogar o jogo”. Surge um tensionamento na medida em que transitam entre diversos espaços sociais, porquanto o capital simbólico adquirido acaba “reverberando” no interior do bairro. Enfim, tornam-se distintos “demais”.

Enquanto Edcelmo e Eliênio empreendem movimentações, no sentido de “investir-se”, “subjeter-se”, “capitalizar-se” (expressões de Bourdieu) e acabam nessas movimentações gerando um esforço e também um desejo de participação em esferas coletivas (através das redes juvenis, dos encontros com os acadêmicos e poder público etc.). Fica cada vez mais clara a noção que “jogar o jogo” é algo que precisa ser feito pensando não somente em projetos individuais, mas preocupações grupais.

Com o tempo e as experiências adquiridas, em projetos como o Engenho de Sonhos, adquire-se uma nova compreensão que os impele a um esforço duplo: participação na esfera coletiva (“sair do grupo” como Edcelmo fez para estar no Engenho de Sonhos, o que qualificava suas discussões no grupo GPS) e um trabalho sobre si mesmo ao nível individual. A participação em redes juvenis, a

representação do grupo em discussões de âmbito regional e nacional fazem-nos retornar ao bairro com novas reflexões e percepções que alargam seus horizontes e permitem introduzir novas discussões no espaço do bairro. O movimento paradoxal aqui é que o esforço por ‘subjeter-se’ acaba por torná-los “estranhos”.

Acabam se tornando “estranhos na favela” (expressão de Amaury). Mas a questão não é tão simples e revela outras considerações. O prestígio que se vai construindo através dos movimentos sociais e que alavanca novas formas de realizar-se, subjeter-se, torna-se, para alguns, causador de impossibilidade ou obstáculo no engajamento em lutas coletivas no bairro, o que pode ou não ser vivenciado como um conflito. Mais uma vez, ilustremos com as trajetórias individuais e a necessidade de sobrevivência financeira: Edcelmo trabalhou em uma ONG que desenvolve suas ações em Felipe Camarão. Eliênio conseguiu um emprego em uma cidade distante de Natal, retornando ao bairro, sua família e à Posse apenas nos fins de semana. Adriana tornou-se secretária de uma ONG que igualmente desenvolve ações em outro bairro. Naldo vem tentando pavimentar uma carreira político-partidária o que deixou exíguo o tempo dedicado aos Jovens Construindo Sonhos.

Tal prestígio desfrutado pela Posse enquanto coletivo, e por seus membros individualmente, trata-se de uma construção demorada, de uma arte de aproveitar ocasiões e oportunidades. De um investimento discursivo, lingüístico, cognitivo, do desenvolvimento de “sensibilidades”. Temos percebido que nesse caminho Edcelmo e outros se tornam cada vez mais dignos de prestígio, e de admiração, acessando os lucros do pertencimento a grupos “raros”, modificando seu *habitus* de “jovem pobre” e sinalizando uma das saídas possíveis para a juventude da periferia – a outra, já apontamos com Takeuti (2002), é a transgressão via delinquência, como expressavam os “meninos de rua”. Com a incorporação de outros *habitus*, passam a ser vistos como “estranhos” e a sofrer com a incompreensão e o distanciamento em relação aos seus pares do bairro.

Finalizando este ponto: um dos desafios da Posse Lelo Melodia parece envolver a constituição de laços que favoreçam, em suas relações com os outros moradores do bairro, uma inclinação para que os diversos *agentes* possam se reconhecer mutuamente e reconhecerem-se dentro de um mesmo projeto coletivo. Na trilha de Bourdieu (2004) é refazer a partir do estranhamento, a compreensão da proximidade entre bairro e os “estranhos da favela”. Compreendendo essa

aproximação em termos também da proximidade no espaço das relações sociais e das disposições e interesses que se associam a essas posições.

PERDENDO E “TEIMANDO” EM JOGAR

Bourdieu (2007), em sua discussão de *capital social* refere-se a “lucros” simbólicos associados à participação de um indivíduo em um grupo “raro e prestigioso” (BOURDIEU, 2007). Lucros que estão na base da solidariedade que o pertencimento a um grupo torna possível. Assim o foi tanto para Edcelmo, PP, Adriana, Eliênio, e também Naldo, Carla e alguns membros do Construindo Sonhos ao se filiarem num dado momento ao Fórum Engenho de Sonhos. De um lado, eles compareceram com sua vivência em coletivos nos bairros da Zona Oeste e se apresentaram como grandes mobilizadores das ações do Fórum. A contrapartida foi o acesso à rede do Fórum e aos bens simbólicos e materiais ali disponíveis.

Relembremos aqui também, o caso de Adriana e seu projeto (relatado no item anterior). A inserção em uma rede regional “Redes e Juventudes”, rede prestigiosa, a qual lhe viabiliza a aprovação do projeto “mulheres na ativa” com meninas. Esse foi o ‘lucro’ auferido simbolicamente por Adriana. Em contrapartida, para fazer uso de tal “prestígio” do Redes e Juventudes, materializado em financiamento efetivo, foi necessário que ela mesma se tornasse uma jovem de “prestígio” adquirindo competências em uma trajetória de lutas e rupturas.

Ainda assim, na aquisição de algumas competências discursivas, mantendo-nos na linha de Bourdieu (2004), as estratégias de distinção podem pulverizar a produção de novos modos de subjetivação (‘socialmente engajada’), no interior de coletivos jovens. É o que acontece com algumas das companheiras de Adriana, oriundas, como ela, do Fórum Engenho de Sonhos. Essas outras jovens utilizaram seu capital social para uma melhor colocação profissional, seja em ONGs, lojas de departamento, shoppings, entre outros. Esses exemplos, ajudam-nos a pensar outro aspecto já esparsamente apontado no corpo desta tese: Entre o discurso do “protagonismo social” e a vivência dos projetos sociais – que desembocam naturalmente em envolvimento comunitário, ativismo social, práticas engajadas dos jovens – há a necessidade objetiva de “sustentabilidade”. Essa necessidade

conduziu essas jovens à busca de uma inserção social que lhes garantisse sobrevivência social, fazendo opções diferentes das de Adriana e Naldo.

Os “signos de distinção” adquiridos por outras colegas de Adriana, do período do Engenho, projetam-nas para fora de um espaço estigmatizado, porém essa inserção social comporta novos níveis de exclusão por estarem desprovidas de outros signos distintivos (cursos técnicos, domínio de idiomas, diploma universitário).

A solução seria garantir o acesso universitário? Samanta é a única jovem dos dois coletivos que se encontra dentro do campo do saber formal, a universidade, o que lhe garante um objeto (diploma de graduação) sancionado oficialmente como qualificação socialmente reconhecida. Em vias de graduação, apesar de uma história de vida plena de rupturas (vista no segundo capítulo) e de sua trajetória em projetos sociais e articulação em redes juvenis, conseguiu penetrar no campo universitário. Entretanto, analisando o campo intelectual (se persistir seu desejo por fazer um mestrado) verificamos que ela se encontra em “desvantagem” porquanto não foi possível, na faculdade particular em que estudou, acumular vários signos distintivos: participação em grupos e linhas de pesquisa, prestígio da universidade na qual se graduou, projetos, publicações, professores, etc.

Sabemos que não é impossível encontrar jovens como Amaury ou Eliênio que trabalham e tentam se manter dentro do ativismo social, na Posse, preocupado com as ações do grupo e seus desdobramentos. Mas há tantos atravessamentos ao nível familiar, profissional e do engajamento social, que esse perfil, ao menos em nossas pesquisas, é raro.

A discussão é ampla e extrapola o quadro de nossa problematização. Mencionada aqui para ilustrar as dificuldades inerentes à constituição de um projeto de autonomização em relação, digamos com Bourdieu (2004), aos diversos tipos de *violências simbólicas* que visam impor a *visão legítima* do mundo social.

Tais violências simbólicas são fundadas no poder de uma autoridade socialmente reconhecida e da eficácia simbólica que o poder de nomear, consagrar e de reconhecer o que já está alicerçado na edificação social. Acreditamos que as idéias expostas conectam-se com a discussão no âmbito da juventude, realizada por organismos como UNESCO, sobre disponibilidades de indivíduos jovens ou coletivos juvenis e seu acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais provenientes do Estado, mercado e sociedade através do conceito de *vulnerabilidade social* (ABRAMOVAY, 2001).

Para concentrarmos toda essa problematização em termos da emergência de novos processos de subjetivação, a discussão sobre vulnerabilidade social ganharia novos contornos ao enfatizar os *efeitos simbólicos do capital* (BOURDIEU, 2001) que precisam ser incorporados na produção de subjetividade que se tece no interior de coletivos juvenis e suas articulações em rede. Não se trata apenas de “fortalecer o capital relacional dos jovens” através de capacitações ou encontros, porque, voltando a Bourdieu (2004) a luta por classificações é uma dimensão fundamental da luta de classes. Isto é, “*o poder de tornar visíveis, explícitas, as divisões sociais implícitas, é o poder político por excelência: é o poder de fazer grupos, de manipular a estrutura objetiva da sociedade*” (BOURDIEU, 2004, p. 167). Importa nessa perspectiva, levar em conta na aquisição de “capital social” dos coletivos aquilo que os *agentes* tomam por evidente ou “sagrado” e enfrentar as vulnerabilidades dos coletivos direcionando as lutas por disputas do poder de agir e falar, de nomear e classificar, pelo poder de transformar e alterar a realidade que vivemos.

A subjetividade dos jovens que vivem nas periferias dos centros urbanos não se produz em um psiquismo isolado somente, mas como bem sublinha Negri (2005) na confluência entre o econômico, o político, o social e o cultural. Viceja, ressaltemos uma vez mais, no *anseio por autonomia* (CASTORIADIS, 2006) dos jovens, nessas localidades, crenças, representações e afetos que minam no nascedouro qualquer projeto de subjetividade que se digne a dirigir sua própria existência. O sistema capitalista torna árido o solo interno das juventudes da periferia. Cavar não é só um imperativo na relação com a exterioridade, mas também com a interioridade.

Com todos os exemplos que procuramos dar, não apenas nesta seção, tivemos o intento de demonstrar que Edcelmo, Adriana, Naldo, Eliênio encontram-se dentro das “regras do jogo”, submetendo-se às exigências do campo partidário, dos movimentos sociais, etc. Ao mesmo tempo, em manobras muito próprias de cada um há o movimento de “vergar”, “empenar”, “moldar” e até mesmo quebrar as regras do jogo. Mas, em conformidade com Bourdieu (2004), todos eles têm em mente que não podem se furtar a certas regularidades, a uma *lógica imanente*, o sentido do *jogo social*. Com obstinação, mantêm o interesse pelo *jogo social* e neles *investem* continuamente.

Toda essa discussão é posta aqui em razão da tensão entre sujeição e autonomia que atravessa a coletividade juvenil e os sujeitos que a animam. Nossos

jovens são sujeitados às condições concretas de existência, à “herança” que recebem em seus nascimentos, aos “capitais” dos quais dispõem. Infelizmente nem todos os jovens da periferia dispõem dos mesmos suportes para exercer sua liberdade e lutarem por lugares sociais. Por outro lado, mesmo considerando os “estranhos na favela” conclui-se igualmente que não basta apenas o “querer” no sentido de “desejar” para libertar-se das sujeições das quais se é objeto.

Conforme demonstramos nesta seção, apesar de “surpreendentes” os “jovens de projetos” ou “jovens periféricos” da Zona Oeste de Natal estão longe de, em sua luta por reconhecimento social, produzirem um “capital social” global que efetive mudanças estruturais em suas existências. As conquistas realizadas em alguns campos não necessariamente irão potencializar outros. As oportunidades e “acessos” somam-se aos dissabores e fracassos. Joga-se, perde-se e continua-se jogando e aprendendo na medida em que se joga. Mesmo assim, estão em busca de gerar conhecimento através de suas práticas e a partir disso produzir reconhecimento.

É preciso considerar nessa luta que eles denominam por “sustentabilidade” a força da dominação, dos determinismos, dos mecanismos que contribuem para a fabricação de indivíduos. Em face disso, é necessário contabilizar os meios, os suportes, as disposições, capacidades de agir, a “teimosia” que gera obstinação, enfim tudo que permita investir no projeto de realizar-se enquanto existência própria, no projeto de autonomização individual e coletiva. Daí porque as pequenas realizações se revestem de grande importância. Cada feito é hercúleo e imprime esperança, mesmo que difusa, na caminhada coletiva e no porvir das gerações que os sucederão nesse campo de lutas.

5.8 AÇÕES COLETIVAS, DISCIPLINA E REINVENÇÃO: “JOVENS DE QUAIS PROJETO”?

82% das mulheres são empregadas domésticas. 79% dos homens são pedreiros e subemprego. Temos dois moradores fazendo universidade. Moram aqui 22 mil pessoas. Índice de natalidade é igual ao da Nigéria e o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) menor da Zona Oeste. Você faz idéia do que é isso? (Informação oral. Edcelmo).

Novaes (2006) aponta que a palavra “projeto” caiu no jargão popular. E isso traduz o fato de que com os “projetos”, um conjunto de expressões, terminologias e conceitos (muitas vezes imprecisos) acabam sendo apropriados e incorporados às estratégias de sobrevivência social de muitos jovens (para ficarmos apenas dentro do exemplo do Engenho de Sonhos: protagonismo, empoderamento, desenvolvimento sustentável, IDH, etc.).

Em muitas ocasiões presenciamos o que Novaes (2006) refere como sendo estratégias sobre uso de palavras como favela e comunidade. Jovens ligados ao Engenho de Sonhos nos diziam que preferiam responder que moravam na Cidade da Esperança que em outros bairros da Zona Oeste, como Cidade Nova. Que residiam em Felipe Camarão ao invés da “Favela do Fio”. Por outro lado, usavam palavras como favela e comunidade, diante dos avaliadores de projetos.

Acessar projetos sociais pode ser um índice de “inclusão” ou de alguns níveis de inclusão tendo em vista a participação em cursos técnicos diversos, principalmente ligados à tecnologia. Novaes (2006) chega a afirmar que a simples existência de um projeto em uma localidade pode contribuir para ampliar o campo de negociação com a realidade, como no caso de jovens envolvidos com o tráfico de drogas que apóiam um parente na participação de um dado projeto.

Na perspectiva que adotamos anteriormente com Bourdieu (2001) também são produtores de distinção e classificação entre os diversos segmentos juvenis, não só dentro de uma mesma área marcada pela violência e precariedade social, mas também dentro dos próprios projetos, como já ilustramos com o Engenho de Sonhos.

Novaes (2006) adverte para a equação juventude: risco de criminalidade que acaba sendo o emblema de muitos projetos, desde a forma como eles se “vendem” (na busca de financiamento) até o modo como o jovem é encarado como alguém em permanente conduta de risco. Trata-se, a nosso ver, de uma abordagem “negativa” a partir de uma visão patologizante que derrapa em diretrizes de disciplinarização das juventudes, o que é lamentável, uma vez que esses projetos se estruturam justamente em torno de significações sociais mortíferas, como as já exploradas no primeiro capítulo.

Duas outras pertinentes observações dizem respeito aos projetos enquanto “cabides de emprego” e como provedor de cursos de informática. Na primeira questão, haveria tanto a modalidade de “jovens de projeto” enquanto funcionários

e/ou de jovens que ocultam seus bicos profissionais com medo de serem confundidos com trabalhadores e, assim, perderem os “acessos” que os projetos lhes proporcionam. No segundo ponto, através de uma educação tecnicista, afasta-se o potencial radical da imaginação que podem ser bem explorados através da arte e cultura (BEZERRA, 2004).

Por essa abordagem inicial, ao colocarmos a pergunta: “jovens de quais projetos?”, a resposta tenderia a ser inspirada em Novaes (2006): a) de projetos de inclusão dos “excluídos” e desvalidos; b) de tecnização através de competências em informática; c) de projetos de “risco”, salvando os jovens do “mal”; d) “bolseiros”, que teriam os projetos como “emprego” e a bolsa como “salário”.

Conforme nos aproximamos mais de uma definição de *projetos sociais*, e do mesmo modo que noções como *redes*, o nó górdio é que se revelam conceitos “guarda-chuva”, sob o qual múltiplas e contraditórias idéias podem ser abrigadas. E a partir das práticas exaradas, os projetos sociais possibilitam uma diversidade de sentimentos de abertura para autonomização e/ou serialização das subjetividades juvenis.

Por essa exposição inicial, vemos que o investimento nas significações sociais em torno da democracia, necessariamente não é produtor de novas práticas que possam ser caracterizadas com mais autonomia ou encarnem o núcleo dessas significações, como Castoriadis (2006) aponta: autoinstituição, autogoverno, autogestão, auto-organização.

De Tommasi (2007) chama a atenção para os riscos da “indução da participação política”. Investigando projetos sociais implementados pelo Estado no âmbito do lazer, na cidade do Recife, a autora evidencia a tensão entre a prática e o discurso acerca da participação e auto-organização dos jovens, e constata que a autonomia dos grupos é mais “direcionada” pelos agentes externos (gestores e técnicos). Ainda assim, constata que é possível depender da tradição na qual o projeto esteja ancorado (gestado na lógica do partido ou das tradições dos movimentos populares), e da visão dos animadores ou membros da coordenação do projeto, seria possível o enriquecimento, ampliação e até reformulação das suas ações, com participação significativa dos jovens, muito embora estes últimos sejam deixados de lado no momento da concepção/idealização do projeto.

Entrevistamos os jovens da faixa etária de 12 a 15 anos na Favela do COC, em Recife-PE, próximo ao metrô de Joana Bezerra, acerca de suas concepções

sobre autonomia, participação e democracia (fizemos o mesmo trabalho semanas antes com jovens do Engenho de Sonhos na mesma faixa etária com resultados idênticos). Eles participavam de um programa denominado “Educadores Holísticos” em uma ONG reconhecida pelos moradores e cuja sede era no próprio bairro. Era recorrente em suas falas o modo como a palavra ‘autonomia’ remetia as significações de um tipo de liberdade que estava à mão do sujeito, e que deste dependia exclusivamente. Do mesmo modo, ‘participação’ era vista como um movimento individual, associada ao “interesse” que uma ação ou assunto despertava em cada um. A ‘democracia’, seguindo essa compreensão, era nomeada como sendo a disponibilidade de cada pessoa em se fazer ou não pronunciar sobre assuntos específicos. Entretanto, foi aí que alguns questionaram se realmente havia espaço real para que alguém pudesse emitir opiniões, sobretudo os jovens. Isto porque os jovens eram chamados a falar desde que dentro de uma pauta já estabelecida, e as ações sociais da maior parte dos projetos e ONGs eram propostas pelos adultos e recebidas prontas por eles. Questionavam se realmente haveria quem quisesse ouvir o que tinham a dizer.

É importante ressaltar, que esta discussão foi empreendida com “jovens de projeto”, ou seja, com aqueles que mesmo moradores de bairros estigmatizados nos quais incide significações sociais “mortíferas” sobre o “ser jovem”, experimentam, via projetos sociais, oportunidades ainda impensáveis para os ‘meninos de rua’ de outrora. Ainda assim, os participantes de nossas “rodas de conversa”, não se encontravam na mesma condição de “jovens periféricos” como Edcelmo ou Naldo.

Como resultado, constatamos que ‘participação’, ‘democracia’ e ‘autonomia’ apareciam nos discursos dos jovens entrevistados como elementos da esfera individual, atrelados à disposição pessoal dos indivíduos. Portanto, longe de um esforço de articulação coletiva, no qual a alteridade é pressuposta como elemento angular da autonomização e, igualmente distante da capacidade de questionar-se acerca das leis de funcionamento das instituições das quais eles fazem parte.

Não era de se estranhar! Essa compreensão era também partilhada pelos educadores que com eles trabalhavam. Não é possível ignorar que no imaginário social brasileiro guardam-se heranças do militarismo, do coronelismo, do escravagismo e do colonialismo e que também se fazem presentes na constituição dos educadores e trabalhadores sociais que operam junto a esse segmento juvenil. Esses educadores poderiam colaborar com os jovens na emergência de redes

juvenis realmente autônomas, na medida em que também se fazem portadores dessas significações?

Essas significações remetem à necessidade de pensar projetos pessoais em relação a uma exterioridade. O desafio desses jovens é justamente o de viver uma sociedade heteronômica que os impele a práticas cada vez mais individualizantes, perdendo a noção das lutas coletivas, e ainda assim conseguirem refletir sobre os processos sócio-históricos que lhes definem na esfera subjetiva.

Na dissertação de mestrado tomamos de empréstimo, da professora Ana Laudelina, a expressão “protagonismo de um pé só”, para referenciar essa ‘disposição’ em atribuir ao jovem o poder sobre si e sobre o mundo, a partir exclusivamente do seu ‘querer’ (BEZERRA, 2004): participar das ações de projetos sociais, conforme as diretrizes estabelecidas para os jovens, e entender autonomia enquanto um ‘querer pessoal’ desvinculado das lutas que precisam ser travadas ao nível da relação dos jovens com o mundo social e consigo mesmo. Nesses momentos, ao se deparar com as condições objetivas de vida, é possível a manifestação de sentimentos de frustração, desamparo e impotência (BEZERRA, 2004).

Essa impressão ficou muito patente para nós em outra de nossas conversas informais com Naldo, acerca da falência do Engenho de Sonhos. Durante o episódio da dissolução, na reunião com a fundação Kellogg, em meio a anseios e esperanças frustradas, alguns dos “jovens de projeto” eram remetidos para uma compreensão de que o “problema” seria deles. Naldo nos diz que os jovens “choram desconsolados”. Frases como “*era bom demais para ser verdade*”, ou “*tudo que é bom, dura pouco tempo para a gente*”, eram proferidas naquele momento. E reveladoras das imagens de si, que os jovens de bairros “periféricos” carregam consigo.

Ao questionarmos “*projetos de quem?*”, deslocamos nossa discussão aqui para formulação de políticas públicas. Sposito (2007b) põe em relevo dois campos de disputas quanto à formulação de políticas públicas e juventude. Um deles já discutimos no capítulo primeiro, ao situar a juventude na discussão da criminalização da pobreza. Quanto ao outro, ela assim se coloca:

[...]o segundo campo de disputas nas políticas públicas de juventude decorre das formas como são concebidas as relações entre Estado e sociedade civil na conformação da esfera pública. Tratar o tema

apenas no eixo da juventude – se as políticas são para os jovens, com os jovens, por meio dos jovens com base neles –, embora importante para o debate público, do ponto de vista analítico é insuficiente. As formulações diferenciais que pressupõem formas de interação com os atores jovens, não são construídas apenas com base em uma imagem do que se pensa sobre a juventude na sociedade, mas decorrem, também, de uma clara concepção de modos de praticar a ação política, do exercício do governo (abertura ou não de canais de participação dos atores/formas de parceria etc.) e das relações com a sociedade civil na construção da esfera pública. (SPOSITO, 2007b, 185)

Ao continuarmos nos indagando sobre “jovens para quais projeto?” nesta dimensão de análise, que não é o objeto de nossa tese, mas tem reverberações importantes em nossa discussão, sentimo-nos incomodados quanto a uma resposta mais precisa. Uma série de ponderações nos impede de obtermos uma resposta satisfatória. Sposito (2007b) relaciona que:

Se deslocarmos a discussão para a sociedade civil ou para os próprios segmentos jovens, o campo de disputa que opera com significados heterogêneos também ocorre. Em sua diversidade, a sociedade civil conforma, por meio de suas organizações, representações muitas vezes opostas sobre a juventude, como momento do ciclo de vida, e sobre as relações dos jovens com o mundo adulto. E, finalmente, os próprios jovens são protagonistas ativos dessas disputas em torno dos sentidos que emprestam ao tema da juventude, pois mesmo como atores impõem significados que traduzem modos diversos de pensar a si mesmos e a seus pares, perfilam diferentemente suas demandas e estabelecem projetos pessoais ou coletivos, muitas vezes reproduzindo discursos adultos dominantes no âmbito social. Por essas razões, é preciso evitar o artil que nega o caráter natural do ciclo de vida, incorporando recortes históricos, sociais e culturais que constituem a condição juvenil na contemporaneidade, mas reintroduz esse mesmo diapasão naturalista ao considerar que a condição juvenil produz intrinsecamente concepções semelhantes sobre sua fase de vida, em nítida oposição às representações dominantes advindas do mundo adulto.

Embora articuladas, as duas dimensões de conflito – as representações normativas sobre o ciclo de vida e os formatos que assumem as relações Estado e sociedade – aqui propostas não são necessariamente complementares. Governos e demais organizações da sociedade podem ter forte vocação democrática, serem propositivos de políticas públicas no estabelecimento de canais democráticos de interação com os cidadãos, mas podem não contemplar os sujeitos jovens como um dos focos possíveis das ações e considerá-los parceiros ou segmentos para os quais estariam abertos os canais participativos. Pode ocorrer também o inverso: a formulação de políticas de juventude, mesmo

consideradas em sua especificidade, é definida em um quadro de distanciamento, tutela ou subordinação da sociedade diante do Estado, em virtude das orientações prevalecentes nos governos que rebaterão diretamente sobre a forma como essas políticas vão equacionar suas relações com os segmentos juvenis.(SPOSITO, 2007b, 186)

Percebe-se nessa avaliação que em nível governamental e mesmo na articulação com grupos juvenis, através da implantação de canais os mais participativos possíveis, não teríamos muitas garantias de que nosso questionamento possa ser adequadamente respondido no quadro de um projeto de autonomização, em relação às significações sociais enganosas que grassam na sociedade; ou como colocamos no item 3 através de uma reinvenção das instituições da sociedade que compreendam novas significações ancoradas na responsabilidade (*respondeo*) ou prudência (*phronesia*). Sposito (2007b) faz um balanço dos programas e políticas para os jovens:

Do mesmo modo, a participação e a democratização das ações sob o ponto de vista sociopolítico ainda são metas a serem atingidas. As iniciativas não configuram um quadro forte de orientações que criem, na interação dos jovens com o governo local, mecanismos plurais de participação que fortaleçam a constituição de espaços públicos democráticos. No entanto, nas ações em que esses pressupostos, embora minoritários no amplo espectro investigado, estão presentes, observa-se efetivo espaço de interlocução com coletivos juvenis que tende a ser promissor. De modo geral, o novo ainda permanece, em grande parte, submerso, adquirindo visibilidade somente em iniciativas pontuais, frágeis e, muitas vezes, descontínuas (SPOSITO, 2007b, p. 250).

Sposito (2007a) aponta ainda a dificuldade por parte do executivo municipal em lidar com a fluidez, descontinuidades, e o caráter “submerso” (MELLUCCI, 2007) da forma como aparecem as ações coletivas, em nosso caso dos grupos juvenis locais, evidenciando descompasso entre tempos juvenis e espaços públicos. Novas possibilidades de ações coletivas, como as evidenciadas pelo coletivo Posse Lelo Melodia, esbarram nos limites da capacidade de ação da municipalidade.

Trata-se de um problema grave, porquanto, ao tomarmos especificamente o exemplo da Posse Lelo Melodia estaríamos desperdiçando um conjunto de inventividades instituídas no cotidiano dos grupos e em seus espaços de atuação.

Uma “Posse” é um grupo formado por rappers, DJ’s, grafiteiros e breakers de uma mesma região (Andrade *apud* Magro 2002). Autores como Magro (2002) sustentam que as “Posses” são organizações comprometidas com a educação não-formal, nos quais o conhecimento é gerado por meio das vivências dos seus integrantes nos planos social, cultural e étnico. Seriam espaços para criação e recriação do grupo. Acrescentemos que essa criação teria conotações existenciais (para o sujeito jovem) e políticas (grupo e sua rede, bairro, a cidade em que vivem, etc.).

É possível divisar que as “Posses” se tornam o lugar para “despojar-se” (Foucault, da ética existencial) dos modos estabelecidos do “ser jovem” nas periferias. Laboratórios de práticas que visam alterar a visão do jovem consigo mesmo e, simultaneamente, com outros setores da sociedade.

A questão desafiadora é como “traduzir” as riquezas experienciadas no nível do grupo em direção a outras esferas de atuação mais abrangentes. Como aprofundar o debate do “vivido” nas Posses e formatar novas políticas para as juventudes?

Novaes (2007b) faz um balanço das dificuldades e desafios que se conformam na estruturação de políticas, a partir do momento em que redes juvenis assumem um papel de articulação com esferas públicas e estruturação de políticas de estado:

Certamente ainda há muito que caminhar em direção da construção de um novo paradigma em torno da questão juvenil. Também persiste a necessidade de estabelecer concepções estratégicas que permitam delinear prioridades e formas orgânicas que consolidem a política nacional de juventude.

Estamos, também, bastante distantes de um patamar razoável de assimilação da presença de organizações de jovens na formulação das políticas. Enfim, seria ingênuo não reconhecer a persistência de efeitos negativos de nossa cultura política sobre as políticas públicas de juventude.

Entretanto, podemos hoje dizer que certos elementos constitutivos dessa cultura foram desnaturalizados. E isto não é pouco. Afinal, a continuidade de qualquer cultura depende de seu nível de naturalização. Hoje está em curso um processo que vem provocando questionamentos e modulações nas imagens dominantes que governo e sociedade constroem sobre os “sujeitos jovens”. Disputar concepções de juventude é também disputar caminhos de intervenção social na realidade juvenil. Neste momento, que já existe um aparato legal e institucional, disseminar palavras e concepções é fundamental para negociar entendimentos

e construir a legitimidade da atual política nacional de juventude. (NOVAES, 2007b, p. 280).

Certamente, esta última assertiva coaduna com as reflexões que empreendemos até aqui. “Jovens de quais projetos?”. Diríamos de projetos de elucidação de si e dos outros. Na esteira de Castoriadis (1983) e na coerência com o que vimos apresentando neste capítulo, uma das arenas de lutas é indubitavelmente no campo simbólico. Conforme expomos com o apoio de Bourdieu (2001), é através do simbólico que a violência se expressa em matizes diversos, na produção das regras do jogo que incidem sobre os investimentos dos agentes no desenvolvimento de competências específicas. O simbólico é para nós o campo do desvelamento das significações sociais imaginárias que grassam na sociedade brasileira e que se incrustam nas instituições. Disseminar palavras e concepções é uma tarefa gigantesca, tendo em vista o imaginário social brasileiro e o campo da juventude, em particular a juventude pobre. Nesse sentido, o investimento sobre as significações sociais acerca da democracia deveria permear, simultaneamente, grupos juvenis, projetos sociais, agentes financiadores e políticas públicas. Investir em torno de ideais democráticos equivaleria a buscar possibilidades de alterações na relação entre grupos juvenis e o sujeito singular que o anima, bem como entre os coletivos juvenis e as diversas instâncias da sociedade com o qual travam relações (aí incluso os projetos sociais e as esferas governamentais). Fazer figurar novas, “figuras do pensável”, é um trabalho de elucidação das instituições da sociedade em nível coletivo e de autoelucidação das subjetividades em nível individual, não só dos jovens, mas de todos os segmentos da sociedade que com os jovens convivem e com eles co-produzem significações sociais.

5.9. UNIVERSO DA SOCIEDADE: JOVENS DO SOL POENTE, ENTRE REDES E EMARANHADOS, TECENDO CONJUNTAMENTE ‘EU’ E ‘NÓS’.

Fazendo um apanhado do presente capítulo, trabalhamos com a idéia de transformações sociais na modalidade de novos arranjos organizativos que a sociedade capitalista mundializada produziu. Adotamos aqui a perspectiva de Castells ao referir que a nova morfologia social tem como metáfora a “rede”. É

possível também acompanhar significativas mudanças sociais em diversas partes do mundo ao nível dos sujeitos coletivos. Na sociedade brasileira, com a abertura democrática nos anos 1980, os diversos movimentos sociais, entre eles, o movimento infanto-juvenil se fez presente reivindicando na pauta das discussões, questões que avançaram na formulação de políticas públicas, projetos sociais, debates no interior da sociedade, organizações governamentais e não governamentais. Atualmente, vemos em nível nacional a eclosão daquilo que denominamos no capítulo um de “cultura da periferia”. Estamos estudando a expressão local da arte da periferia e das novas formas de participação social dos ‘jovens periféricos’. Tendo em vista o desenrolar de nossos trabalhos no último decênio (TAKEUTI, 2002, BEZERRA, 2004, TAKEUTI, 2009), acreditamos que em seu conjunto a “cultura da periferia” e o ativismo social dos jovens são mobilizadores de uma resistência social que utilizando uma expressão de Melucci podem ser “antagonistas”, ou seja, questionador do próprio modo de organização societária que vivemos. Takeuti(2009) vem desdobrando essas idéias através da noção de resistência social.

Na continuidade dessa discussão temos constatado novas possibilidades de produção de subjetividades juvenis tendo como suporte coletivos juvenis articulados em redes. Sem excluir o trabalho de articulação grupal, valendo-se das tecnologias de informação, é possível falar em processos mais capilarizados, em atuações informais e pessoais. Melhor dizendo, ‘provocações’ que acontecem em paralelo aos projetos, oficinas e ações programáticas. Essa ‘atuação mais informal’ observamos na Posse Lelo Melodia: conversas espontâneas nos espaços de convivência no bairro, no ponto de cultura, nos ensaios. E há também um trabalho que acontece através da articulação dos coletivos junto a outras organizações e redes juvenis.

Falar de novas possibilidades de subjetivação e produção de sujeitos sociais também implica em falar como vimos de um paradoxo importante que se coloca para esses jovens: ao nível da produção da subjetividade individual a mudança de mentalidade, o modo como passam a apreender e a criticar o mundo ao redor vai fazendo com que se distanciem do resto dos moradores do bairro e se tornem esquisitos, estranhos. Coletivamente, as coligações e parcerias ao projetá-los, muitas vezes em ações e atuações fora do bairro, tendem a causar um distanciamento em relação à população que efetivamente quer trabalhar.

É preciso atentar ainda para a existência de um campo de disputas de poder, no qual a resistência social dos coletivos juvenis deve pôr-se em movimentação. Isso apontamos, na medida em que, por intermédio de autores como Foucault, pontuamos a transição das modalidades de controle panóptico para uma sociedade de controle que conforma o sujeito juvenil ao nível de sua produção subjetiva, seja na formulação dos projetos sociais voltados para essa categoria, no modelo de protagonismo juvenil levado a efeito até então, ou como temos insistido com Castoriadis, na produção de um imaginário social acerca da juventude pobre em nosso país, cujos efeitos se fazem sentir em períodos históricos diversos e que conforma a produção de leis no universo social-histórico em que instituímos há mais de 300 anos de colonização.

Nesse sentido, acreditamos ser pertinente o questionamento endereçado à atual geração juvenil cuja encarnação local encontramos nos coletivos em estudo: *Jovens de projeto? Sim. Mas projetos de quem?* Com esta última pergunta tencionamos trazer as questões mais fortes discutidas aqui e que nos remetem para as possibilidades de reinvenção face aos dispositivos disciplinares.

Resgatando a grande discussão posta até aqui sobre a clivagem na juventude brasileira vamos consolidar nossas afirmações nos capítulos um e dois. Trabalhamos a partir de duas significações centrais em torno da juventude urbana em nosso país na cena contemporânea. Estudamos em nível local o desdobramento dessa problemática através do trabalho com dois grupos da zona oeste de Natal.

Ao trabalharmos localmente com a tensão entre as significações sociais, meninos de rua e jovens de projetos procuramos delinear um processo social-histórico de conflitividades para duas gerações de sujeitos juvenis de bairros periféricos de Natal. Ao personificarmos esses sujeitos em Demo e Edcelmo, pretendíamos mostrar que as sendas individuais e coletivas desses jovens resvalam em condições objetivas de faltas, na escassez material que produz ao nível simbólico impotência, angústia e desamparo. Sublinhamos que a geração de Demo carregava o peso dessas significações, tendo a transgressão como um grito de esperança em meio à fratura social que vivemos.

No interior da significação “*de rua*”, gestava-se uma subjetividade transgressora e que precisava lidar com o olhar social que lhes atribuía o status de “elimináveis”. Para a geração de Edcelmo, vem sendo possível uma apropriação de

significações sociais novas, de espaços de participação e atuação em projetos sociais. Igualmente, o modo de atuação coletiva mudou graças às possibilidades abertas pela morfologia social das “redes”, pela emergência de novas significações como a “cultura da periferia”, pela atuação empreendida pelos movimentos sociais problematizando direitos e reivindicando acesso também à cultura, disseminando códigos próprios na sociedade atual.

Considerando os depoimentos de ambos os coletivos, incide ainda para os *jovens de projeto* as significações atribuídas aos *meninos de rua*, imputando à imagem de si e à identidade coletiva dos grupos não só embaraços ao nível subjetivo, como também empecilhos ao nível da sustentabilidade dos grupos, dos direitos culturais que reivindicam, dos direitos básicos que denunciam, da ampliação de suas ações no bairro, da compreensão mesma em nível local (o bairro) de suas metas.

Ainda assim, observamos acessos impensáveis para a geração da década anterior. Acesso e gerenciamento por parte dos jovens de investimentos financeiros sem intermediários, uma presença positiva e valorizada em termos de mídia escrita e televisiva, muitas vezes sob a rubrica do voluntarismo ou dos modismos em voga como tem sido o caso da música hip hop.

Através de exemplos e depoimentos variados, principalmente do coletivo Lelo Melodia, chegamos ao entendimento de que as redes juvenis dão suporte para coletivos juvenis envidarem experimentações através da arte/cultura que favoreçam um sentimento de abertura para “jovens de projetos”. O que suscita ao nível individual, mas imbricado com a coletividade, projetos existenciais pautados em uma autonomização em relação ao desamparo subjetivo, à vergonha social e à precariedade social de sua cotidianidade. Nesse processo seria possível discernir efeitos políticos das práticas culturais envidadas pelos sujeitos juvenis. Efeitos esses onde a ressonância seria sentida em nível local, no bairro, na “quebrada”.

Considerando tudo isso, é possível discernir uma arena de lutas que se desenrola ao nível pessoal (construção da subjetividade) e coletivo (grupos juvenis e suas coligações em rede).

Retomemos à pergunta: projetos de quem? Da sociedade disciplinar/de controle? Dos agenciamentos de poder? Das organizações não governamentais? Da sociedade atual erigida em torno de um imaginário social mortífero? De jovens subversivos e contestadores?

Podemos afirmar, em função de dados e depoimentos individuais e coletivos, que estamos diante de uma pluralidade de projetos que se imbricam, mesclando-se e tornando-se impraticável separá-los ao nível das práticas. Tomados isoladamente, corremos o risco de apressadamente classificá-los como projetos individuais de estratégias de empregabilidade, de sujeição às instituições sociais vigentes e reprodução dos modos de dominação ao nível dos sujeitos e coletivos. Projetos que, em seu conjunto, visam à construção de um sentido para o vivido dos jovens da periferia.

Tratamos no primeiro capítulo do universo do sujeito de direitos. Importante considerar que os discursos de verdade, na esteira Foucauldiana, apresentam uma parcela significativa dos jovens pobres como sujeitos perigosos. A criminalização da pobreza, como apontamos, mina os direitos em um estado em que cidadania aparece como uma construção bem mais virtual que real, expondo à “morte matada” um segmento daquilo que é apontado em coro nacional como “futuro da nação”.

O capítulo dois focou o sujeito do desejo. Debruçamo-nos sobre narrativas individuais palmilhando sendas juvenis, dando conta dos liames dos “tecidos subjetivos”, muitas vezes esgarçados pelos obstáculos e impedimentos em nível material e simbólico, agindo simultaneamente sobre a vida de relação e a vida psíquica dos jovens. Ainda assim, vimos que individualmente envidam um esforço por manter um centramento em meio às conflitividades que os atravessam.

Neste quarto capítulo, debruçamo-nos sobre o sujeito social-histórico. Sujeito que emerge no universo da cultura, das instituições, das posições sociais. Um sujeito que se produz, confrontado com as determinações múltiplas ligadas ao contexto no qual emerge. Todas as formulações e articulações foram pensadas em termos dos aspectos norteadores das ações, dos coletivos juvenis, seja através de iniciativas locais ou tendo em vista a articulação em redes como o MOHNB ou as parcerias que redundam em visibilidade e articulação partidária, como acontece com Naldo.

É importante observar, sobretudo na Posse Lelo Melodia, uma luta pelos direitos culturais dos jovens. Índice de um conjunto de outros direitos que são igualmente reivindicados juntos com o acesso aos bens culturais. A busca por sustentabilidade não pode ser confundida com empregabilidade. Essa é uma redução que esconde, mais uma vez, os anseios desses jovens: o que se tem reivindicado é um contexto favorável para a efetivação de outras vias alternativas de

sobrevivência dos jovens no mundo, principalmente tendo em vista o ‘culto à excelência’, que em nossos dias ditam o padrão de qualidade profissional.

Retomando explicitamente a pergunta subjacente a este capítulo: “projetos de quem?”. De subjetividades coordenadas em grupos circulando em redes de antidisciplina? Ou de dispositivos dispersos em uma rede de normalização, controle da vida dos jovens e supressão das singularidades? Para responder a pergunta e suas derivações, recolhemos das discussões no campo empírico os elementos para elucidá-la.

Nas oficinas, depoimentos, encontros e conversas informais é possível divisar um projeto “conformado”, que se apresenta no discurso do assistencialismo e também se inscreve nos projetos de alguns jovens na perspectiva da integração social que gera subcidadania.

Concomitantemente, distinguimos a inventividade nas *artes de fazer* (CERTEAU, 2007) que teimam em não engessar um projeto singular que ousa e experimenta.

O que se engendra é uma modalidade de agir, cuja característica marcante é o localismo; o raio de ação é o bairro. “Provocações” e pretextos são encetados nas conversas informais, momentos de dispêndio, ensaios. Mas, também a coligação em rede permite uma articulação regional e nacional: participação em planos e projetos, compartilhamento de experiências, financiamento de ações, participação em fóruns como CONJUV e participação em eventos na qualidade de propositores de políticas públicas para a juventude. Nesse sentido, podemos dizer que também pensam o global. E conduzem de volta para o interior do bairro as discussões das quais tomaram parte.

A ação do coletivo Posse Lelo Melodia tem diferentes níveis de ressonância, tanto em seus membros quanto dentro do bairro Guarapes. No nível da informalidade, na conversação cotidiana, independente de ‘ações coordenadas’, mas também somadas a essas, sobressai uma ‘provocação’ dirigida pelo grupo para seus pares em ocasiões diversas. E esse parece ser uma faceta importante daquilo que denominamos como sendo “arte de fazer” dos jovens.

É importante aclarar, também, que as provocações se inserem em uma de duas formas possíveis de problematização na Posse Lelo Melodia. A outra é o discurso ‘moralizante’ presente no agir de Samanta, junto a alguns jovens ligados à Posse. Um dos jovens do bairro que ainda criança participava das oficinas de hip

hop e hoje está envolvido em contravenções, desabafa com Edcelmo: “*problema é que ela trata a gente como menino. Cresci pôrra!*” Uma herança que remonta ao tempo do MNMMR, veiculado por alguns assistentes sociais junto a jovens transgressores.

O choque entre os dois discursos é revelador não só de estilos de abordagens diferentes, que poderiam ser classificados por nós como ‘pragmático’ e ‘emotivo/romantizado’. De fato, o que está em ação é uma arte de dizer que se opõe a uma prática ‘infantilizadora’, presentes em diversos projetos e organizações não governamentais. Essa prática que descrevemos acontece em meio e através das boas intenções dos trabalhadores sociais (assistentes sociais, psicólogos, sociólogos e outros) que, genuinamente comprometidos com a causa que se arvoram a defender, tornam-se veículos de um discurso hebefrênico em relação aos jovens transgressores. Discurso que menospreza a capacidade criadora e inventiva e que inscreve esses jovens em uma prática de ‘tutela’ efêmera.

A “provocação” é uma atitude de manter o sujeito resguardado em sua capacidade de fazer escolhas para a própria vida. O que está sendo menosprezado através do discurso de Samanta é a possibilidade de identificar artes de fazer e de construir uma demanda através do sintoma manifesto. PP, que estava presente no momento de nossa conversa, nos explica sua “pedagogia da provocação”: “O que eu digo é você não quer ver o ano novo, meu irmão? Vai deixar tua mulher e teus filhos para teus amigos? (Informação Oral, PP)”.

O que PP propõe é um discurso que convida a uma autoresponsabilização, e que estaria implicado, segundo as idéias exaradas por Castoriadis, atrelando responsabilidade a um fazer público e estabelecendo desejo por autonomia em uma perspectiva coletiva de lutas para cada vez mais atuar como um ser que reflete. Claro que esse não é um processo simples e PP não estaria por força desse trabalho eximido de também auscultar-se, de lidar com as próprias contradições que lhe atravessam e enraíza-se no trabalho de “*lapidação de si*” que ele próprio precisa enveredar.

Na perspectiva de um projeto de autonomização, deixaremos claro as idéias contidas no uso da palavra “integração” pelos jovens da Posse Lelo Melodia. O sentimento geral (na Posse e nos Jovens Construindo Sonhos) é que uma “integração” nunca será inteiramente possível, pois o modo como a sociedade se estrutura não pode contemplar suas necessidades.

Vimos isso quando discutimos o currículo de Carla. Usamos “integração” entre aspas porque é uma palavra que se depreende no momento de nossas conversas quando os jovens expressam literalmente que querem participar e não destruir, desconstruir a sociedade em que vivem. Mas eles próprios pontuam a impossibilidade dessa “participação/integração” porquanto jogam, mesmo com as oportunidades abertas pela sociedade em rede, com um repertório simbólico menor. Ainda assim, em menor paridade de chances, agem no sentido de recusa de uma subcidadania. Estruturam um projeto de sobrevivência em meio ao mundo que vivem. “Projeto de vida”, ou seja, ancorado em uma pulsão de vida, em que não se deixam sucumbir em um niilismo e que conseguem lidar com a frustração de inúmeras faltas e ainda assim constroem um sentido para suas existências.

Há aí um projeto de autonomização em relação à subcidadania, às faltas, ao sentimento de vergonha; autonomização que se estrutura em nível de cotidianidade e que passa forçosamente por uma ação coletiva. Esse projeto é fomentador de uma subjetividade protestatária. Ele não obedece a um cálculo racional, depende da ocasião e do modo como se pode aproveitá-la, daí anunciá-lo como artes de fazer. São ações no sentido de uma “sustentabilidade” que não é pensada apenas em função do momento, mas que se enlaça com as necessidades do bairro e que se preocupa com novas gerações (seus filhos e os colegas deles).

Autonomia em relação a ‘políticas de espaço’, como colocam em ocasiões diferentes Edcelmo e Pick, em relação a mais espaços de lazer, de oportunidades de trabalho, de segurança no bairro, de acesso à saúde e educação, e não autonomia em relação a um Estado opressor abstrato. Reivindicam formas de existência social que tornem possível sua subsistência, mas também sua “fome” de cultura, de arte e diversão.

No interior da Posse Lelo Melodia, há uma preocupação constante em ocupar espaços de participação coletiva dentro do bairro, nas redes juvenis, nas vidas uns dos outros. A preocupação com o nível grupal é partilhada por todos. Sentem que não pode ser diferente.

Por tudo exposto neste capítulo, inequivocamente o projeto dos jovens não é meramente ‘adaptativo’. Simplesmente porque adaptar-se não é propriamente possível, e também porque a participação “proposta” pela sociedade não é o que eles querem. Evidentemente, nossos jovens de projeto sabem disso, mesmo falando em “integração”. No fundo, o que querem dizer é uma outra forma de “se realizar”.

Inspirados em Bourdieu, diríamos que eles tentam participar dentro de um *possível*. Realizam outras formas de ação na sociedade em que entram a sua arte de fazer. Não se trata, portanto, de “adaptação”, “integração”, mas outros modos de fazer, dentro de uma “ordem do possível”.

Em nada é casual, a nossa ênfase nesses outros modos de fazer, aqui apresentados: em suas ações coletivas e em suas articulações em redes (pensamos aqui mais fortemente na Posse e no MOHNB), ou como visto no segundo capítulo, em suas trajetórias individuais. Estamos longe de ver aqui a dita “ralé estrutural” constituído de um “habitus precário” (SOUZA, 2003).

Ora, na dita periferia pratica-se “cultura” mais do que se pensa, enquanto artes de desvio, lá pulsa a vida em meio a uma sociedade de compulsão de repetição. Na “periferia”, revelam-se potencialidades de novas formas de produção de subjetividades que possam contribuir com novas significações sociais para o termo cidadania. Em meio aos dispositivos disciplinares, ao investimento do poder sobre a vida, ou, como queremos com Castoriadis (2002), no interior da heteronomia social geradora de um conformismo generalizado, a “periferia” acena com possibilidades inventivas.

Onde se poderia enxergar um “habitus precário”, observamos, para uma parcela mesmo pequena dos jovens que vivem na Zona Oeste, rupturas e conflitualidades que no calor de antagonismos ao nível do sujeito e dos grupos são propulsores de movimentos juvenis criativos, inclusive numa ótica de relações de antidisciplina. Contrariamente ao que se pensa comumente deles, em termos de incapacidade de aquisição de competências, os jovens nos revelam em suas práticas cotidianas, uma pluralidade de esquemas e inventividades.

Nesse sentido, o aporte de Certeau (2007) não se reduz a um exercício de erudição teórica, mas bem uma tentativa de fazer justiça a essas constatações. É preciso, segundo Certeau, inverter nossa percepção sobre as práticas banais dos indivíduos. É preciso não tomar os outros por idiotas quando nos prendemos em uma leitura do poder subjugador.

O questionamento do instituído para o Coletivo Posse e Construindo Sonhos não é uma escolha. É a necessidade de sobreviver que impele Edcelmo e seus companheiros para a prática criativa.

Por força da contingência em que suas vidas estão atravessadas, vemos pequenas agremiações juvenis, como a Posse Lelo Melodia, escriturar um projeto

existencial em um livro de contabilidade incerta. Movimento crivado de contradições, e implicado nas necessidades de um coletivo marcado por faltas, tanto simbólicas quanto materiais e, talvez por essa razão, mais sensibilizado em relação às urgentes transformações que a sociedade precisa envidar. Projeto de autonomização, que se inscreve em meio a redes e projetos sociais, delineiam um novo modo de ser jovem, criador de novas subjetividades que neste ponto de nosso trabalho já podemos afirmar que não é simplesmente a produção de “indivíduos”. Os esforços em recriar, ressignificar e dar visibilidade a um novo modo de ser de jovens pobres de bairros estigmatizados é muito mais que apenas uma busca por emprego, como atestam Adriana, Edcelmo e Naldo. É um anseio por um novo “vir a ser jovem”.

Um vir a ser juvenil que não é o destinado pela sociedade e que se amplia da percepção individual para incluir vizinhos, amigos e as gerações futuras. Um vir a ser que produz transformação pessoal e que perpassa a coletividade de outros jovens em um mesmo movimento de lutas, o que também provoca mudanças sociais ao nível das significações que passam a incorporar outros valores e normas, conforme vimos apontando anteriormente. Como vimos, o projeto existencial coletivo também gera desafios na convivência porque a mudança em termos de novos esquemas de ação traz a preocupação em se manter o elo com a sua “periferia”. Além disso, os coletivos sofrem com a luta pela “sustentabilidade” e as conflitualidades existentes em seu interior.

Mediante as estratégias de organização em rede dos grupos juvenis da chamada ‘periferia’ aqui apresentados é possível entrever campos de luta no qual se entrecruzam esperanças e frustrações, sonhos e impotências, antagonismos e protagonismos, o estranho e o igual, no qual se ancoram jovens cujos projetos coletivos existenciais tentam uma construção de sentido para mudar as condições concretas de suas vidas.

Não perdemos de vista todas essas questões no acompanhamento dos coletivos: Construindo Sonhos e Posse Lelo Melodia. Ao final deste capítulo, percorremos um itinerário no qual o projeto de produção de novas subjetivações juvenis reflete as possibilidades de novos modelos de subjetivação na contemporaneidade, que venham a se contrapor aos modelos standardizados e agenciados pelas estruturas de poder vigente. Dito isto, constatamos em meio à conflitividade presente nesse projeto existencial coletivo, indícios de uma política de subjetividade, ou melhor, de práticas coletivas de estranhamento, de

desprendimento de antigas formas de “ser” (em nosso caso particular, antigas formas de “ser jovem”). Não é possível precisar, neste ponto, os desdobramentos possíveis do que temos acompanhado. Configura-se, ao menos enquanto possibilidade em um futuro indeterminado, um projeto de produção pessoal que não se trata de indivíduos imersos no autismo do consumo, atomizados num projeto ‘prometéico’ de progresso em face do capitalismo especulativo, mas de uma nova relação a si mesmo em função de ações coletivas que problematizem o modo como se produz e se arranca o sujeito social-histórico das determinações e injunções que o atravessam.

Começamos este capítulo com um trecho de um texto de Eliênio. Encerramos também com ele ao transmitir seu sentimento sobre “10 anos de luta e correria” dos seus companheiros da Posse Lelo Melodia:

[...] Talvez a falta de grana para nos manter fazendo o que gostamos de fazer, ou seja, viver de Hip Hop, correndo atrás do prejuízo mesmo como nós fazemos, foi o que mais afastou nossos militantes que sempre vão e depois alguns às vezes voltam. Mas não ficamos tristes, muito pelo contrário, ficamos felizes por interferir na vida de cada um que já passou por esse grupo porque com certeza eles se lembram da gente sempre que nos vê em campo fazendo algo pelos outros e com certeza nos defende quando alguém fala mal do nosso trabalho.

A maioria que começou no Hip Hop em Guarapes ainda é militante e hoje em dia somos jovens, adultos, pais de família, trabalhadores, estudante, militantes ativista mesmo de coração, um exemplo de vida para nós mesmos e para os que nasceram no meio da gente. E não nos “vendemos”, até hoje, e também não nos entregamos nesta luta que iniciamos há dez anos atrás. (OLIVEIRA e SILVA, 2009, [p.48])

PEDRO PAULO (PP): UMA CAMISA DE ROCK E DUAS FITAS CASSETES.

TRÊS PRETOS E TALENTO PRA LIDERANÇA

Desde pequeno acha que tem a influência de ser o “cabeça” da turma, um líder. Recorda que quando a turma inventava de fazer alguma coisa, ele era o primeiro a “meter a cara” e fazer mesmo. E se fosse um momento de discussões ou discordâncias era sempre ele quem mediava a situação para apaziguar a galera. Malandro, ele nunca é o porta-voz, nunca foi a estrela em evidência, ele vai seguindo orquestrando nos bastidores. Conversa e riso fácil. Escorregadio e reservado de outro lado. Gosta de passar a idéia de que é um “mala sem alça”, sujeito meio enrolado, posicionamento indefinido. Isso, no entanto, é apenas um resumo impreciso de quem ele é na opinião dos próprios companheiros de movimento.

Antes de existir o movimento hip hop em Guarapes, ele já cultivava o que denomina ser “valores” em sua vida. No início, o mundo para ele era o bairro das Quintas. Depois queria alargar os horizontes. Pensava em coisas que os outros não reparavam muito. Quem sabe por isso mesmo, quando se tornou membro fundador do grupo GPS a rapaziada na vizinhança achava seu papo “esquisito”.

Não relata conflito entre pai e mãe. Sempre morou com eles. Ao que parece eram presentes em sua criação. Deixou saber uma vez que o irmão mais velho usava maconha e também crack. Tem uma filhinha que mora com a mãe em Guarapes, mas que sempre se veem e conversam. Conta que aos sete anos trocou o primeiro beijo com a prima. Aos oito anos, a primeira experiência de perda: a morte da cachorra. Aos 10 anos era o mico “negro” da escola.

Ainda sobre a escola, recorda que a madrinha resolveu colocá-lo num jardim, escola paga e que lhe marcou na memória pela quantidade de pretos: ele, o filho de um funcionário, e um terceiro que era o filho do dono da escola. Foi percebendo os contrastes que existem na vida quando maiorzinho foi estudar numa escola pública do bairro.

ADOLESCÊNCIA DE TRABALHO, GALERAS E FILANTROPIA

Enquanto o pai trabalhava em uma empresa de vigilância, aproveitava os fins de semana para negociar passarinho nas feiras livres. Percebia que muitos meninos ganhavam trocados com fretes. Fez um carrinho para si e também foi trabalhar pegando frete na feira. Fez isso até completar 15 anos. Diz que nessa idade as meninas começam a reparar nos rapazes, surge um sentimento de vergonha e o negócio começa a “desandar”. Começou a vender água, mas, certa feita, ao se deparar com a professora da escola, também sentiu vergonha e largou.

Paralelamente, também experimentou a filantropia. Tinha um amigo no bairro Quintas que comprava cesta básica e ia deixar na Avenida Alexandrinho de Alencar no “abrigo dos velhos”. PP achava aquilo muito bonito enquanto o acompanhava no carro em suas visitas. Colocou na cabeça que quando crescesse também ajudaria as pessoas.

Aos 17 anos, entrou numa turma, mas não era bem para ajudar as pessoas. “Os caras da Guarita”(Nome era alusivo à localidade de mesmo nome no bairro das Quintas, muito violenta nos anos 80). Diz que não gostava de roubar, mas dava muito valor a brigar. Foi um período curto.

MUDANDO PARA GUARAPES

“Eu me lembro que viemos em uma noite de sábado, no dia 13 de janeiro. Eu vim pra cá puto da vida. Eu morava lá nas Quintas e ia pra praia de bicicleta e no final de semana tinha Atlântico e Assem (clubes populares), tinha altos clubes pra curtir e quando cheguei aqui era outro mundo, as pessoas eram diferentes, o lugar era diferente e até a cultura das pessoas daqui eram diferentes. Fiquei me perguntando o que é que eu vim fazer aqui. Parece até mentira, mas quando eu cheguei aqui, não gostei e tive que voltar pra lá”. PP voltou para o bairro das Quintas. Ficou na casa de um colega e fazia rodízio de lugares para comer; no “Papelão” (uma fábrica de pipoca) tomava banho. Um dia, seu pai mandou dizer que ninguém desse mais “rango” pra ele, mas teimoso que era, ainda passou uns dois meses dormindo dentro de um fusca de um colega. Por conta disso, a mãe ficou muito triste e ele acabou indo de vez para Guarapes.

UMA CAMISA DE ROCK E DUAS FITAS CASSETES

Um de seus amigos, o Lobão, viajou para São Paulo e de lá para Minas Gerais. De volta a Natal, trouxe duas fitas cassete que um primo dele tinha ganhado, mas não gostava. Um lado era Gabriel o Pensador, com um single “Tô feliz matei o presidente” e o outro lado era Racionais MC’s, na época do “Holocausto Urbano”. Dava, também, muito valor a Bezerra da Silva. Nessa época, era o tempo do vinil. Outro amigo, chamado Joel, trouxe de Caruaru uma camisa dizendo que era “a cara dele”. Tinha afoto do Racionais MC’s. PP começou a andar com ela em Guarapes.

Um dia fizeram uma reunião na escola e resolveram criar um grupo. PP foi escolhido como coordenador. Aceitou. E aí começou a correria, os contatos, as virações e disso vieram as primeiras apresentações, já dançando e cantando também.

Depois veio um período em que conheceram um pessoal da universidade e entraram num Fórum (Engenho de Sonhos). Foram quatro anos da vida em que diz ter aprendido muita coisa, oportunizando viagens pra outros lugares. Considera que foi uma experiência massa.

A MORTE DA MÃE E AS DANDARAS DO RAP

A morte da avó deixou-o muito abalado, foi uma experiência de perda muito forte. Mas, difícil mesmo foi encarar, aos 36, a morte da mãe. A casa pequena, de repente parecia imensa para morarem ele e o pai. Após a morte da mãe, evitou mudar com o pai para o “inferninho”, espaço em Guarapes de posse, favela dentro de outra, em que há a boca de fumo. Por uma razão simples: os “pintas” das antigas o consideram, mas e se um dos meninos nascidos após os anos 90 resolvesse “tirar uma onda?” O que aconteceria se um deles resolvesse entrar em sua casa e roubar um cd? É preciso manter o respeito. Nesse momento é pragmático: “Vou ter que dar um caldo lá na lagoa. Depois o ITEP vai recolher”.

Teve a idéia das Dandaras, antes da Rede Globo [referência ao seriado “Antônia” da Globo com hip hop de mulheres]. Os meninos do Hip Hop falam tanto em discriminação, mas nunca abriram os grupos para participação feminina. PP considera que já sofrem tanta discriminação que estranha como podem ser assim.

Mais uma vez foi dando uma idéia aqui e ali e assim começou o primeiro grupo feminino de rap do bairro Guarapes.

Em relação ao futuro, ele o descreve como tenebroso, mas nutre alguma esperança. A visão de PP é realista. Não se trata de alguém otimista, descreve os fatos, mas tenta se agarrar em alguns sinais positivos que podem aparecer no futuro. Falando sobre o pragmatismo, faz crer que o bairro revela uma lógica de camaradagem: os laços se fazem sentir quando é possível estender a mão para outro que poderá me ajudar amanhã.

Perguntaram se um dia ele poderia deixar o rap. Ele respondeu dizendo que até namorada já o deixou pelo Hip Hop! No momento em que ela mandou PP escolher entre ela ou o Hip Hop, PP não pensou duas vezes. Falando no campo sentimental, uma aventura amorosa que não comenta muito os detalhes, rendeu-lhe, como diz, “uma neguinha”. PP é muito carinhoso com a menina que já está na casa dos 10 anos. Diz que algum dia ela vai ler nos livros de História, que um dia um pessoal lá em Guarapes estava tentando fazer acontecer.

6 UMA ARTE DO DESVIO: REFLEXÕES SOBRE ASTÚCIAS E REFLEXIVIDADE DOS JOVENS

Como um sentimento de abertura em relação a um projeto de autonomização relacionado a um sistema que os encarcera numa situação de precariedade social é capaz de produzir reflexividade⁷³ e com isso efeitos políticos ao nível das ações coletivas dos jovens? Como se daria a emergência, nesse contexto do sujeito “político” no universo da reflexividade? Diante das possibilidades interpretativas suscitadas, apresentaremos algumas ações dos “Jovens Construindo Sonhos”, mas centramos mais à análise na ‘Posse Lelo Melodia’ ao nível de sua cotidianidade através de “artes de fazer” (CERTEAU, 2007).

6.1 ARTES DO DESVIO E “MANEIRAS DE FAZER” DE COLETIVOS JUVENIS

a) A empresa de ônibus: uma empresa de transporte urbano com sede no bairro de Felipe Camarão procurou os jovens “construindo sonhos”. Foi exposto que algumas linhas passam por uma localidade do bairro denominada ‘favela do fio’, e lá as crianças têm como prática a depredação dos ônibus tanto por dentro quanto por fora. A proposta da empresa era para a Associação realizar, mediante apoio financeiro da empresa, algumas oficinas para essas crianças e jovens. Naldo e os outros jovens começaram o trabalho. No início, temerosos porquanto também eram desconhecidos naquela localidade. Ofereceram oficinas de violão e teatro e com o tempo conquistaram a confiança dos meninos. Da favela, levaram o trabalho para uma escola do bairro e findado o período das oficinas, a empresa não registrava mais ocorrência em seus ônibus.

b) o “bagulho” no quintal: Um dos jovens da posse foi abordado em casa por um jovem do bairro, pedindo-lhe um favor especial. Tratava-se de um pacote que ele queria que “guardasse” por um tempo em sua casa. Pediu para que fosse mantido sigilo, quanto a aquele pedido. O jovem da posse não perguntou o que estava dentro do pacote. Alguns dias depois, aconteceram batidas sistemáticas em Guarapes por

73 No sentido de Castoriadis: “possibilidade de que a própria atividade do sujeito torne-se objeto, a explicitação de si como um objeto não-objetivo, ou como objeto por posição e não por natureza” (CASTORIADIS, 1992, p. 224). Ao nível coletivo, o regime de reflexividade coletiva seria a democracia no sentido pleno (CASTORIADIS, 1992, p. 160).

parte do corpo policial. Depois de algumas semanas o jovem dono do pacote retornou para pegá-lo novamente. Ficou intrigado quando o jovem da posse apareceu na sua frente com uma pá na mão. O jovem da posse fitou-o nos olhos e disse: “Seu pacote? Vamos ali para o quintal”.

Diante dos exemplos acima, a primeira impressão que sobressai é que os grupos juvenis tanto de Felipe Camarão quanto Guarapes estão simplesmente agenciados seja pelos dispositivos disciplinares da sociedade de controle em que vivemos, seja pela poderosa indústria do narcotráfico. Ante tal constatação, parece inverossímil a aposta de que haja ações táticas no interior dos grupos ou ao nível das subjetividades que poderíamos dizer foram absorvidas, para ficarmos com Foucault, nos mecanismos da “microfísica do poder”. Ou guinaram para uma ação transgressiva num itinerário de ódio ao sistema estabelecido ao passo em que serão confrontados com os dispositivos de “regulação” nas modalidades mais variadas: grupos de extermínio operando no interior do aparato policial⁷⁴, as milícias que disputam poder paralelo com o tráfico, e a concorrência na forma de grupos rivais.

Mas como opera aquilo que aqui denominamos de arte do desvio? Inicialmente esclarecemos que por arte do desvio remetemo-nos a Certeau (2007), referência que não se dá ao acaso, mas pela anuência que temos com o autor de que é possível perceber microdiferenças, composições, reapropriações e resistências nos lugares em que se enxerga costumeiramente obediência e manipulação ou delinquência e morte.

Com Certeau (2007) assinalamos a existência nos bairros de Guarapes e Felipe Camarão, através da movimentação da Posse Lelo Melodia e dos jovens “Construindo Sonhos” de uma rede de antidisciplina que se revela através da mobilização de recursos insuspeitos, deslocando como propõe o autor as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima.

Se supomos que as ações dos grupos juvenis em estudo são do tipo táticas é necessário argumentar em torno das práticas dos grupos para verificarmos como é possível distinguir “maneiras de fazer” captando-lhes o traço “brincalhão,

⁷⁴Um tenente da polícia militar nos coloca que há na polícia uma prática de eliminação de elementos indesejados, geralmente os que têm alta recidiva em ações transgressivas. Os policiais dizem que os civis não sabem nada, ficam recitando direitos humanos, enquanto eles arriscam a própria vida para fazer da cidade um lugar seguro. Por fim, acreditam que as ONG's são perda de tempo e que jovem consciente é aquele que informa a polícia sobre ações danosas no bairro.

protestatário, fugidio” que caracterizem essa “liberdade gazeteira” (CERTEAU, 2007).

Essa arte do desvio que nos esforçamos por descrever aqui seria reveladora de uma estética de lances e de uma ética da tenacidade, ou seja, de invenções técnicas e um estilo de resistência que na trilha de Certeau compreendem uma cultura do ordinário (Certeau, 2007). Com essa afirmação, não pretendemos romantizar o viver nessas localidades. Na esteira de Bauman (199), não compreendemos o bairro de Guarapes como uma “comunidade” em que os iguais comungam os mesmos desejos e aspirações. Também não partilhamos da crença a qual a classe pobre é “naturalmente” mais solidária que as outras. É bastante nesse sentido, o próprio relato dos jovens colocando em relevo as dificuldades que enfrentam, por exemplo, nas reuniões no centro comunitário de encontrar eco para suas idéias; ou ainda o sentimento de “estrangeirismo” em muitas ocasiões nas relações cotidianas.

O que estamos evidenciando aqui é menos uma solidariedade social e mais uma arte, diria Certeau (2007), na qual o artista se esmera com a mesma tenacidade com que alguns animais aprenderam a “camuflar”, a “ludibriar”, a “dissuadir”. Essa a cultura do homem ordinário que nas periferias encontram os seus registros em uma “arte do desvio”, na tenacidade que sobressai no modo como individualmente ou em grupo, no momento sócio-histórico vigente em nosso país, palmilham-se fendas abertas na tessitura social em busca de novas possibilidades de expressão de uma vida menos sofrida, menos humilhante e certamente o mais autonomizada possível.

De modo ambíguo, expressando todo o paradoxo de um viver complexo nos bairros da periferia da cidade, os Jovens Construindo Sonhos e Posse Lelo devem, retomando a cartografia freudiana, lidar com as exigências simultâneas da pulsão de morte (que se revela no consumo de drogas, no nihilismo, no desespero) bem como da pulsão de vida que os impele por vezes, ao trabalho de vigilante na escola ou de trabalhador na oficina mecânica, realizando aquilo que se espera deles por parte da sociedade (BEZERRA, 2004). Pensamos que essa mesma pulsão de vida pode estar orientando o jovem ao ardil de burlar aquilo que é esperado socialmente. Essa arte do desvio diz respeito à instauração de um outro modo de agir mais inventivo, que também se configura como uma arte, uma vez que se realiza através de uma multiplicidade de composições que são únicas porquanto necessitam da ocasião.

Tendo em vista, por exemplo, que ambos os coletivos apresentam jovens oriundos de projetos sociais, marcadamente o Engenho de Sonhos, essa pulsão de vida poderia ser capturada em processo de ‘disciplinarização’ (no sentido de Foucault) levando ambos os grupos a fazerem parte de uma estratégia de ‘controle social’. Naldo ou Edcelmo, na qualidade de “jovens de projeto” poderiam ter fundados coletivos preocupados com ações adaptativas, “inclusivas”, “integrativas” dos jovens “pobres” de seus bairros. Se for possível encontrar esses elementos dentro do grupo Construindo Sonhos, não há o menor traço disso na Posse Lelo Melodia que se inscreve eminentemente em uma perspectiva de rede de antidisciplina como argumentamos anteriormente.

Habilmente, o jovem da posse não vai indagar sobre o conteúdo do pacote ao seu colega. Ele sabe que essa pergunta o implicaria. Esse desconhecimento voluntário é forma de desvio que o protege, pois pode alegar alienação quanto ao que estava fazendo. Pode-se reconhecer, num primeiro momento, uma “economia do dom” como nos lembra Certeau a partir dos trabalhos de Marcel Mauss.

O dom que circula ali é um reconhecimento também do fato em que o jovem que lhe entrega o pacote, também pode vir a emprestar somas de dinheiro a fundo perdido, como nenhuma financiadora poderia fazer, contribuindo inclusive para que o jovem da posse continue na militância. Mas a questão vai além disso. Se o jovem da Posse percebe que a recusa ao favor não lhe trará represálias por parte do conhecido, por outro lado, sua aquiescência é uma tática que opera segundo uma ética da tenacidade: é através da proximidade com os jovens do bairro que é possível chamar a atenção para outras histórias, enredar em outros movimentos. É aí que entra o Hip Hop como uma alternativa para novas produções, para tecer em conjunto outras vinculações. Assim, funciona um ethos que se aplica muito menos em função de uma filosofia moralista-maniqueísta e muito mais em torno de uma “política” da conquista, do envolvimento. Edcelmo, por exemplo, nos avisa que não foram somente um ou dois que deixaram o crime organizado ou as drogas para dançar e cantar com a Posse. A trajetória pessoal dos integrantes do grupo é demasiado reveladora quanto a isso.

Do mesmo modo, encontramos um padrão similar de operar nos jovens construindo sonhos. Realizar o projeto da empresa de ônibus não é se colocar a serviço de uma rede disciplinar de poder simplesmente. Certeau (2007) nos diz que é preciso não tomar os outros por tolos. Tanto Naldo quanto os outros Jovens

Construindo Sonhos sabem o que a empresa de ônibus realmente deseja. E é aí que entra a “arte do desvio” que mencionamos no título. Ao realizarem os objetivos da empresa, os Jovens Construindo Sonhos estão momentaneamente suspendendo seus objetivos.

À primeira vista, a impressão que se tem é que estão se “desviando”, perdendo-se de seus objetivos. Porém, se considerarmos que a associação tem como uma de suas metas a visibilidade, torna-se “tático” tomar para si a demanda da empresa de ônibus. O “desvio” adquire a conotação aqui de contorno para alcançar o que é da ordem das necessidades do coletivo juvenil. A favela do fio, local da ação visada pela empresa, era um dos espaços o qual a associação ainda não tinha penetração no Bairro de Felipe Camarão. Naldo nos conta que as primeiras visitas foram marcadas por muita desconfiança por parte dos moradores e em especial dos meninos.

Posteriormente, os Jovens Construindo Sonhos sentem a receptividade das crianças e moradores em geral. Conseguiram, inclusive, deslocar a oficina para uma escola do bairro, para melhor acomodar as crianças e jovens inscritos nas oficinas. Também é preciso considerar que o período das oficinas coincide com a fase de desemprego de Naldo. Não fosse por esse artifício (oficinas financiadas pelo projeto da empresa), ele teria que procurar alguma atividade remunerada, o que diminuiria sua dedicação às ações da associação. Além disso, a visibilidade adquirida com a ação inscreve-se num “portfólio” de ações que os vão credenciando no campo do terceiro setor para a busca de financiamento e parcerias com um aporte maior de recursos financeiros. O que essas ações táticas deixam entrever? Uma estética de lances, a habilidade de aproveitar a ocasião, de dar “golpes” fortificando o fraco, “dissuadindo” o forte como define Certeau (2007).

Ora, se não podemos falar em um fazer política no sentido tradicional do termo, é possível por outro lado discernir claramente uma ação social coletiva que engendra direta ou indiretamente conquistas para o coletivo juvenil que a desencadeia. Para além disso, essas ações também infletem sobre o contexto local na medida em que esses mesmos jovens encontram-se em fóruns sobre juventudes, debatem projetos ligados às políticas públicas, enfim participam de forma bastante ativa do contexto urbano local e nacional na medida em que seus grupos são coligados a redes regionais e nacionais de jovens.

Se essa atuação ocorre não é por uma consciência política ou por uma decisão militante, isso advém a posteriori. Em verdade, como expresso por Edcelmo em certa ocasião “é a necessidade que nos faz botar a cara no mundo”. O essencial é o fato de terem chegado a um entendimento de que melhor que ter alguém falando por eles, sobre as necessidades deles, era preferível eles mesmos serem os portadores dos microfones. E se o fazem com visível desenvoltura é porque “cavaram” fundo o espaço para essa expressão, que em contextos diversos lhes foi negado anteriormente.

Portanto, invocar a perspectiva expressa por Certeau (2007) não significa fazer vista grossa para as ações disciplinares, as estruturas de poder, as “instrumentalidades menores” invocadas e tão bem ilustradas por Foucault que em seu conjunto e hoje mais que nunca, tão bem reavivadas (AGAMBEM; DELEUZE; GUATARI; HARDT, NEGRI, 2005 entre outros). Nossa opção tem sido por realizar uma análise complementar a essa que se situa no modo como coletivos juvenis jogam com a disciplina. E assim realizam um desvio tanto da sociedade normalizadora quanto das redes do crime organizado.

Cotejando tais considerações com as idéias de Castoriadis (2006) acerca dos movimentos sociais reencontramos a idéia de que eles expressam tanto os conflitos que dilaceram a sociedade quanto encarnam a vontade das pessoas de tomarem as rédeas de seus destinos. É preciso evitar interpretações apressadas sobre a “arte do desvio” praticada pela Posse e Jovens Construindo Sonhos. Ela se desenrola numa tática de composição com o que está posto aí na sociedade. Os grupos não se preocupam com a construção de uma mudança da sociedade como um todo. Tal afirmação poderia ser interpretada como um movimento de encobrir as falhas existentes nas instituições sociais ou de um novo compromisso de classe para com a burguesia. Castoriadis (2006) ao refletir sobre possibilidades de “transformação política” a partir de novos movimentos sociais afirma ser esse um raciocínio pobre. Sustenta que o político não pode ser reduzido ao enfrentamento de partidos para a apropriação do estado. Enfatiza na história da produção capitalista, que o sistema organiza a produção e a exploração enquanto os trabalhadores inventam meios de se defender e lutar contra essa organização. Num momento posterior, o sistema se apodera e apropria dessas práticas, e aí os trabalhadores inventam novos modos de agir (CASTORIADIS, 2006). Fazendo uma aproximação em nosso caso, diríamos

que esses modos de agir, seriam como o jogo de xadrez, a estética de lances que já mencionamos que se vale das ocasiões e as oportunidades nelas ensejadas.

Tomando-se como exemplo o escoamento da produção musical da Posse. Os jovens produziram um videoclipe caseiro para um festival de Rock local, com visibilidade nacional (MADA). O vídeo foi produzido nos morros de Guarapes, nos bailes que organizam no bairro. Utilizando-se para algumas sequências do filme, um celular para tocar a música do clipe. Algumas semanas depois era possível no site de relacionamentos “Orkut”, ver nas páginas de recados um ícone que tocava a música ao ser clicado.

Ou seja: na impossibilidade de assinar contratos com gravadoras, a forma de furar o cerco e fazer sua música chegar aos jovens (e classe média em geral), perfurando os diversos segmentos sociais “de baixo para cima”, foi a utilização de sites como Orkut (espaço midiático impossível de ser apropriado por outros movimentos de décadas atrás como o MNMMR). Essa apropriação é no sentido de revelar as “artes de fazer” do hip hop em Guarapes: uma arte periférica que comunica antes de tudo um modo de vida, um jeito de se divertir, costumes do bairro e que lança suas críticas e protestos contra a violência da polícia, a discriminação dos pobres, etc. No Orkut querem tornar visível uma outra forma de ser juvenil, para além das imagens genéricas sobre a periferia e sua associação à pobreza e ao crime.

Outro exemplo no mesmo campo midiático é que nas suas páginas pessoais do Orkut os Jovens Construindo Sonhos, divulgam sua agenda de ações, eventos ligados às juventudes (como fóruns sociais do governo) e até a campanha política de Naldo. O que os Jovens Construindo Sonhos querem é que o máximo possível de pessoas de diferentes extratos saiba que no bairro de Felipe Camarão há um grupo promovendo ações em torno da juventude.

Ainda para pensarmos o aproveitamento da ocasião, ou a estética de lances: Adriana teve um revés no emprego. Secretária em uma ONG que já não lhe pagava como devia, o diretor conversou com ela e disse-lhe da pretensão de demiti-la. Ela desesperou-se, afinal o filho era pequeno e o trabalho de seu companheiro, Amaury, incerto. Ainda bastante insegura, considerou as opções. Daí tentou viver da militância: aprovar projetos e ser remunerada para coordená-los. Não conseguiu emplacar o financiamento de um projeto de rap para meninas do bairro.

Através de uma indicação de um amigo apresentou a mesma proposta para um gerente de uma grande loja de material elétrico. Saiu de lá decepcionada por ter conseguido um pequeno patrocínio e algumas camisas. Foi conversar com o amigo e este lhe disse que o gerente confessou-lhe que só aprovaria um projeto como aquele se a Posse estivesse regulamentada dentro da “lei de incentivo à cultura”, porque a empresa teria contrapartida no imposto de renda. Ela entendeu o recado e começou a se preparar não só para voltar, mas para passar a atuar a partir desse “trunfo”.

Em nossa análise, fica claro que esse jogo não os isenta ou os projeta em um campo fora da sociedade normalizadora. Adriana se deprime e angustia com o fato da remuneração incerta. Pick carrega o sofrimento das fragilidades pessoais e também sociais: incompreensão dentro de casa e falta de perspectivas financeiras. Não somente nossos grupos não escapam como claramente sucumbem às imposições da sociedade normalizadora. A novidade é o modo como contraditoriamente e concomitantemente eles se reapropriam das condições determinantes de suas existências sociais através de movimentos multiformes, astuciosos e teimosos. Uma arte que Certeau define mesmo como uma prática, um fazer, oposto a um contemplar passivo e “que opera fora do discurso esclarecido e que lhe falta” (CERTEAU, 2007,p. 137).

6.2 A (RE)CONQUISTA DO TERRITÓRIO INTERNO

A discussão das significações imaginárias sociais de “jovens de projeto” e “meninos de rua” a partir das considerações de Castoriadis, atravessam os dois primeiros capítulos centrados nos jovens, enquanto sujeitos de direitos e de desejo. Conforme avançamos neste capítulo em uma reflexão sobre os jovens enquanto sujeitos da reflexividade (e, na próxima seção, os efeitos políticos ao nível das ações coletivas), queremos iluminar outro aspecto concernente às subjetividades juvenis ao centrarmos nas “artes de fazer” da Posse e Jovens Construindo Sonhos, quer seja a questão da conquista do território interno.

Retomamos nesse ponto Melucci (2004), em algumas de suas ponderações sobre a necessidade de travar uma batalha, no sentido de recuperar o “planeta interno” que foi perdido com os agenciamentos do poder e a produção dos “regimes

de verdade” (no sentido dado por Foucault – interlocutor importante, como veremos mais adiante-no resumo de seus cursos no Collège de France entre 1970-72). Melucci lembra que se de um lado aumenta a nossa capacidade reflexiva de produzir sentido e motivação pelo que somos, de outro, estamos expostos aos processos de formação e transformação de nós mesmos, à erosão das margens de nossa independência individual e a uma regulação social do comportamento que nos força a manipular nossas dimensões mais íntimas (MELUCCI, 2004).

Na esteira do pensamento Foucaudiano, Melucci propõe um olhar sobre si. Olhar a si, volver ao planeta interno é entender que não somente habitamos esse planeta, como também o produzimos. Mas reconhece a dificuldade desse exercício posto que essa possibilidade venha sendo negada e subtraída cada vez mais pela intervenção capilar de aparatos de controle e regulação, definidores das coordenadas do “planeta interno”, definidores de fronteiras arbitrárias, fincando ainda bandeiras específicas em nossa motivação, afetos e estrutura biológica, conforme Melucci (2004).

Torna-se, em razão dessa dificuldade, capital, então, conquistar a capacidade de participar da formação de nossa identidade, agir conscientemente sobre nós mesmos, habitar e explorar os “territórios internos”. Na tradição de Foucault, Melucci quer colocar uma lente nas “relações consigo mesmo” (expressão de Foucault), o governo de si por si na sua articulação com as relações com o outro. Mas, ao invés de enfatizar as “técnicas de si” (outra expressão de Foucault), ou seja, o modo como as subjetividades são agenciadas pelos dispositivos de poder, a preocupação do autor é com a produção de nossa capacidade de ação, como podemos agir sobre nossas motivações, aumentar o contato com nosso corpo e trabalhar com nossas emoções (MELUCCI, 2004).

Ao que nos interessa em nossa discussão, esse autor contribui para pensarmos as artes de fazer que perseguimos com Certeau. Isto porque ao centrarmos o olhar nas maneiras de fazer dos jovens da Posse, constatamos nos esforços de suas ações em grupo, tentativas de descolonização do território interno. No hip hop ou no ativismo social, fazendo videoclipes, apresentando-se em festivais, lançando candidaturas, articulando-se junto à iniciativa privada, participando de redes regionais e replicando localmente as discussões em fóruns mais amplos. Temos nessas ações um trabalho de si que se articula com a exterioridade. Essa

leitura que fazemos de Melucci não recai no “subjetivismo”, apenas pretende complementar o referencial que vimos adotando até aqui com Castoriadis.

Este último denuncia a heteronomia social e os impasses postos para a concretização de um projeto de autonomia que não se realizará sem a conjugação de esforços coletivos, única forma de conquistar a “autonomia individual”. Castoriadis nos lembra que essa dita “autonomia” não é dada naturalmente, mas produzida, uma produção social-histórica que se insere, participa e reproduz uma sociedade que se institui a cada vez, instituindo consigo ‘regimes de verdades’, normas, leis, afetos, enfim um modo de ser que no caso singular do jovem de bairros como Guarapes passa a ser uma subjetividade desqualificada, um projeto minado de saída para enfrentar as pesadas determinações sociais que lhe são impostas.

Dentro da articulação teórica com Castoriadis é imprescindível para a conquista do ‘planeta interno’ o enfrentamento das significações sociais imaginárias que passam por um esforço coletivo e deliberado de não ocultar o fato que vivemos em uma sociedade instituída e que temos em nível coletivo a possibilidade de instituí-la. Enfrentando a árdua questão de que as significações sociais imaginárias que campeiam sobre a juventude pobre é fruto de um coletivo anônimo, imotivado, mas que é instituída a cada vez e re-posta no seio da sociedade em que vivemos. Ela viceja no interior de cada um dos membros da sociedade, que na qualidade de fragmentos repõem aquilo que a sociedade considera crime, transgressão, norma, ética.

Trata-se de uma frente de batalha crucial para a produção de novas subjetividades juvenis em bairros ‘periféricos’, seja em Natal ou em grandes metrópoles urbanas: não a produção de um si fragmentário e desconexo, mas a produção de um si que se faz no intercâmbio com a exterioridade e que participa de movimentos coletivos em prol de mudanças e transformações em escala social, no intuito que essas mudanças possam favorecer o projeto existencial que acalentam individualmente. Com um vislumbre mais ou menos claro disso, uma parcela pequena de jovens tem se associado coletivamente para ‘sonharem’ juntos, para resistirem em grupo trilhando caminhos dividindo ônus e conquistas coletivamente.

Ilustrando aspectos desses conflitos em nível local, sobretudo do desafio de lidar com uma imagem depreciada de si, reinventando nos bairros da Zona Oeste singularidades juvenis atreladas a projetos de vida coletivos, transcrevemos a

descrição que Pick faz de si em uma de nossas oficinas com os jovens da Posse em Guarapes:

Eu pego em minhas mãos e aí eu me sinto, eu me toco, tenho força. Com as duas mãos pode-se fazer muita coisa. Pode tocar e fazer amizade. [...] Acho que incomoda na sociedade por ser 'vagabundo', mas acho que tenho o meu valor por justamente incomodar as pessoas na sociedade e por achar que posso ser uma 'porta' para a comunidade. (Informação oral, Pick)

Não somente a sociedade, mas a própria família de Pick e a comunidade, o veem como um 'inerte' por não ter perspectivas na vida ("portas abertas"). Ele acha que incomoda na sociedade por ser 'vagabundo', ele absorve essa idéia, a significação social que já assinalamos anteriormente quanto aos "meninos de rua". Indo um pouco mais em direção à Melucci/Foucault é possível verificar na produção de si de jovem em Guarapes a "relação a si" fundada na relação com os outros e na produção discursiva dos aparatos de poder sobre o que é ser jovem naquele bairro. Em casa, ele é um inerte, no bairro, um "Zé ninguém" e na sociedade um "vagabundo". Justamente por ser "vagabundo" ele incomoda. Na qualidade de "vagabundo", o que realiza não gera interesse para a sociedade, afinal as "artes de fazer" que realiza não são produtivas do ponto de vista da lógica do capital. Pick insiste em não realizar as expectativas das "técnicas sobre si" imputadas à juventude dos bairros pobres pela sociedade disciplinar: frequentar a escola do bairro, ter poucas aspirações na vida (um trabalho e filhos), tornar-se um assalariado em troca de uma vida socialmente bem aceita. Muitos outros jovens do bairro de Guarapes estão atentos a isso. Tentam corresponder ao discurso acerca do que um jovem "correto" deve fazer.

Mas, a "teimosia" de jovens como Pick, que tentam outras saídas diferentes da transgressão ou do "trabalho honesto e sério", não acontece sem "sequelas". Pick chora ao lembrar as dificuldades no hip hop (falta reconhecimento, não há como ele se sustentar financeiramente, etc) e as incompreensões dentro de casa. Algumas vezes questiona-se se realmente os "outros" não teriam razão. Talvez, estivesse batendo com a cabeça na parede. Os outros jovens do bairro, antes dele, não conseguiram (geração dos jovens do MNMMR, os "meninos de rua" dos anos 1990),

ele não está conseguindo e dificilmente os que virão futuramente conseguirão algo de futuro na vida.

Ao mesmo tempo, acha que tem o seu valor (como 'diamante') por justamente incomodar as pessoas na sociedade e por achar que pode ser uma 'porta' para a comunidade, no sentido de que pode devido ao hip hop ser um intermediador para outros jovens da comunidade (vale lembrar que Pick não foi um jovem de projeto como Edcelmo, PP e Adriana, seus colegas da Posse).

Movido por essa aposta, Pick é o "bad boy" que dança break. Seu corpo realiza performances. Se expressa em movimentos plásticos que se ampliam em direções variadas ocupando todos os espaços possíveis na pista de dança. Lá ele desafia a gravidade, que é uma lei, precipitando-se em rodopios, saltos, pulos e acrobacias. Na pista seu corpo transpõe limites no contorcionismo: ele verga e flete como em busca de novas veredas. Lá ele diz de si, expressa o sentimento, o desejo de ir além, a fruição que se dá no momento e produz o sentido para ser o que é no contato com os olhos admirados, sorrisos e palmas. Ele é um dos "meninos que dança". Pode ensinar uma arte. Sabe uma "maneira de fazer" e, com isso, tenta criar um "modo de ser" que não é o ser jovem que se espera dele (o "pobre trabalhador" ou o "vagabundo"/"ladrão"/"drogado").

Como ele mesmo relata, ele enxerga que esse "modo de ser" que pode ser qualificado como 'vagabundo' pode tornar-se uma porta para muitos garotos do seu bairro. Há meninos e meninas que querem aprender a ginga, a "manha", a dança com ele. Com isso, também se abre um espaço para que advenham para um futuro outro, tornem-se "jovens de projeto", possam sonhar uma outra coisa para si, na medida em que se inserem nas atividades da posse e através dela acessam outros espaços que lhes permitam o vislumbre de uma outra produção de si.

Note-se que a produção de um si que escape da rede de controle da sociedade normalizadora não se estrutura de modo polar na realidade de nossos jovens da Posse Lelo Melodia (e, também, de Construindo Sonhos). Opera-se uma "dialógica" em que significações sociais bastante antagônicas podem coabitar no interior dos jovens, produzindo "efeitos" (na esteira de Foucault, efeitos de poder, mas também possibilidades de resistir) ao nível das subjetividades juvenis gestadas em Guarapes ou outro bairro da Zona Oeste de Natal (quiçá de outras metrópoles urbanas). Tais efeitos são reforçados em níveis variados e em significações distintas

pelos moradores, por jovens de outros bairros, por instituições e órgãos públicos, pela mídia, pelos partidos políticos, etc.

Retomemos aqui o tema do estrangeirismo, apontado por PP e outros jovens. Se de um lado é no contato diário que são trocadas “idéias”, oportunizadas reflexões, esse processo não se faz de modo muito tranquilo entre os membros mais ativos e engajados da Posse. Na medida em que adquirem novo cabedal argumentativo, novas percepções advindas das reflexões na sua militância, esses jovens vão se diferenciando dos seus pares no bairro. Amaury diz que muitas vezes, enquanto tomam um vinho barato juntos, os colegas do bairro chegam, bebem e vão embora porque se sentem “por fora” de muitas conversas e discussões que surgem no meio da roda. PP reclama da dificuldade de arrumar namorada. Já acabou relacionamentos por conta do hip hop e, hoje, seu ativismo social lhe rende uma pecha de “estranho” para as jovens do bairro. O mesmo acontece com Edcelmo, afinal o “papo” e os “gostos” que as garotas esperam ouvir e perceber em rapazes de Guarapes dificilmente identificarão nele.

Acreditam, no entanto, que somente na cotidianidade do bairro, através do hip hop, será possível tecer novas relações consigo e com os outros do bairro. Cria-se um projeto que pode ancorar um sentido para a existência pessoal. Um projeto de autonomização que ganha seus contornos na voz, na letra, no corpo que baila, na mixagem do som, na produção de vídeo, ou no apoio a uma ou mais dessas atividades. Cabe aqui salientarmos o papel das redes juvenis, nas quais grupos como os da Posse Lelo Melodia se coligam. Através de redes como o MOHNB, uma potencialização dos valores, dos afetos e das aspirações pessoais e coletivas operam. É possível “sonhar junto” com jovens de outros rincões do país, partilhar esperança e gerar “calor”, “energia cinética”, para não congelar no imobilismo do desânimo, do negativismo.

(Re)conquista do “território interno”, do “planeta interno”, como quer Melucci, ou “autonomia individual”, como formula Castoriadis, não poderá sob hipótese alguma ser um projeto individualizado. Se os efeitos de poder estão por toda parte e as técnicas de si operam de dentro do indivíduo guiando-lhe para um dos modos possíveis do ser jovem nas periferias das cidades, também é ao nível da coletividade que se pode produzir uma outra sensibilidade, uma subjetivação mais autêntica em direção a uma maior autonomização.

Dentro da Posse, Adriana encontrou guarida em seus companheiros para continuar a participar das 'Dandaras do Rap'. Ela relata que não foi fácil vencer essas barreiras. As significações imaginárias em Guarapes sobre o "ser mulher" e "ser mãe" não parecem diferir do resto da sociedade brasileira, ao menos ao nível dos seus sentimentos.

Retomamos aqui Castoriadis: o modo como essas significações povoam os moradores de Guarapes é anônima, impessoal e compartilhada socialmente e já preexistente aos habitantes do bairro, porque encarnam um modo de ser da sociedade brasileira que está presente no cerne de suas instituições. Tanto na igreja quanto na família e na escola Adriana aprendeu que ser mãe é "padecer no paraíso", "um dom de Deus", "uma missão divina", que a "esposa deve cuidar da casa" e "servir ao marido". Adriana precisou lidar com os entraves postos para jovens como ela, do ponto de vista das saídas para as "meninas".

Takeuti (2002) apontava as jovens no MNMMR sonhavam em ser médicas, atrizes, professoras ou advogadas. Para essas jovens, o par empregada doméstica-prostituta representava a nadificação social: em ambas as escolhas seriam humilhadas, perderiam o lugar de condutoras de suas vidas. A única diferença é que a empregada doméstica era moralmente aceita (TAKEUTI, 2002). Se recorrermos aos Seminários de Diagnóstico realizados pelo Engenho de Sonhos (BEZERRA, 2004), constatamos que os caminhos possíveis para Adriana era, estatisticamente, os mesmos trilhados por da sua mãe e por outras jovens de seu bairro: ser dona de casa ou doméstica.

Essas considerações são importantes para clarificar as lutas por uma subjetividade mais autêntica, empreendidas por essa jovem que se considera "guerreira". Quando Adriana engravidou, cogitou-se o fato dela afastar-se do movimento hip hop. Não foi o que aconteceu. Enquanto viajava para apresentar-se junto com as 'Dandaras do Rap' em um festival musical na praia de Pipa, seu filho ficava com o pai em casa. Em algumas viagens, ela era repreendida pela mãe e outros familiares: "como poderia deixar em casa o filhinho?". Nessa ruptura com as regras postas, ajuda muito o fato de Amaury também ser um militante como ela, aliás, conforme já mencionamos, ele foi introduzido por ela nesse meio. Essa ruptura é ao nível interno uma guerrilha por novos territórios e, simultaneamente, problematizações grupais que se desdobram em projetos como o "Mulheres na ativa, atitude positiva", que ela começa a implantar.

Fazendo um retorno às reflexões de Foucault, na obra “História da Sexualidade” (1988), procuraremos fortalecer o que vimos argumentando com Melucci, o qual também tem Foucault em mente no momento de suas formulações teóricas. Ora falar da conquista de “territórios internos” é para Foucault falar de um regime de verdade que gesta uma modalidade de relação consigo mesmo. Um regime de verdade que visa objetivar a si e ao mundo, produzindo um pensamento único como critério de verdade. Um pensamento que define quem somos (o que deveríamos ser, no caso de Adriana: mãe zelosa, esposa atenta à casa, etc.) e que mundo é esse em que vivemos (“é preciso ter um emprego honesto”, “arte não tem futuro”, “por que ligar pra política se todos são corruptos?”). O que Foucault nos oferece é a dimensão arqueológica dos diferentes agenciamentos que produzem modos de subjetivação na sociedade capitalista. Mas suscita também reflexões importantes sobre resistência e ética, como veremos mais adiante.

Mas o que isso tem a ver com nossos “jovens de projeto” como Adriana? Tudo, se considerarmos, dentro dessa matriz foucaudiana aqui esboçada, que um tipo de relação consigo é coextensivo às forças que atravessam e constituem determinados arranjos do tecido social. Basta retornar aos depoimentos entre os capítulos desta tese, ou às narrativas apresentadas no capítulo dois, para enxergar nos relatos dos jovens a força dessa proposição. Mas, não é preciso ir muito longe, retendo o que foi dito nesta seção por Pick sobre o ser “vagabundo”. Esse discurso sobre vagabundagem, sobre “não servir pra nada”, está presente na fala de sua mãe e encontra-se “enraizada” em sua autoimagem, como visto nos trabalhos expressivos com argila e pintura que realizamos dentro de nossas oficinas em que ele tomou parte. E o que dizer sobre o sentimento de estrangeirismo no bairro de Guarapes, presente nas falas dos jovens da Posse e repetido em vários de nossos encontros? Os moradores do bairro têm dificuldade em perceber qual é a postura daquele coletivo diante das questões “comezinhas”, cotidianas. Para PP é difícil arrumar uma namorada que compreenda sua dedicação ao “movimento”. Amaury conta que os amigos se afastam um pouco quando, na roda da cerveja, entram assuntos como políticas públicas. Adriana é tida como ‘briguenta’ no posto de saúde porque reivindica seus direitos básicos, é tida como uma mãe ‘estranha’ por deixar o filho com o marido e ir apresentar-se em shows de hip hop.

Certo discurso de “protagonismo juvenil” que emana de muitos projetos sociais, ONGs, igrejas de tradição cristã, parece enfatizar muito mais uma relação

consigo que se fecha sobre si, ao invés de se abrir para o mundo. Acabam aquartelados em espaços depauperados nesse imenso “território interno”, nessa terra em que almejam conquistar, envidando uma ‘guerrilha por territórios, por novas bandeiras, por novos chãos’. O que para nós aparece como sendo mais grave é que, numa relação desigual com o discurso interiorizado sobre juventude pobre a partir das significações sociais vigentes, descamba-se na “pessoalização” dos fracassos em se tornar alguém digno na sociedade. Essa tendência reaparece continuamente como num determinado momento de transição entre o GPS e a Posse Lelo Melodia; ou poderíamos dizer de outro modo, entre o hip hop como manifestação artística e o hip hop como uma “arte de fazer”, como uma ação descrita por eles como “política”. Coletivamente, naquele momento foram tomados de um profundo desânimo: “estávamos todos nós parados ali e pensando ‘e agora?’ Está todo mundo desempregado, sem nada em vista”, recorda Edcelmo.

Ainda assim, Naldo, no dia seguinte ao encerramento do fórum Engenho de Sonhos, articulou um pequeno coletivo para fundar uma associação. Do mesmo modo, a Posse Lelo Melodia impôs-se em Guarapes aos obstáculos na senda de seus membros. Foi preciso para ambos os grupos reinventar uma nova relação consigo, com o grupo e com os “outros”. Garimpar, mapear, ocupar, ampliar e quiçá tomar “à força” dentro de Si, novos discursos produtores de outros regimes de verdade. Instaurar de si para consigo novas “sensibilidades” que incluam o outro numa dinâmica relacional positivada, calcando-se nas experiências positivas, no histórico de lutas, nas ressignificação do presente, da arte da sucata produzida na música, nos gestos, no canto, nas imagens. Na arte de dizer de si e do grupo. No discurso “articulador” (Naldo) ou “denunciador” (Edcelmo), visando uma relação que se principie através de novos olhares. Um olhar para sujeitos jovens em busca de expressão, de sonhos, de vida.

Reinventar uma nova “sensibilidade”, um outro olhar que ressignifique a si e aos outros é a grande arte de fazer desses jovens. Via projetos sociais que levam a cabo, com pouco ou nenhum patrocínio. Através dos cenários sociais que tentam “usurpar” na cena pública. Também pelas coligações tecidas em redes de suporte e trocas experienciais. Ainda, utilizando as tecnologias de comunicação que buscam expropriar e apropriarem-se para dizer de um outro mundo que também vivem e que existe em seus bairros.

Uma nova sensibilidade no coletivo passa também pelo dispêndio, pelos momentos de lazer juntos. Tomar cerveja juntos, chorar os destierros juntos, brigar e indignarem-se juntos, discutir e indispor-se uns com os outros. Na intensidade da convivência, esses jovens em Guarapes reposicionam continuamente a identidade do coletivo a que fazem parte. Nessas horas é possível no terraço da casa de Adriana, fazer a crítica da militância, pesar os excessos, expressar a indignação pelo descomprometimento de um ou a “pisada na bola” de outro. Igualmente a intensidade das emoções partilhadas e das conflitualidades que os atravessam tem igual potencial de dissolver o grupo e seu trabalho. Já presenciamos isso algumas vezes: no momento da aplicação de recursos financeiros que aportam na demanda por um trabalho regular que possa pagar as contas e manter uma estabilidade financeira, na dificuldade que se estabelece entre os usos dos equipamentos coletivos e a cessão para benefício pessoal de outrem, na derrapagem na drogadição e exteriorização de impulsos destrutivos tanto para si quanto para o coletivo.

Como já aconteceu com Eurico, poderia vir a acontecer também a outro de seus membros. Para tanto, eles procuram “cuidar” uns dos outros. “Chegar junto”. Manterem-se animados não obstante os revezes continuamente experienciados pelo desemprego, desilusões afetivas, morte de pessoas próximas. É esse, nos parece, o sentido do comentário de Pedro Paulo (PP): “Eu me sinto seguro aqui com o movimento. Igual aos 300, do filme “Esparta”. Somos poucos, mas em muitos lugares”. Lembrando o filme que havia assistido.

A sensação de serem “poucos”, mas estar em “muitos lugares” diz bastante das ações da Posse. São as movimentações, ou como eles dizem “os corres”, que dá a sensação de que estão, e efetivamente estão mesmo, em muitos lugares. Com isso, abre-se a possibilidade da inventividade social: ao estar em muitos espaços é possível enveredar por caminhos novos. Mas essa possibilidade só se dá porque essa correria é coletiva, e o que dela resulta é disponibilizado para o grupo.

O grupo também é o lugar em que se compartilham os dissabores da vida, em que se dividem os destierros como a perda da avó de Edcelmo recentemente. PP escreveu em sua página do Orkut “luto por um”. E é com esse espírito que apoiados uns nos outros (algumas vezes “por cima dos outros” e outras “apesar de uns e outros”) é que tentam um movimento de reconquista daquilo que internamente foi colonizado pelo processo de subjetivação, posto em prática na sociedade

contemporânea. Trata-se de estrategicamente partir em busca de uma nova terra de conquista, de envidar nela esforços, entrincheirando-se, operando a resistência a partir de dentro. Investir em um território interno que sistematicamente lhes foi dito e também sentido que é ermo; daí parecer tão desértico. Se esse é um território que o poder tenha investido (ou para muitos “relegado”), para esses jovens periféricos é tarefa urgente fazer florescer algo que dê sentido às suas vivências. É verdadeiramente um trabalho de desvelar. Uma elucidação de si.

Nesse cenário interno, e isso enfatizamos uma vez mais, trava-se uma batalha muda com significações sociais estigmatizantes e mortíferas, que suscitam o ódio em relação a si e ao outro, com a escassez afetiva que marca toda uma vida, com uma vergonha que mina a estima de si, criando inutilidade e nadificação, com uma destrutividade que pede passagem para se impor externamente e colapsar a própria existência pessoal. Diria Melucci (2004) que as dificuldades para sair do círculo incomunicável de nossas experiências interiores, enclausuram-nos numa prisão de silêncio. Ou por outro lado, as dificuldades de aceder ao nosso interior relegam-nos “ao jogo vazio e repetitivo das máscaras sociais” (MELUCCI, 2004, 72).

Talvez, possamos dizer, de nossa parte, que se trata de gestar uma “política da produção de sujeitos singulares” o que implicaria em uma reivindicação para si do direito de expressar sua sensibilidade, de examinar as motivações para as ações, de inquirir acerca dos afetos, estabelecendo como escapar dos processos manipulatórios e como seria possível gerir rotas alternativas em meio ao estabelecido socialmente. Ou como diria o cancionista popular “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte” (Gal Costa, “divino maravilhoso”). Temer os impulsos destrutivos represados dentro de si, atentos aos discursos autoimputados, às significações imaginárias ínsitas, e fortalecidas para não sucumbir ante o oposto que nos assalta e nos faz sucumbir por mais que o tentemos dissuadir, esquivar.

Retomamos nesse ponto Foucault, posto que suas idéias sobre resistência podem ser encontradas na matriz do pensamento de Melucci e Certeau. Mais precisamente, em sua última fase, em “História da Sexualidade”, e em textos como “Sujeito e poder”, de 1982 (FOUCAULT, 2004), entrevemos uma confluência com as idéias aqui apontadas. O que os coletivos juvenis estariam envidando, nessa perspectiva, são lutas contra o governo da individualização. “Des” individualizar é se desprender de antigas formas de agir, de sentir, enfim de ser. É questionar modelos

de subjetivação estabelecidos e definidores do que é ser mulher, do que é ser jovem pobre, do que é ser morador da “periferia”. É perguntar: “seria compreensível que tal questionamento produza no plano individual e coletivo estranhamento, como foi dito nas falas de PP e Amaury entre outros?”. Estranhamento é uma qualidade importante no processo do conhecer. Podemos dizer que o conhecer, numa perspectiva crítica, está na base do projeto do “cuidado de si” de Foucault. Cuidar de si, nessa teorização, é também cuidar dos outros. Como estão fazendo os jovens no coletivo Posse, conforme as exemplificações apresentadas. Não por uma opção, mas como a estratégia de luta possível que aprenderam na tentativa de construção de uma vida melhor para cada um deles.

As considerações precedentes permitem que em nossa argumentação possamos estabelecer pontes entre a ética da tenacidade em Certeau e ética enquanto trabalho de resistência em Foucault. Trabalhamos com a idéia que a tenacidade dos jovens também é uma ética. Em Foucault, um cuidado de si, no sentido de anunciar uma ética da existência na leitura que estamos fazendo dos movimentos de lutas desses coletivos juvenis. Nessa ótica, o movimento de resistência dos jovens é realizado, através de pontos de experimentação, uma experiência gestada no cotidiano, reveladora de possibilidades de estratégias que permitem relançar um ‘cuidado de si’, como uma ética enquanto relação a si, relação à produção de singularidades, na qual as pessoas lutam em situações concretas (PAIVA, 2000). Experimentações (aqui também no sentido de Foucault, 2004) que conformam uma ‘arte de viver’, ou seja, modalidades de relacionamentos que tentam ter como qualificantes a singularidade, a pluralidade, a horizontalidade.

Ocupar-se do território interno, conforme anunciamos no título desta seção, compreendendo a necessidade de assumir a responsabilidade de nosso existir no mundo é a proposta de Melucci (2004). Proposta que comporta uma dimensão ética alinhada com o que já foi dito na esteira de Foucault e Certeau: aprender a explorar, habitar e cultivar, em vez de aculturar. Uma ética aberta a possibilidades várias, que se coloca para subjetividades que se permitam a experimentação, justamente porque em luta contra a “colonização interna”, não reconhece um “programa” e estão em razão deste ‘vazio’, em permanente abertura à criação. Abertos, conforme Melucci (2004), a passar de uma forma a outra sem “explodir”, a “manter a união entre os fragmentos do imprevisível”, dispostos a “nos perder, nos encantar e imaginar” (MELUCCI, 2004, p. 73).

Essa a razão pela qual privilegiamos as artes de fazer dos jovens como foco da produção de novos modos de subjetivação dos mesmos. Por tudo o que estamos tentando demonstrar, não só no presente capítulo como nos antecedentes, no vivido dos jovens, encontramos movimentos de composição, micro-ações que muito distante de ser uma 'reinvenção social', apresenta-se como uma reinvenção de práticas que podem potencializar uma reinvenção de si e uma reinvenção de uma coletividade que atua através dessas práticas sociais.

6.3 PRODUZINDO INVENTIVIDADE: FORMAS TRADICIONAIS E ALTERNATIVAS DE PARTICIPAÇÃO DENTRO E FORA DO CENÁRIO PARTIDÁRIO?

Avançamos um pouco mais na preocupação que este capítulo suscita sobre os efeitos políticos das artes de fazer dos coletivos juvenis. No decurso de nossa argumentação, reiteramos que a emergência de novas subjetividades juvenis é um processo de lutas em âmbito coletivo, "inventando" muitas vezes formas alternativas de participação. Descreveremos como Naldo e Edcelmo, enquanto figuras representativas dos coletivos Posse e Jovens Construindo Sonhos, concretizam modalidades de participação social.

Naldo foi lançado candidato e indicado como a liderança jovem que poderia expressar "uma renovação juvenil na câmara de vereadores". Ele adota uma estratégia de mobilização e participação social que passa pela representatividade partidária. Lança-se candidato, superando a concorrência interna e parte para a concorrência com outros "jovens candidatos" em sua maioria, filhos de políticos tradicionais da cidade.

Edcelmo da Posse percorre um caminho diferenciado no que concerne à política partidária. Limita-se ao apoio da campanha a candidatos que claramente favoreceram algum tipo de ação da Lelo Melodia. Edcelmo revela diversas vezes a indisposição de "jogar o jogo" partidário subsumido a um modo de ser que lhe parece amputar parte daquele "Ser jovem" que construiu dentro da Posse. Para Edcelmo, vestir a camisa de político profissional é perder a identidade com o sentido libertador que o hip hop trouxe para sua vida. Ele comenta que há mais desvantagens que bônus em, como Naldo, ser conduzido para um outro campo no qual o enraizamento com o cotidiano do bairro se lhe escapa.

Ambos seguem caminhos distintos, uma vez finda a experiência enquanto “jovens de projeto” no fórum Engenho de Sonhos. Isso se depreende tanto na especificidade dos coletivos em que se fazem fundadores, quanto na relação com a política partidária. O ingresso ou não nas fileiras do partido seria uma arte do desvio? Talvez, se olharmos pela ótica de uma ética da tenacidade apenas Edcelmo esteja realizando essa arte. Ele se enraiza no cotidiano com seus companheiros e é isso o que lhe confere tanta legitimidade e autenticidade. No entanto, poderíamos dizer, por outro lado que Naldo se inscreve em uma estética de lances, ao aproveitar uma ocasião e dentro do partido concorrer e conseguir, finalmente, eleger-se candidato?

Naldo acredita que a experiência no fórum e, posteriormente no Jovens Construindo Sonhos poderia lhe credenciar a ser um outro tipo de político. Acredita que esse espaço precisa ser preenchido e se ele não ocupar outro o fará de modo populista e demagógico. Acredita que seu tom moderado de discurso pode alçá-lo a outro nível agora que é a ampliação de suas ações que hoje são bastante limitadas.

Edcelmo declara desencantamento pela política partidária que não dá eco para o cotidiano dos seus pares. Sua análise é compartilhada pelos outros membros da posse. Sempre fez a linha do “guerreiro irado”, mas apesar da revolta ser uma espécie de propulsor do que faz, mantém, por outro lado distância do campo político institucionalizado, como observa Edcelmo: “Política é um espaço democrático que construímos na comunidade. Os partidos são aliados de acordo com as estratégias e propostas que temos”. (Informação oral. Edcelmo)

Todos da Posse são descrentes e têm com a política partidária uma relação instrumental e pragmática. “Em que eles podem nos favorecer?” Desse modo, mantêm uma relação próxima dos assim chamados partidos de esquerda atentos ao que eles podem favorecer localmente. Algumas vezes, essa relação beira o cinismo: durante o último pleito eleitoral um candidato chegou entregando uma cesta básica na casa de Adriana, dizendo que era para seu pai. Alguns minutos depois, ele voltou dizendo ter confundido, o endereço, porque o nome do pai era o mesmo da pessoa que seria o destinatário da cesta. Ela fez um rebuliço na porta de casa, juntou gente, ele foi embora; ela ficou com a cesta e ficou falando mal dele.

Naldo sempre teve preocupação com representatividade e visibilidade. Para ele, os jovens devem ser vistos e ouvidos. Essa é a única forma de chamarem atenção para si, para seus anseios e mostrarem seu valor. Pondera que é preciso

ter jogo de cintura, pois está entrando em um território desconhecido, mas que está disposto a isso. Uma de suas “maquinações” foi o uso do orkut para disseminar sua campanha para vereador. Tendo em vista a necessidade de recursos para disseminar uma propaganda política, e que os outros candidatos jovens teriam como suporte financeiro um pai ocupando cargo político; Naldo se utilizou de uma estratégia virtual para se fazer ‘conhecer’ junto a um público improvável.

A Posse tem uma articulação pulsante no bairro de Guarapes. Seus festivais mobilizam muita gente, agitam a cena cultural do bairro. Despertam o interesse da mídia para um “algo além” da violência local. Com a música e os festivais a Posse conseguiu algumas reportagens em jornal de circulação local. Com a produção de clipes conseguiram se fazer conhecer em um festival musical de rock cujo maior contingente é o de jovens de classe alta e média.

O “Jovens Construindo Sonhos” segue atuando com oficinas de arte, esporte e lazer em alguns bairros na Zona Oeste, tentando compartilhar idéias em torno da organização dos jovens para seus problemas imediatos. Conseguiram uma premiação que lhes rendeu também reconhecimento. Fizeram parcerias em várias atividades.

Problematizamos nesse ponto, com Castoriadis em que medida o ingresso de Naldo ou o não-ingresso de Edcelmo na política partidária podem ser lidos como produções inventivas, como uma estratégia de autonomização pessoal e coletiva. Inicialmente, cabe considerar que a noção de política concebida pelo autor ultrapassa a idéia de partidos. Ele vê os partidos como organizações burocráticas que se enfrentam para tomar posse da direção do Estado. Em Castoriadis (2006), política seria o que os partidos não podem fazer. Discute como a instituição de uma sociedade verdadeiramente autônoma é capaz de assumir seu autogoverno e formular ela mesma suas leis. Pensar o político é isto sim, criar um projeto para uma sociedade que implica instituições novas e novos tipos de relação entre a sociedade e suas instituições. Projeto que deve forçosamente interrogar as significações imaginárias sociais presentes na sociedade instituída. Além disso, a política seria um projeto também de autonomia, ou seja, projeto de “(...) atividade coletiva refletida e lúcida, visando à instituição global da sociedade como tal” (cf. 1992, p. 145). Por essa operação o que se quer instituir é um outro tipo de indivíduo e outro tipo de sociedade.

Os objetivos da política são, segundo Castoriadis:

[...] a instauração de outro tipo de relação entre a sociedade instituída e instituinte, entre as leis dadas a cada vez e a capacidade reflexiva e deliberativa do corpo político; [...] a liberação da criatividade coletiva, permitindo formar projetos coletivos para empreendimentos coletivos e trabalhar neles” (CASTORIADIS, 1992b, p. 160).

[...] a criação de instituições que, interiorizadas pelos indivíduos, facilitem ao máximo seu acesso à autonomia individual e à possibilidade de participação efetiva em todo poder explícito existente na sociedade (CASTORIADIS, 1992, p.148; 1999, p.69).

Uma organização plenamente autônoma não poderá existir enquanto a sociedade global continuar sendo aquilo que é. Por outro lado, Castoriadis deixa claro que o sistema não necessariamente virá a se apropriar de nós integralmente. Nisso há em Castoriadis (2006) uma percepção de que movimentos como o das mulheres (e por que não estender sua análise aos jovens das periferias?) são movimentos de criação social localizada, de autoinstituição e autogestão parcial. Defende que pessoas em uma localidade ou reunidas com preocupações comuns tentam fazer algo por elas mesmas. Ou seja, agem para fazer, para criar algo. Como tal, traduziriam e encarnariam a aspiração das pessoas por autonomia. Nesse sentido, seria possível dizer que poderiam anunciar e preparar o advento de uma sociedade autônoma desde que já encarnam de modo parcial, fragmentário, as significações políticas centrais: “autogestão, auto-organização, autogoverno e auto-instituição; imprescindíveis para um projeto de transformação radical da sociedade”. (CASTORIADIS, 2006, p.150)

Nesse sentido, o que poderia ser chamado de “experimentalismo social” na ação da Posse Lelo Melodia é, em Castoriadis (2006), uma estratégia de autonomização coletiva, a criação de um projeto existencial coletivo que tenta produzir sentido para as vidas dos membros da Posse. Na ótica de Castoriadis (2006) esse agir em coletivo esboça formas de criação, “inventividade”, porque os movimentos sociais, e em nosso caso, grupos articulados em rede como a Posse, agiriam para fazer, para criar; agem, finalmente, conforme Castoriadis argumenta, para concretamente mudar suas condições de vida. Em face da vacuidade nas políticas públicas grupos juvenis articulados ou isolados, moradores de localidades periféricas estão se reunindo por interesses ou preocupações comuns. O que fazem é justamente porque entenderam que nem as instituições estatais nem os partidos

políticos são capazes de responder a suas necessidades. Na esteira dessa análise pensamos que grupos locais como a Posse Lelo Melodia traduziriam o anseio dos sujeitos por autonomia enquanto um projeto de sociedade. (CASTORIADIS, 2006, p. 144).

Usando os termos de Castoriadis (2006) Edcelmo e seus companheiros estariam, sem terem muita clareza disso, visando uma autogestão parcial. Ao buscarem agir em coletivo no enfrentamento das condições adversas de vida, a Posse estaria muito mais próxima da política, na acepção de Castoriadis, que Naldo nas veredas partidárias.

Seria inócuo o caminho de Naldo considerando todas essas reflexões. No entanto, talvez numa perspectiva um tanto exageradamente positiva, poderíamos pensar que esse ingresso também pode significar, por outro lado, um questionamento em termos das significações sociais de meninos de rua. Um “menino de rua” que se torna vereador pode pôr em cheque as significações sociais sobre o binômio pobreza-violência? Não cremos! Não obstante, poderia na linha de Castoriadis, catalisar para si o trabalho de expor outras representações, afetos e crenças, enfim outras significações sociais ao difundir a “cultura da periferia”, incentivando o lúdico e o artístico na Zona Oeste de Natal. Provocar grupos para alimentarem o mesmo desejo por autonomia enquanto projeto de sociedade. Problematicar questões relativas à condição juvenil em âmbito da administração municipal. Trabalhar a partir do tradicional, do instituído (Enquanto escrevemos a tese, Naldo conta que tem sido instigado por ONGs para indagar o Partido sobre a criação da secretaria da juventude e tentar a nomeação para tal Secretaria).

Castro (2007), por exemplo, acredita que é possível uma pluralidade de ações tanto de micro quanto de macro-política e uma diversidade de lugares de realizações políticas que inclui tanto modos tradicionais como partidos e sindicatos como modalidades novas como organizações juvenis atuando através de ongs, articuladas em redes juvenis, mobilizadas em torno de uma causa (fome, globalização) ou identidade (negros, ambientalistas, mulheres), religiosamente motivados, etc.

As artes de fazer que vimos estudando, seria uma espécie de “micro-política”, ou mesmo de “política” no referencial de Castoriadis tendo em vista um trabalho de autogestão e autoinstituição que se faz de modo mais ou menos organizado. Porém que, no caso específico da Posse Lelo Melodia, também se desenvolve ao nível das pequenas ações do conversar, projetar filmes, tomar cerveja, assistir um ensaio de

rap, grafitar uma escola, lançar uma campanha no bairro (“mulheres na ativa” em Guarapes).

Importa considerar que os exemplos dados com Naldo e Edcelmo não são excludentes. Podemos considerar em ambas as ações inventivas que passam por estratégias tradicionais ou alternativas. Não há uma perspectiva monolítica, mas um jogo de composição. Na verdade, a pluralidade de ações está presente nas ações tanto nos Jovens Construindo Sonhos quanto na Posse que também se vale de articulações com políticos e organizam sua participação no conselho comunitário do bairro.

Enriquez (2006) insiste que esse trabalho não poderia ser encampado sob a bandeira de luta por igualdade universal. Uma sociedade que se queira democrática, um sistema social democrático universal, proclamados através da abolição das diferenças, em nome de uma igualdade universal, não é somente indesejável, mas impossível e mortífera. A alteridade que só pode se constituir em relação a um outro, se dá não por oposição a esse outro, mas por diferenciação, distinção. Diferente não significa oposto, mas distinto.

Na complementaridade dessa idéia de Enriquez, Castoriadis acrescenta que a verdadeira política não constituirá uma sociedade de iguais, mas de pessoas que possam questionar as suas próprias leis, que possam trazer novos elementos para o debate coletivo, ensejando um movimento de mudanças, de novas demarcações, alterações do estabelecido, criação do novo (CASTORIADIS, 2006).

Potencialmente esse trabalho pode ser mais bem sucedido por meio de uma apresentação das Dandaras do Rap (grupo feminino da Posse Lelo Melodia) em espaços de circulação da sociedade “não-periférica” que através de uma ação programática de um partido dito de esquerda. Adriana nos revela uma recepção bastante simpática do público presente em Pipa, praia turística do RN, em um festival musical em meio a grupos de MPB, rock e pagode. Através dessa “panacéia musical” em áreas elitizadas da cidade, seria possível a presença, a visibilidade, a circulação e também a exposição do vivido de Guarapes em ambientes de circulação improvável para “jovens de periferia” como os do MNMMR. O rap como pretexto para o encontro com o outro.

Encontrar o outro, avisa Melucci (2004), é expor-se ao abismo da diferença. Está em jogo o modo como nos definimos e como os outros nos definem. Em sua concretude cotidiana: pelo modo como reconhecemos e afirmamos nossa

diversidade, como interiorizamos o reconhecimento por parte dos outros e a definição que eles formulam sobre nossa diferença. Assim relacionar-se com os outros surge como contraposição da perda da morada da subjetividade, ou seja, da experiência de fragmentação, jogo de máscaras vazio, perda da capacidade de auto-reflexão, de reciprocidade, de escolher assumir a diferença (MELUCCI, 2004).

É o que escolhe fazer Adriana ao ir participar, no prédio da Governadoria do Estado, de uma campanha estadual para a juventude. Ela escolhe assumir a identidade visual de jovem da periferia ao invés de usar um “terninho”. Apresenta-se como membro de um coletivo, Posse Lelo Melodia, e não como a secretária de uma ONG (Manamaué). E com isso absorve as contradições expressas nas reações dos outros: quase ser barrada na entrada; ter o acesso ao microfone dificultado na ocasião. Mas fazê-lo com voz trêmula a despeito de tudo isso. Assumir a diferença é um anseio de ser reconhecido como se é.

A partir de Enriquez (2006) pensamos em dois itinerários perigosos que podem ser percorridos pelos jovens de projeto em suas sendas: uma ao nível coletivo e outra ao nível individual. No nível individual, cuidar apenas de “si”, reconhecer-se como sujeito é essencial, mas ver-se apenas como um indivíduo indiferente aos outros e ocupado apenas com suas próprias preocupações é simplesmente mortífero. No nível coletivo o perigo fica por conta do narcisismo das pequenas diferenças: comunidades estáticas que se encarceram dentro de identidades como camisa de força através da noção de ‘comunidade’. Se somos, conforme discute Enriquez, capazes de nos perceber apenas proletários ou capitalistas, espartanos ou persas estamos perto de não sermos grande coisa ou mesmo coisa alguma.

Acresçamos mais algumas considerações à questão do ódio que direcionamos ao outro, como uma expressão do ódio por nós mesmos. Seja ele na forma dos violentos grupos juvenis em práticas de vandalismo (alguns de classe média alta), homicídio e latrocínio. Seja noutra via a chacina de meninos na Candelária, uma década atrás, ou os “meninos de ouro” da polícia militar que exterminavam jovens ‘delinquentes’ em Natal no mesmo período⁷⁵. Estamos diante

75 Participamos em 1996 de ato na assembléia quanto à chacina de Mãe Luíza. São conhecidos, inclusive internacionalmente, os casos vergonhosos dos “meninos de ouro” - grupo criminoso, com envolvimento de alguns policiais e autoridades do governo, à época; a chacina da “Mãe Luíza” (1995); os assassinatos do advogado do centro de direitos humanos Gilson Nogueira (1996) e do decorador Antônio Lopes (1999). O assassinato de Gilson mobilizou organizações internacionais

das evidências da intolerância que grassa com o outro, a pulsão de destruição que visa a eliminação de uma parte da própria sociedade que se quer considerar “imprestável”. E quando o reconhecimento da diferença está ausente, toda a expressão de alteridade e produção de elos sociais, como ainda de constituição de subjetividades está também ausente. E por consequência, toda a possibilidade de democracia é podada, o que reforça as pulsões destrutivas no cenário social. E os altos índices que apontam o jovem como alvo e também perpetrador da violência no país.

Se usarmos as categorias de “subcidadania”, conforme explicitada por Souza (2006), nossas considerações anteriores sobre uma parte da juventude de Natal, bem como de muitos outros centros urbanos do país, a reflexão guia-se para uma constatação grave: sequer aqueles jovens conseguem participar de uma estrutura hierárquica por mais assimétrica que se possa concebê-la porquanto o objetivo maior da sociedade é eliminá-los. É o que acontece com muitos dos “chegados” de Edcelmo em Guarapes, que foram eliminados pela polícia, por outros grupos rivais.

Podemos sim apontar, reflexionando sobre a realidade local, que é possível localizar hoje subcidadãos nos “meninos de projeto” da Zona Oeste de Natal, sujeitos ‘convertíveis’ como diria Castoriadis (2007) para que se possam reproduzir as mesmas estruturas de dominação social vigentes. É igualmente possível localizar, convivendo nos mesmos bairros que eles, jovens odiosos que recebem o significativo e mais que isso a mobilização de afetos negativos dos “meninos de ruas” que se tornam ‘elimináveis’, na acepção de Castoriadis, porquanto não havendo reconhecimento de ‘um outro’ o que existe é algo a ser destruído eliminando assim o mal estar que esses jovens causam no conjunto social.

De modo bastante ambivalente nos discursos dos jovens da Posse e Construindo sonhos foi-nos possível entrever que sua condição de “jovens de projeto” ao mesmo tempo parece refletir um olhar social que lhes inscreve em uma categoria de “subcidadão”, ao passo que igualmente lhes rejeita com o mesmo ódio – embora na prática bem menos que os outros que não possuem a mesma

como a corte interamericana de direitos humanos da OEA que apresentou representação contra o RN pela sua responsabilidade em falta de apuração e punição em violações graves dos direitos humanos. Apesar da condenação de alguns policiais como Jorge “abafador” por “Mãe Luíza”, nunca ficou provado o envolvimento do secretário de segurança pública do estado e assassinato do advogado segue em aberto tendo a corte interamericana entendido que não poderia examinar as violações ao direito à vida, porque o assassinato de Gilson Nogueira ocorreu antes da aceitação pelo Brasil da competência contenciosa da própria Corte em 10 de dezembro de 1998.

organização, rede relacional ou competência discursivas – que visa aos “meninos de rua”. Em suas trajetórias de vida e na exposição de suas conflitualidades Pick, Edcelmo, PP entre outros perambularam em tênue linha que os demarcavam ora como crianças e jovens ‘convertíveis’ e, portanto, passíveis de serem investidas pelos dispositivos disciplinares de poder, com chances de se tornarem ‘adultos integrados’ subjetividades padronizadas no estereótipo do ‘pobre trabalhador’ como também em muitas passagens de suas vidas viveram na ‘errância’ como sujeitos perigosos, imprestáveis e elimináveis. Hoje ultrapassando ambos os caminhos se esmeram em diferentes e polimórficas formas de fazer engendrando novas possibilidades ousando, algumas vezes a custo alto, reinventar suas subjetividades.

Dissemos que o “planeta interno” surge como uma nova terra de conquista, talvez a última trincheira da resistência possível para os sujeitos jovens que vimos acompanhando. O engendramento ou, talvez uma recomposição da subjetividade dos jovens das periferias, (sabemos que não só eles, porque também os sujeitos em geral também estão implicados nessas contingências, vivendo subjetividades “serializadas”, portanto fabricadas pelo capitalismo) passa pela conquista de territórios internos na cena contemporânea.

Criar um projeto de sentido para seu vivido passa a ser a base de uma arte de fazer, implicando um dizer e pensar. Nessa empreitada os jovens de periferia lidam com um imaginário mortífero que lhes conduz para a nadificação, para o isolamento em guetos, para o ódio ao outro, para a morte. Considera Melucci (2004) que os conflitos não podem ser eliminados, mas geridos e negociados na medida em que se pode possa fundar novas solidariedades, novos vínculos, novos critérios de convivência.

No espaço do vivido de cada um, o anseio dos sujeitos por autonomia enquanto um projeto de sociedade (CASTORIADIS, 2006), guia-lhes para a composição de micro-ações que longe de ser a “reinvenção social”, torna-se a reinvenção de práticas cotidianas. Estariam no exercício da “produção de Si” coletivamente também produzindo uma nova “política”, micro-política, política do cotidiano, política da subjetividade, política dos vínculos afetivos?

Argumenta Enriquez (2006) que o vínculo social não se construirá a não ser que queiramos construí-lo, e se esse desejo for compartilhado por um grande numero de pessoas. Naturalmente, dito dessa forma, o voluntarismo, seria uma expressão de ingenuidade se aqui descentrarmos das transformações estruturais

que assegurariam as transformações na vida cotidiana. O autor sugere uma atenção ao que se gesta todos os dias nas relações cotidianas que mantemos. Nesse exercício relacional, teríamos a oportunidade para um convívio verdadeiro, em que a disposição para o enfrentamento das diferenças esteja colocada; na qual o amor e a alegria estejam e continuem a estar presentes, na medida em que possamos afastar as tendências mortíferas (reconhecendo-as conforme a tradição psicanalítica, pois a pulsão de morte é sempre operante), e fazer triunfar, tanto quanto possível, o prazer e o amor mútuo. Também Gaulejac (2005), ao discutir o processo de sujeição social a partir de uma inspiração psicanalítica, considera o amor enquanto apego que pode tomar a forma de alienação e/ou liberação de um lado ou de outro de um retraimento narcísico e/ou abertura para a alteridade.

Sem enveredar pela discussão dos vínculos ou da dependência no campo psicanalítico, afirma Negri (2005), no que tange ao amor, que este último é tematizado apenas enquanto questão estritamente privada. Inspirado no referencial marxiano empreende uma problematização da sujeição, e conseqüentemente, da emancipação/democracia numa perspectiva da potência da multidão. Observa a necessidade de colocar a noção de amor numa perspectiva pública e política. Enquanto ato político que constrói a multidão. Base para projetos políticos em comum e para a construção de uma nova sociedade. Para Negri, a multidão é composta de diferenças e singularidades, não comporta subordinação de diferenças. Singularidades que ao agirem em comum, formam uma nova subjetividade politicamente coordenada. A conquista do “espaço interno” é um devir revolucionário. Isto porque a decisão que as singularidades devem tomar em comum é a decisão de criar uma nova humanidade. Finalmente para Negri, “quando o amor é concebido politicamente, portanto, essa criação de uma nova humanidade é o supremo ato de amor”.

As considerações precedentes nos interessam na medida em que alteridade, autonomia, democracia e subjetividade são palavras que surgem nos discursos da política partidária, das organizações governamentais, de ONGs e Fundações que atuam nos bairros das periferias de grandes centros urbanos e também de coletivos como a Posse Lelo Melodia e os Jovens Construindo Sonhos. E que se tornam de difícil operacionalização nas práticas desses movimentos. Interessam-nos também porque grassa ao mesmo tempo um movimento contemporâneo em que coletivos juvenis exprimem suas artes de fazer e de ser, reinventando novas formas de

relação a si e aos outros, ao passo em que outros jovens são tidos como 'elimináveis' nas vielas, favelas, periferias urbanas nas diversas regiões do Brasil. Interessam-nos também porque há concomitantemente esforços de coligação, de manifestação do comum no sentido da multidão (NEGRI, 2005) e um recrudescimento da intolerância, indiferença, ódio de grupos autocentrados, da expressão da violência que espoca em diferentes pontos do globo anunciado os vazios do projeto civilizador sustentado pelo sistema capitalista de produção. Interessam-nos, sobretudo porque alteridade, autonomia e democracia são indissociáveis no pensamento de Castoriadis da produção de sujeitos reflexivos capazes de atividade deliberada e refletida, e intrínseco tanto à política e quanto à subjetividade enquanto processo interminável.

Castoriadis ao invocar os elementos para se pensar o político e democrático, reintroduz, a partir dos gregos, a noção de agonístico (agon)[luta, combate, competição] presente nos jogos olímpicos, nos concursos poéticos, nas disputas políticas, na argumentação. O elemento agonístico é canalizado para o interior da cidade para formas que já não são mais destrutivas, mas ao contrário, criadoras de obras positivas para esta coletividade.

Possivelmente, esse seja um dos motivos de acompanhar as artes de fazer de coletivos como a Posse Lelo Melodia. Em alguns momentos, podemos divisar um ensaio desse elemento agonístico nas apresentações musicais, em eventos "nobres" em que conseguem se apresentar e cujas letras retratam a realidade precária na periferia. O que aparece nessas horas é a música como instrumento de embate, protesto, denúncia. Aliás, o rap é muito próximo ao "repente" nordestino no qual os "cantadores" também "duelam" entre si na "peleja musical". O duelo no RAP pode ser contra as idéias estigmatizantes sobre a "juventude periférica". Noutros momentos é veiculando na rede do orkut seus vídeos para a visibilidade de seu trabalho. Há, ainda, a participação em eventos sobre juventude e políticas públicas encetando verdadeiras guerrilhas verbais e algumas outras veladas acerca dos rumos das políticas públicas para a juventude.

O eixo de nossa argumentação geral segue com Castoriadis, porque se sua problematização da sociedade põe em evidência a enormidade dos desafios a serem enfrentados, ao mesmo tempo surgem algumas indicações para uma reflexão que possa inspirar ação. Quando, por exemplo, argumenta que se de um lado a psique não é inteiramente domável e de outro, uma sociedade nunca é inteiramente

heterônima. Podemos entrever nessa assertiva que está posta uma possibilidade importante ao nível das singularidades e das coletividades. Indivíduos e coletividades são dotados da capacidade de fazer emergir o imaginário radical instituinte. A prática de uma “política de autonomia”, a saber, democrática, pode se valer disso. Ela consistiria em “(...) ajudar a coletividade a criar as instituições cuja interiorização pelos indivíduos não limita, mas amplia a sua capacidade de se tornarem autônomos” (1992b, p. 61).

Dissemos com Castoriadis ao fim do segundo capítulo que enquanto houver linguagem e psique sempre haverá a possibilidade de questionamento da instituição da sociedade. Do lado da linguagem, por conta da interrogatividade presente na linguagem que possibilitaria construções como: “são justas estas leis?” “Vale à pena viver?” Do lado da psique, sempre “resta” um resíduo não domado. Há uma resistência profunda da psique à ordem lógica e social das coisas. Aqui reencontramos o elemento agonístico em Castoriadis como possibilidade de emergência do novo. Poiésis. Criação. Ou a transgressão. (2008). A transgressão aparece como a possibilidade de mostrar que um indivíduo nunca é totalmente moldável pelas exigências da sociedade instituída. No entanto, Castoriadis deixa claro que não basta apenas sublevar-se contra uma ordem instituída. Seria preciso uma criação positiva a partir de formas realmente imprevisíveis das condições precedentes. E a ação política é a capacidade de não somente contestar uma lei existente, mas de estabelecer uma outra.

Mais uma vez, estendemos a argumentação de Castoriadis no que concerne aos movimentos sociais, em especial ao movimento dos jovens das periferias, entre eles a Posse Melodia e os Jovens Construindo Sonhos: será que representam formas novas de organização coletiva? Será que se instaura um outro tipo de organização entre as pessoas e sua organização coletiva, fazendo com que elas a controlem efetivamente? Certamente, enquanto a sociedade globalmente continuar a ser o que é, não será possível coexistir organizações plenamente autônomas. Em face disso, nossa preocupação não é se a Posse Lelo Melodia ou a rede MOHNB ao qual está filiado tornar-se-á uma instituição autônoma como preconiza Castoriadis.

Interessa justamente o que é possível emergir em meio à heteronomia que grassa. Como um sentimento de abertura em relação a um projeto de autonomização relacionado a um sistema que os encarcera numa situação de

precariedade social é capaz de produzir reflexividade e com isso efeitos políticos ao nível das ações coletivas dos jovens.

Tendo em vista tudo o que dissemos no que diz respeito à liberdade, democracia e política, e também alteridade, acrescentamos uma última reflexão para o fechamento deste tópico: autonomia pressupõe na teorização de Castoriadis autolimitação. É preciso um esforço de limitar-se frente aos excessos políticos (que incluem o não reconhecimento do outro, o desrespeito pelo direito das minorias); também excessos nas obras e atos de coletividade que produz e reproduz em nós sentimentos, cognições e representações a partir de certas significações imaginárias sociais dominantes na sociedade hodierna. Significações sobre autonomia, sobre o primado da razão, sobre o dinheiro como significante supremo. Essa lembrança é necessária posto que os limites de uma sociedade autônoma não podem ser traçados de antemão, mas é precisamente por isso que ela se arma de phronesia (prudência) para fazer face à hubris, o excesso que hoje se traduz pelo delírio da expansão ilimitada.

Reafirmamos, a propósito dessa discussão que a composição realizada pelos coletivos e, dos jovens que os animam, em descontínuos níveis e dimensões de “exclusão-inclusão” realça perspectivas diferenciadas, algumas vezes complementares, outras contraditórias de atuação no cenário social. Há uma preocupação constante quanto aos projetos pragmáticos dos coletivos e a necessidade de questionar a autogestão e autoinstituição dos mesmos com vistas à criação de sujeitos, no discurso dos jovens “conscientes” e na acepção de Castoriadis “políticos”. Finalmente, os argumentos arrolados nesta seção delineiam a emergência de um sujeito político, no universo da reflexividade.

Demos exemplos em todos os capítulos que os movimentos de engajamento social e cultural sob iniciativa dos jovens incidem na busca de uma autonomização em relação às contingências que os confrangem na sociedade contemporânea. Dito de outro modo, é possível que as ações dos coletivos juvenis estruturam ao mesmo tempo um projeto de autonomização para os jovens em particular, e igualmente um projeto de autonomização para o grupo em geral fazendo circular nos diversos espaços da cidade outras significações sociais sobre as juventudes dos bairros periféricos. O que tornaria possível, ao promover a visibilidade e as expressões de um segmento juvenil pobre, disseminar elementos para que as outras juventudes mais “socialmente bem colocadas” e a sociedade como um todo possam aprofundar

um diálogo sobre diferenças, necessidades e sonhos. Estariam encetando um diálogo permanente sobre a escassez que lhes acompanham e o que disso decorre, problematizando significações estigmatizantes e exigindo políticas de integração social que possam abolir as hierarquias de cidadania, rejeitando o lugar de “ralé” conforme a discussão de Souza (2006). Diálogo inventivo que se desdobra ao mesmo tempo dentro e fora das formas tradicionais de participação social.

6.4 A POSSE DE HIP HOP: VULNERABILIDADE E RESISTÊNCIA SOCIAL?

[...] a posse, para nós, não é qualquer coisa, pois nos organizamos para construir esse barato pela necessidade que a juventude do Guarapes tem de possuir um Movimento que contribua pra formação social, política e cultural dessa comunidade, e pelo prazer que temos em fazer Hip Hop e lutar pelos nossos direitos na busca de uma qualidade de vida melhor e mais justa pra gente da favela” (Eliênio, Dez anos de correria)

Vulnerabilidade e resistência são palavras que evocam a necessidade de um equilíbrio, individual ou coletivo, frente a uma dupla exigência que poderíamos nominar em psicanálise como pulsões de vida e morte, ou prudência e excesso ao nível de um projeto de coletividade. No último item de nosso capítulo, nossa discussão foca a Posse enquanto espaço de produção de subjetividade num exercício coletivo de reflexividade, uma *experiência de pensamento* (AGAMBEM) ou *arte de pensar* (CERTEAU) para ações concretas na vida cotidiana, no viver em coletividade. A reflexividade aqui é finalmente *criação* (CASTORIADIS) e *Arte* (CERTEAU).

A juventude de “Júnior Caroço” fez história em Guarapes. Era a ‘galera’ que os “meninos” como Edcelmo se espelhavam para ser algum dia. Essa que foi a geração anterior a Edcelmo e que não participou do ciclo de projetos sociais em Guarapes, se aproxima, em termos etários, dos jovens “meninos de rua” com quem trabalhamos no bairro das Quintas. As saídas existentes eram negativas do ponto de vista social: a transgressão através da violência e drogas. Edcelmo, ainda pequeno, olhava com admiração porque eles podiam tudo, faziam o que queriam, eram destemidos e tinham armas. Poderíamos dizer que Júnior Caroço e afins foram precursores de Edcelmo e dos demais membros da Posse? Afinal, também não se

insurgiram contra a sociedade de controle? Antes de Edcelmo e seu grupo, não foram eles a questionar o instituído e tentar tomar à força aquilo que lhe foi negado de saída? Com suas ações transgressivas não estavam também dando visibilidade à Guarapes e ao seu cotidiano de faltas? Não se estamos pensando em termos de inventividade, criação e singularidades mais autonomizadas como temos trabalhado ao longo desta tese!

O que o jovem Caroço estava fazendo era simplesmente corresponder às expectativas que lhe foram dadas: ser jovem delinquente, representar um perigo para a ordem social, carrear para si o ódio coletivo e ser punido com a própria vida por isso. Tomaram apenas um dos caminhos possíveis, o outro era ser o “pobre trabalhador” nas oficinas mecânicas, nas obras de engenharia como servente de pedreiro, conforme as pesquisas que já citamos sobre trabalho. Edcelmo nos conta que, naquele dia, eram muitos carros de polícia subindo até Guarapes. Dali a pouco foi uma “chuva de balas” e jovens caídos como moscas pelo chão.

Apenas uma década depois é que estariam dadas as condições sócio-históricas para que Edcelmo pudesse fundar uma Posse junto aos seus. Do ponto de vista da relação com o poder, a Posse se inscreve numa *rede de antidisiplina* (CERTEAU, 2007). Estariam mais perto de uma ação social nos moldes da noção de multidão de Hardt e Negri (2005) do que os jovens transgressores de uma década antes. E antes de sermos acusados de pretensiosos já usaremos um recurso imagético para dizer que é um “próximo bastante distante” do conceito de multidão.

Em respeito à teorização dos autores é forçoso esclarecer que a multidão em seu sentido revolucionário é criado em interações sociais colaborativas, que existe em potencial, um “sempre-já” que repousa na faculdade humana de liberdade e de propensão para recusar a autoridade. Mas também consiste em um “ainda-não” que necessita de um espaço de comunicação que suponha um agir em comum que não se dá isoladamente pela ação de uma classe trabalhadora qualquer que seja ela.

Portanto, a alusão a Negri (2005), e seu conceito de multidão, aqui numa concepção marxiana, cuja matriz teórica é diferenciada daquela que adotamos com Castoriadis e Certeau, é para referenciar que nas ações da Posse existe uma riqueza em meio à penúria. E essa riqueza paradoxalmente é que pode gerar novas produções de subjetividades individuais e coletivas. Que possam vir a pensar cada vez melhores estratégias de vida (e não sobrevivida!) no bairro em que moram. Entre a possibilidade de pensar e a disposição de agir que novos coletivos como a Posse

possam influir significativamente no imaginário social local, trazendo elementos que possam vir a infletir nas significações imaginárias sociais sobre o binômio juventude-pobreza. Aí, talvez futuramente novas lutas sejam impetradas em favor de uma cidadania que possa abolir hierarquias no sentido de Souza (2006). No entanto, é incontornável lidar com as conflitualidades que grassam seja no âmbito dos coletivos juvenis, das redes nas quais se coligam ou da própria subjetividade dos jovens.

Bom leitor de Marx inspira-se nos Grundrisse para dizer que pobreza não é carência, é exclusão de riqueza e trabalho não é um valor em si mesmo, mas a fonte viva do valor. O pobre é a “carne da produção biopolítica”. Estão excluídos da riqueza e ainda assim incluídos em seu circuito de produção social. A pobreza é o ‘rejunto do piso social que vivemos’ ou a única figura capaz de designar a sociedade em toda a sua generalidade como um todo inseparável. Ou seja, a pobreza é estaca zero da atividade humana e, por isso, é a figura da possibilidade geral sendo, portanto, fonte de toda a riqueza. Uma riqueza que é criada pela pobreza e lhe é tomada. Essa é a fonte de seu antagonismo, e ao mesmo tempo a expressão germinal de uma subjetividade revolucionária, porque a pobreza é possibilidade geral e não apenas capacidade produtiva geral. Ao revisitar Marx, Negri resgata significações para a pobreza que claramente estão ausentes não só da sociedade “não-periférica”, mas dos próprios “subcidadãos”.

Pobreza enquanto fonte de riqueza para um agir no cotidiano. Motor de uma *arte de fazer*. Um fazer *em comum*. Um fazer *possível* e em virtude disso, *pleno*. Ultrapassaria o quadro de nossas reflexões um aprofundamento em Agambem, mas é preciso mencioná-lo para dar profundidade às duas frases precedentes. Agambem (2004) retoma em Foucault algo essencial: a idéia de potência de vida através da “plenitude do possível” (vontade de saber, p. 136). Em Agambem (apud Duarte [sn]) há uma proposição de “experiência de pensamento” como um engajamento não ao nível individual, mas como experiência de uma “potência comum”. Potência, no âmbito de nosso trabalho, mobilizadora de um coletivo juvenil para “dar vida” a um espaço abandonado, transformando-o em fonte de riqueza local, lugar de inventividades, laboratório de projetos existenciais e mobilização coletiva. Nos dois parágrafos a seguir resumimos essa relação a partir de Duarte [s,n]

A vida política entendida como forma-de-vida orientada para a felicidade só é concebível para além da cisão biopolítica instaurada pelo poder soberano, capaz de instaurar o estado de exceção e, assim, traçar o limite instável entre vida qualificada e vida nua. Isto quer dizer que a consideração da vida política como forma-de-vida destinada à felicidade, visto que entregue à sua potencialidade, à sua capacidade de atualizar-se, depende em primeira instância da consideração de uma política para-estatal, que escape de uma vez por todas ao jogo e ao jugo biopolítico da soberania. Agamben encontra a instância de tal política não-estatal em que vida e forma-de-vida não se dissociam, isto é, em que a vida é assumida como vida em potência, no que chamou de experiência de pensamento. Pensamento, não certamente enquanto exercício individual, mas como “um *experimentum* que tem por objeto o caráter potencial da vida e da inteligência humana”.

Trata-se do pensar como experiência de uma “pura potência de pensamento” em cada pensamento. O que Agamben parece querer dizer – aparentemente, sob inspiração de Heidegger – é que é preciso experimentar o pensamento como um engajamento absoluto daquele que pensa em seus pensamentos, de tal maneira que, a cada momento, a vida esteja totalmente engajada no viver de uma vida que se afirme como possibilidade e não como mero fato ou coisa dada, pois só pode haver uma verdadeira comunidade política em se tratando de seres que não são em ato, que não são, já de saída isto ou aquilo, que não possuem uma identidade que lhes tenha sido pré-designada: “A experiência de pensamento de que se trata aqui é sempre experiência de uma potência comum. Comunidade e potência se identificam sem resíduo, pois a inerência de um princípio comunitário em cada potência é função do caráter necessariamente potencial de toda comunidade”. Sem dúvida, tais considerações podem parecer vagas e abstratas, talvez até mesmo frágeis. De todo modo, antes de abandoná-las apressadamente caberia interrogar se elas não contêm a tradução atualizada da intuição foucaudiana segundo a qual, em face do biopoder, só nos resta lutar pela realização da vida em suas “virtualidades”, pela vida como “plenitude do possível”. (DUARTE. Disponível em <http://www.observatoriodesequilíbrio.org/files/sobrebiopolitica>, acessado em 22 de dezembro de 2008)

A “*experiência do pensamento*” parece ser um convite a uma reflexividade e atividade deliberada como vimos tratando com Castoriadis. Resumindo: em Agamben, aparentemente sob inspiração heideggeriana, há uma perspectiva de superação da cisão entre vida e forma-de-vida, ou seja, entre a pura possibilidade de uma existência o mais autêntica possível e as determinações que moldam a expressão da subjetividade em nossos dias, desviando-se de enquadramentos identitários pré-designados. Por essa via, a idéia de “*experiência do pensamento*” seria um exercício de reflexividade que não cinde entre individual e coletivo.

A “plenitude do possível” em um horizonte de faltas estruturais, em um sentimento de desamparo íntimo e em face de significações sociais mortíferas se inscreveria através de uma experiência coletiva. Esse *experimentum* que nos fala Agambem (2004) é vislumbrado nas artes de fazer dos jovens da Posse Lelo Melodia na medida em que ela “inaugura” nas ações, posturas, gestuais, devaneios e astúcias, uma “arte de pensar”.

Colhemos evidência dessa “experiência de pensamento”, ou como temos chamado com Certeau, “arte de fazer que anuncia uma arte de dizer e pensar” quando do “estranhamento” que produzem diante dos outros do bairro. São falas, gestos e atitudes que os fazem simplesmente singulares mesmo que ainda em muitas outras coisas iguais aos outros. São opções eleitas em momentos da trajetória pessoal que destoam de outros jovens do bairro. São reflexões acumuladas nos diferentes projetos sociais que tomaram parte.

Tendo ou não clareza quanto à “*arte de pensar*” na qual se inscrevem ao buscarem o hip hop e ao propalarem a “cultura da periferia”, os jovens da Posse e também, em sentido menor, os jovens construindo sonhos estão tentando chamar a atenção da sociedade para a *riqueza* que existe no interior de seus bairros, para o desperdício que está sendo feito pela sociedade em relação à experiência de vida dos jovens. Lutam para veicular outra percepção da “periferia” e conseqüentemente de si próprios rejeitando uma identidade pré-designada que lhes é imposta. Isto posto, afirmamos que nossos sujeitos esmeram-se em tentativas de viver a vida como possibilidade (com ansiedades, medos e angústias inerentes a essa escolha), uma vez que aceitá-la e vivê-la como uma identidade pré-designada (seja de “meninos de rua”, “menor”, ou mesmo num certo sentido como “pobre trabalhador”, “subcidadão”, “jovem de projeto”) seria assumir uma sentença de morte no tocante a impossibilidade de um projeto de vida mais autonomizado em relação às “parcas saídas” ofertadas pelas significações sociais disponíveis. Lutam por uma vida que mesmo em meio às contingências, valha à pena em ser investida. Seriam essas práticas uma produção de *resistência social*⁷⁶?

Embora tenhamos feito menção à noção de resistência social, nosso investimento teórico não nos permite, nesse momento, aprofundar tal discussão. Ainda assim, importa considerar que tal prática de resistência social no cotidiano dos

76 Uma teorização acerca das práticas dos coletivos juvenis enquanto práticas de “resistência social” vem sendo desenvolvida por Takeuti (2009).

jovens, sobretudo de Guarapes, não é o mesmo que falar em uma radical ruptura com a lógica capitalista da sociedade em que vivemos. Não tenhamos a posse como um emblema de “massa revolucionária” pensando um projeto político global articulado a outros movimentos seja nos moldes da multidão (HARDT e NEGRI, 2006), da rede (CASTELLS, 1999), dos direitos culturais (TOURAINÉ, 2006), muito menos de autonomia (CASTORIADIS, 2008) ou de “uma vida” (AGAMBEM, 2004). Consoante essa argumentação, focamos em artes de fazer que enunciam através de modos de pensar e agir uma produção de si diferenciada de outros grupos juvenis nas mesmas localidades da cidade do Natal.

Daí elegermos Certeau (2007), não por diletantismo acadêmico, mas por ser ao nível do cotidiano que observamos microrrevoluções em andamento, em ações de composição, isto é, um fazer que não é *contra* e sim que produz *com* a ordem vigente, justamente aí estaria a arte e a inventividade, a *sucata*, o trabalho do artesão que recombina e dispõe elementos dentro de um repertório limitado, porém infinito em sua imaginação.

Estamos com os jovens da Posse Lelo Melodia buscando artes de dizer, de pensar, de fazer. E isso não é pouco tendo em vista o horizonte de escassez que se vislumbra da janela de suas casas, das colinas, das ruas que moram. Acreditamos que justamente na escassez, aqueles que poderiam ser descritos como uma “ralé” presa ao fatalismo social, anunciam em suas ações via projetos coletivos e escolhas de vida individual novos modos de sentir, de perceber e de ser.

Um fazer que se inscreve numa internet para “viajar pelo mundo”, que se expressa em três grandes festivais de hip hop no bairro, em vídeos caseiros que revelam uma maneira de dizer da vida, da “quebrada”, dos “corres”. Um fazer que tenta manter o coletivo agregado. Se o perecer é inadiável, que seja como os “300 de Esparta”, já o dizia PP.

O trabalho de subjetivação singular do coletivo Lelo Melodia passa pela fundação de uma *Posse* na qual tentam acessar outros jovens do bairro para uma via em que possam imaginar outros roteiros para suas existências. A *Posse* parece ser a grande arte de fazer do Coletivo Lelo Melodia. Não se trata apenas de um lugar para praticar o hip hop ou do “braço jurídico”, como costuma referir-se Edcelmo, do movimento cultural hip hop de Guarapes: é a atuação nos espaços do bairro, o grafite na escola, a participação da vida da coletividade que confere outra

dimensão da resistência do grupo. Através da Posse tentam conversar sobre o mundo em que vivem e sobre o que é possível.

A Posse (*crew* com são chamadas em inglês) não é um lugar físico. Inicia-se no posto de saúde do bairro enquanto era o GPS. Conforme PP, os profissionais de lá “*sempre nos acolheram*”, talvez por vislumbrarem a “saúde social” que era ali produzida. Materializa-se, posteriormente, em um galpão abandonado. Depois, foi Camaleão quem cedia metade da minúscula casa para seus “camaradas”. Dali a Posse reabre em um casebre alugado e quando o aluguel se torna inviável, ressurgiu parcialmente na casa de Adriana. Mas isso só fisicamente falando. A Posse se presentifica no clipe musical do grupo Conjunção que circula na internet. Nas conversas no meio da rua. E ainda na festa animada por Edcelmo no “bar do Cabeça”. Batida eletrônica que celebra a tragicidade e a esperança simultaneamente. *Posse* que encarna em cada um enquanto um “sopro de vida”, um desejo de reinvenção. Tentativa de possuírem a si mesmos? Ter *posse* sobre a própria existência e inventar uma nova subjetividade?

Não se pode, porém possuir a si sem também possuir ao outro em Guarapes: torna-se crucial criar elos, abrir-se aos outros, *viver com* e suscitar novas percepções. Há um engajamento pessoal no “contato”. Ouvir uma música, trocar idéias sobre as letras e falar com os meninos “afundados” na droga sobre outras coisas que poderiam estar fazendo. Atuar na “política de redução de danos” para uns, “semear sonhos” para outros. Ter uma atitude na convivência de “provocação” em relação aos amigos: provocar a pensar o que aparece como “natural”, provocar a pensar as razões que os fazem serem tão ‘diferentes’. Resistir aqui é inventar novas formas de relacionamentos consigo e com os outros.

Parece pouco, mas não é. Não há mecanismos sociais que garantam sequer os jovens de classe média nos lugares onde estão. No conjunto das diversas falas e depoimentos nesse trabalho fica claro o quanto querem se realizar de uma outra maneira. Quando Naldo diz que não consegue imaginar-se em uma empresa, “mesmo sendo diretor”, fica a expressão de um movimento de realizar a si de uma outra maneira que as significações sociais sobre os jovens pobres da periferia o remete. Assim se esmeram em ‘maneiras de fazer’ constituindo em movimentos contínuos ou descontínuos uma ética da resistência, inaugurando uma arte de dizer de si e dos outros, um saber fazer cujos lances descortinam outros modos de

participação e relação calcados no experienciar, impulsionados por uma potência de vida que ultrapassa o desânimo e a angústia.

Operando ainda uma estética de lances, as astúcias de Edcelmo e seu coletivo envolvem ainda o nosso próprio trabalho na medida em que vislumbraram a possibilidade da escrita de um livro. Em meio a tantas outras necessidades, parece ser imperioso também registrar por escrito a trajetória da Posse Lelo Melodia nesses dez anos de existência. Algumas hipóteses podem ser aventadas nesse sentido: visibilidade social num campo inacessível como o literário, desejo de imortalizar suas lutas e feitos, jogada de marketing para viabilizar financeiramente projetos futuros...

Em manobras como essa, realizar um esforço de singularização na produção de sentido individual e coletivo é lutar no campo simbólico com significações imaginárias sociais já pré-existentes e também que permanecerão após suas mortes. Encontrá-las no seio da sociedade e no interior de si mesmos é instaurar um trabalho de subtrações, acréscimos e alterações. É viver utilizando-se dos dispositivos disponíveis a cada vez na sociedade, explorando brechas algumas vezes com cuidado e deliberadamente, noutras de modo espontâneo e fortuito. O propósito é fazer uma construção, ou desconstrução, dos acontecimentos vividos, na busca de uma auto-orientação no que poderia ser o “curso corrente das coisas experimentadas” tomando de empréstimo uma expressão do filósofo John Dewey.

Mas, é preciso que se lembrem, tais esforços são sempre carregados de muita conflitualidade. Mencionamos que a Posse ocupou um galpão e injetou vida lá dentro: oficinas, ponto de bate-papo, espaço de leitura e prestação de serviços. Espaço ermo, abandonado e relegado, como as significações sociais que rondam essa juventude periférica. Hábeis na *arte da sucata* transformaram o galpão em um espaço cultural. Com o tempo, na tessitura da cotidianidade que gera vida, também há a efemeridade que conduz à morte. Justamente porque se trata de um movimento de vida é preciso nele incluir a condição de *perecível*. Concretamente, a estrutura do galpão foi condenada, as paredes não suportavam mais a carga da estrutura. Simbolicamente, o coletivo tornou-se ‘roto’, *disassembled*. Face às intermitências do perecível, foi preciso mais uma vez sobreviver, retrçando um itinerário em meio às alterações que eles próprios produziram na relação consigo e com os demais; fazendo da perda a “*possibilidade de uma expectativa*” (CERTEAU, 2007).

Se retomarmos noções utilizadas por organismos internacionais como UNESCO e BID como *Vulnerabilidade social* e *capital social*, então a questão da subjetividade, enquanto projeto dos jovens em estudo, também poderia ser lido, com ressalvas (a principal é o entendimento que vulnerabilidade ou capital social não são dados ‘naturais’ na vida dos jovens, ou variáveis que podem ser resolvidas exclusivamente com um ‘trabalho pessoal de si’, descurando das condições instituídas e instituintes que estabelecem esses contextos) nessa ótica.

Afirmar que a Posse atua em um bairro em situação de *vulnerabilidade social*, estaríamos nesse conceito sublinhando nas falas dos jovens até aqui não só dificuldades econômicas no que se refere às oportunidades no campo do trabalho, mas valorizando os aspectos relacionados à escassez de recursos simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e os entraves no acesso a estruturas de oportunidades sociais, culturais, e não somente econômicas que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Assinalar essa escassez em seu aspecto simbólico é dizer do esforço continuado em gestar a produção de sentido existencial, que venha a contornar tais dificuldades e dar norte para as escolhas e apostas realizadas. Isso fica claro nas opções de Naldo, Edcelmo e Alcemir em evitar o trabalho formal, em abraçar o risco e a incerteza permanecendo no campo dos movimentos sociais, na realização dos trabalhos artísticos e culturais, envidando, assim, esforços em outro tipo de realização pessoal, que não a de jovens “pobres trabalhadores” ou “bandidos” ao mesmo tempo em que experimentam angústias e dilemas oriundos de suas escolhas.

Do mesmo modo, caso apontássemos aqui a necessidade de aumento do capital social dos jovens da zona oeste de Natal⁷⁷, e particularmente dos coletivos juvenis em projetos de reflexividade ao nível pessoal e coletivo, não poderíamos deixar de ressaltar que relações cooperativas, reciprocidades e vínculos não se instituem de modo harmonioso. PP já nos relatava que o hip hop era visto como “estranho” dentro do bairro e que chamá-los de “meninos” do hip hop era também um modo um tanto irônico do pessoal das ONGs em tratá-los, algumas vezes, tentando passar-lhes uma relação de hierarquia. Autores como Bourdieu (2001) sublinham a necessidade de desnudar as desigualdades simbólicas que corpos e

77 Cujas operacionalizações do conceito estão mais fortemente amparadas em autores como Putnam (1993); Coleman (1990); Narayan (1997). A nossa escolha por Bourdieu (2001) é por julgarmos que o conjunto de seus escritos está mais próximo da discussão que elegemos com Castoriadis e Certeau ao longo da tese.

inconscientes, indivíduos e coletividades estão enredados e paradoxalmente fazem-se cúmplices da ordem social vigente. Aportes teóricos diferentes, como os perfilados nessa tese, convergem para a necessidade de trabalhar as relações de poder e as significações sociais sobre juventude no interior das redes e, partindo daí, o modo como o jovem é chamado individual e grupalmente a colocar-se nessas relações. Seria preciso também, como apontamos com Certeau, dar-se conta do perecível, da possibilidade de compor com um querer através de uma “*arte de fazer*”, que é fugidia e efêmera. Volver a atenção para a volatilidade dos vínculos, para as ressonâncias e dissonâncias que operam no *estar junto* desses coletivos.

Seria a partir dessa problematização das inflexões do capital na subjetividade produzindo profundas contradições, que poderíamos considerar igualmente *vulnerabilidades sociais* e, para ficarmos na discussão de Agambem (2004) *experiência de pensamento* enquanto *potência comum*. Importa reter que vulnerabilidade e potência estão imbricadas num único processo de produção de sujeitos. Para os jovens da Posse, por exemplo, há um esforço continuado em subjetivar-se, ao mesmo tempo em que precisam lidar com as vulnerabilidades que lhes marcam não só a materialidade de suas ações, mas também as relações sociais que precisam ser continuamente reinventadas em nível afetivo, colaborativo e também comunicativo. Finalmente, é preciso pensar os termos vulnerabilidade e potência de forma relacional, equacionando-os de modo a avaliar tanto um agir individual, quanto um agir em coletivo com desdobramentos políticos.

O que nos leva a afirmar, com base em nossas teorizações e vivências empíricas, que a Posse é uma incubadora de *sujeitos efetivos* que *aspiram à autonomia* (CASTORIADIS, 2007). Onde quer que se manifeste fisicamente é a encruzilhada entre trajetos de sujeição e vulnerabilização e trilhas de autonomização e potência de criação através do ativismo social, da arte, do esporte e conviver no cotidiano.

Diríamos com Castoriadis (2007) que o sujeito efetivo é sempre percebido em uma rede de determinações, e no entanto, é capaz de visar a verdade. É o conhecimento dos sujeitos efetivos que nos importa. É a possibilidade para tais sujeitos de serem responsáveis e de agir de forma deliberada. Armar-se com a prudência contra o excesso do engajamento, contra o conformismo generalizado. Decompor o imaginário social instituído em um trabalho de auto-elucidação, objetivando figurações outras que as já instituídas socialmente. Questionar

coletivamente as significações sociais que lhe imputam tanto qualificações “elimináveis” quanto “convertíveis”.

O foco de Castoriadis na intersecção entre sujeito produzido num registro social-histórico e a questão da verdade está, como mencionamos no primeiro capítulo, na responsabilização como uma significação imaginária social prática. A idéia de *respondeo*: responder por seus atos, por seus ditos. Convoca assim, os sujeitos a um agir voluntário em consonância com o projeto de autonomia. A degeneração dessa motivação seria justamente a responsabilidade penal e a teoria da prevenção individual. Castoriadis é taxativo, portanto, ao asseverar o fazer dos sujeitos sociais como não determinados, e assim atrela a responsabilidade ao fazer público: autonomia requer atuar como ser que reflete, sempre levando em consideração a coletividade. A responsabilidade é a face externa do agir, procurando os elos de nossas deliberações. (CASTORIADIS, 2008)

Procurar os elos de nossas deliberações é assumir a motivação de agir com responsabilidade publicamente, preparando-se para ser confrontado pelos outros a partir de uma postura deliberada, e também questionando as ações deliberadas dos outros. Ao participarem dentro do bairro, em Fóruns locais e nacionais de discussão, a Posse empreende um exercício de *reflexividade* (CASTORIADIS, 2007) questionando “verdades”, significações sociais sobre os “jovens periféricos”, questionamentos esses que não fazem somente a instâncias governamentais ou não governamentais. Fazem-nos aos moradores do bairro. Fazem-no, primeiramente, a si próprios na produção de suas subjetividades.

Entretanto, o trabalho de questionamento realizado pelos jovens do MNMMR no bairro das Quintas, não conseguiu produzir coletivamente ações que tivessem uma repercussão coletiva, ao nível de seu bairro ou para outros coletivos juvenis, não obstante as mudanças e transformações ocorridas em alguns deles, como Samanta, que hoje se situa na Posse. Isto nos faz pensar que as condições sociais não estavam dadas para uma “arte de recriar” a partir das significações sociais de “meninos de rua” nos anos 1990 em Natal.

Partindo desse trabalho de desvelamento, do questionamento das significações sociais e da assunção da responsabilidade enquanto agir coletivo, a interface com Certeau reaparece. Perseguimos as artes de fazer dos jovens de periferias de Natal. Os coletivos estudados engendraram estratégias de coligação em rede, para potencializar os efeitos das astúcias empreendidas em um cotidiano

cujas contingências obstaculizam e inviabilizam a possibilidade de subjetivações pessoais e coletivas. Mas, dissemos com Castoriadis há pouco, todo sujeito efetivo é capaz de visar à verdade. Em Certeau, as operações ‘microbianas’, sobretudo dos jovens da Posse Lelo Melodia, são possibilitadoras de conduzir Edcelmo, Adriana e outros a uma ‘arte de pensar’, verdadeira síntese entre teoria e prática. Com efeito, essa arte de pensar é uma arte de recriar, um verdadeiro trabalho de inventividade que surge a cada novo instante. Suas táticas cotidianas é sucatear, aqui na esteira de Certeau, a prática por excelência da composição, da apreensão e da criação. Estética (criar) e prática (ato). Uma arte de “dançar na corda bamba”, no picadeiro da vida. Série de equilíbrios possíveis produzidos momento a momento (CERTEAU, 2007).

Justamente através desse exercício de equilíbrio, na vida “por um fio” é que se pode compreender a obstinação de Edcelmo ao dizer-nos como em meio a tantos elementos dissociativos, conflitivos, restritivos e impeditivos é possível manter-se na “peleja”. Conforme Edcelmo: *“desanimamos, mas não desacreditamos”*.

Para discutir limites e possibilidades de sujeitos efetivos miramos uma problemática local que nos interpela há uma década. Mantivemos nosso foco sobre o cotidiano de dois coletivos juvenis apontando nas biografias coletivas, mas também nas individuais, tentativas de auto-elucidação. Apontamos astúcias como modalidades de composição com a sociedade, delineando aproximações de uma encarnação parcial de autogestão, autolimitação e autoinstituição.

Particularmente, em Guarapes, o cotidiano gira em torno da Posse. E aqui não estamos falando de uma estrutura material com paredes de alvenaria. Como falar de si, como fazer um trabalho de si que culmine numa resignificação de hábitos, de estilos e atitudes? Como fazer uma produção de um *Si* que possa expressar o riso e a lágrima, as angústias e as esperanças, o agonístico como um elemento produtor de uma ultrapassagem da contradição? Como reinventar práticas a cada dia que possam gerar reciprocidades e ações coletivas, ao mesmo tempo em que preserva as diferenças entre os seus membros e mantém permanentemente acesa a chama da criação?

Não há receitas ou respostas exatas para essas perguntas, até para nos mantermos coesos com a proposta do projeto “em aberto”, seja em Certeau, Foucault ou Castoriadis. Remetemo-nos à Fala de Edcelmo: *“pedras sempre existirão no caminho. A gente não se liberou de muita coisa; uns desandam e outros*

tentam outros caminhos". Em Guarapes, um punhado de jovens começou "curtindo" música, para posteriormente produzirem "saúde" dentro de um posto da prefeitura. Fundaram uma Posse e ocuparam um galpão abandonado. De lá foram para a casa de um amigo, dessa casa, para outra alugada na qual as portas abertas são um convite para acesso irrestrito. O resultado dessa peleja é incerto, já dura dez anos e tem potencial para vicejar por mais dez.

PALAVRAS FINAIS

Se tudo o que dissemos tiver um significado político, ele pode ser resumido de modo bem simples. Trata-se de lembrar aos homens esta verdade elementar, que eles conhecem, mas esquecem regularmente quando se trata dos assuntos públicos: nem a expansão da economia capitalista, nem o governo, nem as leis da história, nem o Partido trabalham para eles. Seu destino será o que eles quiserem e puderem fazer disso.

(Cornelius Castoriadis - Uma sociedade à deriva, 2006 p.142)

Chegando ao término de nosso périplo pelo universo da juventude periférica local, revisitamos algumas frustrações e ansiedades e acalentamos algumas esperanças.

As frustrações são no sentido de perceber que muito mais poderia ter sido dito e feito, no sentido de arrolar e “enredar” os argumentos aqui dispostos no afã de afirmar a gestação de “artes de fazer” dos coletivos juvenis estudados, revelando sua inventividade e potencialidade em meio a tantos atravessamentos objetivos e subjetivos. Mas, como fala Castoriadis: “existe o feito e o a ser feito”.

A ansiedade é no desejo de antever em que redundará o movimento dos grupos aqui estudados e de seus membros. E do que emergirá ao seu redor em termos de uma nova geração que possa ampliar o atual cotidiano de lutas desses jovens, para novos patamares de discussão, participação e intervenção.

As esperanças são no sentido que realmente a efervescência que ora assinalamos, possa ser produtora de novos modos de subjetivação capazes de criar novas figuras do pensável. Coletivos que possam ultrapassar questões mais particulares e que possam colocar em discussão ampla o foco que as biografias aqui apresentadas alentaram de nossa parte: vislumbrar que sim, é possível a reinvenção social do mesmo modo que está sendo possível a reinvenção de pessoas e que isso não é um acaso, um improvável fortuitamente realizável, ou uma ação que dependa exclusivamente do esforço individual de cada um.

Chegamos a algumas respostas provisórias. Como não poderiam deixar de ser, foram as respostas possíveis para um momento de trabalho historicamente

determinado. Nossas certezas são relativas e como os sujeitos da pesquisa, o trabalho permanece em aberto.

Alguns questionamentos continuam nos fustigando: que arranjos participativos geram mais abertura e coligação produzindo redes de resistência de bandeiras mais universalizantes? Como a “cultura da periferia” pode gerar novas significações sociais que ao nível social problematizem a clivagem no campo juvenil na sociedade atual? Que níveis de tradução poderiam ocorrer entre uma “micro-política do cotidiano” e a política a partir dos novos movimentos juvenis? Como na tensão sujeição e autonomia podem emergir subjetividades capazes de reflexão e atividade deliberada? Como os grupos juvenis podem tornar-se expressão de uma *resistência social*?

Como menciona Edgar Morin no final do método 5, é do homem genérico que este trabalho trata. Genérico no sentido de ser capaz de gerar e regenerar as capacidades propriamente humanas. Diz-nos Morin que para conservar uma aquisição é preciso regenerá-la incessantemente. Regenerar, como diz Durkheim, por “efervescência coletiva” em transgredindo, alimenta o social com o novo.

Aqui, nosso esforço foi o de regenerar continuamente os nossos pressupostos de pesquisa e os dados fornecidos pelos sujeitos que nos concederam seu tempo, seu vivido e também sua confiança em nosso trabalho. Regenerar para não degenerar. Como Castoriadis nos ensina, evitamos, nesse momento, sugerir receitas. Abstemo-nos disso, apostando com Certeau na capacidade do ordinário que dormita em todos nós de “dar golpes”, produzir desvios e criar arte incessantemente.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.; FREITAS, M. e SPOSITO, M.(Orgs.) Juventudes em Debate. Editora Cortez: São Paulo, 1998.

ABRAMO, H. e BRANCO, P. Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo 2005.

ABRAMOVAY, M. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID. 2002.

ADORNO, T e HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.

AGAMBEM, G. Homo sacer. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ALEXANDER, J. Ação coletiva, cultura e sociedade civil. Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. Rev. bras. Ci. Soc. v.13 n.37 São Paulo, Jun. 1998

ALMEIDA, M. e EUGÊNIO, F. Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006

ATHAYDE, C. et al. Cabeça de porco. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005.

BARITZ, L. The good life. The meaning of success for the American middle class. Nova York, Knopf, 1989.

BAUMAN, Z. Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

_____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

_____. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

BARUS-MICHEL, J. O sujeito social. Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas, 2004.

BEZERRA, M. Subjetividades juvenis e vínculos grupais: sendas existenciais de jovens da zona oeste de Natal. Natal. 2004.

BOURDIEU, P. Réponses. Paris: Seuil, 1992.

_____. et al. A miséria do mundo. Rio de Janeiro: Vozes. 1997.

_____. O poder simbólico. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

_____. Meditações pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

_____. Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP. 2003.

_____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense. 2004

_____. Razões prática: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus. 2005. 7ª Ed.

_____. Escritos de educação. Rio de Janeiro: Vozes. 2007. 9ª Ed.

CAETANO, P. DOMENICH, M. ROCHA, J. Hip hop. A periferia grita. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2001.

CAILLÉ, A. Antropologia do Dom. Petrópolis, vozes, 2002.

_____. Un totalitarisme démocratique? Non le parcellitarisme. In quelle démocratique voulons-nous? Pièces pour un débat, lá Denconverte, Paris (citado por Martins, in Sociedade Civil, diversidade identitária e luta pelo reconhecimento: a democracia participativa e a cultura do dom). Disponível em <http://www.fr.pekea-fr.org/dakar/d-t/t-d-martins.doc> . Acessado em 26 de outubro de 2008.

CARRANO, P. LÂNES, P. RIBEIRO, E. Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas. relatório final. 2005.

CASTELLS, M. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982, 1ª edição. 1986, 2ª edição.

_____. Epilegômenos a uma teoria da alma que se pode apresentar como ciência. In: As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987a.

_____. A psicanálise, projeto e elucidação. In: As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987b.

_____. Psicanálise e sociedade I. In: As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987c.

_____. Psicanálise e sociedade II. In: As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987d.

_____. Poder, política, autonomia. In: O mundo fragmentado. As encruzilhadas do Labirinto III. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

_____. Psicanálise e política. In: O mundo fragmentado. As encruzilhadas do Labirinto III. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

_____. Feito e a ser feito. As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999.

_____. A construção do mundo na psicose. In: Feito e a ser feito. As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999b.

_____. Paixão e conhecimento. In: Feito e a ser feito. As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999c.

_____. Psicanálise e filosofia. In: Feito e a ser feito. As encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999d.

_____. A ascensão da Insignificância. As encruzilhadas do labirinto V. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002

_____. Figuras do Pensável. As encruzilhadas do labirinto VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.

_____. Uma sociedade à deriva. Entrevistas e debates 1974-1997. São Paulo: Idéias e letras. 2006

_____. Sujeito e verdade no mundo social-histórico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

CASTRO, M. Unesco e juventudes no Brasil. Cadernos do ISER. 2002.

_____. (et al) Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001

CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E MEMÓRIA POPULAR. A vida procura caminhos: análise de homicídios do ano de 1997 no Rio Grande do Norte, enfoque especial aos jovens. Natal: CDHMP/rn, 1988.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes. 2007.

CORRACHANO, M.; De TOMMASI, L. ; NOGUEIRA, M. (org.). Almanaque da juventude e o mundo do trabalho: ação educativa. 2008.

CUNHA, F.; NASCIMENTO, M.; VICENTE, L. A desqualificação da família pobre como prática de criminalização da pobreza. Revista de Psicologia Política, Vol. 7, n.14. 2007.

DUARTE. Disponível em <http://www.observatoriodeseguranca.org/files/sobrebiopolitica> , acessado em 22 de dezembro de 2008

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. In SPÓSITO et all. Juventude e contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED. 2007.

DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: Conversações. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

DIÓGENES, G. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto. 1998.

DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. A divisão social do trabalho. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

EDER, J. A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais. RBCS Vol. 16. nº. 46 junho/2001.

ENRIQUEZ, E. L’homme du XXIe siècle: sujet autonome ou individu jetable. Revista Réfractons, n. 12. 2002.

_____. Da horda ao estado. Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1990.

_____. A perversão generalizada da sociedade. In: CRONOS. Revista do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, v.2, n.1. 2001.

_____. Organização em análise. São Paulo: Vozes, 1997.

FÓRUM ENGENHO DE SONHOS DE COMBATE À POBREZA. Relatório Diagnóstico da Zona Oeste de Natal-RN, Natal, mar/abril, 2002.

_____. Documento descritivo do Relatório de Bom Pastor. Natal, março 2002.

_____. Projeto Fase II. Natal, maio 2003.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. 16 ed. Tradução Maria T. C. Alburquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal. 1990a.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal. 1990b.

_____. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópoles: Vozes. 1993.

_____. O sujeito e o poder. In DREYFUS, H. e RABINOW, P. Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995

_____. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996

_____. Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

_____. Microfísica do Poder. 21 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005

_____. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU. 2002.

_____. Ditos e escritos. Volume 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2005.

_____. A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006. (Biblioteca BCZM).

_____. Em defesa da sociedade, op. cit., p. 304

FREUD, S. Psicologia das Massas e análise do Eu. Obras Completas. São Paulo: Imago. 1974.

_____. O mal estar na cultura. Obras Completas. São Paulo: Imago. 1974.

_____. Análise terminável e interminável. Obras Completas. São Paulo: Imago. 1974.

_____. O Ego e o Id. Obras Completas. São Paulo: Imago. 1974.

GAULEJAC, V. e TABOADA LEONETTI, I. La lutte des places. Paris: Desclée de Brouwer. 1994.

_____. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. In: Cronos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN, vol.5/6, n.1/2 jan-dez/2004-2005. Natal: EDUFRN, 2006.

_____. A gênese social dos conflitos psíquicos. In: In:CRONOS. Revista do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, v.2, n.1, jan/jun 2001.

_____. As origens da vergonha. São Paulo: Via lettera. 2006.

_____. L'identité blessée. In: Les Sources de la honte. Paris: Desclée de Brouwer. 1996.

_____. Psicossociologia e sociologia clínica. In: ARAÚJO, G. e J., CARRETEIRO, T. (Orgs.) Cenários Sociais e abordagem clínica. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.

_____. (Et al). O Poder das Organizações. São Paulo: Editora Atlas. 1993

HARDT, M. e NEGRI, A. Multidão: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record. 2006. 8ªEd.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola. 1992.

KRAUSKOPF, D. Dimensões sociais, subjetividades e estratégias de vida. In THOMPSON, A. Associando-se à juventude para construir o futuro. Rio de Janeiro: Peirópolis. 2005

LAHIRE, B. Homem plural: os determinantes da ação. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

_____. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed. 2004.

LEVY, A. Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise do sentido. Belo Horizonte: Atênica. 2001.

LOIOLA, E.; MOURA, S. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. In: FISCHER, Tânia (Org.). Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais. Rio de Janeiro : FGV. 1996.

MAFFESOLI, M. O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense- Universitária. 1987.

_____ A contemplação do mundo.1995.

_____ A conquista do presente. Natal: Argos, 2001.

MAGRO,V. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e hip hop. Cad. CEDES, vol. 22, nº 57. Campinas. 2007.

MELUCCI, A. A invenção do presente. Petrópolis: Vozes. 2001.

_____.O jogo do eu. A mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Unisinos. 2004.

_____.Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPEd, nº 5 e 6. 1997. In SPOSITO, M. et all. Juventude e contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED. 2007.

MILANI, C. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintada, Bahia/Brasil. Disponível em <http://www.newlasociedadcivil.org/docs/ciberteca/carlosmilanip.pdf>. Acessado em 25 de março de 2005.

MINHOTO L., e MARTINS, C. As redes e o desenvolvimento social. Cadernos FUNDAP, n22, 81-101. 2001.

MORIN, E. O Método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulinas. 2003.

NASCIMENTO, M.; CUNHA, F.; VICENTE, L. A desqualificação da família pobre como prática de criminalização da pobreza. Revista de psicologia política. V.7, n.14. 2007.

NEGRI, A. Cinco lições sobre império. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

NIEWIADOMSKI, C. Trabalhadores sociais e história de vida. In: Cronos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN, vol.5/6, n.1/2 jan-dez/2004-2005. Natal: EDUFRN. 2006.

_____. Notas de aula [s.n], 2008a.

_____. In: PASSEGGI, Maria e SOUZA, Eliseu. (Auto)biografia: formação, território e saberes. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus. 2008b.

NOVAES, R. Juventudes cariocas: Mediações, conflitos e encontros culturais. In : Viana, H. (org.) Galeras cariocas. Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____ e VANNUCHI, P. Juventude e Sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. THOMPSON, A. Associando-se à juventude para construir o futuro. Rio de Janeiro: Peirópolis. 2005.

_____. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: SPÓSITO et all. Juventude e contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED. 2007.

OLIVEIRA, V. O movimento anarco-punk. A identidade e autonomia nas produções e vivências de uma tribo urbana juvenil. Natal: Vantiêr Oliveira. 2008.

OLIVEIRA, E. e SILVA, A. Dez anos de correria. Natal.[s.n]. 2009.

PAIS, J. e BLASS, L. Tribos urbanas: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume.2004.

PAIVA, A. Sujeito e laço social. A produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2000.

PALMADE, J. Pós-Modernidade e fragilidade identitária. In.: Cenários Sociais e abordagens Clínicas. São Paulo: Editora Escuta; Belo Horizonte: Fumec. 2001.

PASSEGGI, M. e SOUZA, E. (Auto)biografia: formação, território e saberes. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus. 2008.

PELBART, P. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea São Paulo: Iluminuras Ltda; FAPESP. 2000.

PUTNAM, R. Comunidade e Democracia. A experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RELATÓRIO BIENAL DA ASSOCIAÇÃO DE JUVENTUDES CONSTRUINDO SONHOS. Natal, 2005/2006.

RELATÓRIO “Os Fênix ressurgidos das cinzas” DA ASSOCIAÇÃO DE JUVENTUDES CONSTRUINDO SONHOS. Natal, 2006.

ROUCHY, J. Identificação e grupos de pertencimento. In.: Cenários Sociais e abordagens Clínicas. São Paulo: Editora Escuta; Belo Horizonte: Fumec. 2001.

_____.Análise da instituição e mudança. In: Ruiz Correa, O. B. Vínculos e instituições. Uma escuta psicanalítica. São Paulo: Escuta. 2002.

ROSEMBERG, F. A retórica sobre crianças de rua na década de 1980. In: SABER PLURAL. GRECO,milton e MEDINA, cremildo.São paulo: ECA/Usp. 1994.

SANTOS, B. Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

_____.A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez. 2006.

SILVA, H. e SOUZA E SILVA, J. Análise da violência contra a criança e o adolescente, segundo o ciclo de vida. São Paulo: Global; Brasília: UNICEF. 2005.

SOUZA, J. A construção social da subcidadania: para uma Sociologia Política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ. 2003.

SPOSITO, M. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Revista Brasileira de Educação. N º 13. Jan/Fev/Mar/Abr 2000.

_____.A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 5, nº 1 e 2. 1994^a.

_____.Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global. 2007a.

_____ et al. Juventude e contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED. 2007b.

TAKEUTI, N. Imaginário Social 'mortífero': a questão da delinquência juvenil no Brasil. In: Cronos. Revista do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, v.1, nº 2, p.110-128, jul/dez 2000.

_____.No outro lado do espelho: A fratura social e as pulsões juvenis. RJ: Relume Dumará. Natal: UFRN, 2002.

_____ Rede local e regional no campo do "protagonismo juvenil". In: Encontro Norte-Nordeste em Ciências Sociais – Aracajú – SE: Agosto/2003.(Comunicação Oral)

_____.As redes sociais no campo do protagonismo juvenil. TOMO, Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/UFS, São Cristóvão-SE, NPPCS/UFS, nº.7, 2004.

_____.A Juventude e a "vontade de punir". Comunicação Oral. Belo Horizonte: XI Colóquio Internacional de Sociologia Clínica e Psicossociologia. 2007.

_____.Notas de orientação e resumos de aula.[s,n] 2007.

_____.Ciência Sempre. Revista da FAPERN, nº7, Ano4, jan-março. 2008a.

_____.Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social. In:Passeggi, M. e Souza, E. (Auto)biografia: formação, território e saberes. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus. 2008b.

_____e Niewiadomski, C. Reinvenções do sujeito social. Teorias e Práticas Biográficas. São Paulo: Vozes, 2009 (no prelo).

_____.Desafios da Abordagem Socioclinica e Biográfica no Contexto Sócio cultural e Politico Brasileiro. In: Takeuti, Norma M. e Niewiadomski, C. Reinvenções do sujeito social. Teorias e Práticas Biográficas. São Paulo : Vozes, 2009 (no prelo)..

_____e BEZERRA, M. Trajetórias de um Coletivo Jovem: Nem só de Práticas e Gramática de Ira. In: Takeuti, Norma M. e Niewiadomski, C. Reinvenções do sujeito social. Teorias e Práticas Biográficas. São Paulo : Vozes, 2009 (no prelo).

TREKKER, A. A Prática das Oficinas de Escrita nas Fronteiras Literatura e da Sociologia de Intervenção. In: Takeuti, Norma M. e Niewiadomski, C. Reinvenções do sujeito social. Teorias e Práticas Biográficas. São Paulo : Vozes, 2009 (no prelo).

THOMPSON, A. Associando-se à juventude para construir o futuro. Rio de Janeiro: Peirópolis. 2005

TOURAINÉ, A. Return to the actor. Minneapolis, University of Minnesota Press. [O retorno do actor. Lisboa. Instituto Piaget]. 1988.

_____ Critique de la modernité. Paris, Fayard. 1992b.[Crítica da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1997]

_____ Poderemos viver Juntos? Petrópolis: Vozes, 2003.

_____ Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.

WACQUANT, L. Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. RJ: Revan. 3ªedição. 2007.

WILLIAMS, R. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

ANEXOS

ANEXO 1 - POSSE LELO MELODIA E BAIRRO DE GUARAPES



ANEXO 2 - JOVENS DA POSSE LELO MELODIA E CONSTRUINDO SONHOS À ÉPOCA DO FÓRUM ENGENHO DE SONHOS

